30º FESTIVAL DO FOLCLORE

14 a 21 de agosto/1994

CONGADA CHAMBÁ
SÃO SEBASTIÃO DO PARAÍSO - MG

JUBILEU DE PÉROLA

OLÍMPIA/SP
Capital do Folclore

Colaboração
BRADESCO

30 ANOS DO FEFOL

JUBILEU DE PÉROLA

Olímpia

Vista parcial

Estande do Bradesco

Diretores e Autoridades

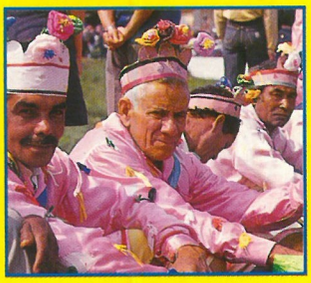
Samba-Lenço

Mauá - SP

Moçambique

Taubaté - SP

Congada



Santo Antônio da Alegria-SP

Congada

Franca - SP

As festas que comemoram os aniversários de casamentos chamam-se **bodas.** As de outras comemorações, **jubileu**. Não se resumem às de prata, de ouro ou de diamante. Há comemorações e nomes para todos os aniversários que variam entre pedras, tecidos, metais, vegetais e até papel.

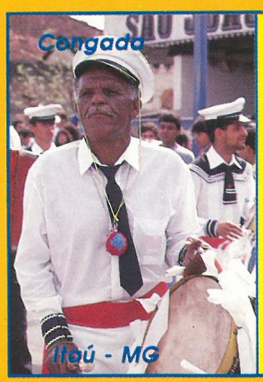
Quando se completam os **30 anos,** o **jubileu** é de **pérola.** A pérola, pequenina e bela, é produzida da maneira mais curiosa que se possa imaginar. Quando a ostra é pequena, nada mais é senão um pedaço de gelatina. À proporção que ela cresce, a concha começa a formar-se e, tornando-se pesada para flutuar, a ostra cai para o fundo do mar. Ali, agarra-se a uma rocha ou a outro corpo qualquer, abre as valvas da concha a fim de que penetre a água do mar onde encontra o alimento com o qual se desenvolve. As águas, sempre cheias de pequenos corpos estranhos: ovas de peixe, grãos de areia, pedacinhos de insetos marinhos, etc. penetram e se depositam entre a concha e corpo da ostra. Isto, às vezes incomoda a ostra que, não conseguindo expulsá-los, começa então a cobri-los com uma substância por ela fabricada, que os tornam duros. Esse fluido corre sempre e forma camadas superpostas o que faz o corpo estranho aumentar de tamanho e acaba por se transformar numa formosa pérola.

Embora pequenas e delicadíssimas, as pérolas são de grande dureza. São empregadas na confecção de colares. Outrora, com elas fabricavam-se alfinetes de gravatas, abotoaduras, etc. As pérolas de fina qualidade alcançam alto valor. As maiores são encontradas sempre nas ostras mais velhas. É erro pensar que elas possam produzir pérolas naturais com certa rapidez; pois demoram de seis a sete anos. O que dá merecimento a uma pérola é a sua cor, forma e grossura. As brancas são as mais apreciadas, havendo pérolas cor-de-rosa, azuis e lilases.

Por aí se vê que a natureza é pródiga — a ostra é de aspecto desagradável à nossa vista, mas traz dentro de si qualidades apreciáveis que a tornam verdadeira pérola. Pérola é também o **jubileu** do **Fefol de Olímpia** em sua **30ª** etapa.

NOSSA CAPA: *Terno de Congada "Chambá" (ou "Xambá"), de São Sebastião do Paraíso, MG, o primeiro grupo folclórico de outra localidade a participar do Festival do Folclore de Olímpia e o faz, ininterruptamente, há 30 anos.*

Fotos do 29º FEFOL



Pau-de-fita (Parafolclórico)

Olímpia - SP

Grupo Parafolclórico

Fortaleza - CE

Grupo Parafolclórico

Xangrilá - RS

Congada

Uberlândia - MG

Congada

Passos - MG

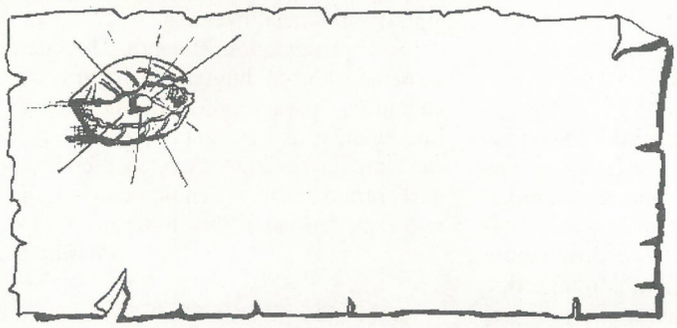
Caiapó

Campestre - MG

Prefeitura Municipal de Olímpia
Estado de São Paulo

Administração:
JOSÉ CARLOS MOREIRA E MANOEL ARANTES

JUBILEU DE PÉROLA



EXPEDIENTE

Rua David de Oliveira, 420
Caixa postal 60
Patrimônio de São João Batista
15400-000 - Olímpia - SP
Telefone: (0172) 81-1929
Telex: 0172 - 233 - FAX: 0172-81 1941

Diretor: José Sant'anna

Redatora: Iseh B. de Camargo

Cromos: Clodoir Oliveira (do BRADESCO)

Fotografias: Agnor Guevara, Hélio Garcia Filho e Paulo de Tarso Pereira

Desenhos: João Carlos Oliveira da Rocha e Willian Antônio Zanolli

Organografia Musical: Antônio Possato (maestro) e Maria Aparecida de Araújo Manzolli

Diagramação: José Antônio Arantes

Composição, Fotolitos Internos e Cópias: Folha da Região (Rua David de Oliveira, nº 1255, Patrimônio de São João Batista -Telefone: (0172) 81-1261- Olímpia - SP)

Revisão: André Luiz Nakamura e José Sant'anna

Auxiliares: Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Débora Aparecida Vicente e João José Abra

Sumário: André Luiz Nakamura

Fotolitos em Cores (capas): Quadricolor — Estúdio de Reproduções Gráficas Ltda.(Rua Joaquim Carlos, 96 - Belenzinho - São Paulo-SP)

Impressão: Centrograf (Praça Rui Barbosa, nº 47, Patrimônio de São João Batista - Telefone (0172) 81-1060 - Olímpia-SP)

Anuário do
30º FESTIVAL DO
FOLCLORE
14 a 21 de agosto de 1994
Olímpia - SP - a Capital do Folclore

Ano XXI
22 de agosto de 1994
Nº 24

Edição do
Departamento
de Folclore
do Museu de História
e Folclore
"Maria Olímpia"
da Prefeitura Municipal
de Olímpia

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor.

Quaisquer artigos ou ilustrações podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

Patrocínio:

Banco **BRADESCO S.A.**

SUMÁRIO

LITERATURA ORAL
O ROMANCEIRO TRADICIONAL NO BRASIL

A professora **Maria Carmen Guimarães Possato,** mestra e doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), escolheu a atmosfera propícia da Capital do Folclore para realizar seu trabalho acerca de alguns "romances cantados".

Na oportunidade, teve como anfitrião e cicerone ninguém menos que o criador do Festival do Folclore de Olímpia. A visita terminou por ocasionar um respeitável artigo, que além de demonstrar esmerada acuidade e fluência tanto no aspecto didático quanto no folclórico, revela de um modo belamente alentador que o Romanceiro Tradicional continua vivo.

Página 3

COISAS DE CASADOS
SOGRAS: PRÓS E CONTRAS

Possuidora de fartos predicados, a estereotipada e caricatural figura da sogra, eterna e mortífera inimiga dos genros, é o objeto da contemplação analítica do doutor **Mário Souto Maior,** que a observa, com olhos de um experiente folclorista, sob os ângulos mais flagrantes.

Neste brilhante ensaio, por meio de provérbios, piadas, contos, lemas de pára-choques de caminhão e receitas culinárias (contendo o substantivo referido) aparecem, entre outras, a intrusa, a linguaruda, a palpiteira, a que mete a colher, a apaziguadora, a mãe por adoção, a pérfida fazedora de intrigas, enfim, os principais tipos encontrados. Mas, não esqueçamos, seja ela qual for, sogra é sempre sogra.

Página 6

DANÇA
PAU-DE-FITA

Uma das danças mais conhecidas no mundo é o tema para este Anuário escolhido pela professora e folclorista **Maria Aparecida de Araújo Manzolli,** que há vinte e seis anos mantém em Olímpia, sob sua direção artística, o Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça".

A autora, armada de vasto conhecimento e experiência no assunto, discorre sobre o teor histórico da dança de modo a lhe imprimir uma interpretação pormenorizada e abrangente.

O artigo ainda expõe farta ilustração e um trabalho descritivo, feito passo a passo, acerca da coreografia do Pau-de-Fita.

Página 10

ADIVINHAS
APRENDA BRINCANDO E BRINQUE APRENDENDO

Por serem muito comuns em Olímpia e representarem uma brincadeira animada que também estimula o raciocínio e a imaginação, especialmente das crianças, as adivinhações tornam a figurar neste Anuário, em mais uma coletânea produzida pela estudante e membro do Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos de Olímpia, **Anali de Oliveira**. Esta edição amplia para 102 o número de adivinhas, apresentando as tradicionais, de perguntas diretas, e as versificadas, no formato de trovas.

Página 14

O PODER DOS NÚMEROS
O FOLCLORE E A MATEMÁTICA

O professor **Rothschild Mathias Netto,** emérito mestre de ciências exatas e historiador do Município de Olímpia, soma os valores da Matemática e do Folclore e estabelece um elo simétrico entre ambas as ciências, resultando num artigo que se notabiliza pela abrangência e versatilidade com que trata os dois temas. Além de dissecá-los com elegância e didatismo, o autor ilustra as dissertações com os mais variados fenômenos folclóricos, entre os quais: a música, a dança, a recreação e o lazer, a folquemedicina e a literatura oral (provérbios, adivinhas, quadrinhas, etc.)

Página 18

RELIGIÃO E FOLCLORE
COSME E DAMIÃO - A EPOPÉIA DOS GÊMEOS TAUMATURGOS

Marcando a volta de um tema que era ocasionalmente nestas páginas depreendido, esta edição apresenta agora a saga dos gêmeos médicos Cosme e Damião, cujos devotos no Brasil contam grande e crescente número. O autor **André Luiz Nakamura** narra e comenta a história dos irmãos milagreiros, perscruta a divergente concepção destes santos pela Igreja Católica e pelas religiões afro-brasileiras, nas respectivas liturgias, orações e rituais, além de delinear a efetiva participação dos dois no concurso de fatos folclóricos, representada por superstições, simpatias, linguagem, música, lenda, etc.

Página 30

COISAS QUE O POVO INVENTA
ESTROINICES

Na loucura de algumas horas vagas, **Antônio Clemêncio da Silva** pôs-se a tentar organizar o "inorganizável" arquivo do professor José Sant'anna e acabou descobrindo, na enormidade dos inventários, sucessivos registros à primeira vista excêntricos e extravagantes, "sem pé nem cabeça". Contudo, a iniciativa terminou num artigo que expõe a excentricidade e os disparates do Folclore verificados em pegas, músicas, anedotas, casos e outros, sempre marcados pela esquisitice. De maneira subjetiva, o artigo constata a acertada filosofia do povo quando diz que de artista e de louco todos temos um pouco.

Página 43

CONTOS
QUEM QUISER QUE CONTE OUTRO

Nesta edição o professor **José Sant'anna** segue a devassar a verve narrativa da gente do povo encontrada nos casos, que ora aqui se incluem, e nos contos folclóricos, cuja forma, ainda que simples, envolve grande substância inventiva.

São apresentados 30 contos, em que o autor se vale da linguagem natural dos contadores para reproduzir, de maneira fidedigna, o que pessoalmente ouviu de cada um. Esta coletânea contém ainda uma descontraída sistemática do conto folclórico e do seu valor sociológico.

Página 56

O FOLCLORE DOS OLHOS...
OLHOS, FONTES DE LUZ

A professora **Iseh Bueno de Camargo,** num amplo e aprazível trabalho, contempla o que nos olhos se vê, e observa, por trás e através deles, os objetos de seus olhares, até onde a vista alcança.

Olhos que desmentem palavras, olhos que falam mais do que elas, olhos que apaixonam, mau-olhados, olhares perseguidores, olhar que tudo ou que nada vê, olhar que fere mortalmente, enfim, os inúmeros olhos e olhares são aqui revistos, nos "visuais" místico, mitológico, científico e, sobretudo, folclórico (superstições, folquemedicina, literatura oral, etc.). Há ainda um pouco de História de Olímpia, em virtude de seu "Olhos d'Água", e da vida de Santa Luzia, considerada a padroeira dos olhos.

Página 74

REGISTROS
NOTICIÁRIO DA ISEH

A professora e jornalista **Iseh Bueno de Camargo** faz um amplo e completo registro do 29.º Festival do Folclore (1993), narrando e comentando os principais fatos e acontecimentos que marcaram este evento de caráter folclórico, detentor de projeção nacional. Além do que, a autora noticia e nos informa sobre as atividades envolvendo o movimento da Folclorística.

Página 112

CORRESPONDÊNCIA
MANIFESTAÇÕES RECEBIDAS

Este espaço é reservado para a opinião dos leitores desta revista, bem como para a publicação de parte da correspondência freqüente que o Departamento de Folclore de Olímpia mantém com folcloristas e com instituições de pesquisas e estudos folclóricos de todo o Brasil, a fim de que se promova uma firme sintonia, informativa e atualizadora, em benefício da cultura do povo. **Débora Aparecida Vicente** é a responsável pelo arquivamento da correspondência.

Página 127

LITERATURA ORAL

O Romanceiro Tradicional no Brasil

MARIA CARMEN GUIMARÃES POSSATO
MESTRE E DOUTORANDA EM LETRAS
UNESP - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Cursando a disciplina **"O Romanceiro Tradicional no Brasil"**, oferecida pelo Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) de São José do Rio Preto e ministrada pela Professora Dra. Idelete R.M. Fonseca dos Santos (Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba), fui orientada para recolher uma amostragem do Romanceiro Tradicional presente na memória do povo da região de São José do Rio Preto.

De origem medieval, o Romanceiro é formado por narrativas cantadas e tradicionalizadas que vivem nas suas variações. Trata-se de uma literatura que não está nos livros mas na memória das pessoas, podendo ser recolhida em famílias (comunidade familiar), cidades do interior (recreio de escola, saída de missas, cadeiras na calçada), espaços profissionais (pescadores, feirantes), Lar de Velhos (pessoas com tempo para contar e cantar). Predominantemente narrativo, o Romanceiro apresenta poucas melodias para muitos poemas. Não há um interesse específico na melodia, que significa apenas uma modalidade da voz para facilitar a memorização.

No dia 24 de fevereiro de 1993, conduzida pelo Professor José Sant'anna, divulgador da cultura folclórica de Olímpia, realizei minha primeira experiência em pesquisa de campo no Abrigo São José (Rua Benjamim Constant, 1505 - Bairro da Santa Casa - Olímpia). Fui apresentada a Sebastiana Matos, com 73 anos de idade, deficiente física desde os doze anos. Cursou até o terceiro ano primário na cidade de Guaraci, interrompendo os estudos aos nove anos, quando mudou-se para um sítio.

Vaidosa, D. Sebastiana prepara-se com esmero para o encontro e, embora preocupada com o despreparo vocal, não se faz de rogada quando peço um cancioneiro.

O Conde e a Condessa

— Lá vem o cavaleiro
o que vem fazer aqui?
— Vim trazer um recado:
Seu marido foi degolado.

— O que que você quer
Para dar com ele aqui?
— Nada eu não quero,
Porque não sou daqui.

— Eu te dou o meu sobrado
Pra você dar com ele aqui.
— Teu sobrado eu não quero,
Porque eu não sou daqui.

— Eu te dou minha filha
pra você dar com ele aqui.
— A tua filha eu não quero,
Porque não sou daqui.

— Não tem mais o que te ofertar,
de tudo já te ofertei.
— Eu quero a bela condessa
pra comigo morar.

— Venha de lá meus criados,
venha de lá todos armados,
venha ver o cavaleiro,
como está muito confiado.

— Tenho mão nestes criados,
estes criados são meus,
anel de sete pedras
que está no seu dedo é meu.

Neste momento do canto, D. Sebastiana interrompe, pensando ter terminado. Por insistência do Professor Sant'anna, continua, as mãos alisando o vestido:

— Você é o meu marido,
está querendo zombar de mim.
— Para ver a bela Infanta,
se era falsa para mim.

Não satisfeita em cantar, D. Sebastiana narra a história:

"Ele era o marido dela, mas não queria falar. Estava na guerra há muito tempo. Quando a guerra terminou, os guerreiros voltavam e a condessa perguntava a eles se não haviam visto o cavaleiro montado no cavalo branco. Até que um dia aparece o marido disfarçado...", repete o cancioneiro palavra por palavra. Explica ainda: "Era dele o anel. Quando foi para a guerra, tirou o anel e colocou no dedo dela. Ela era "condênsia" mas se chamava "Infância".

D. Sebastiana informa ainda que aprendeu o Romanceiro quando era criança e morava na cidade de Guaraci. Instigada a revolver a memória, lembra-se de outra história:

Juliana e D. Jorge

— O que viste Juliana
está tão triste a chorar?
— Mamãe, eu ouvi falar
que D. Jorge vai se casar.

— Lá vem o Senhor D. Jorge

montado em seu cavalo.
— Bom dia, Juliana,
como vai, como tem passado?

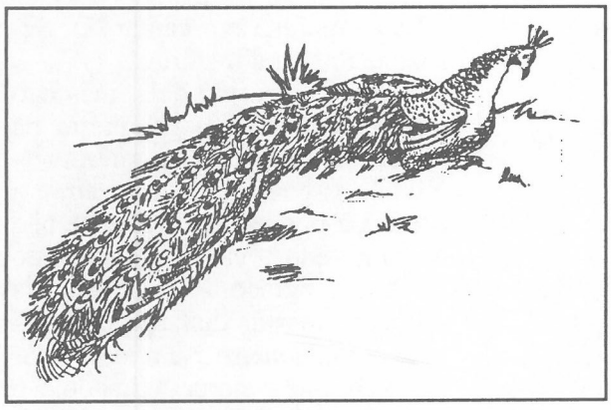
— Seu D. Jorge, eu ouvi falar
que o senhor vai se casar.
— É verdade, ó Juliana,
vim aqui te convidar.

— Seu D. Jorge, tenho um vinho
guardado para te dar.
— Juliana, que vinho é este,
que me escureceu a vista?

— Minha vista está escura,
não posso mais voltar.
— Beba, beba desgraçado,
este vinho é de amargura.

— O sino está batendo,
quem será que morreu?
— Mamãe, é D. Jorge,
quem matou ele fui eu.

— Lá vem a polícia
vem fazer o seu dever,
vem prender a Juliana,
que matou Senhor D. Jorge.

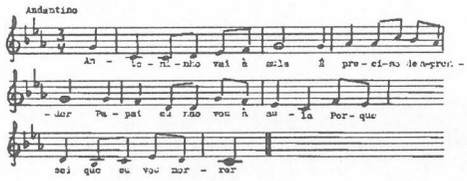


D. Sebastiana canta ainda o **Romance de Antoninho (O Pavão do Mestre),** história de Antoninho, o menino que, sem nenhuma intenção, mata o pavão do mestre, ave de grande estimação. Volta para casa e diz ao pai que não quer mais estudar, certo de que o mestre não o perdoaria e também por não ter dinheiro para pagar o preço de tão preciosa ave.

O pai insiste para que o filho retorne à aula e explique ao mestre que ele (o pai) está disposto a resolver o problema, pagando o valor do pavão. Contrariado, Antoninho despede dos pais e, chorando, retorna à escola.

O mestre, cego de raiva do menino, recebe-o com a arma em punho, matando-o com uma certeira punhalada no coração. O pai é avisado pelos colegas e vai à escola, lamentando, entre lágrimas e soluços, a morte do filho querido. Acaba desferindo uma punhalada no mestre que o faz cair morto.

Romance de Antoninho



— Antoninho, vai à aula
é preciso de aprender
— Papai, eu não vou à aula
porque sei que vou morrer.

— Ontem ao sair da aula,
quando já ia voltar,
matei o pavão do mestre,
não tenho com que pagar.

— Antoninho, vai à aula,
nada vai lhe acontecer,
diga lá para seu mestre,
que vou lá pra resolver.

— Ó meu pai, eu vou à aula
pra não desobedecer.
Adeus pai, adeus mamãe,
porque hoje eu vou morrer.

Antoninho foi à aula,
no caminho foi chorando,
chegou no salão do mestre,
ainda estava soluçando.

O mestre muito nervoso
pegou Antoninho na mão,
traçou-lhe uma punhalada
que vazou o coração.

Os meninos iam voltando:
— Cadê o meu Antoninho?
— Antoninho ficou lá,
morto como um passarinho.

O pai de Antoninho
já ficou em desatino.
Armou-se de um punhal
e foi buscar o menino.

— Abre porta, abre janela,
Ó meu Deus, que escuridão.
Quero ao menos dar-lhe um beijo
antes de ir pr'o caixão.

Chorando, beijou Antoninho
quase morto de emoção,
tirou o punhal do bolso,
deixou o mestre no chão.

Entre lágrimas e soluços,
pôs o filho no caixão
reclamando contra o mestre
da vingança e traição.

O enterro de Antoninho
parecia procissão,
a coroa de Antoninho
era pena de pavão.

— Abre de novo o caixão,
Antoninho quero ver,
para dar-lhe o último beijo
antes da terra o comer.

Assim termina a história
desta grande confusão:
morto o aluno, morto o mestre,
por causa de um pavão.

Ainda iluminada pelas lembranças, D. Sebastiana despede-se, permitindo o encontro com outra senhora, D. Rosa Pereira dos Santos, de 80 anos, também residente no Abrigo São José. O prédio é cuidado, limpo, avarandado e com muitas folhagens.

Sou introduzida no apartamento de D. Rosinha, decorado com os diplomas do Grupo Folclórico de Olímpia. Católica, benzedeira, D. Rosinha prepara remédios caseiros e participa com entusiasmo de Festas e Folguedos como a Folia de Reis, quando dança caracterizada de palhaço e reclama das alterações introduzidas no ritual. Faz crochê, flores artificiais e tornou-se exímia na confecção de abrolhos. Vive destes trabalhos e dos eventuais presentes oferecidos por pessoas que benzeu, curou ou prestou trabalhos religiosos. Viúva, sem filhos, aprendeu a ler com os antigos patrões.

Quando peço Romanceiros, D.

Rosinha explica um problema sofrido nas cordas vocais, mas ainda assim oferece-se para contar a história do **Rei Cego.** Professor Sant'anna informa que se trata de uma narrativa mista (parte narrada e parte cantada). Indecisa se devo ou não gravar, perco o início da história. Ela me despreocupa, dizendo que vai cantar apenas o "canto denunciante", mas termina por contar e cantar a história toda. Segura, capricha na pronúncia das palavras, olha no horizonte e, com gestos suaves, começa novamente a narrativa que agora diz chamar-se **Espuma do Pássaro Louro:**

"Um rei cego manda seus três filhos para a floresta em busca da espuma do pássaro louro para curar a cegueira. O filho mais novo encontra a espuma do pássaro. Os irmãos não se conformam. Combinam matar o caçula e repartir o mérito do achado. Ao pai diriam que o rapaz sumiu na floresta, comido por um bicho feroz. O irmão do meio segura o mais novo e o mais velho o mata com um facão. Fazem uma cova e o enterram ao lado de uma moita de bambu.

Ao chegar em casa, o pai pergunta pelo caçula.

— Nós sentimos muito, cada um de nós achou um pouco da espuma, mas procuramos por nosso irmão e não achamos. Bichos ferozes o devoraram.

Houve luto no palácio. O Rei dizia:

— Vocês acharam a espuma, eu me curei, mas fiquei sem meu filho muito amado.

Dois viajantes mascates chegam ao Reino. Cansados, sentam debaixo do bambuzal, acendem uma fogueira para assar lingüiça. Um deles repara no bambuzal e resolve fazer uma flauta de bambu para levar ao palácio e tocar para o Rei. Coloca a flauta na boca e o companheiro, surpreso, ouve a canção:

— Tocai, tocai passageiro,
fui eu mesmo que achei a espuma
que o pássaro louro soltou.
O mais novo que me segurou,
o mais velho que me matou.

O viajante foi ao palácio e pediu ao Rei para tocar a flauta.

— Não, não vou tocar, perdi meu filho caçula quando o mandei procurar a espuma do pássaro louro para sarar a minha cegueira. Estamos de luto, eu e a Rainha.

— Não precisa tocar, só coloque a flauta na boca, recomenda o viajante. A flauta toca para o senhor.

— Tocai, tocai passageiro,
fui eu mesmo que achei a espuma
que o pássaro louro soltou.
O mais novo que me segurou,
o mais velho que me matou.

O Rei ficou surpreso. Deu então a flauta para a Rainha:

— Tocai, tocai minha mãe,
fui eu mesmo que achei a espuma
que o pássaro louro soltou.
O mais novo que me segurou,
o mais velho que me matou.

Deu depois para o irmão que recusou, mas foi obrigado:

— Tocai, tocai meu irmão,
fui eu mesmo que achei a espuma
que o pássaro louro soltou.
Foi tu mesmo que me segurou,
o mais velho que me matou.

O Rei mandou o seu capanga pegar dois burros bravos no pasto, burros xucros que nunca viram arreio, pensando num castigo para os filhos assassinos. Mandou o mais velho tocar:

- Tocai, tocai meu irmão
fui eu mesmo que achei a espuma
que o pássaro louro soltou.
O mais novo que me segurou,
foi tu mesmo que me matou.

Assim o Rei descobriu o crime. Pergunta onde foi achada a flauta. O viajante diz que foi na mata de bambu da encruzilhada. Os capangas vão até lá cavar com enxadões. O menino pula vivo da cova e conta ter sido ele quem achou a espuma. Os irmãos combinaram matá-lo para repartir a espuma. O Rei solta os dois animais bravios com os filhos assassinos amarrados. Os animais, correndo, quebram-lhe os braços e as pernas".

D. Rosinha termina a narrativa, lamentando a voz perdida. Outros velhos se aproximam. Todos querem cantar. O canto atrai visitantes e espanta a solidão. As canções que aparecem não são Romanceiros. Disfarço e gravo o trinado único de um canarinho da terra. Transporto-me para as canções da minha infância, em São João del-Rey (MG), onde meu pai, um canário cantador, hoje com 92 anos, embalava-me com **O Boizinho Amarelinho, O Jorginho do Sertão, O lugar onde eu morava**... "Nem todos estes são Romanceiros Tradicionais", esclarece o Professor. Mas são inesquecíveis. E talvez sejam responsáveis por esta minha paixão pela arte de narrar...

Além do canto, enxergo ainda o sentido humano dessa necessidade tristonha de cantar desde a infância até a solidão da velhice. O timbre melancólico dos romanceiros acrescenta, vai além das palavras cantadas. D. Sebastiana emprega condênsia por condessa, Infância por Infanta, expondo candura e esperança na magia dessas histórias de nobres, no milagre de um poder que resolva a situação de opressão que ela nem sequer percebeu. Na viagem de volta, penso nessas dores antigas cantadas, mesclando-se às tristes histórias vividas por seus cantadores, terminadas nesse último canto, num abrigo para velhos. Por si só esse canto não existe. Mas torna-se um sinal vivo da vida social de um mundo onde "povo" é sujeito subalterno. Ainda assim, um povo que dá a mesma lição dos pássaros: "Um máximo de canto num mínimo de corpo".

COISAS DE CASADOS

Sogras: prós e contras

MÁRIO SOUTO MAIOR
DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO - RECIFE - PE

1. SOGRAS E GENROS NUMA GUERRA UNIVERSAL

Não cabe somente à sogra a responsabilidade pela animosidade existente entre ela e o genro. A verdade é que também tem muito genro com culpa no cartório e que alimenta essa animosidade com todas as suas forças, a ponto de transformar a casa num inferno.

O escritor Luís Luna, que tantos bons livros escreveu sobre o Nordeste, nos fala de um genro de gênio forte que ele conheceu em Limoeiro, Seu Panf(il)o, que tinha uma bodega na estrada que vai para Bom Jardim. Seu Panfo havia declarado guerra à sogra, que vivia em sua companhia, como gato e rato, cada qual procurando infernar a vida do outro.

Seu Panfo tinha tanta raiva da sogra que a contrariava até mesmo nas coisas mais simples.

Um dia, quando ele carregava um saco de milho para dentro da bodega, deu uma topada no batente.

- Vote! Só quem vem cego...

O velho Panfo ficou vermelho de raiva. Voltou ao terreiro com o mesmo saco de milho na cabeça e, novamente se dirigiu à bodega, aos gritos:

- Cego, eu estou é agora!

E deu um chute, de propósito, com tanta força, no batente, que a unha do dedo grande do pé pulou fora.

De outra vez, ele abriu a torneira da ancoreta para botar uma bicada para o escritor e para ele, naquele clássico copo grosso de venda de beira de estrada. A velha sogra, sentada num tamborete e tirando umas baforadas em seu cachimbo de barro, observou:

- Chega, Panfo! O doutor não é cachaceiro como gente que eu conheço...

Seu Panfo não disse nada. Abriu a ancoreta da torneira de cachaça, deixou o copo transbordar até que alagou todo

o balcão. Luís Luna se levantou e fechou a torneira, enquanto o velho Panfo, calado, bufava, dirigindo à sogra o olhar mais assassino que já se viu.

Conta, também, o escritor Luís Luna, que Paul Marie Adour, jornalista francês, de visita ao Rio de Janeiro, fazendo reportagem para o **Le Monde**, depois de tomar umas **biritas**, fez-lhe a seguinte confissão: "Três coisas estragam a primavera em Paris: o general de Gaulle, os turistas sulamericanos e a madame minha sogra que, nessa época, costuma vir da província".

Assim, fica fácil concluir que não somente as sogras como também muitos genros são réus do mesmo crime e devem dar mão à palmatória.

2. A COMPRIDEZA DE UMA LÍNGUA

A característica mais forte da sogra é gostar de falar, de falar muito, de discutir, semeando, assim, a discórdia entre a filha e o genro. Por conta disso, a sogra ganha os mais venenosos apelidos, tais como **língua de cão, língua de fogo, língua de espeto, língua quente, faladeira, boca do mundo, boca de**

COISAS DE CASADOS

praga, linguaruda, língua ferina, língua de sete pontas. E dizem que a tarefa mais difícil e impraticável deste mundo é medir a língua de uma sogra, coisa, aliás, que ninguém ainda conseguiu fazer.

Falar demasiadamente e mal das pessoas é tão característico da sogra que um poeta popular improvisou esta sextilha:

"Difícil é se ver um boi
Subir num pé de mangueira
Sogra por boa que seja
Deixar de ser **faladeira**
Marido longe da esposa
Sem ter outra companheira".

Nas festas de aniversários e nos carnavais é quase comum a língua de sogra - um canudo de papel de um centímetro de largura por um palmo de comprimento e que ao ser soprado em uma das extremidades, se desenrola, produzindo um som sibilante.

Em Mato Grosso, existe um remédio que dizem ser muito bom para curar as sogras faladeiras. Ensina Hélio Serejo: "Querendo o genro travar a língua da sogra, é só atirar três grãos de milho torrado debaixo da cama dela. A sogra fica silenciosa que é uma beleza".

Não custa nada experimentar.

3. ESTÓRIA DA SOGRA DO DIABO QUE ERA MAIS LADINA DO QUE O DIABO E CONSEGUIU APRISIONÁ-LO, ETC.

Era uma vez uma sogra, uma sogra muito diferente porque ela era a sogra do Diabo. Como não podia deixar de ser, sua filha vinha sofrendo, há muito tempo, toda a sorte de maltratos, pois o Diabo era um marido muito ruim, muito embuanceiro e não a deixava sossegada um só instante sequer. A sogra, que não era flor que se cheirasse, vivia, pelos cantos da casa, pensando numa maneira de acabar com o sofrimento de sua filha. E entrava dia e saía dia, entrava mês e saía mês, entrava ano e saía ano e o Diabo, todo santo dia, não perdia a vez de maltratar sua mulher, coitada.

Um belo dia a sogra do Diabo teve uma idéia: ia acordar logo que o dia começasse a clarear, esperar que o Diabo despertasse para pegá-lo de surpresa e colocá-lo numa garrafa, o que poderia ser feito pelo buraco da fechadura, para que ele nem percebesse. Assim pensou e assim fez. Arranjou uma garrafa escura e ficou esperando na porta do quarto, do lado de fora, que o Diabo acordasse. E quando o Diabo acordou, a sogra colocou a garrafa no buraco da fechadura que era por onde ele costumava entrar e sair todos os dias e, assim, num instante o aprisionou. Arrolhou, então, a garrafa, bem arrolhada e, altas horas da noite, a velha foi enterrar a garrafa numa grota esquisita, onde ninguém passava por lá.

Foi um santo remédio. Nunca mais ninguém teve notícias do Diabo nem do seu paradeiro. É que a sogra tinha feito um serviço muito bem feito porque era mais sabida e mais ladina do que o Diabo.

Deixa que quando é um belo dia um velho soldado que tinha tanta vontade de ser general que acabou ficando louco, andando sem destino, falando sozinho, sem juntar coisa com coisa, achou de passar pela grota onde a sogra havia enterrado a garrafa com o Diabo dentro. Depois de muitos dias perdido no mato o pobre homem ouviu uma voz que o chamava, quase chorando:

- Meu amigo! Me tire daqui, de dentro desta garrafa, onde já estou faz mais de vinte anos!

O que o Diabo queria era a liberdade, era sair de dentro da garrafa pra tentar as pessoas. Desconfiado, o velho soldado se aproximou do lugar de onde vinha a voz e o Diabo prometeu que se o soldado destampasse a garrafa lhe faria todas as vontades e, de quebra, lhe daria uma fortuna tão grande que o soldado nunca mais seria pobre na vida.

O soldado cavou a terra, achou a garrafa, destampou-a. Ouviu-se num raio de milhares de léguas, um estrondo muito grande e o cheiro de enxofre passou mais de quinze dias para desaparecer.

Manda a verdade que se diga que o Diabo cumpriu tudo quando havia prometido, tintim por tintim. Cobriu o soldado de ouro, de pedras preciosas, de dinheiro, de mulheres bonitas, de um tudo. O soldado passou uns tempos maravilhado, mordendo as orelhas de tanta alegria, de tanta felicidade.

Um dia, o soldado começou a observar que o Diabo estava botando as unhas de fora, tentando as pessoas, fazendo o mal, fazendo com que as mulheres não respeitassem mais os maridos, um bocado de coisas. E o soldado, que tinha ficado bom da loucura e era até um bom homem, ficou pensando numa maneira de se ver livre do Diabo que estava fazendo muita besteira. Foi então que teve uma idéia. Aproximou-se do Diabo, que estava tirando uma madorna, e gritou:

- Lá vem tua sogra, Diabo!

Não precisou de mais nada. O Diabo deu um estouro, fedeu enxofre, botou fogo pela venta e saiu numa carreira danada.

4. A SOGRA NAS LEGENDAS DE CAMINHÕES

Os pára-choques de caminhões - verdadeiros compêndios da filosofia popular - também trazem legendas tendo a sogra como tema. Legendas escritas com a poeira das estradas, nas noites mal dormidas, quando a comida é mal comida e a sabedoria popular resulta de tantos sonhos que se agasalham nos corações dos caminhoneiros que moram nas estradas e passeiam em casa.

Tais legendas procuram, na maioria das vezes, traduzir o que cada um caminhoneiro pensa de sua sogra.

Há os que detestam suas sogras e não perdem a oportunidade de feri-las impiedosamente:

- Sogra não é parente. É castigo.

- Sogra boa é a que já morreu.

- Feliz foi Adão, que não teve sogra, nem caminhão.

- Deus fez a mãe, mas o Diabo inventou a sogra.

- Não mando minha sogra para o inferno porque fico com pena do Diabo.

- Quando sogra for dinheiro, pobre só casa com órfã.

- Sogra por sogra, boa mesmo é a da minha mulher.

- Sogra e arado só prestam debaixo do chão.

- Duas coisas matam de repente: vento pelas costas e sogra pela frente.

- Pior do que coice de burro só praga de sogra.

- Sogra, milho e feijão, só debaixo do chão.

- Corro, porque minha sogra vem aí.

- Sogra é a segunda mãe, depois que morre.

- Bígamo é o pecador que paga seus pecados porque tem duas sogras.

- Sogra? Nem de barro à porta.

COISAS DE CASADOS

- Morar com sogra é fazer vestibular para o céu.

- Se sogra fosse coisa boa, Cristo não teria morrido solteiro.

- Sogra boa é maravilha, uma nora nunca é filha.

- Sogra e madrasta, só o nome basta.

- A pior formiga do jardim de minha vida é a minha sogra.

- Casei-me com a cunhada para economizar sogra.

5. SOGRAS: COMES E BEBES

Mais do que insultada em várias línguas vivas e até mesmo mortas, universalmente conhecida pela maldade de suas intenções, a sogra, sem que se possa generalizar - a **cobra choca,** a **mexeriqueira,** a **caninana,** a **parapraio,** a **espingarda-ruim,** a **besta-fera,** o **(em) borná (l) de cão,** a **abelhuda,** a **injuriosa,** a **intrusa,** a **maleitosa,** a **infeliz,** a **atiçadeira,** a **espinha-de-garganta,** além de muitos outros apelidos terríveis - sempre foi o saco de pancadas de tudo quanto foi genro mal satisfeito com suas cara-metades, a responsável por muitos casamentos desfeitos, a inventora dos mais variados infernos domésticos.

Sem a menor intenção/vontade de tomar partido nesta briga secular, acredito que a sogra seja uma pessoa de difícil convivência por força da impaciência própria da velhice e do ciúme que sente do genro com quem teve de repartir e ficar com a menor parte do amor e das atenções da filha. Também a sogra parece ser o resultado da prevenção dos genros que já vêem na mãe de sua esposa a figura do cão cagado e cuspido.

Domesticar uma sogra é tarefa mais do que difícil, dizem os genros sofredores. Mas o nordestino encontrou uma solução para o problema que consiste no uso da cachaça, mas somente quando a velha gosta de **molhar-a-goela** com a **água-que-passarinho-não-bebe.**

Daí a cachaça **Amansa Sogra,** de procedência cearense, que traz, no próprio rótulo, como deve ser usada:

"De 1 a 3 cálices, tolera
De 3 a 5 cálices, abranda
De 5 a 10 cálices, domina a sogra".

É conveniente explicar que nem toda sogra é o cão, uma megera, inimiga do genro, má pessoa, criadora de situações difíceis no lar de qualquer cristão. Neste mundo vamos encontrar de um tudo. O bom filho e o mau filho. A boa esposa e a má esposa. O bom marido e o mau marido. E, também, a sogra má e a boa sogra. É esta a razão pela qual a sogra está ligada a algumas iguarias - poucas, é verdade - porque talvez por serem poucas, também, as boas sogras.

Dona Alice Pinto, do Recife, nos ensina a fazer o

BEIJO-DE-SOGRA

Ingredientes: 1 copo de leite de vaca, 250 gramas de açúcar, 500 gramas de farinha de trigo, 2 colherinhas de fermento em pó, 1 colher (de sopa) bem cheia de manteiga, 1 xícara de queijo-do-reino ralado e 3 ovos.

Modo de fazer: Bata a manteiga com o açúcar, colocando as gemas uma a uma, batendo sem parar. Junte, então, o leite, o queijo, as claras batidas em neve firme e, por último, a farinha com o fermento. Forma untada com muita manteiga.

Encontrei, entre meus guardados, não sei quem me deu ou se copiei de algum livro de arte culinária esta receita de

OLHO-DE-SOGRA

Ingredientes: 500 gramas de açúcar, metade de um coco ralado, 10 gemas, 1 quilo de ameixas pretas, açúcar de confeiteiro, canela em pau.

Modo de fazer: Faça uma calda em ponto de fio grosso com o açúcar e meio copo d'água. Reconhece-se o ponto tal como fio brando, só que o fio fica um pouco mais grosso. Logo que estiver pronta, tire o fogo e espere amornar. À parte, misture as gemas com o meio coco ralado, junte essa mistura à calda já morna e torne a levar ao forno. Mexa com colher de pau, até que se despregue do fundo da panela. Espere esfriar. Mergulhe as ameixas em água quente, para amaciá-las, depois descaroce-as, abrindo-as pelo lado. Recheie-as com a massa que preparou, passando-as em seguida por açúcar de confeiteiro. Querendo, pode passá-las em calda feita com água e açúcar em ponto de quebrar, para ficarem brilhantes. O ponto de quebrar se conhece quando, pegando um pouco da calda que ainda está no fogo, se coloca na água fria. Se estalar, aperte-as com os dedos. Se quebrar, está no ponto. Rechear as ameixas e passá-las no açúcar cristal.

Já dona Myrosllawa Cabral Bezerra Tocachelo, de Anápolis, Goiás, recolheu esta receita de

PUDIM DA SOGRINHA

Ingredientes: 2 pãezinhos pequenos (50g), meio litro de leite, 3 ovos, 7 colheres de (sopa) de açúcar, 50 gramas de queijo ralado, 1 colher (de chá) de maisena.

Modo de fazer: Retire a casca mais grossa dos pães, corte em pedaços e coloque no liquidificador com todos os outros ingredientes. Bata até obter um creme ralo mas bem homogêneo. Deite em forma de pudim caramelada e leve ao banho-maria até estar firme e crescido.

O caramelo que untar a forma de pudim deve ser feito assim:

Ingredientes: 6 colheres (de sopa) de açúcar cristalizado e 4 colheres de água.

Modo de fazer: Ferva o açúcar com água até chegar ao ponto de caramelo. Não mexa enquanto o ponto estiver se formando. Cubra a forma e utilize.

Na década de 50, as bodegas de algumas cidades do Nordeste costumavam vender um biscoito popular, compridinho, gostoso, feito com massa de mandioca, chamado **língua-de-sogra.** Infelizmente não consegui encontrar a receita, o que é uma pena.

Dona Denise Wanderley Cadete, do Recife, encontrou, nos velhos manuscritos de arte culinária de sua família, esta receita de **BOLO DE SOGRA,** também conhecido como BOLO SATÃ ou BOLO JARARACA ou BOLO VENENO ou BOLO ESCORPIÃO, que é muito gostoso:

Ingredientes da massa: 18 ovos, 1 pacote e meio de fécula, 3 xícaras (de chá) de açúcar, 1 e 1/2 colheres (de sobremesa) de fermento em pó, 3 colheres (de sobremesa) de caldo de limão.

Ingredientes do recheio e cobertura: 2 xícaras (de chá) de geléia de damasco, 2 xícaras (de chá) de creme chantilly, 250 gramas de nozes moídas (pesadas já sem casca), cerejas em calda ou morangos frescos. **Outro recheio:** 1 xícara de baba-de-moça.

Modo de fazer: Bata as claras em neve. Junte as gemas uma a uma, batendo sempre. Acrescente o açúcar peneirado, pouco a pouco, sem parar de bater. Adicione a fécula de batata e, por fim, o caldo de limão e o fermento. Misture sem bater. Despeje essa mistura em três formas untadas e forradas com papel impermeável também untado com manteiga ou margarina. Asse em forno moderado. Deixe esfriar. Corte os três bolos ao meio horizontalmen-

te, obtendo, assim, seis partes. Una essas partes com camadas alternadas de geléia de damascos, creme chantilly misturado com nozes moídas e o outro de baba-de-moça ou seja: uma parte do bolo, uma camada de geléia, outra metade do bolo, uma camada de chantilly com nozes, bolo, baba-de-moça, bolo, geléia e assim por diante. Por último, cubra com chantilly e enfeite com cerejas ou morangos. Se quiser, antes de rechear, pode umedecer as camadas de bolo com rum e substituir o creme chantilly de cobertura por um glacê feito assim: 3 claras, junte aos poucos 400 gramas de açúcar de confeiteiro com suco de meio limão e uma colher (de sobremesa) de maisena.

Comendo tanta coisa gostosa toda sogra vira um anjo.

6. SOGRAS & HUMOR

1. O dono da casa não agüentava mais a presença da sogra. Não é que ela fosse má pessoa; até ajudava nos serviços domésticos, sabia o remédio certo para os meninos quando eles adoeciam. Mas é que dona Filó gostava de mandar e sempre ficava ao lado da filha de qualquer maneira, com ou sem razão. O jeito que tinha era encontrar um motivo para que a sogra deixasse a casa, sem barulho, tudo na santa paz.

Um dia, o dono da casa chegou da repartição, sentou-se na cadeira de balanço, abriu e fez que estava lendo o **Diário Oficial**. Passados alguns minutos, virou-se pra mulher e disse:

- É danado! Dona Filó vai ter que nos deixar. Imagine você, minha filha, que o governo acaba de baixar um decreto dizendo que as sogras que morarem com os genros ficarão obrigadas a dormir com eles pelo menos uma vez por mês!

A mulher, resmungou:

- Rum-rum...

A sogra, que estava atenta às explicações do genro, foi logo respondendo, bem animada:

- Rum-rum, coisa nenhuma! Se é lei, cumpra-se!

2. O Dr. Baltazar oferecia uma recepção aos amigos no jardim de sua residência, sob frondosas árvores onde foram colocadas mesinhas e cadeiras. A festa estava bem animada quando um dos convidados passou a elogiar uma árvore quase secular sob a qual estava colocada a mesa do dono da casa e dos amigos mais íntimos:

- Esta árvore tem uma estória, meu amigo! Foi num desses galhos que minha sogra se enforcou...

O Menezes, que também tinha sogra em casa e já estava com as medidas cheias, não perdeu a oportunidade. Chegou-se bem pra perto do dono da casa e segredou-lhe, ao ouvido:

- Me arranja um galhinho pra plantar lá em casa...

3. - Quer saber de uma coisa? Resolvi nunca mais beber...

- Não diga! E por que essa resolução tão rápida?

- Ontem, quando cheguei em casa, vi minha sogra em duplicata... Uma só já é demais...

4. O Dr. Esmeraldinho seguia pela Rua Direita, em companhia de Léllis, quando avistou o Hércules, ao longe: - Depressa... entremos aqui. Lá vem o Hércules. - Mas que pavor é esse, homem? Você matou alguém da família do Hércules?

- Não; salvei-lhe a sogra...

5. - Mas, "seo" Carlos, você parece que hoje tomou os médicos por conta?

- É que estou revoltado contra a classe...

- Por quê?

- Já me salvaram a sogra seis vezes neste ano...

6. - Não vais ao enterro da tua sogra?

- Não, não posso; estou de serviço, e sabes que minha divisa sempre foi: obrigação antes da diversão.

7. O genro, depois de brigar com a sogra:

- Não, minha "querida". Eu não mataria a senhora. Iria para o inferno por toda a eternidade e ali me encontraria com a senhora.

8. - João, toma estes vinte cruzados e vai à estação buscar a minha sogra.

- E se não a encontrar?

- Dar-lhe-ei outros vinte cruzados.

9. A sogra - Você é uma ladra.

A nora - E a senhora é uma feiticeira.

A sogra - Sim, sou feiticeira, pois adivinhei o que você é.

10. Dois canibais batem papo enquanto almoçam. Diz um deles:

- Detesto a minha sogra.

- Esqueça-se dela - sugere o outro. - Coma só o macarrão.

11. - Minha sogra, será que o fumo do cigarro a incomoda?

- Não, Raimundo.

- Pois, então, não fumo.

12. A sogra, diz, furiosa:

- Se você fosse meu marido, logo no primeiro dia do casamento eu teria dado veneno a você.

- E eu teria tomado com o máximo prazer - responde o genro muito calmo.

13. Ao morrer, o homem tentou ir para o céu, mas São Pedro declarou:

- Seu lugar é no inferno.

- Essa, não, São Pedro. Para casa de minha sogra, eu não volto.

N.R.

Quanto ao biscoito popular, **Língua-de-Sogra,** que faz menção o autor e lamenta não ter encontrado a receita, o Departamento de Folclore de Olímpia tem a feliz oportunidade de acrescentá-la, a este trabalho, tendo sido esta cedida pela senhora Alzira Sant'Anna de Oliveira, com a diferença de que este não é feito com massa de mandioca.

LÍNGUA-DE-SOGRA
Biscoitos

Ingredientes: 1(um) Kg de farinha de trigo/ 1/2 (meio) Kg de açúcar/ 1 (um) coco ralado fino/ 1 (um) pires (café) de manteiga/ 5 (cinco) ovos/ 2 (duas) colherinhas (café) de cremor de tártaro/ 2 (duas) colherinhas (café) de bicarbonato de sódio.

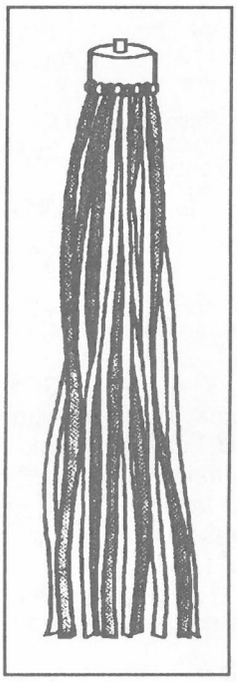
Modo de preparar: Deixar duas gemas para dourar as línguas.

Amassar bem os ingredientes. Cortar em tiras pequenas. Dourá-las, pincelando com as gemas. Polvilhar com açúcar cristal. Assar em forno quente.

DANÇA

Pau-de-Fita

MARIA APARECIDA DE ARAÚJO MANZOLLI
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA



A folclorista **Maria de Lourdes Borges Ribeiro** em seu livro **Folclore** escreveu: "Dança folclórica é a manifestação de um grupo de estrutura simples, apenas mestre e dançadores, com coreografia própria, sem texto dramático, com ou sem indumentária determinada, grupo por vezes aberto, permitindo a inclusão de outras pessoas (ciranda, coco, jongo). O seu estudo pode ser realizado:

a) pela sua forma - roda, roda com par ao centro, roda de pares, fileiras, par solto, par unido, conjunto, etc.

b) quanto à finalidade (rituais, de intenção religiosa, profana);

c) quanto à possível origem ou influência (européia, africana, indígena).

Dada a mobilidade do grupo humano, as danças folclóricas podem ocorrer em qualquer região, havendo, entretanto, razões que fundamentam a área do batuque, do jongo, do coco, etc.

Em listagem sumária, são estas as danças folclóricas brasileiras: ciranda, cana-verde, catira ou caterete, cururu, coco, baião, xaxado, balaio, dança-de-são-gonçalo, batuque, congada, moçambique, **pau-de-fita**, vilão, quadrilha, maracatu, samba, fandango (série de danças do Sul), chula, xiba, xotes, polca, mazurca, lundu, dança-de-santa-cruz, carimbó, siriá, retumbão, maculelê, dança dos velhos, torém, maneiro-pau, frevo, corta-jaca, jongo, miudinho, siriri, etc.".

Como podemos perceber, na relação das danças brasileiras figura o **Pau-de-Fita**, dança praticamente conhecida em todo o mundo.

Vejamos o que escreveu acerca desta dança (alguns trechos) os insignes pesquisadores brasileiros: **J. C. Paixão Cortes** e **L. C. Barbosa Lessa**, no livro **Manual de Danças Gaúchas:**

"Nenhuma dança, como o "Pau-de-Fita", pode merecer com tamanha propriedade, o nome de "dança universal". A "dança das fitas" parece surgir de todos os lados e em todos os povos. Fotos, desenhos, pinturas, mostram a existência da "dança das fitas", nos seguintes países: Peru, Venezuela, Argentina, Espanha, França e Inglaterra. Os últimos maias ainda hoje entoam suas cantigas tradicionais no Yucatan, trançando fitas. A dança-de-tranças anima, já há séculos, as festas populares de uma dúzia de nações européias.

Muitos povos dançaram em torno das árvores - símbolo de fertilidade, adornando-as de mil cores. Um dia alguém enfeitou-as de fitas. Mais tarde, alguém tomou dessas fitas enquanto dançava. Seu exemplo foi seguido e a coordenação dos movimentos deu origem à trança. Em sua origem era uma dança religiosa que se transformou gradativamente em dança profana, até surgir como simples demonstração dançante de habilidade.

No Brasil, houve época em que a "dança das fitas", como complemento das festas de Reis Magos ou das folias do Divino Espírito Santo, gozou de muita popularidade. No Nordeste é encontrada como "Folguedo-da-Trança" e como apêndice dos reisados de Natal e Ano Bom. No Rio Grande do Norte é representado como figuração apoteótica final de um "Bumba-meu-Boi", em Pernambuco nas festas da véspera de Reis com o nome de "Vilão".

No Estado de São Paulo a "Dança de Fitas" aparece nas folias do Divino. No Rio Grande do Sul surge ao lado de outras como a "Jardineira"e o "Boizinho".

O "Pau-de-Fita" não integra os bailes propriamente ditos. É mais uma "dança ensaiada", apresentada por "ternos" em festas populares de fundo católico. Chama-se "terno" a um grupo de cantores ou dançarinos populares. Da mesma forma que os "ternos de reis" são chefiados por um Mestre e um Contramestre, o "Pau-de-Fita" é conduzido por um par-guia, de que faz parte o Mestre Leão e a Senhora Dona Mestra.

COREOGRAFIA

Na extremidade de um mastro, de mais ou menos 3 metros de altura e 4 cm de diâmetro, são presas argolinhas, e de cada uma pende uma fita de mais ou menos 4 metros de comprimento e de 1 ou 2 cm de largura. Elas se distribuem em dois grupos de cores bastante opostas no que respeita a tonalidade. Os pares se colocam em torno do mastro, formando uma circunferência de mais ou menos 5 metros de diâmetro.

Os dançarinos tomam as fitas (homens uma cor, mulheres outra) e executam determinadas evoluções em torno do mastro, de maneira que as fitas sejam trançadas. É necessário o máximo cuidado de todos, pois o erro de um dançarino implica no erro de toda a dança e na destruição da trança.

Os passos executados pelos dançarinos são em ritmo ternário (rancheira ou terol), apesar de já termos assistido a apresentações em que os passos são executados ao ritmo binário.

Os movimentos coreográficos evoluem formando figuras das quais as mais populares são: **Trama, Trança** e **Rede de Pescador**.

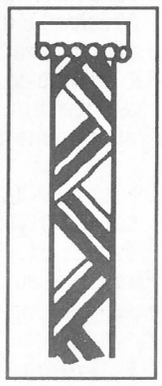
POSIÇÃO INICIAL

Esta dança é executada por oito pares.

Cada par coloca-se face a face formando um círculo em torno do mastro. Os homens tomam as suas fitas com a mão direita e a esquerda nas costas; as mulheres tomam as fitas delas com a mão esquerda, com a direita seguram a saia graciosamente. Quando todos os pares estão na posição correta, o marcante grita: **Preparar a trama, agora e se foi!** Eles se preparam para a formação da primeira figura.

DANÇA

PRIMEIRA FIGURA
TRAMA



A voz de **"Preparar a trama"**! todos os homens avançam no sentido dos ponteiros do relógio, passando por baixo das fitas tomadas pelas mulheres, se colocam atrás do Mestre, conservam entre si, a distância normal que separa cada dançarino de seu par. O mesmo ocorre com as mulheres: vem se postar atrás da Mestra. O mestre fica face a face com seu par. **A ordem é siga a dança por baixo das fitas**; os homens seguem sob as fitas das mulheres, e elas seguem sobre as fitas de seus companheiros.

Os homens avançam no sentido dos ponteiros do relógio e as mulheres em sentido contrário. Cada vez que o parguia se encontrar haverá uma mudança de posições (não de sentido); os homens passarão a avançar por fora e as mulheres por dentro, assim alternadamente até executar um desenho de 70 cm no mastro. Então grita o marcante, ao chegar ao seu par: **marcação, meia-volta** e **destramar!**

Todos os dançarinos mudam de mão e de face. Os dançarinos ficam dançando no lugar e ao aviso de: **destramar, agora, se foi!**, os dançarinos repetem as evoluções já descritas: as mulheres no sentido dos ponteiros do relógio e os homens ao contrário. Os movimentos são dirigidos pelo homem e pela mulher que estavam colocados em último lugar nas respectivas filas até que as fitas voltem à posição inicial, inteiramente livres da trama.

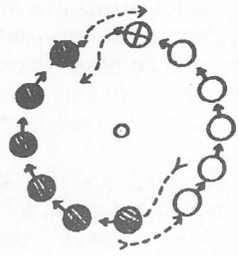
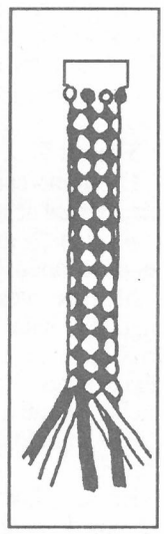


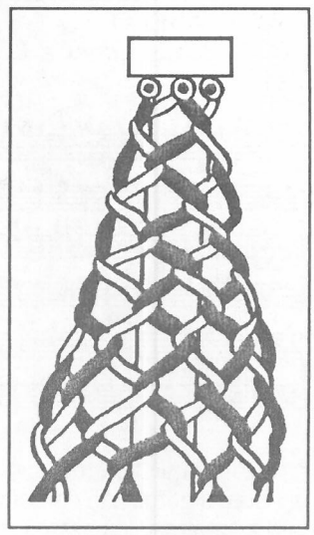
Fig. 3

SEGUNDA FIGURA
TRANÇA



Os pares estão postados face a face. Ouve-se, novamente, a voz do guia: **Preparar a Trança! Homens por baixo das fitas! Agora e se foi!** Esta figura se realiza da mesma forma que "a corrente" ou "cadeia", executada com fitas. Num ziguezaguear, os dançarinos alternam suas posições ora por cima das fitas e por fora do círculo, logo depois por baixo das fitas e por dentro do círculo. Quando se tiver trançado uns 60 cm, ouve-se novamente o marcante, ao cruzar pelo seu par: **marcação, meia-volta** e **destrançar!** Da mesma forma que na figura anterior, os dançarinos trocam a mão que seguram as fitas, trocam a face do avanço e, à voz do marcante: **Agora, se foi!**, trocam o modo de avançar até desmanchar totalmente a **Trança**.

TERCEIRA FIGURA
REDE DE PESCADOR



Na **Rede de Pescador**, as fitas não se trançam em torno do mastro, mas se armam no ar, formando uma rede.

O marcante dá ordem: **Preparar a rede de pescador! Agora, se foi!**

A essa voz todos executam ao mesmo tempo o seguinte movimento: cada dançarino avançando pela direita, troca de lugar com seu par e, em seguida, retorna ao lugar inicial, sempre pela direita. E, sem interromper o avanço, realiza mais uma volta, desta vez pela esquerda, e não mais com o seu par, mas com a pessoa que vem a seu encontro e que participa do par seguinte. Assim sendo, o homem realiza uma volta com sua companheira e outra volta com a moça do outro par, retornando sempre ao lugar inicial. O movimento das mulheres é complementar.

Quando a rede estiver formada, grita o marcante: **Parar a dança! Agora, se foi!** Pára a coreografia, os dançarinos param de dançar segurando as fitas. À ordem do marcante, soltam as fitas e agradecem ao público.

A música termina com forte acorde, simultaneamente à formação da rede.

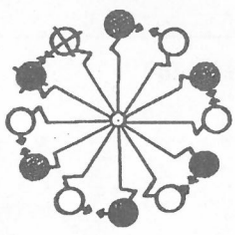


Fig. 1

Fig. 1

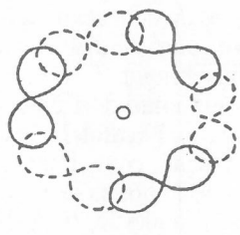


Fig. 1

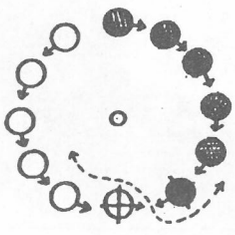


Fig. 2

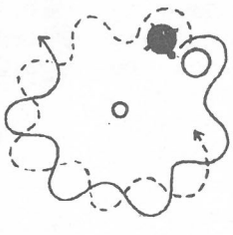


Fig. 2

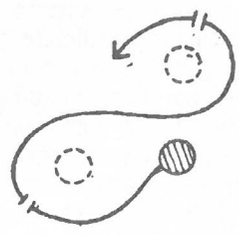
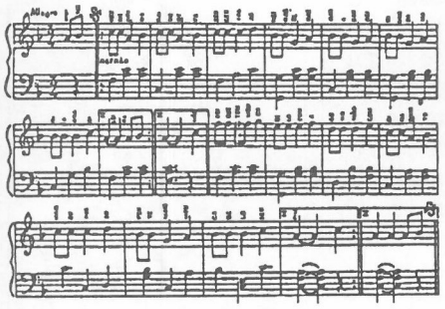


Fig. 2

DANÇA

TEROL
MÚSICA PARA O PAU-DE-FITA
MEU CABELO
(J. C. Paixão Cortes e L. C. Barbosa Lessa)



1 - Não sei que tem meu cabelo
Com a goma não combina:
Quanto mais eu passo o pente
Mais meu cabelo se empina. (bis)

- Refrão

Muita vez dá uma raiva
De fazer certa asneira,
De rasgar a bandeirinha
Da Maria Brasileira. (bis)

2 - Não sei que tem meu cabelo
Não combina com a banha:
Quanto mais eu passo o pente
Mais meu cabelo se assanha. (bis)

A música da dança **Pau-de-Fita** (terol) foi gravada no LP "Colúmbia" pelo Conjunto Farroupilha".

Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça" do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", de Olímpia.

Em 1968, criamos em **Olímpia** - hoje a **Capital Nacional do Folclore** - o **Centro de Tradições "Noiva Sertaneja"** com o objetivo de implantar uma política educativa que unisse mais fortemente o povo e beneficiasse as gerações contemporâneas condutoras da sociedade no futuro. Este objetivo só foi alcançado através da educação, definidora de cada povo, ante à crise de identidade que a todos atingia.

Ligado ao Centro de Tradições, fundamos o **Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça"**, com crianças e jovens, estudantes de ambos os sexos, do 1.°, 2.° e 3.° graus, apoiando-nos no folclore como fator didático, para o ensino e a prática de danças brasileiras. Para isso estudamos, com entusiasmo, o folclore pátrio.

Para as crianças, respeitamos o modelo folclórico - **folclore aplicado**. Para os jovens, foram feitas modificações, para satisfação estética - **projeção do folclore**. E o grupo foi batizado com o nome de **parafolclórico**. Foi um sucesso e há **26** anos participamos do Festival do Folclore de Olímpia que existe há **30** anos. Fazemos apresentações não só no Estado de São Paulo, mas em outras unidades brasileiras.

O grupo ensaia semanalmente, em espaços apropriados de estabelecimentos de ensino da cidade, tendo em vista a pesquisa e preservação do nosso folclore, através das Danças Brasileiras. Entretanto o **Pau-de-Fita** tem sido a sua dança-símbolo durante anos.

O grupo quando dança o Pau-de-Fita se apresenta com trajes paulistas.

As fitas são **vermelhas e pretas**, cores de São Paulo e também as de Olímpia, sendo que esta apresenta ainda a cor amarela.

A música é "Meu Cabelo", num marcante ritmo ternário.

Os instrumentos usados são acordeão, violão e percussão (surdo, bombo ...).

Trajes:

Homem - calça ampla, camisa de mangas compridas, guaiaca, lenço, chapéu, botas.

Mulher - vestido de algodão, saia ampla, saia de anca, calcetes abaixo dos joelhos, meias, sapatos fechados, cabelos com tranças.

Há semelhanças e diferenças entre os grupos de dançadores do "Pau-de-Fita".

A **semelhança** está nos desenhos executados durante as coreografias: Trama, Trança e Rede de Pescador.

Diferenças estão nos trajes, cores das fitas, dançadores, música e conjunto instrumental.

Trajes - Dançam vestidos de acordo com a região, fazendo parte de manifestações folclóricas as mais diversas: grupos de Congada, Moçambique, Peões e Prendas... A indumentária usada é de acordo com o grupo que a dança.

Fitas - As cores variam de acordo com a conotação religiosa ou cívica.

Dançadores - Há grupos em que o Pau-de-Fita é dançado somente por **homens**, outros só por **mulheres**, a maioria é dançado por **pares**, 8 casais geralmente.

Instrumentos - Variam de região para região, de acordo com a música. Os mais usados são o acordeão, o violão e a percussão (surdo, bombo, ...)

Música - É usada a música da quadrilha e até a música "Meu Cabelo", comum no Rio Grande do Sul. As músicas, em compasso ternário, facilitam a marcação e o ritmo durante a coreografia.

MOMENTOS COREOGRÁFICOS

Para a execução da Dança **Pau-de-Fita**, apresentaremos alguns momentos coreográficos, para ilustração:

I - Trama

Posição inicial

1.° movimento

Seqüência coreográfica

DANÇA

Figura executada

II - **Trança**

Posição inicial

Seqüência coreográfica

Figura executada

III - **Rede de Pescador**

Posição inicial

Seqüência coreográfica

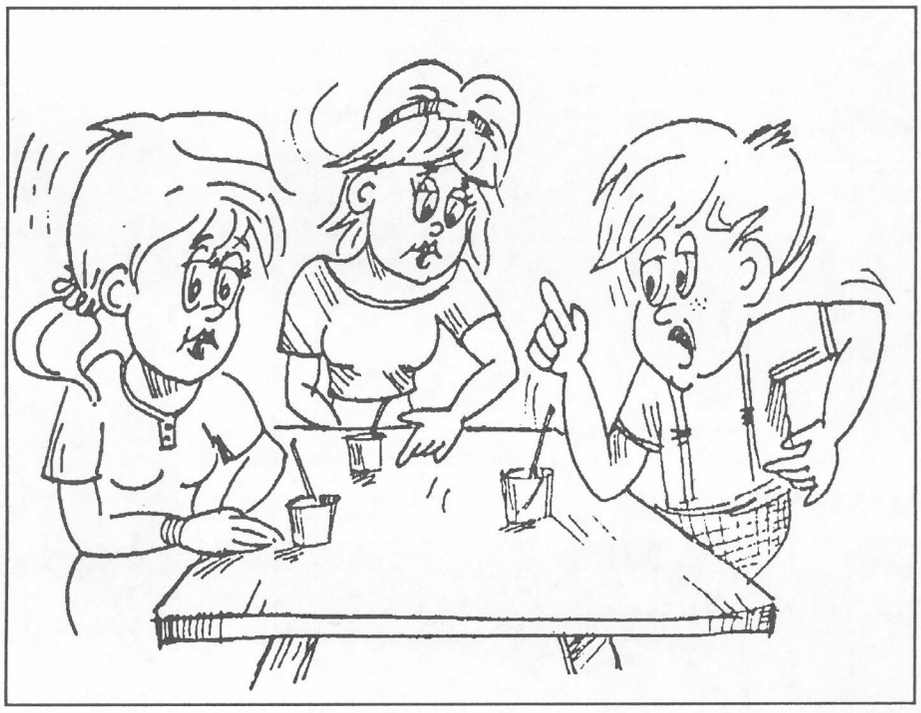
Figura executada

Resta-nos agradecer aos dançarinos olimpienses pelo interesse apresentado na aprendizagem e execução da dança, ao longo desses 26 anos, bem como aos seus familiares; cantores, músicos e todos os colaboradores. Este agradecimento se estende ao nosso grande amigo e folclorista, pessoa respeitada dos olimpienses, **Prof. José Sant'anna**, criador e mantenedor até hoje do Festival do Folclore de Olímpia, pela sua perspicácia, coragem, incentivo e apoio ao nosso **Grupo Parafolclórico**.

ADIVINHAS

Aprenda brincando e brinque aprendendo

ANALI DE OLIVEIRA
CENTRO DE PESQUISAS E ESTUDOS FOLCLÓRICOS - OLÍMPIA



Há 15 anos este Anuário vem publicando ininterruptamente um trabalho sobre as Adivinhas. E é proibido falhar, pois a criançada dos primeiros anos escolares, ao sair o Anuário, vai diretamente à página onde elas estão. Portanto, está mais do que comprovado que elas são um grande meio de distração, apesar de muitas vezes martirizarem as mentes.

As adivinhas são fatos admiráveis que estão há muito no domínio de todos. Resultam de uma força vivaz, de espírito criador, de uma inteligência que concebe e dirige os enigmas; pensando, calculando e resolvendo as respostas, cuja solução já se formula no mundo interior do pensamento. São testes de inteligência. Forçam o raciocínio. A adivinha disciplina a atenção de todos, principalmente dos mais novos.

Existe uma quantidade imensa de enigmas populares que contribuem para o desenvolvimento das faculdades intelectuais da juventude. Além de serem exercícios divertidos, são instrutivos.

Como exercício mental, as adivinhas são de utilidade infinita. É a sabedoria do povo, de todos os povos, e muitas delas são encontradas, com pequenas variações, em todo o mundo.

Entre as múltiplas formas pelas quais se apresenta o nosso folclore, uma das mais interessantes são as adivinhas. Elas são lidas e relidas pelas pessoas que depois disputam sua sabedoria com os amigos.

O material que recolhemos proporcionará algumas horas de agradável passatempo. Até de disputa. E não há quem não aprecie participar do certame. A maioria, em prosa, é iniciada com o tradicional **o que é, o que é** ou com o pronome interrogativo **qual**. Outras, são pequenos **problemas** e algumas **versificadas** (trovas), rimando o 2.º com o 4.º versos, que facilitam a assimilação.

As respostas, muitas vezes, surpreendem o perguntador.

Verifique, pois, a sua capacidade de respostas.

O QUE É,
O QUE É

1 - que tem pé, mas sem uma perna não anda?
-?

2 - que não tem pés, mas sempre está descalça?
-?

3 - preto, pretinho, raiz de guiné, fala sem boca e caminha sem pé?
-?

4 - que somos obrigados a usar sobre o pé?
-?

5 - que sempre se corta falando?
-?

6 - tem pé, mas não anda, tem olhos mas não vê, tem cabelo, mas não penteia?
-?

7 - que se põe no pé e machuca na barriga?
-?

8 - que se vê no princípio da Lua e

ADIVINHAS

no fim do Sol?
-?

9 - que na terra há dois, no mar só há um e no mundo nenhum?
-?

10 - entra na água, mas não se molha?
-?

11 - que gasta sapatos, mas não tem pés?
-?

12 - que sentado fica mais alto do que em pé?
-?

13 - pula, mas não é bola, tem bolsa mas não é mulher?
-?

14 - que só rasgando dá pra ler?
-?

15 - perna de pau, boca de fogo, espingarda, seu bobo?
-?

16 - que pode encher uma casa e ao mesmo tempo pesar menos que uma bola?
-?

17 - que vai para cima quando a chuva vem para baixo?
-?

18 - que podemos comer antes de nascer e depois que morre?
-?

19 - tem capa, mas não sai à chuva; tem margem, mas não é rio; tem linha mas não costura; tem folha mas não é árvore?
-?

20 - que nunca se compra uma só, mas só se usa metade de cada lado?
-?

21 - que se põe à mesa e corta, recorta, mas não se pode comer?
-?

22 - que trabalha como um relógio, mas não tem corda nem motor?
-?

23 - você sai a procurar onde ele se acaba; anda, anda e não há meio de encontrá-lo?
-?

24 - que enquanto está comendo, vive, mas quando bebe, morre?
-?

25 - corre, corre e não sabe onde vai parar?
-?

26 - tem pé redondo e rastro comprido?
-?

27 - que quantas mais rugas tem, mais novo é?
-?

28 - que entra no palácio do rei sem pedir licença e sem bater na porta?
-?

29 - que tem pé e corre, tem leito e não dorme e quando pára, morre?
-?

30 - que pode ser grande ou pequeno mas sempre terá o comprimento de um pé?
-?

31 - que vive de onde todos metemos o pé?
-?

32 - que anda com as pernas nas orelhas?
-?

33 - que andam deitados e dormem em pé?
-?

34 - aonde vai um, o outro vai atrás?
-?

35 - um vai, outro vem, e quase se tocam, mas quando um pára, o outro pára também?
-?

36 - que quando estamos deitados, estão em pé e, quando estamos em pé, estão deitados?
-?

37 - jogou para cima é prata, caiu no chão é ouro?
-?

38 - mexe sem ter vida, caminha sem ter pé e voa sem ter asa?
-?

39 - que só é usado em lugar apertado?
-?

40 - tem asas e não voa, tem barba e não é homem, tem dentes e não come, tem pé e não caminha?
-?

41 - é do tamanho de um pé e todos a deixam por aí?
-?

42 - que tem duas cabeças, seis pés, um rabo e quatro orelhas?
-?

43 - que quanto mais lhe tira maior é?
-?

44 - que vem do monte, dá volta à casa e arruma-se a um cantinho?
-?

45 - tem pé, mas corre sem pé?
-?

QUAL

46 - Qual a semelhança entre um homem que não trabalha e um relógio?
-?

47 - Qual o nome de mulher que lido ao contrário é o mesmo?
-?

48 - Qual o advérbio que lido às avessas é ofício religioso?
-?

49 - Qual a planta que anda?
-?

ADIVINHAS

50 - Qual a primeira planta que os portugueses trouxeram para o Brasil?
-?

51 - Qual o carro que não tem motor?
-?

52 - Qual a cidade mais explosiva do mundo?
-?

53 - Qual o animal que, ao anoitecer, anda de 4 pés, ao meio-dia, de 2 pés e, ao entardecer, de 3 ?
-?

54 - Qual o pé que não tem chulé?
-?

55 - Qual é o mais careca de dois carecas completamente carecas?
-?

56 - Qual a primeira coisa que o jardineiro põe no jardim?
-?

57 - Qual é o pé que os gatunos mais usam?
-?

58 - Qual o maior pé do mundo?
-?

59 - Qual é o pé que levanta mais poeira?
-?

60 - Qual é o pé mais apreciado pelas crianças?
-?

61 - Qual o pé mais doce deste mundo?
-?

62 - Qual o pé que fica no alto?
-?

63 - Qual o pé mais azarento?
-?

64 - Qual o verbo de uma sílaba que é o mesmo lido de trás para frente?
-?

DECIFRE ESTAS

65 - Um homem ia por uma estrada e encontrou-se com outro homem armando um presépio para celebrar o nascimento de Jesus. Saudou-o e perguntou o seu nome. Ele respondeu: O meu nome é a arte que estou montando. Qual é o nome dele?
-?

66 - Tenho 15 metros de corda. Cortando 5 metros por dia, quanto dias levarei para cortá-la?
-?

67 - Qual a primeira coisa que um cavalo morto de fome e de sede faz quando colocamos muito capim e muita água em sua frente?
-?

68 - Que quantidade de terra existe num buraco de 1 metro de profundidade, 1 metro de comprimento e 1 metro de largura?
-?

69 - Um trem elétrico que vai do Rio a São Paulo corre em direção ao sul. Um vento forte bate no lado direito de quem viaja. Para que lado vai a fumaça?
-?

70 - Se um atleta tem pés de atleta, o que tem um atleta velho?
-?

71 - São três irmãos: o mais velho já morreu, o do meio está vivo e o mais novo ainda não nasceu. Quais são eles?
-?

72 - Que dia da semana tem cheiro de chácara?
-?

73 - O que disse um dedo do pé aos outros?
-?

74 - Um homem levou três dias para fazer um buraco. Quanto tempo gastará para fazer meio buraco?
-?

VERSIFICADAS — PERGUNTAS RIMADAS, TROVAS NAS QUAIS RIMAM O 2.º COM O 4.º VERSOS

75 - Toda pessoa procura
Ser honrada e ter virtude,
Mas entre todos os males
Qual o pior pra saúde?
-?

76 - Os animais têm seus olhos,
É verdade, ninguém nega,
Mas das letras do alfabeto
Qual delas que não é cega?
-?

77 - Sou plantado em grande campo,
Mas exijo tratamento,
Em troca desse carinho
Viro roupa e alimento.
-?

78 - Ser sábio é saber muito,
É ser alguém valoroso:
Diga-me a semelhança
Entre o prego e o teimoso.
-?

79 - Sou fruta plantada em cova,
Saborosa e de valia,
Mas carrego um sentimento,
Porque só dou uma cria.
-?

80 - Existe um bichinho esperto,
Bonitinho e dançador;
Rápido, suga sua caça
No bojo de qualquer flor.
-?

81 - Moro na beira do mar
Me chamam assim, assim,
Se quiser saber meu nome,
Bote sentido no fim.
-?

82 - Tem olhos e não tem pernas,
Mata gente, não tem mãos,
Bota ovos, não tem penas,
Tem roupa sem confecção.
-?

83 - O que a gente não tendo,
Nem é capaz de lembrar,
Mas quando se tem procura
Logo, logo se livrar.
-?

ADIVINHAS

84 - Quem quiser ter criação,
Comida é preciso ter,
Mas lhe faço esta pergunta:
Que se cria sem comer?
-?

85 - Quando não tenho nem lembro,
Não é fácil nisso crer,
Mas no momento que tenho,
Procuro logo esquecer.
-?

86 - Qual será a resposta
Que o decifrador dará:
Cinco dedos numa mão,
Mas carne e osso não há.
-?

87 - Não há quem possa negar
Porque é pura verdade:
Quando se diz o seu nome,
Diz-se somente a metade.
-?

88 - Nasci em terras queimadas,
Meu próprio nome é o chão,
Tenho vinte e cinco dedos,
Na metade de uma mão.
-?

89 - Não se compra uma só,
Pois já é determinado,
Mas na verdade se usa
Metade de cada lado.
-?

90 - Cuide de mim, eu sou mudo,
Mas eu sou dos que me vêem;
Arranhando minhas costas,
Não serei de mais ninguém.
-?

91 - Fizeram-me esta pergunta
Lá no banquinho da praça:
Quem é que nos nossos dias
Tira retrato de graça?
-?

92 - Há países que tem rei,
Rei - soberana pessoa;
Mas qual é o rei do mundo
Que tem a maior coroa?
-?

93 - Vinte irmãos numa árvore,
Cada cinco no seu galho
Desempenham a tarefa
Cada qual no seu trabalho.
-?

94 - São pequenas lascas brancas
Num cerco bem colocadas,
Quer tenha ou não chovido,
Elas estão sempre molhadas.
-?

95 - Nós somos dois irmãos gêmeos,
Levamos fardo pesado,
De dia estamos bem cheios,
De noite, esvaziados.
-?

96 - Redonda como bacia
E rasa como um prato,
Mas nem os mares do mundo
Podem enchê-la de fato.
-?

97 - Liso, de cabeça chata,
Se solto, fere por nada,
Mas para se tornar útil
Vive levando pancada.
-?

98 - Sei que você é esperto
E não vai ficar zangado:
Que semelhança existe
Entre o pingüim e o azarado?
-?

99 - Eu já vi um mau cristão
Ter a Bíblia numa cesta
Será que ele saberá
Qual é o número da Besta?
-?

100 - Achei um tanto engraçado
O que me inquiriu alguém:
Quanto mais a gente perde
Muito mais a gente tem.
-?

101 - Gambá é bicho fedido,
Ninguém pode suportar,
Como se pode impedir
O gambá pra não cheirar?
-?

102 - Aproveite esta agora,
Mas responda num segundo:
Entre cegos qual é o deles
O pior cego do mundo?
-?

RESPOSTAS

1 - A bota./**2** - A calçada./ **3** - A carta./ **4** - O acento agudo./ **5** - A conversa./ **6** - A espiga de milho./ **7** - A espora./ **8** - A letra ele./ **9** - A letra erre./ **10** - A sombra./ **11** - A terra./ **12** - Cachorro./ **13** - Canguru./ **14** - Carta./ **15** - Espingarda./ **16** - Fumaça./ **17** - Guarda-chuva./ **18** - Galinha (frango)./ **19** - Livro./ **20** - Meias./ **21** - O baralho./ **22** - O coração./ **23** - O fim do mundo./ **24** - O fogo./ **25** - O mundo./ **26** e **27** - O pneumático./ **28** - O raio de sol./ **29** - O rio./ **30** - sapato./ **31**- O sapateiro./ **32**- Os óculos./ **33, 34, 35** e **36** - Os pés./ **37** - O ovo./ **38** - Papel./ **39** - Parafuso./ **40** - Pé de milho./ **41** - Pegada./ **42**- Um homem montado a cavalo./ **43** - Um poço (ou cova). / **44** - Vassoura./ **45** - Vento./ **46** - Ambas fazem horas./ **47** - Ana./ **48** - Assim (missa)./ **49** e **50** - A planta do pé. **51** - Carro plástico (ou de brinquedo)./ **52** - Granada./ **53** - O homem: quando gatinha, na maioridade e na velhice./ **54** - O pé de alface./ **55** - O que tiver a careca maior./ **56** - Os pés./ **57** - Pé-de-cabra./ **58** e **59** - Pé-de-vento./ **60** e **61** - Pé-de-moleque./ **62** - Pé-do-ouvido./ **63** - Pé-frio./ **64** - Rir./ **65** - Armando Nascimento de Jesus./ **66** - Dois dias. No segundo dia termina a operação./ **67** - Não faz nada. Ele está morto./ **68** - Nenhuma, pois buraco é vazio./ **69** - Para nenhum. Trem elétrico não tem fumaça./ **70** - Pé-de-galinha./ **71** - Presente, passado e futuro./ **72** - Quinta./ **73** - Tem um calcanhar nos seguindo./ **74** - Três dias. Não há meio buraco./ **75** - A doença./ **76** - A letra vê./ **77** - Algodão./ **78** - Ambos têm a cabeça dura./ **79** - Bananeira./ **80** - Beija-flor./ **81** - Bote./ **82** - Cobra./ **83, 84** e **85** - Fome./ **86** - Luva./ **87** - Meia./ **88** - Meia-mão de milho./ **89** - Meias./ **90** e **91** - O espelho./ **92** - O que tem a cabeça maior./ **93** - Os dedos (mãos e pés)./ **94** - Os dentes./ **95** - Par de sapatos./ **96** - Peneira./ **97** - Prego./ **98** - São pés-frios./ **99** - Seiscentos e sessenta e seis./ **100** - Sono./ **101** - Tampando o nariz dele./ **102** -

Pra responder esta certa
Nem preciso adivinhar:
O pior cego do mundo
É o que não quer enxergar.

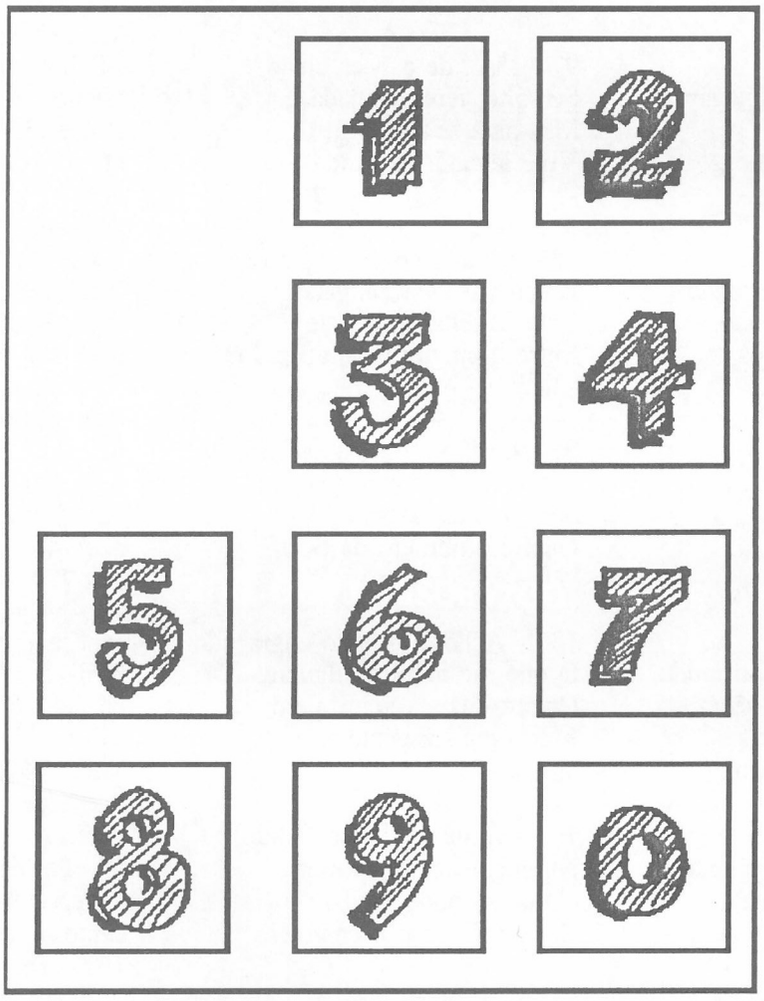
E foi assim que comecei a me interessar pelo assunto: de leitora e respondedora à colecionadora de adivinhas. Assim permaneci algum tempo. Envolvi-me tanto no assunto que hoje presto minha pequena colaboração a este Anuário de Folclore, graças ao incentivo e à orientação do dinâmico folclorista Prof. José Sant'anna.

O PODER DOS NÚMEROS

O Folclore e a Matemática

ROTHSCHILD MATHIAS NETTO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

— I —



Simples entretenimento de curiosos ou preocupação de eruditos, o corpo de conhecimentos designado por **folclore**, conta pouco mais de um século. Nunca é demais repetir que o termo **folk-lore** ("saber vulgar") foi usado pela primeira vez, por William John Thoms, em carta à revista londrina **The Atheneum**, em 22 de agosto de 1846. Nela Thoms solicita o apoio para salvar os restos das lendas, das baladas, dos usos e costumes regionais da velha Inglaterra.

O receio do ridículo levou o missivista a usar o pseudônimo de **Ambrose Merton**. Ele pretendia tão somente ver expostos, num museu, os testemunhos da sabedoria anônima das gerações passadas.

Então, o romantismo que já se firmara em toda parte, como que havia preparado o campo para as sementes novas do folclore. O despertar do interesse pelo assunto, em alguns estudiosos, casava-se perfeitamente com as tendências gerais do pensamento da época, já que a escola romântica via nas tradições nacionais o fundamento das literaturas.

Nesses começos, o fato folclórico identificado como tradicional, anônimo, popular e de transmissão oral tornava por demais restrito o campo de ação do folclore. Este, porém, na linha de evolução do seu desenvolvimento, foi ganhando nova conceituação. Irrelevantes são hoje a tradição, o anonimato, a oralidade e até mesmo o popular no sentido primitivo de vulgar. Nos dias que correm, a espontaneidade bem como a receptividade popular surgem como as características dominantes de qualquer fenômeno folclórico.

"O fato folclórico não é velharia, declara a Prof.ª Laura Della Mônica. Não precisa cheirar a ranço. Não precisa ser tradicional, nem sua transmissão ser oral. Na verdade, o fato folclórico pode mudar ao longo do tempo, assimilar a influência do progresso. Sua transmissão pode ser escrita, como na literatura de cordel.

O anonimato é dispensável. Mas deve ser, sim, espontâneo, não podendo ser regido por comunidades estruturadas. E deve ter aceitação coletiva".

Na realidade, a tradição acomoda-se ao presente. Assim, o folclore aparece em cada instante como algo vivo, e traços culturais quer surjam no seio das turbas, quer provenham dos meios mais esclarecidos e intelectualizados se submetem à folclorização, uma vez que a sociedade inteira participa do folclore, toda ela intervém "nas formas finais por ele assumidas", mas somente às camadas populares cabe integrá-lo na sua vida ordinária.

"Certas expressões, gírias, ditados e até palavrões fluentes, na linguagem - diz a Prof.ª Maria do Carmo Vendramini - devem ser encarados como FOLCLORE, porque fazem parte da cultura espontânea do povo, que assimila muito da erudita e a influencia também".

A coexistência dessas duas culturas, citadas pela ilustre folclorista: **a espontânea** - "reflexo das maneiras de sentir, pensar, agir e reagir espontâneos e aceitos espontaneamente dentro de uma coletividade" e a **erudita** - emanada da vontade sistemática, da reflexão ulterior, parece inevitável. Semelhante dualidade, segundo os entendidos, está ligada ao progresso mesmo da ciência, que mostra a desproporção entre o crescimento espontâneo dos fenômenos

O PODER DOS NÚMEROS

sociais e a representação que as sociedades fazem disso.

Não era outra, a opinião defendida na Escola de Folclore, do Museu de Artes e Técnicas Populares, em São Paulo, pelo Prof. Rossini Tavares de Lima:

"O folclore para nós - explica o insigne mestre - é uma expressão do homem. Dentro do contexto de uma personalidade, existe uma expressão de cultura dirigida e orientada, que chamamos de cultura erudita, e uma expressão de cultura não dirigida que chamamos de cultura espontânea, objeto do folclore, que existe em função da criatividade mesma do homem."

— II —

É a criatividade que explica a intervenção da matemática em não poucos fenômenos folclóricos. Nas lendas e tradições, bem como em adivinhações, trovas, travalínguas, superstições e ainda em jogos e provérbios é comum constatar-se a presença dos números.

Embora seja aceitável por inverídica a declaração de que a matemática é "a ciência dos números" estes são por ela estudados e tanto os seus segredos como os mistérios do céu inflamaram as mentes ingênuas ou não de todos os homens em todos os lugares, de todos os tempos.

Na antigüidade, Filolau, um dos mais destacados representantes da escola pitagórica, já dizia que: "todas as coisas têm um número e nada se pode compreender sem o número". Houve quem visse palpitar no fundo dessa afirmativa: "uma das idéias mais grandiosas e mais belas que até hoje têm sido emitidas na história da Ciência, a de que a compreensão do Universo consiste no estabelecimento de relações entre números, isto é, de leis matemáticas.

Para os pitagóricos, não somente todas as coisas possuíam um número, mas ainda todas as coisas eram números. As expressões números quadrados e números triangulares não se tratavam de metáforas: aos seus olhos eram efetivamente quadrados e triângulos.

Entre outros testemunhos de Aristóteles, sobre a mais brilhante doutrina da Antigüidade, é suficiente transcrever o seguinte trecho do capítulo V, do primeiro livro da Metafísica: "aqueles a quem se chamam pitagóricos foram os primeiros a consagrar-se às Matemáticas e fizeram-nas progredir. Penetrados desta disciplina, pensaram que os princípios das Matemáticas eram os princípios de todos os seres. Como, desses princípios, os números são, pela sua natureza, os primeiros, e como, nos números, os pitagóricos pensavam a perceber uma multidão de analogias com as coisas que existem e se transformam, mais que no Fogo, na Terra e na Água (tal determinação dos números sendo a justiça, tal outra a alma e a inteligência, tal outra o tempo crítico, e do mesmo modo para cada uma das outras determinações); como eles viam, além disso, que os números exprimem as propriedades e as proporções musicais; como, enfim, todas as coisas lhes pareciam, na sua inteira natureza, ser formadas à semelhança dos números e que os números pareciam ser as realidades primordiais do Universo, consideram que os princípios dos números eram os elementos de todos os seres e que o Céu inteiro é harmonia e número".

Os seguidores da escola deviam guardar o maior segredo dos ensinamentos que recebiam por transmissão oral e nada escreveram sobre a doutrina. É o que diz Plutarco, na vida de Numa Pompilius:

"...diz-se que os pitagóricos não queriam pôr as suas obras por escrito, nem as suas invenções, mas imprimiam a ciência na memória daqueles que eles reconheciam dignos disso.

E como algumas vezes comunicaram alguns dos seus mais íntimos segredos e das mais escondidas sutilezas da geometria a algum personagem que o não merecia, eles diziam que os deuses por presságios evidentes, ameaçavam vingar este sacrilégio e esta impiedade, com alguma grande e pública calamidade".

Dois séculos depois quando Aristóteles se referiu aos pitagóricos, a escola já se tornara conhecida em todos os seus aspectos místico, político e científico e bastante populares os seus ensinamentos e invenções. Coincidentemente, as crenças e superstições dela oriundas enquadravam-se no antigo conceito de fenômenos folclóricos. Eram tradicionais, anônimos, populares e de transmissão oral.

O admirável é que as tradições dos números são manifestações folclóricas, que se conservam na tradição popular como resquícios de classes cultas, não só da antigüidade como de todas as épocas da civilização.

Cabe aqui transcrever do artigo intitulado **"Contribuição do Folclore ao Ensino da Matemática na Escola Primária"**, da Prof.ª Corina Maria Peixoto Ruiz, na Revista do Ensino, o que diz Ismael Moya:

"O **1** representava, na antigüidade, a força criadora, a harmonia e o mistério do universo. Era o deus dos números.

O **2** separava as coisas materiais; representava a justiça.

O **3** era o símbolo da unidade e da dualidade: era a trindade divina. A sua imagem é o triângulo. É a trindade dos cristãos que se reúne em um só Deus.

O **4** era mágico para os alto-peruanos, pré-colombianos e araucanos. Para Hesíodo, sagrado. Os pitagóricos veneravam o 4 e quando formulavam um juramento, faziam-no pelo 4.

O **5** era nefasto para Hesíodo, porém, para outros, era o número nupcial porque se constituía por números femininos e masculinos.

O **6** representava a natureza com os pontos cardeais, o nadir e o zênite. Era o signo da perfeição.

O **7** consagrado à Minerva, na Grécia. Outros consideravam-no como símbolo da esterilidade. O sétimo dia era sagrado para Hesíodo. Sete foram as palavras que Jesus disse na Cruz, sete os pecados capitais, sete são os dias da semana, sete os arcanjos e sete as dores de Maria.

O **8** segundo Hesíodo, favorecia todos os trabalhos do homem. Era o símbolo da igualdade humana.

O **9** correspondia às Musas. No Oriente era o emblema das forças criadoras. Os gregos ligavam-no a Marte. Era propício ao trabalho. Na França os bailarinos dão 9 voltas porque dizem que assim asseguram a felicidade. Nove foram os heróis de Nuremberg e 9 as valquírias.

O **10** evocava para os mágicos antigos toda a beleza e perfeição do universo. Para outros, representava a união fraternal porque as mãos que se estreitam têm 10 dedos. Segundo Hesíodo, o décimo dia era propício à geração de varões.

O **11** para Hesíodo era favorável: nesse dia o campeão podia tosquiar as ovelhas.

O **12** representava os signos do Zodíaco e segundo Hesíodo era propício ao corte das espigas. Uma superstição grega dizia: um menino de 12 anos não deveria sentar-se sobre túmulos, seria, no futuro, um homem fraco.

O **13** entre os judeus foi objeto de veneração e o anúncio de venturas, ao contrário do que acontece no mundo cristão: sentando-se 13 à mesa, um morrerá; ter somente 13 cruzeiros, é o sinal de ruína; viajar no dia 13, desastres.

O **14** era sagrado e fundo divino para os alto-peruanos. Na Grécia era propício à geração de mulheres.

O PODER DOS NÚMEROS

O **15** era nefasto e o **16** era indicado para o casamento de mulheres, mas não favorável aos varões".

Nesse ponto, somos obrigados a concordar com **Laura Della Mônica** quando afirma que: "há muito mais de universal do que de nacional nos usos populares". Mas para nossos pendores nacionalistas foi uma decepção saber que o "gesto de dar banana" é uma herança européia...

— **III** —

A espontaneidade e a aceitação popular sendo as características principais do fato folclórico, o vasto campo que se abre oferece amplas "perspectivas ao pensamento criador". Ainda mais num país como o nosso onde usos, costumes, crendices, superstições e outras manifestações folclóricas não se cristalizaram em formas perenes. Assim, os gêneros folclóricos envolvem toda a vida popular e em muitos os números se impõem como uma necessidade inarredável.

Está nesse caso o seu emprego com expressões como: "Nem 8, nem 80", com a significação de "nem tanto, nem tão pouco".

Inúmeros exemplos podem ser colhidos entre as inscrições de veículos ("letreiros de caminhões"). Ainda recentemente lemos num "Jeep", uma que merece ser citada pela sua originalidade:

"100 — 10 — tino"

"Quando terminávamos o curso secundário, esteve em moda um tipo especial de "pega" ou "laço", que é como Machado de Assis denominava as brincadeiras de "1.º de abril". Fazia-se uma pergunta e diante da negativa do interlocutor, dava-se a resposta surpreendente como por exemplo:

— Você sabe o que o prego disse ao martelo?

— Não. (É sempre a resposta de quem não conhece o pega)

— Pare de me bater na cabeça...

Dois "pegas" semelhantes que envolvem números ainda guardo nos escaninhos da memória:

I) - Você sabe o que o 111 disse ao 1?

- Não.

- Entre na fila...

II) - Você sabe o que o 8 disse ao ∞ (infinito)?

- Não.

- Levante "vagabundo".

Outro pega conhecido:

- Você que sabe Português me responda: 6 e 7 é ou são 14?

No artigo de **Corina Maria Peixoto Ruiz**, citada linhas atrás, há inúmeros exemplos que poderiam ser aqui transcritos. Pena é que a exigüidade de tempo e o espaço com que contamos exijam uma seleção rigorosa que não nos permita também fazer acompanhar as transcrições dos comentários da autora:

a) Estórias: a articulista enumera várias que se prestam ao ensino da matemática.

b) Trovas:

Quem quiser vender eu compro
Um limão por **um** tostão
Para tirar **uma** nódoa
No meu triste coração.
("Folclore de Alagoas", de Sales Cunha)

Mancebo casai comigo
Sou fiandeira da roça
Sete semanas e **meia**
Fio meia maçaroca.
(Contos Populares do Brasil, de Sílvio Romero).

Todo homem quando embarca
Deve rezar **uma** vez
Quando vai à guerra, **duas**
E, quando se casa, **três**.
("Estudos Gauchescos", de Silvio Júlio)

Me chamou de **quatro**-paus
Quatro-paus não quero ser
Quatro-paus padece muito
Eu não quero padecer!
("Tradições Populares", de Amadeu Amaral)

Fui pedir a São Gonçalo
Que me fizesse casar
Dez noivos apareceram
Nove deles fiz voltar.
("Migalhas Folclóricas", de Mariza Lira)

c) Rimas Infantis (parlendas)

Dedo minguinho
Seu vizinho
Pai de todos
Fura-bolo
Mata-piolho.

Este diz que não quer comer
Este diz que não tem de quê
Este diz que não vai roubar
Este diz que não vá lá
Este diz que Deus dará.
(Os dedos da mão: **números de 1 a 5**)

Um, dois - feijão com arroz
Três, quatro - feijão no prato
Cinco, seis - feijão pra nós **três**
Sete, oito - feijão com biscoito
Nove, dez - feijão com pastéis.
(**Números de 1 a 10**)

E acrescentamos estas outras:

d) EPITÁFIO

Eu que nunca **um** só momento
Senti paixão pelo ouro,
Hoje, por causa da morte,
Guardo enterrado **um** tesouro.
(do filho à mãe).

e) FÓRMULAS DE ESCOLHA
Brinquedos de contagem

- Você tem **uma** bonequinha?
- Tenho.
- Ela é engraçadinha?
- É.
- Quantas bonequinhas você tem?
- **Quatro.**
- **Uma, duas, três, quatro**, cara de macaco.

- **Uma, duas** angolinhas
Finca o pé na pompolinha
O rapaz que o jogo faz
Faz o jogo do capão
Corre já Mané João
Que lá vai um beliscão.

Une, dune, trê
Salamê mingüê
O sorvete colorê
Une, dune, trê.

f) FÓRMULA DE JOGAR BOLA (AO AR OU NA PAREDE)

Ordem , seu lugar,
Sem rir, sem falar,
Um pé a outro,
Uma mão a outra
Bate palma, piruetas
De trás pra frente,
Bate quedas.

g) FÓRMULA DE TERMINAR ESTÓRIAS

Entrou por **uma** perna de pato,
Saiu na perna de **um** pinto,
O Rei Sinhô me "mandô"
Que vos contasse mais **cinco**!
(Rio e São Paulo).

h) FÓRMULAS DE VENDER FIADO

- Fiado só para maiores de **100** anos

acompanhados dos pais.

Macaco é **dezessete**
Vinte e quatro é veado.
Nem que chova canivete,
Eu não vendo mais fiado.

i) LEMAS DE PÁRA-CHOQUE DE CAMINHÕES

"Estou rezando **1/3** para achar **1/2** de levar você a **1/4**.
(YP-9761)

"Adeus: **cinco** letras que me fazem sofrer".

"Relembrar o passado é sofrer **duas** vezes".

"**Seis** pneus cheios e **um** coração vazio".

j) MEDICINA TEOLÓGICA BENZIMENTO PARA CURAR BICHEIRA DE ANIMAIS

Ao entardecer, quase à hora do ocaso, o benzedor, com **três** palhas secas de milho, apresenta-as ao sol, fazendo o sinal da cruz. Depois volta as costas para o sol, ficando a uma pequena distância do animal afetado, dizendo em voz alta, o ensalmo, enquanto faz cruzes no ar, com as palhas:

"Bichos malvados, bichos famintos, saem deste animal, deixem de maldade, em nome de Deus e da Santíssima Trindade. Caiam de **dez** em **dez**, de **nove** em **nove**, de **oito** em **oito**, de **sete** em **sete**, de **seis** em **seis**, de **cinco** em **cinco**, de **quatro** em **quatro**, de **três** em **três**, de **dois** em **dois**, de **um** em **um**, até que não fique nenhum. (Avemaria e Pai-nosso)."

Nota: As **três** palhas de milho serão queimadas.

Benzedeira: D. Lucinda Batista de Carvalho, 68 anos (1971), residente no distrito de Ribeiro dos Santos, Olímpia. Coletado pelo Prof. José Sant'anna.

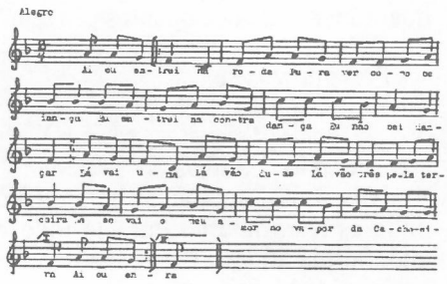
1) TRAVALÍNGUAS

Um tigre, **dois** tigres, **três** tigres.

- **Um** ninho de tico-tico
  Com **cinco** tico-tiquinhos,
  Quem tirar **um** tico-tico
  Bom descoticotizador será.

m) MÚSICAS

CANTIGA DE RODA
AI, EU ENTREI NA RODA



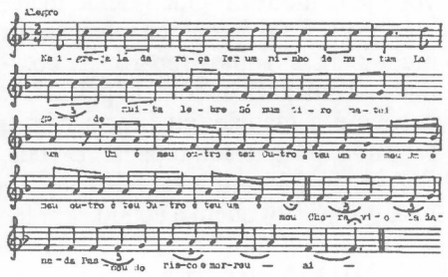
Ai! Eu entrei na roda
Para ver como se dança
Eu entrei na contradança
Eu não sei dançar.

Lá vai **uma**, lá vão **duas**,
Lá vão **três** pela **terceira**
Lá se vai o meu amor
No vapor da Cachoeira.

(Circunferência e círculo, linha curva)

MODA DE VIOLA - CATIRA

MATANÇA DE LEBRES



1 - Na igreja lá da roça
Tem **um** ninho de mutum,
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **um**
Um é meu, outro é teu,
Outro é teu, **um** é meu.
Um é meu, outro é teu,
Outro é teu, **um** é meu.
Chora viola danada,
Passou do risco e morreu, ai.

2 - Terra nova é muito boa
Para plantação de arroz,
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **dois**.
Dois é meu, **dois** é teu,
Dois é teu, **dois** é meu,
Um é meu, outro é teu,
Outro é teu, **um** é meu.
Chora viola danada,
Passou do risco e morreu, ai.

3 - A minha galinha nova
Não põe ovo sem indez
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **três**.
Três é meu...

4 - Já cantei muitas modinhas
No cinema e no teatro,
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **quatro**.
Quatro é meu ...

5 - Qualquer mocinha de hoje
Na orelha tem seu brinco,
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **cinco.**
Cinco é meu ...

6 - No Brasil tem estrangeiros,
Italiano e português,
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **seis.**
Seis é meu ...

7 - Eu não gosto de pessoa
Que não cumpre o que promete,
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **sete.**
Sete é meu ...

8 - Eu passei na padaria
Tomei café com biscoito,
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **oito.**
Oito é meu ...

9 - A viola me distrai,
Cantar é que me comove,
Lagoa de muita lebre,
Só num tiro matei **nove.**
Nove é meu ...

10 - Tenho uma espingarda nova,
Paguei **um** conto de réis,
Lagoa de muita lebre
Só num tiro matei **dez.**
Dez é meu, **dez** é teu,
Dez é teu, **dez** é meu,
Nove é meu, **nove** é teu,
Nove é teu, **nove** é meu.
Oito é meu, **oito** é teu,
Oito é teu, **oito** é meu.
Sete é meu, **sete** é teu,
Sete é teu, **sete** é meu.
Seis é meu, **seis** é teu,
Seis é teu, **seis** é meu.
Cinco é meu, **cinco** é teu,
Cinco é teu, **cinco** é meu.
Quatro é meu, **quatro** é teu,
Quatro é teu, **quatro** é meu.
Três é meu, **três** é teu,
Três é teu, **três** é meu.
Dois é meu, **dois** é teu,
Dois é teu, **dois** é meu.
Um é meu, outro é teu,
Outro é teu, **um** é meu.

O PODER DOS NÚMEROS

Chora viola danada,
Passou do risco e morreu, ai.
(Números de 1 a 10 - ordem decrescente).

Recolhida por José Sant'anna, em 1957, sendo informante o Sr. Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato).

NOTA:
Moda de viola cantada pelo grupo de catireiros "Os Galisés", composto por membros da família Miranda, de Olímpia, grupo desfeito na década de 1950.

Galisé, forma popular de **garnisé** (galo músico), denominação dada a certos galos que cantam de maneira particular, diferente do canto comum dessas aves.

O povo diz **galisé**, termo que não está dicionarizado, e o aplica a galo de tamanho pequeno, da raça nanica. Em sentido figurado quer dizer homem pequeno, ou homem pequeno e briguento.

n) ANEDOTAS

1 - O meu pé é número **40,** mas eu me sinto tão bem com calçado número **41** que estou quase comprando um **42.**

2 - Você não tem vergonha, meu filho? Estuda há **2** anos, e só sabe contar até **10!** Que você espera ser na vida?
- Juiz de luta de boxe...

3 - Que quer dizer esta fórmula: H **dois** S O **quatro?**
- Eu...eu...tenho aqui na ponta da língua...
- Então cuspa depressa! É ácido sulfúrico e queima sua boca.

4 - **Pai e filho**:
- Vejo que dos **20** alunos da sua classe você é o último.
- Não tenho a culpa de que na minha classe só há **20** alunos. Talvez se houvesse mais **um,** estivesse depois de mim...

5 - Que horas são?
- Faltam **vinte.**
- **Vinte** para quanto?
- Não sei, porque meu relógio só tem o ponteiro dos minutos.

6 - Vamos, Pedrinho: se eu dividir uma folha de papel em **quatro** partes, que é que obtenho?
Quatro quartos.
- Muito bem! E se dividir a folha em **oito?**
- Oito oitavos.
- Perfeitamente! E se dividir em **100?**
- Obtém...papel picado.

7 - Quantas patas tem o cavalo?
- Quatro.
- Muito bem! Logo o cavalo é um quadrúpede! E você quantos pés tem?
- Dois.
- Portanto você é...
- Paulo Antônio.

8 - As **três** coxinhas
- Nas férias, ao chegar do Colégio onde estivera interno durante todo o ano, Sérgio andava à espreita de uma oportunidade para mostrar aos pais quanta coisa por lá aprendeu.

Ao jantar, chegou-lhe, enfim o ensejo. Papai e mamãe iam ficar deslumbrados com a sua sapiência.

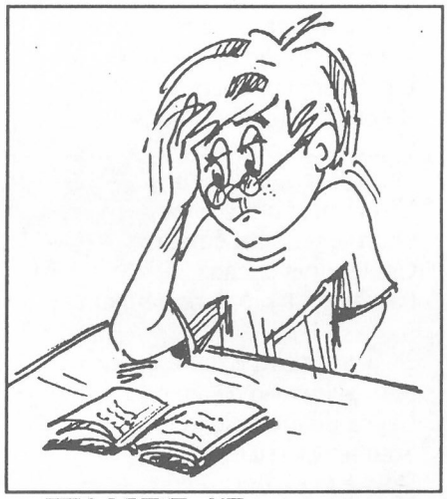
- Papai, aí nesse prato, à sua frente, quantas coxinhas pensa o senhor ver? **Duas**, não é assim?

- Nem mais nem menos, respondeu o pai.

- Pois eu vou provar ao senhor que são **três.** Aqui está **uma**, aqui estão **duas. Duas** mais **uma** são três. Logo, há **três** coxinhas no prato.

- Mas onde eu estava com os meus olhos?! Perfeitamente. São **três** coxinhas. Vejo-as agora. Com que clareza você já demonstra! Que grande matemático você vai dar! Você merece uma recompensa. Vamos repartir as coxinhas. Tonica fica com a **primeira,** porque é a mamãe; eu ficarei com a **segunda,** porque sou o papai. E você, Sérgio, ficará com a **terceira** inteirinha, porque foi quem a achou.

o) ADIVINHAÇÕES



As adivinhas exigem muito raciocínio. Têm a vantagem de exercitar e estimular o cérebro. Algumas são difíceis de decifrar. O participante tem que queimar as pestanas, mas servem para uma grande recreação mental, pois propõem a decifração de enigmas.

1 - Somos **dez** irmãos e **um** só usa chapéu.
- O dedal e os dedos.

2 - Era uma boiada de **100** bois, no caminho morreram **40.** Quantos ficaram?
- Os 40 que morreram.

3 - O que é , o que é: Cai em pé e corre deitado.
- Chuva (Linha vertical).

4 - Um trem elétrico corre a **125** Km por hora. O vento sopra do oeste. Para que lado vai a fumaça?
- Trem elétrico não faz fumaça.

5 - Uma bola bem feita
De bom parecer
Não há carapina
Que saiba fazer.
- Lua (noção de esfera).

6 - Na metade de uma careca há **1586** fios de cabelo. Quantos fios de cabelo há na careca toda.
- Nenhum.

7 - **Dois** pedreiros construíram uma casa em **8** dias. Em quantos dias **4** pedreiros construirão a mesma casa?
- Em nenhum dia. A casa já está construída.

8 - Qual a metade de **2**, mais **2?**
- Três.

9 - Qual o estado brasileiro que se escreve com **10** letras diferentes?
- Pernambuco.

10 - São **dois** irmãos: **um** vai e outro vem. Quase se tocam quando se encontram. Se **um** parar, o outro pára também. Quem são eles?
- Os pés.

11 - Um caixote pesa **8** quilos. De que deverei enchê-lo para pesar apenas **4** quilos?
- De buracos.

12 - Como se escreve feijão com farinha com apenas **4** letras?
- Tutu.

13 - Soletre "água dura" só com **4** letras.
- Gelo.

14 - Como você pode comer **um** ovo sem quebrar a casca?
- Pedindo a outra pessoa para quebrá-la.

15 - O que é que a **um** metro de altura tem um nome e no chão tem outro?
- Chuva (água).

16 - **Um** ovo de pato colocado numa ladeira, rola ou fica parado?
- Pato não põe ovos.

17 - Qual é o país que se tirarmos **2** letras vira alimento?
- Japão.

18 - Onde **4** vale mais do que **7?**
- No jogo de truque (truco).

O PODER DOS NÚMEROS

19 - Numa estrada molhada seguem **13** vacas. O que, obrigatoriamente, elas vão deixando para trás?
- Os rastros.

20 - Quando **4** gatos menos **1** somam **5?**
- Em algarismos romanos: IV - I = V.

21 - O que é que pesa mais: **1** quilo de chumbo ou **1** quilo de algodão?
- O peso é o mesmo.

22 - O que pesa mais: um boi de **20** arrobas ou **1** boi de **300** quilogramas?
- Os dois têm o mesmo peso.

23 - Junto a uma árvore estava **1** carneiro amarrado numa corda de **3** metros de comprimento. Um riacho corre a **6** m da árvore, mas mesmo assim o carneiro bebia água normalmente. Como ele podia fazer isso?
- O carneiro estava amarrado à corda e esta não estava presa à árvore.

24 - Havia **dois** pastos. Num estavam **um** boi, **uma** vaca e **um** bezerro, que não tinham comida. E no outro havia muito capim para pastar. Separando-os, havia um rio muito fundo. Como eles passaram?
- Passaram muito mal.

25 - Vacas estão pastando, **uma** diante de **duas, uma** entre **duas, uma** atrás de **duas.** Quantas vacas são?
- Três vacas.

26 - Quando é que **10** e **50** não são **60** e com mais **10** ficam **11?**
- Quando são 10h 50 min.

27 - **Duas** mães e **duas** filhas entraram num restaurante e pediram **4** frangos. Cada **uma** comeu **1** e ainda sobrou **1.** Por quê?
- Porque eram só três pessoas: avó, mãe e filha.

28 - Numa casa moram **6** moças em quartos separados. Elas só podem sair **uma a uma,** mas pela mesma janela. Quem são?
- As balas do revólver.

29 - O que é, o que é: Uma árvore com **12** galhos, cada galho com **30** frutas, cada fruta com **24** sementes.
- Ano, meses e dias.

30 - **Um** é pouco, **2** é bom, **3** é demais, o que são **4** e **5?**
- São nove.

31 - O que a máquina de somar disse para o contador?
- Você pode contar comigo.

32 - O que aparece **uma** vez num minuto e **duas** vezes num momento?
-A letra eme.

33 - O que é, o que é: **Quatro** esteios e uma telha só.
- Tatu.

34 - O que é que tem **quatro** sílabas, mas se escreve com **três** letras?
- Etc.

35 - O que é que eu não tenho, você tem e todos tem **dois.**
- A letra o.

36 - O que é que sozinho já é par?
- O número dois.

37 - Uma sala tem **4** cantos. Cada canto tem **1** gato. Cada gato vê **3** gatos. Quantos gatos são?
- Quatro gatos.

38 - O que é, que é: Quem de **vinte, cinco** tira?
- Ficam quinze.

39 - Quando que **dois** e **dois** não são **quatro?**
- Quando a conta está errada.

40 - **Duas** pessoas estão em pé em uma ponte. **Uma** é o pai do filho da outra pessoa. Que relação há entre elas?
- Marido e mulher.

41 - **Dois** pais e **dois** filhos caçaram **três** capivaras. Mas cada um deles ficou com uma capivara. Como é que pode?
Eram avô, pai e filho.

42 - Qual a palavra de **sete** letras que se tirarmos **cinco** ficam **onze?**
- Abacaxi (Abaca-XI).

43 - O que é que tem **cinco** dedos, mas não tem carne nem osso?
- Luva.

44 - Depois de **trinta** e **nove** dias na arca, o que foi que Noé avistou na mão esquerda?
- Cinco dedos.

45 - Qual a palavra de **sete** letras que se lhe tirarmos **quatro,** fica uma?
- Verruma.

46 - O que tem **oito** pés e canta?
- Um conjunto.

47 - Que número aumenta a metade do seu valor quando fica de cabeça para baixo?
- Seis (6/9)

48 - Quantas vezes **17** pode ser subtraído de **170?**
- Uma só vez, porque qualquer posterior subtração não seria mais de 170, mas de um número menor.

49 - São **três** irmãos: o mais velho já morreu: o do meio existe e o mais moço ainda não nasceu. Quais são?
- Passado, presente e futuro.

50 - Como se tira **100** de **900** e ainda fica com **1000?**
- Em algarismos romanos: de CM retirando C, fica-se com M.

51 - O que destrói tudo com **três** letras?
- Fim.

52 - Qual a canção que se compõe somente com **duas** notas?
- Fado.

53 - Quando que **onze** e **onze** são líquidos?
- Quando formam a palavra XIXI.

54 - São **sete** irmãs, cada uma delas tem **um** irmão. Quantos filhos são ao todo na família?
- Oito.

55 - Onde os gatos entram quando estão com **dois** anos de idade?
- No terceiro ano.

56 - Quando é que **3** mais **2** não são **5?**
- Quando a soma está errada.

57 - O que é visto **duas** vezes no momento, **uma** vez no minuto e nenhuma vez no século?
- A letra eme.

VERSIFICADAS

58 - Mais de **vinte** senhoritas
São mudas quando isoladas,
Mas dizem todas as coisas
Se acaso estão de mãos dadas.
- As letras do alfabeto.

59 - Ao todo são **três** irmãos:
O mais velho já morreu,
O mais novo está conosco
E o caçula não nasceu.
- Passado, presente, futuro.

60 - Numa casinha branca
Sem porta e sem janela,
Moram nela **duas** moças:
Uma branca, outra amarela.
- Ovo.

61 - Por **um** ponto me começam,
Por outro vão me acabar,
O que disser o meu nome,
Só a metade **dirá.**
- Meia.

62 - Sempre começo num ponto,
Num ponto hei de acabar,
Se você disser meu nome,
Só **metade** vai falar.
- Meia.

63 - Não há quem possa negar
Porque é pura verdade:
Quando se diz o seu nome
Diz-se somente a **metade.**
- Meia.

64 - Nós somos **duas** irmãs,
Somos muito parecidas,
Coisa que não seja carne
Não entra em nossas barrigas.
- Meias.

65 - Não se compra **uma** só,
Pois já é determinado,
Mas na verdade se usa
Metade de cada lado.

- Meias.

66 - Eu não gosto de mentira,
Sempre digo a verdade:
Que coisa que é inteira,
Mas tem nome de **metade?**
- Meia de calçar.

67 - Fique pronta pra resposta,
Porém, sem pressa nenhuma:
São apenas **duas** meias
Que juntas não formam **uma.**
- Meias de calçar.

68 - **Uma** meia meio feita,
Outra meia por fazer,
Diga lá, minha senhora,
Quantas meias vêm a ser?
- Meia meia.

69 - **Uma** meia, meia feita,
Outra meia por fazer,
Diga já, ó meu menino,
Quantas meias vêm a ser?
- Uma meia.

70 - Uma meia, meia feita,
Meia meia por fazer,
Contando meia por meia,
Quantas meias há de ter?
- Uma meia e meia.

p) PROVÉRBIOS

Considerados verdades indiscutíveis, os provérbios, independente da comunidade em que são usados, tentam ditar normas de comportamento, baseados em valores socialmente aceitos. Expressam, ainda, sabedorias de nações ou povos, abusando de mecanismos de persuasão. Os provérbios apresentam características especiais, num ritmo melodioso. São usados como uma advertência. Fundamentados em conceitos morais, os provérbios têm origem anterior à linguagem escrita.

A seguir, alguns exemplos de provérbios que enfatizam os números.

PAREMIOLOGIA DOS NÚMEROS

1 - A bom entendedor, **meia** palavra basta.

2 - Abra **um** olho para vender e **dois** para comprar.

3 - A coragem é **meia** batalha vencida.

4 - A justiça tem **sete** mangas e cada manga **sete** unhas.

5 - Alegria de pobre é só **um** dia.

6 - Amor é um vento, vai **um,** vem um **cento.**

7 - Ao que erra perdoa-lhe **uma** vez e não **três.**

8 - Aos **trinta** anos, quem não é tolo, é médico.

9 - Aos **vinte** anos cabeça oca, aos **trinta** riqueza pouca.

10 - A **primeira** pancada é que mata a cobra.

11 - A quem Deus promete vintém não dá **dez** réis.

12 - A raposa tem **sete** manhas e a mulher tem a manha de **sete** raposas.

13 - Até aos **quarenta** bem eu passo, dos **quarenta** em diante, ai minha perna, ai meu braço.

14 - Até os **vinte** evita a mulher, depois dos **quarenta** foge dela.

15 - A **um** ruim, ruim e **meio.**

16 - A vida da gente dá **sete** voltas.

17 - **Cem** filhos que uma mãe tiver, não tem nenhum para a morte.

18 - Cesteiro que faz **um** cesto, faz um **cento.**

19 - Corda de **três** tentos, **três** tranços.

20 - De dinheiro, de juízo e de virtude, não acredites senão a **quarta** parte.

21 - De dinheiro e santidade, a **metade** da **metade.**

22 - Deixa correr **trinta** dias por **um** mês.

23 - De médico e de louco todos nós temos **um** pouco.

24 - De pau em pau se constrói **uma** canoa.

25 - De um gosto **mil** desgostos.

26 - Deus te dê em **dobro** o que me desejas.

27 - **Dois** bicudos não se beijam.

28 - **Dois** como chouriço e macela.

29 - **Dois** meninos nunca que dá certo, fazem arte.

30 - **Dois** proveitos não cabem num saco só.

31 - **Dois** tatus machos não moram no mesmo buraco.

32 - Dor de barriga não dá **uma** só vez.

33 - **Doze** galinhas e **um** galo comem tanto como **um** cavalo.

34 - **Duas** mudanças equivalem a **um** roubo, **três** a **um** incêndio, **quatro** a uma devastação.

35 - **Duas** vezes é perdido o que ao ingrato é concedido.

36 - **Duzentas** galinhas e **um** galo comem como **um** cavalo.

37 - É **duas** vezes tolo o que faz o mal e o apregoa.

38 - Em **cem** projetos de rico, **noventa** são para ficar mais rico.

39 - É melhor ser dono de **uma** moeda que escravo de **duas.**

40 - É melhor ficar vermelha **cinco** minutos do que ficar amarela para sempre.

41 - Em terra de cego quem tem **um** olho é rei.

42 - Engolir **um** boi e engasgar-se com **um** mosquito.

43 - Entrar por **um** ouvido e sair por outro.

44 - Entre a honra e o dinheiro, o **segundo** é o **primeiro.**

45 - Éramos **trinta** e ainda pariu minha avó.

46 - Escute **cem** vezes e fale **uma** só.

47 - Está tudo acabado entre nós **dois.**

48 - Farinha pouca, meu pirão **primeiro.**

49 - Fazer com **um** pé **dois** rastros.

50 - Filho criado, trabalho **dobrado.**

51 - Flor de angico verdadeiro dura **seis** meses no pé.

52 - Gato que corre atrás de **dois** ratos, fica sem nenhum.

53 - Guerra e amores, por **um** prazer, **cem** dores.

54 - Há **duas** coisas que matam: vento pelas costas e sogra pela frente.

55 - Há **mil** modos de morrer e **um** só de nascer.

56 - Há só **duas** famílias no mundo: a dos que têm e a dos que não têm.

57 - Há **um** ano que lhe mordeu o sapo, agora que ele vem com inchaço.

58- Homem avisado vale por **três.**

59 - Ladrão que rouba ladrão, tem **cem** anos de perdão.

60 - Lua fora, lua posta, um **quarto** de maré na costa, preamar nas cabeceiras.

61 - Lua nova trovejada, **três** dias de molhada, se um **quarto** continua, chove por toda lua.

62 - Mais puxa **um** fio de bondade do que **cem** juntas de bois.

63 - Mais vale **uma** hora de sábio que a vida inteira de tolo.

64 - Mais vale **um** gosto que **cem mil** cruzeiros nos bolsos.

65 - Mais vale **um** gosto que **quatro** vinténs.

O PODER DOS NÚMEROS

66 - Mais vale **um** gosto que **três** vinténs no bolso.

67 - Mais vale **um** na mão, que **dois** no ar.

68 - Mais vale **um** pássaro na mão que **dois** voando.

69 - Mais vale **um** toma que **dois** te darei.

70 - Melhor é **um** pão com Deus que **dois** com o diabo.

71 - Meter-se em camisa de **onze** varas.

72 - Morte de homem é **uma** só.

73 - Muito fraco é o carreirista que tem **um** cavalo só.

74 - Mulher que a **dois** ama, ambos engana.

75 - Mulher só faz tudo, **duas** fazem pouco e **três,** nada.

76 - Mulheres, mulas e muletas, todas se escrevem com as **primeiras três** letras.

77 - Nada como **um** dia atrás do outro.

78 - Na luta vence quem dá o **primeiro** tirão.

79 - Na **primeira** vez quem quer cai, na **segunda** cai quem quer, na **terceira** quem é otário.

80 - Não amansar com **duas** montadas.

81 - Não é mais besta porque é **um** só.

82- Não há bem que **cem** anos dure, nem mal que a eles ature.

83 - Negro quando pinta, **três** vezes **trinta.**

84 - Ninguém é tão velho que não cuide viver mais **um** ano, nem tão novo que não possa morrer logo.

85 - No mundo há **duas** coisas certas: a morte e as despesas que a acompanha.

86 - O diabo tem **duas** capas.

87 - O mundo não foi feito em **um** só dia.

88 - Onde come **um,** comem **dois.**

89 - Onde há **vinte e quatro** modos de negar, haverá **vinte e cinco** de pedir.

90 - O preguiçoso para não dar **um** passo dá **oito.**

91 - Os **quatro** "p" que sujam a casa: pombo, primo, pato e padre.

92 - Os **segundos** pensamentos são sempre os melhores.

93 - Para o trabalho se chama **duas** ou **três** vezes, para comer **uma** só.

94 - Pense **duas** vezes antes de falar **uma.**

95 - Perdido por **mil,** perdido por **mil e quinhentos.**

96 - Pintar o **sete.**

97 - Por mal não se leva **um** português, por bem levam-se **dois** ou **três.**

98 - Por **um** prazer, **mil** dores.

99 - Quem conta **um** conto, acrescelhe **um** ponto.

100 - Quem rouba **um** ovo, rouba **um** boi.

101 - Porco de **um** ano, cabrito de **um** mês e mulher dos **dezoito** aos **vinte e três.**

102 - **Primeiro** eu, depois eu, e **terceiro** eu mesmo.

103 - Procurar **sete** pés ao carneiro, ou asas ao burro.

104 - Qualquer vício gasta mais que **três** filhos juntos.

105 - Quando Deus fecha **uma** porta, abre logo **duas** janelas.

106 - Quando os **dois** querem e as mães consentem, se passa por debaixo da porta e ninguém sente.

107 - Quando estiveres contrariado, conta-se até **dez** antes de proferir palavras; conta-se até **cem** se estiveres encolerizado.

108 - Quando pobre come frango, um dos **dois** está doente.

109 - Quando **um** não quer, **dois** não brigam.

110 - **Quatro** coisas destroem a justiça: o amor, o ódio, o medo e a ignorância.

111 - Quem aos **vinte** não sabe, aos **trinta** não casa, aos **quarenta** não tem: tarde sabe, tarde casa, tarde tem.

112- Quem dá depressa, dá **duas** vezes.

113 - Quem for infiel **uma** vez, sê-lo-á **duas** ou **três.**

114 - Quem nasce para tostão nunca chega a **cem** mil réis.

115 - Quem nasce pra ser **dez** réis, não chega a tostão.

116 - Quem se veste de ruim pano, veste-se **duas** vezes por ano.

117 - Quem sua vida complica, seus cuidados **multiplica.**

118 - Quem tem **dois,** tem **um,** quem não tem **um** não tem nenhum.

119 - Sair com **uma** quente e **três** fervendo.

120 - São necessárias muitas mentiras para sustentar **uma.**

121 - Segredo de **dois,** segredo de Deus; segredo de **três,** segredo de todos.

122 - Segredo entre **três** só matando **dois.**

123 - Segredo é para **quatro** paredes.

124 - **Sete** ofícios, **catorze** desgraças.

125 - Só o tolo cai **duas** vezes no mesmo conto-do-vigário.

126 - Só uma porta a vida tem, enquanto a morte tem **cem.**

127 - **Três** coisas destroem um homem: muito falar e pouco saber, muito gastar e pouco ter, muito presumir e pouco valer.

128 - **Três** coisas mudam o homem: a mulher, o estudo e o vinho.

129 - **Três** homens não sofrem neste mundo: o homem soberbo, velho namorado e rico mentiroso.

130 - Três inimigos têm o segredo: Baco, Vênus e o interesse: o **primeiro** descobre, o **segundo** vende, o **terceiro** arrasta.

131 - **Uma** andorinha só não faz verão.

132 - **Uma** ovelha desgarrada põe o rebanho todo a perder-se.

133 - **Um** pai é para **dez** filhos, **dez** filhos não são para **um** pai.

134 - **Um** é pouco, **dois** é bom, **três** é demais.

135 - **Um** grão não enche o celeiro, mas ajuda ao companheiro.

136 - **Um** homem prevenido vale por **dois.**

137 - **Um** palmo de preguiça acrescenta **dez** de dano.

138 - **Um** riso satisfeito vale mais que **cem** gemidos.

139 - Vaca de pataca, boi de **mil** réis.

140 - Vale mais **uma** hora de ciência do que **cem** de ignorância.

141 - Você quer me dizer tudo
Fala tanto, até se agasta,
Para bom entendedor
Só **meia** palavra basta.

q) QUADRINHAS FOLCLÓRICAS

As tradições do número com seus pitorescos pormenores atenuam uma aula árida. No folclore da metemática surgem muits atividades: as trovas, por exemplo, que suavizam uma aula, dando prazer e instruindo. Na escola, porém, o professor deve ter o cuidado de excluir as que são prejudiciais à formação do educando, sobretudo quando apresentam erros lingüísticos.

O folclorista José Sant'anna, da Comissão de Folclore de Olímpia, assim se expressou: "O Folclore nos revela os valores e a importância das manifestações populares, quer materiais quer espirituais, do passado, do presente e do futuro, naturalmente. Mostra-nos, também, seu lado não-aproveitável, o qual deve ser afastado do plano educacional."

Eis algumas quadrinhas que empregam números:

1 - Faz **um** ano e **quinze** dias,
Um minuto e **meia** hora,
Dei um tapa num valente
Tá rolando até agora.

O PODER DOS NÚMEROS

2 - Eu tenho **um** belo vestido
De **vinte e cinco** babados
Cada vez que saio co'ele
Arrumo **dez** namorados.

3 - Mandei fazer **um** sobrado
De **vinte e cinco** janelas
Pra botar uma menina
Que ando co'o sentido nela.

4 - Mandei fazer **um** palácio
De **vinte e cinco** janelas
Para pôr minhas saudades,
Já não agüento mais elas.

5 - Mandei fazer **um** castelo
Com **vinte e cinco** janelas;
Nos dias que não te vejo,
Não abro nenhuma delas.

6 - Lá em cima daquele morro
Tem **um** ninho de angola.
Há **um** mês e **sete** dias
Meu amor não joga bola.

7 - A lua mandou ao sol
Uma fita e **dois** lencinhos,
Eu mando para você
Um abraço e **dois** beijinhos.

8 - Há **dois** amores na vida
Que prezo com muito ardor:
Primeiro o amor de mãe,
Depois o amor do amor.

9 - Tenho **dois** anéis no dedo
Um de ouro, outro de prata;
Na cidade de Olímpia
Tem **um** moço que me mata.

10 - Lamparina de **dois** bicos
Que alumia **dois** salões,
Eu não vivo para amar
Quem ama **dois** corações.

11 - No mundo não há **dois** céus,
No céu não há **dois** senhores,
Quem não tem **dois** corações,
Não pode ter **dois** amores.

12 - Coração que ama a **dois**
Também pode amar **três,**
Amando de **um** em **um,**
Cada qual tem sua vez.

13 - Para entender a vida,
Há **dois** livros soberanos:
Um trata de ilusões
E o outro de desenganos.

14 - Em cima daquele morro
Tenho **dois** pilões de vidro;
Um bate, o outro responde:
Meu bem está mal comigo.

15 - Nada é mais triste no mundo
Mais triste de suportar:
Dois corações que se adoram
Um partir, outro ficar.

16 - Da limeira nasce a lima,
Da semente que ela tem,
Não pode haver desavença
De **dois** que se querem bem.

17 - Lá em cima daquele morro
Pinga ouro e pinga prata,
Na cidade de Olímpia
Tem **dois** olhos que me mata.

18 - Eu queria descobrir
O autor das invenções,
Ao inventor da saudade,
Daria **dois** corações.

19 - A pinga veio da cana,
A cana veio da roça,
Homem com **duas** mulheres
Uma é dele, outra é nossa.

20 - Faz **três** dias que eu não como,
Faz **quatro** que não almoço,
Por falta dos teus carinhos,
Quero comer, mas não posso.

21 - Faz **três** noites que eu não durmo,
Levo vida amarela,
Vou vender a minha cama
Por não precisar mais dela.

22 - Há **três** coisas neste mundo
Que não se deve aceitar:
Nota falsa, pé-de-ouvido,
Filho alheio pra criar.

23 - Lá no céu tem só **três** pedras,
Todas **três** encarrilhadas;
Uma é minha, outra é sua,
Outra é da namorada.

24 - Menina do vestido branco,
Três carreiras de botão,
Menina pra ser bonita
Não precisa de batão.

25 - Homem que bebe e joga,
Mulher que errou **uma** vez,
Cachorro que pega bode,
Coitadinhos deles **três.**

26 - Homem de fala fina
Ou homem muito cortês,
A mulher de fala grossa
Deus me livre deles **três.**

27 - **Quatro** com **cinco** são **nove,**
Para **doze**, faltam **três.**
Se te faltei esses dias
Aqui me tens outra vez.

28 - Me chamam de **quatro**-paus
Quatro-paus não devo ser,
Quatro-paus sofre demais,
E eu não devo padecer.

29 - Meu amor me deu **um** lenço
Com **quatro** pontas iguais,
No meio estava escrito:
Eu já não te quero mais.

30 -Os meus olhos mais os teus
Os **quatro** amam a alguém:
Os meus só amam os teus
E os teus não sei a quem.

31 - O home para sê home
Tem **quatro** coisa a sabê:
Jogá e tocá viola,
Robá moça e sabê lê.

32 - Meu anel tem **cinco** pedras,
Mas poderia ter **seis,**
Um amor que já foi meu
Pode ser meu outra vez.

33 - **Sete** vezes eu te vi,
Sete vezes eu te olhei,
Sete vezes eu sofri,
Sete vezes eu chorei.

34 - **Sete** livros a rezar,
Sete anjos a cantar,
Quer de dia, quer de noite,
Enquanto eu não me deitar.

35 - **Sete** e **sete** são **catorze**
E mais **sete, vinte e um;**
Todo dia morre gente,
Mas no céu não tem nem **um.**

36 - **Sete** e **sete** são **catorze**
Com mais **sete, vinte e um;**
Tenho **sete** namorados,
Mas não caso com nenhum.

Variantes:

Sete e **sete** são **catorze**
Com mais **sete, vinte e um;**
Tenho **sete** namorados
Mas eu amo é só **um.**

Sete e **sete** são catorze,
Três vezes **sete, vinte e um;**
Tenho **sete** namorados,
Só posso casar com **um.**

Sete e **sete** são **catorze,**
Com mais **sete, vinte e um;**
Tenho **sete** namorados,
Só faço caso de **um.**

O PODER DOS NÚMEROS

Sete e sete são **quatorze,**
Com mais **sete, vinte e um;**
Tenho **vinte e um** namorados,
Faço conta só de **um.**

Sete e **sete** são **catorze,**
Três vezes **sete, vinte e um;**
Tenho **sete** gamadinhos,
Não me caso com nenhum.

Sete e **sete** são **catorze**
Três vezes **sete, vinte e um;**
Tenho **sete** amor no mundo,
Mas não quero bem nenhum.

Sete e sete são **catorze,**
Três vez **sete, vinte e um;**
Tenho **sete** amor no mundo,
Só tenho paixão por **um.**

Sete e **sete** são **catorze**
Com mais **sete, vinte e um;**
Tenho muitos que me querem,
Mas eu gosto só de **um.**

37 - **Sete** cravos, **sete** rosas
Formam lindo ramalhete;
Meu benzinho está no meio,
Servindo de alfinete.

Variante:

Sete cravos, **sete** rosas,
Formando um ramalhete,
Meu amor está no meio,
Servindo de alfinete.

38 - Dia **sete** de setembro
Eu peguei a sua mão,
Quando foi no dia **oito**
Recebi a decisão.

39 - Fui casada **sete** vezes,
Sete homens conheci,
Mas meu segredo de moça,
Eu tenho como nasci.

40 - Com esta são **sete** vezes
Que eu entro nesse salão,
Trago seu nome e lembrança
Dentro do meu coração.

41 - Meu anel de **sete** pedras
Sete pedras ele tem,
Sete anos de atraso
Pra quem namorar meu bem.

42 - Meu anel de **sete** pedras,
Sete pedras ele tem,
Sete anos de cadeia
Para quem roubar meu bem.

43 - Passei a contar estrelas:
Sete, oito, nove, dez,
Quando fui contar a outra,
Caí louco nos teus pés.

44 - Eu entrei em **sete** céu,
Saí em **sete** salão,
Entrei em **sete** escola,
Só aprendi vadiação.

45 - Eu entrei em **sete** salas,
Saí em **sete** salão,
Sentei em **sete** cadeiras,
Pra te amar de coração.

46 - **Treze,** número de azar,
É o número do desgosto,
Principalmente se for,
Sexta-feira, mês de agosto.

47 - O cravo tem **vinte** pétalas,
A rosa tem **dezesseis;**
Ou me queres para sempre,
Ou me esqueças de **uma** vez.

48 - Eu chorei **vinte e um** dias
Vinte noites e **uma** hora,
Fiquei **três** dias sem fala,
Quando meu bem foi embora.

49 - Quisera ver-te querido,
Trinta dias cada mês,
Sete dias na semana;
Cada minuto, uma vez.

Variantes:

Menina eu te quero vê
Trinta dias por um mês,
Cada semana **seis** dias,
Cada dia **duas** vez.

Quem dera que eu te visse
Trinta dias cada mês,
Cada semana **seis** dias,
Cada momento uma vez.

50 - Quando queria te ver
Pulava **trinta** quintais,
Agora pra não te ver
Pulo **quarenta** e até mais.

51 - Judas vendeu Jesus Cristo
Em troca de **trinta** moedas
E você me abandonou
Por uma de minhas colegas.

52 - Começa a vida aos **quarenta,**
Mentira! Não penso assim,
Os **cinqüenta** logo chegam,
Eis o começo do fim.

53 - Contei **sessenta** estrelas,
Só do norte não contei.
No meio de tantos olhos,
Pelos seus me apaixonei.

54 - A mocidade é a rosa
Nossa vida, a roseira,
Deus nos amarra à **segunda**
E o tempo tira a **primeira.**

55 - Aprendi na **Matemática**
Que A está para B,
Mas na vida aprendi
Para amar sempre você.

56 - Eu sei ler, sei escrever
Sei **somar,** sei **dividir;**
Só a conta dos teus olhos
Eu não posso conseguir.

Variantes:

Sei ler e sei escrever
Sei **somar** e **dividir,**
Só o segredo dos teus olhos
Não consigo repartir.

Sei ler e sei escrever
Sei **somar, diminuir**
Só a graça dos teus olhos
Não aprendo a repartir.

NOTAS

1 - Quadrinhas setessilábicas. O segundo verso rima com o quarto. São trovas.

2 - **Quatorze** - O numeral cardinal **quatorze** tem a forma variante **catorze.**

Em Olímpia é mais empregada a forma **catorze.**

3 - Quadras recolhidas pelo Prof. José Sant'anna com a colaboração de seus alunos do extinto Colégio Olímpia (1955-1963) e os da atual E.E.P.S.G. "Capitão Narciso Bertolino" (1964-1978), estabelecimentos de ensino de Olímpia.

r) MATEMÁTICA MALUCA

Para atestar a paciência e malícia das pessoas, vamos propor as seguintes questões:

Mostrar que 19 - 1 = 20

O PODER DOS NÚMEROS

(Do número 19, em algarismos romanos: XIX, suprime-se o 1 (I) e teremos XX. Logo, 19 - 1 = 20).

2 - **Mostrar que 7 - 5 =11**

(Da palavra ABACAXI, que tem sete letras, elimina-se as 5 primeiras: ~~ABACA~~XI e temos por resultado, em algarismos romanos: XI (11). Logo, 7 - 5 = 11).

3 - **Mostrar que 8 - 4 = 8**

(Escrevendo-se a palavra BISCOITO, que tem oito letras, suprimem-se as 4 primeiras letras: ~~BISC~~OITO e temos por resultado OITO. Logo, 8 - 4 = 8).

4 - **Mostrar que 11 = 8 e 18 = 13.**

(Com 11 palitos de fósforo formamos a palavra OITO e, com 17 palitos formamos a palavra TREZE. Logo, 11 = 8 e 18 = 13).

5 - **Mostrar que 12 : 2 = 7 e 9 : 2 = 4.**

(Escreve-se o número 12 em algarismos romanos: XII. Dividindo-se este número pela metade ~~XI~~ conforme a linha pontilhada, ou dobrando-se o papel, temos VII. Logo 12 : 2 = 7. O mesmo se sucede com o número 9 (IX) que sujeito a mesma operação dá 4 (IV). Portanto, 9 : 2 = 4).

E podem ser criadas muitas outras questões.

s) MATEMÁTICA RECREATIVA

1 - O NÚMERO MÁGICO

Escolha um número composto de três algarismos diferentes. Inverta esse número (por exemplo 832, invertido dá 238).

Subtraia agora o número menor do maior (832 menos 238 dá 594).

Inverta este novo número e adicione os dois números (594 mais 495 dá 1089). Você poderá facilmente verificar que, qualquer que seja o número escolhido inicialmente, obterá sempre, ao fazer tais operações, o mesmo número mágico **1089.**

2 - PARA ADIVINHAR A DATA DO NASCIMENTO DE UMA PESSOA

Nem todos gostam que se saiba a data de seu nascimento. Mas a gente pode descobrir... Quer ver?

Peça que a pessoa escreva, ocultamente, o número correspondente ao dia e mês de seu nascimento. Suponhamos que a data seja seis de julho: o número será 67 (6 do 7.º mês).

Mande, agora que ela dobre esse número (que você não conhece) e some 5. Feito o que, mande multiplicar por 50 o resultado obtido. A esse resultado, mande somar os dois últimos algarismos do ano em que a pessoa nasceu.

Pergunte qual o número obtido.

Subtraia, então, você, do número enunciado 250 e o resto representará: o primeiro ou os dois primeiros algarismos, o dia do nascimento, o seguinte ou seguintes, o mês, e os dois últimos, os dois últimos do ano do nascimento.

CONFERÊNCIA: A pessoa nasceu a 6 de julho de 1937. Escreverá, então, 67. Multiplicado por dois dá 134. Somando 5 dá 139. Multiplicando por 50, temos 6950. Somando 37 (dois últimos algarismos do ano de nascimento) dá 6987.

Esse será o número que ela dirá a você.

Você, agora, subtrai 250 e tem 6737 - isto é: 6 - 7 - 37 que corresponde à data do nascimento do amigo.

3 - O VALOR DA PEDRA DE DOMINÓ

Peça a um amigo que escolha ao acaso uma pedra de dominó sem mostrá-la, porém. Peça-lhe, a seguir, que multiplique por 5 os pontos de um dos lados. Ordene-lhe que acrescente 7 ao resultado obtido, multiplique por 2 essa nova soma e acrescente ao resultado o total de pontos do outro lado. Pergunte-lhe então qual o número obtido ao fim dessas operações, e diga-lhe que vai adivinhar qual a pedra do dominó que ele escolheu.

Para isso, você terá apenas de subtrair 14 do resultado das operações. Obterá assim um número que representará o valor dos dois lados do dominó.

Exemplo: Suponhamos que a pedra escolhida seja 3-4. Multiplique por 5 os pontos de um dos lados: 3 vezes 5 é igual a 15. Some 7: 15 mais 7 é igual a 22. Multiplique por 2:22 vezes 2 é igual a 44. Some os pontos do outro lado: 44 mais 4 é igual a 48. Subtraia 14: 48 menos 14 é igual a 34. O valor da pedra escolhida é, pois, 3-4.

4 - UM PASSATEMPO INTERESSANTE

Diz uma pessoa à outra:

- Pense em um número. (Um número pequeno, para facilitar as operações).
- Multiplique por dois.
- Some com **dez**.
- Divida por dois.
- Tire o número que você pensou.
- Resposta: Deu **cinco**.

O resultado será sempre a metade do número que a pessoa mandou somar.

5 - A TABUADA DO 9

Entre as criações curiosas e interessantes, da imaginação popular, está a da tabuada do 9.

Para obter a tabuada do 9 a pessoa inicia, como comumente se faz, escrevendo:

9 × 1
9 × 2
9 × 3
9 × 4
9 × 5
9 × 6
9 × 7
9 × 8
9 × 9
9 × 10

E diz: **eu sei apenas que 9 x 1 é 9 e 9 x 10 é 90,** resultados que devem ser acrescentados à tabela anterior:

9 × 1 = 9
9 × 2
9 × 3
9 × 4
9 × 5
9 × 6
9 × 7
9 × 8
9 × 9
9 × 10 = 90

O passo seguinte consiste em contar quantos produtos da tabuada do 9, a pessoa não sabe e numerando-os de cima para baixo, verifica que são 8 (oito) os produtos que desconhece:

9 × 1 = 9
9 × 2 = 1
9 × 3 = 2
9 × 4 = 3

O PODER DOS NÚMEROS

9 × 5 = 4
9 × 6 = 5
9 × 7 = 6
9 × 8 = 7
9 × 9 = 8
9 × 10 = 90

São 8 (oito) os produtos que a pessoa desconhece.

Paira uma dúvida e a pessoa pergunta: **"Será que contei certo?"** Resta fazer a verificação, o que se realiza numerando os produtos, novamente, porém de baixo para cima, e ao lado dos números da contagem anterior:

9 × 1 = 9
9 × 2 = 18
9 × 3 = 27
9 × 4 = 36
9 × 5 = 45
9 × 6 = 54
9 × 7 = 63
9 × 8 = 72
9 × 9 = 81
9 × 10 = 90

Numerando os produtos de baixo para cima, a pessoa verifica que realmente são 8 (oito) os produtos que ela desconhece.

Assim, a tabuada do 9 (nove) fica completa e com os resultados corretos.

6 - ESCREVER POR NÚMEROS

Na segunda metade do século passado, prevaleceu um entretenimento que consistia em escrever sentenças com números intercalados, formando sentido, pelo menos fonético.

Eis alguns exemplos desses exercícios mais ou menos charadísticos:

1 - O mí-O ou avarento está sempre 10 - contente.
(O mísero ou avarento está sempre descontente).

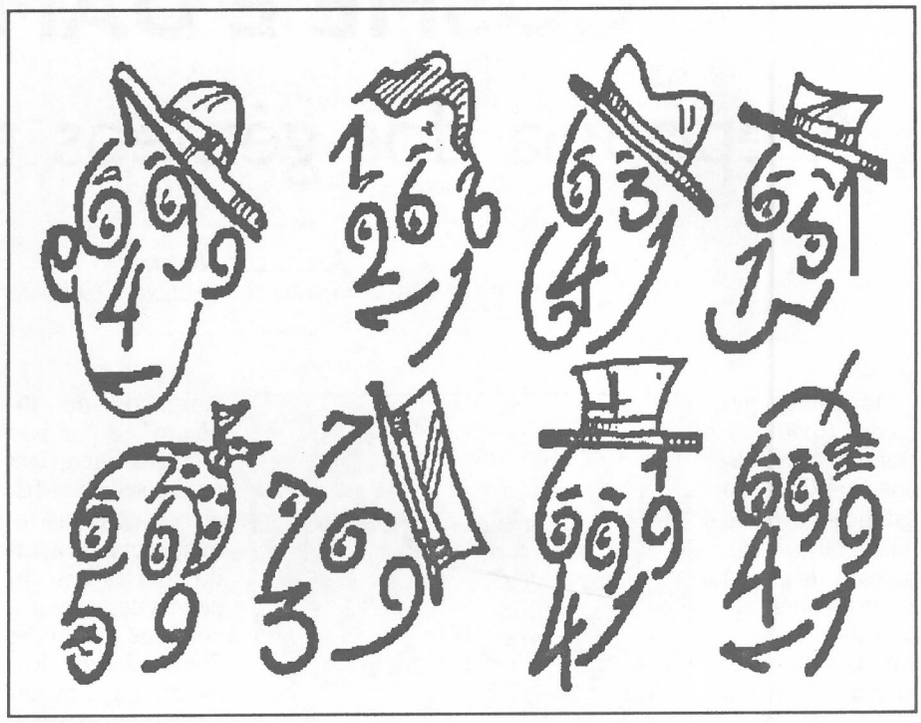
2 - O 10-tino do 9-lo é ser 19-lado.
(O destino do novelo é ser desenovelado).

3 - O 10-engano é o castigo do 7-co.
(O desengano é o castigo do cético).

4 - O intr-8 é o começo da missa e a ladainha é o da 9-na.
(O intróito é o começo da missa e a ladainha é o da novena).

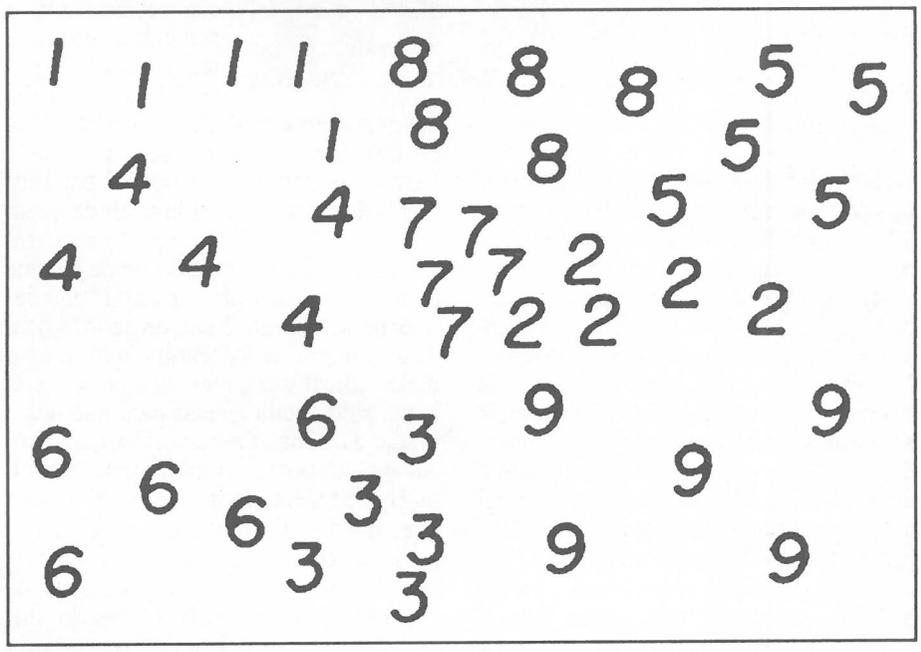
5 - A velha ficou tão 10-esperada que comeu muito bisc-8.
(A velha ficou tão desesperada que comeu muito biscoito).

7 - CARICATURAS
Caras feitas com número



Outras caras poderão ser criadas.
É só ir combinando uns números com os outros.

8 - UM BOM QUEBRA-CABEÇA



Com quatro segmentos de retas, de lado a lado do retângulo, divida-o em nove partes. Cada uma dessas 9 divisões deverá conter um grupo de algarismos determinados, isto é: todos os 1, todos os 2, todos os 3, etc. separados.

Na série de Livros publicados pelo Professor **Melo e Sousa (Matemática Divertida e Diferente, Matemática Divertida e Fabulosa, Matemática Divertida e Maravilhosa),** escritos com a colaboração dos leitores de uma revista carioca, há muito do folclore da Matemática. Muitas outras obras poderiam ser indicadas, mas ficará para outra oportunidade.

Se algum leitor for levado a dedicar-se ao nosso rico folclore, este artigo despretencioso terá servido ao principal propósito com que o escrevemos.

COSME E DAMIÃO

A epopéia dos gêmeos taumaturgos

André Luiz Nakamura
Departamento de Folclore - Olímpia

Os irmãos gêmeos Cosme e Damião, cultuados mártires do catolicismo (e da umbanda), teriam nascido em algum lugar da atual península arábica, em data também incerta, talvez em meados do III século d.C. Ainda que supostamente de origem árabe, ambos descendiam de famílias de formação cristã e foram educados conforme os rígidos padrões da religião católica, que então assim vigoravam.

Crescidos num promissor ambiente, que de certa forma auspiciaria seus muitos e pouco desmentidos feitos, dedicaram-se com esmero ao estudo da medicina, na Síria provavelmente, de onde passaram a exercê-la por boa parte da região hoje chamada Oriente Médio. Nesses entrementes, em meio a outros exímios predicados que viriam a adquirir, desenvolveram em sua personalidade um espírito de portentosa erudição e um caráter de elevada nobreza; estavam a qualquer momento prontos para atender aos que de seus préstimos precisassem. Eram, acima de tudo, extremamente caridosos: saciavam a fome e a sede dos que desses males padeciam à sua volta, tranqüilizavam os aflitos, ensinavam os iletrados, e muito mais.

Com tais precedentes, não tardaria para que fossem glorificados entre a população carente dos lugares que percorreram, considerando-se sobretudo a louvável atitude de praticarem a profissão sem nada pedir em troca, ou mais: recusando, de uma maneira gentil, mas obstinada, qualquer forma de estipêndio ou recompensa. Foram por isso cognominados "anárgiros", ou "sem dinheiro", "inimigos do dinheiro", e por isso também incorriam no crime de lesa-fisco, em contínua reincidência, de acordo com as leis imperiais dessa época, em que o poder dominador de Roma abrangia os territórios em questão.

Sobre essa particularidade que os notabilizou, já se ouviu que somente em uma circunstância teria Damião aceitado o gratifício insistido de uma paciente salva por ele de grave enfermidade, e que isso lhe custou severa represália do irmão Cosme, bastante intransigente em seus ideais de filantropia. Houve ainda quem dissesse que o desentendimento fora bem mais que mera rusga, a ponto de Cosme recusar-se a jazer próximo ao irmão depois de sepultado. Mas, de acordo com essa variante, tudo acabou bem após o mais radical compreender que a oferta havia sido aceita apenas para não desagradar a mulher. Outra versão, mais fantástica, conta que a ruptura pelo mesmo motivo se dera de tal forma definitiva que, quando da morte simultânea das personagens, possíveis testemunhas do conflito estavam prestes a enterrar os corpos separadamente, só sendo impedidas no último instante por um camelo que adquirira voz humana para anunciar a póstuma reconciliação dos gêmeos e assim permitir o sepultamento conjugado.

Afora isso, nada mais houve para abalar o conceito de que Cosme e Damião divergem da consagrada idéia de opostas personalidades entre gêmeos, fartamente explorada pela ficção e até tomada por símbolo em certas práticas esotéricas; a imagem dos dois parece melhor se adequar à noção de que o relacionamento de gêmeos idênticos, depois do supremo amor, é o mais forte vínculo entre seres humanos, tanto no âmbito psíquico como no físico.

Mas voltando de um modo mais linear à saga dos já mencionados protagonistas, existem nas biografias disponíveis impressionáveis relatos segundo os quais nossos heróis teriam realizado maravilhantes prodígios na arte de medicar, salvando de moléstias consideradas incuráveis milhares de vidas que se encontravam à beira da morte, não só de pessoas mas também de animais. Consta ainda de algumas publicações que Cosme e Damião se incluem entre os pioneiros do transplante de órgãos, visto que teriam substituído a perna amputada de um guerreiro vencido pela de um cadáver, obtendo êxito na operação.

Cosme e Damião eram freqüentemente representados em frontispícios de livros médicos. Há um intitulado "Servidor de Albuchasia", editado em Valladolid no ano de 1516. O referido livro contém assuntos variados, como sejam a fabricação de perfumes e de remédios caseiros, e prescrições médicas. A ver-

são original árabe foi traduzida para o latim e deste último para o espanhol por Alfonso Rodriguez de Tudela.

(Do Álbum Drogasil -IV Centenário da Fundação de São Paulo -1945, pág. 72)

Generosos demais, especialmente para com os pobres, eles agiam como que impulsionados por um divino poder, produzindo milagres, em nome de Jesus, na cura de qualquer doença, do corpo ou do espírito. Eram emitidores de instantânea e contagiante simpatia, e belos, além de tudo, se considerarmos alguns registros pictóricos. Contudo, no tocante à vida afetiva das citadas celebridades, pouco ou quase nada se pode dizer, dada a ausência de informações nesse sentido. Mesmo assim, não seria de todo inadmissível conjecturar que eles se abstiveram das tramas amorosas, permanecendo solteiros, quem sabe até castos, mas são apenas vãs deduções. Prossigamos...

Ao longo desse tempo, tornava-se cada vez mais crescente e propagada pela região a que nos reportamos a prestigiosa fama dos dois médicos miraculosos, que com sua notoriedade sublimada, acrescida do alto respeito conquistado por suas beneméritas ações e incondicional solidariedade para com o povo, fizeram com que inúmeros pagãos fossem por eles convertidos ao cristianismo, a fé que fervorosamente professavam.

Talvez tenham sido essas as razões por que fora provocada a cólera do então imperador Diocleciano, cuja vaidade era-lhe parte da anatomia, quase uma necessidade física.

Daí, o primeiro ato coercivo das autoridades romanas foi ordenar a prisão dos médicos, acusados paradoxalmente de praticar feitiçaria e de pregar o cristianismo, em prejuízo das entidades pagãs. No tribunal, em Egra da Cilícia, o governador Lísias, açulado por Diocleciano, ostentava, ameaçador, toda uma empáfia mal encenada.

O interrogatório iria começar.

- "Trazei-me esses homens da religião perversa dos cristãos.

- Diante do tribunal os tens, responderam os escrivães.

- Dizei-me o vosso nome, a vossa condição, a vossa religião e a vossa pátria, prosseguiu o governador, dirigindo-se aos gêmeos.

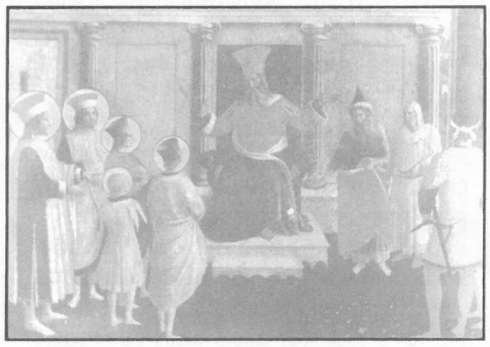
- Somos duma cidade da Arábia. Chamo-me Cosme e o nome do meu irmão é Damião. Professamos a Medicina. Curamos as enfermidades, mais em nome de Jesus Cristo, do que pelo valor da nossa ciência.

- Renunciai ao vosso Deus e dignificai aos deuses que fabricaram o Universo. É preciso que adoreis aos deuses, sob pena de cruel tortura - ordenou Lísias, implacável.

- Teus deuses nenhum poder têm; são vãs e puras aparências, nem se pode lhes dar o nome de homens, mas de demônios. Adoramos o Criador do céu e da Terra, retrucou Damião.

- Aprisionai esses insolentes e dai-lhes tormentos até que sacrifiquem" (1), vociferou o inquiridor.

Logo a seguir, Cosme e Damião foram com sensacionalismo vitimados entre os muitos que sucumbiram à violência contra os cristãos perpetrada pelo egocêntrico e deslumbrado monarca — a qual viria a ser a mais sanguinária perseguição aos seguidores de Cristo da História.



O julgamento de Cosme e Damião (à extrema esquerda) por Fra Angelico (2). Ao centro, o juiz Lísias. À frente dos gêmeos, seus irmãos Antimo, Leôncio e Euprépio, também executados. (Não há muitas informações sobre a família de Cosme e Damião).

Para mais ilustrar, existem apoteóticas narrativas sobre a cena da execução. Uma delas diz que durante o suplício a que foram condenados ambos os "subversivos"- o da lapidação - as pedras lançadas pelos executores desviavam-se de um certo e mortífero rumo por súbitas e arrebatadoras ventanias. Doutra feita, foram lançados a um rio de grande submersão, presos a uma enorme pedra, e mantiveram-se na superfície. Conta-se também que numa nova tentativa amarraram-nos junto a um paredão para que soldados os perfurassem com flechas envenenadas, e que, para a perplexidade geral, as setas voltavam-se mortalmente contra os atiradores. Por fim, com a heróica resignação dos grandes mártires, entregaram-se a um injusto destino, terminando decaptados, sob violentas torturas, sem que sequer uma gota de sangue fosse de seus corpos derramada.

Durante o martírio, antes de morrer, eles teriam dito a seus verdugos: "Podem atormentar-nos com maior diligência, pois lhes certificamos que nem ao menos sentimos a dor".

Foi quando esplêndidos anjos irromperam em meio às ferozes tempestades que nesse ínterim se formavam, trazendo de volta o sol, para consigo levar ao paraíso eterno as iluminadas almas dos dois irmãos; enquanto na terra, seus fiéis, a essa altura já incontáveis, transladavam-lhes os corpos para Roma, a fim de lá os sepultarem no pontificado do papa São Félix, que pouco depois tomou o nome dos gêmeos univitelinos. Tudo isso aconteceu provavelmente em fins do século III - os registros históricos divergem quanto às datas.

No entanto, mesmo depois de mortos, Cosme e Damião continuaram a operar milagres quando invocados com fé.

Conta-se que o Imperador Justiniano I, irremediavelmente enfermo, ao saber da história dos aclamados cirurgiões, a eles recorrera, em desespero, rogando-lhes a salvação. Atendido, mandou construir em Constantinopla uma igreja em louvor dos gêmeos.

A partir daí, o culto a Cosme e Damião começaria a se difundir por toda a Europa, numa sucessão de súplicas atendidas e de homenagens materializadas em templos, hospitais, sociedades médicas, instituições de caridade e tudo mais que se lhes relacionasse. A odisséia dos médicos taumaturgos passaria a ser efetivamente transmitida pela convicta e ressoante voz de seus devotos.

Cosme e Damião foram canonizados pela Igreja e tiveram seus nomes inscritos no cânon da Missa. Tornaram-se padroeiros dos médicos, farmacêuticos (ao lado de São Lucas) e posteriormente protetores das crianças, talvez em decorrência da crença em que a dupla santa zelava do parto de gêmeos e, por conseguinte, do puerpério em si. Essa última atribuição, todavia, é mais repercutida na Umbanda e no Candomblé.

No Brasil, eles seriam conhecidos logo nos primeiros tempos do descobrimento, trazidos pelos colonizadores. Aqui encontraram plena receptividade, especialmente entre os escravos africanos, que se valiam do sincretismo religioso para de certa forma manter suas crenças e fugir às punições decorrentes da adoração de seus deuses. Por outro lado, já em 1530, a igreja de Igaraçu, em Pernambuco, teve como padroeiros os santos Cosme e Damião - o início de várias honrarias que se iriam seguir.

RELIGIÃO E FOLCLORE

Imagem frontal e lateral da Igreja de São Cosme e Damião, de Igaraçu (PE), que nos foi atenciosamente enviada pelo promotor de Justiça e eminente folclorista do Recife-PE, Dr. Roberto Émerson Câmara Benjamim. É a mais antiga igreja brasileira e foi a segunda que aqui se construiu; a primeira, de São Vicente, já não existe.

O Folclore, entre outras evidências, ratifica a consolidada popularidade deles ao registrar o fato de irmãos gêmeos, pessoas igualmente vestidas ou andando sempre juntas e afins, serem pelo povo chamados de Cosme e Damião. Esta metáfora abrange ainda, por circularem em dupla, os elementos da Polícia Civil do Rio de Janeiro, de cuja corporação os santos tornaram-se patronos.

A grande devoção a eles pode também ser confirmada na ampla e efusiva comemoração de seu dia: 26 de setembro (Catolicismo), 27 de setembro (Umbanda).

Mas na atualidade, devido à alta valorização destes irmãos Santos pela Umbanda, a Igreja Católica tem reduzido a expressividade de Cosme e Damião em sua liturgia.

SIGNIFICAÇÃO DOS NOMES COSME E DAMIÃO

COSME é nome de origem grega. Significa **polido, limpo, adorno, beleza.** Daí a palavra cosmético empregada aos produtos de beleza.

DAMIÃO é nome de origem grega. Significa **popular.**

Houve, em Olímpia, uma família tão devota aos dois santos que ao lhe nascerem gêmeas deram-lhe os nomes de Cosma e Damiana.

LENDA

Dentre as várias lendas que se criaram em torno das vidas de Cosme e Damião, selecionamos uma que reforça a personificação dos dois como crianças e o elo vital e indissolúvel existente entre irmãos gêmeos. Eis a lenda:

Num período de trevas, de grande escassez e de guerras sangrentas no Médio Oriente, uma mãe desorientada viu-se na impossibilidade de criar seus filhos recém-nascidos e decidiu abandoná-los numa jangada, que desaportou num lago, deixando para o destino resolver o que seria deles. Eram meninos e gêmeos, com apenas algumas horas de vida.

Os bebês permaneceram durante todo um dia expostos ao sol impiedoso até que um senhor de meia idade foi atraído pela aura luminosa irradiada dos gêmeos a envolver a jangada.

O pobre homem, após alguns instantes de pasmada contemplação, acabou vencido pela ternura que sentiu e os levou para sua casa, provisoriamente, até ver qual a melhor solução.

Lá ficaram.

Tempos depois, o bondoso senhor, cristão que era, batizou as crianças. O primeiro recebeu o nome de Cosme, o outro, Damião, e se tornaram filhos adotivos desse senhor que não tinha filhos.

Os meninos cresceram. Cosme já sabia ler e escrever aos 5 anos de idade e dizia que quando crescesse iria ser médico. Damião, todavia, era muito peralta e comilão de doces; detestava estudar.

Quando completaram 8 anos de idade, Damião foi acometido de irreversível enfermidade e não pôde resistir. Cosme, nesse meio tempo, por força da integral empatia que há entre irmãos gêmeos, não suportou assistir ao padecimento de Damião e também faleceu.

Desde então se propagou a idéia de que eram protetores das crianças.

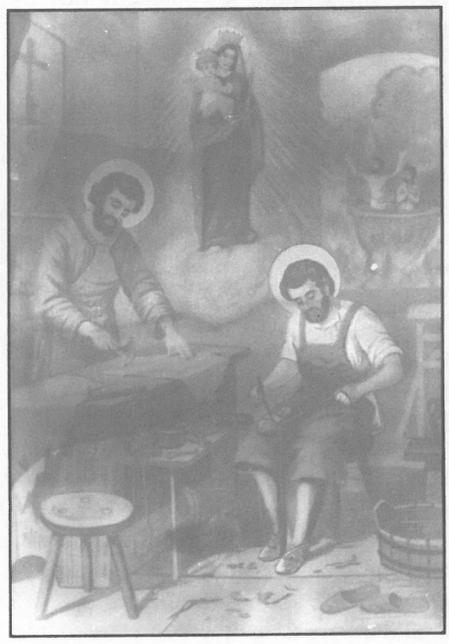
Obs: Adaptamos essa lenda a partir do conteúdo que nos foi transmitido por elemento folque.

COSME E DAMIÃO NAS SEITAS AFRO-BRASILEIRAS

A forte presença de Cosme e Damião no Candomblé e na Umbanda efetivou-se em virtude do elo espiritual feito entre eles e os orixás-meninos das seitas africanas, num sincretismo que envolve também Crispim e Crispiniano, devido às analogias verificadas nas vidas de ambos os pares santos.

Na Umbanda, considera-se a versão de que teriam morrido ainda crianças. São chamados "ibeijis"- crianças, com o sentido de deuses ou protetores delas, bem como o de guias ou espíritos perfeitos que vieram à Terra para lembrar que anjos da guarda existem.

No Candomblé, no culto de Ibeji, cumprem o papel de intérpretes dos orixás e de intermediários nas relações entre os mundos material e superior, em que os "erês"(espíritos que se apresentam como crianças) trazem notícias do outro mundo e transmitem as mensagens do orixá.



Crispim e Crispiniano eram irmãos que trabalhavam como operários numa pobre oficina de sapateiros, e teriam sido martirizados, tal qual os gêmeos, por enaltecerem o cristianismo num período em que os deuses pagãos eram ainda fortemente reverenciados.

É consensual que a sincretização envolvendo o catolicismo e as religiões afro-brasileiras, como já mencionamos, remonta ao negro período da escravidão, quando eram violentas as reprimendas aos escravos que cultuassem seus deuses.

De um lado, na impotência concreta ante o açoite e a "grana" de seus algozes, os escravos almejavam a supremacia no "sobrenatural". De outro, partiam as proibições, talvez conseqüentes de um incônscio ou inconfessável medo da negra feitiçaria. Mas, sobretudo, a principal causa das medidas coativas era a ameaça real que a união dos negros pela crença representava para o tráfico de "bens" humanos. E a isto se somava o poder da Igreja Católica, também então possuidora de escravos (mediante seus prelados e instituições, seculares e leigas) (3).

Destarte, eles adquiriam imagens de santos católicos, introduzindo-as em seus rituais, camuflando seus verdadeiros deuses.

Esse sincretismo funcionou em tais condições como um artifício ilusionista que lhes permitiria a relativa manutenção de suas práticas religiosas.

O resultado das sincretizações, todavia, permaneceu, tradicionalizando-se, e até hoje vigora, em plena vigência da "Constituição cidadã", mas por motivos e interesses atuais.

Contudo, a configuração toda é apenas exterior; os "iniciados" sabem que os santos e os orixás não se confundem.

O APARECIMENTO DE DOUM

Embora em algumas publicações haja referências apenas a Antimo, Leôncio e Euprépio, que também teriam sido martirizados com os ilustres gêmeos seus irmãos, o mais conhecido atualmente é **Doum**, (ou Daum, Doim, Doú ou Domum — equivalendo a Dois-Dois, como também é conhecida essa binária santidade).

Conforme a versão doutrinária da Umbanda, Doum seria o terceiro filho de uma macamba, sucessor de gêmeos masculinos, considerado orixá porque viera a chamado de seus irmãos.

No sincretismo produzido aqui no Brasil, resultante de pontos de semelhança encontrados nos "orixás meninos" e nos santos católicos, faltava Doum, que logo foi colocado junto aos outros dois pelas mãos dos ancestrais sacerdotes afros, constituindo-se, assim, o irmanado triunvirato.

Mas a coisa não pára por aqui; existem também referências a uma quarta personagem: **Alabá**.

De acordo com Édison Carneiro, Doú e Alabá são mais dois possíveis orixás, ligados ao culto de Ibeji, encontrados em macumbas cariocas. Alabá seria a criança vinda depois de Doú, num ou noutro caso.

Entretanto, nas sempre complexas classificações da Umbanda e do Candomblé, o próprio Doú é às vezes negligenciado na literatura e nos rituais umbandistas, seja por omissão, esquecimento ou terciariedade.

Em outra variante, segundo informação de um dos adeptos da Umbanda, o aparecimento de Doum, o irmão mais novo dos gêmeos **Cosme e Damião**, deu-se da seguinte forma: Um fabricante e vendedor de imagens tinha em exposição o quadro de **São Cosme e Damião** para ser vendido (ou melhor, trocado por dinheiro, como preferem os devotos) e juntamente com este, outras imagens.

Ocorre que uma imagem menor que a dos dois santos caiu e se danificou um pouco.

O dono do estabelecimento deixou-a apoiada no quadro dos gêmeos, até que pudesse retirá-la dali.

Nesse ínterim, entra na loja uma freguesa e se impressiona com aquela imagem - uma trindade bem distribuída - e solicita ao fabricante que confeccionasse uma para ela, tal como estava ali exposta. Feito o primeiro exemplar, este também ficou alguns dias exposto à mostra e serviu para chamar a atenção dos devotos, que apelidaram o pequeno de irmão dos gêmeos, dando-lhe o nome de Doum. Houve aceitação e ele foi bem recebido e propagado, sobretudo nas seitas afro-brasileiras, e à exceção da Igreja Católica, que não o reconhece.

O acontecimento já foi divulgado em jornais da capital paulista. Nós nada podemos afirmar a respeito.

OS SANTOS E A IGREJA CATÓLICA

Segundo a doutrina católica, a presença dos santos em sua liturgia não significa adoração de imagens e portanto não contraria os preceitos bíblicos, que proíbem, sim, o culto a outros deuses.

Mas neste final de século e de milênio, que apresenta a um só tempo o êxito do misticismo e o crescimento das seitas pentecostais, a Igreja Católica tem procurado reafirmar seu posicionamento, à custa de algumas modificações.

O maior exemplo disso é a Renovação Carismática Católica (R.C.C.), cuja prática adota procedimentos muito similares aos das Igrejas evangélicas pentecostais. Esse movimento, de acordo com um documento da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) (4), vem tendo seus excessos vigiados pela alta cúpula eclesiástica, em virtude de descobertas esporádicas de pregações em outros idiomas, "passes espirituais" e promessas de cura.

Conquanto seja essa uma mobilização faccionária, a se acentuar essa tendência, a substancial distinção entre a Igreja Católica e as pentecostais, que é a consideração dos santos, esvair-se-á paulatinamente, fadada ao desaparecimento.

De mais a mais, a Igreja Católica, que inclusive aboliu o culto excessivo a alguns santos durante o pontificado do Papa João XXIII, já há algum tempo tem se distanciado dos santos que muito se aproximam da Umbanda e do Candomblé, entre os quais, como já mencionamos, São Cosme e São Damião.

LACUNAS NAS DIVERGÊNCIAS

Em meio a tantas evidências das hostilidades e dissensões entre a Igreja Católica e as seitas afro-brasileiras, em que persiste um voluntarioso desprezo mútuo, chegou até nós a informação de um fato inusitado. Trata-se de uma procissão (já extinta) onde se realizavam ofícios religiosos para Cosme e Damião. A imagem dos dois era levada numa bandeja por uma criança que personificava Doum, acompanhada de muitas outras, vestidas de azul e rosa. Até aqui, tudo bem. O insólito é que a procissão partia de um terreiro para uma Igreja Católica, seguida de uma celebração unificada.

Quem nos relata esse extraordinário ritual ecumênico é o estudioso da Umbanda Tancredo da Silva Pinto.

Outra coisa curiosa está no "**Cururu-dos-meninos**" em que o adepto que em seu prato encontrar um quiabo inteiro deverá no próximo ano celebrar uma missa para São Cosme e São Damião.

FESTA DE COSME E DAMIÃO EM OLÍMPIA

NO CATOLICISMO

Melhor seria dizer da comemoração da data entre os católicos, que é também muito forte.

Os devotos fazem uma reunião festiva onde é celebrado um terço em oferecimento a Nossa Senhora Aparecida e a São Cosme e São Damião.

O processo se assemelha demais aos terços devotados a São Pedro, Santo Antônio e São João. E no tocante à comezaina, há acentuadas coincidências com a celebração umbandista, ressaltando-se a predominância dos doces, temperados com alguns salgados.

Geralmente a ocasião é promovida por um devoto agraciado que está a cumprir uma promessa. Mas pode ser feita em

conjunto pelo mesmo motivo ou apenas para festejar, em cotização, o dia dos Santos.

É também muito comum aqui na Capital Nacional do Folclore a preparação de uma mesa repleta de doces, chamada "**Mesa dos Anjos**", que é oferecida por alguém atendido em promessa às crianças vizinhas e às que estiverem passando por ali no momento da oferenda.

Em Olímpia são numerosos os católicos simpáticos a Cosme e Damião que comemoram a data.

NA UMBANDA

As festividades do dia de Cosme e Damião são bastante celebradas em Olímpia, "Capital Nacional do Folclore". Muitos são os centros de umbanda daqui, e todos comemoram entusiástica e fartamente a data, com a intensa participação de devotos e admiradores dos santos.

Acompanhamos a cerimônia em homenagem aos santos realizada no Templo de Umbanda Caboclo Flecheiro, cuja ialoxirá é Aparecida Pires Passarella.

A celebração deu-se conforme o calendário umbandista, no dia 27 de setembro, às 14 horas, num clube social da cidade - fora do local programado ("Mata da Cachoeira") em virtude das fortes chuvas e do grande número de convidados previstos.

O ambiente era notadamente festivo. O cenário adequadamente preparado destacava o gongá, dentro do qual se encontrava o peji (altar), cercaneado por hastes envolvidas por galhos de primavera vermelha e fios de barbantes sustentando variegadas bandeirolas, com uma abertura à esquerda do cerco para a entrada dos médiuns. Os alicerces e as vigas da estrutura metálica que cobria o espaço do cerimonial eram também adornados por folhas de coqueiros, enfeitadas com flores de papel, bexigas coloridas e faixas alusivas ao evento.

Nas celebrações consagradas a esses santos a prioridade são as crianças.

O CERIMONIAL

O ritual da homenagem que se faz a Cosme e Damião, no Templo de Umbanda Caboclo Flecheiro, como geralmente ocorre em sessões normais, é precedido do rogo de licença e proteção a Ogum e Iansã para se poder realizar mais uma celebração da festa dos referidos santos.

A seguir, risca-se com uma pemba branca um ponto de Ogum, antecedido de um signo-de-salomão, sobre o qual se coloca um copo d'água salgada.

O cerimonial tem seu início marcado pelo posicionamento em círculo dos médiuns participantes, onde se está a formar a denominada "corrente mediúnica", em cujo eixo encontra-se o peji, que ostenta as imagens de Oxalá e de São Cosme, São Damião e Doum.

À frente do peji, posiciona-se a mãe-espiritual, Aparecida, que centraliza em si as vibrações dos guias, que dela emanam para o contágio energizador dos membros do ritual.

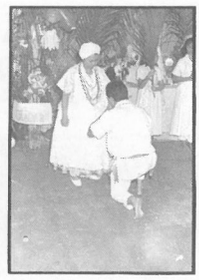
As mulheres, descalças, trajam vestido longo rodado, comprido, com fitas corde-rosa atravessando a cintura e "guias" de várias cores. Os homens, também descalços, vestem camisa branca de manga curta, calça branca comprida um pouco arregaçada na barra, fita azul atravessando a cintura e várias "guias" no pescoço.

O presidente do terreiro Jodenir Passarella faz um defumadouro na porta de entrada, nos quatro cantos da "engira" (terreiro), nos médiuns e cambonos e entre os espectadores, quando é entoado o ponto de defumação.

Ao som dos atabaques, sucedem-se hinos, preces e a chamada saudação, na qual os integrantes da liturgia, um a um, "batem cabeça" - ajoelham-se e se curvam no manto estendido diante do peji, recebendo a bênção da mãe-de-santo.

Após a abertura, a ialorixá cede seu corpo para possibilitar a materialização da entidade cabocla Indaiá, que cumprimenta a corrente mediúnica e transmite suas bênçãos aos alimentos e aos brinquedos que se irão distribuir às crianças presentes na celebração, além de disciplinar, com o respeito que impõe, a chegada dos ibejis (espíritos de crianças). Nesses entrementes, em fugaz e imperceptível transfiguração, retira-se Indaiá para que a ibeji "Mariazinha" se incorpore na mãe espiritual, sendo sucedida pelos outros ibejis que os demais médiuns irão personificar. É esse o momento da distribuição dos alimentos e dos brinquedos às crianças, bem como o das conversações e consultas com as entidades espirituais, infantis.

Gongá



Bênção da mãe-de-santo

Tocadores de Atabaques

Entrada dos filhos

Incorporação mãe-de-santo cabocla Indaiá

Cabocla Indaiá saúda os filhos

Cabaocla Indaiá convida os beijis a baixarem no terreiro

Cabocla Indaiá, através de um brinquedo, passa irradiação aos filhos para serem incorporados pelo beijis

Arvorezinha enfeitada de confeitos

Incorporação de médiuns

Médiuns incorporados

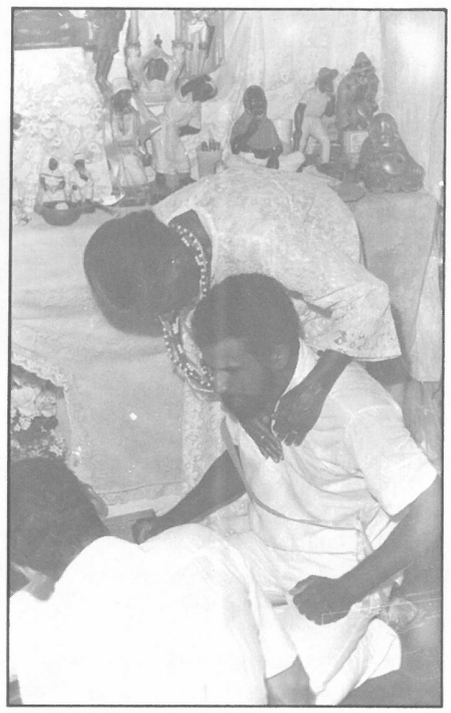
Ainda nessa ocasião tivemos a oportunidade de assistir, bem a tempo, à festividade em honra aos santos promovida pelo Templo Caboclo Caramã e Pai Cesário, do Jardim Cisoto, cuja madrinha espiritual é Jesuína Sousa e Silva.

Lá também o clima era de animada festa, com muitas guloseimas e quitandas. Havia no teto uma série de varais sustentando bandeirinhas e balões de gás coloridos. O altar estava repleto de imagens de Santos, onde Cosme e Damião ocupavam lugar de destaque, adornados com flores brancas e cor-de-rosa e com docinhos aos pés das imagens.

Outra particularidade eram as árvores secas nas quais se dependuravam caramelos e balas que as crianças furtavam durante o ritual. Na "engira", também estavam guardados bolos confeitados em tamanhos desproporcionais, sempre havendo a predominância das cores branca e rosa.

Gongá

Tocadora de atabaque



Babalorixá conversando com a entidade

No mais, a programação das duas cerimônias que acompanhamos era bastante similar.

Os dois santos são festejados em todos os terreiros de umbanda olimpienses.

PONTOS CANTADOS

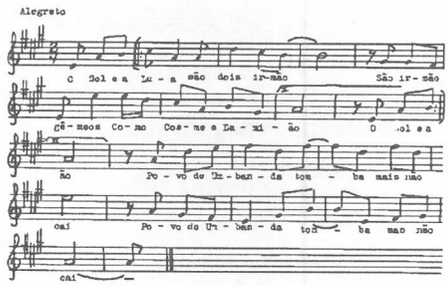
São Cosme e São Damião

Os cânticos que se entoam numa sessão de Umbanda são hinos de invocação de Cosme e Damião. Esses cânticos, ou "pontos", são as preces que se fazem, quando em determinadas condições, pedem-se às entidades espirituais a proteção e o apoio de que precisam.

Sob a vibração desses pontos baixam estes espíritos de luz - orixás da Umbanda - que, completando com os pontos riscados, finalizam a magia redentora e amiga, que os acoberta de todos os malefícios.

Os pontos cantados têm transcendental importância nos cultos umbandistas, pois é através deles que são feitas nos rituais as imprecações e rogativas. Quando acontecem, o compasso harmonioso dos atabaques e das ondas do pensamento materializa no ar as irradiações sintonizadas das energias terráqueas e extraterrestres.

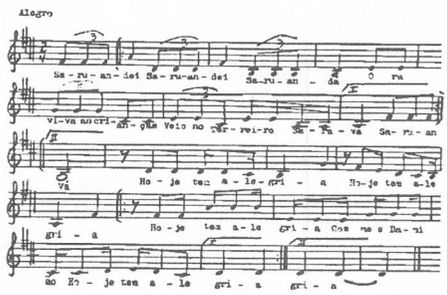
CABOCLOS DO SOL E DA LUA



O Sol e a Lua são dois irmãos
São irmãos gêmeos
Como Cosme e Damião (bis)
Povo de Umbanda tomba,
Mas não cai. (bis)

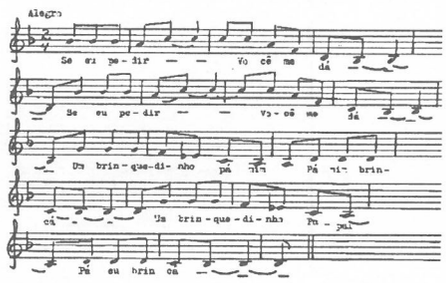
SARUANDEI

Saudação



Saruandei, saruandei,
saruandá
Ora, viva as crianças
Veio no Terreiro
Saravá! (bis)
Hoje tem alegria,
Hoje tem alegria,
Hoje tem alegria,
Cosme e Damião
Hoje tem alegria. (bis)

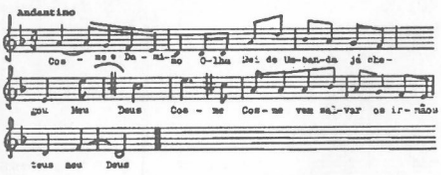
SE EU PEDIR



Se eu pedir,
Você me dá. (bis)
Um brinquedinho pa mim,
Pa mim brincá. (bis)

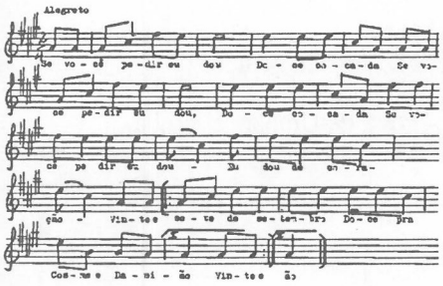
RELIGIÃO E FOLCLORE

COSME E DAMIÃO



Cosme e Damião
Olha Rei de Umbanda já chegou,
Meu Deus! ...
Vem salvar os irmãos teus
Meu Deus! ...

SE VOCÊ PEDIR

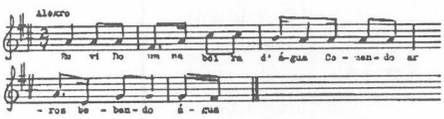


Se você pedir eu dou
Doce, cocada.
Se você pedir eu dou
Doce, cocada.

Se você pedir eu dou
Eu dou de coração
Vinte e sete de setembro,
Doce pra Cosme e Damião. (bis

EU VI DOUM

Vibração



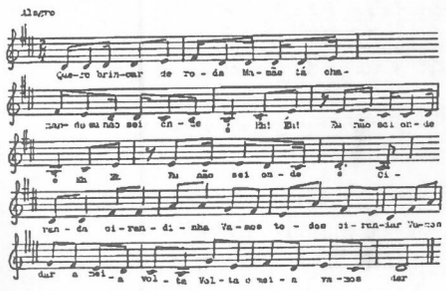
Eu vi Doum na beira d'água
Comendo arroz, bebendo água.

Vi Cosme e Damião na beira d'água
Comendo arroz, bebendo água.

Vi as crianças na beira d'água
Comendo arroz, bebendo água.

Comendo arroz, bebendo água ...

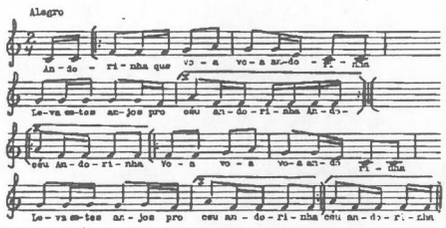
CIRANDA



Quero brincar de roda,
Mamãe tá chamando,
Eu não sei onde é
Éh! éh!
Eu não sei onde é.
Éh! éh!
Eu não sei onde é.
Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia-volta,
Volta e meia vamos dar. (Repete)

ANDORINHA

Subida



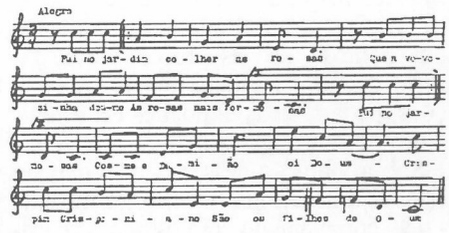
Andorinha que voa, voa,
Andorinha,
Leva estes anjos pr'o céu,
Andorinha, (bis
Voa, voa, voa,
Andorinha,
Leva estes anjos pr'o céu,
Andorinha. (bis

Andorinha que já voou,
Andorinha,
Andorinha que vai voar,
Andorinha, (bis
Voa, voa, voa,
Andorinha,
Leva estes anjos pr'o céu,
Andorinha. (bis

SAUDAÇÃO ÀS CRIANÇAS

Abertura e encerramento

(cruzado)

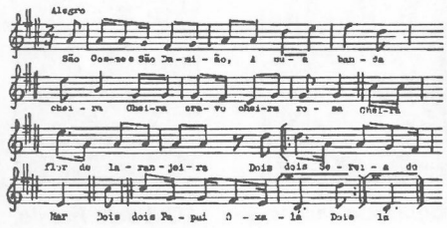


Fui no jardim colher as rosas
Que a vovozinha deu-me
As rosas mais formosas.

Cosme e Damião, oi Doum,
Crispim, Crispiniano
São os filhos de Ogum.

SÃO COSME E SÃO DAMIÃO

Vibração

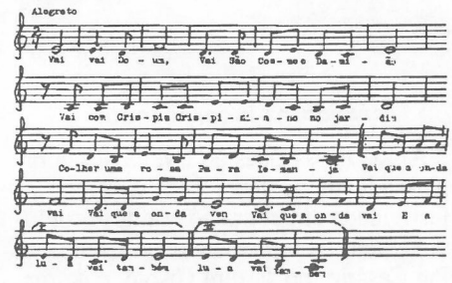


São Cosme e São Damião
A sua banda cheira,
Cheira cravo, cheira rosa
Cheira flor de laranjeira. (bis

Dois-dois, Sereia do Mar
Dois-dois, Papai Oxalá. (bis

DOUM, COSME E DAMIÃO

Vibração
(cruzado com Iemanjá)

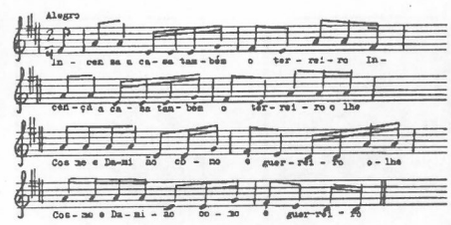


Vai, vai Doum,
Vai São Cosme e Damião,
Vai com Crispim,
Crispiniano no jardim
Colher uma rosa
Para Iemanjá. (bis

Vai que a onda vai,
Vai que a onde vem,
Vai que a onda vai
E a Lua vai também. (bis

INCENSA A CASA

Defumação

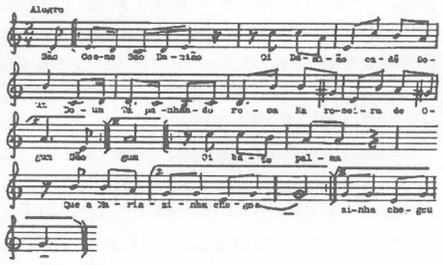


Incensa a casa
Também o terreiro. (bis
Olhe Cosme e Damião
Como é guerreiro. (bis

RELIGIÃO E FOLCLORE

PONTO DE MARIAZINHA

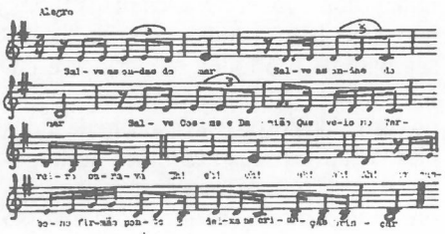
Vibração
(Cruzado com Ogum)



São Cosme e São Damião
Oi Damião, cadê Doum?
Doum tá panhando rosa
Na roseira de Ogum. (bis

Oi bate palmas
Que a Mariazinha chegou. (bis

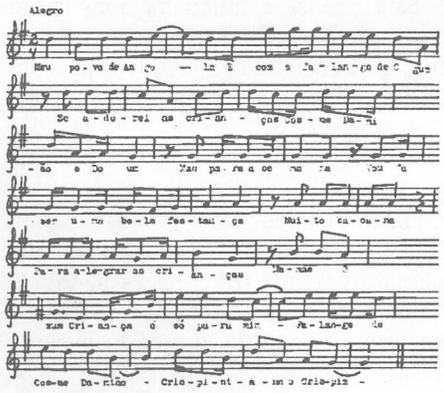
SALVE AS ONDAS DO MAR



Salve as ondas do mar
Salve as ondas do mar
Salve Cosme e Damião
Que veio no Terreiro saravá
Eh! eh! eh!
Eh! eh! eh!
Meu cambono firma o ponto,
E deixa as crianças brincar. (bis

PARA ALEGRAR AS CRIANÇAS

Abertura
(Cruzado)

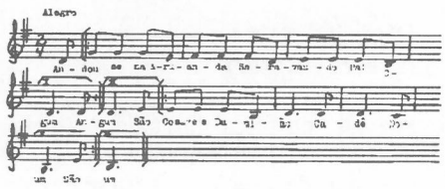


Meu povo de Angola
É com a falange de Ogum
Se adorei as crianças
Cosme, Damião e Doum.
Mas para a semana
Vou fazer uma bela festança
Muito bacana
Para alegrar as crianças.

Mamãe Oxum
Criança é só para mim
Falange de Cosme e Damião
Crispiniano e Crispim.

PAI OGUM

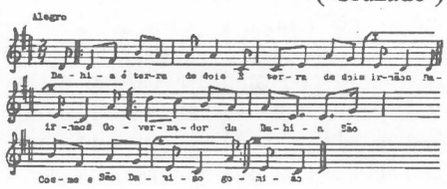
Abertura
(Cruzado)



Andou-se na Aruanda
Saravando Pai Ogum (bis
São Cosme e Damião
Cadê Doum? (bis

BAHIA É TERRA DE DOIS

Vibração
(Cruzado)



Bahia é terra de dois,
É terra de dois irmãos,
Governador da Bahia:
São Cosme e São Damião.

OUTROS PONTOS CANTADOS DE COSME E DAMIÃO

(Ibeijada)

São dois irmãos
São Cosme e São Damião
Também são irmãos
Estrela! Estrela!
A estrela e a lua
São duas irmãs
Cosme e Damião
Também são dois irmãos!
A estrela e a lua são duas irmãs
Cosme e Damião também são dois irmãos
Oxalá e Ogum que é nosso pai
Os filhos de umbanda
Balançam mais não cai. (bis

Eu pedi a Oxalá
Pra mandar as criancinhas
Pra vir na banda
Brincar e trabalhar
Tem cocada
Tem guaraná
Ó crianças
Venham me ajudar.

São Cosme e São Damião
Sua Santa já chegou
Veio do fundo do mar
Que Santa Bárbara mandou
Dois, dois, sereia do mar!
Dois, dois, mamãe Iemanjá!
Dois, dois, meu pai Oxalá.

Cosme e Damião
Olha rei de umbanda chegou
Meu Deus! ...
Cosme e Damião
Vem saudar os teus irmãos
Meu Deus!

Eu vou contar a vovó
Que os pequeninos não chegou
Ó Cosminho, ó Mião
Ó Crispim, Crispiniano,
Ó Zezinho, Josefina
Ó Julinha, ó Doum
Caindé e todos os sete
Encruzilhadas. (bis

Vamos brincar, todos brincar
Brinquedinhos, vamos brincar
Todos brincam, oh brinquedinhos. (bis
Eram dois irmãos,
Que chegaram nesta gira. (bis

Trouxeram muita cocada
Trouxeram muita alegria
Chegaram pra firmar o gongá
Chegaram com muita alegria.

Ó Doum, Ó Doum
São Cosme e São Damião
Eu vou dizer a papai
Camaradinha chegou
Ó Doum ... ó Doum. (bis

Egô, Egô, saravá Cosme e Damião (bis
Eu vou dizer a papai,
Camaradinha chegô!

Variante

Egô, Egô, salve Cosme e Damião,
Vamos salvar todos os beijis
Camaradinha chegou. (bis
Salve Cosme e Damião
Eu vou pedir a papai
Se a Mariazinha chegou
Ô, ô, ô, ô, ô, Doum.

Ô, ô, ô, ô, ô, Doum.

Variante

Ó Doum, Ó doum,
São Cosme e São Damião,
Eu vou dizer a papai,
Camaradinha chegou
Ó Doum, ó Doum! (bis

HINO A SÃO COSME E SÃO DAMIÃO

Ó São Cosme e seu irmão,
O mártir São Damião,
Aceitai o nosso louvor
Em nome do Salvador. (bis
As curas maravilhosas
Que fizeste em seu nome,
Serão sempre tão famosas
Que o tempo não as consome.
Ó Cosme e seu irmão,
O mártir São Damião
Dai-nos sempre a luz, vossa luz.
Em nome do Bom Jesus. (bis
A nossa união fraterna
Na pureza e para o bem,
Terá fama sempiterna
Por este mundo além.
São Cosme e seu irmão,
O mártir São Damião.
Sede sempre o nosso norte
Desde o berço até a morte. (bis

PONTOS RISCADOS

O ponto riscado é feito pelo "guia" com o uso da "pemba", que em geral é branca.

PONTOS RISCADOS DE COSME E DAMIÃO

COSME E DAMIÃO

COSME E DAMIÃO
(Na irradiação de Iansã)

BEIJI (ANGOLA)

Pequena explicação sobre o 1.º ponto de Cosme e Damião: A fé, representada pela cruz com degraus e o coração significando caridade.

ORAÇÕES
(Preces e Rezas)

Firmado na força ilimitada das palavras - que são verdadeiramente mágicas - o poder da oração é sustentado de maneira veemente e apaixonada tanto nas religiões predominantes como em algumas ciências "ocultas" ou "proibidas". Entretanto, seja qual for a forma de que se manifeste, o componente imprescindível e indissociável da oração é a vontade determinada, a força mental a favor, a convicção otimista no sim, ou, simplesmente, a fé, o fenômeno da fé, em que é preciso ser a imaginação vista como profecia, a esperança convertida em expectativa.

Nesse capítulo publicamos uma série de orações devotadas a Cosme e Damião, especialmente para a cura de moléstias. Mas não esqueçamos que a oração sem fé é chama que não arde, nem acende.

I
(Para afastar o Demônio e conseguir um milagre)

"Piedosos e poderosos Santos Cosme e Damião, vós que como doutores e defensores da Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo, nunca descansastes em sua santa defesa, vós que nunca cansastes na campanha aberta contra o demônio e sempre trouxestes de vencida, e arrancando das tuas tão grandes, tremendas e malvadas garras, os fracos como eu e outros, de quem vos constituístes advogados e quem sem as vossas defesas e proteção, não podíamos resistir a tão audacioso perseguidor: sede mais uma vez os defensores e protetores nossos, contra esse malfeitor, inquietador da união e paz entre as famílias, vós que unidos nascestes, vivestes e sempre apregoando a fé, esperança e caridade, e o vitorioso nome da virgem das virgens, Nossa Mãe Maria Santíssima e combatendo o ódio e a vingança, combatei, não descansais, lá mesmo nas alturas e com maior força este inimigo eterno.

Meus Santos Cosme e Damião, vos peço pelo amor de vossos pais e pelo leite que mamastes, pelos vossos santos nomes e de todos os santos da corte do céu, por tudo que escrevestes, defendestes e pregastes, fazei-me este pedido - que eu de joelhos diante de vossas sagradas imagens vos deixo descansar e nem vos solto enquanto não for feito este milagre, que eu com fé viva no coração espero em nome de Maria Santíssima e do seu Santíssimo Filho. Amém".

Rezam-se depois da oração, três Ave-marias e três Pai-nossos, diante da imagem dos santos.

II
(Aos filhos e crianças abandonadas)

"Cosme e Damião, o reino de Deus vos foi reservado, ao lado de Nossa Senhora, nossa mãe, livrai os meus filhos, como também a todas as crianças desamparadas, de todos os perigos e enfermidades que possam acontecer. Dai de comer ao corpo e ao espírito de todos eles; sejam os seus guardiões. Entregovos a vossa guarda, que em perigos sempre os encontrem cobertos com o vosso sagrado manto. Assim seja".

III
(Contra verminose, amarelão, etc.)

"Deus, Pai Eterno, Onipotente Senhor dos Anjos.

Esta doença é traiçoeira, mas quem deposita confiança em Deus não teme o demônio. Esta doença nasceu da terra, pelo divino poder de Nosso Senhor Jesus Cristo.

São Cosme e São Damião,
Curam de amarelão,
São Cosme e São Damião,
Vêm me tornar são.

Esta doença é traiçoeira, mas quem deposita fé em Deus não teme o demônio, quem acredita em São Cosme e em São Damião, cura-se logo do amarelão.

Assim seja".

IV
(Para alcançar uma graça)

"Oh! São Cosme e Damião, vós que perdestes a vida pelos necessitados de amparo, vós que dedicastes toda experiência ao bem, valei-me neste instante de provação.

A vós imploro que me ajudais a conseguir esta graça (fazer o pedido) em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

Três Pai-nossos, três Ave-marias, re-

zar com muita fé a oração, durante três dias. No 4.º dia mandar publicar e dar um presente a uma criança pobre".

V

(Contra os perigos)

"Bondosos Santos, Cosme e Damião, o reino do Pai vos foi reservado, ao lado dele vos encontrais, guardai-me de todos os perigos e males, que vós sejais os guardiães, entrego-me a vossa guarda, que a mim nada aconteça, possa passar os perigos, coberto com a vossa proteção. Bondosos Cosme e Damião, filhos de Deus vivo, que dele trazeis a bênção das palmas que trazeis convosco e que todos encontremos defesa com a intercessão dos vossos nomes".

Sinal da Cruz.

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria)

VI

(Contra as tentações e maus espíritos)

"São Cosme e São Damião, abnegados pregadores da fé cristã, doutos sabedores da doutrina da Igreja de Cristo, durante a vossa vida fostes incansáveis na propagação da fé, no ensino das verdades cristãs, na luta contra o mal, sempre combatendo o demônio, em suas investidas contra as almas fracas e desamparadas. Praticastes sempre a caridade, ensinando os ignorantes, socorrendo os pobres, curando as moléstias, saciando a sede aos sedentos e satisfazendo a fome aos famintos.

São Cosme e São Damião, muito peregrinastes pelo mundo, percorrendo as terras de Espanha e da Ásia, atravessando desertos, rios e florestas, subindo e descendo montanhas, na vossa missão em favor da doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim merecestes a glória do céus e as honras dos altares, e agora sois, junto ao Altíssimo, os advogados dos pecadores, os protetores dos humildes, dos pobres, dos sofredores. Estais vigilantes contra as insídias de Satanás.

São Cosme e São Damião, confiando em vossos méritos, suplico-vos, sede os meus protetores, defendei-me contra as artimanhas dos espíritos malignos. Preservai a paz em minha família e evitai-me os embustes dos meus inimigos, deste e do outro mundo, amparai-me, meus Santos Cosme e Damião, nos momentos de tristeza e de tributação, afastando de mim todos os motivos de tentação.

Com o auxílio de Nossa Senhora, Maria Santíssima, tenho fé em que não me desampareis, meus Santos Cosme e Damião. Vós que jamais descansastes na defesa do bem e na prática da caridade pelo vosso amor a Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém".

(Rezar um Pai-nosso e uma Ave-maria e uma Salve Rainha)

VII

(Contra males espirituais)

"São Cosme e São Damião, poderosos espíritos das falanges do bem, ouvi a prece que vos dirigimos, confiantes em vossa valiosa proteção. Neste momento de aflição, vinde, Santos meninos, trazer-nos o bálsamo do vosso consolo, afastando de nós as más influências, os pensamentos tristes, as vibrações negativas.

Vós, que sois portadores de alegria e de felicidade, derramai sobre nós os fluidos sadios que irradiam de vossos espíritos.

Alcança-nos, São Cosme e São Damião, a alegria, o contentamento e a tranqüilidade do coração, que distribui, carinhosamente, entre todos quantos depositam fé em vossas poderosas virtudes.

Assim seja".

VIII

(Para fortalecer a fé)

"Oh! Gloriosos mártires São Cosme e Damião, pela invencível coragem com que professastes a fé em Jesus Cristo diante do prefeito Messias, e por aquela singular fortaleza com que suportastes os cruéis tormentos da flagelação, do afogamento, do fogo e da espada, pelos quais merecestes a graça de dar testemunho de Cristo e de selar a fé com o vosso sangue.

Oh! alcançai-nos para nós, vossos devotos, a graça de permanecermos fortes na fé, e de professá-la em respeito humano, a fim de tornarmos dignos de dar a Jesus Cristo o testemunho de uma vida perfeitamente cristã e merecer a vida eterna, que da bondade de Deus e pela vossa intercessão seguramente esperamos. Assim seja".

IX

(Para curar feridas)

"Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Para sempre seja louvado. Assim seja.

Sant'anna, mãe de Maria; Maria, mãe de Jesus, nós vos invocamos a fim de que Deus benza e cure esta criatura ferida e que, em nome de Jesus, seja sarada a ferida, arranhão, ferimento ou qualquer outro dano, não causando mais nenhuma dor ou padecimento qualquer. Assim seja. (Repetir três vezes).

Completar dizendo:

- São Cosme e São Damião, rogai a Deus por nós e para o nosso bem. (1 Pai-nosso e 1 Ave-maria)."

X

(Contra as doenças)

"Poderosos São Cosme e São Damião, que na vida terrena vos glorificastes no santo exercício da medicina e hoje, junto a Deus, intercedeis por todos os que padecem de males físicos, eu vos rogo me cureis (ou que cureis fulano).

Repetir três vezes.

Pelas cinco chagas sagradas de Nosso Senhor Jesus Cristo, **São Cosme** e **Damião,** livrai-me do mal que me aflige (ou livrai fulano do mal que o aflige). Amém.

(Rezar Pai-nosso, Ave-maria e Glória)."

XI

(Contra males físicos e espirituais)

"**São Cosme e São Damião**, que por amor a Deus e ao próximo vos dedicastes à cura do corpo e da alma de vossos semelhantes, abençoai os médicos e farmacêuticos, medicai o meu corpo na doença e fortalecei a minha alma contra a superstição de todas as práticas do mal. Que vossa inocência e simplicidade acompanhem e protejam todas as nossas crianças. Que a alegria da consciência tranqüila que sempre vos acompanhou, repouse também em seu coração.

Que a vossa proteção, **Cosme e Damião**, conserve meu coração sempre e sincero, para que sirvam também para mim as palavras de Jesus: "Deixai vir a mim os pequeninos, porque deles é o Reino do céu". **São Cosme e Damião,** rogai por nós."

XII

(Para obter uma graça)

"Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Cosme e Damião, assim como o galho alçou e preso ficou, Jesus Cristo deu todos os poderes, assim também quero alcançar (fazer o pedido) com os poderes de Deus e da Vir-

gem Maria, rainha do céu, da terra e do mar. Amém."

COMIDAS DAS FESTIVIDADES DE COSME E DAMIÃO

Este tópico se dedica ao que é servido nas festividades comemorativas do dia de Cosme, Damião (ou/e Doum) nos centros de Umbanda daqui da Capital do Folclore.

À exceção dos produtos fabricados com que os devotos e visitantes contribuem, mostramos agora os pratos mais comuns ou apropriados às festas daqueles santos em Olímpia, cujas receitas decidimos solicitar aos centros para esta publicação, no que fomos gentilmente atendidos.

BOLO COSME E DAMIÃO
(em camadas)

São duas receitas quase semelhantes

1.ª receita: BOLO COSME

Ingredientes: 1/2 (meio) Kg de manteiga/ 6 (seis) xícaras (chá) de açúcar/ 16 (dezesseis) gemas/ 8 (oito) claras/ 6 - (seis) xícaras de farinha de trigo/ 1 (uma) colher (chá) de essência de baunilha/ 2 (duas) colheres (sopa) de fermento em pó/ 2 (duas) xícaras (chá) de leite.

Modo de fazer: Bata a manteiga com o açúcar. Junte as gemas e as claras em neve. Adicione a farinha, a baunilha e o fermento. Por último, o leite. Asse em 4 (quatro) formas untadas.

2.ª receita: BOLO DAMIÃO

Ingredientes: 1/2 (meio) Kg de manteiga/ 6 (seis) xícaras (chá) de açúcar/ 8 (oito) gemas/ 16 (dezesseis) claras/ 6 - (seis) xícaras (chá) de farinha de trigo/ 1 (uma) colher (chá) de essência de baunilha/ 2 (duas) colheres (sopa) de fermento em pó/ 2 (duas) xícaras (chá) de leite.

Modo de fazer: O mesmo da receita precedente.

Observações: A diferença entre as duas receitas está apenas na adição dos ovos. Depois de frios ponha em um tabuleiro os bolos intercalados Cosme e Damião, sendo ligados com doce de leite. (recheio).

RECHEIO: DOCE DE LEITE

Ingredientes: 1 (um) Kg de açúcar/ 5 (cinco) litros de leite/canela em pau.

Modo de fazer: Ferver o leite com a canela. Deixar secar um pouco. Acrescentar o açúcar e mexer sempre com uma colher de pau. Retirar meio mole. Guardar em vasilha de louça ou de vidro.

COBERTURA: GLACÊ

Ingredientes: 6 (seis) claras/ açúcar o suficiente/ caldo de 4 (quatro) limões.

Modo de fazer: Bata exageradamente as claras até ficarem firmes. Acrescente o açúcar às colheradas, batendo, a partir daí com uma colher de pau. Antes de chegar ao ponto desejado, acrescente o caldo dos limões e gotas de anilina azul-claro para que o glacê fique neste tom. Aplique sobre a metade do bolo este glacê. Aproveite a mesma massa e acrescente umas gotas de anilina vermelha, para obter-se um pouco de glacê cor-de-rosa. Complete a decoração do bolo.

Nota: Lembre-se que as cores de Cosme e Damião são a branca e a rosa.

BROINHAS DE FUBÁ

Ingredientes: 1 (uma) lata de leite condensado/ 1 (uma) xícara (chá) de leite/ 1/2 (meia) xícara (chá) de óleo/ 1 (uma) colher (chá) de sal/ 2 (duas) colheres (chá) de erva-doce/ 2 (duas) xícaras (chá) de fubá/ 1 e 1/2 (uma e meia) xícaras (chá) de polvilho-doce/ 4 (quatro) ovos/ 1 (uma) colher (sopa) de fermento em pó.

Modo de fazer: Misture bem o leite condensado, o leite, o óleo, o sal, a erva-doce e leve ao fogo. Quando levantar fervura, junte de uma vez só o fubá e o polvilho e mexa rapidamente para não encaroçar. Continue mexendo até começar a soltar do fundo da panela, deixando no fundo uma crosta. Passe para uma tigela grande e junte os ovos, 1 a 1, mexendo bem após cada edição. Por último, quando a massa já estiver fria, coloque o fermento, misturando-o bem. Faça broinhas, colocando porções da massa em uma xícara (chá) untada e polvilhada com fubá e gire a xícara algumas vezes e coloque a broinha sobre assadeira untada e enfarinhada. Asse em forno quente, por 20 minutos.

ROSCA

Ingredientes: 16 (dezesseis) xícaras (chá) rasas de farinha de trigo/ 4 (quatro) xícaras (chá) de maisena/ 8 (oito) colheres (sopa) de manteiga/ 4 (quatro) colheres (sopa de banha)/ 6 (seis) xícaras (chá) de açúcar/ 8 (oito) ovos inteiros/ 4 (quatro) colheres (sopa) de fermento/ leite, o necessário.

Modo de fazer: Misture todos os ingredientes com o leite, amasse até que forme uma massa regular e enrole como roscas.

DOCE DE LEITE EM PEDAÇOS

Ingredientes: 2 e 1/2 (dois e meio) Kg de açúcar/10 (dez) litros de leite.

Modo de fazer: Ferver o leite até amarelar. Juntar o açúcar mexendo sempre. Quando aparecer o fundo do tacho, tomar o ponto de bala. Retirar do fogo. Bater bem. Quando começar a açucarar, despejar, na pedra mármore, espalhando bem. Deixar esfriar. Cortar em quadradinhos ou losangos.

COCADA BRANCA

Ingredientes: 1 (um) Kg de açúcar/ 4 (quatro) cocos ralados.

Modo de fazer: Fazer uma calda do açúcar para ponto de bala mole. Retirar do fogo. Juntar o coco ralado. Deixar esfriar. Molhar as mãos e enrolar as cocadas. Secar ao sol.

BOMBONS

Ingredientes: 1 (uma) lata de leite em pó Ninho/ 1 (uma) lata (a mesma medida) de açúcar refinado/ 1/2 (meia) lata de Nescau/ 1 (um) copo (americano) de leite.

Modo de fazer: Numa vasilha de louça, colocar o leite Ninho, o açúcar, o Nescau e o leite. Misturar tudo muito bem e deixar descansar até dar ponto de enrolar. Se quiser, poderá recheá-los. Fazer as bolinhas e embrulhá-las em papel alumínio.

BALA DE LEITE DE COCO

Ingredientes: 5 (cinco) xícaras (chá) de açúcar/ 2 (duas) xícaras (chá) de água fervente/ 1 (uma) colherinha (café) de fermento em pó/ 1 (um) vidro de leite de coco.

Maneira de fazer: Despejar no leite de coco a água fervente, adicionar o açúcar e mexer bem até dissolver. Levar ao fogo e não mexer mais. Quando estiver em ponto de bala, virar na pedra mármore e espalhar por cima o fermento em pó. Puxar até ficar branca a massa. Fazer cordões e cortar com tesoura.

Enrolar em papel de seda.

BALA DE LEITE

Ingredientes: 1 (uma) lata de leite condensado/ 2 (duas) xícaras (chá) de açúcar refinado/ 1/2 (meia) xícara (chá) de mel/ 3 (três) colheres (sopa) de manteiga.

Modo de fazer: Misture os ingredientes. Leve ao fogo baixo, mexendo sempre, mais ou menos 15 minutos, ou seja, até conseguir o ponto de bala. Coloque a massa num prato untado com manteiga e deixe esfriar. Fazer rolos compridos, da grossura de um dedo, cortando-os, em pedaços, com tesoura. Passe as balas no açúcar refinado e embrulhe-as em papel crepom (branco e cor-de-rosa).

CARURU-DOS-MENINOS

De acordo com o célebre folclorista Luís da Câmara Cascudo, "é a refeição oferecida pelo devoto dos Ibeijis ou os Gêmeos identificados com São Cosme e São Damião, no dia oblacional, 27 de setembro, na cidade de Salvador e noutros pontos da Bahia." O caruru é o prato especial da festa, que é dividida em duas etapas: Caruru-dos-meninos (oferecido a 7 crianças de até 8 anos, com ritual - jantar simbólico de São Cosme e Damião) e Caruru-dos-grandes (servido aos adultos depois do caruru-dos-meninos e das demais crianças que deste não participaram).

É um costume originário e próprio da Bahia que se propagou pelos candomblés do Brasil, recebendo maior ou menor grau de variação.

Em Olímpia, o caruru ocasionalmente figura entre os pratos oferecidos nas festas de Cosme e Damião dos centros de Umbanda daqui. Quando aparece, é conservada a prática de se deixarem inteiros os 7 maiores quiabos encontrados entre os que se irão cortar em pedacinhos na produção desse prato. A pessoa que tiver em seu prato um quiabo inteiro deverá oferecer uma missa a São Cosme e São Damião no ano subseqüente, no dia desses santos.

O CARURU

É feito com quiabos bem cortados, depois de lavados e enxutos com uma toalha, para evitar a baba. Tempera-se com camarões secos, descascados e bem moídos, cebola ralada, coentro, pimenta e sal. Cozinha-se tudo em pouca água, até ficar bem cozido, como que um caldo bem grosso - não esquecendo de espremer meio limão na panela. Antes de ir para a mesa, coloca-se um pouco de azeite de dendê quente. Costuma-se comer o caruru com bastante pimenta e acompanhado de arroz branco.

SUPERSTIÇÕES, CRENDICES, SIMPATIAS

Intitulamos esta seção por esses três vocábulos que de alguma maneira se completam numa emaranhada intersecção semântica.

A crendice - que crê inocentemente em absurdos fantasiosos - pode ser vista como a parte passiva da superstição, já que esta vai mais além, instituindo estranhos hábitos, remediadores ou preventivos, acatados sem questionamento, a partir de crenças e temores decorrentes de fatos ou coincidências mal interpretados.

Habitualmente são feitas algumas tentativas em busca de supostas razões para uma ou outra superstição, mas são raras e pouco convincentes.

Também as simpatias derivam ou se compõem de tais elementos, como meio de se alcançar um determinado fim através de um ritual mais simples que o da feitiçaria, mas que também visa ao êxito mediante um processo abstrato, impreciso, mágico; são a magia caseira, podemos dizer, mas que ainda assim não prescindem da dinâmica poderosa da fé.

Apresentamos então alguns exemplares desses fatos e atividades cujo procedimento requer a intervenção ou o favor de forças superiores - neste caso, Cosme e Damião.

Mas antes de senti-las, ressaltemos que esses costumes evocam, analogicamente, práticas milenares, como as oferendas a deuses e outros rituais pagãos; são uma inadvertida herança mística que sempre volta em outro invólucro, e uma versão contemporânea de uma história que se repete com diferentes personagens.

PARA A CRIANÇA LARGAR A CHUPETA

Prometa a Cosme e Damião deixar no cruzeiro de um cemitério duas chupetas para que ela se desfaça do hábito.

Os adeptos da Umbanda devem prometer deixar três chupetas no "terreiro" aos pés da imagem de Cosme, Damião e Doum.

Ainda sobre essa questão, em Olímpia, muitos benzedores e benzedeiras costumam colocar um prato junto à imagem de Cosme e Damião onde depositam as chupetas das crianças que abandonaram o vício pueril.

Dizem que eles fazem uma benzeção bastante eficaz nesse sentido, invocando os santos gêmeos.

PARA OBTER DINHEIRO

Peça a Cosme e Damião a importância em dinheiro de que precisa. Na data consagrada a esses santos, pegue sete moedas do mesmo valor, dê a primeira a uma menina chamada Maria e distribua as demais, aleatoriamente, a outras crianças.

Obs: Esse procedimento restringe o pedido a um valor que corresponda realmente a uma necessidade importante. Não deve ser usado para fins especulatórios.

OFERENDA VOTIVA A COSME E DAMIÃO

Num domingo, antes de o sol nascer, num jardim ou praça pública, sem ser visto, reze alguma oração a São Cosme e São Damião, faça um pedido e lhes ofereça, ao pé de uma árvore, uma cesta com balas, guaraná (garrafa aberta), biscoitos, doces de coco e outras guloseimas.

CONTRA HEMORRAGIA

Para curar a hemorragia do pós-parto, chamada "frouxo", faz-se essa reza dos santos Cosme e Damião.

"São Cosme
São Damião
Dei sangue
Desde cristão".

Acenda uma vela durante a recitação reiterada do ensalmo.

PARA CARRO NÃO SER ROUBADO

Coloque no seu carro uma imagem de São Cosme e Damião e peça em todas as vezes que sair do carro que as **crianças invisíveis** cuidem dele.

NAMORADO (A) OU MARIDO (ESPOSA) VOLTAR

Pegar um doce de maria-mole e cortar pelo meio. Em seguida escrever o nome da pessoa num pedacinho de papel branco e colocar no meio da maria-mole como se fosse fazer um sanduí-

che. Depois, juntar mais seis doces de maria-mole e colocar tudo num prato de papelão, isto é, o doce que está com o nome e os outros seis. Levar o prato com os doces, até um jardim, oferecer a **São Cosme e Damião** e deixar lá sem olhar para trás.

PARA ENGRAVIDAR

Comprar um par de sapatinhos de criança em qualquer loja. Depois esperar uma Lua Cheia e encher um dos sapatinhos com doces e balas. Em seguida ir até uma praça ou jardim, deixar o sapatinho e dizer: **São Cosme e Damião**, ofereço este sapatinho com doces e balas, também gosto de crianças e quero ser mãe. Se eu conseguir, lhes darei o outro sapatinho.

CRIANÇA TER UM FUTURO FELIZ

Quando for preparar um dos primeiros três banhos do bebê, coloque objetos de ouro dentro da banheirinha, como anel, corrente, pulseira, medalha, etc. Quando estiver dando o banho, procure ir passando as peças de ouro pelo corpinho do bebê, rezando uma oração e oferecendo a **São Cosme e Damião,** pedindo proteção. Em seguida secar a criança com uma toalha branca e vestir com roupinha de cor amarela. No dia seguinte, quando for dar outro banho e trocar a roupa do bebê, pegue a roupinha que estava vestindo a criança e coloque aos pés de **São Cosme e Damião** numa igreja. Quando trocar a roupinha amarela, ponha uma roupinha branca. Esta simpatia é para a criança ser poderosa, pacífica e feliz por toda a sua vida.

TER FARTURA EM CASA

No dia 27 de setembro, dia de **São Cosme e Damião,** convidar 7, 14 ou 21 crianças e fazer uma festa com bastante doces e bebidas. Por todo o ano haverá fartura na sua casa. Seu lar será protegido por **São Cosme e Damião.**

BANHO DE DESCARGA COSME E DAMIÃO

O Banho de descarga é o descarregamento dos fluidos pesados de uma pessoa, sendo que o mais usado é o de ervas, variando estas de acordo com a necessidade da vibração de cada falange.

O banho de ervas já vem preparado (adquirir nos Terreiros ou casas de Umbanda) e tem no seu invólucro a maneira exata de ser usado.

É muito poderoso para as crianças até 11 anos, em seu tratamento físico, estimulante para os estudos e devem também ser enxaguadas as roupas de baixo deles, na água do cozimento das ervas, porém, a dosagem deve ser mais fraca para evitar que as roupas fiquem manchadas.

DEFUMAR A CASA

Defumação Cosme e Damião

Antes de usar esta defumação, queimar um pouco de incenso puro.

A defumação Cosme e Damião (adquiri-la nos Terreiros ou em casas especializadas) serve para as festas das crianças, das nhazinhas. Defuma-se o terreiro e a casa. É defumação especial para todas as crianças até os 14 anos, em casos de doença, dificuldades no estudo, etc.

Inicia-se a defumação da porta dos fundos para a frente, fazendo em cada peça a cruz da Umbanda. Terminadas estas, faz-se o mesmo em cada parede dos quatro lados, chegando-se à porta da rua, levando-se a defumação para o local de descarga e nunca se volta com ela para dentro de casa. Sempre que fizer uma defumação, faça-a acompanhada de uma prece ou ponto cantado.

Caso não possa despachá-la na ocasião, deixe-a junto à porta, colocando ao lado um copo d'água, o qual deve ser descarregado junto com os resíduos da defumação.

Os resíduos devem ser descarregados nos verdes e nunca em água ou outros lugares.

Por este breve ensaio sobre a vida dos santos Cosme e Damião e sua participativa influência no concurso de fatos folclóricos, pudemos sentir que é grande no Brasil a devoção a esses milagrosos gêmeos, cuja história, mesmo que de suposta parte lendária, é repleta de provas de amor à vida humana, e portanto de significativo efeito emblemático.

Cosme e Damião, assim como a crença em geral no poder dos Santos, devem perfeitamente adaptar-se a esta última década do século XX que, curiosamente, mostra o paroxismo sobre a revalorização das coisas do espírito, do "ocultismo", do sobrenatural, onde, porquanto, a força da fé e a suprema magia do milagre podem às vezes superar o mérito das conquistas científicas e tecnológicas.

Neste momento em que estamos vivendo, de caos no setor da saúde, de extrema violência policial, de descaso com a infância carente (que já está sendo evidenciada como preocupação prioritária mundial), as figuras de Cosme e Damião podem representar, para os médicos, um grande exemplo a ser seguido, para os policiais, um motivo de reflexão, e para a questão do menor, uma enorme força simbólica.

Antes de encerrar, expressamos nossos agradecimentos ao Prof. José Sant'anna, excelso e vanguardeiro folclorólogo, cuja orientação é precisa e enriquecedora, ao Frei Irineu Andreassa, pela grande força e pelas valiosas informações, ao Waldemar Balbo, pela forte colaboração, a Aparecida Pires Passarela e Jodenir Passarella, Jesuína Sousa e Silva e sua filha Maria Gertrudes de Silva de Aráujo, Lídia Zamariolo, Maria Aparecida Romão da Silva, Maria José da Costa, pela cooperação e pelas informações, e finalmente à bibliotecária Regina Célia Pompeo, pelas indicações bibliográficas, assim como à Profª Diva Salles de Carvalho Cleaver, Sílvio Borges de Queiroz, Nelly de Almeida Ferrante, Maria Aparecida Guolo Gemente e Ozilia Maria Correa, com os quais tive o enorme prazer de trabalhar na Biblioteca Pública Municipal Fernando de Barros Furquim, de Olímpia.

NOTAS:

(1) Reprodução intertextual envolvendo os diálogos publicados em "Santos de cada dia", de José Leite (Vol. III), e "Na luz perpétua", de João Batista Lehmann (vol. II).
(2) Enciclopédia Mirador.
(3) "Candomblé e Umbanda"- Planeta, n.° 144 -D, Editora Três, 1984.
(4) Jornal "Folha de São Paulo", edição de 3 de junho de 1994.

BIBLIOGRAFIA

1 - "Um Santo para cada dia", de Mario Sgarbossa e Luigi Giovannini (tradutor - Onofre José Ribeiro), Edições Paulinas, São Paulo - SP, 5.ª edição, 1983.

2 - "Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda. - Barsa e Mirador", Rio de Janeiro - São Paulo, 1990.

3 - "Dicionário Biográfico Universal", Editora Três , São Paulo - SP, 1.ª edição, 1993.

COISAS QUE O POVO INVENTA

Estroinices

ANTÔNIO CLEMÊNCIO DA SILVA
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

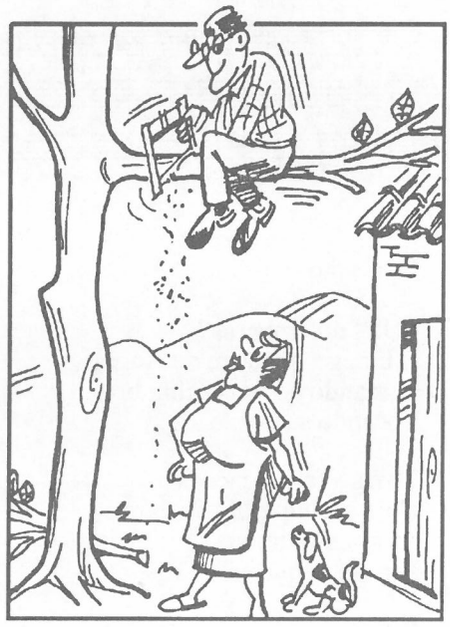
O homem foi criado na plenitude da razão, com a faculdade e o exercício da palavra. Tudo o que é necessário para falar possui o homem: inteligência que concebe a idéia, sentidos que percebem os objetos extensivos e aparelho vocal admiravelmente conformado para a produção dos sons.

Todos devemos aperfeiçoar nossas qualidades e corrigir nossos defeitos, para chegarmos ao domínio do idioma, a expressar correta e belamente, a compreender, com exatidão, a linguagem dos demais. Linguagem é comunicação.

Por outro lado, nosso povo, antes mesmo de ter um conhecimento da estrutura gramatical da língua, por ter sido criado na plenitude da razão, com a faculdade e o exercício da palavra, passa a mostrar uma característica de independência da lógica, e variando ao infinito, cria a faculdade e o exercício da linguagem sugestiva, pois não transmite propriamente o sinal da realidade, ela cria novas idéias no indivíduo. A linguagem passa a ser um órgão de invenção e renovação, tendo como encarnação desta linguagem o espírito tomado no sentido da graça, da ironia. Assim, nesse nosso trabalho **"Estroinices"**, cujo corpus foi recolhido pelo Prof. José Sant'anna, e se constitui de pequenos discursos, poemas, músicas, anedotário, reza, adivinhações, etc., parece não ter pé nem cabeça, coisa que foi feita mais para a recreação e o passatempo. Muitos o classificariam, como dizem na gíria, "falar abobrinha" ou "falar borracha", um amontoado de dizeres estrambóticos, extravagantes. Excepcionalidades. Coisas que andam fora do seu lugar comum, fogem da obviedade. Mas distraem o leitor.

TIROS SAÍDOS PELA CULATRA
LADRÕES ROUBADOS

Contaram-me esses casos como verdadeiros. Pode ser que até sejam. Mas são muito engraçados. Azar sobre azar. Coisa merecida. São exemplos de autopunição. O roubo foi realizado, o objetivo não alcançado, o castigo veio



a cavalo.

- Uns gatunos assaltaram uma fábrica de cerveja e roubaram um barril. Este, em lugar de cerveja, continha grude para colar rótulos.

- Um ladrão roubou um caminhão e respectivo reboque, que pertencia a um circo. O reboque tinha leão e tigres.

- Os ladrões assaltaram uma confeitaria moderna e roubaram grande quantidade de doces, que eram de cera, próprios para exposições.

- Um ladrão roubou um pacote de dentro de um automóvel. O pacote continha alguns exemplares impressos de um sermão.

- Um gatuno roubou, num restaurante, uma mala de mão. Dentro da mala estavam três cobras perigosas, cascavéis.

- Dois automóveis roubados em diferentes pontos da cidade, chocaram-se num cruzamento, onde foram abandonados pelos ladrões.

MALUQUICES
Conversas de Esquisofrênicos

- Uma cozinheira branca, de cor preta, comunica à patroa ter preparado uma feijoada de arroz, feita numa panela de barro, sem fundo, sobre um fogão apagado.

- Uma velha, muito jovem, dormindo acordada, servia, no lanche da manhã, após o almoço, leite preto, tirado de uma galinha branca, numa taça de prata, feita de ouro, acompanhado de pão de pedra mole, recheado com manteiga de estanho derretido.

- Um analfabeto de muita idade, que escrevia e lia com perfeição, escreveu uma carta sem letras, para sua esposa, já falecida, e aguardava, com ansiedade, a resposta.

- Joãozinho dizia: Estou sem querer, querendo fazer um desenho muito colorido, só com meu lápis preto, num papel da mesma cor.

- Num asilo de velhos, órfãos de pai e mãe, a merendeira servia-lhes só chá gelado que, de tão quente, queimava a boca dos afortunados meninos.

- Quando a lua surgiu, redonda como um quadrado, uns homens saíram correndo sem corrida e movendo-se sem movimento, para se deitarem no leito do rio.

- Anoitecia! O sol despontava no horizonte. Um criado cego servia, numa grande caneca pequena, com um buraco do lado, uma limonada de laranja aos criados anões, que tremiam de frio de tanto calor.

- Um médico, muito idoso, especialista em arte culinária, nada enxergava, porque muito pouco ouvia, gritou com seu auxiliar, com os dedos roucos, e a voz em riste: Não fale alto comigo que eu não sou cego!

ADIVINHAÇÕES EXCÊNTRICAS
Disparates

Essas adivinhas têm um artifício capaz de iludir o mais argusto solucionista, inspirando, pela forma obscura do enunciado, uma solução falsa ou sugerindo uma resposta que muito difere da verdadeira. Por exemplo: O que pode ser definido como uma coisa de louco?
- Camisa-de-força.

Eis as perguntas acompanhadas das respostas.

1 - O que é que nem todos têm, mas ninguém passa sem ele?
- O ferro de passar roupa.

2 - O que é que no sol não se queima

COISAS QUE O POVO INVENTA

e na água não se molha?
- A sombra.
3 - O que é que nos tiram antes de recebermos?
- A fotografia.
4 - O que é vermelha e nós chamamos de verde?
- Carne fresca.
5 - O que se compra para comer e nunca se come?
- Talheres.
6 - O que se queima com água fria e não com fogo?
- A cal.
7 - O que é que quando está dentro da casa, fica de fora?
- Botão de camisa.
8 - O que é que só quando se mata é que se fica contente?
- A fome.
9 - Qual o homem que quando trabalha deixa os outros com a boca aberta?
- O dentista.
10 - Qual o homem que vive do pão que os outros comem?
- O padeiro.
11 - Quem é que come com pena?
- As aves.

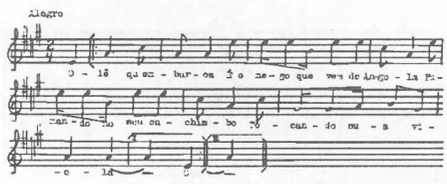
PEGAS

São peças, enganos, que uma pessoa passa na outra. Enquanto pegas, não constituem objeto deste trabalho, porque podemos classificá-los como perguntas capciosas. Entretanto, do ponto de vista do conhecimento geral, aí sim, enquadram-se como estroinices, tanto na formulação da pergunta, quanto nas respostas erradas. Vamos a estes poucos exemplos:

1 - O morcego disse que viu a galinha botando ovo e a vaca pastando.
O que está errado?
- Tudo. Morcego não enxerga nem fala.
2 - Quem grita mais alto: a girafa macho ou a girafa fêmea?
- Nenhuma. Girafa não emite sons, não tem voz.
3 - Quem enxerga mais: o caracol ou o carrapato?
- Nenhum. Ambos são cegos.
4 - Enquanto uma cigarra fêmea cantava estridentemente numa árvore seca, uma girafa e uma lhama nadavam, tranqüilamente, num lago. Você acha isto certo?
- Não! Cigarra fêmea não cicia, só o macho dela. Girafa e lhama não sabem nadar. Aliás, de todos os mamíferos, somente estas duas espécies não nadam.
5 - Por que o garoto subiu na mangueira para colher goiabas?
- Porque a goiabeira ficava no quintal do vizinho.
6 - O que pesa mais: uma arroba de algodão ou 15 quilos de ferro?
- Os dois pesam igualmente.

MÚSICAS DE BRINCALHÃO
Brincadeira de Gente Travessa

1 - NEGRO DE ANGOLA



Estribilho

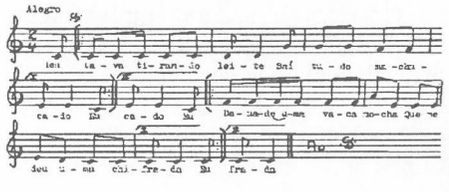
- Olê! qu'embarca?
- É nego que vem de Angola,
Fumando no seu cachimbo,
Tocando sua viola.

O nego foi na caçada
Co'a espingarda sem vareta,
Atirô num urubu,
Pensando que era o capeta.

Estribilho

Cantado por Adelis Paula dos Santos, 18 anos (1970), 1.º capitão do Terno de Moçambique "São Benedito", do Jardim Santa Ifigênia, residente na Avenida do Folclore, n.º 956, Olímpia.

2 - DEBOCHE



Ieu estava tirando leite
Saí tudo machucado, (bis
Danada duma vaca mocha
Que me deu uma chifrada. (bis

E vinha um cego correndo
Eu gritei: você machuca! (bis
E o nego vinha em pêlo
Tinha um laço na garupa. (bis

Fui descendo rua abaxo
Na minha mula machadera, (bis
Encontrei um nego pelado
C'um relógio na gibera. (bis

O nego arreô sua mula,
Dizendo que ia na festa (bis
Numa mula-sem-cabeça
C'uma estrela na testa. (bis

Me descurpe minha gente
Qu'eu agora vô falá: (bis
Certas coisa neste mundo
Qu'eu não posso conformá. (bis

Cantada por Sebastião Ferreira (Dão), 65 anos (1991), do Terno de Congada "Chapéu de Fitas", Avenida do Folclore, n.º 607, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

ORAÇÃO DE GENTE ESTOUVADA
ORAÇÃO DO MAR SAGRADO

"Mar sagrado, eu te venho salvar; água te venho pedir e a fortuna de Deus, para minha casa levar para que dê ouro para guardar, prata para gastar, cobre para dar aos pobres".

Uma oração profana vendida em livretos populares e que o crente se dirige não a Deus (ou a qualquer santo), mas ao **mar sagrado,** para lhe fazer uma súplica: que dê ouro para guardar, prata para gastar e cobre para dar aos pobres.

Pouco egoísta o suplicante, não!

DEVE SER,
MAS NÃO DEVE SER...

- A atriz **deve ser** como o papagaio, que só fala (palra) o que se lhe ensina, mas **não deve ser** como o papagaio, que fala tudo quanto ouve falar.
- O benfeitor **deve ser** como o vento, que passa sem ser visto, não deixando contudo de ser sentido, mas **não deve ser** como o vento, que faz estragos por onde passa.
- O menino **deve ser** como o macaco, que faz tudo quanto vê fazer; mas **não deve ser** como o macaco, que também imita os gestos ridículos e maus.
- O militar **deve ser** como o leão, forte entre os fortes e generoso entre os pequenos; mas **não deve ser** como o leão, que sacia a sua sede no sangue de seus inimigos.
- A mulher **deve ser** como a cigarra, que canta para distrair; mas **não deve ser** como a cigarra, que não sabe fazer mais do que isto.
- O músico **deve ser** como o galo, que nunca deixa de cantar; mas **não deve ser** como o galo, que briga com os outros galos.
- O pobre **deve ser** agradecido como o cão, que beija a mão que o afaga; mas **não deve ser** como o cão, que ladra a quem não lhe dá pão.
- A polícia **deve ser** vigilante como o

galo, que dá o alarme continuamente; mas **não deve ser** como o galo, que se recolhe logo ao anoitecer.

- O sábio **deve ser** como a coruja, que passa em vigílias as suas noites; mas **não deve ser** como a coruja, que só prediz agouros.

CÚMULOS
Comparações Esdrúxulas

Qual o cúmulo?

1 - da **afetação** é colocar um supercurativo ao machucar o supercílio.

2 - do **amor** é a mãe fugir com os filhos pequenos, para não deixá-los órfãos.

3 - do **acanhamento** é estar morrendo de fome e recusar o convite para o almoço.

4 - do **arrepio**
a) é descer um tobogã de lâminas afiadas e cair numa piscina de álcool.
b) é mastigar, com muita força, um caco de vidro até transformá-lo em pó.

5 - da **arrumação** é a criada mudar os lençóis do leito do rio.

6 - da **atenção** para um tratador de jardim zoológico é enxugar as lágrimas de um crocodilo.

7 - **da avareza** é olhar por cima dos óculos para não gastar as lentes.

8 - do **azar** é estar com uma tremenda dor de barriga e ficar preso no elevador.

9 - do **barulho** são duas caveiras dançando sobre uma folha-de-flandres.

10 - da **beleza** é casar-se com um "pão" e morrer de fome.

11 - do **basquetebol** é jogar na "sexta" e cair no sábado.

12 - do **cantor** é cantar para embalar o sono eterno.

13 - do **cara de pau** é uma carranca.

14 - da **censura** é proibir a mulher de abrir as pernas na hora do parto.

15 - do **comércio** é o quitandeiro vender o ponto da discórdia.

16 - da **covardia** para um pedreiro é ter medo de cimento armado.

17 - da **criatividade** é criar juízo na cabeça do homem.

18 - **da distração**
a) é sair à rua nu e não perceber.
b) é comer o guardanapo e limpar a boca com o bife.

19 - do **desligamento** é querer abrir a porta, estando a chave na fechadura e ficar procurando-a nos bolsos.

20 - da **economia**
a) é encerar o chão com cera do ouvido.
b) é gastar num automóvel gasolina de segunda mão.
c) é limpar o nariz com um confete e guardar o outro lado para limpá-lo no dia seguinte.
d) é ter luz elétrica em casa, mas iluminá-la com lamparina.

21 - da **educação** é levar um bofetão e ainda pedir desculpas.

22 - da **eletricidade** é levar um choque e receber uma alta conta de luz.

23 - do **escritor** é escrever com pena de morte.

24 - do **espírito esportivo** é ficar brincando de labirinto com o cotonete no ouvido.

25 - do **exagero** é passar manteiga no "Pão" de Açúcar.

26 - **da falta de gosto** é alguém que não tenha língua.

27 - da **falta de higiene** é tomar banho e não lavar a cabeça para não apanhar gripe.

28 - da **força**
a) é cortar uma rua.
b) é dobrar uma esquina.
c) é quebrar um quarteirão.

29 - do **farmacêutico** é aplicar injeção na veia poética.

30 - da **gula** é engolir, com prazer, um desaforo.

31 - da **habilidade**
a) é a pessoa bordar com o fio da conversa.
b) é o oculista operar o Niágara de catarata.

32 - da **higiene mental** é lavar a alma.

33 - da **honestidade** é devolver a simpatia que veio em excesso.

34 - da **imbecilidade** é pensar que a previsão meteorológica é para o céu da boca.

35 - da **infantilidade** é o futebol (22 marmanjos brigando por uma bola).

36 - do **jardineiro** é cultivar flores num vaso de guerra.

37 - do **leitor** é fazer leitura no livro da vida.

38 - da **lerdeza** é apostar corrida sozinho e chegar por último.

39 - da **magreza**
a) é deitar-se sobre uma agulha e cobrir-se com a linha.
b) é sair à chuva e não se molhar.
c) é usar pijama de uma só lista.

40 - da **modéstia** é viver de olhos fechados para ocultar seu brilho.

41 - do **narcisismo** é namorar a menina dos olhos.

42 - da **nulidade** é ser reserva de gandula.

43 - da **palhaçada** é o palhaço anunciar na televisão que o seu número será um espetáculo de graça e, na hora, cobrar o ingresso.

44 - da **pontaria** é mirar no ladrão e acertar na polícia.

45 - da **preguiça** é o médico examinar o doente pela fotografia.

46 - da **rapidez**
a) é correr em volta de uma mesa redonda e conseguir abraçar o seu próprio corpo.
b) é correr ao redor da mesa e conseguir pegar a si mesmo.
c) é fechar a gaveta com a chave dentro.

47 - da **reportagem eleitoral** é a que traz o seu preço.

48 - da **sem-cerimônia** é o casamento do pobre.

49 - do **vegetariano** é ir cortar uma moita de capim e comê-la todinha.

50 - da **velocidade** é chegar num lugar distante mais rápido do que seu pensamento.

51 - do **zelo** para um enfermeiro é querer vacinar o braço de um rio.

RESPOSTAS CRETINAS
Definições Semiloucas

1- Você já viu uma zebra? O que é **zebra?**
- É um burro de pijama.

2 - Você sabe escrever o oito? O que é o **oito?**
- É um zero amarradinho pela cintura.

3 - Você gosta de carne de porco? O que é **porco?**
- É um indivíduo que nunca leu um compêndio sobre Higiene.

4 - Você já teve febre? O que é **febre?**
- Aquecimento central.

5 - Você já montou em burro? O que é **burro?**
- Cavalo completamente analfabeto.

6 - Você já deu conselho? O que é **conselho?**
- A mais comum e a menos valorizada das moedas correntes.

7 - Você sabe para que servem os rins? O que são **rins?**
- Máquinas de cálculos.

8 - Você já leu alguma coisa sobre os olhos? O que são **olhos?**
- Órgãos de informação.

9 - Você tem experiência de vida? O que é uma **experiência?**
- Pente que adquirimos depois de calvos.

10 - Você já ouviu falar em covarde? O que é um **covarde?**
- Homem que no perigo raciocina com os pés.

11 - Você sabe tecer uma rede de pescar? O que é **rede?**

COISAS QUE O POVO INVENTA

- Porção de buracos amarrados com um barbante.

12 - Você conhece rolha? O que é **rolha?**

- Chapéu de garrafa.

13 - Você pede desculpa? O que é **desculpa?**

- Gentileza atrasada.

14 - Você tem guarda-chuva? O que é **guarda-chuva?**

- Bengala com batina.

15 - Você já fez exame de sangue? O que é **sangue?**

- Suor de guerra.

16 - A cachaça embriaga. O que é **cachaça?**

- Suor de alambique.

17 - A barba incomoda muitos homens. O que é **barba?**

- Bosque das mandíbulas.

18 - Um canibal é perigoso. O que é **canibal?**

- É um senhor que gosta muito de ter gente na sua mesa do que à sua mesa.

19 - Qualquer homem conversador aborrece muito. O que é um **conversador?**

- É um senhor que em lugar de prestar atenção a quem lhe está falando, está pensando no que vai dizer quando o outro calar a boca.

20 - Rui era um gênio. O que é **gênio?**

- É um homem simplesmente inteligente, mas que já morreu.

21 - A cômoda tem 6 gavetas. O que são **gavetas?**

- São os bolsos dos móveis.

22 - Eu tinha um lápis-tinta. O que é **lápis-tinta?**

- É um lápis que deixou de ser lápis sem chegar a ser tinta.

23 - Gostamos de roscas. O que são **roscas?**

- São os salva-vidas da fome.

24 - As mulheres têm pavor a morcego. O que é **morcego?**

- É o cruzamento de rato com passarinho.

25 - Toda criança é bem querida. O que é **criança?**

- Última edição da humanidade.

26 - Você sabe conjugar verbo. Qual **o futuro do verbo matar?**

- Ir para a cadeia.

27 - O verbo dormir é da 3.ª conjugação. Qual **o futuro do verbo dormir?**

- Roncar.

DESCRIÇÕES DE GIROLAS

(Historietas mentirosas, criadas somente para fazer rir o ouvinte. Potocas que divertem, distraem. Brincadeiras de adolescentes.)

1 - Era tão nervosa aquela menina, tão nervosa, que de tanto roer as unhas acabou precisando chamar uma manicura para lhe tratar o estômago.

2 - Era um avarento tão avarento, que usava óculos mas olhava por cima dos vidros para não gastá-los.

3 - Era um surdo-mudo que usava luva de boxe para dormir e fazia isto porque estava habituado a "falar" com as mãos e não queria falar dormindo.

4 - Era um homem que cantava muito mal e explicava sempre: A culpa não é minha! Estudei canto por correspondência e o correio extraviou uma porção de lições.

5 - Era um preguiçoso que vivia deveras aborrecido porque não sabia o que era melhor: ficar na cama toda manhã ou levantar-se bem cedo para ter mais tempo para não fazer nada durante o dia.

6 - Era um rapaz tão esquecido, mas tão esquecido, que estava morrendo afogado porque, ao cair no rio, nem se lembrou que era campeão de natação.

7 - Era um pescador tão mentiroso, que dizia ter pescado um peixe tão grande, mas tão grande, que foi necessário uma centena de homens para tirá-lo do rio. Quando o puseram fora da água, o rio quase secou.

8 - Era um rapaz tão desligado das coisas, mas tão desligado, que num dia foi ameaçado de morte pelo colega. E ele simplesmente respondeu com convicção: Se você me matar eu lhe corto a cabeça.

9 - Era uma senhora tão míope, mas tão míope, que dormia de óculos, para enxergar bem, caso sonhasse.

10 - Era um senhor tão miserável, que ainda tinha alguns dentes naturais e outros postiços. Ao chupar cana, sentiu quebrar-lhe um dente e ficou assustado. Ao perceber que não era nenhum dos postiços, muito aliviado disse: Ainda bem! Este não custou dinheiro.

11 - O meu irmão é tão supersticioso, mas tão supersticioso, que não quer trabalhar em nenhuma semana que tenha sexta-feira.

12 - Meu tio era tão esquecido que naquele dia quando o tiraram da água, quase afogado, bateu com a mão na testa e exclamou: Bolas, vejam só! Agora é que me lembro que sei nadar.

13 - Meu avô tinha um nariz tão grande que não podia voltar-se no seu quarto sem quebrar qualquer coisa. Mas o meu bisavô tinha um nariz maior que quando espirrava, só no dia seguinte é que se ouvia o espirro.

14 - Era uma vez um homem tão distraído que se escondeu em baixo da cama e ficou esperando que o botão da camisa o fosse procurar.

15 - Era uma vez um camarada tão poupado que, no dia do casamento, foi com a noiva para o galinheiro, na hora dos amigos jogarem em cima deles o arroz cru, para que as galinhas o aproveitassem.

16 - Era uma vez uma senhora tão boa, mas tão boa, que levou um coice de um cavalo e passou o dia inteiro chorando por pensar que o cavalo estivesse zangado com ela.

17 - Era uma vez uma centopeia macho que regressou a casa às duas horas da madrugada e, como não queria acordar a mulher, ficou até as seis horas tirando os sapatos.

18 - Era uma vez um homem que tinha a cabeça tão dura, mas tão dura mesmo, que caiu do quarto andar de uma casa, no chão, que era de cimento, e nem se machucou. E ainda disse assim: Tive sorte, pois o cimento amorteceu o choque.

19 - Era uma vez um escritor que escreveu um "Tratado do Cultivo da Coragem", mas não tinha coragem de procurar editor para o livro.

20 - Era uma vez um homem que, sempre que passava diante de um espelho, fechava os olhos e ficava parado, parado, para ver como era a própria cara quando estava dormindo.

21 - Era uma vez um homem que fazia suas galinhas nadarem em água quente para ver se elas botavam ovos já cozidos.

22 - Era uma vez um camarada tão distraído que todas as noites punha a mulher fora da cozinha, dava corda no gato e deitava do lado do despertador.

23 - Era uma vez uma senhora tão madrugadora que fazia as camas dos filhos antes deles se levantarem.

24 - Era uma vez um pobre que pedia esmola assim: Por favor, dê-me um pouco de água, pois estou com tanta fome que não tenho onde passar a noite.

25 - Era uma vez um arquiteto tão bom, que fazia castelos no ar.

26 - Era uma vez um elefante tão moderno, que tinha os dentes postiços.

27 - Era uma vez uma senhora muito econômica que vivia furiosa com o marido por ter este comprado um extintor de incêndio , e dizia: Vejam só! Nunca tivemos ocasião de usar.

28 - Era uma vez um homem bem educado que não gostava de causar

COISAS QUE O POVO INVENTA

aborrecimentos aos vizinhos. Uma noite, viu uma grande cobra no jardim . Precisava matá-la . Mas não querendo acordar os vizinhos que dormiam, apanhou uma espingarda e deu um tiro na cobra, em ponta dos pés.

29 - Era uma vez um escafandrista tão cortês que morreu afogado porque, tendo mergulhado, avistou em baixo d'água uma sereia e logo tirou o capacete, para cumprimentá-la.

30 - Era uma vez, um homem tão feio, mas tão feio, que fez fortuna alugando a cara para assustar crianças que tinham soluços.

31 - Era uma vez um homem tão previdente, mas tão previdente que fez sete seguros de vida para seu gato de estimação: um para cada vida.

32 - Era uma vez um homem tão preguiçoso, mas tão preguiçoso, que sequer dava ao trabalho de fazer café. Punha o pó no bigode e bebia água quente.

33 - Era uma vez um homem tão pão-duro, mas tão pão-duro que, tendo que viajar, quando escreveu à mulher mandou dizer: E não esqueças de tirar os óculos do Toninho, quando ele não estiver olhando nada.

34 - Era uma vez um menino tão magro, tão magrinho que, na escola, não se virava de perfil com medo de que o professor pensasse que a sua carteira estivesse vazia.

35 - Era uma vez um rapaz que tinha os pés grandes, mas tão grandes que, quando praticava esqui aquático, entrava na água apenas descalço.

36 - Era uma vez uma mulher que tinha a boca tão pequena , mas tão pequena, que para tomar um comprimido era necessário o uso de uma calçadeira.

37 - Era uma vez um homem tão doente, mas tão doente e, em estado gravíssimo, disse ao médico: Se continuo assim, amanhã quando o senhor vier e disser que estou morto, creia que eu não me surpreenderei.

ANEDOTÁRIO ESTABANADO

1

- Sebastião, de onde as abelhas tiram a cera?
- Dos ovidos, sim senhô.

2

Calvo: Quero um vidro de loção que faça crescer o cabelo.

Farmacêutico: Grande ou pequeno?

Calvo: Pequeno, porque não gosto de cabelos muito compridos.

3

Diga o nome de um objeto que tenha a letra "t".

- Panela.
- Mas onde está o "t"de panela?
- Na tampa.

4

Sou um homem esperto! Ontem vendi um cachorro por cem mil cruzeiros.

- Ah! Então agora podes emprestar os cinqüenta mil que te pedi...
- Não posso, não, meu filho! Imagina que o homem me pagou o cachorro com dois gatos, que valem cinqüenta mil cada um!

5

- Pedro, a lavadeira roubou duas toalhas.
- De nossa casa?
- É.
- Mas que ladra, que sem-vergonha! Quais foram as toalhas?
- Aquelas que trouxemos do hotel.

6

O patrão: Por que fazes esta porção de rabiscos em baixo da tua assinatura, Zé?

O empregado: Bem... Porque fica mais bonita assim.

O patrão: Qual bonita nem qual goiabada! Pois não sabes como está cara a tinta de escrever? Queres-me levar à falência?

7

Frenético, a pena a correr sobre o papel, Seu Luís está escrevendo uma carta, a qual , vê-se bem, ele tem pressa de fazer seguir. A certa altura diz para a mulher:

- Enquanto eu acabo de escrever, fecha tu o envelope. Assim ganharemos algum tempo.

8

Duas mulheres se encontraram na rua.

- Como vai seu marido, diz uma.
- Bem ... Às vezes, está melhor e às vezes pior... Mas fica tão nervoso quando está melhor, que chego a achar que está melhor quando está pior.

9

Dois homens vão por uma rua, andando depressa. Um deles era muito educado. Educadíssimo. Esbarraram fortemente, e o educadíssimo disse ao outro, tirando o chapéu e fazendo uma curvatura.:

- Oh! cavalheiro! Ignoro quem teve a culpa deste choque de individualidades... Se foi minha culpa, perdoa-me. Se foi sua, fique tranqüilo, pois está perdoado.

10

Um músico mambembe resolve ganhar algum dinheiro tocando sua sanfona no meio da praça.

Aparece um fiscal e interrompe:

- Você tem licença?
- Não.
- Então me acompanhe.
- Claro. E que música o senhor vai cantar?

11

'Num baile, um rapaz foi convidar uma garota muito bonita para dançar, porque estava morrendo de amores por ela à primeira vista. Mas a garota nem percebia a presença do rapaz no recinto.

Quando a música começou a tocar, o rapaz foi ao encontro da garota:

- Quer me dar o prazer desta contradança?
- Desculpe-me, disse ela, mas eu não danço com criança.
- Então, neste caso, quem pede desculpas sou eu, pois não sabia que a senhora estava grávida.

12

Ontem eu ia caminhando quando, ao encontrar uma casa, cuja janela estava aberta, ouvi um homem discutindo, em altas vozes.

Olhei para dentro e verifiquei que ele estava sozinho.

- Escute aqui, perguntei: Com quem o senhor está discutindo?
- Comigo mesmo, respondeu.
- E se discute com você mesmo, por que tem que gritar assim?
- Porque não suporto gente mentirosa! Não admito mentiras comigo!, explicou.

E continuou discutindo.

13

Um rapazinho estava na casa da namorada, quando começou a chover muito forte, e já era hora dele ir embora. A namoradinha pediu para ele pousar na casa dela, em virtude do mau tempo. Ele aceitou o convite e ela foi preparar a cama.

Quando a namoradinha voltou à sala pra indicar-lhe o quarto, encontrou-o molhado dos pés a cabeça.

Ela perguntou: Por que você está todo molhado assim?

- Ele lhe respondeu: É porque fui a

COISAS QUE O POVO INVENTA

casa avisar mamãe de que vou dormir aqui, por causa do temporal, e aproveitando a ida eu trouxe o pijama.

14

Sentado na sarjeta, com um horrível par de óculos escuros, o mendigo pedia esmola.

- Ajudem o pobre cego!

Uma senhora tira da bolsa uma nota de quinhentos cruzeiros e lhe entrega.

O cego diz:

- Vai querer o troco ou ficam os quinhentos mesmo?

- O senhor enxerga?

- Graças a Deus, minha senhora. O ponto aqui é do cego. Eu sou o mudo. Estou aqui só enquanto ele assiste a uma sessão de cinema. Ele volta já.

15

Um barbeiro de um vilarejo fazia laboriosamente a barba de um freguês quando entrou de escurecer repentinamente. O barbeiro, a certa altura, suspendeu o trabalho e foi à porta observar o que se passava.

Viu, então, muita gente pelas janelas a bisbilhotar, através de vidros fumados, um eclipse do sol que os jornais tinham anunciado.

Voltou para junto do cliente e comentou com voz grave:

- Parece impossível! Parece impossível!

- O que é que lhe parece impossível?, perguntou o resignado paciente:

- Parece impossível... Um eclipse... numa cidade tão pequena.

Poesias Estróinas
Sem pé nem cabeça

1 - DISPARATES

O mar abrasado em fogo
Um cego via com mágoa,
Corre logo um entrevado
A buscar um balde d'água.

Fala um mudo e chama gente
Porque o fogo mergulha;
Vai boiando um prego aceso
Enfiado numa agulha.

Fugindo a esse sarilho
Nadam os peixes em terra,
Enquanto a água dos rios
Vai subindo pela serra.

Recitada por Débora Aparecida Vicente, 25 anos (1988), residente na Rua David de Oliveira, n.º 1568, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

2 - COISAS MALUCAS

Um jovem já bem velhinho
Sentado numa pedra de pau,
Pelado com a mão no bolso,
Lia, em branco, um jornal.
Uns versos que não havia.
Assim diziam:
O mundo é uma bola quadrada
Que gira parado.
Antes morrer que perder a vida.
Enquanto ele lia,
As vacas saltavam de galho em galho
E os passarinhos pastavam nas verdes campinas.

Recitada por Pedro Alves Taveira, 60 anos (1993), residente na Avenida D. Jerônima Alves Ferreira, 444, Bairro de São José, Olímpia.

3 - PÓ-É-TÁ? NÃO! LUNÁTICO.

1 - Um homem vestido
Sem roupa, sem nada,
Sentado na ponte,
Sozinho falava:
Meus filhos dos outros,
Bom, mau camarada,
A terra é uma bola,
Uma bola quadrada
Que gira depressa,
Mas gira parada,
Movida por nada.

2 - A noite era escura,
Não se via nada,
O sol tão ardente
A terra queimava,
Uma chuva forte,
Caía na estrada,
A lua brilhante,
Muito retardada,
Com luz muito forte
Muito iluminada,
Brilhava apagada.

3 - O calor era muito,
A terra gelada,
A chuva era tanta
E nada molhava,
Eu estava enxuto
Co'a roupa ensopada,
Entrei num casebre
Numa encruzilhada
Só tinha o teto
Que coisa engraçada!
Co'a porta fechada.

4 - Um ar tão gostoso
Coisa malograda
Entrou nos ouvidos
Me atrapalhava
Sou homem doente,
Mas não sofro nada,
Escrevo tudo certo
Com a idéia errada,
Mas eu não sou louco,
E não é piada,
Eh, vida malvada!

Recitada por Waldemar Garé, 56 anos (1993), residente na Rua General Osório, 887, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

4 - CANTIGA DE UM ANORMAL

1 - Sou um cara bem normal,
Porém, totalmente louco,
Sou muito bem remunerado,
Mas eu ganho muito pouco,
Quando eu compro fiado,
Já exijo logo o troco
Se compro briga, eu corro,
Quando levo um só soco.

2 - Uso só um terno branco,
Que é de forte cor azul,
Quando eu vou para o norte,
Já chego logo no sul.
Sinto-me muito bem vestido
Somente quando estou nu,
Atirei na graça branca
Pra matar um urubu.

3 - Tenho cachorro perdigueiro,
Mas caço só com um gato,
Gosto de carne de frango,
Mas como carne de pato
Gosto muito do mais caro
Mas prefiro o mais barato,
Sou muito bem educado,
Mas não passo de um chato.

4 - Só molho as minhas plantas
No dia de muita chuva,
Passo reto e direto
Onde existe muita curva,
Quando sujo minhas mãos
É que ponho minhas luvas,
Uso óculos escuros
Quando a noite está turva.

5 - Quando é dia de calor
Eu quase morro de frio,
Quando está geando muito
É que mergulho no rio
Quem é irmão do meu pai
Para mim não é meu tio
E o cavalo de cor baia
Para mim ele é tordio.*

6 - Os outros vão ficando velho
E eu cada vez mais menino
Só quando acaba a missa
É que eu bato o sino
Se acaso vou a velório
Fico chorosamente rindo
Eu não sou atravessado,

COISAS QUE O POVO INVENTA

Não é este o meu destino.

7 -Sempre morei na cidade,
Vivendo em pleno sertão,
Minha cama é muito fofa,
Mas sempre dormi no chão,
Me chamo, me chamo José.
Mas meu nome é João.
A todos desagradeço
Pela boa atenção.

8 - Se alguém vai lá em casa,
Eu não aperto a mão,
Convido, sim, para entrar,
Mas não abro o portão,
Sou muito bem educado,
Sem nenhum educação,
Pago todas as minhas contas
Sem gastar nenhum tostão.

9 - Foi um cara que não existe
Que um dia me descobriu,
Fico muito agradecido
Com qualquer um que não riu,
Se alguém gostar de mim
Me dá profundo arrepio
Que seja muito feliz
Afogado em um rio.

Recitada por Acedilo Novaes, 54 anos (1993), residente na Rua Floriano Peixoto, n.º 1446, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

* **Tordio:** Tordilho (Turdilho) que tem a cor de tordo.

5 - COISAS DE UM LOUCO

(Poema de um louco de boa memória)

Era noite!
O sol brilhava nas campinas dos verdes mares
Enquanto um velho moço, sentado de pé,
Numa perna de pau, contemplava a natureza.
Na sua frente traseira um surdo-mudo dizia:
Mundo! Tu és uma bola quadrada
que gira parada em torno do nada.
Navegando num barco sem fundo,
sobre um rio sem água,
um preto expunha sua linda cabeleira loira
ao vento e dizia calado:
É preferível, mil vezes, a morte
do que perder a vida logo.
Mais adiante dali, nos bosques,
enquanto os pássaros pastavam alegremente,
as vacas voavam, de galho em galho, à procura de seus ninhos.
No meio das trevas, um homem loiro, careca,
ficou com os cabelos arrepiados,
enquanto dois cegos se olhavam e dois mudos cantavam.
Assim está escrito num livro sem páginas,
sem linhas e sem letras.

Recitada por Luís Giacomaze Neto (Ide), 39 anos (1993), residente na Avenida do Olimpiense, 1060, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

EXPLICAÇÃO OBSCURA

Um homem explicava ao outro:
- Eu nunca tinha podido compreender porque nos carros dormitórios dos trens o leito de baixo custa mais do que o de cima. Mas agora já sei: o que acontece é que o preço do de baixo é mais alto do que o do mais alto porque quem dorme no mais alto tem que subir para dormir e descer quando acorda. Então, está direito: o de baixo é mais alto porque é mais baixo e o mais alto é mais baixo porque é mais alto.
Logo, o inferior é preferido porque é superior.
Não é isso mesmo?

FALSA ESTROFE DE HORROR

Meia-noite! Que horror!
Uma mulher toda escabelada,
Com uma faca na mão...
Passando manteiga no pão.

(Os três primeiros versos são recitados com voz de terror, o último com voz bem compassada e com muita delicadeza).

Recitada em Olímpia.

QUADRAS INGÊNUAS

Em quase todas as quadras folclóricas estão presentes os ingredientes: inspiração, sonho, colorido, que enchem de beleza a composição e fazem gerar rimas.

Ao trovador folque tudo se perdoa: as quadras mal elaboradas, a diferente maneira de dizer as coisas, as imagens que tecem, as inspirações, etc.

No entanto, há quadras com uma atitude que nada tem de mensagem, sem recados, vazias, e cultivam, apenas, o desafogar de rimas, sem nenhum brilho ou devaneio do trovador.

E, assim, registramos, à guisa de exemplos, estas estrofes, cuja preocupação se prende à rima e não ao contorno de inspirações, pois são plenas de excepcionalidades.

1 - A paquinha co'a cutia
Fizeram combinação
Para fazer serenata
Debaixo do meu colchão.

2 - A pulga me deu um tapa,
Um piolho, um bofetão,
Depois foram-se gabar
Que me botaram no chão.

3 - Atirei com meu revólver
No moirão de uma porteira,
O moirão era de cedro,
Saiu lasca de aroeira..

4 - A véia deu uma mijada.
Por cima de uma ladera.
E arrasô o povo todo
Que morava em Olivera.
(Olivera- Oliveira, cidade de Minas).

5 - Casei-me com uma véia,
Pra livrá da fiarada,
Mas o diabo da véia
Teve dez de uma ninhada.

6 - Chupei uma laranjinha,
A semente botei fora;
Da casca eu fiz um barco,
Meu amor, vamos embora!

7 - Colega, você me diga,
Mas diga só num arranco,
Por que a galinha preta
Por força põe ovo branco?

8 - Da Bahia me mandaram
Um lencinho de presente,
Com capetinha no cabo,
Fazendo careta à gente.

9 - Da Bahia me mandaram
Um presente com seu molho,
A costela de uma pulga,
O coração de um piolho.

10 - Da Bahia me mandaram
Um presente num canudo:
Uma velha descascada
E um velho com casca e tudo.

11 - Diga morena bonita
Como é que se cozinha?
- Põe a panela no fogo
Vai conversar co'a vizinha.

12 - Em cima daquela serra
Tem lindo pé de limão,
Desde quando aqui cheguei,
Pus a mão no coração.

13 - Encarquei o pé na cova,
Voz de baixo arrespondeu:
Não encarque o pé na cova,
O defunto já morreu.

14 - Eu fui lá na minha horta,

COISAS QUE O POVO INVENTA

Prantei um pé de repoio,
Nasceu uma véia careca
C'uma pipoca no oio.

15 - Eu fui lá, não sei aonde,
Visitar não sei a quem,
Saí de lá, não sei como,
Saudosa, não sei de quem.

16 - Eu fui lá, não sei aonde,
Visitar não sei quem,
Eu sou assim, não sei como,
Morrendo, não sei por quem.

17 - Eu subi num pé de lima,
Chupei lima sem querê,
Beijei a florzinha dela,
Pensando que era você.

18 - Eu subi num pé de manga,
Chupei manga até morrê,
Eu mordi o carocinho,
Pensando que era você.

19 - Eu vim, mas não sei de onde,
Mandado não sei por quem,
Pra buscá não sei o quê,
Pra levá não sei pra quem.

20 - Eu ia muito contente,
Para uma grande festa,
Sobre a Mula-sem-cabeça,
Com uma estrela na testa.

21 - Eu plantei um pé de cravo
Dentro de um canecão,
Nasceu um menino preto,
Tocador de violão.

22 - Eu plantei um pé de cravo
No fundo de um canecão,
Os mocinhos de hoje em dia
Têm focinho de leitão.

23 - Eu quando fui retireiro,
Bebi pinga abençoada,
E uma vaca que era mocha,
Me deu mais de uma chifrada.

24 - Eu queria, ela queria,
Eu pedi, ela não dava,
Eu chegava, ela fugia,
Eu fugia, ela chorava.

25 - Eu quero bem, mas não digo
A quem é que eu quero bem,
Quero que saibam que quero,
Mas que não saibam a quem.

26 - Faz um ano e quinze dias,
Um minuto e meia hora,
Dei um tapa no valente,
Tá rolando até agora.

27 - Fui e não sei para onde,
Buscar e não sei o quê
E voltei e não sei como,
Chorando e não sei por quê.

28 - Fui no mato apanhar coco
Pra matar a minha fome,
Respondeu coco maduro:
Coco verde não se come.

29 - Minha gente venha ver
Coisa que nunca se viu:
Minha gata pôs um ovo,
Minha galinha pariu.

30 - Minha gente venha ver
Coisa que nunca se viu:
O tição brigou co'a brasa
E a panelinha caiu.

31 - Não sei se devo lembrar,
Não sei se devo esquecer,
Se esqueço quero lembrar,
Se lembro quero esquecer.

32 - Não sei se vá ou se fique
Não sei se fique ou se vá;
Indo lá, não fico aqui,
Ficando aqui, não vou lá.

33 - No arto daquele morro
Tem uma véia dando grito,
Tão tirando o dente dela
Pra fazê cabo de pito.

34 - No fundo do meu quintal
Tem um pé de currupiu,
Quem quisé falá comigo
Lava a boca com bom-bril.

35 - Ninguém viu o que vi hoje
Um macaco fazer renda,
Também vi uma perua
Ser caixeira de uma venda.

36 - Plantei bem ou plantei mal,
Mas plantei onde eu quis.
Essa é minha desforra
Na ponta do seu nariz.

37 - Quando eu fui passear
Eu passei por uma serra,
Em terra de gente boba
Boi rincha, cavalo berra.

38 - Quero bem, eu quero bem,
Quero bem, não digo a quem,
Quero bem a uma letra
Que no abecê não tem.

39 - Quero dizer e não digo
E estou sempre dizendo,
Queres querer ou não queres,
Estás sem querer, querendo.

40 - Se eu errei, peço desculpa,
Se acertei, foi sem querer,
Se eu falei a verdade,
Falei mesmo sem saber.

41 - Subi num pé de laranja
Para apanhar um melão,
Vi uma manga tão verde
Cair do pé de mamão.

42 - Trepei num pé de laranjeira
E lá de cima caí;
Minh'alma ficou no ramo,
Já não vivo, já morri.

43 - Trepei num pé de laranja
Pra pegar abacaxi,
Mas como não tinha pêra,
Peguei mamão e desci.

44 - Uma véia tinha um dente
Que não era de queixá,
Precisô quinhentos boi
Para podê arrancá.
(Queixá - Queixal: dente molar)

45 - Você me chamou de feio,
Eu não era feio assim,
Lá em casa tem um feio
Que pregou feio em mim.

46 - Vô comprá uma viola,
Pra meu bem prendê tocá,
Pra cantá o dia intero,
Fazê as pedra rolá.

47 - Vinha vindo de tão longe,
Mandado não sei por quem,
Fui buscar não sei o quê
Para dar não sem pra quem.

48 - Vi uma coisa engraçada
Na passagem da porteira:
Um tatu tirando esmola
E um lagarto co'a bandeira.

49 - Vi um galo virar pinto,
Vi tatu passar rasteira,
Vi a Mula-sem-cabeça,
Vi gambá na cachoeira.

É mais fácil guardar uma quadra do que um trecho em prosa.

Quadras estapafúrdias recolhidas com a participação de escolares (1957-

COISAS QUE O POVO INVENTA

1964) do extinto Colégio Olímpia, de Olímpia, pelo Prof. José Sant'anna.

ENGANO INVOLUNTÁRIO DO VENCEDOR ATITUDE IMPRUDENTE DO COMPRADOR

Um moço fino e preparado namorava uma moça delicada, de família culta e importante. Moravam em cidades diferentes.

Aproximando-se o aniversário da namorada, e por estar em pleno início do inverno, ele pensou em dar-lhe, de presente, um par de luvas, pois sabia que ela nunca tinha usado esta proteção para as mãos, contra o frio.

Foi à loja, escolheu um par de luvas, da melhor qualidade, e pediu que o embrulhassem. O lojista, em meio a tantos pacotes, deu-lhe um que continha uma calcinha de seda.

O moço, desconhecendo o engano do lojista, apanhou o pacote, escreveu um bilhete, juntou ambos num grande envelope e foi ao correio, para enviar o presente.

O bilhete dizia assim:

"Querida Alice! Por estar próximo o dia do seu aniversário, estou enviando-lhe esta pequena lembrança. Sei que você nunca usou, pelo menos quando saímos juntos. Se tiver alguma dificuldade, peça a alguém para ajudá-la a vestir. Penso que vai dar certo. Se ficar muito larga, você poderá me devolver para trocá-la, assim como se não gostar da cor. Mas o lojista me disse que é sempre bom ficar um pouquinho larga para que os dedos se mexam melhor e a mão entre com mais facilidade.

Depois de usá-la, vire-a do avesso, polvilhe com talco e deixe um pouco ao sol, para evitar o mau cheiro que sempre fica, provocado pelo suor.

Espero que você tenha gostado, pois esta protegerá aquilo que em breve irei pedir, na presença de seus pais.

Abraços e beijos do ...".

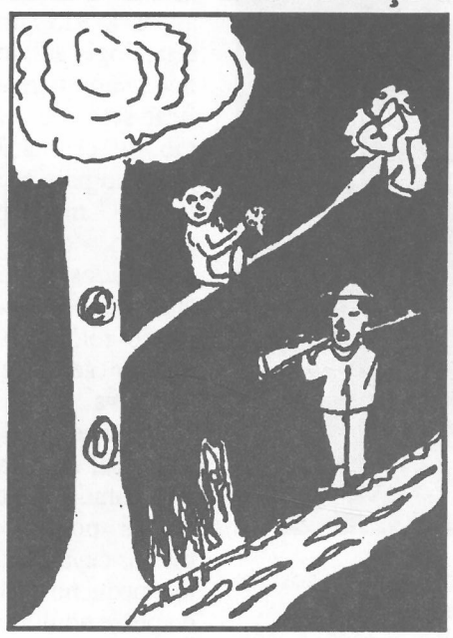
Contado por Oriswaldo da Cruz, 36 anos (1970), Olímpia.

Não sei que fim levou o namoro, depois do desencontro: troca de pacote do presente e os dizeres do amável bilhete.

CASOS DE DOIDIVANAS

(Recolhidos pelo Prof. José Sant'anna)

1 -O RELÓGIO DO CAÇADOR



"Conta-se que em certa ocasião, um caçador famoso, saiu com sua matilha para uma grande caçada.

Este caçador tinha, como mimo, um relógio de bolso, dos bons, que herdara de seu avô.

Chegando no local da caçada, tirou o relógio do bolso e pendurou no galho de uma árvore, bem ao alto, para não perdê-lo.

A caçada, naquele dia, foi uma das melhores de sua vida e ele, imbuído de entusiasmo, reuniu os cães e voltou para casa. Mas perdeu por completo a memória do relógio.

Decorridos cinco anos, a árvore já havia crescido bastante, ele volta a caçar, e por coincidência naquele mesmo lugar.

Qual não foi seu espanto ao deparar-se com a mesma árvore, onde há cinco anos, havia descansado.

Ao sentar-se no tronco dela, ele ouviu um barulhinho delicado: tique-taque. Levantou os olhos e viu, quase que não acreditando, o seu estimado relógio de bolso.

Subiu na árvore e comprovou que ele estava mesmo trabalhando e que marcava, com exatidão, as horas.

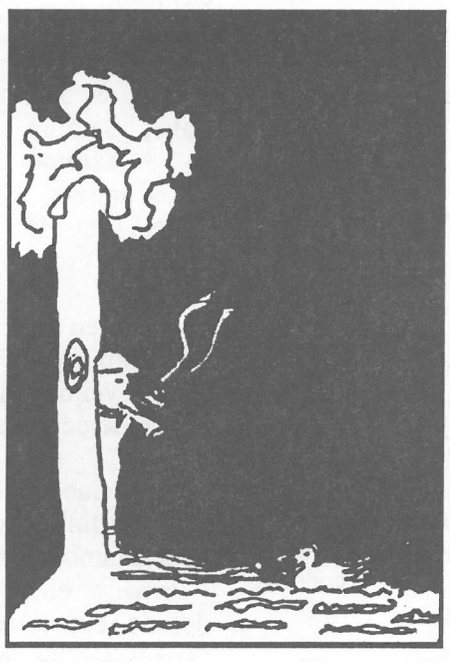
Ficô surpreso, e entre acreditar e não acreditar, quis descobrir o segredo.

Escondeu-se numa moita, não muito distante dali e não esperou muito, pois o segredo estava desvendado.

Com satisfação ele assistiu a uma cena muito inteligente. Um macaquinho sagüi estava corretamente dando "corda" no seu relógio".

Narrado por Ailton Carlos da Cruz (Grilo), 18 anos (1981), residente na Rua Joaquim Miguel dos Santos, n.º 882, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

2 - CAÇADOR ATIVO



"Certa vez um senhor que gostava de caçá, saiu pr'uma caçada, berando um rio. Viu um pato d'água nadano nas águas carma.

Apontô e puxô o gatio da espingarda, mas o pato, muito esperto, merguiô (mergulhou) e ele perdeu o tiro. Ele tornô a atirá e aconteceu a mesma coisa. Então, ele encostô numa arve, sentô no tronco dela e começô a matutá. Encheu o cachimbo e ficô pensano o que havera de fazê.

Quando ele sortô a primera baforada de fumaça, o pato tornô a merguiá (mergulhar), mas pensano que a fumaça vinha da espingarda, como das otras vez, merguiô (mergulhou) de novo, pra fugi da bala. Aí, então, o caçadô teve uma idéia: continuô fumano sem pará até o infeliz se afogá.

Vê se dá pra aquerditá nessa!"

Narrado por Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), 70 anos (1970), residente na Av. Júlio Ferrânti, n.º 237, Vila São José, Olímpia.

COISAS QUE O POVO INVENTA

3 - CÃO RAÇUDO

"Era uma vez um caçador que gostava de contar grandes vantagens.

Ele possuía os melhores cães de caça, e as melhores armas. Enfim, era o melhor caçador.

Sua mulher e seus filhos já se sentiam envergonhados quando a toda e qualquer visita ele apresentava suas proezas. Gabola a mais não poder.

Um dia indo à caça, levou dois de seus melhores perdigueiros. Mal começa seu trabalho, nota a falta de um dos cães. Chamou por ele, procurou-o, mas nada de o encontrar.

À tarde, já desesperançado, reúne o que caçou e o cão que restou, e volta, aborrecido, para casa. Foi uma caçada infeliz para ele.

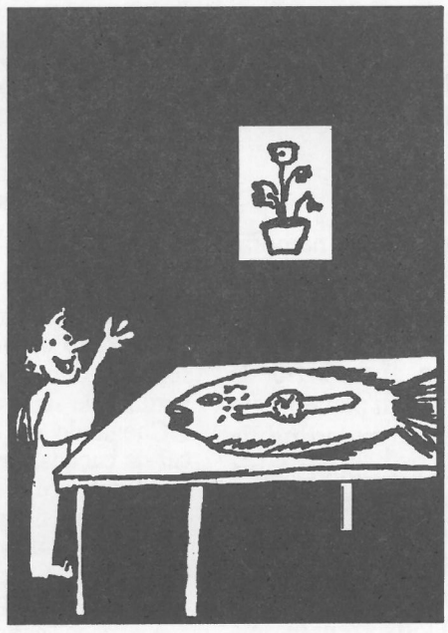
Passados dois anos, ele teve o desejo de ir caçar naquele mesmo pasto onde o cão havia desaparecido. Mata um nambu aqui, umas codornas ali, um veadinho acolá.

A caçada estava rendendo. Mas, ao dirigir-se a um trecho do mato, entre alguns arbustos, ficou quase que sem sentido. Deparou com um quadro de se admirar. Perto de uma moita de capim jaraguá estava o esqueleto do seu cachorro, sentado na mesma posição de um cão vivo, amarrando o esqueleto de uma codorna. Aí ficou explicado o desaparecimento do cachorro.

Ele amarrou a codorna até que seu dono viesse para matá-la. Mas ele não foi. A fidelidade e sabedoria do cachorro não permitiram que ele saísse dali e não permitiu também o vôo da codorna. E isto não foi mentira".

*Narrado por **Célio José Franzin**, 22 anos (1987), residente na Rua Marechal Deodoro, n.º 566, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.*

4 - RELÓGIO DO PESCADOR

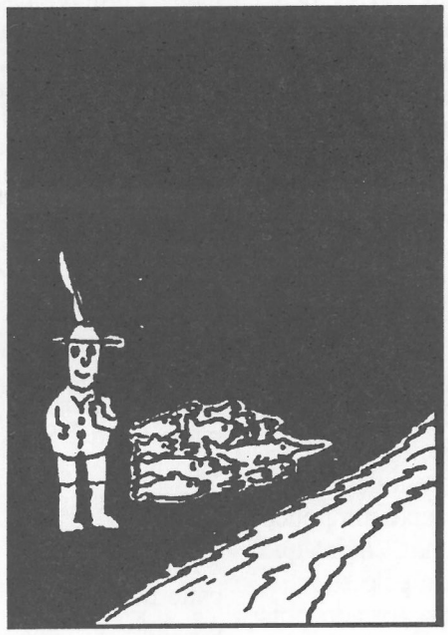


"Certo pescador muito descuidado deixou cair nas águas do Rio Turvo seu relógio automático. Não querendo ficar sem seu relógio de estimação, fez tudo para recuperá-lo, mas sem sucesso.

Passados 5 dias, ainda triste pela perda do relógio, viu quando seu irmão colocava sobre a mesa da cozinha de sua casa, um grande dourado, pescado há pouco, na mesma ceva. Seu filho, pequeno de 4 anos, passando perto do peixe admirou-se do seu tamanho e aproximou-se para examiná-lo e disse indignado: Pai! Este peixe está vivo! - Não pode ser!, diz o que pescou. Faz mais de três horas que está fora d'água! - Mas o coração dele ainda está batendo!, diz o menino. Curioso, o pai apanhou o peixe e ouviu um barulhinho que parecia vir de dentro dele. Abriu-o, e surpreso, encontrou seu relógio, ainda funcionando. O coração era o tique-taque do relógio".

*Narrado por **Elon Faria**, 57 anos (1983), residente na R. Bernardino de Campos, n.º 1446, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.*

5 - PESCADOR DE SORTE



"Um pescadô que gostava de contá vantage, não podia vê um grupo de duas ou três pessoa, que logo ia contano das sua.

Todo o dia ele aparecia c'uma estória nova, sempre se exibino pr'os amigo.

Um dia ele apareceu co' esta:

- Onte eu fui pescá. Fui sozinho. Levei uma merenda muito boa, uma rede de dormi e um radinho de borso.

Logo que eu cheguei, armei as vara. Eu tinha levado duas dúzia de vara e também duas dúzia de anzó.

Primero eu ajeitei os anzó de dorado, depois os anzó de piapara. Deixei lá e fui arrumá a rede. Comi um poco da merenda, deitei, liguei o radinho e logo peguei no sono. Sonhei coisas muito linda.

Só acordei na boquinha da noite. Acordei assustado, pulei da rede e fui direto vê os anzó.

Vocês precisa vê que coisa espetacular. Só fui tirano os danado dos pexe. Tirei os anzó de dourado e num teve nem um erro. Doze anzó, doze doradão de mais de cinco quilo cada um. Doze anzó de piapara e doze piapara especiá. Fiquei até com tontura de tanto tirá pexe da água.

O difice foi pra levá pra casa. Dei umas cinco viage para levá tanto pexe. Era pra mais de cem quilo".

*Narrado por **Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato)**, 58 anos (1970), residente na Av. Júlio Ferrânti, 237, Vila São José, Olímpia.*

COISAS QUE O POVO INVENTA

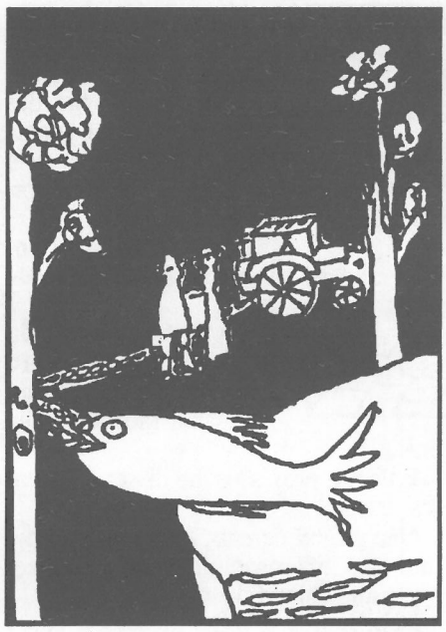
6 - O PESCADOR E A TRAÍRA

"Diz que um pescadô, com desejo de comê um pexe, foi pescá numa lagoa muito grande que ficava nas terra dele.

Saiu cedo com matula e traia, pescô muito pexe, mas ficô inconformado por não podê tirá da água uma traíra muito grande, porque não havia anzó que ela não rebentasse.

Vortô muito aborrecido pra casa e ficô estudano um meio de pescá a danada. Depois de muito bestuntá, teve uma idéia. Mando fazê um anzó grande, muito resistente, comprô linha especiá e arranjô uma vara bem resistente. Foi no açogue, comprô o coração de uma leitoa novinha, pra servi de isca.

No outro dia, no nascê do sol, foi pra lagoa, certo de que ia trazê a traíra, que muito trabaio tava dano.



Jogô o anzó co'a isca que caiu certinho na boca do pexão. E daí garrô fazê força. Puxa daqui, puxa dali, fala palavrão, pede pra Deus, e nada.

Então o que ele fez? Amarrô a vara no tronco de uma arve e foi chamá uns companhero pra ajudá ele. Troxe cinco amigo. Pelejaro, pelejaro, fizero muita força, mas foi tudo em vão. O pescadô não dava por vencido. Teve otra idéia. Foi na casa de um fazendero vizinho e pediu que ele fosse lá pra bera da lagoa, com o trator que ele tinha. O home foi.

Chegô lá, teve um trabaião danado. O trator dançô bonito e depois de muito trabaio, tirô aquela traíra que de tão grande, parecia um monstro.

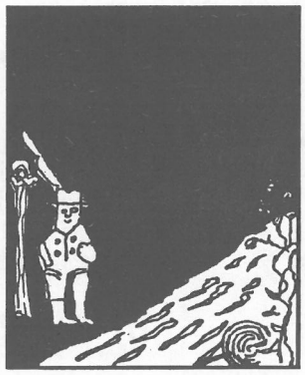
Depois que a traíra saiu da lagoa, a água baxô uns dois parmo.

O pescadô levô a traíra pra casa, comeu muita carne, distribuiu pra todos os amigo e sobrô muita carne que ainda deu pra muito urubu comê."

Narrado por Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), 58 anos, (1970), residente na Avenida Júlio Ferrânti, 237, Vila São José, Olímpia.

7 - O DISCO QUEBRADO

"Certa vez um bando de pescadô combinaro uma pesca. Arrumaro os badulaque, pegaro uma vitrola véia e, no otro dia, de manhã, rumaro pra pescaria.



Antes de começá a pesca, fizero um bom armoço, ouviro muita música naquela vitrolinha véia e ainda por cima ficaro todos bêbado.

No meio da bebedera, garrarô numa discussão e um deles mandô uns disco na cabeça do otro e uma banda foi direto pra dentro d'água. Foi pra dentro d'água e rodado pela correnteza.

Depois que tudo se acarmô, eles começaro a pô isca na vara pra pegá pexe.

Passô um bom tempo, eles começaro a ouvi uma voz que vinha lá de baxo, na baxada do rio. A voz dizia:

- Maria ! Maria! Maria!

Então, um dos pescadô disse:

- Que diacho é isso? Parece que tá falando: Maria!

Aí, descero todos eles pra vê o que era. E descobriro.

Aquele pedaço de disco que caiu na água tinha enroscado numa moita de espinho de aguia (agulha) e conforme a água rodeava ali, um espinho feria o disco e saía aquele são (som): Maria! Maria! Maria!"

Narrado por Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), 58 anos (1970), residente na Avenida Júlio Ferrânti, 237, Vila São José, Olímpia.

8 - PROEZAS DE UM PICA-PAU

"Num dia arguns amigo resorvero i pescá. Ajeitaro a traia e foro. Pusero a isca no anzó, esperano pexe, conversaro e coisa e tal.

Depois de muito tempo que eles tava ali, começaro a ouvi um baruio estranho. Era um baruio assim:

- Pam, pam, pam, pam, pam, pam!

Tichiiiiiii!

E aquilo continuava sem pará. Ficaro curioso e foro vê o que era.

Logo descobriro aquilo. Pr'o lado de baxo do rio tinha uma grande aruera. Então o pica-pau batia no tronco de aruera até ela ficá vermeinha: pam, pam!

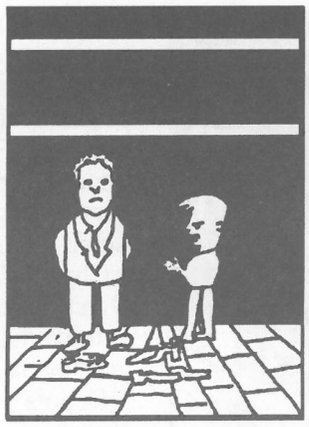
Depois moiava o bico na água e tornava a batê no tronco. Aí, é que saía aquele "tichiiiiiiii!", e levantava uma fumacinha branca pr'o ar.

Isso continuô por muito tempo. Dava gosto a gente apreciá."

Narrado por Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), 58 anos (1970), residente na Avenida Júlio Ferrânti, 237, Vila São José, Olímpia.

COISAS QUE O POVO INVENTA

9 - O TESTE DO PROFESSOR



"Tinha um professor da roça, já meio velho, que ouviu falar no tal teste de inteligência, mas não sabia lá muito bem o que era isso. Mas ele não queria ficar para trás dos professores da cidade. Daí, toda vez que se matriculava um aluno novo na sua escola, ele inventava perguntas, que às vezes davam certo, mas outras vezes não.

Um dia ele recebeu um aluno que apesar de novo tinha um bom tamanho, era bastante forte, mas parecia meio bobalhão. O menino ia ser alfabetizado. O professor percebeu que ele era muito simplório e teve a idéia de fazer um teste de intelegiência.

Começou perguntando o nome do garoto e em seguida fez-lhe esta pergunta:

- Paulo, o que uma pessoa, ao deitar, tira dos pés, põe debaixo da cama e, no dia seguinte, pela manhã, ao levantar-se, torna a calçar?

O menino ficou calado, pois não sabia o que era.

- Vamos, Paulo, pense bem para responder.

Passou muito tempo, mas o menino não conseguiu responder.

O professor, certo de que o novato não responderia, falou:

- É muito fácil, Paulo. O que a gente põe debaixo da cama quando vai dormir é o par de sapatos. Bom, você não conseguiu responder esta, então vou fazer esta outra pergunta: O que é que um casal, ao deitar, tira dos pés, põe debaixo da cama e, no dia seguinte, pela manhã, ao levantar-se, torna a calçar?

Paulo fez silêncio novamente. Não sabia o que era.

O professor insistiu mais um pouco, repetiu a pergunta, mas o novato não sabia mesmo o que era.

Então, o professor lhe disse: Dois pares de sapatos.

Não é fácil demais, Paulo? Aí, o menino deu uma risadinha, querendo dizer que tinha entendido.

Bem!, disse o velho professor, agora vamos fazer a última pergunta. Preste muita atenção para não errar. O que é uma coisa que quando se joga pra cima é meio redonda, mas quando cai no chão é ovo? Você sabe?

- Esta resposta eu sei, disse o garotão.

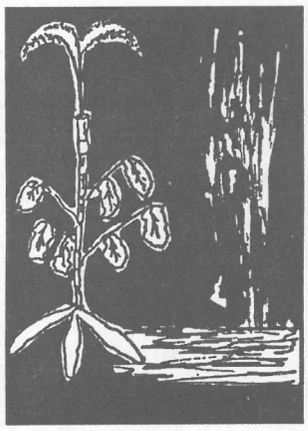
- Muito bem! Se sabe, então responda:

E o meninão, cheio de sabedoria, respondeu:

- Três pares de sapatos".

Narrado por Vera Lúcia Nunes de Miranda, 31 anos (1990), residente na Rua Washington Luís, 432, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

10 - COISAS DO OUTRO MUNDO



"Numa certa ocasião um home foi visitá o seu compade José e começaro a proseá. Conversa vai, conversa vem, os dois garraro a contá causo. O compade Zé era muito sabido e contava cada causo que o visitante ficava de boca aberta. Então, pra não ficá por baxo, o visitante quis contá um causo e começô:

- Sabe, compade Zé, numa ocasião eu prantei na bera de um riacho, um roçado de mio. O mio cresceu tanto que cada pé tinha três metro de artura. Deu um pendão tão bonito que era um arroz tão bão, mais gostoso do que o arroz verdadero.

A cana do mio era mais doce do que a cana-de-açucra, e deu pra fazê um açucra e uma pinga, que era uma beleza!

O esporão (raiz) do mio deu umas mandioca bem mió das que dá na mandioquera.

As foia do mio era tão macia e tão verdinha, que dava pra comê como salada ou refogada e parecia uma cove de tão especiá que era.

O bagaço da cana de mio socado, dava uma farinha de mandioca que não existia otra iguá.

Mas acontece, que foi uma só vez que o mio deu tudo isso, além do mió mio que já se viu. Eu fiz uma coieta tão proveitosa, que durante sete ano não precisei trabaiá. Imagina, compade, que se a sorte fosse assim pra todo mundo!

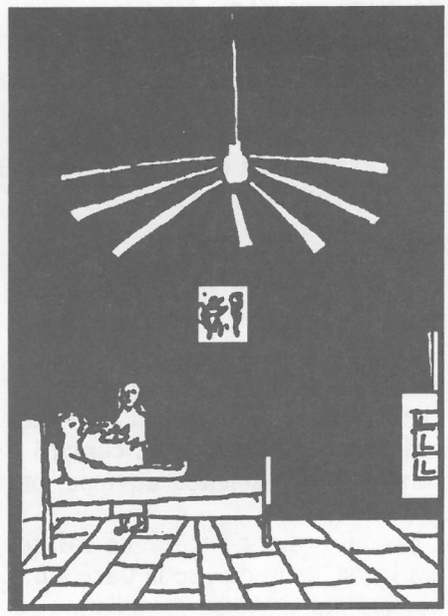
O compade Zé, depois de tê ovido todas as potoca, só falô pra ele assim:

- Compade, vai vê que naquela ocasião ocê não era ocê e o roçado não foi aqui na terra. Vai vê que foi lá no céu. E deu uma gostosa gargaiada.

O compade visitante ficô envergonhado que não sabia aonde botá a cara."

Narrado por Jesus Francisco de Miranda, (Chico Vato), 58 anos (1970), residente na Avenida Júlio Ferrânti, 237, Vila São José, Olímpia.

11 - QUIABO É COMIDA DE DEFUNTO



"Era uma vez um casal de velhos muito unido que morava numa cidade muito pequena.

Era admirável a vida dos dois. Sempre juntinhos, iam à igreja, faziam visitas.

Um dia o velho adoeceu e a mulher ficou desesperada. Procurava recursos por todos os lados e nada do velho melhorar.

Quando a doença já estava bem adiantada e que ele já não podia nem se alimentar, o velho pediu à esposa que preparasse quiabo para ele, pois estava com muita vontade de comer salada de quiabo.

A velha procurou por toda a parte o desejado quiabo e não havia meio de encontrar. Então teve uma decisão, encomendou-o a uma pessoa que morava numa cidade maior.

Coincidentemente o quiabo chegou no dia em que o velho havia falecido.

A esposa não se deu por derrotada. Pôs os quiabos a ferver e depois de cozidos, sentou, com dificuldades, o defunto na beirada da cama, abriu-lhe a boca, punha um quiabo, balançava-lhe o corpo para o quiabo descer. E assim fê-lo comer todo o quiabo cozido.

Satisfeita, por ter atendido, mesmo depois de morto, o pedido do esposo, ela dizia:

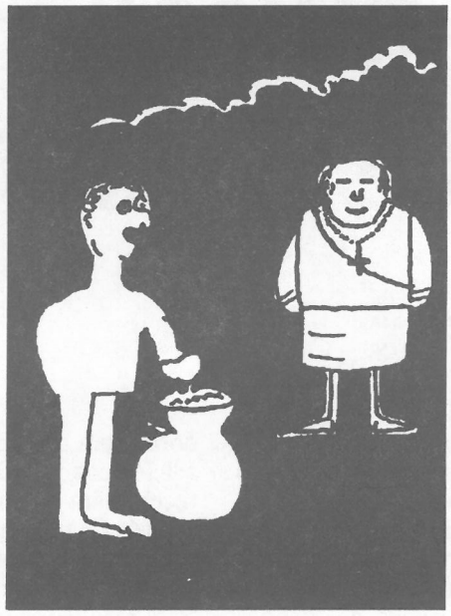
- Remorso não vou ter. Ele queria quiabo e comeu."

"Por isso é que se diz que quiabo é comida de defunto".

"Narrada por Maria Cândida de Jesus Sant'Anna (Mãezinha), 89 anos (1957), residente na Rua Bernardino de Campos, n.º 912, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

COISAS QUE O POVO INVENTA

12 - OS MIÚDOS DE BOI



"Uma vez o pai de um moço caipira mandô ele num povoado pra comprá miúdo de boi. O moço pegô um saco e o dinhero e caminhô de a pé pr'o povoado. Fez a compra, pôs o saco de miúdo nas costa e ia vortano pra casa. Mas quando ele tava passano perto da igreja viu o povo assistino missa e disse:

- Eu tamém vô assisti a missa. Faz tempo que eu não entro na igreja.

Entrô meio desconfiado, botô o saco dos miúdo no chão e sentô num banco. Já era hora do sermão e o padre tava dizeno essas palavra:

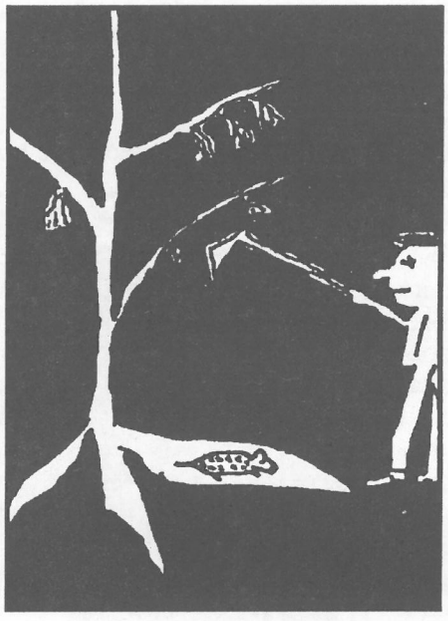
- Meus irmão, nós precisa dá o coração pra Deus.

Nessa hora, o moço se levantô, pegô o saco de miúdo, levô pr'o padre e falô:

- Seu vigário, o senhor pode ficá co'o coração, figo, pacuera, rim e os otro miúdo. Entregô tudo pr'o vigário e saiu da igreja."

Narrado por Jesus Carlos Batista, (Fio), 27 anos (1990), residente na Rua Penha, n.º 210, Bairro de São José, Olímpia.

13 - MANDIOCAL ENCANTADO



"Certa vez um rocero cuidô de sua terra e plantô umas quarenta mil muda de mandioca. Uma beleza de mandiocá. Podia até ficá muito rico e ganhá dinhero que nem farinha. Mas quando as mandioquera já tava grande, já quase no ponto de coiê, elas começaro a cair as foia, diminuí o tamanho das rama, até quase morrê o mandiocá interinho. Ficaro só uns toquinho das rama.

Aí ele vendo o prejuízo nos óio, resorveu arrancá tudo, pra vê se aproveitava, pelo menos, umas raiz pr'o gasto ou pra fazê farinha, pra depois prepará a terra pra novo prantio.

Pegô o enxadão e lá foi ele. Cavucô o primeiro pé de mandioca e, em vez de raiz, puxô um tatu. Tornô a cavucá, e tirô otro tatu. E assim foi ino até que cavucô o mandiocá interinho. Mais de quarenta mil tatu.

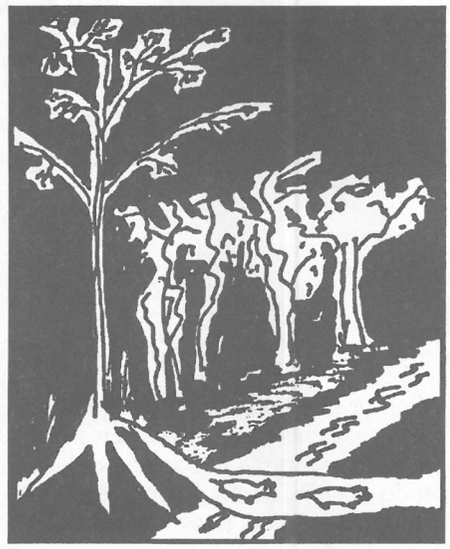
Então ele começô a matutá. Como foi que isso aconteceu? E achô logo a expricação:

Um tatu, procurando comida, achô uma mandioca. E passô a notícia pra otros tatu, que avisaro a tatuzada toda.

Foi por isso que, em vez de mandioca, ele só coieu tatu, que deu pra ele um lucro bem maió do que tivesse coído mandioca ou feito muita farinha".

"Narrado por Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), 58 anos (1970), residente na Avenida Júlio Ferrânti, 237, Vila São José, Olímpia.

14 - O MANDIOCAL E O CATETO



"Certa ocasião um home teve a intenção de fazê um bão mandiocá. Cortô a madera tudo certinho, pra evitá a entrada de bicho que gosta de comê o mandiocá: boi, cabrito, carnero. Então, ele fechô tão bem fechadinho que nem mosquito entrava. Num dia ele prantô todas as cova de mandioca. Abria a cova, punha a rama, tampava e esperô por Deus.

O mandiocá nasceu que foi uma beleza. Depois que tava tudo formado, ele garrô a desconfiá de que argum bicho tava seno sócio dele. Ia num pé de mandioca e já tinha muitas raiz comida. Ia no otro pé de mandioca e era a mesma coisa.

O home ficô cismado. O que tava aconteceno no roçado dele?

Começô a assuntá toda hora. Não era possive que arguma criação pudesse entrá na horta. Tava tão cercadinha e não tinha nenhum arrombo.

Procura aqui, procura dali, óia pra cá, óia pra lá e, um dia, ele descobriu.

É que um pé de mandioca deu uma mandioca tão grande que atravessô um rio que passava perto do mandiocá e foi pará lá do outro lado. Além de muito grande era também muito grossa.

Um danado de um cateto descobriu a tal de mandioca e começô a broqueá ela. Ia comeno aos poco. Fez, com isso, um grande tune até chegá no mandiocá. Mas não era só dele. A famiage dele acompanhô. E por aquele tune eles chegaro no mandiocá.

Acabaro com o mandiocá do home. Veja só"!

Narrado por Jesus Francisco de Miranda (Chico Vato), 58 anos (1970), residente na Avenida Júlio Ferrânti, 237, Vila São José, Olímpia.

Realizamos este trabalho, porque o tempo tudo faz esquecer.

CONTOS

Quem quiser que conte outro

JOSÉ SANT'ANNA
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

Sempre foi muito vivo o costume de contar estórias nas sessões familiares, tanto nos campos como nas cidades, sendo preferidos os alpendres, as salas, as cozinhas e, nas noites de lua, o terreiro fronteiriço à casa.

Mas as conquistas alcançadas pelo progresso, nos últimos anos, determinaram novos comportamentos em face desses velhos costumes sociais. Hoje dificilmente as pessoas se reúnem para contar estórias. Fala-se muito mais sobre problemas sociais, política e pouco se pensa em recreação. O tempo a ela dispensado é pouco e esse pouco restante é absorvido pelos programas de televisão.

Há, portanto, um desequilíbrio entre o progresso da vida técnica e a preservação das tradições e costumes do homem. Nossos maiores trabalhavam todas as horas do dia, mas sempre reservavam um tempinho para o lazer. Vivemos hoje numa época em que as máquinas fazem fácil e rapidamente aquilo que antes os homens labutavam intensamente para realizar.

Duas coisas sobressaem disso: Precisamos reconhecer que somos responsáveis pelo uso das horas vagas. E se não usarmos o lazer sabiamente, então aquilo que chamamos de tédio, que é uma experiência depressiva, toma posse de nós.

Há muito para se conhecer, tantas pessoas com dons e capacidades variadas ao nosso redor, e tanta coisa para ser feita, que não há tempo para se aborrecer.

Ocorre, porém, que esse costume quase desaparecido de contar estórias persiste em alguns lugares do Brasil e, sem dúvida, em Olímpia.

Ao cair da noite, em alguns lares dos bairros olimpienses, reúnem amigos, principalmente os mais pobres, para ouvir e contar estórias. A reunião é curta, no máximo duas horas de duração. Participam idosos, moços e crianças e, qualquer que seja a condição de cada um, durante todo o tempo do entretenimento, a vida parece não reservar dificuldades nem amarguras.

Fogem os pensamentos em inimigos perversos e traidores, assim como os de amargura e de humilhações. Vivem episódios interessantes, sem excitação desnecessária. Há muitos risos. Conta-se muito o que realça os grandes feitos, as virtudes e os heroísmos. Tudo isso é feito com clareza, simplicidade e sem economia de palavras. Nada é forçado e o dramatismo é intenso.

Os contos folclóricos são ricos. Por um lado a simplicidade das estórias e de outro, o sentido moral, despertam no espírito idéias claras para a vida. Não é a força que vence sempre, a inteligência é um fator de êxito, a traição é privada, a honradez e a lealdade são os melhores instrumentos para a formação dos homens.

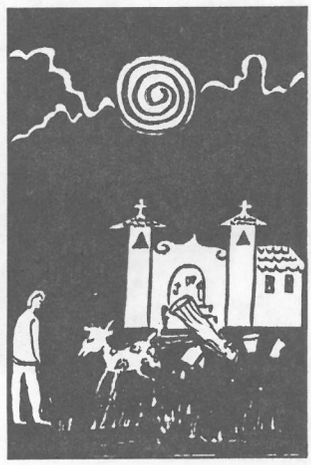
Por este motivo sugerimos aos professores de Língua Portuguesa das Escolas de Segundo Grau, de nossa cidade, a formação de grupos de pesquisadores para o recolhimento dos contos folclóricos, em Olímpia. Esses alunos receberiam as instruções necessárias através de um curso preparatório.

A sugestão foi muito bem aceita. Estamos certos de que, futuramente, trará resultados positivos. E será mais uma atividade de que poderá dispor a Comissão Municipal de Folclore no tocante à coleção dos contos populares, para o conhecimento das futuras gerações. Assim estaremos trabalhando pela preservação da memória de nossa gente. É nosso dever reconhecer esses valores olimpienses.

E precisamente sob esse aspecto, registramos **30 contos** recolhidos em Olímpia, provindos, naturalmente, de todos os pontos do país, para que os guardemos com amor e entusiasmo, pois a nós cabe não só preservar, mas também propagar a cultura folclórica.

Usemos esse lazer!

I - O CABRITO DO SANTO



"Era uma vez um homem que estava muito doente e queria curar-se. Foi a uma igreja e ajoelhou-se próximo ao altar de São Benedito. Rezou bastante, suplicou a graça e prometeu um cabrito ao santo, se fosse atendido.

Decorridos alguns meses, ele já estava com a saúde em dia e decidiu, então, ir cumprir sua promessa.

Amarrou, numa corda, um dos cabritos de seu rebanho e foi levá-lo ao santo protetor.

Chegando aos pés do altar, falou a São Benedito que estava muito agradecido por ter obtido a graça, e pediu ao santo curador que segurasse o cabrito.

Insistiu muito, mas o santo só permanecia imóvel e calado.

Aborrecido com tamanho silêncio, amarrou a corda na imagem e saiu.

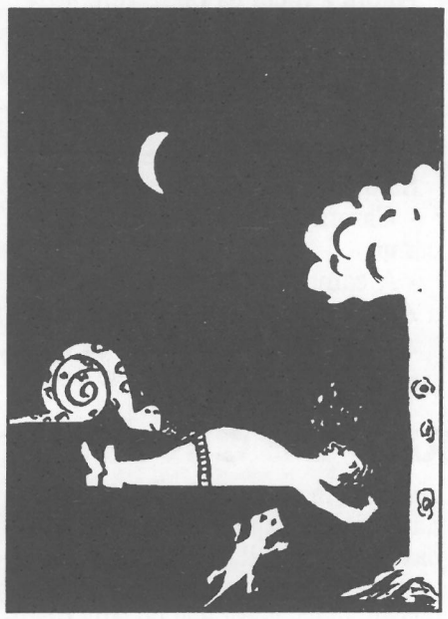
Antes que ele alcançasse a porta da rua, o cabrito, aos solavancos, corre assustado, puxando São Benedito pela corda.

Aí, o pagador de promessa acrescentou: É assim, seu sem-vergonha? Quando eu lhe dei o cabrito, você nem confiança me deu. Agora sai feito um louco correndo atrás dele".

Contado por ***Renato Vanzela,*** *22 anos (1980), residente na Avenida Deputado Valdemar Lopes Ferraz, n.º 973, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N.14). Ouviu-o pela primeira vez, quando tinha 10 anos.*

CONTOS

2 - O LAGARTO E A COBRA



"O lagarto e a cobra viviam numa discussão ferrada. Dizia o lagarto para ela:

- Você é um bicho venenoso, traiçoeiro. Todo mundo tem muito medo de você.

A cobra, em legítima defesa, respondia ao lagarto:

- Eu sou considerada assim, mas não é o meu veneno que mata, mas sim o susto que a pessoa leva.

E para terminar a discussão, fizeram um trato de ficarem ambos escondidos numa moita, à beira da estrada. Quando passasse a primeira pessoa, a cobra lhe daria uma picada no calcanhar e o lagarto apareceria ofendido.

- De acordo, disse o lagarto.

Não demorou muito tempo, passa rente à moita um matuto e a cobra, às escondidas, dá-lhe uma picada no pé e o lagarto se apresenta, de boca aberta, como o autor da maldade. O matuto apenas chutou-o fortemente, dizendo-lhe: Sai pra lá, seu bobo!

Em seguida, a cobra combinou com o lagarto a mesma cena, em ordem inversa. O lagarto daria a mordida no transeunte e ela se apresentaria como responsável pela atitude.

- Concordo, afirmou o lagarto.

Momentos depois passa pelo mesmo lugar um outro homem, andando a passos compassados. O lagarto, ocultando-se ao máximo, aplica-lhe uma mordida no calcanhar e a cobra, imediatamente, se põe à frente da vítima.

Não foi preciso mais nada. Com o susto, a pessoa caiu morta.

Então a cobra, vitoriosa na discussão, para vingar-se do amigo lagarto, engoliu-o inteirinho.

Acabou-se a estória
Da cobra e o lagarto,
Pois eu tenho até medo
Da cobra ir pr'o quarto".

*Contado por **Sidney Carlos Schalch (Carlinhos)** , 21 anos (1983), residente na Rua José Piton, n.º 88, Vila Rodrigues, Olímpia. (N.18). Aprendeu-o com o avô materno, aos oito anos.*

3 - O GATO E O TOUCINHO

"Era uma vez um home muito pobre e que tava com muita vontade de comê torresmo. Ajuntô um dinhero e comprô um quilo de toicinho. Chegô em casa, dexô o toicinho sobre a mesa e foi no mato cortá lenha pra acendê o fogo e fritá o toicinho.

Quando ele vortô, não achô mais o toicinho na mesa, mas o cachorro que tava vigiando a casa, tava deitado perto da mesa.

Então ele perguntô pr'o cachorro:

- Cachorro, cadê o toicinho daqui?

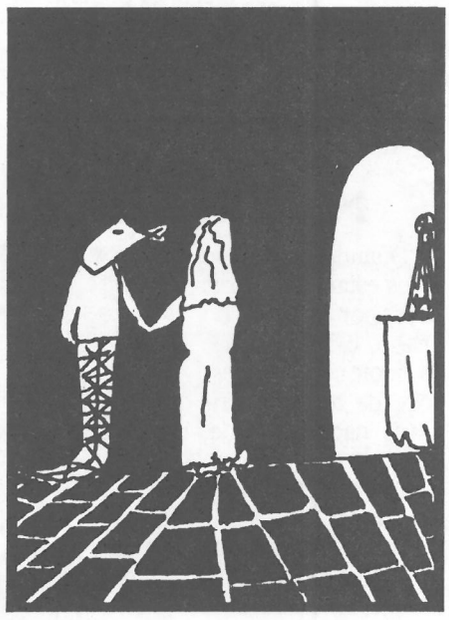
O cachorro respondeu:

- O gato comeu.
- Cadê o o gato?
- Foi pr'o mato?
- Cadê o mato?
- O fogo queimô.
- Cadê o fogo?
- A água apagô.
- Cadê a água?
- O boi bebeu.
- Cadê o boi?
- Foi massá o trigo.
- Cadê o trigo?
- A galinha barreu.
- Cadê a galinha?
- Foi botá ovo.
- Cadê o ovo?
- O frade bebeu.
- Cadê o frade?
- Foi dizê missa.
- Cadê a missa?
- O frade entrô por aqui e saiu por ali.

E o coitado do home ficô sem sabê onde tava o gato ladrão. Então o que ele fez? Deu uma boa surra no cachorro pra ele aprendê a vigiá a casa".

*Contado por **Rosa Pereira dos Santos (Rosinha)** , 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia. (N.16).*

4 - O CASAMENTO DA CUTIA



"Era uma vez uma cutia que queria fazê a filha casá e ela recramava:

- Minha filha, eu quero que você casa, mas não sei quem poderia sê o noivo.

Saiu o lagarto de cima do morro:

- Casará sua filha que eu serei o noivo.

A mãe da cutia disse:

- O noivo bem perto achamo.

Agora, a madrinha de onde

veremo?

Saiu a cobra toda enroladinha:

- Casará sua filha que serei a madrinha.

- A madrinha bem perto achamo.

Agora o vestido da onde veremo?

Saiu a paca muito oferecida:

- Casará sua filha que eu darei o vestido.

- O vestido bem perto achamo.

- Agora o sapato da onde veremo?

Saiu o macaco do meio do mato:

- Casará sua filha que eu darei o sapato.

- O sapato bem perto achamo.

Agora a meia da onde veremo?

Saiu a aranha do meio da teia:

- Casará sua filha que eu darei a meia.

- A meia bem perto achamo.

Agora a cama da onde veremo?

Saiu a porca do meio da lama:

- Casará sua filha que eu darei a cama.

- A cama bem perto achamo.

Agora o dote da onde veremo?

Saiu o cavalo c'a sua perna torta:

- Casará sua filha que eu darei o dote.

Nessa situação, fizero o casamento da cutia. Festejaro com bastante comida e bebida. Tudo em harmonia, todos em alegria.

Depois da festa, a bicharada seguiu cada um para sua casa. E foi assim que se casô o lagarto com a filha da cutia".

*Contado por **Rosa Pereira dos Santos** (Rosinha), 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia. (N. 16).*

5 - O BEZERRO DE CINCERRO DE OURO

"Quando Nosso Senhor andou no mundo, um dia ele trajado com roupa de pobrezinho, apoiando numa bengala, saiu pedindo esmolas de casa em casa, para pôr em prova o coração das pessoas.

Mas Nosso Senhor não foi bem recebido pelo povo, que o chamava de vagabundo e até atiçava cachorros contra ele.

À noite do primeiro dia de esmolação, Nosso Senhor estava cansado e com muita fome e bateu à porta de um humilde sitiante.

Nosso Senhor disse-lhe:

- Meu amigo, estou com fome e muito cansado. Será que o senhor poderia me arranjar alguma coisa para comer?

O sitiante, além de pobre, passava por uma crise financeira terrível, mas disse ao mendigo:

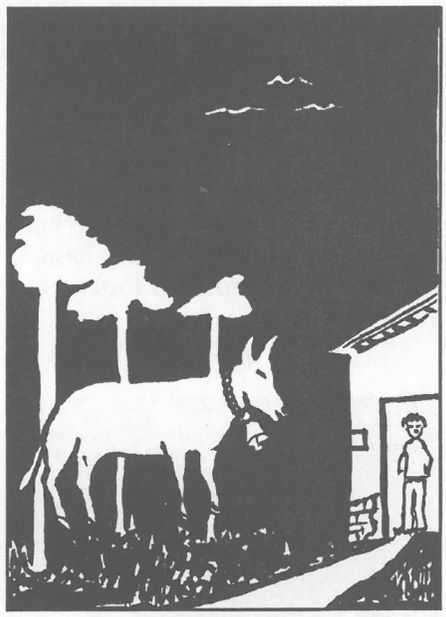
- Entre, meu bom velho. A casa é pequena, mas sempre há um lugar para um amigo. E explicou que em casa não havia nada para lhe servir, mas que ele mataria um bezerrinho, de muita estimação, única coisa que poderia oferecer. Matou o bezerrinho e deu de comer ao pobrezinho.

Quando foi dormir, o mendigo disse ao sitiante:

- Pegue os ossos do bezerrinho e os coloque no pastinho e vê o que ocorrerá.

O sitiante assim fez. No dia seguinte, o mendigo como que por mistério, desapareceu e, no pasto, estava vivo o bezerrinho com um cincerro de ouro no pescoço".

*Contado por **Célio José Franzin**, 27 anos (1990), residente na Rua Marechal Deodoro, n.º 566, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 4).*



6 - MALDIÇÃO À CODORNA E À MULA

"Quando o Menino Jesus estava com dois anos, por tentação do Diabo, o rei Herodes mandou cortar o pescoço de todas as crianças naquela idade, a fim de que no meio delas, matasse o Menino Jesus.

Então Nossa Senhora e São José puseram o menimo sobre uma mula e sumiram, para longe, para defender o pequeno Jesus da perseguição de Herodes.

Quando ela percebeu que a coisa tava ficando feia, que os perseguidores estavam por perto, Nossa Senhora teve uma idéia: virou a ferradura da mula ao contrário. Assim ia para o Norte, mas dava a impressão de que estava indo para o Sul.

Com isso tapeou os inimigos por muito tempo. E Jesus crescia.

Num belo dia, ela ia muito tranqüila, com Jesus na cabeça do arreio, seguindo a viagem, e uma codorna, que estava no campo, voou fazendo um barulho: purrum! e a mula refugou. O Menino Jesus e ela foram diretos para o chão.

Assim, Nossa Senhora, então, amaldiçoou a **codorna**, dizendo que ela chocaria os ovos, mas não criaria seus filhotes e que a **mula** nunca poderia dar cria".

*Contado por **Gumercindo Moreira da Silva** (Nego), 65 anos (1990), residente na Rua Caetano Gotárdi, n.º 958, Vila Di Marco, Olímpia. (N. 7).*

7 - POR QUE A ARANHA É ABENÇOADA

"Diz que quando o Menino Jesus já tava com dois aninho, numa certa noite apareceu um Anjo e disse assim pra São José:

- Eu vim trazê uma orde de Deus. Pega o menino e a tua mulher e vai pr'o Egito, porque o rei Herodes tá procurando Jesus pra matar.

O Anjo deu o recado e foi-se embora.

São José acordô Maria Santíssima e o Menino Jesus e cumpriu o que o Anjo disse.

Viajaro a noite inteira e quando o dia clareô, Jesus chorava nos braços da mãe, de tanto cansaço.

A Virge Maria falô pra São José que o Menino precisava comer alguma coisa, tomar água e dormir um pouco.

Caminharo, então, no deserto, e

encontraro muitas árvores altas e perto delas um poço.

Quando Maria olhou para cima viu que eram pés de tâmara. E a tamareira mais alta era a que tava carregada de frutas maduras.

Maria suspirou: Que pena ser tão alta!

Jesus pequenino compreendeu o desejo da mãe e olhô firme para a tamareira.

A árvore compreendeu que era a Sagrada Família que ali tava repousando e foi abaixando, abaixando, abaixando como que por um milagre, até que a sua copa ralou o chão. Então eles puderam comer muitos frutos maduros e docinhos. E, no poço, beberam muita água limpinha. Descansaram um pouco e seguiram a viagem pr'o Egito, conforme o recado do Anjo.

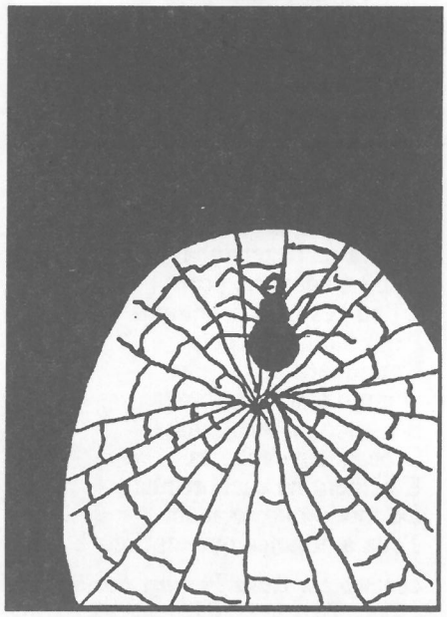
Andaro pouco tempo e ouviro o galope de alguns cavalos.

- São os soldados de Herodes, disse Nossa Senhora muito aflita abraçando o seu filhinho.

- Acho que estamos derrotados, disse São José.

Nossa Senhora levantou os olhos para o céu e pediu a ajuda de Deus.

Mal fez o pedido, avistou uma gruta perto do poço onde bebero água.



Voltaro, às pressas, para lá.

Quando chegaro, viro a entrada da gruta fechada de teia de aranha. Rasgaro a teia, entraro e foram-se esconder bem lá no fundo.

A aranha parece que adivinhou que era a Família Sagrada que tinha se escondido e para salvar os inocentes, fez, novamente, com muita rapidez, toda a teia que foi arrebentada, para proteger os fugitivos.

Quando os cavaleiros de Herodes chegaro perto da gruta, o chefe deu esta ordem:

- Entrem aí na gruta. Eles podem estar lá dentro.

Os guardas desceram dos cavalos para entrar.

Mas o primeiro cavaleiro que chegô na porta da gruta, já foi gritando:

- Esperem um pouco. Não dianta nem entrar. Vejam esta enorme teia de aranha. Já faz alguns dias que está feita. Se eles estivessem entrado aqui, a teia já taria toda quebrada.

- Você tem razão, respondeu o comandante.

Eles já devem estar chegando em Jerusalém. Vamos pra lá.

E, assim, o Menino Jesus foi salvo por uma aranha.

Quando a Família Sagrada saiu do esconderijo, para seguir viagem pr'o Egito, Nossa Senhora olhô mais uma vez para a gruta e falou, muito feliz:

- Aranha, a partir de hoje, e em nome de Deus, eu te abençôo.

Por isso que a **aranha** é um animal abençoado".

*Contado por **Eurides Santana** (Feio), 36 anos (1975), residente na Rua Joaquim Miguel dos Santos, n.º 262. Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 5).*

8 - OS TRÊS CACHORROS

"Era uma vez um lavrador, Juca, que vivia muito bem com sua mulher, Irma. Tinha um sítio muito bom e plantava, na roça, todos os mantimento.

De manhã, ele ia com os camarada trabalhá na roça. A mulher dele ficava em casa, fazia todo o serviço e, à hora do almoço, levava a comida para o marido e os camarada.

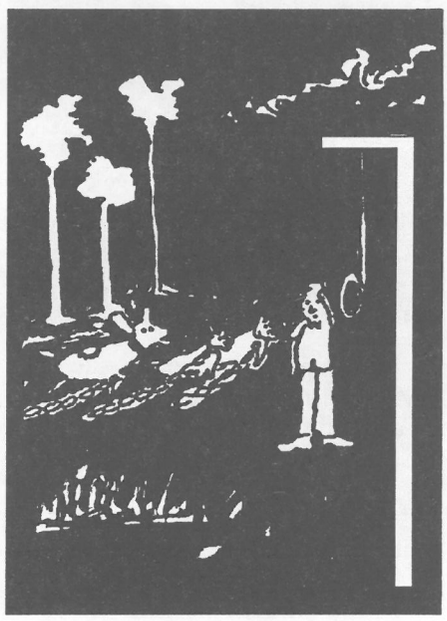
E a vida continuava às mil maravilha, até que um vizinho, home invejoso, ciumento, pra fazê inferno na vida do lavrador, disse pra ele:

- Sabe, amigo Juca, você às vez faz o papel de bobo. Quando sua mulher atrasa com a comida, é porque ela fica namorando o Seu Chico, o dono daqueles três cachorros feroz.

O Seu Juca, homem muito nervoso, não procurô sabê da verdade. Pôs na cabeça que tinha que se vingá do Seu Chico. Nem para a mulher ele falou nada.

Pensô em se vingá assim: Chamô três empregado e pediu que prendesse o três cachorro: **Rompe-Mato, Corta-Vento** e **Chega Enquanto É Tempo**. Os empregados amarro bem os cachorro num quarto, para não escapuli.

Depois ele mandô os empregado trazê o Seu Chico amarrado com argemas e prendeu ele num quartinho dizendo que



às três horas da tarde ele ia sê enforcado, pela traição que ele tava fazendo.

O Seu Chico dizia:

- Mas Seu Juca, eu nunca traí o senhor. Nunca desrespeitei sua mulher.

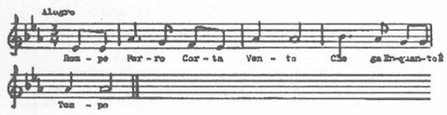
- Às três horas você vai ver se traiu ou não.

O coitado do Seu Chico, inocente, não desejava morrê injustamente, confiava em Deus e na força dos seus cachorro, pra livrar ele.

O Seu Juca, já com tudo preparado para o enforcamento do otro, dizia em voz gritada:

- Falta só cinco minuto para você morrê.

Aí, então, o desepero começô a tomá conta do Seu Chico e ele cantô assim:



Rompe-Mato,
Corta-Vento,
Chega Enquanto É Tempo.

Os cachorro oviro e reconhecero a voz de seu dono. Ficaro furioso, arrebentaro as coleira e corrente e saiu correndo, pra socorrê o seu dono. E foi assim que o Seu Chico escapô da forca. Tempo depois, Seu Juca descobriu toda a verdade e foi pedi descurpa pr'o Seu Chico".

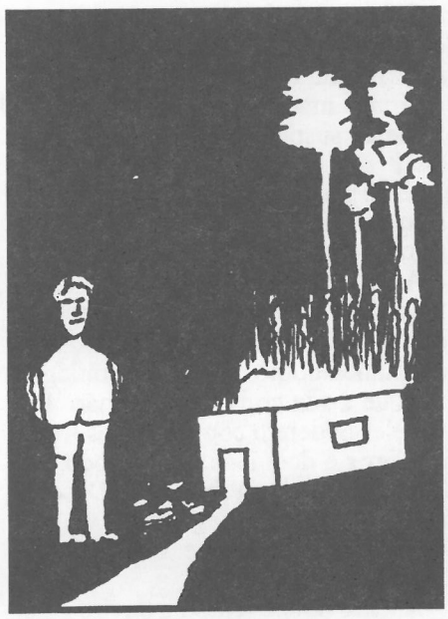
*Contado por **Rosa Pereira dos Santos** (Rosinha), 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia. (N. 16).*

CONTOS

9 - QUE HERANÇA?

"Minha avó quando morreu
Me deixô uma herancinha,
Deixô uma casa velha
Também uma despesinha
Deixô um mandiocal
E somente uma galinha
Deixô uma preta velha
Criando uma negrinha
Deixô uma vaca velha
Criando uma bezerrinha
Deixô uma égua magra
Criando uma potrinha
Deixô uma porca gorda
Criando uma leitoinha
Deixô uma cachorra seca
Criando uma cachorrinha
Deixô uma gata preta
Criando uma gatinha
Deixô uma franga branca
Criando uma franguinha.
Mas o fogo deu na casa
E queimô minha cozinha
O tatu no mandiocal
O cachorro na galinha
A caxumba deu na preta
Catapora na negrinha
Aftosa deu na vaca
Frieira na bezerrinha
Deu batedera na porca
E deu peste na porquinha
Pegô rabuge na gata
E ronquera na gatinha
O gogo atacô na franga
E caroço na franguinha
O berne na cachorra
E bichera na cachorrinha
De modo que se acabô
Toda a herança que eu tinha".

Contado por ***Rosa Pereira dos Santos*** *(Rosinha), 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia. (N. 16).*



10 - O CONDE SALOMÃO

"Havia, num lugar, um conde muito rico, mas que já era casado. Neste mesmo lugar morava um rei, pai de uma única filha solteira.

Essa princesa se apaxonô pelo conde e um dia ela falô pr'o rei:

- Meu pai, eu quero casá c'o conde Salamão.

O rei, muito surpreso, respondeu:

- Mas minha filha, o conde Salamão é um home casado. Ele não pode casá com você.

E a filha, insistindo, disse:

- Meu pai, o senhor fala pr'o conde Salamão matá a mulher dele e, assim, ele pode casá comigo.

O rei pensô muito e, bastante contrariado, mandô chamá o conde Salamão pra ele i no palácio.

O conde atendeu o chamado do rei e assim que foi chegando, o rei já foi dizendo:

- Conde Salamão, minha filha quer porque quer casá com você. Não há nada que tira isso da idéia dela. Então eu vô te dá essa bacia de oro e você corta a cabeça da tua mulher e traga ela aqui, no palácio.

O conde, obediente às ordes do rei, pegô a bacia de oro e saiu muito triste, para sua casa. Chegando em casa, começô a fechá portas e janelas e botô a bacia de oro no meio do salão.

A mulher ficô admirada de ver a atitude do marido, fechando portas e janelas, tendo no meio do salão aquela linda bacia de oro, e falô:

- Vejo aqui meu lindo conde
Meu carinho e alegria,
Fechando porta e janela
Coisa que nunca fazia.

E o conde, quase que chorando de sentimento, respondeu:

- Fecho portas e janelas
Por ordem da tirania
Pra tirá tua cabeça
Nessa marvada bacia.

Nisto, o sino da igreja começô a tocá um toque que anunciava a morte de arguém. Logo, o povo da cidade saiu anunciando nas ruas o falecimento da princesa.

A mulher do conde, já quase na hora de tê a cabeça cortada pelo marido, ainda falô:

- Ouvi o sino dobrar
Ai Jesus, quem morreria?
Aumentando a tristeza
No meu derradeiro dia.

O conde, então, fez uma pausa e, de dentro de sua casa, ele ouviu o povo comentando:

- A princesa, depois que convenceu o pai a mandá matá uma mulher inocente, para ela casá com o viúvo, de tanto arrependimento, pinchô-se do palácio, caindo esborrachada no chão.

E aí, o conde ainda disse:

- Morena, filha do rei,
Que um mal ela prometia
De apartá um bom casal,
Coisa que Deus não queria.

Por esta razão, o conde viveu feliz ao lado de sua querida mulher. Não foi preciso sê criminoso e nem marido forçado da filha do rei.

Na hora do enterro, a mulher do conde Salamão adornô a bacia de oro com as mais belas flor do seu jardim e levô pr'a princesa morta".

Contado por ***Joaquim José dos Santos,*** *63 anos (1973), residente na Rua Floriano Peixoto, n.º 276, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 11).*

CONTOS

11 - JOÃO BOBO QUERIA CASAR

"Era uma vez um rei que anunciou pra todos os príncipes e rapazes solteiros que sua filha, a princesa, queria se casar. Mas tinha uma condição: ela só se casava com o moço que fizesse uma pergunta pra ela e ela não acertasse a resposta. Era uma princesa muito sabida.

Num lugarejo, meio longe do palácio, morava um moço solteiro, em companhia da mãe. Ele era bobo, mas tinha muita vontade de vencer na vida. Tomou conhecimento da notícia que o rei espalhou e foi falar com a mãe:

- Sabe, minha mãe, eu fiquei sabendo que a princesa só se casará com quem fizer uma pergunta que ela não consiga responder. Eu vou inventar uma pergunta pra ela. Vai ser uma pergunta muito difícil e ela não vai saber me dar a resposta.

- Deixa disto, meu filho, você vai procurar encrenca e vai acabar indo pra forca. A princesa é uma moça muito inteligente. Ela consegue responder qualquer pergunta. E além do mais, você não é capaz de inventar pergunta nenhuma.

Mas não havia remédio para tirar isso da idéia do rapaz. Queria porque queria ir.

A mãe, vendo que não havia jeito, pensou num meio de livrar o filho de ser morto na forca. Matutou bastante e pensou consigo:

- Pra ele morrer no palácio, servindo de palhaço de todos, é melhor que ele morra durante a viagem.

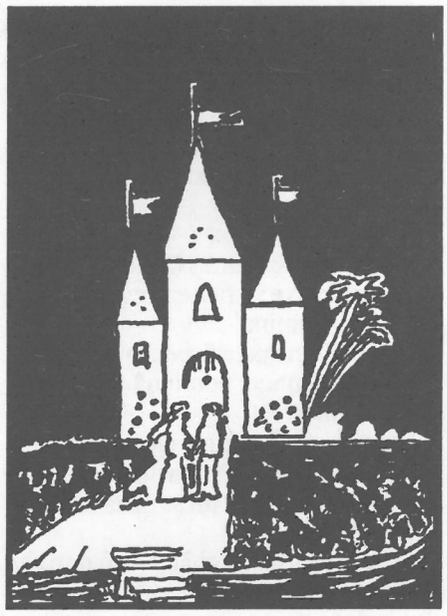
Assou um bolinho de mandioca, mas na massa colocou uma boa quantidade de veneno.

O moço apanhou um picuá, colocou o bolinho, alguns condimentos pra temperar alguma caça, pegou o chapéu e foi acompanhado por sua cachorrinha de nome **Catita**.

Depois de muito andar, ele percebeu que a Catita estava com muita fome. Então deu o bolinho de mandioca pra ela. A coitadinha, num bocado, comeu, e logo depois morreu.

João ficou muito aborrecido. Mas mesmo assim, tirou o couro da cachorrinha, limpou ela muito bem, temperou, assou e colocou dentro do picuá. E continuou andando para o palácio.

Bem na frente, apareceram uns caçadores, com muita fome. Eram sete.



Perguntaram pr'o João:

- Ó moço, você não tem nada pra comer. Nós estamos com muita fome.

Ele mentiu, falou em paquinha em vez de cachorrinha:

- Tenho uma paquinha assada. Vocês podem comer. Deve estar muito gostosa.

Os caçadores comeram e não levou quase nada, todos morreram.

João pensou consigo:

- Veja o que minha mãe fez. Se eu tivesse comido o bolinho de mandioca, a esta hora eu não existia mais. O bolinho matou a cachorrinha e a cachorrinha matou os sete caçadores.

João foi aos caçadores, escolheu a melhor espingarda das sete, e continuou a viagem.

No caminho, ele viu um nambu correndo. Atirou no nambu, errou a pontaria, mas acertou um veadinho que ele não tinha visto.

Preparou a caça para assar, mas ali por perto não havia lenha, e o recurso foi arrancar os braços de uma cruz que estava fincada na beira da estrada e, com ela, fazer uma fogueirinha. Comeu bastante e sentiu muita sede.

Continuou andando até à beira de um rio, mas quando ia abaixar para beber, ele viu um boi que vinha rodando, com uns urubus sobre ele. O animal já estava podre, com mau cheiro, então ele não teve coragem de beber a água.

Atravessou o rio. Andou muito e a sede tornou a provocar o coitado do João.

Nisto ele avistou um cavaleiro, montado num cavalo muito suado. A sede era tanta que ele pediu permissão ao dono do cavalo para aparar, no chapéu, o suor do animal, que ele bebeu para matar um pouco da sede.

Andou muito ainda e, por fim, chegou no palácio.

No palácio, riram muito dele, pois tinha cara de bobo. E todos de lá diziam:

- Este é mais um que vai pr'a forca.

O bobo respondeu:

- Não faz mal. A lei da princesa é pra todos os rapazes solteiros que queiram casar. Ela é a candidata.

Se ela acertar a resposta, aceito a morte. Mas se ela não souber, terá que se casar comigo. E fez a pergunta:

De Catita matei sete,
De sete escolhi o melhor.
Atirei no que eu vi,
Matei o que eu não vi,
Com lasca de pau santo,
Assei e comi.
Vi um morto carregando os vivos,
Coisa que eu nunca vi.
Bebi água sem do céu chover,
Sem da terra nascer.
Fique com esta.

A princesa pediu três dias para dar a resposta. Esquentou muito a cabeça. Pediu ajuda do rei e da rainha, mas nenhuma ajuda serviu para a decifração.

Como não havia outro jeito para descobrir a resposta, o jeito foi aceitar o casamento com o João Bobo.

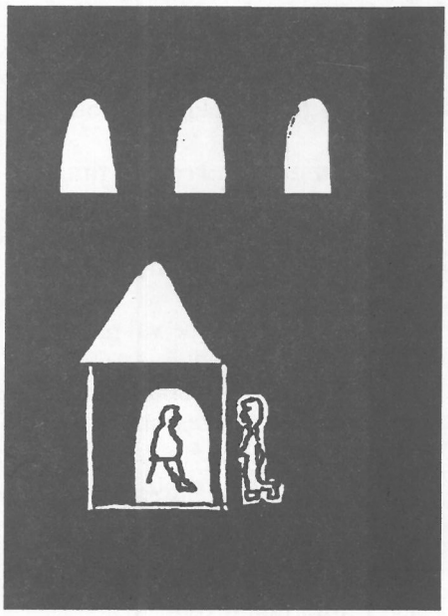
A mãe do moço foi ao casamento. Ela estava muito arrependida com o que queria fazer contra o filho, dando veneno pra ele.

Eu também fui ao casamento. Vinha trazendo um potinho de doce pra vocês. Eu vinha montada num cavalo velho. Quando estava chegando, um velho, aqui de perto, quis tomar o potinho de doce. O cavalo caiu e quebrou a perna. O potinho de doce caiu na cabeça do velho e ele se machucou todo. E o potinho espatifou no chão".

*Contado por **Maria Dias da Silva**, 65 anos (1990), residente no Abrigo São José, Rua Benjamim Constant, n.º 1505, Bairro da Santa Casa, Olímpia, (N. 12).*

CONTOS

12 - O PADRE E O SACRISTÃO



"Era uma vez um padre e um sancristão que tomava conta de uma igreja.

Como garrô a sumi dinhero da igreja, o padre falô pr'o sancristão:

- Tá sumino muito dinhero das oferta e ocê precisa confessá.

Levô o sancristão pr'um quartim e pediu pra ele joeiá pra mode podê confessá. E começô:

- Óia aqui, sancristão, tá sumino todo o dinhero das coleta.

O sancristão respondeu:

- Eu não escuito nada.

O padre repetiu muitas vez a mesma coisa e a resposta era sempre a mesma.

O padre, já nervoso, disse pr'a ele:

- Como ocê não escuita nada?

E ele, então, disse pr'o padre:

- Daqui desse lugarzinho onde eu tô, não escuito nada mesmo.

Vem o senhor pra cá pra vê se não é verdade.

Daí o padre foi pro lugá onde tava o sancristão e passô a sê o confessor.

- Óia, seu padre, o senhor anda pecano demais, porque tá de namoro c'a muié do sancristão.

Mais que depressa o padre falô pra ele:

- É verdade, fio, ocê tem toda razão. Daqui desse lugá a gente não escuita nada mesmo".

*Contado por **Jesus Francisco de Miranda** (Chico Vato), 71 anos (1893), residente na Avenida Júlio Ferrânti, n.º 237, Bairro de São José, Olímpia. (N. 10). Aprendeu-o com o pai.*

13 - O MORTO VIVO

"Era uma vez um home véio, muito doente, pobre demais, que vivia suzinho numa casinha de pau-a-pique, na entrada de um mata perto de uma estrada.

Andava desacorçoado da vida. Sofria de rematismo e não podia trabaiá mais. Passava até fome.

Um dia ele pensô:

- Que será de mim? Não tenho famia, moro suzinho e se ficá entrevado, quem vai cuidá de mim?

O coitadinho pensô, pensô e não achô resurtado nenhum continuá vivendo. E resorveu morrê.

Num dia de domingo, ele levantô bem cedinho, vestiu uma ropa miozinha, mas cheia de remendo, e foi se deitá na estrada, pra morrê.

Esticô o corpo no chão e ficô durinho que nem morto. Pra ele, tinha morrido de verdade.

Não demorô muito tempo, ia passando na estrada dois cavalero, desconhecido daquelas banda, e viro aquele defunto tão pobrezinho, abandonado na estrada.

Um cavalero falô pr'o outro:

- E agora, o que nós faz com esse coitado?

O otro respondeu:

- Vamo dá um jeito de levá o corpo no povoado mais perto daqui e entregá pr'as otoridade. É uma caridade que nós faz.

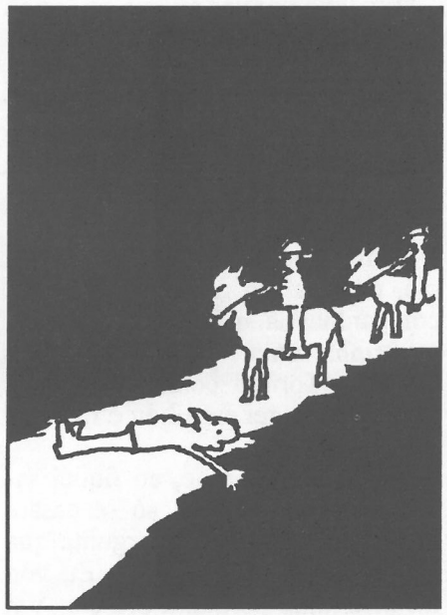
Viro aquela casinha perto e foro batê parma pra pedi um lençol pra fazê um bangüê e levá o morto pr'o povoado.

Batero parma, chamaro, mas ninguém atendeu. Então eles entraro na casinha e logo percebero que podia sê ali a casinha do véio morto.

Entraro e viro na casa um lençol todo chujo. Pegaro aquele lençol memo, cortaro uma vara pra eles podê levá o defunto.

Amarraro os cavalo numa arve, perto da casinha e foro levano o véio.

Andaro, andaro, andaro. Já tava cansado quando chegaro numa encruziada



pra pegá a estrada do povoado. Mas eles num sabia que estrada que eles devia segui.

Então pusero o bangüê no chão pra descansá um poco e pra vê se por ali passava arguém que ensinasse a estrada. Mas não passava ninguém. Então os dois cavalero começaro a querê adivinhá.

Um falava:

- Eu acho que é esta aqui.

O otro dava otro parpite:

- Pois eu acho que é essa otra.

E ficaro um tempão falano:

- É essa aqui. Não, é aquela ali.

Nisso o defunto foi ficano nervoso, sentô no bangüe e falô pra eles:

- Quando eu era vivo, eu ia por essa daqui. E apontô a estrada.

Os dois cavalero não esperaro por mais nada. Abandonaro o defunto no bangüê e dero no pé.

Diz que até hoje eles tão correno".

*Contado por **Jesus Carlos Batista** (Fio), 27 anos (1990), residente na Rua Penha, n.º 210, Bairro de São José, Olímpia. (N. 9).*

14 - O FIM DE SEU TRANCELINO

"Era uma vez um homem muito pobre, viúvo, pai de muitos filhos, chamado Seu Trancelino.

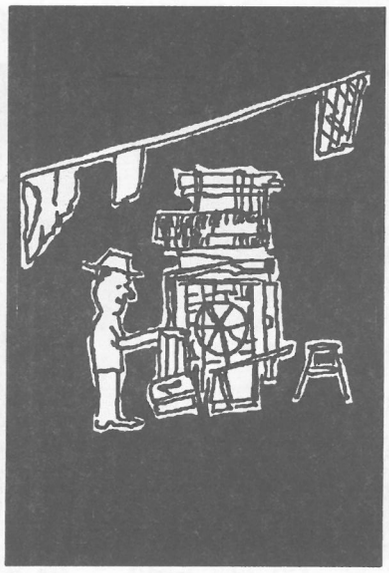
Vivia numa choupana, em grande miséria. Os filhos choravam e lamentavam o dia inteiro. Sentiam muita fome.

Ele era o único que trabalhava, ganhando muito pouco, pedalando dia e noite, um tear velho e já meio estragado, para produzir algumas cobertas que vendia para o sustento de todos os da casa.

E disfarçava sua miséria, dizendo, enquanto pedalava seu velho aparelho de tecer:

Tece, tece, meu tear,
Quem não tem que possuir,
Não adiante pelejar.

Um dia, passou por lá, um compadre rico e, vendo tão grande miséria, se compadeceu tanto daquela pobre família e falou consigo mesmo: Eu vou ajudar o compadre. Vou fazer uma grande surpresa para ele. Assim ele poderá tratar melhor dos filhos, que andam tão doentes. Eu vou doar um pão para ele e, neste pão, mandar uma grande riqueza.



Mandou fazer um pão bem grande, redondo, e encher com muitas moedas de ouro, uma grande fortuna.

Colocou o pão numa grande bandeja, cobriu com uma toalha bem alvinha, e mandou um dos criados ir levar na casa do pobre tecedor.

A criançada quando viu aquele enorme pão ficou muito satisfeita, mas o tecedor nem quis partir o pão e explicou pr'os filhos:

- Meus filhos, nós não temos nada pra comer com este pão: nem café, nem leite, nem manteiga, nem carne, nem nada... Então vamos dar este pão para o compadre João que, de vez em quando, manda para nós um pé de mandioca. E mandou o pão para lá.

O compadre João era fazendeiro e ficou muito surpreso com o presente do compadre pobre. Ficou muito contente e mandou agradecer o tecedor.

Quando o fazendeiro foi partir o pão, ficou pasmo.

Não acreditava no que estava vendo. Imediatamente guardou toda aquela riqueza. E não contou nada a ninguém. E nem quis explicações. No dia seguinte, mandou levar uns dois litros de leite pr'o pobre tecedor e ficou por isto mesmo.

E a pobreza continuava na casa do infeliz tecedor. Os filhos muito magros, a comidinha pouca e fraca, muita fome e o tecedor o tempo todo ocupado com o tear.

Passados uns dias, o homem rico, aquele compadre que tinha mandado o pão recheado de riqueza, foi fazer uma visita ao tecedor para ver se a vida da família tinha melhorado depois do presente que ele enviou.

Chegou e encontrou a família do mesmo jeito, na grande miséria e foi logo perguntando se ele ainda não tinha partido o pão que ele tinha mandado.

Com muito desinteresse pela visita e pelo presente que tinha recebido, ele disse que tinha dado o pão de presente a um amigo, pois ele não tinha nada pra comer com o pão. E pão puro podia até embuchar os filhos.

Falava, mas nem olhava para a cara do amigo, trabalhando e sempre repetindo:

- Tece, tece, meu tear,
Quem não tem que possuir,
Não adianta pelejar.

Mas o amigo visitante continuou a conversa, explicando que dentro daquele pão tinha uma riqueza que dava para mudar a vida dele, da noite pr'o dia, porque era muito valiosa. Que ele fosse atrás dela, na casa da pessoa pra quem tinha mandado o pão.

E o tecedor, sem dar a menor importância ao que estava ouvindo, continuava pedalando e repetindo aqueles versos:

Tece, tece, meu tear,
Quem não tem que possuir,
Não adianta pelejar.

O visitante foi ficando tão nervoso com tudo aquilo: Pobreza da família, falta de atenção do amigo, desinteresse em querer melhorar a vida, pouco caso do compadre tecedor, que não teve outro remédio senão tirar o revólver da cintura e desferir seis tiros no pobre desatencioso e mal agradecido, tirando, de uma vez para sempre, o seu triste sofrimento".

*Contado por **Maria Dias da Silva**, 65 anos (1990), residente no Abrigo São José, Rua Benjamim Constant, n.º 1505, Bairro da Santa Casa, Olímpia. (N. 12).*

15 - O PADRE, O SACRISTÃO E O NEGRO

"Era uma vez um padre, um sancristão e um nego que foro viajá pra um lugá muito longe.

Andaro, andaro e depois de muito cansado pararo pra descansá na casa de um fazendero. Na casa do fazendero tinha umas muié devota que gostava muito de tratá bem os padre. Pegaro na mão dele, bejaro e pediro a bença.

Arrumaro uma boa hospedage pr'os três home.

No otro dia, de manhã, a muié do fazendero falô: - Seu padre, o lugá pra onde vai é muito longe daqui, então eu vô preparà um virado de frango pr'ocês levá pra mode não passá fome, porque é muito difice achá um otro lugá pra fazê comida pr'ocês. Três dia ocês num acha o que comê.

Preparô o virado e colocô numa sacola pra eles levá.

O padre, então falô pr'o sancristão e pr'o nego:

- Hoje nós num vai armoçá e nem jantá esse virado. Vamo deixá pra quando a fome apertá.

Continuaro andano, andano. Anoiteceu, dormiro no mato, mas o padre não dexô ninguém comê.

No otro dia, o sancristão e o nego falaro:

- Nós tá com muita fome. Vamo comê o virado?

O padre respondeu:

- Ainda hoje nós num vai comê.

De tardezinha chegaro numa tapera véia que tinha uma bica de água fresquinha e muita limpa. Bebero muita água pra tapiá a fome. E começaro a conversá.

Então o padre falô pr'os dois:

- Agora nós vai dormi aqui nesta tapera.

O de nós que tivé o sonho mais bonito é o que vai comê este virado.

No otro dia, quando acordaro, o padre falô:

- Quem vai primero contá o sonho que teve?

O sancristão falô:

- Quem vai contá o sonho em primero lugá é o senhor, porque o senhor é o nosso chefe e tem o direito de sê o primero.

Então o padre contô:

- Esta noite eu sonhei que tava no céu. Perto de mim tinha uma porção de anjo cantano uns hino muito bonito. Tinha flor de todas qualidade e soprava um vento com chero de todos os perfume. E muito santo me abençoava.

Depois que o padre contô o sonho, foi a vez do sancristão.

- Pois óia, seu vigário, eu também sonhei que ia pr'o céu. Mas quando eu subia a escada, do úrtimo degrau eu vi o senhor. Vi os anjo cantano. Senti o perfume do vento. Vi os santo pô a bença no senhor. Então eu fiquei com tanta satisfação que fiquei parado no degrau.

O úrtimo a contá o sonho foi o nego:

- Eu também sonhô iguá. Quando eu pisô no primeiro degrau da escada do céu eu viu o seu vigário lá dento e o sancristão no úrtimo degrau. Mas como nego num vai memo no céu, eu vortô e comeu tudo o vilado".

*Contado por **Jesus Francisco de Miranda** (Chico Vato), 71 anos (1983), residente na Avendia Júlio Ferrânti, n.º 237, Bairro de São José, Olímpia. (N. 10).* Aprendeu-o, ainda criança, com o pai.

CONTOS

16 - CADA SAPATO TEM SEU PÉ

"Na época em que Jesus andava no mundo, em companhia dos seus apóstolos, saiu um dia com São Pedro. Ao passarem num rio viram um homem entrando nas águas para matar a sede. Esse era tão preguiçoso que entrou dentro do rio até que a água viesse para sua boca, porque não tinha coragem de abaixar. E assim, ele bebeu bastante água e se afastou devagarinho.

Ao ver a atitude daquele homem tão indolente, São Pedro perguntou:

- Mestre! Como pode ser isso? Aquele homem tem preguiça de se abaixar até para beber água. Será que conseguirá achar casamento?

Respondeu-lhe Jesus:

- Calma, Pedro. Tudo na vida encontra uma solução.

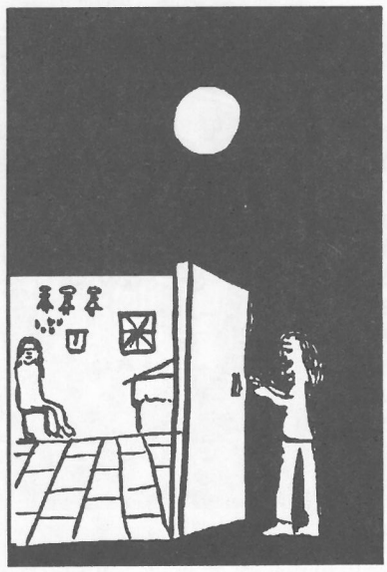
Andaram mais um pouco e, à beira do mesmo rio, viram uma mulher que lavava roupa. A saia estava amarrada nas pernas, com água até a cintura.

Jesus adiantou e disse a Pedro:

- Você está vendo aquela mulher? Pois é, ela vai conhecer aquele homem lá de trás e vai casar-se com ele. Ela é quem vai tratar dele. Na vida sempre foi assim: Não existe um sapato que não encontre um pé para calçá-lo".

*Contado por **Sebastião Rodrigues**, 46 anos (1992), residente na Rua Miguel Said Aidar, n.º 352, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia. (N. 17)*

17 - O VELHO ESPERTO



"Havia num abrigo de velhos dois senhores bem idosos: Seu Juca e Seu Totó. Eram amigos e gostavam de estar sempre, um ao lado do outro, proseando. Seu Totó gostava de ir todas as tardes à capela para rezar, mas Seu Juca nem arredava o pé do lugar quando era convidado para a devoção. Por isso, Seu Totó lhe dava muitos conselhos. Um dia Seu Juca ficou muito doente, à porta da morte, e Seu Totó falava para ele:

- Arrependa-se enquanto é tempo, Juca. Você foi um grande pecador e não terá entrada no céu.

- Não é preciso, disse o semimorto.

- Arrependa-se Juca, senão você vai para o Inferno.

- Não irei, não. Conheço um jeito todo especial, garantido, para entrar no Céu.

- É verdade? Qual é este processo de ir para o Céu?

Seu Juca lhe explicou:

- Quando eu chegar no Céu, baterei à porta delicadamente. Segurarei o trinco. Abrirei uma gretinha e espiarei para dentro. Tornarei a fechar a porta com um barulhinho bem leve. Esperarei um instante e tornarei a repetir a mesma coisa. Depois, outra vez. E outra e outra e outra... São Pedro, que também é velho, cansado de ouvir abrir e fechar a porta muitas vezes, sem entrar ninguém, ficará aborrecido e dirá:

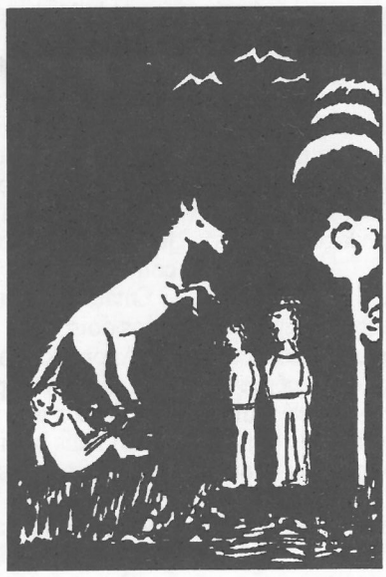
- O que é isso aí? Entra ou saia de uma vez!

Aí, então, eu entro. Entro e fico lá, porque todo mundo sabe que quem entra no Céu, de lá não pode sair.

Deu para você entender, Totó? Quero ver se eu entro ou não entro lá. Depois você ficará sabendo".

*Contado por **Célio José Franzin**, 27 anos (1990), residente na Rua Marechal Deodoro, n.º 566, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 4).*

18 - DOMADOR PREVENIDO



"Diz que tinha um caboco, dono dum sitinho, criadô de burro e de cavalo. Esse caboco tinha muito em adomá burro xucro.

Certa vez, ele ficô apreciano os dois fios que tava pelejano pra amansá um burro. Mas os dois rapaz, mal amontava no animal, já ia direto pr'o chão. Amontava no animal e já caía.

O caboco já tava ficano meio nervoso co'aquilo. Num agüentano mais, falô pr'os fio:

- Meninos, traz esse danado pra cá. Ocês num sabe nem amontá em burro. Traz pra cá que eu mostro como é que se faz.

Os rapazim obedeceu. Levô o burro e o caboco, cum muita pose, amontô no animal.

Quando o burro garrô a pulá às direita e às avessa, dando coice daqui e dali, ele puxô o freio cum muita força e falô pr'o bichinho:

- Vê se toma tenência, seu diabo! Agora num é menino que tá trepado n'ocê não. Agora é o véio. Vamo vê s'ocê toma jeito. Fica queto.

Mas o burro num tava pra conversa fiada. Continuô pulano, pulano, pulano e num salavanco, jogô o véio a dois metro de lonjura.

O caboco levantô muito depressa, oiô pr'os dois fio, e falô bem firme:

- Ocês viu como é que se faz. Quando a gente vê que o marvado vai derrubá a gente no chão, é preciso tê essa esperteza. A gente pincha pra fora do lombo dele, antes que ele derruba a gente. Ocês precisa aprendê isso".

*Contado por **Ezequiel Batista de Carvalho**, 78 anos (1990), residente na Rua Marechal Deodoro, n.º 566, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 6)*

CONTOS

19 - O JOGADOR LOGRADO

"Havia um homem que gostava de jogar no bicho, mas antes de fazer o jogo ia à igreja buscar o palpite de São Benedito.

O sacristão da igreja, homem muito pândego e esperto, ouvia a conversa do jogador com o santo, escondia-se atrás do altar para responder, com voz muito espremida, o nome do bicho do dia.

Assim aconteceu repetidas vezes e o palpite de São Bendito era certeiro.

Como gratidão, repartia o lucro com o santo adivinhador. E o sacristão era quem se beneficiava com essa divisão.

Certa noite o sacristão teve um sonho através do qual ele foi avisado de que o bicho da sorte, naquele dia, era o burro.

Quando o perguntador apareceu na igreja inquirindo São Benedito sobre o palpite do dia, o sacristão recomendou ao "jogador" que vendesse tudo quanto possuísse para jogar no burro.

À hora da publicação do nome dos bichos o sacristão soube, em primeira mão, que o seu palpite não tinha sido favorável. E ficou com medo da reação do jogador que, desta vez, tinha ficado pobre.

Então caminhou-se, apressadamente, para a igreja. Tirou do altar a imagem de São Benedito, que era grande e cara, e a substituiu por uma outra imagem, bem menor.

Não demorou muito tempo entra, nervoso, na igreja, o jogador azarado, armado de um grande pedaço de pau para acertar contas com o santo palpiteiro.

Entre nervoso e surpreso, encontrou em lugar do santo grande a imagem pequena, muito parecida com a de São Benedito.

E, sem muito raciocinar, foi logo dizendo: Ó Ditinho, vai depressa lá dentro chamar o seu pai, porque hoje eu quero rachá-lo de pancadas".

Contado por ***Antônio Clemêncio da Silva*** *(Toninho), 25 anos (1983), residente na Rua Benjamim Constant, n.º 935, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 2).*

20 -O DINHEIRO ACHADO

"Era uma vez quatro home que numa procissão de 13 de maio fizero o voto de carregá o andor de São Bendito.

Na hora marcada já tava na igreja, trajado de marrom, cor da batina do santo, pra carregá o seu andor todo enfeitado.

Começô a porcissão com foguetório e cantoria.

No trajeto da porcissão, um dos carregadô do andor viu, no chão, uma nota de mil cruzeiros. Abaxô depressa pra pegá o dinheiro, mas no movimento que fez, o Santo caiu junto dele.

Então o devoto segurô a nota e falô pr'o Santo assim:

- Sossega, Dito. Quem viu a nota primeiro fui eu".

Contado por ***Ezequiel Batista de Carvalho,*** *78 anos (1990), residente na Rua Marechal Deodoro, n.º 566, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 6).*

21 - O BOBO QUE SE FEZ REI

"Era uma vez uma rainha que se enviuvou e morava num bonito castelo. Não queria viver sozinha e resolveu casar novamente. Então espalhou a notícia de que se casaria com o primeiro moço que fizesse uma pergunta pra ela e ela não conseguisse acertar. Se ela acertasse a resposta, ela mandaria matar o pretendente.

Muitos moços inteligentes procuraram a rainha. Fizeram a pergunta. Ela acertava. E todos eles foram mortos.

Tinha um moço bobo, que morava com a mãe, e se interessou em casar com a rainha.

E disse pra mãe:

- Mãe, eu vou casar com a rainha. Vou fazer uma pergunta e ela não vai acertar.

A mãe começou a chorar e falou pra ele:

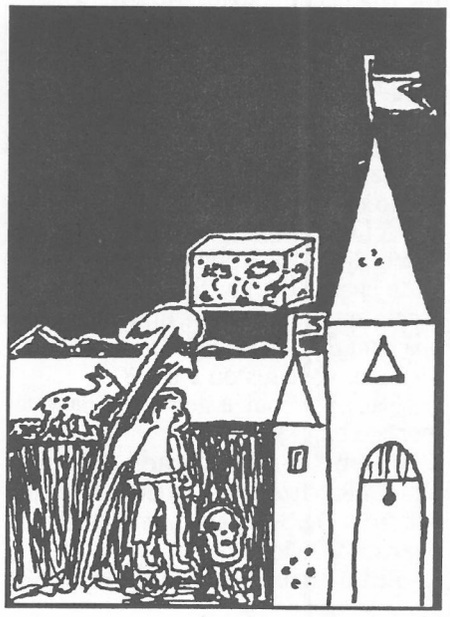
- Meu filho, os moços inteligentes vão fazer a pergunta pra rainha e ela acerta e eles acabam morrendo. Você nem pergunta sabe.

Então, ele respondeu assim pra mãe:

- Ora mãe, eu não presto pra nada. Sou um bobo. Se eu morrer, não tem importância. Não faço falta nenhuma.

Arrumou uma trouxinha com alguma roupa e saiu de casa.

A mãe ficou chorando, porque tinha certeza que o filho ia morrer. Era bobo, não sabia nada e estava se arriscando com a sorte.



No caminho para o castelo da rainha, ele ia observando todas as coisas pra poder fazer uma pergunta bem difícil.

Nisto, ele viu um veado e ao se aproximar dele, o veado deu um pulo pr'o mato, assustando muito ele.

Aí, o bobo falou: **Rapei terra, pulei mato.**

Mas adiante, veio uma chuva forte, um temporal, arrancando os coqueiros.

O bobo falou: **Coqueiro rolando.**

Continuando a viagem, o moço bobo encontrou uma caveira e dentro dela, um grilo cantando.

Ele já disse: **Osso cantando.**

Ao chegar no castelo da rainha, viu um aquário com vários peixes, e completou a pergunta: **Peixe em tina.**

Ao ser recebido, falou pra rainha que era pretendente ao casamento com ela. Ela deixou bem avisado que se acertasse a resposta, ele morreria. Ele aceitou. E fez a pergunta:

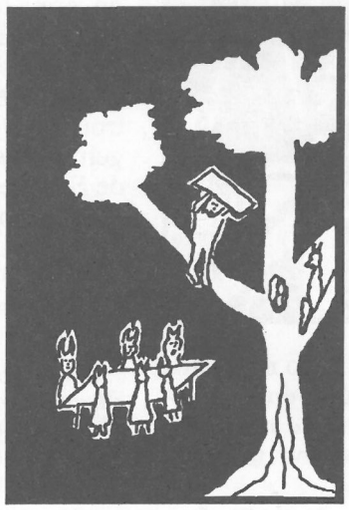
Rapei Terra, pulei mato,
Coqueiro rolando,
Osso cantando,
Peixe em tina
Agora, você determina.

A rainha não adivinhou. O casamento foi realizado. A mãe do bobo também foi morar no castelo. O casal teve muitos filhos e vive bem até hoje.

Acabou a história do bobo que virou rei".

*Contado por **Basília Jerônima Correia**, 74 anos (1980), residente na Rua Lusitânia, n.º 198, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 3).*

22 - PEDRO E JOÃO



"Pedro e João eram dois irmãos que tinham em seus cuidados a mãe, que era muito velhinha.

Pedro era ladino. João era bobo. Por isso, enquanto Pedro saía para trabalhar, João ficava em casa cuidando da mãe. Certo dia, João aborreceu-se com o trabalho que a pobre velhinha dava e disse a Pedro: Vamos matar a mãe? Assim vamos ficar sossegados. Pedro respondeu: Não! Deus nos livre de uma coisa dessas. João ficou só se moringando.

No dia seguinte, Pedro foi trabalhar. João matou a mãe enforcada, depois fez uma gemada e passou no rosto e nas roupas da velhinha já morta, colocando-a atrás da porta e escorando a porta com um pau.

Pedro chegou da roça e foi perguntando: Cadê a mãe, João?

Não sei, respondeu ele assustado. Acho que foi na vizinha.

Pedro saiu procurando e viu logo a porta encostada. Foi tirando depressa a escora que estava bem firme. A velhinha caiu dura no chão.

- João, você matou a mãe?

- Não! Ela comeu gemada e deve ter morrido engasgada.

Foi um confusão danada. Não teve outro jeito, fizeram o enterro da pobre velhinha. Deste dia em diante, perderam o sossego. João dizia:

- Pedro estou com medo da mãe. E se ela aparecer por aqui?

Foi indo até que Pedro resolveu sair da casa. Saiu na frente e disse:

- Cerra a porta João! Ele mais que depressa passou a mão no serrote, serrando a porta ao meio. Pedro o castigou, fazendo-o levar a porta na cabeça. João pedia ajuda para o irmão, mas ele respondia:

- Não mandei ser bobo.

Depois de tanto andar, chegaram em uma figueira. Como estava bem tarde, Pedro falou:

- Agora vamos dormir em cima da árvore.

Subiu na frente, enquanto João sofria com a porta engastalhada nos galhos. De repente ouviram um barulho. Era a capetada que vinha chegando para jogar truco debaixo da figueira. Eles costumavam fazer reuniões ali, mas Pedro não sabia disso. Logo começou o jogo e a bandalheira dos capetas. Os dois ficaram bem quietinhos, só escutando. Logo retrucou um capeta:

Dizem que vinho do céu é muito bom. Se Deus mandasse um pouco, que bom seria. João falou para Pedro:

- Pedro, vou mandar urina para baixo.

- Não, João. Você vai caçar encrencas.

João não quis saber e fez logo o serviço. Os capetas todos, contentes, disseram:

- Não é que ele mandou mesmo.

Acharam um pouco ruim, mas já que era do céu, tomaram tudo. Pediram de novo mais vinho. João mandou mais urina.

Se ele mandasse agora o pão do céu que dizem ser tão gostoso.

João disse:

- Pedro, vou mandar bolinhos no lugar do pão. - Mas se eles descobrem estamos perdidos. João não atendeu e mandou logo os bolinhos bem em cima da mesa. Disseram os capetas:

- Puxa! Deus é bom mesmo. Tudo o que pedimos ele mandou. O pão é bem ruim, mas já que é do céu vamos comer tudo. O chefe da turma disse: Dizem que raio mata. Se Deus mandasse um aqui agora o que seria de nós?

João com sua tolice teve logo a idéia atravessada de mandar a porta para baixo. Pedro disse:

Não! Desta vez eles acabam com a nossa vida.

João, muito teimoso, jogou a porta com toda a força caindo bem em cima da mesa. Fez um barulhão louco. A capetada saiu em disparada deixando todo o dinheiro do jogo. Pedro e João desceram correndo, pegaram todo o dinheiro e seguiram felizes o seu caminho. Mais adiante chegaram em um local onde se realizava um casamento e foram convidados a participar.

Na hora da festa, serviram o jantar. Pedro estava preocupado com a gulodice de João e foi logo recomendando:

- João, você senta perto de mim e quando eu vir que você já comeu o suficiente, eu piso no seu pé. Aí você pára de comer.

Assim fizeram, mas João não teve sorte. Assim que sentou na mesa, passou um cachorro e pisou no pé dele. Ele empurrou o prato e ficou sem comer. As pessoas diziam: - Come João! Ele respondia: - Estou cheio!

Terminada a festa, foram todos dormir. Lá pelas tantas, de madrugada, João não agüentou a fome e reclamou para seu irmão, que disse:

- Vai na cozinha. Lá tem um pote de arroz-doce. Enche a barriga, seu bobo.

João foi e encheu bem a pança. Ficando com dó do seu irmão, pegou um prato bem cheio e saiu procurando o quarto, no escuro. Errando a porta, entrou no quarto da noiva. Não vendo nada na escuridão, apalpando daqui e dali, encontrou uma pele macia. Pensou que era o rosto de Pedro e foi colocando arroz-doce por todos os lados.

A moça soltava pum e ele respondia:

- Não sopra não, que já está frio.

Pedro lá no outro quarto, vendo a demora de João foi ver o que estava acontecendo. Entrou também em uma porta errada e deu-se com a noiva tomando banho. Ela estava muito apavorada com aquele melequeira danada, pois não sabia o que tinha acontecido. O noivo sentindo a falta dela na cama, saiu para encontrá-la. Encontrou os dois no escuro. Foi um bafafá danado. Era cacetada que zunia por todos os lados, quase derrubando a casa no chão. Pedro e João saíram dali com dois quentes e três fervendo. Até esqueceram o dinheiro todo, o qual os noivos tomaram posse, ficando muito ricos. Pedro e João, com suas maluquices sumiram para sempre por este mundo sem fim".

*Contado por **Antônia do Carmo Batista de Carvalho (Tonica)**, 20 anos (1969), residente na Rua Eugênio Storto, n.º 1, Vila Mouco, Olímpia. (N. 1).*

CONTOS

23 - O ADVOGADO MISTERIOSO

"Era uma vez um mineiro muito pobre que se mudou para o Estado de São Paulo para arrumar trabalho e ganhar dinheiro. A família dele era muito pobre e ele queria dar uma vida melhor para ela.

Então ele fez um pacto com Deus, com as Almas e com o Diabo, para ser protegido. A promessa era a de acender sempre três velas, uma para cada protetor.

Logo ele arrumou um bom trabalho e em pouco tempo ficou rico. Conseguiu muito dinheiro e quis voltar pra Minas para levar o dinheiro pra família.

Arrumou a mala, já era meio-dia, e foi para a beira do rio esperar a embarcação. Já era quase noite e o canoeiro não tinha chegado. O remédio era procurar uma hospedagem ali mesmo por perto. Foi à barranca do rio e acendeu as três velas: uma pra Deus, uma pr'as Almas e uma pr'o Diabo e saiu à procura de um lugar onde pudesse ser hospedado.

Depois de muito caminhar, encontrou uma choupana em ruína, onde moravam duas mulheres: mãe e filha. Pediu pouso. Elas disseram que não podiam permitir que ele pousasse lá, porque na casa só moravam as duas.

Ele compreendeu, agradeceu as duas senhoras e se retirou.

Mal ele deu as costas, elas cochicharam, dizendo:

Vamos dar pouso. Este homem pode estar levando muito dinheiro na mala e nós podemos ficar com o dinheiro dele.

Chamaram o homem e ofereceram um colchão velho que foi colocado no meio da sala. E deram uma candeia para alumiar a sala.

Como a casa era de pau-a-pique, tinha uns vãos grandes de uma ripa para outra e, do quarto delas, elas viam tudo o que ele estava fazendo.

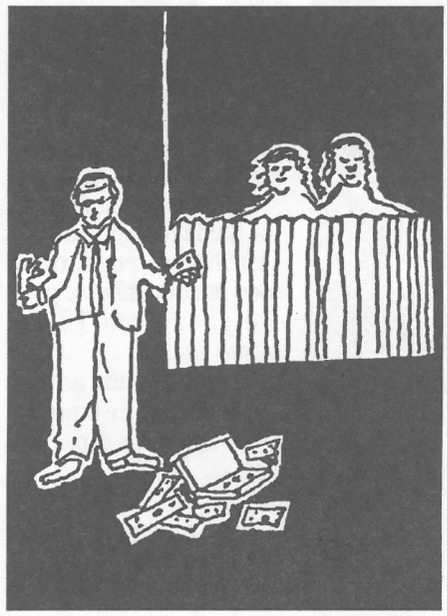
Então, com muita calma, ele abriu a mala, tirou os pacotes de dinheiro e contava, nota por nota, de cada um.

Do quarto, elas acompanhavam o movimento e, no final, sabiam quantas notas de dinheiro o homem ali tinha guardado.

O homem depois de fechar a mala, apagou a luz da candeia e se deitou.

A velha teve uma idéia. Disse à filha:

- Fique aqui que eu vou ao arraial dar parte ao delegado que este homem pediu pouso só para roubar o



nosso dinheiro. Foi. Contou o caso e disse que ele tinha roubado tantos contos de réis.

O delegado ficou muito preocupado naquelas horas da noite. Mandou dois soldados juntos com a mulher, para trazer à delegacia o hóspede, a moça como testemunha e que a reclamante também voltasse para melhores esclarecimentos.

O delegado mal interrogou o hóspede, conferiu o dinheiro e viu que tudo era conforme as mulheres tinham denunciado. O homem tinha roubado as duas senhoras.

Quando o delegado determinou a prisão do homem, nem permitindo que ele desse explicações, misteriosamente entra na sala um senhor muito bem trajado e se apresentou como advogado do homem.

Todos ficaram assustados.

O advogado pediu permissão ao delegado pra fazer umas perguntas às duas senhoras. E perguntou:

- As senhoras têm certeza de que este homem roubou algum dinheiro em sua casa.

Elas responderam:

- Temos certeza. Nós damos a alma pr'o diabo, se ele não roubou.

O advogado perguntou:

- As senhoras são católicas?

- Somos sim senhor.

- Então as senhoras cometeram pecados gravíssimos: levantaram falso testemunho e são ladronas.

E, completando a defesa, disse:

- Nesse momento eu acabo de ganhar duas almas: a da senhora e da sua filha.

Disse e desapareceu da delegacia, junto com as duas mulheres, deixando um insuportável cheiro de enxofre. O advogado era o Diabo.

O hóspede não era ladrão, e tinha também um pacto de ser ajudado pelo Diabo. Com aquela defesa misteriosa, ele não perdeu o seu dinheiro".

*Contado por **Antônio Clemêncio da Silva (Toninho)**, 25 anos (1983), residente na Rua Benjamim Constant, n.º 935, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 2).*

24 - O POTE DE ARROZ-DOCE

"Era dois irmão. Um chamava Zé e o otro Pedro. Pedro era bobo. Um dia o Zé ia viajá, mas num queria levá o Pedro. Mas Pedro quis i também e fez que fez até que o Zé dexô ele i junto.

Então saíro viajano, sem destino. Pedia poso num e notro lugá e ia continuano a viage.

Num dia, na boquinha da noite, eles chegô numa fazenda. O fazendero tinha três fia e naquele dia era o casamento duma delas.

Então o Zé e o Pedro ficaro no quintal, agachado de coque, cum vergonha de pedi poso.

O dono da fazenda saiu e perguntô o que eles tava fazeno.

Aí, eles respondero:

- Nós tamo descansano, porque nós tamo viajano e não temo aonde ficá.

O fazendero disse pr'eles:

- Vamo entrá. Eu tô fazeno uma fia casá e ocês pode comê aqui. E eu dô o poso também.

O fazendero entrô pra dento. O Zé falô pr'o Pedro:

- Nós vamo entrá, sentá e comê. Mas na hora que eu pisá no teu pé, ocê pára de comê, porque cê come demais.

Entraro. Começaro a comê. Mal eles começaro, passô um gato debaxo da mesa e pisô no pé do Pedro. E o Pedro parô de comê, pensano que era o Zé que tinha pisado no pé dele.

Aí né, o dono da casa falô pr'eles:

- Arrumei um quarto pr'ocês dormi.

Quando todo mundo foi dormi, os dois também foro.

Quando foi tarde da noite, o Pedro acordô e falô pr'o Zé:

- Eu tô cum muita fome, eu num jantei e quero comê. Nem consigo dormi de fome.

O Zé respondeu:

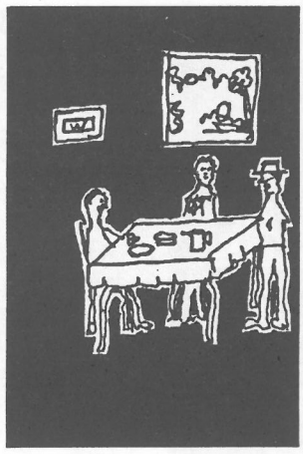
Ocê sai lá pr'os fundo da casa pra vê se acha comida.

O Pedro foi e achô um pote de arroz-doce. Comeu e depois pegô um punha-

do e levô pr'o Zé, na cama. Mas o Pedro errô a porta do quarto do Zé e entrô no quarto das duas fia sortera do fazendero.

E foi direto na cama duma delas. Ela tava dormino descoberta, sem ropa e debruço. Então o Pedro levô a mão cheia de arroz-doce na bunda da moça, que na hora sortô uns vento. Então ele dizia:

- Num precisa soprá Zé, o doce tá frio.



Depois o Pedro saiu do quarto e vortô na cozinha pra pegá mais arroz-doce.

Comeu mais um tanto e depois resorveu enfiá as duas mão pra pegá bastante arroz-doce pra levá pr'o Zé. Mas coitado, as mão ficô entalada no pote.

Nesse meio de tempo, a moça acordô e falô pra irmã.

- Eu chujei na cama. Eu vô lá no quintal pra limpá.

Então o Pedro nessa hora, muito nervoso, entrô no quarto do Zé, co'as mão dentro do pote, dizeno:

- Zé, eu entalei as mão no pote de arroz-doce e agora elas num qué saí.

O Zé respondeu pr'ele:

- Sai lá pr'o quintal e vê se acha um poste o um toco pra quebrá esse pote. E dexa eu dormi. Tô com muito sono.

Pedro saiu, encontrô a moça de coque e limpano. Pensô que ela era um toco e rumô o pote na cabeça dela.

Aí a moça começô a gritá:

- Não, meu pai. Eu fiz chujera na cama e tô aqui limpano. Num me bate não. Foi a primeira vez e num vô fazê isso nunca mais.

Pedro vortô correno pr'o quarto e falô pr'o Zé:

- Eu bati o pote de arroz-doce na cabeça duma moça, pensano que era um toco.

O Zé deu um sarto da cama, muito nervoso, e falô pr'o Pedro:

- À hora que o dia clareá, nós vai tê que saí daqui escondido, porque tá tudo danado.

O dia foi clareano e eles foro saíno. Mas o fazendeiro que num sabia de nada que tinha acontecido, viro eles saíno e chamô eles:

- Ocês primero toma o café. Depois ocês vai. Zé, cum muita vergonha, falô pr'o fazendero:

- Não precisa não. Esse meu irmão é meio bobo e só faz a gente passá vergonha.

Aí o fazendero respondeu:

- Sê bobo num é defeito.

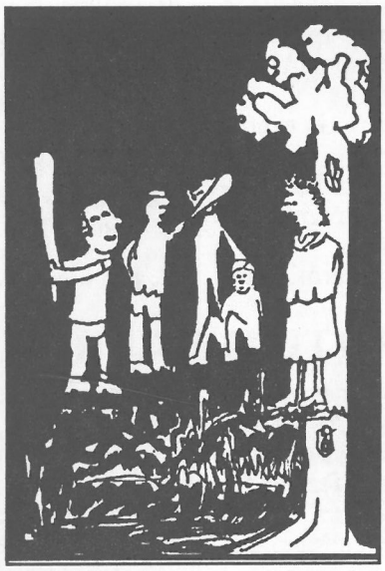
E, sem sabê do acontecido, deu um café reforçado com leite, pão, manteiga e quitanda pr'os dois irmãos.

Acabô a história".

Contado por ***Paulina do Nascimento*** *(Paula), 75 anos (1987), residente na Rua Cláudia Ledesma Miessa, n.º 77 (fundos), Jardim Miessa, Olímpia. (N. 13).*

25 - SINHÁ MARIA E PAI JOÃO

"Era na época da escravidão. Tinha um fazendero muito rico, casado com Sinhá Maria. Esse casal tinha três fio, todos home. A fazenda era muito grande e tinha de tudo.



O casal dono da propiedade era muito bão e tinha pra mais de cinqüenta escravo. Os escravo era bem tratado pela famia.

Tinha muita comida e até muita liberdade com as pessoa da casa-grande. Dormia na senzala, mas a senzala era muito limpa. Além disso, eles podia passeá. Quando tinha festa na fazenda, os escravo festejava junto. Eles não era tratado com diferença.

O mais véio dos escravo era viúvo. Era um preto, já bem idoso, e todo mundo chamava ele de Pai João. Pai João ficô tão amigo dos patrão, que chegava até sê tratado como gente da famia.

Um dia, o patrão morreu. Foi aquela tristeza na casa. Passaro a noite rezano terço, cantano incelência, tanto os branco como os preto. O patrão foi enterrado na capela da fazenda, perto da casa-grande. E isso foi pió pra Sinhá Maria, que era só oiá pra capela, lembrava do marido e não parava de chorá.

Quando fez três mês que o patrão morreu, Pai João começô a tê umas idéia de home esperto. Como ele sabia fazê macumba, arrumô uma pra deixá a viúva com muito medo. Ela gostava muito do marido e sentia muita sodade dele. Então, Pai João aproveitô do sofrimento da coitada.

Quando dava lá pra meia-noite, ele se levantava, ia pra janela do quarto da viúva, subia numa escada, mudava a voz e falava, como arma do otro mundo, chorano.

Sinhá Maria perguntava:

- Quem tá chorano aí?

Pai João respondia:

- É o teu marido que tá aqui. Vim te fazê um pedido e dá uma orde: Ocê tem que casá com Pai João, senão eu não me sarvo.

Sinhá ficô sustada, num conseguiu mais nem pregá os óio aquela madrugada. Só pensava no marido. E tava com dó do marido dela, porque não tinha ainda se sarvado. E pra num ficá mais c'um peso na conscença, ela resorveu atendê o pedido do marido.

No otro dia, chamô os escravo e mandô comprá todas as coisa pr'o casamento. Marcô o casamento pra dali a três dia. Fez os convite. Os fio dela não se conformava, mas não queria desagradá a mãe. Podia ficá pió.

No dia do casamento, Pai João, muito contente, foi tomá banho. A alegria dele era tanta, que ele demorô muito no banhero. Parecia que tava delirano.

Sinhá Maria já tava pronta e Pai João ainda tava no banho.

Então ela mandô um dos criado pra sabê o que tava aconteceno.

Quando o criado chegô na porta do banhero, escuitô Pai João dando aquelas gargaiada: rá, rá, rá, rá! Ele oiô por um buraquinho na porta. Pai João só tava lavano os pé e falano sozinho: Se eu não astuciasse aquela idéia de fingi que era o morto, nunca eu ia casá com Sinhá Maria.

O criado vortô correno pra trás e contô tudo o que oviu para Sinhá Maria. Sinhá Maria ficô muito sentida, porque Pai João tinha aprontado aquela farsidade com ela e contô tudo pr'os três fio dela.

Os fio ficaro doido de raiva. Cada um pegô um pedaço de pau bem forte e transformô a alegria de Pai João numa pancadaria tão forte que ele ficô tudo quebradinho.

Com muita dificurdade Pai João foi escondê no manguerão e lá ele virô comida de porco".

Contado por ***Ezequiel Batista de Carvalho,*** *78 anos (1990), residente na Rua Marechal Deodoro, n.º 566, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 6).*

CONTOS

26 - CHOVERÁ OU NÃO CHOVERÁ?

"Era uma vez dois homens muito sabidos que viviam percorrendo o mundo, com aparelhos, para estudar o tempo para saber quando é que choveria. Um dia aqui, outro acolá, e com isso não tinham parada.

Numa tarde, chegaram à casa de um caipira e, como não podia seguir viagem durante a noite, pediram comida e permissão para pernoitar.

O caipira prontamente os serviu. Depois do jantar, disse:

- Aqui em casa não há alojamento para vocês, mas naquele barracão, que é muito limpo, vou mandar instalar duas camas para vocês descansarem.

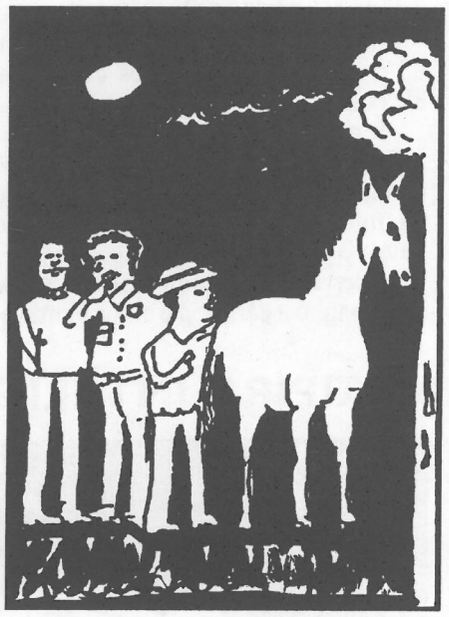
Os dois homens lhe responderam:

- Não há necessidade de camas. Nós trazemos duas redes e vamos dormir à fresca, debaixo dessas árvores.

Aí, o caipira recomendou:

- Eu acho melhor vocês irem para o barracão, porque nesta noite vai chover muito e vocês vão acabar se molhando.

- Que nada, bom amigo. Nós temos por profissão estudar o tempo e podemos garantir que nesta noite não choverá. De jeito nenhum!



- O senhores é que sabem! Podem ficar aqui. Mas se chover, o barracão está à disposição. Boa noite e durmam bem.

Quando foi lá pelas tantas da madrugada, veio um pé-d'água que parecia o fim do mundo. Os dois saíram correndo e se abrigaram no barracão, muito envergonhados. Nosso aparelho mentiu. Amanhã nós temos que consultar esse senhor, porque o aparelho dele é correto e ele nos venceu.

Ao amanhecer o dia, foram tomar o café e o caipira lhes perguntou.

- Passaram bem a noite?

- Sim, descansamos bem. Como o senhor disse que iria chover, nós, na hora da chuva, corremos para o barracão. Agora, amigo, como o senhor sabia que iria chover?

O caipira, apontando com o dedo para o pasto, mostrou-lhe um jumento e disse:

- Este ali é o meu aparelho. Quando vai chover, ele é o indicador da chuva. E nunca falhou.

Os dois estudiosos se olharam e disseram:

- É melhor nós deixarmos nossa profissão, pois um jumento sabe muito mais que nós".

*Contado por **Gumercindo Moreira da Silva** (Nego), 65 anos (1990), residente na Rua Caetano Gotardi, n.º 958, Vila Di Marco, Olímpia. (N. 7).*

27 - OS DOIS COMPADRES PAPUDOS

"Era dois compadre muito amigo. Os dois tinha um papo de cordão, muito comprido. E era esse o motivo de eles se gostá tanto um do otro.

Um morava numa fazenda e o otro morava notra fazenda. Uma era longe da otra umas vinte légua. Mas mesmo assim eles se visitava todo mês. Num mês a visita era de um e no otro mês era do otro. Eles revezava as visita.

Mas o tempo foi passando, eles foro enveiecendo e foi ficando mais difice as visita. Era longe, tinha muitos bicho perigoso e o caminho já não era muito bão.

Passado um ano, um dos compadre já não suportava mais a saudade e resolveu fazê uma visita.

Era um dia de sexta-fera. Armoçô, arreô uma égua machadera, pegô uma rede de dormi, arrumô uma matula de frango com farofa, e seguiu viage.

Viajô bastante e na metade do caminho, para não cansá a égua e pra descansá também, parô debaxo de uma arve, uma figuera muito grande, cheia de foia. Armô a rede, comeu o virado de frango e deitô. Quando foi à meia-noite, ele começô a ovi uma baruiera danada, vinda de cima da figuera.

De repente desceu um bando de capetinha em vorta dele e começaro a batê uma caxa e a cantá:

- É na segunda,
É na terça,
É na quarta,
É na quinta,
É na sexta,
É no sábado!

O compadre viajante achô aquilo muito engraçado e cantô junto co'eles o tempo todo.

Quando foi de madrugada, no clareá do dia, os capetìnha subiro na figuera e foro perguntá pr'o capeta-chefe, um negrão gordo:

- Que devemo fazê co'esse home que se divertiu com nós o tempo todo?

Mais que depressa o capetão respondeu:

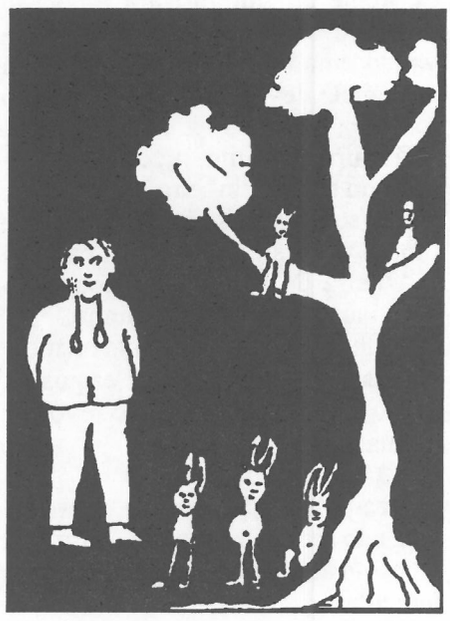
- Arranca este papo dele e pendura no tronco da figuera.

O home ficô muito contente. Ficô sem aquele atrapaio, ficô bonitão. Despediu e seguiu viage. Chegô na casa do compadre.

O compadre, que era também um papudo, papo de cordão, recebeu ele com muita alegria e foi logo perguntando:

- O que você fez, compadre, que acabô com o seu papo?

O compadre contô tudo pra ele, certinho como aconteceu.



Ficô lá arguns dias e depois vortô pra casa.

A mulher do papudo, conversando co'ele, falô:

- Marido, porque você também não tira esse papo? O compadre tirô o dele. Ficô livre daquele cordão e tá muito formoso. Faz o mesmo, como ele te ensinô.

Passado uns dia, também num dia de sexta-fera, o papudo matinô uma visita

pr'o compadre.

Armoçô, arreô a égua, pegô uma rede de dormi, o saquinho de virado de frango e foi.

Andô bastante e foi descansá debaxo daquela mesma figuera.

À meia-noite em ponto, ele começô a ouvi os capetinha. Descero todos bateno na caxa, fizero uma roda em vorta dele e cantaro:

- É na segunda,
É na terça,
É na quarta,
É na quinta,
É na sexta,
É no sábado!

O papudo acompanhava, mas no fim da cantoria, pra agradá os capetinha, ele compretava:

- É no domingo!

E o batuque continuô até no rompê do dia. Raiô o dia e os capetinha subiro na figuera e perguntaro pr'o chefão deles:

- Que vamo fazê com esse home que acompanhô a cantoria e ainda cantava: É no domingo!

Aí o capetão falô:

- Arranca esse papo que tá aí no tronco da figuera e prega nele. Domingo não é dia de nossa festa.

Então o compadre saiu com dois papo de cordão. Pela metideza e pela ignorança ele foi castigado".

*Contado por **Roberto José de Carvalho** (Bel), 36 anos (1980) residente na Rua Sete de Abril, n.º 53, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 15).*

28 - O CAIPIRA INTELIGENTE

"Certa vez um caipira que morava num sítio bem distante, teve que ir um dia à cidade receber muito dinheiro de um dono de armazém pela venda de cereais.

Saiu bem cedo de sua casa, a pé, levando um cajado bem resistente. Ele tinha que atravessar uma grande mata para tomar o ônibus.

Chegou na cidade, foi ao armazém e recebeu aquela dinheirama. Nisto ele foi visto por um ladrão que já tinha recebido informações sobre o caipira, onde morava e qual estrada que seguia.

O ladrão, muito esperto, saiu bem na frente do caipira e foi esperá-lo no meio daquela grande mata, levando uma roupa diferente. Até um capuz ele levava, para esconder o rosto.

O caipira, muito precavido, embrulhou todo o dinheiro num pacote, como se fosse alguma compra, tomou o ônibus e voltou para casa.

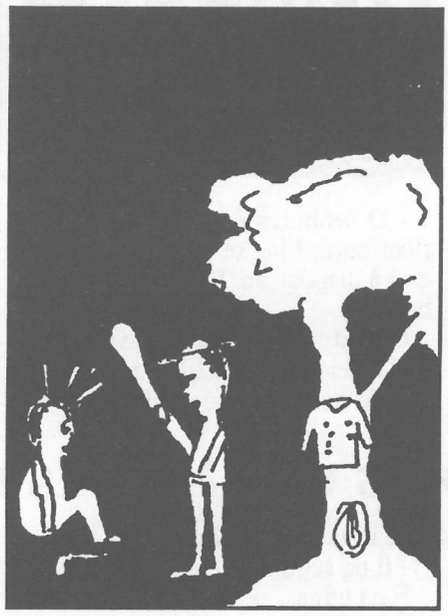
À beira da mata, ele apeou e seguiu para casa. Era à tardinha.

Quando o caipira já estava no meio da mata, aquele homem esquisito, pulou na frente dele, com o revólver na mão, dizendo:

- O dinheiro ou a vida!

O caipira não tinha outra alternativa a não ser dar o dinheiro. Entregou o pacote ao ladrão armado e pôs-se a lamentar:

- Pode ficar com o dinheiro. Só que há uma coisa muito triste para mim. Este dinheiro não é meu. Eu fui ao armazém para recebê-lo, mas é do meu patrão. Se eu chegar na casa dele sem este dinheiro, não vai acreditar que eu fui roubado. Vai dizer que eu mesmo fui o ladrão e não vai ficar bom para mim. Então, em troca, eu vou lhe pedir um favor. Eu tiro o meu paletó, penduro num



galho de árvore e você dá uns tiros, deixa uns buracos e aí eu me defendo diante do patrão.

O ladrão estava muito contente pelo pacote de dinheiro e aceitou a proposta do caipira que parecia um bobo.

O caipira pendurou o paletó num galho e o ladrão disparou o revólver: pam, pam, pam, pam!

O caipira pediu que ele continuasse atirando e ele obedeceu. Foram mais dois tiros: pam, pam!

Atira mais, disse o caipira.

O ladrão disse:

- Não é possível. Não tenho mais bala.

E faca?, perguntou o caipira.

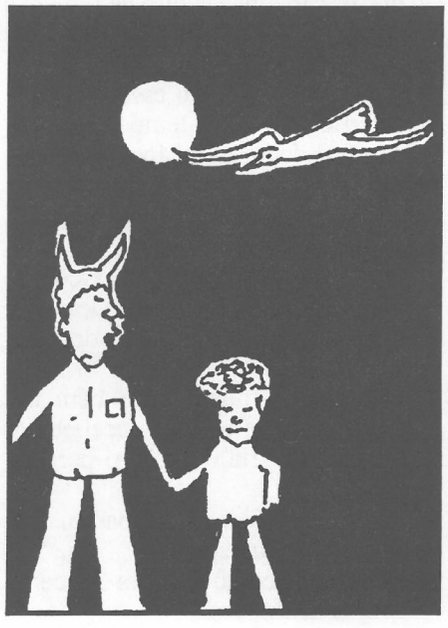
- Também não tenho faca.

Aí o caipira sentiu-se forte e vitorioso. Deu umas cajadadas na fronte do ladrão, deixando-o amontoado no meio da mata.

Apanhou o embrulho de dinheiro e foi bem calmo para casa".

*Contado por **Sidney Carlos Schalch** (Carlinhos), 21 anos (1983), residente na Rua José Piton, n.º 88, Vila Rodrigues, Olímpia, (N. 18).*

29 - CARNE DE URUBU



"Há muito tempo, numa colônia de uma grande fazenda de café, num dia de brincadeira (baile), começô o namoro de um rapaz com uma moça muito bonita. Todos os dois era da cor branca. Um dia eles marcaro o casamento. Convidaro as família deles e os amigo e fizero aquela grande festança. O casamento foi num dia de sábado e como no domingo ninguém trabaia, eles fizero um arrastapé que durô até no raiá do sol.

A noiva dançô o tempo todo com o noivo e com os amigo dela. Isso era comum acontecê nos baile de casamento de fazenda. Foi aí então que ela dançô com um pretinho que tinha sido namorado dela. Muito contente, ela disse pr'o pretinho.

- Eu quero tê um fio seu, mas ninguém pode ficá sabendo.

Ficô tudo combinado e deu certo.

Quando o fio tava pra nascê, a muié tava com receio do marido, porque ela tinha certeza que ia nascê um menino escurinho. Então ela ficô toda atrapaiada e com muito medo. Vendo que sozinha ela não podia arresorvê a situação, foi na casa da mãe e contô toda a verdade pra ela.

A mãe, muié muita esperta, disse:

- Você fez um papel feio, minha fia, mas agora não tem mais jeito. Só tem uma escapatória. Você chega em casa e fala pr'o teu marido que você tá com desejo de comê carne de urubu.

O marido, meio conformado, acreditô na história do desejo, porque ele já tinha ovido falá nisso. Até lembrô que a madrinha dele tinha o desenho de uma maçã num dos braço, porque a mãe dela teve desejo de comê essa fruta, mas não comeu.

A mãe dele ainda não conhecia o menino, então ele fez uma visita pra ela e contô que o netinho dela nasceu co'a pele quase preta, porque a muié sentiu desejo de comê carne de urubu, mas que ele não tinha conseguido arranjá pra ela.

Então, a mãe dele expricô:

- É verdade sim, meu fio. Quando uma muié grávida sente um desejo e não é atendida, o fio nasce com a marca do desejo que a mãe teve.

O home ficô aliviado. Mas a mãe dele continuô falando:

- Sabe, meu fio, isso aconteceu comigo também. Quando eu tava te esperando, eu senti um desejo muito grande de comê chifre de boi. Falei pr'o teu pai, mas ele achô que eu tava ficando loca. Nem ligô. E sabe o que aconteceu ? Nasceu um menino sadio, muito bonito e chifrudo".

*Contado por **Jair Nascimento** (Gessi), 60 anos (1992), residente na Rua Lourenço Cavariâni, n.º 115, Conjunto Habitacional "Hélio Casarini", Olímpia. (N. 8).*

30 - A MORTE

"Era uma vez um casal de velhinhos, sem nenhum filho, e que vivia com muitas dificuldades.

O velho, já muito doente, nem se levantava mais da cama.

A vida da velha, também cansada, era só blasfemar, desejando a morte.

Mal dava conta dos serviços caseiros, e cuidava do esposo no leito, sempre resmungando: Ó morte, por que não vem me buscar?

Num dia, à noite, dois compadres do casal foram fazer uma visita aos velhos, e a velha, queixosa da vida, dizia: Já não agüento mais. O certo mesmo é morrer. Além de nossa pobreza, ainda com este velho, de cama, só aumenta o meu desgosto e o meu trabalho. Canso de chamar a morte, mas ela não me dá um pingo de atenção.

Um dos compadres interferiu: Comadre, não presta chamar a morte. Todos nós já temos o dia certo para morrer.

- Mas o que eu quero é morrer mesmo. Hoje, se for possível.

O outro compadre, por sua vez, a interrogou: A senhora sabe como é a morte?

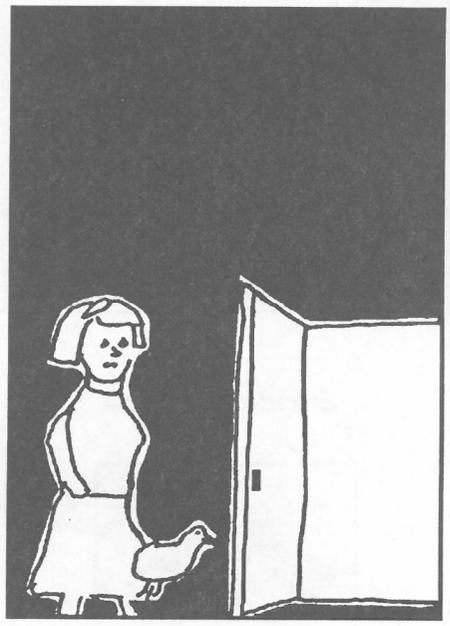
- Eu não sei, mas não me importa. Eu só sei que eu quero morrer. Estou cansada.

Ele, então, explicou-lhe: A morte é igualzinha a uma galinha depenada. Quando está chegando a hora da nossa partida, ela se aproxima, vagarosamente, em nossa direção e aí nós vamos mesmo.

- Que seja galinha ou outro bicho qualquer. O importante é que não se demore pra chegar.

Depois do diálogo, os compadres se despediram e foram-se embora.

E lá fora combinaram o seguinte: A comadre cria algumas galinhas e elas vivem quase que dentro de casa, de tão mansas que são.



Esperaram que ela fosse dormir, foram ao poleiro e apanharam uma de suas galinhas. Levando-a para casa, arrancaram todas as penas e esperaram o dia amanhecer.

Sabiam que a velha levantava cedo e que a primeira coisa que fazia era dar de comer a essas criações.

Então, bem de manhã, antes que ela tivesse levantado, levaram a galinha e a soltaram no meio das outras. E ficaram escondidos, por perto, para ver a reação.

Quando a velha se levantou e foi atirar milho aos galináceos, percebeu que entre eles havia uma galinha todinha sem penas e que também se caminhava, com outras, em direção a ela.

A velha trêmula, sem cor e quase sem fala, com muita dificuldades, apontava para dentro de casa, em direção ao quarto, onde o marido estava enfermo, dizendo: É ele".

*Contado por **Renato Vanzela**, 22 anos (1980), residente na Avenida Deputado Valdemar Lopes Ferraz, n.º 973, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. (N. 14).*

CONCLUSÃO

Este trabalho tem o objetivo único de registrar os contos, sem nenhuma exegese a respeito de cada um, a qual será brevemente cuidada. Reuniremos estes a outros contos, para publicação, num só volume, como nos aconselharam A. Napoleão Figueiredo, Ático Vilas-Boas da Mota, Laura Della Mônica, M. Souto Maior e Veríssimo de Melo e, assim, num futuro, não muito remoto, alcançaremos essa almejada meta.

O assunto é de suprema importância para a Foclorística. Faremos uma análise classificatória, histórica, comparativa e mais, pois tudo isto está no plano das nossas preocupações, de maneira totalmente natural.

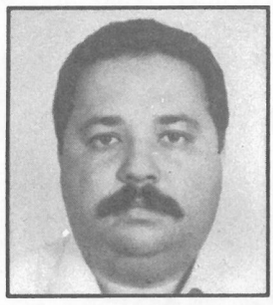
Os textos desta coletânea, coerentes com a finalidade do trabalho, mantiveram o nível de linguagem dos narradores tal como foram contados, todavia podem ser entendidos por todos os leitores. Finalizando, cabe-nos dizer aos narradores palavras cordiais de acolhimento e expressar a simpatia e o agrado que a todos dominam, pois é volumoso o número dos contos por eles narrados, para o enriquecimento da cultura folclórica em Olímpia.

CONTOS
NARRADORES DOS CONTOS

1
Antônia do Carmo Batista de Carvalho

Conto:
Pedro e João (22)

2
Antônio Clemêncio da Silva

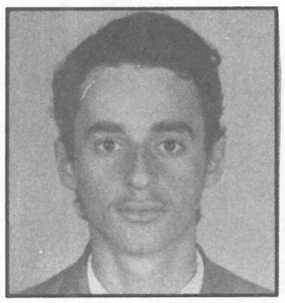


Contos:
O advogado misterioso (23)
e O jogador logrado (19)

3
Basília Jerônima Correia

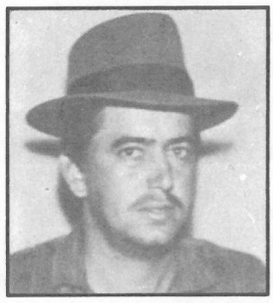
Conto:
O bobo que se fez rei (21)

4
Célio José Franzin



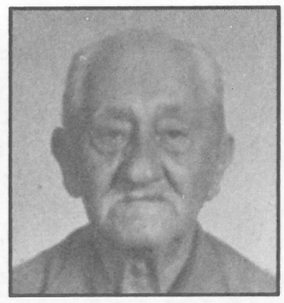
Contos:
O bezerro de cincerro de ouro (5)
e O velho esperto (17)

5
Eurides Santana



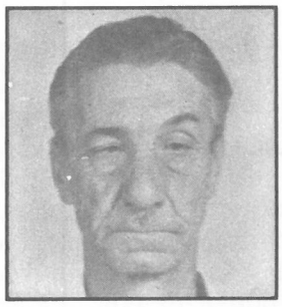
Conto:
Por que a aranha é abençoada (7)

6
Ezequiel Batista de Carvalho



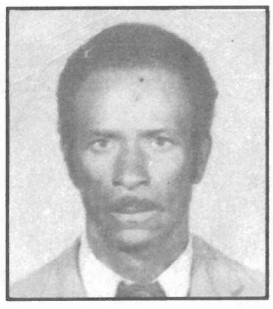
Contos:
Domador prevenido (18)
O dinheiro achado (20)
e Sinhá Maria e Pai João (25)

7
Gumercindo Moreira da Silva



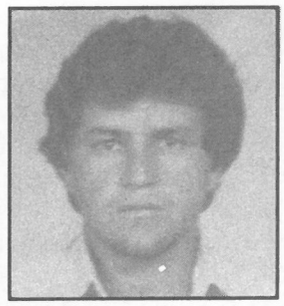
Contos:
Choverá ou não choverá? (26) e
Maldição à codorna e à mula (6)

8
Jair Nascimento



Conto:
Carne de Urubu (29)

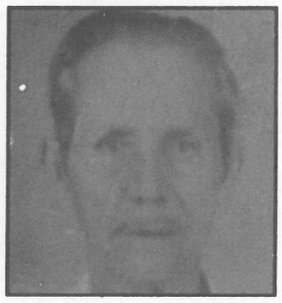
9
Jesus Carlos Batista



Conto:
O morto vivo (13)

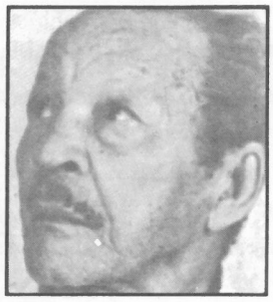
CONTOS

10
Jesus Francisco de Miranda



Contos:
O padre e o sacristão (12)
e O padre, o sacristão
e o negro (15)

11
José Joaquim dos Santos



Conto:
O conde Salomão (10)

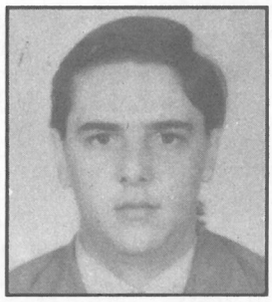
12
Maria Dias da Silva

Contos:
João Bobo queria casar (11)
e O fim de Seu Trancelino (14)

13
Paulina do Nascimento

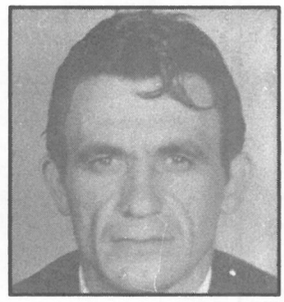
Conto:
O pote de arroz-doce (24)

14
Renato Vanzela



Contos:
A morte (30)
e O cabrito do santo (1)

15
Roberto José de Carvalho

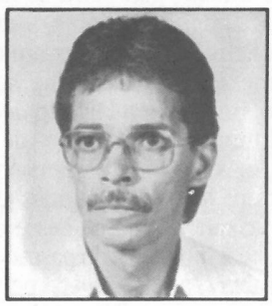


Conto:
Os dois compadres papudos (27)

16
Rosa Pereira dos Santos

Contos:
O casamento da cutia (4)
O gato e o toucinho (3)
Os três cachorros (8)
e Que herança? (9)

17
Sebastião Rodrigues



Conto:
Cada sapato tem seu pé (16)

18
Sidney Carlos Schalch

Contos:
O caipira inteligente (28)
e O lagarto e a cobra (2)

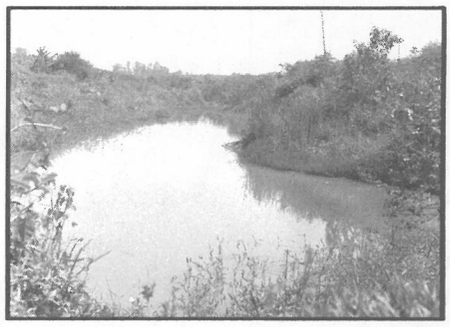
O FOLCLORE DOS OLHOS...

Olhos, Fontes de Luz

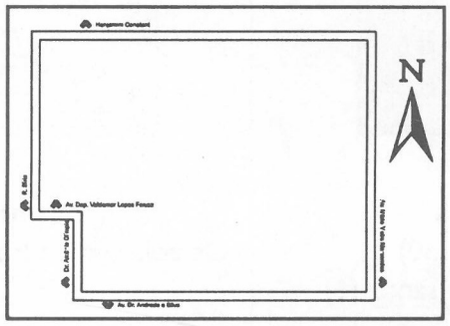
ISEH BUENO DE CAMARGO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

SÃO JOÃO BATISTA DOS OLHOS D'ÁGUA

Meados do século passado... Grande parte do país ainda indevassado. Matas cobriam o solo fértil onde animais e silvícolas possuíam o seu habitat. A sede de terras incultas já fazia com que paulistas e mineiros se aventurassem, destemidos, pelos sertões brasileiros. E, no Estado de São Paulo, com bonitas e progressistas cidades, muito chão a ser desbravado. Ribeirão Preto, Jaboticabal eram o marco final das terras conhecidas pelos mineiros, criadores de gado à procura de pastagens amplas e sem cercas.



Córrego Olhos d'Água



Patrimônio de São João Batista

Antônio Joaquim dos Santos, natural de Milho Verde, Caldas, no sul de Minas Gerais, conheceu o sertão paulista, gostou, escolheu glebas do seu agrado e as registrou devidamente. Pelo número imenso de nascentes que observou haver na parte que escolheu, deu às suas terras o nome de **Sertão dos Olhos d'Água**. Em 1859, Antônio Joaquim, com a mulher Maria Inês de Jesus e os filhos João, José, Miguel e Joaquim, mais sessenta escravos, ocupava efetivamente suas terras. Não muito longe de duas lagoas, uma a cada margem do **Córrego Olhos d'Água**, foi construída a residência da família, marco inicial do que viria a ser, anos depois, um patrimônio próspero e produtivo.

Olhos d'Água... Um riacho que, incógnito, deve ter corrido por algumas centenas de anos, humilde filete de água límpida que fazia, que faz parte da rede hídrica da cidade e abastece parte da população. **Olhos d'Água**, um piscoso rio que hoje, poluído, maltratado e domado atravessa grande parte da cidade de Olímpia.

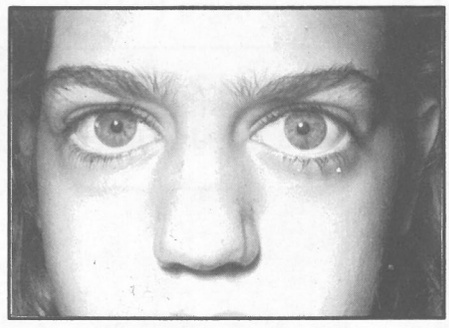
Foi a 2 de março de 1903 que, após lutas políticas, fundou-se o Patrimônio de **São João Batista dos Olhos d'Água.**

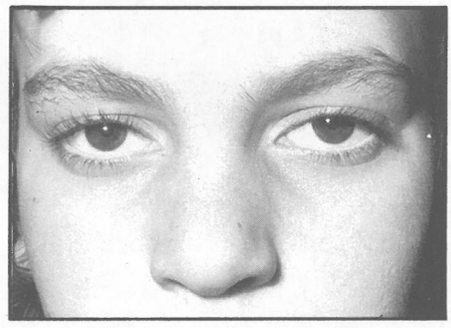
Cem alqueires de terra foram doados para a constituição do Patrimônio que teve a sorte de ter o marulhante riacho como marco divisório dos dois lados da cidade. À margem direita, o progresso trazido pelo trem de ferro; à margem esquerda, o progresso trazido pelos imigrantes de variadas origens.

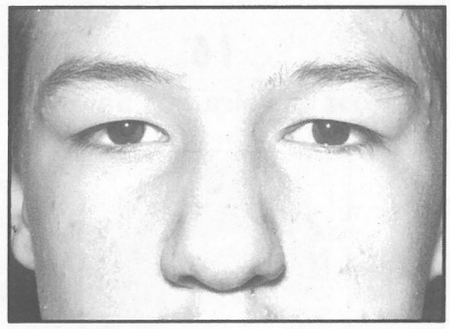
Em 1905, com o término da capela de taipa e pau-a-pique em homenagem a São João Batista, padroeiro do nascente povoado, alguns moradores, a exemplo do engenheiro Reid, chamavam de Vila ao aglomerado de casas que surgiam. Em 1906, foi criado o Distrito de Paz de Vila Olímpia, no governo de Jorge Tibiriçá, mas os Olhos d'Água aqui permaneceram, quer nas páginas da nossa história, quer no nome desse córrego que alegrou a molecada do passado e que, pouco embora, ainda fornece peixes nas lagoas aonde nasce; **Olhos d'Água** são chamados outros córregos do Município bem como alguns sítios e fazendas.

Portanto, os olhos nos acompanham desde os primórdios da nossa história, olhos cheios de saudade e mágua, olhos rasos d'água. **São João Batista dos Olhos d'Água** - hoje Olímpia, a Capital do Folclore.

A VELHA LINGUAGEM DOS OLHOS







Muito antes da invenção da escrita, muito antes do aparecimento do fogo como meio ideal para o progresso dos seres humanos, estes com certeza valiam-se desses maravilhosos órgãos, a fim de "conversarem". A linguagem dos olhos - eu não estive lá, mas garanto, antecedeu, de muito, a troca de idéias através da linguagem falada. Os olhos comunicaram-se antes que a boca, antes

O FOLCLORE DOS OLHOS...

que a garganta, laringe e traquéia dessem o seu grito de guerra: "comuniquemo-nos !". Os olhos falam sempre. Comunicam-se. Exprimem idéias, contam fatos, indagam, confidenciam, agridem, lutam, fogem, enfrentam, "saem pela tangente "... Um olhar... um mundo que se estende diante de nós, reclamando ser explorado, pesquisado, entendido, atendido. Que fascinante linguagem a dos olhos !

"Flerte", eis o nome que dávamos aos primeiros olhares trocados entre um jovem, um homem, um moço e uma donzela, uma menina, uma rapariga, uma "balzaqueana". Início de namoro, porta do noivado, alcovas de cetim, flores de laranjeira, emoções ! E muitos olhares a acompanhar os dias descuidados de alguém que quase atravessou o século XX! Olhares de reprovação dos mais velhos ante as "artes" dos principiantes. Inquisitivos de um professor da velha guarda. Rancoroso de uma predadora fracassada. Altivos de alguém de alta estirpe. Duvidosos de um cético nato. Ferinos de inimigos disfarçados. Trocistas de eternos zombadores da desgraça alheia. Melancólicos. Gélidos. Dóceis. Medrosos. Tímidos. Invejosos. Desconfiados. Desafiadores. Falsos. Bondosos. Angelicais. Tolos. Faiscantes. Dúbios. Penetrantes. Prometedores. Olhares mil!...

Arte de olhar, forma mágica de comunicarmos sensações, emoções e sentimentos. O olho aumenta conforme a transmissão de mensagens? Diminui? Altera-se? Não, nada disso, só as pupilas se modificam, a pele em torno dos olhos, uns poucos músculos e as sobrancelhas, nada mais. No entanto, que diferentes mensagens os olhos transmitem !

O tempo que levamos olhando nos olhos de outro alguém é o elemento que marca a diferença da mensagem a ser passada. Cada situação determina, de certa forma, a quantidade de tempo necessária para que a mensagem cumpra o seu papel. Muitas vezes um olhar demorado, fixo, pode ser interpretado como hostilidade, outras, como franqueza, como inquisitivo, como olhar atencioso, dependendo da cultura em que o indivíduo está inserido. Há variáveis sem conta sobre essa duração. Yasmim, garota de cinco ou seis meses de idade, moradora do Conjunto Parolim, bairro de Olímpia, já arqueia a sobrancelha e pergunta com os olhos: "quem é você?" Analisa, observa e decide se grita, ri de alegria, chora ou desvia o olhar. A duração e a intensidade do olhar dependem, de certa forma, da cultura da pessoa, do clã, do grupo social. Por exemplo: um olhar direto, entre nós, pode ser considerado um sinal de franqueza e veracidade. Entre alguns outros povos, orientais em sua maioria, baixar os olhos quando se fala é sinal de respeito, de boa educação. Por outro lado, pessoas felizes parecem apreciar olhares mais demorados, ao passo que pessoas carentes, sofridas, olham rápido, desviam os olhos.

Um estudioso de olhares, assim se expressou: "Um olhar pode ameaçar como uma arma carregada. Pode insultar tanto quanto assobios ou vaias. Ou então, pode ser alterado por raios de bondade, trazendo alegrias e felicidade." Tem havido, no decorrer dos séculos, muitas mudanças que alteram os conceitos dos olhares. Jovens de até 18 anos jamais fixariam um rapaz de pouca convivência, de forma direta e prolongada, isso até pelos idos dos anos 50 a 60. Olhos baixos, miradas rápidas disfarçadas, eram sinal de finura e recato. Um olhar severo do "pater-família" até essa época, mais ou menos, botava a tropa de filhos nos devidos lugares, sem uma única palavra, sem surras, sem punições. O olhar desolado da mãe era o bastante para trazer caminho certo a mais ousada menina de ontem. O olhar penetrante de um sacerdote era o quanto bastava para o pecador confessar os seus recônditos pecados. Um piscar de olhos era uma completa declaração de amor. Um arquear de sobrancelhas deixava o mentiroso tão pouco à vontade que a verdade surgia quase sempre. Que duro era observar o desdenhoso olhar da pessoa "bem-de-vida", ante uma gafe de pobres mortais !

E nós conseguimos, quase que de maneira similar, identificar em gravuras ou fotos, expressões dos olhos de quem está feliz, sofrendo, de quem está prestes a rir, expressões de medo, de ódio, de dor, de dúvida, de ceticismo. Pesquisa mostrou essa tendência, exibindo 30 fotos a iletrados da Nova Guiné e Bornéus e a estudantes norte-americanos, brasileiros e japoneses. As coincidências foram impressionantes. Os olhos revelam, quase sempre, o que nós trazemos no coração, no pensamento. Eles são o "espelho da alma" e, modernamente, são os veículos seguros que levam a curas quase impossíveis. Educar o olhar, um segredo que professores de educação física, que dirigentes de ioga e de exercícios orientais vêm tentando, no intuito de curar males físicos e mentais. Piscar os olhos constantemente, olhar a natureza, piscar, observar o céu, piscar, piscar sempre. Repouso após caminhada dirigida. Esfregar as mãos uma na outra, atraindo bons fluídos, sob a forma de concha cobrir um olho, aquecendo como se num ninho, esfregá-las de novo, cobrir o outro. "Vista curta", olhos cansados passam a dispensar óculos. Bem, por ora, apenas o entusiasmo de uns poucos "curados". E o olhar educado passa a ser a grande meta da medicina atual e, é claro, um sustinho de bom tamanho para oftalmologistas, oculistas e outros que tais. De qualquer modo, usemos adequadamente os olhos, olhemos ao nosso redor com "olhos de lince", vendo de fato, auferindo o máximo daquilo que educada visão nos possa proporcionar. Que esse meio álacre de comunicação, linguagem

dos olhos, nos abra as portas do paraíso, permitindo-nos vida mais plena, mais bem vivida.

OLHOS NA BÍBLIA

Se houvesse tempo bastante encontraríamos, na Bíblia, um número infinito de **olhos**, a palavra usada no sentido de órgão da visão, ou então, o vocábulo **vista, visão** e verbos relativos aos olhos: ver, enxergar, perceber. Não há tanto tempo assim, nem folclóricas são as citações bíblicas e, por isso, ficaremos com o pouco que o Sant'anna, emérito leitor da Bíblia conseguiu e algumas que encontrei algures.

Segundo o mestre, a Bíblia se refere aos olhos como visão corporal: "Os **olhos** são uma dádiva de Deus". (Provérbios 20,12). E espelho da alma (Eclesiástico 14, 8-9).

"Pelos **olhos** pode entrar a morte na alma, por isto deve o homem exercer vigilância sobre seus olhos". (Provérbios 4,25 e 23, 26; Eclesiástico 9, 5-9).

"O pecado de Davi constitui excelente exemplo para mostrar as conseqüências da negligência na guarda dos **olhos**. (II Samuel 11).

Como visão espiritual (Eclesiástico 17-7), Cristo usou o termo para significar a razão iluminada pela luz da fé. (Zacarias - 11, 34-36).

"(Os olhos), cuja falta constitui a cegueira espiritual. (Romanos 11,25).

A visão de Deus é representada, em geral, por um olho. Serve para simbolizar a onisciência de Deus (II Crônicas 16,9; Provérbios 15,3) e o constante cuidado de Deus e sua misericórdia para conosco (III Reis 8,29; Isaías 37,17).

"Somente com os teus **olhos** contemplarás e verás a recompensa dos ímpios". (Salmo 91,8).

"Meus **olhos** viram com desprezo os inimigos, ..." (Salmo 92,12).

"Aos **olhos** das nações revelou a sua justiça". (Salmo 98, 2).

"O **olho** é a lâmpada do corpo. Se teu olho é são, todo o corpo será bem iluminado; se, porém, em mau estado, o teu corpo estará em trevas". (Lucas 11, 34-35).

"São os **olhos** a lâmpada do corpo. Se os olhos forem bons todo o teu corpo será luminoso". (Mateus 6,22).

..." estão cheios de **olhos**, ao redor e por dentro"... (Apocalipse 4,8).

O FOLCLORE DOS OLHOS...

..." bem como sete **olhos** que são os sete espíritos de Deus enviados por toda a terra..." (Apocalipse 5,6).

"E Deus enxugará todas as lágrimas de seus **olhos**..." (Apocalipse 21,4).

"Ditosos os **olhos** que vêem o que vós vedes! Declaro-vos que muitos profetas e reis desejaram ver o que vós vedes e não viram ..." (Lucas 10, 23-24).

"Aquele que não nascer de novo não pode ver o Reino de Deus" (João 3,3).

"**Olhai** para as coisas, segundo as aparências ?" (II Coríntios 10,7).

..."Pois quem não ama o seu irmão, ao qual **viu**, como pode amar a Deus, a quem não viu ?" (I João 4,20).

"Uma coisa eu sei: eu era cego e agora **vejo**". (João 9,25)

"Por que reparas a aresta no **olho** de teu irmão e não vês a trave no teu olho? " (Mateus 7,3)

"Mas aquele que aborrece a seu irmão está em trevas e anda em trevas e não sabe para onde deva ir, porque as trevas lhe cegaram os **olhos** ". (I João 2,11).

"Não atentando nós nas coisas que se **vêem**, mas nas que não se vêem, porque as que se vêem são temporais e as que se não vêem são eternas". (Coríntios 4,18)

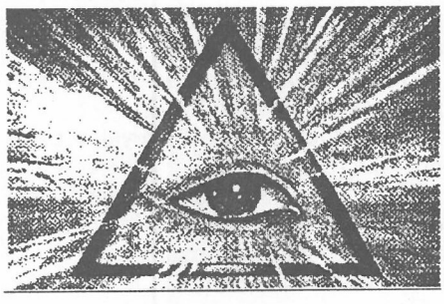
Aprecio bastante o aproveitamento que o Chico Xavier, sob a pena de Emanuel, em "Fonte Viva", nos legou:

1 - Quem **fita** o céu de relance, sem contemplá-lo, não enxerga as estrelas". (II Timóteo 2,7 - O Senhor te dará inteligência em todas as coisas).

2 - "Não somente claridade para os **olhos** mortais, mas também luz divina para o entendimento imperecível." (Mateus 4,4 - Nem só de pão vive o homem).

3 - "O homem **enxerga** sempre através da visão interior". (Tito 1,15 - Mas nada é puro para os infiéis).

É, para fiéis leitores da Bíblia, uma mostra bem pouco representativa. Sabemos que os olhos estão lá, muito abertos, visão perfeita e os bons leitores vão encontrá-los. E **verão** a luz !...



OLHO QUE TUDO VÊ

Um grande e límpido olho, dentro de um triângulo foi um antiqüíssimo símbolo usado por místicos de várias seitas, encontrado em escavações, em objetos de arte. Não se sabe ao certo quem o idealizou para significar o olho do Grande Arquiteto do Universo, Deus, Gold, bem mais tarde, transformado o "G" em letra sagrada da maçonaria.

É claro, há incontáveis anos é firme a crença de que Deus tudo vê, que possui olhos que nada deixam passar despercebido, porém, como símbolo místico-religioso, vem de longe. Chegam a dar-lhe setenta mil anos de existência, como não sei. Os essênios foram povos que primeiro usaram o símbolo, dizem. Alexandre, o Grande, foi seu criador, idéia de outros. Quem sabe ao certo?

O desenho original, ainda hoje utilizado em jóias, em peças do vestuário, em painéis, iluminuras, foi sendo modificado através dos anos, disfarçando-se o olho em círculo com ponto central, "Deus em si mesmo" diz a crendice, substituído por uma espécie de vírgula estilizada posteriormente. Assim, na Maçonaria, o ponto e o círculo implicam em relacionamento, vínculo, manifestação, com uma letra de origem ideográfica, representativa do arcaico "sol-en", representativo de "Lod"(G-Lod) - Deus, o Foco Central, a Mente Divina. E, na Inglaterra, G-Lod passou a God que significa Deus, o olho implícito em toda representação da divina presença. O olho que tudo vê!...

OLHO-DE-BOI

Em igrejas suntuosas, salões ricos de palácios ou de exposições de obras de arte vemos, quase sempre, uma grande abertura, circular ou oval que tem por finalidade permitir que mais claridade entre no recinto. Recebe o nome de clarabóia ou olho-de-boi.

Olho-de-boi é, também, o nome do 1.º selo postal emitido no Brasil, em 1843, selo cujo desenho assemelha-se a um olho. É peça rara de colecionadores. As brigas que se fazem para possuir tal selo podem ser consideradas até folclóricas. Crendices há em torno do selo, pois ele traz riquezas a quem souber guardá-lo a sete chaves por sete anos, sem exibi-lo. Superstição: sonhar com o olho-do-boi e ver uma milhar ao lado, sorte com os bilhetes lotéricos.

HISTÓRICO DO NOSSO OLHO-DE-BOI

O 1.º selo emitido e utilizado oficialmente em correspondência foi na Inglaterra, idéia de Sir Rowland Hill - 6 de maio de 1840. Viria, em seguida, março de 1843 o selo de um cantão da Suíça, Zurich. Isso não tem validade, pois o selo era estadual, não nacional. Assim, o nosso **olho-de-boi**, criado oficialmente em 29 de novembro de 1842, circulando só em agosto de 1843, é o segundo selo oficial do mundo. O decreto foi do imperador brasileiro D. Pedro II que determinou a impressão de 8 milhões de selos, não conseguindo tanto, o que não impediu que, dos cerca de 3 milhões supostos para uso, 470 mil tenham sido incinerados em 1846.

Por que o nome "**olho-de-boi**"?

Segundo decreto do Imperador, o selo deveria ser impresso em papel branco, não muito ordinário, sem efígies de monarcas ou pessoas que exigissem, mais tarde, serem inutilizados. E a impressão foi grosseira, o desenho com os valores 30, 60 e 90 réis bastante tosco, lembrando grande olho, foi logo sendo apelidado "**olho-de-boi**". O nome pegou, ficou.

Há graves defeitos nos "olhos-de-boi" brasileiros, as impressoras improvisadas deixaram falhas no acabamento, no tamanho irregular, o próprio desenho ora tem retas no quadro, ora linhas curvas, distâncias desiguais. Isso prova que tais selos impressos no Brasil levam bem o jeito brasileiro de fazer o duradouro ser provisório.

As fotos ilustram o que contamos do famoso e disputado "**olho-de-boi**".

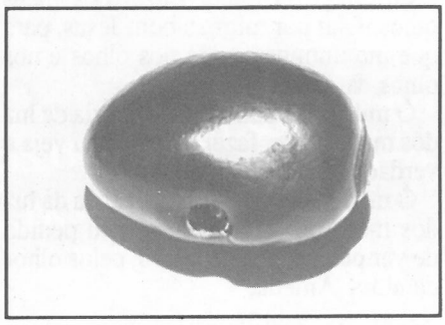
Há, em Santa Catarina, um tipo de mármore bem manchado que recebe o nome de **Olho-de-boi**. Dá azar se um pedaço de 5 a 10 quilos cair na cabeça ou dedão de alguém. Mas é bonito.

Até um peixe, da família dos carângidas, tem o nome de **olho-de-boi**. Não fui apresentada a ele, mas acho que tem olho grande. Ou olho vermelho-preto. Ou tem manchas. Vou saber dele quando for ao Sul.

É de outro **olho-de-boi** que quero fa-

O FOLCLORE DOS OLHOS...

lar. Tanto preâmbulo filatélico, mármoreo e aquático para chegar àquelas sementes duras, vermelhas, de um vermelho amarelado e com um olho preto grandalhão do lado, ocupando quase que metade da bolota em questão, o conhecido olho-de-boi do artesanato brasileiro, da umbanda, da macumba, das bolsas femininas, das caixinhas secretas de muito executivo diligente. O olho-de-boi vem de uma planta, um arbusto trepador, do grupo das leguminosas e seu nome vulgar é mucumã-do-mato. Uma autêntica bolinha de fazer milagres, tem muita serventia. Precisa ser ganha ou roubada a semente para fazer efeito. Comprar não vale. Trazê-la na bolsa é certeza de muito dinheiro por toda a vida. Se ficar em um copo d'água, no sereno, na noite de 13 de dezembro, essa água curará dor d'olhos ou evitará doenças.

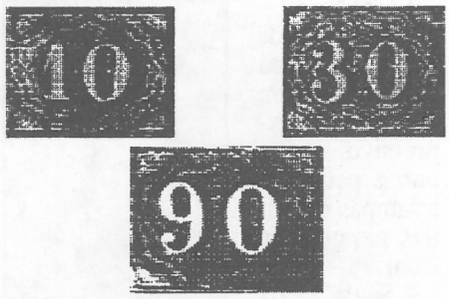


Semente de olho-de-boi

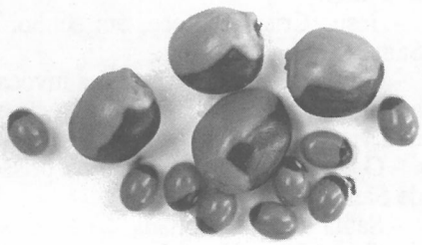
Não é qualquer pessoa que pode viver à sombra de uma mucumã-do-mato ou sua congênere, pois só especialistas em afastar o mau-olhado e as pragas dos malvados, sobreviverão nesse local. Disseram-me, há anos que ali defronte à Cutrale, perto da cidade industrial, um cabra valente que teimou, fez seu rancho, trouxe a família e tratou de plantar sua roça. Luta inglória. Doenças estranhas. Fraqueza total. Nada ia para frente. De repente, coroando as tragédias, cobras de toda a raça e tamanho surgiram para amargurar os posseiros. Benzedor de fama foi chamado, falou sobre o pé de **olho-de-boi,** fez as rezas necessárias e, num instante, dúzias de cobras surgiram, amontoaram-se raivosas.

Rezando, lutando contra elas, todas silvando, assoviando, lambendo os beiços, o benzedor mandou-as para longe, prometendo afastar o caboclo e a família dali. Foi o que aconteceu. O cabra foi embora, fez outro rancho e prosperou. As cobras sumiram, o pé de olho-de-boi deve estar lá, ainda, se o progresso não o levou. Tenho algumas sementes que, juraram-me, vieram de lá. Não dou, só mostro. Dinheiro não falta na bolsa, trocados que sejam. Verifiquem se puderem, se quiserem.

OLHO-DE-CABRA



Selos olho-de-cabra



Sementes de olho-de-cabra

Também um selo postal brasileiro, lançado em 1845, possui estampa que parece com um grande olho. Interessante para colecionadores, vem de uma planta parecida com a do olho-de-boi, da família das Leguminosas, subfamília Papilionácea. Muita gente o confunde com o olho-de-boi, embora esta semente seja muito menor e, de certo modo, mais delicada; de cor vermelha com uma mancha preta, encontrando-se em dois tamanhos. Sementes usadas em adornos, como colares, brincos e enfeites do lar, cintos. No candomblé e na macumba entram na confecção de colares votivos e instrumentos de percussão.

OUTROS OLHOS

Além do olho-de-boi, do olho-de-cabra, de olho-de-gato também selo postal, um sem-número de olhos podem ser encontrados. Já que estamos falando em olhos no sentido mais amplo da palavra, olhos que o povo usa e que deles abusa sem se importar muito com o nome científico, vamos deixar alguns registrados, apenas como curiosidade: olho-de-cão (peixe miúdo); olho-de-céu (peixe do litoral maranhense); olho-de-fogo (pessoa albina); olho-de-gato (vegetal e quartzo usado em sinalização); olho-de-mosquito (diamante pequenino); olho-de-peixe (calcedônia branca; calo; vegetal rasteiro); olho-de-perdiz (calo); olho-de-pombo (planta); olho-de-santa-luzia (vegetal); olho-de-sapiranga (inflamação da vista); olho-de-sapo (olho saltado); olho-de-tigre (quartzo); olho-de-vidro (peixe); olho-roxo (mandioca de raiz longa); olho-de-boneca (vegetal do Rio Grande do Sul); olho-cozido (doença da córnea)...Quantos olhos na terra de Nosso Senhor. Muito olho para ser estudado. Vamos lá?

ENIGMÁTICA LUZIA, SANTA LUZIA

Quem foi essa pessoa a quem o povo cultua há séculos atribuindo-lhe poderes miraculosos de cura dos olhos doentes, cura total da cegueira, cura de todas as doenças relativas à visão? Quem foi Santa Luzia, Luzia se preferirem, aquela cuja imagem aparece, quase sempre carregando um par de olhos nas mãos, ou em taças, copos, jarras, pratos? Uma simples lenda? Quem foi afinal, essa bela jovem que tem sua imagem reverenciada na igreja católica no dia 13 de dezembro? Eis o que sobre Luzia encontramos:

Luzia, jovem de grande beleza, excelentes dotes morais e grande formação religiosa, viveu na costa oriental da Sicília, em Siracusa, nos primeiros tempos da era cristã. Órfã de pai desde tenra idade, filha da nobreza romana cristianizada, fugia da vida social e dos casamentos que sua mãe, Eutíquia (Eutique), doente, queria impor-lhe.

Depois de muito sofrimento, Luzia levou a mãe ao santuário de Santa Ágata (Águeda) e, ali, o milagre aconteceu, a ilustre senhora ficou curada. Agradecida, cumpriu o prometido à filha e entregou-lhe o dote que lhe cabia por herança paterna. Luzia distribuiu-o aos pobres e aos necessitados, aumentando o ódio de Múcio, nobre que lhe havia sido prometido desde a infância e com quem a jovem recusava casar-se. Múcio foi ao tribunal, a fim de exigir que se cumprisse

O FOLCLORE DOS OLHOS...

a palavra dos pais. Luzia não aceitou o noivo por ser pagão, nem quis reverenciar os deuses de Roma. Foi considerada feiticeira. O castigo era a fogueira. Misteriosamente Luzia não conseguiu ser arrastada do local. O fogo foi feito ao seu redor, dentro do imenso salão. Fogaréu intenso, saiu ilesa. Só a espada de um soldado pôs fim à vida de Luzia. Isto aconteceu no ano 303 da era cristã. Seu corpo foi transladado para Constantinopla e, muitos anos depois retornou à Itália, em Veneza. Eis, segundo livreto da Editora Prelúdio, SP 1960, a vida de Santa Luzia onde, absolutamente nada leva a entender porque o povo a consagrou padroeira dos olhos, protetora da visão. Porém curas têm sido feitas por seu intermédio.

Estudiosos concluíram que, sendo recordada com preces no dia 13 de dezembro, também dedicado a **Santa Otília** (Odília ou Odila) de Estrasburgo, Alsácia, fundadora de inúmeros conventos pela Europa, cega de nascença, milagrosamente curada à hora do batismo (aos 13 anos), a coincidência das datas seja o que levou alguns católicos a reverenciar, indiscriminadamente as duas jovens, ambas de grande beleza e coragem.

Acredita-se que foi o papa Gregório Magno quem introduziu o nome de Santa Luzia no ritual do cânon católico. Muitos milagres a ela vêm sendo atribuídos desde seu sepultamento, seu túmulo tem sido objeto de peregrinação constante e o número dos seus devotos é muito grande.

Pode ser que **Luzia**, nome coganato de **Lúcia** e que significa luz (lux), tanto no sentido orgânico quanto no espiritual, seja o fator determinante desse culto a uma jovem que morreu tão longe, há 1700 anos precisamente. Foi mártir mas não foi cega, degolada diante de um tribunal romano decadente e, através dos séculos, tida como a padroeira dos olhos. Por isso, o povo lhe pede, Santa Luzia, luz para os olhos, luz para a humanidade. Amém.

SANTA LUZIA

Este retrato de Santa Luzia está no centro de um quadro muito expressivo, com outras pequenas estampas coloridas, nas quais se lêem:

- Santa Luzia pela primeira vez vê-se perante o altar.
- Jesus Cristo aparece, em sonho, à Santa Luzia.
- Animado por Santa Luzia a invocar a Virgem Santíssima, uma cega recupera a vista.
- O governador grego ordena a prisão de Santa Luzia.
- Santa Luzia é açoitada.
- Santa Luzia impede a invasão do Catâneo pelos gregos.
- Santa Luzia protege os pobres.
- Condenada à morte, Santa Luzia é conduzida ao cárcere.
- Santa Luzia é presa e supliciada.
- Santa Luzia defende-se perante o governador grego.
- Santa Luzia permanece incólume ao ser colocada sobre a fogueira.
- Santa Luzia é decapitada após lhe terem arrancado os olhos.

ORAÇÕES DE SANTA LUZIA

REZAS

1 - "Ó milagrosa Santa Luzia, vós que mereceste de Cristo Senhor Nosso, que cega da luz do corpo, fôsseis alumiada pela divina graça. Assisti-me com a vossa vivificante fé, para que a minha alma não seja condenada pela cegueira do erro nas trevas do pecado. Intercedei por mim ao bom Jesus, para que seja aluminada toda minha vida pela sua divina graça e alcance, enfim, gozar essa perene felicidade que ele prometeu a todos que seguirem pelo bom caminho de sua adorada esposa, a santa madre igreja católica romana, que é verdadeira luz do mundo. Acolhei, miraculosa Virgem mártir, esse meu pedido e sede minha intercessora, para que à hora da morte mereça gozar convosco vivificante luz da eternidade. Amém".

2 - "Ó Santa Luzia, que preferiste deixar que os vossos olhos fossem vazados e arrancados antes de negar a fé e conspurcar vossa alma; e Deus com um milagre extraordinário, vos devolveu outros olhos sãos e perfeitos para recompensar vossa virtude e vossa fé, e vos constituiu protetora contra as doenças dos olhos, eu recorro a vós para que protejais minhas vistas e cureis a doença dos meus olhos.

Ó Santa Luzia, conservai a luz dos meus olhos para que eu possa ver as belezas da criação, o brilho do sol, o colorido das flores, o sorriso das crianças.

Conservai também os olhos de minha alma, a fé, pela qual eu posso conhecer o meu Deus, compreender os seus ensinamentos, reconhecer o seu amor para comigo e nunca errar o caminho que me conduzirá onde vós, Santa Luzia, vos encontrais, em companhia dos anjos e santos.

Santa Luzia, protegei meus olhos e conservai minha fé. Amém".

3 - "Ó milagrosa Santa Luzia, Luzia da luz dos meus olhos, vós que fostes alumiada pelas graças divinas, cuida dos meus olhos, me assiste com vossa fé que é vivificante e milagrosa contra a cegueira da morte.

Ó milagrosa Santa Luzia dos meus olhos, falai por mim ao bom Jesus, para que me ilumine a vida nos olhos e nos olhos da alma.

Ó milagrosa Santa Luzia, Luzia da luz dos meus olhos, fazei com que eu veja a verdadeira luz do mundo.

Ó milagrosa Santa Luzia, Luzia da luz dos meus olhos, atendei o meu pedido de ver pelos olhos do corpo, pelos olhos da alma. Amém.."

RESPONSO DE SANTA LUZIA

Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo.

Virgem Santa Luzia,
Portadora de luz
Vinde à noite ou de dia
Mostrando a vossa cruz.

Se for nuvem formada,
De algum sangue ruim,
De água contaminada,
Cristo vai dar-lhe fim.

Virgem Santa Luzia,
Portadora de luz
Vinde à noite ou de dia
Mostrando a vossa cruz.

Virgem Santa Luzia
Ao ver vossa luz
Sinto grande alegria
E o amor ao bom Jesus.

Se for nuvem formada
Malefício ruim
Há de ser desmanchada
Cristo vai dar-lhe fim.

Virgem Santa Luzia
Portadora de luz
Vinde à noite ou de dia

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Mostrando a vossa cruz.

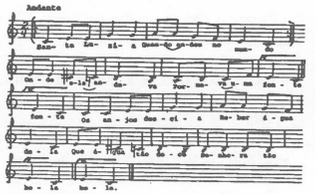
Assim Seja.

OBS:

A pessoa poderá rezar e fazer sobre os olhos o Sinal da Cruz todas as vezes que fala em Jesus ou em Santa Luzia.

Cedida por D. Maria Aparecida Custódio de Melo, residente na rua Maria Ubaldina de Barros Furquim, 388, Jardim Glória, Olímpia, (1993).

ORAÇÃO CANTADA PARA CHOVER



Santa Luzia
Quando andou no mundo (bis)
Onde ela andava
Formava uma fonte, (bis)
Os anjos descia
Beber água dela (bis)
Que água tão doce,
Senhora tão bela. (bis)

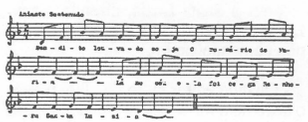
Cantada por Teresinha de Miranda Vidoti, 52 anos (1993), residente na rua General Osório, 326, Patrimônio de São João Batista, Olímpia.

TERÇO DE SANTA LUZIA

No dia 13 de dezembro - dia em que se celebra o aniversário de morte de Santa Luzia -

é o seu dia no Calendário dos Santos Católicos. Há, neste dia, celebração do Terço Popular em muitas casas católicas, durante o dia ou à noite, para o qual é convidado um grande número de devotos. Reza-se o terço em agradecimento a uma graça alcançada ou suplicando nunca ocorrer problemas nas vistas das pessoas da família. Destacamos, destes terços em louvor a Santa Luzia, um **Bendito** cantado em Olímpia, registrando também algumas de suas variantes, pois são numerosas:

BENDITO DE SANTA LUZIA



1- Bendito louvado seja
O rosário de Maria
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

2- Cadê o garfo que furou
Os olhos de Santa Luzia?
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

3- Cadê o prato que aparou
Os olhos de Santa Luzia?
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

4- Cadê a água que lavou
Os olhos de Santa Luzia?
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

5- Cadê a toalha que enxugou
Os olhos de Santa Luzia?
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

6- Quando ela perdeu as vistas
Que tristeza não seria?
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

7- Quando ela ganhou as vistas
Que alegria não seria?
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

8- Arrastaram um pobre cego
Com soberba e valentia.
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

9- Ofereço este bendito
À senhora Santa Luzia,
Que nos livre do inferno
E nos seja nossa guia.

Terço de D. Josefa Delomodarmo Valeriano, 46 anos, residente na rua Aldano de Almeida Camargo, n.º 473, Bairro de São José, Olímpia. Dia 13/12/1993.

VARIANTES DESTE BENDITO

I

Bendito louvado seja,
Senhora Santa Luzia,
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

Ó mãe, cadê aquele garfo
Que furou os olhos dela?
Lá no céu ela foi cega
Senhora Santa Luzia.

Ó mãe, cadê aquele prato
Que puseram os olhos dela?
Lá no céu ...

Ó mãe, cadê aquela bacia
Que lavaram os olhos dela?
Lá no céu ...

Ó mãe, cadê aquela toalha
Que enxugaram os olhos dela?
Quando ela perdeu as vistas
Que tristeza não seria?

Cantado por D. Jerônima Barbosa de Deus, 60 anos (1993), rua D. Jerônima Alves Ferreira, 372, Bairro de São José, Olímpia.

II

1- Bendito louvado seja
O rosário de Maria,
Lá no céu ela foi cega,
Senhora Santa Luzia.

2- Cadê o garfo que furou
Os olhos de Santa Luzia?
Lá no céu ela foi cega,
Senhora Santa Luzia.

3- Cadê o prato que aparou
Os olhos de Santa Luzia?
Lá no céu ...

4- Cadê a água que lavou
Os olhos de Santa Luzia?
Lá no céu ...

5- Cadê a toalha que enxugou
Os olhos de Santa Luzia?
Lá no céu ...

6- Quando ela perdeu as vistas
Que tristeza não seria?
Lá no céu ...

7- Arrastaram um pobre cego
Com soberba valentia.
Lá no céu ...

8- Ofereço este bendito
À Senhora Santa Luzia
Lá no céu...

Cantada por Otacília Cunha, 33 anos, Rua D. Jerônima Alves de Almeida, 372, (fundos) Vila de São José e Maria de Lourdes Fuzeto, 19 anos, Rua Antônio Rebelato, 102, Vila São José. Coleta: Olímpia, 1968, por José Sant'anna.

III

Senhora Santa Luzia
É uma santa venturosa
Que de Deus ela era serva, (bis
Senhora Santa Luzia.

Quando ela ficou sem vista
Que dores não passaria,
Que de Deus ela era serva, (bis
Senhora Santa Luzia.

Quando ela ficou com vista

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Que enxergou a luz do dia,
Era um tesouro mais fino (bis
Que no mundo não havia.

Ofereço este bendito
Pr'o Senhor daquela cruz,
Livra-nos de todo o mal. (bis
Para sempre, amém Jesus.

Cantada por Rosa Pereira dos Santos, 67 anos (1980), residente na Avenida do Folclore, n. 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia.

IV

Bendito louvado seja
Pelas dores de Maria,
Lá no céu ela foi cega,
Senhora Santa Luzia.

Foi o garfo que furou
os olhos de Santa Luzia,
Lá no céu ela foi cega,
Senhora Santa Luzia.

Foi o prato que aparou
os olhos de Santa Luzia,
Lá no céu ...

Foi a água que lavou
os olhos de Santa Luzia,
Lá no céu ...

Foi a toalha que enxugou
os olhos de Santa Luzia,
Lá no céu ...

Quando ela ganhou as vistas
Que alegria ela teria
Lá no céu ...

Cantada por D. Amélia de Bôrtolo, 53 anos (1988), residente na Rua Antônio Rebelato, n.º 141, Bairro São José, Olímpia. Coletada por José Sant'anna.

ESTÓRIAS DE SANTA LUZIA

"Conta-se que um imperador gostava muito de Luzia, mas ela o detestava, pois amava um outro rapaz, que também gostava dela.

Quando o imperador ficou sabendo que não era amado por Luzia mandou castigá-la. Pediu a um carrasco para arrancar-lhe os olhos, colocá-los numa bandeja e entregar para ele. Luzia era uma moça religiosa, tinha muita fé em Deus, por isso, quando lhe tiraram os dois olhos, apareceram outros no lugar deles.

O imperador não se conformou. Pediu a dois carrascos que lhe tirassem a vida. Estes a torturaram até que ela morresse. Mas isto de nada adiantou, porque ela se transformou em santa. É por esse motivo que Santa Luzia é protetora dos olhos". (Contada por Aparecida Cevada Reis, 42 anos (1968), Olímpia.

"Conta-se que um moço perseguia Santa Luzia. Um dia ela perguntou o que ele queria. Ele respondeu que eram os olhos dela. Ela os arrancou e entregou ao moço. No mesmo instante outros olhos apareceram no lugar daqueles". (Contada por Zacarias Alberto Magalhães, 1968, Olímpia).

SANTA LUZIA: CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

- No dia de Santa Luzia, antes do sol raiar, enterra-se uma pedra ou meio tijolo, no canto da casa, para nunca ter dor nos olhos.

- No dia de Santa Luzia é bom passar um ramo verde de alecrim nos olhos, para sempre enxergar bem.

- Invocando Santa Luzia, no dia 13 de dezembro, que é o seu dia, qualquer pessoa portadora de doença nos olhos ficará curada.

- No dia de Santa Luzia, antes do sol raiar, enterrar três pedrinhas ou três carvõezinhos, para nunca ter dor de olhos.

- No dia de Santa Luzia, antes do sol nascer, enterrar três pedrinhas. Assim, durante seis anos, não terá dor-d'olhos. Depois dos seis anos, repetir o feito e assim por diante.

- No dia 13 de dezembro é bom rezar um terço a Santa Luzia com a intenção de nunca ficar cego.

- No dia 13 de dezembro, para pedir chuva, deve-se rezar um terço em homenagem a Santa Luzia.

- Quem estiver com olhos ruins deverá assistir à missa no dia de Santa Luzia. Os olhos ficarão curados.

- Conta-se que por onde Santa Luzia passava, abria uma fonte. Por isso, é bom para ter-se boas vistas, lavar os olhos, ao meio-dia, do dia 13 de dezembro, porém, não enxugá-los.

- Para que as vistas permaneçam sempre boas (ou sejam curadas), levantar-se bem de manhã, no dia de Santa Luzia, e lavar os olhos com o orvalho caído nas folhas do mandiocal.

- Na véspera do dia de Santa Luzia, enche-se uma bacia com água de mina e a deixe pousar no sereno. Na manhã seguinte, lava-se os olhos nessa água. Os olhos ficarão protegidos contra as doenças.

-Para ter boa saúde dos olhos ou mesmo curar algum mal de cegueira, ensinam-nos os devotos que devemos pedir a intercessão da milagrosa Santa Luzia.

- Para curar as vistas, lavá-las com água de erva-de-santa-luzia dormida no sereno.

- Muitas costureiras, para protegerem os olhos, não costumam costurar no dia 13 de dezembro (dia de Santa Luzia) com receio de furar os olhos com a agulha ou tesoura.

- Quando chove no dia de Santa Luzia, não choverá no dia de Natal.

- Fazer cruz de cinza, no terreiro, no dia de Santa Luzia, não choverá no dia de Natal.

- Se não chover no dia de Santa Luzia, janeiro será um mês chuvoso. Se chover no dia de Santa Luzia, no mês de janeiro não terá chuva.

- Dia de Santa Luzia é o último dia do ano para se plantar arroz. O arrozal se vingará por completo. Porém, a partir desta data do ano, o arrozal não será de boa qualidade.

- Para a realização do terço de Santa Luzia - 13 de dezembro - uma das maneiras para angariar dinheiro para cobrir as despesas, é sair com uma imagem ou quadro da Santa para pedir adjutório. Com a ajuda arrecadada compram tudo o que é necessário para a celebração do terço, inclusive algumas guloseimas.

- Quando se reza o terço em louvor a Santa Luzia, deixa-se uma bacia de louça branca, pequena, cheia de água limpa, junto do altar. Depois que se canta o último bendito, os devotos, em fila, passam pelo altar, molham a mão direita na água e a esfregam sobre os olhos, para garantir saúde às vistas.

- É costume entre algumas famílias olimpienses, de origem italiana, as crianças deixarem seus sapatos, sobre o fogão, na noite de Santa Luzia, para que estes sejam cheios de doces. (Costume semelhante à festa de Papai Noel).

- Quando entrar um cisco nos olhos, recorrer a Santa Luzia, dizendo: Santa Luzia passou por aqui, com seu cavalinho comendo capim.

- Quando entrar cisco no olho, põe-se o dedo no olho da pessoa, recitando, três vezes, a quadrinha: Santa Luzia passou por aqui,/ Com seu cavalo comendo capim./ Ofereci um prato de doce, disse

O FOLCLORE DOS OLHOS...

que não./ Ofereci um copo de vinho, disse que sim.

- E as crianças de Olímpia, praguejam quando brincam de "pique", dizendo ao que vai "bater cara": Cruz, cruzão, quem olhar, Santa Luzia furará os olhos.

OLHOS QUE CONTAM ESTÓRIAS

Não é preciso ser excelente observador para que possa, através de olhares expressivos, saber o que a pessoa que conosco conversa ou que de nós se aproxima está sentindo. Assim sendo, os desenhistas facilmente transferem para o papel sensações alheias, valendo-se do estudo dos olhos para contar o que se passa com o indivíduo. E nós, que nem bons desenhistas somos, olhando para um rosto desenhado, diremos, quase sem erro, o que os olhos contam. Expressões de dor, susto, alegria, pavor, angústia, contrariedade, surpresa, ira, dúvida, paixão, tudo o desenho pode contar. Basta rabiscar e observar. Vejamos algumas dessas expressões:

Sofrimento

Espanto

Satisfação

Pavor

Angústia

Contrariedade

Surpresa

Cólera

Êxtase

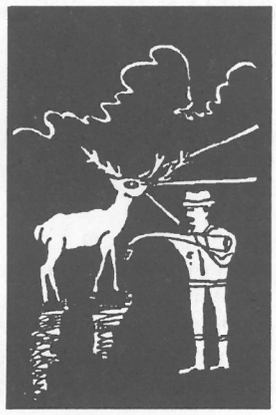
OLHOS MITOLÓGICOS

Não caminharemos para os trágicos olhos da Mitologia romana. Não estudaremos os olhos que assombraram gregos e troianos. Nem os olhos doces que encantaram os egípcios, os hebreus, os primitivos do Nepal, do conquistador bárbaro e outros tais.

Bastam-nos os olhos estranhos que fazem parte do elenco dos nossos muitos mitos, mitos brasileiros, provenientes da amálgama do conquistador branco, do negro escravo, do nativo das brasílicas terras.

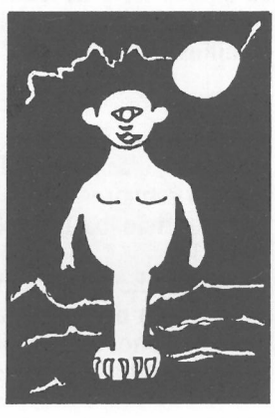
A Prof.ª Palmira Degasperi Rodrigues diz que o mito nasce das indagações do homem primitivo que, ante os fenômenos naturais que acontecem sem explicação lógica para mentes ainda despreparadas para aceitar tais conhecimentos, cria um mundo de forças ocultas intocáveis. "Nasce nos primitivos o **mito** que, mesmo na sua forma fantástica, é a primeira fase da ciência e da filosofia". (M.F. Sciacca).

Nesse explicar o inexplicável, nosso folclore ficou cada vez mais rico, ganhou novos elementos, os **olhos** sempre presentes como formas fantásticas de forças ocultas poderosas. Assim surgiram estes mitos:



1 - ANHANGÁ

Um veado com **olhos de fogo**, engana os caçadores, desvia-lhes a pontaria, traz febre e leva à loucura aquele que o vê. Pode estar incorporado em outros animais como o tatu, o pirarucu, a tartaruga, o boi, o cachorro, até em seres humanos.



2 - BICHO-HOMEM

Estranho ser feroz, com um **olho só**, um único pé redondo, dedos sob forma de garras.

Devorador de homens, esconde-se nas serranias.

3 - BOITATÁ

Serpente de fogo, mora na água, cobra que, ao matar os animais, **come-lhes os olhos** ficando, então, luminosa, graças à luz de tantos olhos ingeridos. É espírito de gente ruim que vaga pela terra, sem descanso, sem paz.

4 - BOI VAQUIM

Muito comum no Rio Grande do Sul.

Um boi alado, portador de chifres de ouro. Assusta o homem do campo por soltar chispas de fogo da ponta dos chifres e fazer brilhar os **olhos de diamantes.**

5 - GORJALA

Gigante negro de um **só olho**, caça os homens, bota-os sob os braços e os come às dentadas. Vive lá pelas serras do Ceará.

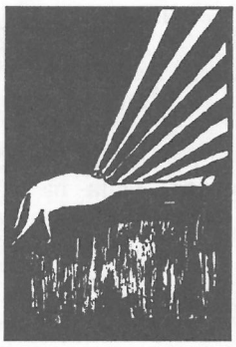
6 - LABATUT

Nome de maldoso general francês de triste memória no Ceará. É um gigante de pés redondos, cabelos longos e revoltos, corpo coberto de pêlos ásperos, dentes maiores que a boca, **olho no meio**

O FOLCLORE DOS OLHOS...

da testa, mãos compridas. Come criança.

7 - MAÇONE



Mito sergipano. O maçone tem focinho comprido, pernas tortas, rabo, **olhos de fogo**. Come recém-nascidos.

8 - PORCA DOS SETE LEITÕES

Mito que fala desse animal que anda sem rumo, espírito de uma rainha que, por vingança de um feiticeiro, viu-se e a seus sete filhos transformada em eterna andeja. Solta **fogo pelos olhos**, pelo nariz, pela boca, vive perto dos cruzeiros das estradas.

Explicando: Esses oito seres mitológicos que apresentei, foram estudados por membros da equipe da Comissão Estadual de Folclore, em 1967, dentre os quais destacamos a Prof.ª Laura Della Mônica e o Prof. José Sant'anna e também foi visto pela Prof.ª Palmira Degásperi Rodrigues. E eu, claro, aproveitei pesquisas já realizadas e embelezei, com isso, o meu trabalho sobre OLHOS! Sem gastar os meus olhos ...

CRENDICES, SUPERSTIÇÕES

- Não presta tampar os **olhos** quando está relampejando, a pessoa ficará cega.

- Menino não deve virar os **olhos** de brincadeira, porque se bater vento, ele ficará, para sempre com os olhos tortos.

- Não presta levantar da cama, de manhã, e abrir a janela, porque poderá pegar vento bravo no **olho.**

- Para curar doenças dos **olhos** é bom lavá-los com água de arruda pousada no sereno.

- Para curar as vistas é bom passar uma aliança de ouro, três vezes, em cima dos **olhos** e lavá-los com água de arruda serenada.

- Quando o **olho** esquerdo treme, é indício de infelicidade.

- As moças devem evitar sempre **olhar** no espelho iluminado pela luz da vela, porque se arrisca a perder o noivo.

- Se dois amigos **olharem-se** no espelho, um ao lado do outro, é certo que os laços de amizade que os prende quebrar-se-ão rapidamente.

- A fala de uma criança se atrasa se ele, com um chapéu, **olhar**-se no espelho.

- Defunto quando fica com os **olhos** abertos, significa morte próxima na família.

- No terceiro dia do carvanal, uma pessoa não deve **olhar** para a outra, quando estiverem à mesa, senão morrerá uma delas.

- O pescador não deve **olhar** para a água à meia-noite, porque se arrisca a tomar uma chuva de pedras e morrer.

- Fazer um **"olho-de-boi"** consistindo este em riscar uma circunferência no chão, servindo o calcanhar como centro e traçando a linha com o dedão do pé, servirá para evitar chuva.

PIADINHAS SOBRE OS OLHOS

1-
Titia, os seus **óculos** são de aumento?
- São, sim. Por quê?
Então não ponha os óculos quando cortar a goiabada para mim.

2-
O netinho para o avô:
- Vovô, feche os **olhos**!
- Por que meu querido?
- É que a mamãe disse que quando o senhor fechar os olhos, todos nós ficaremos ricos.

3-
O casal saiu para as férias e ela fez questão de dirigir. Lá pelas tantas o marido não agüentou e disse:
- Querida, a cada curva que você faz eu quase morro de medo.
-Faça como eu, respondeu ela: fecha os **olhos**!

4-
Na caserna.
- Então, o senhor é míope?
- Sim senhor.
- Mas não basta dizê-lo, é preciso prová-lo.
- Em minha família todos sofremos da **vista**. Além disso, é fácil provar o que digo. O senhor está vendo aquela mosca que pousou na cabeça do sargento?
- Estou. E daí?
- Pois eu não a vejo.

5-
- Eu quando crescer quero ser oculista.
- Eu, não! Pois não vês que as pessoas tem 32 dentes para tratar e apenas dois **olhos**? Vou ser dentista.

6-
- Você pede esmola para um pobre **cego**, mas enxerga melhor do que eu! Que pouca vergonha!
- A senhora está sendo injusta. Não vês que puxo um cãozinho por esta corda? Cego é o cãozinho.

7-
Duas amigas se encontram. Uma delas pergunta:
- Quem te deixou com esse olho roxo?
- Foi meu marido, responde a outra.
- Mas eu pensei que ele estivesse viajando.
- Eu também.

Esta é interessante: **Olho por olho** (parece piada)

O professor Leriche conta, em suas Memórias, que o notável fisiologista inglês Sherrington administrou, certa vez, eletrochoques a um chimpanzé, durante uma série de pesquisas. Depois, deitou-o numa sala, fechou-a e quis observar, pelo buraco da fechadura, o que fazia o animal. Não conseguiu enxergar nada. Até que descobriu que o chimpanzé, do outro lado da porta, também estava com o olho na fechadura.

É BOM SABER

- Urina de sapo **cega** a pessoa.
- Jacaré choca os ovos com os **olhos.**
- Santa Luzia defende os **olhos.**
- O **olhar** do tipo saturniano é inquieto.
- Chorar faz bem para dar brilho aos **olhos.**
- Formiga é bom para as **vistas.**
- O **olhar** do tipo marciano é dominador.
- É erro grave continuar a ler quando sentirmos a **vista** cansada.
- O caracol e o morcego são completamente **cegos.**
- Os **olhos** do tipo venusiano são brilhantes e vivos, mas sem acuidade.
- Em arte a dificuldade não é desenhar os **olhos,** é pintar o **olhar,**
- Os **olhos** das formigas têm 1200 facetas por onde recebem a luz.
- O **olhar** do tipo mercuriano é quase sempre penerante e duro.
- O pessoal diz que os livros andam caros, mas fiquem sabendo que já naquela época "Os Lusíadas" custaram o

O FOLCLORE DOS OLHOS...

olho-da-cara de Camões.

- As abelhas só enxergam 4 cores: azul, azul-verde, vermelho e o ultravioleta, que curiosamente não é percebido pelo **olho** humano.

- Os carrapatos não tem **olhos.** Guiam-se para procurar os animais de cujo sangue se alimentam, pelo seu desenvolvido olfato.

- De acordo com o que ensina um estudioso, de todo o reino animal, são as aves que têm mais desenvolvido o sentido da **vista.**

- Um homem normal abre e fecha as pálpebras dos **olhos** quatro milhões de vezes por ano.

- Muitas infecções bucais se transmitem diretamente aos **olhos.** Existem casos de cegueira produzida por dentes cariados ou mal tratados.

- Quando se lê, convém desviar, de 8 em 8 minutos, no máximo, a **vista** da leitura para lhe dar o necessário descanso.

- É ótimo costume fechar os **olhos** de vez em quando, durante o dia, e tê-los assim por alguns minutos.

- É bom para as vistas colocar um ovo no **olho** assim que a galinha o puser, ainda quentinho.

- A cobra pode ver, quando está a dormir. Os seus **olhos** sem pálpebras distinguem perfeitamente qualquer objeto que se mova.

- A aciton é uma espécie de formiga que, apesar de **cega,** é grande e ativa destruidora de insetos, até mesmo aranhas.

- O famoso educador francês Louis Braille, criador do conhecido alfabeto para **cegos** que tomou o seu nome, era também cego desde a idade de três anos.

O alfabeto para **cegos** foi inventado em 1824 pelo francês Louis Braille, aos 15 anos de idade. Braille também sofria de cegueira desde os três anos.

O alfabeto consiste em seis pontos salientes dispostos em diferentes posições e identificáveis com as pontas dos dedos.

- Segundo os cientistas, os músculos oculares são os mais movimentados do corpo humano. Eles movem os olhos mais de 100 mil vezes durante a leitura feita num dia normal. Os músculos dos olhos são 100 vezes mais fortes do que precisam ser.

- Quando se está num ambiente fartamente iluminado as nossas pupilas se contraem. Se se sai dele para um lugar apenas ilumiando pela luz das estrelas, a nossa pupila se dilata para captar a maior quantidade possível da fraca luz. Decorrido um minuto já podemos ver relativamente bem. Entretanto a adaptação química na retina continua seu processo durante mais de meia hora, permitindo-nos ver cada vez melhor.

- O ferrões de vespas e abelhas quando penetram nos olhos podem causar lesões graves. Quando é possível se tirar o ferrão do globo ocular a inflamação diminui, ficando uma pequena cicatriz. Caso contrário, a inflamação é então mais violenta, leva mais tempo e causa uma grande cicatriz. Se a inflamação do globo é tratada convenientemente e com rapidez não haverá possibilidade de afetar a vista a ponto de ficar cega; porém, é muito provável que, nas melhores circunstâncias, se produza diminuição visual.

- É costume entre os mercadores de pássaros canoros cegar os **olhos** das aves para que elas cantem mais. Com um ferro incandescente colocado diante do olho da avezinha durante poucos minutos, queimam-lhe a retina. Externamente não se percebe que o ser esteja com os olhos cegos, uma vez que o brilho permanece. Segundo a sabedoria popular, o pássaro estando cego, perde a noção do dia e da noite. Não há hora para cantar. Passa a dormir muito pouco. Canta a qualquer momento do dia e da noite, sem demonstrar a menor fadiga. Isto é sentido no baião Ássum-Preto, de Humberto Teixeira e Luís Gonzaga. É um derivativo usado pelos vendedores, mas condenado pelos criadores de pássaros. A Ornitologia nada diz a respeito.

HIGIENE DOS OLHOS

1 - Não leia onde houver pouca luz.

2 - Evita que a luz lhe venha de frente; deve vir do lado esquerdo e pela altura do ombro.

3 - Não leia com luzes muito vivas, e evita as mudanças bruscas de claridade.

4 - Não leia também recostado nem deitado; nessa direção vicia-se a posição dos olhos.

5 - Nas viagens, não leia por muito tempo: a trepidação cansa os músculos de acomodação.

6 - Depois de leitura demorada e em geral sempre que sentires os olhos cansados, é bom espraiá-los em objetos distantes.

7 - Não esfregues os olhos com as mãos e ainda menos com lenços ásperos.

SONHOS E OLHOS

Sonhar com os olhos tem o seguinte significado:

Em geral: bondade. Os olhos indicam inquietação interior.

Que perdeu um olho: perigo.

Que perdeu os dois olhos: riqueza.

Com olhos azuis: triunfo no amor.

Com olhos verdes: esperanças frustadas.

Com olhos cinzentos: infidelidade.

Com olhos negros: amor apaixonado.

Com olhos fechados: frieza amorosa.

Com olhos grandes, luzentes: notícia do bem ausente.

Com olhos pretos, machucados: amores contrariados.

Com olhos tristes, doentes: cura de alguém doente.

Com olhos escondidos, vendados: traição de alguém muito amado.

Com pessoa (ou pessoas) sem olhos: cilada de inimigos.

Com pessoa (ou pessoas) com mais de dois olhos: vitória sobre inimigos

OLHAR-DE-SECA-PIMENTEIRA

Esse famigerado olhar-de-seca-pimenteira não seca só essa valente planta, mãe das queridas frutinhas ardidas que dão sabor aos nossos quitutes. Seca toda e qualquer planta, árvore ou arbusto que, por desgraça, fique na direção dos dardos abrasivos dessa mirada fatal. Por vezes, seca o leite de alguns animais desprevenidos, até leite humano. É um olhar conhecido por **olhar-de-seca-pimenta, olhar-de-secar-pimenta, olhar-de-secar-pimenteira** e provém, esse terrível olhar de quem tem olho-de-seca-pimenta, olho-de-seca-pimenteira, olho-de-secar-tudo isso e o céu também. Olho ruim. Olho gordo.

Veríssimo de Melo (Natal-RN) apresentou no Anuário do 21.° FEFOL, de 1985, o seu alegre artigo sobre o tema, dedicando-o a Gilberto Freyre, também conhecedor do fenômeno do mau-olhar, do mau-olhado. Os exemplos que registrou são idênticos a muitos outros que conhecemos. Fatos que assistimos e não soubemos dar-lhes uma explicação científica. Quando não entendemos algo e esse algo nos deixa cismando, o melhor é passar ao largo, longe desse olhar para o qual não temos antídoto, o melhor é fugir dele. Ou, quem sabe, enfrentá-lo para ver o circo pegar fogo.

Foi o que fez uma amiga, Etna o seu nome. Mostrou-me o belo vaso de avencas colocado à porta de entrada, esclarecendo que assim que um seu parente por ali passasse, ainda nesse dia, o verde da planta iria para o beleléu. Não deu outra. O parente chegou, admirou a exuberância do vaso, fez um carinho nas delicadas folhas, entrou, almoçou, jogou umas partidas de buraco, saiu. Parece que atearam fogo nas avencas. Tudo seco, esturricado. Por quê? Não sabemos.

Ainda não soube de um olhar-de-secar-pimentas que fosse capaz de secar encantadora plantação de tiririca. Nem que pudesse, com os olhos, secar uma roça coberta de picão ou carrapichos, nem que eliminasse touceiras de urtigas e outras plantas daninhas. Nem que secasse o braço de ladrões, de malfeitores. Pode ser que haja, não conheço. Conheço um ou dois secadores de coisas boas

O FOLCLORE DOS OLHOS...

e bonitas apenas. Azar o meu, não?

UMA BELA LENDA DA AMAZÔNIA

As lendas têm sido, desde as mais remotas eras, o meio hábil e duradouro que os povos menos esclarecidos encontraram para transmitir às futuras gerações as lições que deveriam ser preservadas pelo clã. Lendas que explicam a origem das divindades, dos seres humanos, dos animais, das pedras preciosas, das plantas. É mais fácil fixar-se um conto, é mais natural acreditar-se em uma estória do que em explicações nem sempre esclarecedoras. E como estamos falando de olhos, nada melhor do que esta lenda do guaraná, lenda que Teobaldo Miranda Santos, introduziu em seu livro "Lendas e Mitos do Brasil":

"OS OLHOS DO MENINO"

Numa aldeia de índios maués vivia uma casal alegre e feliz. Como não tivessem filhos imploraram a Tupã que lhes concedesse essa felicidade. O rei dos deuses atendeu ao seu pedido. Deu-lhes um filho belo, forte e sadio. O menino era, além disso, inteligente e bondoso. Em pouco tempo, conquistou a amizade e a admiração de todos os índios da tribo.

A criança tinha qualidades tão boas, que despertou a inveja e o ódio de Jarupari, o espírito do mal. E este resolveu matá-lo. Para isso, transformou-se numa serpente e esperou a ocasião propícia. Certa vez, o menino afastou-se de sua maloca, atraído pelos frutos apetitosos de uma árvore. Quando foi colhê-los, a serpente mordeu-o e ele caiu morto.

Assim que notaram a ausência da criança, todos os índios saíram à sua procura até que o encontraram, sem vida, debaixo da árvore. A tribo inteira foi ver o pequeno morto. E, quando estavam todos chorando, um trovão ribombou no céu e um raio fulgurante caiu junto do menino.

Então, a mãe da criança disse para seu companheiro:

- É um aviso de Tupã. Ele se compadeceu de nós. Disse para plantarmos os olhos do meu filho. Deles nascerá uma planta, cujo fruto será a nossa felicidade.

Assim fizeram os índios. E dos olhos do menino nasceu o guaraná!

Realmente, os bagos negros do guaraná, que são cercados de uma película branca, parecem olhos humanos. E não é outra a significação da palavra guaraná, formada de **guará** - ser vivo, e **ná** - parecido, semelhante. Assim, em linguagem indígena, **guaraná** quer dizer bagos que se parecem com **olhos** de gente.

Do livro Lendas e Mitos do Brasil, de Teobaldo Miranda Santos: Lendas do Norte, 4.ª Edição, 1975, páginas 23 e 24, Companhia Editora Nacional, São Paulo - SP.

Ilustração: Willian A. Zanolli

APELIDOS

As pessoas que são cegas de um olho ou que possuem algum defeito neles, são geralmente apelidadas pelo povo da comunidade.

Em Olímpia, quase todas ou todas essas pessoas têm apelido. Relacionaremos apenas alguns: Farol Apagado, Farol Queimado, Galo Cego, Zero Um, etc.

MAU-OLHADO

Assim que a criança se aproxima da idade da razão, acrescenta às suas experiências de vida essa crendice, essa estranha e inusitada expressão "mau-olhado". E passa, consciente ou inconscientemente a temer ser vítima de alguém que tenha esse poder, essa força, que acarreta desgraças e má sorte a quem má sorte tem de ser olhado com "maus olhos". Há pessoas a quem muitos atribuem essa força, ou melhor, essa fraqueza, pois, marcadas, passam a ser evitadas, delas se foge, afastam-se depressa. O recém-nascido fica inquieto, febril, desconfortável. Precisa ser benzido. Evita-se o mau-olhado com certas simpatias ou objetos tidos como amuletos. O adulto também pega o mau-olhado, é vitimado física e psiquicamente por um olho ruim. E corre se benzer, remédio de farmácia não cura "quebranto" do corpo, angústia, azares constantes, atraso de vida.

É uma velhíssima crença essa do mau-olhado, está intimamente ligada ao folclore brasileiro, chegou até nós através do europeu colonizador e do negro escravo, encontrou campo fértil, alastrou-se, faz parte do nosso dia-a-dia.

Em folheto que o Prof. José Sant'anna guardou entre seus velhos papéis de antigas pesquisas sobre crendices e superstições, encontrou este autêntico compêndio sobre o assunto. Embora não saiba de onde veio, atrevo-me a transcrevê-lo, a fim de que muitos, como eu, enriqueçam seus conhecimentos sobre o mau-olhado:

"Os gregos da antigüidade usavam a cabeça da Medusa monstro lendário que tinha serpentes em lugar dos cabelos para repelir o mau-olhado, e desenhavam ou gravavam olhos em objetos para defendê-los das forças invisíveis do mal. Os romanos também acreditavam na **fascinato** palavra latina para mau-olhado. O poeta Pérsio, em sua segunda sátira, fala de fios coloridos que colocavam no pescoço das crianças para evitar o mau-olhado.

Essa crença ainda é muito comum na Itália, onde é conhecida por **malocchio** ou **iettatura.** Em geral, ao longo do Mediterrâneo e na Arábia, a crença no mau-olhado é uma realidade. Para evitá-lo, os árabes dizem: **Ma sha'llah** (o que Alá quiser). Os "suras" do Alcorão livro sagrado dos muçulmanos também são recitados para afugentar o mau-olhado.

Na Escócia, as palavras **struck** ou **overlooked** (atingido ou dominado pelo olhar) eram usadas para indicar o gado afetado pelo mau-olhado.

Malocchio, em italiano; **evil eye,** em inglês; **boser blick** em alemão; **mal de ojo,** em espanhol; ou ainda, em português, **olho-grande** ou **olho-gordo,** todas essas expressões significam a mesma coisa: **mau-olhado.**

Para combater o mau-olhado muitos amuletos são usados: figa, corninho, meia-lua, corcunda, elefante, etc. Muitos deles são em forma de jóias, broches ou penduricalhos para correntes ou chaveiros".

QUEBRANTO OU MAU-OLHADO

Alguns estudiosos dos malefícios que os olhos podem acarretar, fazem distinção entre **quebranto** e **mau-olhado,** esclarecendo que o primeiro diz respeito ao ser humano e o segundo, o mau-olhado, a plantas e animais. É muito sutil essa diferenciação, apenas creio que jamais se diga que uma planta está com quebranto ou que, um gatinho doente tenha sido marcado por esse mal. Botaram **mau-olhado** na planta ou no bichinho e o bebê que choraminga, apresenta-se inquieto e com moleza está é com quebranto. Ambos, quebranto e mau-olhado, produtos de olhos carregados de maléficos poderes, ambos "doenças" físicas e psíquicas que judiam dos seres vivos.

Há séculos o homem crê em quebranto. Sábios, cientistas, teólogos procuraram, através de estudos sérios, descobrir as causas de inusitados males que, sem outras causas aparentes, derrubam, às vezes, em poucos instantes bebês, crianças que corriam felizes, adultos que labutavam com entusiasmo, seres que repentinamente "caíram doentes".

Como saber se a pessoa está com quebranto? É simples. Os olhos lacrimejam, há um constante bocejar, moleza no corpo, tristeza, falta de apetite. E, segundo

os entendidos, quebranto pode matar. É difícil de ser cortado. Mais difícil é aquele proveniente de pessoas que não são invejosas, nem conscientemente maldosas. Têm nos olhos aquela força estranha e, embora achando linda uma criança, presenteiam-na com o quebranto. Esse é duro de ser retirado.

Como livrar-se do quebranto?

Primeiro, é melhor prevenir-se. Por isso, muito bebê tem sempre uma fita vermelha amarrada em uma parte do corpo, porta uma figa, carrega um amuleto bento, uma medalha de santo da devoção materna, cerca-se de mil cuidados. Se assim mesmo for vítima de quebranto, a melhor cura está nas mãos das benzedeiras e dos curandeiros em geral. Orações miraculosas libertam o sofredor dos males do quebranto. Uma boa defumação com casca de alho ajuda bem.

Acho que agora estamos melhor preparados para enfrentar os males adivindos de maus olhos. Mas há outros meios, meios mais fortes que nos auxiliam no combate contra as forças malignas dos olhos ruins. Isso havemos de demonstrar, pouco a pouco, enquanto formos falando sobre **olhos.** É só esperar.

MAU-OLHADO:
BANHOS

- Tirar **quebranto** em crianças de um ano de idade. Nos primeiros dias ou meses do ano novo banhe a criança e logo após coloque um galhinho de alecrim dentro de um copo de água e diga: "Despareça quebranto de olhos tristes, corpo torto. Com os meus olhos te vejo e todo mal seja morto durante este ano, em nome dos Anjos mais jovens do céu e da terra".

- Livrar crianças do **olho-grande** ou de pragas, dê um banho na criança, numa quinta-feira, com o líquido coado do cozimento das seguintes ervas: arruda, guiné e manjericão. Enquanto banhar a criança diga o seguinte: - É com arruda, guiné e manjericão. É com São Jorge, São Miguel e São Absalão, eu lavo, eu banho, eu curo. Eu seguro e boto pra fora todo o mal desta cirança. Que parta, que vá embora. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

MAU-OLHADO:
ORAÇÕES

1 - Leva o que trouxeste. Deus nos benza com a sua santíssima cruz. Deus me defenda dos maus olhos e mau-olhados e de todo o mal que me quiserem: és tu ferro e eu sou aço; tu és demônio, e eu te embaraço.

Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

2 - Acender uma vela branca, e dos fundos para fora, com a vela acesa na mão direita, dizer o seguinte: eu ofereço esta luz aos espíritos iluminados; cruzar os quatro cantos de cada cômodo da casa, de dentro para fora, e dizer o seguinte: eu percorro os quatro cantos com esta luz dos espíritos de luz e força. Nossa Senhora teve seu filho para rezar, com esta luz, em nome dos espíritos iluminados, eu rezo para cortar o mal e o olho-grande. Hoje por esta noite, e amanhã por todo o dia. Assim seja.

3 - Eu te benzo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (faz-se o Sinal da cruz). Se tem ar, quebrante, mau-oiado ou assombro da morte, ou ar de espasmo, ou de estupor, ou das estrela, ou ar do sol ou da lua, ou da terra, ou de raiva, ou de inveja, ou de lombriga, ou de mandinga do diabo, ou do que fô. Deus vivo, Deus morto, Deus no horto, aparte o mal do teu corpo, assim como Jesus teve no horto. Em nome das três pessoas da Santíssima Trindade: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo, afaste esse mal do teu corpo para sempre, para longe, onde não faça mal para nenhum cristão. É de nunca, é de sempre, é de todo o seclo, seclorum. Amém.

4 - Com dois te botaram, com três eu te tiro. Com as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a Virgem Maria. Olhos amaldiçoados, olhos excomungados, ide para as ondas do mar sagrado. Se botaram no teu comer, no teu beber e no teu olhar, no teu andar, no teu viver, nos teus cabelos, no teu passear, no teu trabalho. Com a força divina, com a força do meu Pai celestial, o olhar mau hei de tirar, com as sete das ondas do mar sagrado.

Rezar três Pai-nossos, três Ave-marias, uma Salve-rainha, e oferecer tudo ao Nosso Senhor Jesus Cristo.

Jesus na frente, Pai e Filho, Jesus me acompanhe com a Virgem Maria. Mais do que Deus ninguém mais pode. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Assim seja sempre.

5 - Meu Deus e meu Senhor, a vós que disseste que seriam atendidos os pedidos dos fiéis que se dirigissem a vós cheios de fé em vosso amor e misericórdia, a vós me dirijo suplicando vosso amparo em meus negócios e vossa bênção para os meus trabalhos.

Assim confiando vosso infinito poder, eu recorro a vós, neste momento crente de que não me desampareareis e que me concedereis a graça de ver coroado de bom êxito os meus esforços, nesta transação.

Louvores vos sejam dados por todos os séculos dos séculos.

Assim seja.

6 - Sinal da Cruz.

Senhor Deus, Sabaoth, El-Elohim, que vive e reina por todo o século dos séculos, seja o vosso nome honrado e glorificado por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus dei Saboath.

Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Exército.

Bem-aventurados os que crêem em Deus, bem-aventurados os que temem o Senhor, bem-aventurados os que confiam em sua justiça, bem-aventurados os que se arrependem dos seus pecados, bem-aventurados os que amam o Senhor Deus verdadeiro, uno e trino...

No amor dos Serafins, na luz dos Querubins, na obediência das dominações, na adoração dos tronos, no louvor das virtudes, na devoção das potestades, na submissão das dominações, na fidelidade dos arcanjos e anjos, a vossa glória se exalta por toda a eternidade, as vossas hierarquias vos cantam hinos por toda a extensão do universo. Amém.

MAU-OLHADO:
BENZIMENTOS

1 - Tirar **mau-olhado** de criança. (Fulano), tu tens quebranto e mau-olhado. Quem te botou foi um olho imundo. Botou com o olho e eu tiro com a bunda.

Depois de dizer essa palavra, a mãe da criança deve sentar-se sobre o rastro da criança três vezes seguidas.

2 - Para curar **quebranto**. (Fulano), eu te benzo de quebranto, mau-oiado, olho revirado. Com dois te pusero, com três eu tiro, com os poder de Deus e da Virge Maria.

Repetir três vezes.

3 - Benzimento dos **olhos**. Nuvem, nuvem de sangue e água formada, em honra e glória da Santíssima Trindade (faz-se o Sinal da Cruz), seja prontamente curada. (Rezar três Pai-nossos a Santa Luzia e três Pai-nossos à Santíssima Trindade).

4 - Benzimento dos **olhos**: Mãe de São Simão, advogada contra as nuvens, clara é a Lua, claro é o Sol, e clara seja a vista de (fulano), graças a vossa intervenção. (Rezar três Pai-nossos à Santíssima Trindade e três Ave-marias a Santa Luzia).

5 - **Mau-Olhado**: (Fulano), Dois olhos excomungados
Tê botô oiado ou quebranto?
Eu te tiro com os poderes de Deus
E do Divino Espírito Santo!

O FOLCLORE DOS OLHOS...

6 - **Mau-Olhado**: (Fulano), que é que tu tens?
É quebranto ou é oiado
Ou é mau excomungado?
Os poderes de Deus tira
E bote no mar sagrado.

7 - **Mau-Olhado**:
Deus te gerou,
Deus te criou,
Deus te desolhe
Para quem com maus olhos
Para ti olhou.
(Fulano), se tens olhado
Ou quebranto
Ou ar excomungado,
Com os poderes de Deus
E da Virgem Maria
Será curado. (Benzer três vezes)

8 - Tirar **mau-olhado** de qualquer pessoa: Ana teve Maria; Maria teve Jesus, filho da Virgem Maria, Manoel da Vera Cruz. Fulano (aqui se diz o nome da vítima do mau-olhado), se tu tinhas mau-olhado, por que não me disseste? Do teu corpo eu o tiraria. Mau-olhado, quebranto, olhar excomungado, afastai-vos do corpo de fulano (aqui se diz o nome da vítima) para as ondas do mar sagrado. Ide para algum lugar onde não se ouça nem o cantar do galo.
(Rezem-se três Pai-nossos, três Ave-marias e um Credo e oferecer à Virgem Maria).

9 - **Quebranto, mau-olhado** e inveja:
Com dois te botaram,
Com três eu te tiro,
Com os poderes de Deus
E da Virgem Maria
Deus pode, Deus quer
Deus acaba com tudo o que ele quer
Assim acabará
Com olhado
E ventre caído
E dor de barriga
E só resta é sereno.

10 - **Mau-olhado** e Tristeza
Com dois te botaram
Com três eu te tiro
Com os poderes de Deus
E da Virgem Maria
(Fulano)
Se te botaram mau-olhado
Na tua beleza,
No teu andar,
No teu sorriso,
No teu cabelo,
No teu falar,
No teu comer,
No teu dançar,
Na tua gordura,
Na tua formosura,
Com três eu te tiro
Com os poderes de Deus
e da Virgem Maria
Que estes olhos maus
Nas ondas do mar vá sair.

OBS: O benzedor deve conhecer logo se a pessoa é portadora de mau-olhado ou não, porque se estiver acometido o rezador começa a abrir a boca e se espreguiçar como quem está com sono.
Benze-se com três pés de "vassourinha". Se houver um mau-olhado, os galhos da mesma murcham, sendo bom deixar no fumeiro para que sequem os olhos de quem botou mau-olhado.

11 - Contra **olho-grande, quebranto** de criança : Com um ramo de arruda cruzar o corpo em cruz, primeiro na parte da frente da criança e, em seguida, nas costas dizendo: que todo o mal, olho-grande e quebranto sejam cortados. Depois, dizer as palavras:
Que este menino seja benzido
Se te puseram olho-grande e mau-olhado,
Quebranto para te prejudicarem,
Eu te benzo para te curar,
Com o poder e a força de Deus.
De Deus Filho, do Espírito Santo,
E da Santíssima Trindade. Amém.
Com esta reza, o mau-olhado, o quebranto ou qualquer malefício que houver, será cortado com certeza absoluta. Rezar, no fim, um Pai-nosso e uma Ave-maria.

12 - Todo mal que neste corpo entrou
Ar de névoa, ar de cinza,
Ar de galinha choca, ar de cisco,
Ar de vivo em pecado
Ar de morte excomungado
Ar de todo mau-olhado
Seja deste corpo apartado.
Deus te desacanhe
De quem te acanhou
Deus te desinveje
De quem te invejou.

MAU-OLHADO:
CRENDICES

1 - Tira-se **mau-olhado** de uma criança, obrigando-a engatinhar em forma de cruz.

2 - Quando se elogia uma criança, deve-se dizer: "Benza-te Deus", para evitar **mau-olhado**.

3 - Caveira de boi defende a roça de **mau-olhado**.

4 - Quando uma parte do olho estiver inchada por mordida de animal ou por outro motivo qualquer, coloque sobre o local uma corrente de ouro ou outra jóia, para não pegar **mau-olhado**.

5 - A fita e a figa vermelha resguardam do **mau-olhado**.

6 - Bater três vezes em um objeto de madeira é meio eficaz para afastar os efeitos do **mau-olhado**.

7 - Carregar um pouquinho de sal embrulhado num papel no bolso ou na bolsa evita o **mau-olhado**.

8 - Deve-se usar um galho de pinhão roxo dentro de casa para evitar **mau-olhado**.

9 - É bom benzer o **mau-olhado** com folha de pinhão roxo.

10 - Fazer uma defumação, em casa, com alecrim, para evitar o **mau-olhado**.

11 - Para evitar **mau-olhado** nas plantações, colocar uma cabeça de boi (ou vaca) numa estaca, junto delas.

12 - Plante, para evitar o **mau-olhado**, uma muda de comigo-ninguém-pode e enfie dois pregos no vaso, um de cada lado, deixando o vaso bem à vista.

13 - Junte sete cascas de dente de alho com alguns ramos de alecrim e arruda e faça uma defumação em sua casa para afastar o **mau-olhado** e fluidos negativos. Enquanto fizer a defumação, reze ao seu Anjo da Guarda para proteger sua casa.

14 - Pegue um pedaço de pano e costure dentro dele um dente de alho. Quando encontrar com uma pessoa invejosa e negativa, para evitar o **mau-olhado**, apanhe este amuleto com a mão direita e diga, você é ferro e eu sou o aço. Você é forte, mas eu te embaraço. Repetir três vezes e rezar o Credo Apostólico.

15 - Para evitar o **mau-olhado**, fazer uma cruz com espada-de-são-jorge e colocá-la debaixo do colchão. Dormir três noites. Depois jogá-la em água corrente.

16 - Para verificar se a pessoa está com **mau-olhado**, coloca-se água num prato virgem e deixe-se cair nele três gotas de azeite. Se o azeite se dissolver completamente na água é porque o consulente está com **mau-olhado**. Se o azeite, porém, não se diluir, a pessoa deve procurar é repouso, pois deve estar estressada.

17 - Para curar malefícios e **olho-grande**, pegar os sapatos em uso e pôr três pitadas de enxofre em cada um deles.

18 - Para cortar o **olho-grande**, em um dia de segunda ou sexta-feira, pôr em um dos bolsos da roupa, três dentes

O FOLCLORE DOS OLHOS...

de alho do lado esquerdo e, de sete em sete dias, renovar os mesmos, pondo os alhos em uma encruzilhada.

19 - Para cortar praga e **olho-grande**. Ir à praia em dias de sábado e dar mergulho em sete ondas seguidas, pedindo a rainha do mar sagrado para levar para o fundo do mar todo o olho-grande e o sofrimento do mesmo.

20 - Para tirar **olho-grande** e malefícios, colocar atrás da porta da entrada da casa um copo com água e três pedaços de carvão vegetal, e quando os mesmos afundarem, jogá-los na rua e renovar o trabalho; a água deve ser renovada diariamente, despejando a mesma em água corrente.

21 - Para curar **mau-olhado** e perturbações em sua casa. Em um dia de sexta-feira plantar no jardim em frente da casa uma planta chamada pinhão roxo e todo o tipo de perturbação será sempre cortado.

22 - Para **mau-olhado** em emprego bom - I : A mulher deve colocar um galhinho de arruda por dentro do cabelo, bem disfarçado para que ninguém veja. Deve usá-lo por sete dias e no fim deste período trocar por outro. Deve ser repetida enquanto se desejar.

23 - Tirar **mau-olhado** em emprego bom - II: O homem deve colocar um galhinho de arruda dentro de um copo com água junto com duas pedrinhas de sal grosso. Cada 7 dias mudar o galhinho de arruda.
Fazer esta quanto tempo desejar.

24 - Para evitar **mau-olhado** em recém-nascido, fazer figa às costas de cada visitante.

25 - Segundo os supersticiosos é aconselhável repetir, em silêncio, três vezes, a frase "Zóio de lobo", para defender-se do **olhar invejoso** de nossos inimigos.

26 - Para tirar o efeito de **olho-grande**, quando sentir o olho de alguém, desenhe o olho simbolicamente num papel ou no chão. Em seguida, levar numa chaleira erva-doce e despeje a água quente sobre o olho desenhado. Deve ser feito numa sexta-feira ao meio-dia ou à meia-noite.

27 - Para descobrir se tem **mau-olhado**, pegar um copo novo, colocar três pedras de carvão dentro, e pôr atrás da porta de entrada da casa. A pessoa que tem inveja ou mau-olhado quando entrar na sua casa se sentirá mal e não mais voltará.

28 - Para acabar com coisa feita ou **mau-olhado**, encha um copo com água pura e jogue em um canto qualquer de sua moradia, dizendo: "Em nome de São João Batista, eu peço que sejam revertidas e sufocadas todas as más influências que foram feitas e dirigidas contra mim nesta última semana e pedimos que o nosso corpo fique fechado para sempre. Amém.

29 - Para cortar **mau-olhado** nos negócios, coloque em lugar bem visível um vaso com a planta comigo-ninguém-pode no seu estabelecimento. Os olhos das pessoas transmitem forte energia, e se a energia for negativa a planta comigo-ninguém-pode a transformará em positiva, fazendo seus negócios melhorarem ainda mais.

30 - Para tirar **mau-olhado** de criança, coloca-se a criança sentada sobre um caixote. Enquanto ela ali estiver, profere-se as seguintes palavras: (NOME), tu tens quebrando e mau-olhado. Quem te botou foi um olho imundo. Botou com o olho e eu tiro com a bunda. Depois de dizer estas palavras, a mãe da criança deve fingir sentar-se sobre o rosto da criança três vezes seguidas.

31 - Para ficar com o **olho** imunizado contra o **mau-olhado**, num dia de domingo, vá a uma igreja de qualquer seita e assista ao culto. Voltando para casa prepare um banho com aroma de sete ervas. Jogue a água da cabeça aos pés e permaneça dentro da banheira durante trinta minutos e logo após enxugue-se numa toalha branca. (Quem não tiver banheira, use uma bacia).

32 - Para proteger sua casa contra o **mau-olhado**, colocar um vaso da conhecida planta comigo-ninguém-pode na sala, cuidando para que se torne bem viçosa (é preciso ter cuidado, pois esta planta é comprovadamente tóxica e pode envenenar os descuidados - crianças e cachorros).

OUTRA: Colocar atrás da porta principal de entrada um pêndulo de aço e uma chave, também de aço. Isto permitirá que a paz volte a reinar dentro da casa.

33 - Contra **olho agourento**. Se você está desconfiada de que há gente invejando os seus progressos nos estudos ou de qualquer pessoa de sua família, proceda assim: escreva qualquer texto em uma folha de papel branco, dobre-a em quatro e coloque-a debaixo de uma pedra, dizendo as seguintes palavras: "Aqui ficará guardada a inteligência de ... (Escreva o seu nome) e preso todo o agouro dos olhos dos invejosos". Se for outro membro da família o visado, ele mesmo deverá escrever a frase.

34 - Para afastar **maus fluidos**, fazer um patuá com três dentes de alho e uma folha de arruda. Carregar este patuá, por onde for. A inveja, o mau-olhado, e tudo aquilo de ruim que lhe desejarem, não o atingirá de maneira nenhuma.

35 - Para cortar **olho-grande** de seu jardim, colocar debaixo de cada vaso, ou jogar nos canteiros, três colherinhas de enxofre. Isso vai evitar que as suas plantas morram.
Quando você estiver jogando as colheres de enxofre, deve recitar o seguinte: Protegidas sois, protegidas são, protegidas ficarão estas minhas plantas, criadas com amor e carinho, ramo a ramo, folha a folha, raiz a raiz. Eu vos cuido, mas Jesus vos protege e bendiz. Amém.

36 - Contra **mau-olhado** em animais, dissolva no leite que você vai dar para o seu animal de estimação uma pitadinha de anil (aquela mesma que se usa para clarear roupa) e deixe o seu animalzinho beber todo o leite.

37 - Neutralizar **olho agourento**. Como a beleza é um dádiva da natureza, livre-se do olho agourento tomando banho em uma cachoeira ou mergulhando com toda a roupa (inclusive chinelos) no mar. Ao sair deixe uma peça de roupa para receber proteção energética da água. O banho deve ser sempre de estômago vazio e feito sempre com muita fé.

38 - Para acabar com **mau-olhado** em plantas e animais, pegar uma vassoura pequena de piaçaba e rezar em forma de cruz.
Se for um animal, rezar do rabo para a cabeça, e, se for uma planta, rezar de baixo para cima, dizendo "Deus, quando andou no mundo, toda doença curou. Mau-olhado e quebranto não é nada, e nada para quem te botou". Fazer esta reza três sexta-feiras seguidas, ou então, rezar três vezes na mesma sexta-feira.

39 - Olho **agourento** (Casos de amor). Compre uma fita vermelha e coloque-a dentro de qualquer perfume durante treze dias, orando sobre ele para impregná-la de energia forte positiva. Passados os treze dias, retire-a do perfume e passe a usá-la sempre. O perfume deve ser espargido nos cantos de sua morada. Esta simpatia é muito eficaz se alguém de qualquer forma, estiver interferindo em sua união.

40 - Para evitar **mau-olhado** matador,

procure um rezador e uma rezadeira, que tenham o mesmo nome (João/Joana, Francisco/Francisca, por exemplo) e peça para que eles o benzam dos pés a cabeça com um ramo de pinhão roxo, junto com o cordão-de-são-francisco. Você ficará imune a qualquer maldade.

41 - **Olho agourento** (nas viagens). Se você gosta de viajar e ser feliz nas viagens, aqui está a receita para neutralizar o olho maldito em seus planos. Cada vez que for arrumar as malas para uma viagem, pegue uma tesoura virgem (nova) e corte simbolicamente ao redor da mesma, cortando assim todos os fluidos negativos.

42 - Para tirar **quebranto** de recém-nascido, prepare um copo com água purificada (água de filtro ou mineral). Para benzê-la pegue um galho de arruda macho (se a criança for do sexo masculino ou arruda fêmea, se for do sexo feminino) adicione um punhado de açúcar na água, pegue uma folha de guiné e um galho de alecrim e reze a oração do anjo da guarda, um Pai-nosso e três Ave-marias.

Depois de benzida a água, molhe as ervas no copo e passe em redor da criança, dizendo: "Que todas as forças da natureza afastem de (dizer o nome da criança) todos os serviços de encosto premonitores de antepassados, inveja, olho-gordo, ódio e desespero. Termine rezando novamente a oração do anjo da guarda e três Pai-nossos.

43 - Para combater **olho gordo (mau-olhado)**. Se você souber que vai receber em sua casa uma visita que tem olho-gordo, basta colocar no chão na entrada da porta, bem disfarçado, um dente de alho, que não pegará mau-olhado em nada.

44 - Quando uma pessoa de **olho gordo** olha para um tacho de sabão em preparo, realizar a seguinte simpatia: pega-se a pá com que está mexendo o sabão e faz sobre o tacho três cruzes (ou faz-se uma cruz de palha de milho, jogando-a no tacho), pronunciando o nome da pessoa agourenta.

45 - Para que o sabão, em preparo, não desande, fazer uma cruz de palha de milho e amarrá-la numa das alças do tacho, ou colocar um pequeno crucifixo por perto de onde está sendo feito o sabão.

OLHOS
ÓRGÃOS DA VISÃO

Este fato ocorreu lá pelos idos de 1931, 32, época em que completava meus 8,9 anos. Ouvi a estória narrada por meu pai, Bastião Camargo e, envolvendo gente conhecida, calou fundo, estremeci nas bases. Eis o conto: "Chico Véio era molecote, sem dinheiro, sem lar, foi ser guia de cego. Cego de Pirangi, nossa terra. Andava esmolando pela região. Aportaram em Irupi, próspero centro comercial daqueles tempos, cidade que desapareceu. O cego enchendo o embornal de níqueis e pequenas cédulas. O Chico cansado. A bengala do cego acertava pernas e costelas, sem dó, sem pena. Param à porta de farta loja de um sírio, ou turco, ou libanês, quem sabe. Bendita sombra. Mas o cego avisa: - Preciso ir à privada. - Espera, não dá. - É agora, moleque. Bem, o Chico espiou, olhou pra lá, pra cá, só viu o vazio da loja, ninguém por perto. Deu a mão ao cego, fez que caminhou um bocado, colocou-o atrás do balcão e avisou: depressa, ninguém por perto. O cego arriou as calças e mandou brasa. O turco aparece e, ante tal visão, bate os punhos no balcão e berra: Fora, fora daí. E o cego, calmo, sereno: Tem gente... É claro, certo de estar em reservado apropriado para tal fim. O Chico, a essa altura, estava lá pelas margens do Turvo, nunca mais guia de cego. Foi quando, pela primeira vez, me dei conta do horror que deveria ser a vida daqueles seres privados da luz dos olhos. Não poder observar a riqueza de um pôr-de-sol, colorido de borboletas sobre flores de cores mil, não ver os meandros da irrequieta Tabarana, nem as escamas prateadas de um lambari, o riso desdentado de um bebê sorrindo para o futuro, a cor da manga coração-de-boi ou da laranja madura, a beleza da vida singela de crianças quase roceiras. A possibilidade de vir a ser cega apavorou-me. Benditos olhos que Deus me deu, olhos que, por 70 anos firmes, resolutos, permitiram-me ver e amar a natureza, apreciar as maravilhas naturais da terra ou as irisdescentes figuras da cibernética moderna. Abençoados olhos! E é de olhos que vamos falar.

Por que olhos? Porque, desde o momento em que o bebê vem ao mundo, alguém com esse órgão se preocupa. Umas gotas rápidas de remédio, olhos prontos para apreciar a nova vida que cerca o recém-nascido. Umas simpatias para garantir o efeito da alopatia, às escondidas uma água benta ou infusão de pétalas de rosas, humilde invocação às hostes celestes chefiadas por Santa Luzia (ou Santa Otília?), o nenê está pronto para **ver** aquilo que fará parte do seu quotidiano.

Porém, nem todos são capazes de, castiçamente, pronunciar "olho", "olhos". É comum "oio", "zóio". Cisco no "zóio", tem "oio" azul, e assim por diante. Será tão difícil falarmos olho, olhos? Parece que sim. Segundo o Sant'anna, por influência africana, o fonema línguo-dental **lh**, na linguagem de algumas pessoas iletradas (?), muda-se na semivogal **i**. No caso, **olho** soa **oio**. Na morfologia, o negro deixou apenas vestígios, o que se explica pela diferença entre as línguas indo-européias e africanas. O vestígio mais significativo acha-se no plural, conservado na linguagem de caipiras e matutos que, deixando o substantivo invariável., dizem sempre "os óio".

- Um **s** prostético, nascido da ligação na frase, perde esse caráter e se agrega à palavra: os **óio** (pronuncia-se **us óio**, de onde se formou a palavra "**zóio**"). Assim, longe estamos do vocábulo latino "**oculu**" de onde surgiu o nosso tão decantado "**olho**".

Pertencemos, pois, à espécie de seres vivos providos de visão e, na nossa fronte, ficam dois curiosos instrumentos que nos permitem ver. Sabemos que certos animais foram (e são) capazes de "enxergar" mesmo no escuro, porém, o homem, ao findar a luz do dia, em priscas eras, via-se na contingência de procurar abrigo em suas tocas ou cavernas, nada "via". A luz do fogo, foi, talvez, a primeira fonte a iluminar as trevas dos nossos ancestrais. Inventaram a tocha, mais tarde lâmpadas de óleo, de carvão, lanternas, velas, o óleo substituído pelo sebo, a cera virgem...

Um alquimista medieval utilizou as emanações de substâncias naturais que provinham das profundezas da terra, emanações já descobertas pelos gregos e rejeitadas por parecerem prejudiciais à natureza, acendeu-as e lhes chamou gás. O homem "via" à noite, embora a igreja condenasse esse querer alterar a ordem estabelecida por Deus que criara o dia e a noite. Uma blasfêmia querer enxergar depois do pôr-do-sol e, ruas iluminadas, só podiam ser obra de anticristãos. Acabou sendo aceito, iluminou casas e ruas, perdendo seu reinado só para a eletricidade proveniente do carvão. Assim, o homem pode ver 24 horas, luz natural ou luz artificial. Tanto abusa do dom que adquiriu, que os óculos passaram a ser necessários a muitos de nós.

Dizem que foi Roger Bacon, no século XIII, quem inventou os óculos, tão indesejados e polêmicos por anos sem conta, anti-estéticos para muitos, contrários à natureza por outros.

Depois dos óculos vieram os faróis, os holofotes, o telescópio, o microscópio, as lentes de aumento, tudo para que pudéssemos ver cada vez mais e melhor, para que o universo que nos cerca estivesse ao nosso alcance sem barreiras, ou com um mínimo delas. E é claro, graças a tantas descobertas, vemos mais, a noite transforma-se em dia, as trevas foram devassadas, nossos olhos varam

O FOLCLORE DOS OLHOS...

distâncias imensas, examinam astros e estrelas, demoram-se em ínfimas partículas microscópicas, são negros hoje, azuis amanhã, castanhos se eu quiser, ou verdes, ou cor de mel. Pena que tenhamos apenas dois olhos. Às vezes alguns mais seriam bem-vindos.

Vocês já viram estátuas egípcias, muito antigas, do tempo dos faraós? Há sempre um 3° olho na testa da figura pois, caso os dois comuns se percam, esse outro levará a pessoa representada ante o "Senhor" na outra vida.

Edgar Allan Poe, escritor e poeta americano escreveu: "Os olhos são as janelas da alma". Não foi ele o primeiro a dizê-lo, pois os antigos acreditavam que os olhos recebiam e refletiam a inteligência e o calor da sensibilidade. Os olhos refletem o sentido da mente e a linguagem do conhecimento.

O negociante milionário que construiu Port Sunlight, lorde Leverhulme disse:- "Antes de tudo, dou atenção aos olhos de todas as pessoas que me pedem emprego".

"Não tenho necessidade de empunhar espadas; ganho minhas batalhas com os olhos, não com as armas". Quem disse isso? Napoleão Bonaparte, aquele pequeno bretão que foi o imperador da França e de quem as mulheres diziam possuir o maior magnetismo do olhar, estimulando-as, excitando-as.

No mundo inteiro, homens e mulheres tornaram-se conhecidos e famosos por peculiaridades no olhar. Quase sempre pela vibração incomum dos olhos, pela sabedoria e bondade emanadas dos mesmos, pelo brilho, muito raramente pela ferocidade ou feiúra. A não ser o "não-olhos", isto é, a ausência de um dos olhos, caso dos piratas, caso de Camões.

Cuidemos de nossos olhos. Por eles veremos o desfilar da humanidade, com sorte, o alvorecer do século XXI. Com óculos, sem óculos, grandes, pequenos, abertos à vida, fechadinhos, negros ou quase desmaiados, olhos - espelhos da alma, olhos - janelas da alma, olhos - retratos da personalidade. Cuidado com eles.

OLHO
EXPRESSÕES POPULARES

Abrir o olho, abrir os olhos, abrir do olho:
precaver-se; despertar-se; advertir.

A olhos vistos:
de forma clara; com muita rapidez.

Arriscar um olho:
aventurar; espreitar.

Botar os olhos em cima, botar os olhos em:
ligar, dar atenção, vigiar com interesse.

Capela do olho:
a pálpebra superior.

Caroço do olho:
o globo ocular.

Comer com os olhos:
olhar insistente, com desejo mal contido.

Crescer os olhos:
desejar ardentemente conseguir algo, ambicionar.

De olho:
em atitude de vigilância, cobiça.

De olho(s) arregalado(s), de olho aberto:
em atitude de muita vigilância, atento, vigilante.

Enquanto o diabo esfrega um olho:
em poucos instantes, quando menos se espera.

Fechar os olhos:
confiar cegamente, tolerar, não fazer caso, consentir. Morrer.

Menina dos olhos:
pupila.

Não fechar os olhos:
não dormir, não conseguir conciliar o sono.

Num abrir e fechar de olhos:
rapidamente, instantaneamente.

Pinicar o olho:
dar uma piscadela de olhos. Piscar os olhos.

Pinta do olho:
pupila.

Pôr terra (ou areia) nos olhos:
tapear, confundir, lograr.

Preto do olho:
pupila.

Rabo do olho:
soslaio.

Olhar com o rabo do olho:
olhar disfarçadamente, de esguelha.

Sangue no olho:
pessoa sangüínea, briguenta, irritadiça.

Tapa-olho:
tapa no rosto.

Ver com bons olhos:
demonstrar interesse, simpatia, acatamento.

Zarolho - Estrábico.

Olho da rua (Pôr no olho da rua):
expulsar.

Olho d'água:
fonte, nascente.

Olho de enxada:
resto de enxada gasta pelo uso.

Olho do cu:
o ânus.

Olho grelado:
arregalado, muito fixo.

Olho vivo:
perspicácia, acuidade.

OLHOS - EXPRESSÕES

Olhos aboticados:
globos oculares salientes.

Olhos agatiados:
olhos esverdeados, semelhantes ao do gato.

Olhos compridos:
olhar prolongado, de desejo, de inveja.

Olhos da cara (custar os olhos da cara, pelos olhos da cara):
ser muito caro, ter preço exorbitante, de preço muito alto.

Olhos de cabra morta:
olhar parado, sem vida.

Olhos de pitomba:
globo ocular saliente.

Olhos de pitomba lambida:
pessoa que não tem pestanas.

Olhos de vaca laçada:
olhar suplicante.

Olhos estufados:
olhos salientes, um pouco fora de órbitas.

Olhos gacheiros:
diz-se da pessoa que tem o sestro de olhar com as pálpebras semicerradas, devido à fotobia.

Olhos papudos:
pálpebras intumescidas.

Olhos pidões:
olhar suplicante.

Olhos ruídos:
pálpebra sem pestanas.

Há tantos olhares!
Olhar de arrogante/ olhar de bandido/ olhar de bêbedo/ olhar brilhante/ olhar

O FOLCLORE DOS OLHOS...

sem brilho (apagado)/ olhar de conquistador/ olhar de feitiçeiro/ olhar de louco/ olhar de malandro/ olhar de mendigo/ olhar de sofrido/ olhar de valentão/ olhar lânguido/ olhar morto/ olhar morteiro/ olhar parado/ olhar de gavião/ olhar de víbora/ olhar de esguelha, etc, etc.

Os olhos também chamados **mirantes** ou **tochas** ou **lúzio** (em setido burlesco) entram na composição de uma infinidade de expressões de nossas línguas, como: Olho-de-boi/ olho-de-cachimbo-apagado/ olho-cozido/ olho-embaçado/ olho-empapuçado/ olho-de-fogo/ olho-de-goiaba/ olho-de-peixe/ olho-de-pitomba/ olho-pulado/ olho-roído/ olho-de-sapo/ olho-de-sapiranga/ olho-de-seca-pimenteira/ olho-de-tornontonte/ olho-de-vaca-laçada/, olhos fortes/, olhos compridos, etc.

Convém, ainda, conhecer estas palavras simples ou compostas referentes a olhos nas locuções e expressões populares:

Caolho: cego de um olho.

Capela dos olhos: pálpebra.

Carregação dos olhos: conjuntivite.

Catarata: belida. Leucoma e distúrbios outros da córnea.

Dor d'olhos: blefarite. Conjuntivite. Oftalmia, Tracoma, Carregação nos olhos.

Quatrolhos: indivíduo que usa óculos.

Pára-brisas: óculos.

Tapa-olho: soco sobre os olhos. Bofetão.

Torto de um olho: vesgo.

Unha dos olhos: pterígio, epitárseo.

Carne-no-olho: olho esponjoso.

Vaga-lume na vista: escotoma cintilante.

Zerê: ter um olho só. Ou: estrábico.

Olhudo (zoiudo): de olhos grandes.

Menina dos olhos: pupila. Também a criatura muito mimada.

Olhar contra o governo: estrábico, zarolho.

Olho de boi: exolftalmia.

Olho-de-cachimbo-apagado: olho vazado.

Olho cozido: leucoma.

Olho embaçado: olho de pessoa inconsciente.

Olho empapuçado: pálpebras edemaciadas, principalmente as superiores.

Olho de fogo: albino.

Olho de goiaba: ânus.

Olho de peixe: hiperqueratose, hipertrofia localizada na camada córnea da pele, em geral na planta.

Olho de pitomba: saliência dos globos oculares.

Olho pulado: exoftalmia.

Olho roído: eczema da pálpebra.

Olho-de-sapo: exoftalmia; estatelado.

Olho-de-sapiranga: blefarite ciliar. Foliculite ciliar.

Olho-de-secar-pimenta: indivíduo de mau-olhado. O mesmo que olho-de-matar pinto. Olho-ruim.

Olho de ternontonte: indivíduo estrábico.

Olho de vaca laçada: diz-se da pessoa que costuma andar com vista baixa.

Olho vidrado: olho de cadáver ou olho de pessoa inconsciente.

Olho de coruja: pessoa azarenta.

Olho de gato ladrão: esperteza, ganância.

Olho de peixe morto: olho sereno, parado.

Olho de porco: forma violenta de varíola.

Olhos de cachorro manso: olhos de ternura.

Olhos de cachorro doente: olhos tristes.

Olhar de gavião: olhar duro.

Olhar de víboras: olhar mau.

Olhar de esguelha: de soslaio, de través, de revés; obliquamente.

Tem olho de gato: enxerga no escuro.

Olhou para mim, olhou para um bode, porque com a minha vida ninguém pode: expressão de valentões e mulherengos.

Rabo de olho de cachorro: olhar desconfiado.

Miguelar os olhos: arregalar os olhos.

Estrabismo: desvio de um dos olhos, de modo que os dois não fixam o mesmo ponto no espaço. Vesguice.

Estrábico: relativo ou próprio do estrabismo. Sinônimos: caolho, caraolho, estrabão, mirolho, olhizaino, peto, tortelos, torto, vasgueiro, vesgo, vesgueiro, zãibo, zãimbo, zambaio, zanaga, zanago, zanolho, zarolho, zerê. Piloto. Olhar contra o governo. Olho de tornontonte. Torto de um olho. Viroto.

Cabra-cega: (ou cobra-cega): brincadeira em que uma criança vendada tenta agarrar outra, para ser por esta substituída.

Há outras brincadeiras infantis em que as crianças vendam os olhos. Entre elas: furar-bexiga, pôr-o-rabo-no-burro, quebrar-pote, etc.

Venda: tira de pano com que se cobre os olhos.

Antolhos: pala com que se resguarda contra a luz. Olhos doentes. Peças de couro ou de outras matérias opacas que se colocam de lado dos olhos das cavalgaduras, limitando-lhes o âmbito de visão para que não se espantem.

Tapa: pano com que se venda os olhos do burro pouco manso para que se deixe arrear.

Belida: mancha da córnea em geral. Leucoma, albugo ou nephelion, conforme a localização seja profunda, média ou superficial. Quando a belida é formada pelo pterígio é muito conhecido por **unha-no-olho,** unha de carne, carnosidade, carne-no-olho, nuvem, névoa.

Cabelinho: Distriquiase. Entrópio de uma ou das duas pálpebras.

Colírio para os olhos: encanto

Calor nos olhos: quentura dos olhos

Cinza nos olhos: turvação das vistas, a indicar retinite, neurite óptica, ou distúrbio menos importante.

Dar-olhado: feitiço, quebranto.

Piloto: zarolho.

Pinta do olho: pupila. Expressão do olhar.

Remela (ramela): secreção amarelada que se acumula no canto dos olhos.

Ter ímã nos olhos: atrair.

Olhos ramelentos: com ramela (o povo diz remela), isto é, secreção.

Olho estatelado: (oio estatalado): olho desorbitado, parado e imóvel em expressão de terror, de espanto, de ansiedade.

Olho de jabuticaba: os de globo arredondado e salientes, também chamados olhos-de-sapo.

Anga: mau-olhado.

Alva-do-olho: esclerótica. Branco do olho.

Olho aboticado: esbugalhado. Exoftalmia. Olhão. Olho graúdo. Olho de sapo.

OLHOS EM EXPRESSÕES POPULARES

Já é do conhecimento de todos nós que a sabedoria popular perpetua expressões que marcam uma conversa, uma discussão, que dizem respeito a verdades ditas de forma velada ou indireta. Lições de saber popular, importantes para estudiosos de usos e costumes de certos grupos em determinados contextos sociais. Como não podia deixar de ser, os **olhos** estão firmes entre as mais conhecidas e antigas expressões.

A primeira que desejo analisar por ser a mesma a causadora de uma pequena decepção lítero-folclórica (Existe isso?), é **"olhos de lince"**. A vida toda achei que ter olhos de lince seria possuir os mais possantes holofotes naturais que a natureza doou ao ser humano. Olhos de lince, olhos de quem tudo vê, olhos para quem distância não tem limites, para quem barreiras e obstáculos inexistem. De repente, chega o Sant'anna, trazendo de não sei onde esta novíssima interpretação: "A locução existe em várias línguas. Em francês: **Avoir des yeux de lynx**. Em espanhol: **Tener ojos de lince**. Em inglês: **Lynx-eyes**". Mas, porém, contudo, todavia, tudo falso. O lince, animal selvagem, não tem olhos mais penetrantes do que o gato doméstico. E daí, de onde a expressão? Procuremos na mitologia grega.

Linceu, príncipe da Messênia, foi morto por Pólux porque tentava roubar

O FOLCLORE DOS OLHOS...

a jovem Hilária, amada de Castor, irmão de Pólux. Antes dessa tragédia, Linceu pilotava o mitológico navio Argos e seus olhos eram tão penetrantes e poderosos que viam através de muralhas e das nuvens.

Por enxergar tão bem, Linceu foi o único capaz de dar cabo do javali de Cálidon que tudo destruía. Os poetas saudaram os feitos de Linceu e, por defeitos de má pronúncia, **olhos de Linceu** passaram a **olhos de lince** e assim estão nos arquivos do folclore mundial.

TER OS OLHOS MAIOR QUE A BARRIGA

Outra expressão que rola solta pelo mundo, usada pelas mães, quando as crianças, à hora de comer, enchem demasiadamente o prato ou as mãos, não dando conta de engulir tudo. Por isso, lá vem o sábio popular e, dedo em riste proclama: "Não se deve ter os olhos maior que a barriga". No entanto, sábios nem muito brasileiros, mas com a mente ligada aos nossos modismos aparecem para afirmar o oposto: "Parfois il faut avoir yeux plus grands que le ventre". Beleza, não? Só que o objetivo não é encher o prato como mandam olhos de gula, porém no sentido de que se deve acumular bens para o dia de amanhã, embora nada faça prever que deles venhamos a precisar na íntegra. É, pode ser que às vezes seja necessário. Mas o nosso conhecido refrão é bem mais popular: **"Não ter os olhos maior que a barriga"**.

OLHAI OS LÍRIOS DO CAMPO

Não é uma expressão popular como nós a entendemos. Não é uma locução. Ouvi-a, pela primeira, quando do lançamento de livro do grande escritor gaúcho, Érico Veríssimo. E ele foi buscar a imagem na Bíblia. São Mateus, no Evangelho que fala sobre a renúncia aos bens terrenos reproduz as palavras de Jesus. Já entre nós, o Padre Matos Soares assim dissertou sobre a frase: Olhai para as aves do céu que não semeiam, nem ceifam, nem fazem provisão nos celeiros, e contudo vosso Pai celeste as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas? E qual de vós, por muito que pense, pode acrescentar um côvado à sua estatura? E por que vos inquietais com o vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam. E digo-vos todavia que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestia jamais como um deles".

Certo, **olhai os lírios do campo**, porém de forma sábia e útil. O trabalho faz parte desse olhar tão necessário. Usai a mente, as mãos, toda vossa sabedoria acumulada, olhai os lírios sem que vos desvieis do caminho da realidade hodierna. P.S.: não usamos com freqüência esse tratamento. Perdão pela pompa e gala, os lírios merecem.

OLHAR POR CIMA DO OMBRO

Expressão que apenas os mais velhos utilizam, significando olhar de raspão, olhar por cima, olhar de desprezo, um gesto de desdém. Olha por cima do ombro quem se julga muito acima dos singelos mortais.

OLHO DO DONO ENGORDA O CAVALO

Já um pouco distante das expressões que vimos comentando, entrando já no terreno dos provérbios: "O olho do dono engorda o cavalo". Um claro significado: longe dos olhos do dono tudo pode ir mal, desde o mais simples negócio às mais elevadas transações. Não a mera presença física do chefe, do patrão, mas aquela qualidade de observância peculiar a quem consegue perceber as menores distorções a uma simples mirada. Já dizia o mago francês, La Fontaine: "Il n'est pour voir que l'oeil du maitre" (Para ver não há como o olho do dono).

O QUE OS OLHOS NÃO VÊEM, O CORAÇÃO NÃO SENTE

Também um velho e sábio provérbio, um desses que atravessa ileso os tempos e para o qual não há fronteiras lingüísticas ou raciais. Demonstra, muitas vezes, uma tremenda "dor-de-cotovelos" pois, ironicamente, queremos demonstrar dar pouca importância ao sofrimento de um bem ausente. Aplica-se, também, às pessoas, tanto do sexo masculino quanto do feminino, quando um dos parceiros amorosos engana o outro, de tal modo discreto que se pode dizer: "o que os olhos não vêem, o coração não sente". Quase o mesmo que "Longe dos olhos, longe do coração". Um certo cinismo, significando que em não fazendo às claras, à vista, o malfeito pode ser considerado permitido. Mas é muito, muito aceito e utilizado. Até Cervantes o colocou no seu Dom Quixote de la Mancha: - "Se os olhos não vêem, o coração não se parte". Talvez, por que não?

OLHO POR OLHO ...

Sob certas circunstâncias, esta expressão, "olho por olho, dente por dente" surge insidiosamente na boca de pessoas de qualquer nível ou idade. É o refrão de um incontido desejo de revide, de vingança, de punir aquele ou aqueles que nos feriram, que mataram, que burlaram a nossa confiança.

"Alma por alma, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, chaga por chaga, ferimento por ferimento", segundo a Bíblia, em Êxodo. Um revide ao pé da letra, uma desforra bem dentro daquela chamada "lei de talião", lei muito antiga que, com pequenas variações, encontra-se em todos os livros sagrados do passado. Somente Cristo, com o abrandamento que trouxe às rigorosas regras da antigüidade, modificou a "lei de talião", pregando o perdão: "se alguém te ferir na face direita, apresente-lhe também a outra". Dificilmente o ser humano, estruturado para revidar a todo ataque com igual tenacidade, deixará de seguir os ditames dessa regra que apregoa "olho por olho"...

Para não perder o hábito, o Prof. José Sant'anna descobriu um caso irônico, relacionado com a minha pena de talião:

- Não me dirás em que consiste a pena de talião?

- Nada mais simples: se tu me arrancares um dente, eu tenho que te arrancar outro; se tu me cortares a cabeça, eu tenho que cortar a tua...

Muito interessante, bem dentro do que entendo por pena de talião, embora, por mais de meio século eu tenha escrito Talião, pensando ser o mesmo um filósofo ou sábio da antigüidade. Talião não foi um rei grego, egípcio, romano, persa? Pena de talião com tezinho fica meio frágil. Ou não?

Consultei: Dicionário de Provérbios, Locuções, Curiosidades Verbais, Frases Feitas, Etimologias Pitorescas, Citações de Raimundo Magalhões Júnior, s/d Ediouro, Rio de Janeiro - RJ.

OLHO, OLHOS, LOCUÇÕES E EXPRESSÕES

Em se tratanto de olhos, longa estrada pode ser palmilhada com cognatos, ou seja, parentes próximos ou distantes, às vezes quase gêmeos, ligeiramente conhecidos, estreitamente relacionados. Vamos, com vagar, palmilhar essa estrada bonita, sentido o prazer de ver, rever e aprender, talvez, locuções e expressões que se referem a **olhos**.

1- **Olha** : caldo grosso ou gordura de caldo.

2- **Olhada** : espiada.

3- **Olhadela:** espiada.

4- **Olhado** : visto; considerado; observado.

5- **Olhado** : feitiço ou quebranto que a crendice popular atribui ao olhar de certas pessoas, e que influiria nas crianças

O FOLCLORE DOS OLHOS...

robustas, nas plantas e nos animais domésticos, causando-lhes atraso no desenvolvimento ou perda, ou morte; mau-olhado.

6- **Olhado** : que ou aquele que olha.

7- **Olhadura** : espiada.

8- **Olhal**

a) cada um dos vãos, aberturas ou arcos entre os pilares de pontes ou arcadas.

b) orifício ao qual se adapta a espoleta, nas armas de fogo.

c) anel metálico, fixo em qualquer parte da embarcação, cais, etc. para nele se engatar um aparelho ou amarrar um cabo.

9- **Olhalvo** : diz-se do eqüídeo de olhos cerrados de malhas brancas, ou que, ao levantar a cabeça, põe os olhos em alvo; olhibranco. Certo peixe de Portugal.

10- **Olhar** (do latim "**adoculare**") : fitar os olhos ou a vista em:

a) mirar; contemplar.

b) olhar de cara, encarar.

c) estar em frente de; estar voltado para.

d) pesquisar, observar, sondar, examinar, estudar.

e) atentar ou reparar em; ponderar.

f) tomar conta de; cuidar de; velar por.

g) reputar, julgar, considerar.

h) tomar conta; cuidar, velar.

i) atentar, considerar.

j) dispensar benevolência; ser benévolo; interessar-se, ocupar-se.

l) fitar os olhos, mirar, observar.

m) estar voltado, estar em frente ou em face.

n) estar mais elevado; estar sobranceiro.

o) estar em certa direção.

p) exercer ou aplicar o sentido da vista; procurar ver.

q) deitar olhos; rebentar; brotar.

r) ver-se, mirar-se, encarar-se.

s) ver a própria pessoa ou imagem; entreolhar-se.

t) ver-se mutuamente.

u) o aspecto dos olhos: o olho.

11- **E olhe lá** : expressão brasileira que se emprega em relação ao que acaba de ser dito e indica:

a) uma oferta, concessão, tolerância, além da qual a pessoa que fala não pretende ir ou não pode ir.

b) a certeza, ou quase certeza, de que a pessoa de quem se fala é capaz de superar o que dela se declarou. E olhe lá!

12- **Olheirado** : olheirento.

13- **Olheiral** : cone de altura pequena e variável, no qual se abrem dezenas de orifícios de um formigueiro subterrâneo; olheiro.

14- **Olheiras** : manchas lívidas (escuras ou azuladas), que aparecem nas pálpebras inferiores, em conseqüencia de enfermidade, insônia, ou cansaço físico e mental.

15- **Olheirento** : que tem olheiras. (olheirado e olheirudo).

16 - **Olheiro** :

a) aquele que olha ou vigia certos trabalhos, vigia.

b) observador e informador: olheiro político.

c) guardador (em desuso).

d) indivíduo que, nos pontos de contravenção, ou durante assalto, vigia um eventual aparecimento da polícia.

e) nascente de água.

f) galeria de entrada da toca de paca.

g) olheiral.

17- **Olheirudo** : olheirento.

18- **Olhento** : que tem olhos, poros ou buracos.

19- **Olhete** :

a) pequeno olho ou abertura.

b) pequena cavidade oculiforme nas articulações dos braços e das pernas.

c) peixe teleósteo, percomorfo, da família dos carangídeos, cujo comprimento não ultrapassa um metro.

d) olho-de-boi.

20- **Olhiagudo** : que tem olhar agudo, penetrante.

21- **Olhibranco:** olhalvo.

22- **Olhimanco** : que ou aquele que é torto dos olhos, ou a quem falta um deles.

23- **Olhinegro** : que tem olhos negros; olhipreto.

24- **Olhinho** : diminutivo de olho; avaro.

25- **Olhipreto** : olhinegro.

26- **Olhirridente** : que tem olhar alegre, ridente.

27- **Olhitoiro** : olhitouro.

28- **Olhitouro** : que tem olhos como os do boi.

29- **Olhizaino** : estrábico.

30- **Olhizarco** :

a) que tem os olhos azul-claro.

b) diz-se do eqüídeo que tem cada olho de uma cor.

31- **Olho** (do latim **oculu**).

a) órgão par, em forma de globo, situado em cada órbita, constituído de três camadas (esclerótica, coróide e retina) e de meios de refração (humores aquoso e vítreo, e cristalino). É o órgão da visão.

b) percepção operada pela visão; olhar, vista.

c) (fig.) atenção, cuidado, vigilância.

d) (fig.) olho vivo.

e) (fig.) aquilo que distingue, percebe, guia, esclarece.

f) (fig.) indício ou manifestação dos sentimentos ou de caráter.

g) abertura arredondada; orifício, furo.

h) ocelo.

i) pequena saliência de forma arredondada.

j) broto.

l) a parte central de certas hortaliças.

m) óculo.

n) olho-d'água.

o) cada um dos furos de qualquer poleame surdo por onde passa o cabo.

p) a parte do tipo que imprime, constituída pelo relevo da letra fundido no entalhe da matriz, e cujo tamanho pode variar dentro da mesma força de corpo.

q) a estampagem da letra, deixada na matriz pela punção.

r) superfície impressora de outros materiais tipográficos, como fios, clichês, etc.

s) a área fechada do **e**, que o distingue do **c**.

t) a parte superior do tipo, que apresenta o caráter em relevo.

u) atenção, cuidado, cautela; olho vivo.

32- **Olho clínico** : tendência para acertar no diagnóstico das moléstias e ou capacidade de percepção pronta de uma situação.

33- **Olho composto** : olho formado por vários estemas.

34- **Olho da rua** : lugar indeterminado para onde se manda alguém, expulsando-o; meio da rua, rua.

35- **Olho de cabra morta** : olho de peixe morto.

36- **Olho de gata morta** : olho de peixe morto.

37- **Olho de gato** : olho esverdeado, agateado.

38- **Olho de lince** : vista agudíssima; vista de lince.

39- **Olho de mormaço** : olhar lânguido, conquistador, dirigido através das pálpebras semicerradas; olho de peixe morto, olhos dependurados.

40- **Olho de peixe morto** :

a) olho de mormaço.

b) olhar triste, sem brilho; olho de cabra morta.

c) olho de gata morta.

41- **Olho da vaca laçada** : o de quem tem por hábito andar com a vista baixa.

42- **Olho gordo** : inveja, cobiça; olho grande.

43- **Olho grande** : olho gordo. (cf. olho-grande).

44- **Olho mágico** :

a) dispositivo circular dotado de pequena lente que se instala nas portas e permite olhar de dentro para fora sem ser notado.

b) válvula de sintonia em que um feixe de eletrons incide sobre uma tela fluorescente e, conforme a sua abertura, indica a intensidade dos sinais recebidos no circuito.

45- **Olho mecânico** : dispositivo eletrônico que, num páreo, fotografa a ordem de chegada dos concorrentes.

46- **Olho por olho, dente por dente**: vingança correspondente à ofensa ou dano sofrido; pena de talião.

47- **Olhos dependurados** : olho de mormaço.

48- **Olhos de sapiranga** : olhos

O FOLCLORE DOS OLHOS...

avermelhados.

49- **Olhos simples** : estema.

50- **Olhos rasos de água** : olhos cheios de lágrimas.

51- **Olho vivo** : agudeza de espírito; sagacidade, penetração, perspicácia, percepção.

52- **Abrir os olhos à luz** : vir ao mundo, nascer.

53- **Abrir os olhos de** : mostrar a verdade a; esclarecer.

54- **Alongar os olhos** : olhar ao longe.

55- **Andar de olho em :**

a) observar (alguém) com insistência, procurando conhecer-lhe os hábitos, seguir-lhe os movimentos, etc.

b) andar muito interessado ou desejar vivamente.

56- **A olho nu** : pela vista, sem auxílio de qualquer instrumento; a olho desarmado, a simples vista, à vista desarmada.

57- **A olhos cerrados** : olhos fechados.

58- **A olhos fechados** : com toda a confiança; sem exame; a olhos cerrados.

59- **A olhos vistos** : visivelmente, patentemente.

60- **Aos olhos de** : na opinião de; ao parecer de.

61- **Botar o olho em**:

a) botar o olho grande em.

b) pôr o olho em.

62- **Botar o olho grande em** : cobiçar, invejar; botar o olho em, crescer o olho em; pôr o olho em.

63- **Comer com os olhos** :

a) cobiçar (comida que não poderá comer, por não ter fome).

b) fitar com atenção ou interesse (pessoa amada ou objeto desejado).

64- **Com olhos de ver** : com toda a atenção, segurança, rigor.

65- **Correr os olhos por** : passar os olhos por.

66- **Crescer o olho em** : botar o olho grande em.

67- **Custar os olhos da cara** : ser de preço elevadíssimo.

68- **Dar com os olhos em** : avistar, ver.

69- **De encher o olho** : de causar admiração, contentamento, agrado, cobiça; encher o olho.

70- **De encher os olhos** : de encher o olho.

71- **Deitar olho comprido a** : cobiçar, desejar, ambicionar.

72- **De olho em** : com (alguém ou algo) em vista, no desejo, no pensamento.

73- **De olhos fechados** : com absoluta confiança; cegamente.

74- **Encher o olho** : encher os olhos.

75- **Encher os olhos** : satisfazer, agradar, contentar muito; encher o olho.

76- **Entrar pelos olhos** : ser evidente, facílimo de compreender.

77- **Estar de olho em** : Ver - andar de olho em.

78- **Fechar os olhos** : morrer.

79- **Fechar os olhos a** : fingir que não vê ou percebe; desculpar, perdoar.

80- **Fechar os olhos de** : fechar os olhos a.

81- **Meter pelos olhos a dentro**:

a) explicar da maneira mais clara possível.

b) obrigar a tomar ou a comprar, por meio de importunações, insistindo muito.

82- **Não pregar o olho** : não dormir.

83- **Não ser olho de santo** : não ser coisa que exija excesso de cuidado, exagerada preocupação de acabamento.

84- **Passar os olhos por** : de relance; examinar rapidamente; correr os olhos por.

85- **Pelos seus belos olhos** : (Irônico) : sem obter em troca nenhuma vantagem; de graça, gratuitamente.

86- **Pôr o olho em** : botar o olho grande em.

87- **Pregar olho** : dormir.

88- **Pregar olhos** : dormir.

89- **Saltar aos olhos** : ser claro, evidente, patente; saltar à vista.

90- **Ter debaixo de olho** : não desviar de (alguém) a atenção e/ou cuidado; ter de olho.

91- **Ter de olho** : ter debaixo do olho.

92- **Ter olho** : ser bom observador; ser arguto, perspicaz, vivo.

93- **Ter o olho maior que a barriga**: ser muito guloso.

94- **Torto de um olho** : que só tem um olho bom.

95- **Trazer de olho** : espreitar (alguém ou algo), por cautela ou prevenção.

96- **Ver com bons olhos** : receber bem; ser ou mostrar-se favorável.

97- **Olho-cozido** : leucoma da córnea.

98- **Olho-d'água** : nascente que rebenta do solo; fonte natural perene, lacrimal, olho.

99- **Olho-de-boi** :

a) clarabóia circular ou elíptica.

b) selo do correio da primeira emissão (feita em 1843) com desenho que assemelha a um olho.

c) árvore cultivada em razão dos frutos, bagas amarelo-pardacentas providas de uma grande semente envolta em alvo arilo, que é doce e carnoso.

d) peixe teleósteo, percomorfo, da família dos carangídeos, etc.

e) exoftalmia.

f) espécie de mármore que apresenta grandes manchas.

g) arco-íris incompleto.

h) abertura feita em um pavimento, a bordo, ao qual se fixa um vidro grosso, para dar luz ao compartimento inferior.

i) o vidro de qualquer vigia. Vigia: abertura geralmente circular, praticada no costado ou numa superestrutura de embarcação, para iluminar-lhe ou arejar-lhe o interior, e que pode ser fechada com uma tampa de vidro grosso.

j) acúmulo de grossas nuvens no horizonte, prenunciadoras de um tufão. (ant. Mar.).

100- **Olho-de-boneca** : liana da família das sapindáceas, de folhas qüinqüefoliadas, folíolos oblango-lanceolados e dentado-serreados, flores alvas, pequeninas, arrumadas em tirsos, e cujas cápsulas são trivalvares e aladas.

101- **Olho-de-cabra** :

a) selo do correio, da série emitida em 1845, menor do que o olho-de-boi.

b) árvore da família das leguminosas, cujos legumes encerram sementes fortemente coloridas de vermelho e preto, as quais servem para compor colares e objetos semelhantes.

102- **Olho-de-cabra-miúdo** : favinha brava.

103- **Olho-de-cão** : peixe teleósteo, percomorfo, da família dos priancatídeos, de olhos muito grandes, etc.

104- **Olho-do-céu** : peixe do litoral cearense.

105- **Olho-de-fogo** :

a) albino

b) peixe teleósteo, caraciforme, da família dos caracídeos, com olhos e mancha do pedúnculo caudal vermelhos e brilhantes, ete.

106- **Olho-de-gato** :

a) arbusto da família das leguminosas, dotado de folíolos amplos e muitos espinhos e cujos frutos são cápsulas aculeadas; bonduque.

b) mapará: peixe teleósteo, siluriforme, da família dos hipoftalomídeos, etc.

c) quartzo com agulhas de amianto.

107- **Olho-de-matar-pinto** : pessoa de mau-olhado.

108- **Olho-de-mosquito** : diamante de tamanho e peso exíguos.

109- **Olho-de-peixe** : calcedônia branca.

110- **Olho-de-perdiz** : calozinho redondo que se forma nos dedos dos pés.

111- **Olho-de-pombo** :

a) trepadeira da família das leguminosas, não rara em pastos.

b) favinha brava.

112- **Olho-de-santa-luzia** :

a) mata-olho (árvore leitosa e com cheiro de alho, da família das euforbiáceas).

b) traperoba (planta da família das comelináceas, de valor medicinal: árvore-de-santa-luzia, santa-luzia, grumaré).

113- **Olho-de-sapiranga** :

a) blefarite ciliar.

b) ectrópio.

114- **Olho-de-sapo**:

a) casta de uva.

b) exoftalmia.

115- **Olho-de-secar-pimenta** : pessoa de mau-olhado (olho-de-seca-pimenta,

olho-de-secar-pimenteira, olho-de-matar-pinto).

116- **Olho-de-sogra** : espécie de doce feito de ameixa ou tâmara coberta ou recheada.

117- **Olho-de-tigre** : variedade amarelo-vermelhada de quartzo, que apresenta inclusões fibrosas paralelas de crocidolita.

118- **Olho-de-vidro** : olho-de-cão.

119- **Olho-grande** : pessoa que tem olho grande.

120- **Olhômetro** : a visão, o olho, considerado como instrumento de medição, de avaliação, ou de observação indiscreta.

121- **Olho-roxo** : variedade de mandioca de raiz comprida.

122- **Olho-vermelho** : olho-de-fogo.

123- **Olhudo** : que tem olhos grandes.

Cento e vinte e três locuções ou expressões com dúzias de divisões e subdivisões, um trabalho que contei com a ajuda do Prof. Sant'anna e, verdade seja dita, só foram lidas por mim. É de outros, portanto, tudo o que vocês leram sobre cognatos de olhos. Valeu a pena, tenho certeza. Muita coisa interessante e, mais uma vez, saber não ocupa lugar. Olhos cerrados jamais. Abertos sempre. Abrimos os olhos dos leitores. Sim?

OLHO, ÓCULO, ÓCULOS E CONGÊNERES

Do latim, "**oculus**", chegamos ao nosso bem brasileiro **olho**, a **olhos**, **óculos** e outros termos relacionados a ele. A lista é vasta, apresentaremos um pouco dela para descanso de muitos olhos de fracos óculos. Por exemplo: o que é oculação?

- **Oculação** (de **oculi**) é o enxerto do olho ou gomo de uma determinada planta em outra, para reprodução.
- **Oculado** é o possuidor de olhos.
- **Ocular** (substantivado) significa parte de um instrumento óptico destinado a aumentar o ângulo de observação da imagem formada pela objetiva.
- **Ocular** (adjetivado) diz respeito aos olhos e à vista, ocelar.
- **Oculífero**, possuidor de um ou mais olhos, segundo a zoologia.
- **Oculiforme**, que tem forma de olho.
- **Oculista**, médico especialista em doença dos olhos, (oftalmologista) ou pessoa que fabrica óculos ou que os vende.
- **Óculo**, instrumento óptico munido de lentes que aumenta ou reduz a visão ou lentes com armações apropriadas que são presas nas orelhas ou correntes pendentes das laterais das mesmas.
- **Observação** : Chama-se óculo também qualquer instrumento de ver melhor como **binóculo, luneta, microscópio, telescópio**.
- **Oculofacial**, relativo aos olhos e à face.
- **Oculomotor**, referente ao movimento dos olhos e ao nervo que movimenta os mesmos.
- **Oculogíria**, uma mórbida condição em pacientes, caracterizada dentro da medicina, por oculogiração.
- **Oculógiro**, causador da oculogíria.
- **Óculos**, instrumentos de muitas formas e modelos, com hastes que podem ou não prenderem-se às orelhas, cavaletes que ficam sobre o nariz, possuem lentes com ou sem graus, dependendo da finalidade - ampliar ou reduzir a visão, reduzir radiações solares, embelezar o rosto...
- **Oculoso**, o mesmo que oculado.
- **Oculozigomático**, referindo-se aos olhos e às maçãs do rosto.

Esta pequena contribuição greco-latina, sem nada a ver com o meu rico olho folclórico foi, em síntese, exposição de verbetes do Dicionário Mor da Língua Portuguesa, com o aval do Prof. Cândido de Oliveira e equipe. Vivendo e aprendendo a cada instante um pouco mais. É bom.

DOENÇAS DOS OLHOS

Parece que os olhos padecem de vários males desde tempos imemoriais. Escritos muito antigos mencionam fraquezas da vista, cegueira repentina, cegueira de nascença e outras mazelas. A superstição, o atraso cultural de muita gente levou infelizes portadores de doenças tais a sofrerem martírios físicos sem conta, a mortes infames por serem considerados enfeitiçados ou cobertos de bruxarias.

A Blíblia trata de alguns casos de cegueira. Jesus, no Novo Testamento, é procurado por cegos, faz curas miraculosas. Um olho só foi apanágio do nascente cinematógrafo do início deste século: piratas de olhos vendados. Cegos nem sempre devido a doenças, mas por lutas, por saques. Cegos são esmoleres desde que os primeiros fatos históricos foram registrados. Povos mais pobres são os que mais cegos possuem. Entre nós, regiões há em que os males da vista são tantos e tão graves que asustam sanitaristas, médicos, sociólogos e, embora pareça esquisito, governantes brasileiros!

Nosso trabalho não será esclarecer sobre a origem e as causas dos males da visão, muito menos apresentar fórmulas seguras para curas. Quando muito, enumerar doenças mais comuns e, de passagem, contar como nossa gente sofrida resolve, de forma caseira, alguns desses males universais. E o nosso povo conhece muito bem como "curar" o incurável. Receitas é que não faltam. Nunca faltaram. Veremos logo mais.

As doenças mais comuns:

1- **Conjuntivite** : inflamação da conjuntiva. (Conjuntiva - membrana mucosa que faz a formação da parte anterior do globo ocular e a parte interna da pálpebra. Muito sujeita a inflamações e irritações).

2- **Glaucoma** : pressão muito forte nos olhos, dores, má visão, olho vermelho, pupila dilatada, endurecimento dos olhos, leva à cegueira.

3- **Catarata** : a pupila muda de cor, fica branca, a pessoa enxerga tudo embaçado, há opacidade total ou parcial do cristalino o que impede a chegada dos raios luminosos à retina.

4- **Estrabismo** : (olhos vesgos). Encurtamento de um dos músculos rotativos do globo ocular.

5- **Vista fraca** : cansaço, uso excessivo de luz indireta, má alimentação.

6- **Miopia** : a pessoa não consegue enxergar longe. Falta de vitamina B2 e acúmulo de substâncias estranhas no cristalino.

7- **Vista dupla** : a pessoa enxerga duas vezes o mesmo objeto. Cansaço, má alimentação, falta de certas vitaminas.

8- **Tracoma** : um tipo mais violento de conjuntivite, moléstia contagiosa, de cura demorada, muito purulenta, pode cegar. Ataca a córnea.

9- **Irite** : inflamação da íris, dor e lacrimejamento dos olhos, sem acúmulo de pus.

10- **Cegueira noturna** : (Hemeralopia) - a pessoa não enxerga na obscuridade. Falta de vitamina A. Problemas psicosomáticos.

11- **Retinite** : processo inflamatório da retina.

12- **Hipermetropia** : a pessoa não enxerga de perto. Comum em pessoas de mais idade.

13- **Astigmatismo** : defeito na curvatura da córnea. Defeitos do sistema de ótica pelo qual não se formam imagens de um ponto em outro, mas sim duas imagens lineares. Imagens deformadas.

14- **Terçol** : inflamação das glândulas situadas nas pálpebras, formando um dolorido caroço. Pode haver mais do que um caroço.

15- **Pterígio** : membrana carnosa que cresce no canto do olho, cobre a íris.

Foi isso que colhi do livro "A Saúde Brota da Natureza", do Prof. Jaime Brüning, 5.ª edição, 1988, da Editora Universitária, Curitiba, PR.

A cura popular é pronta, envolve rezas, orações, benzimentos, simpatias, chás, infusões, aplicação direta de alguns remédios caseiros, imposição da mão ou de dedos, muitas plantas de fácil

O FOLCLORE DOS OLHOS...

aquisição, raramente se recorre a médicos ou clínicas especializadas. Óculos ou cirurgia só quando tudo comprovar-se ineficaz. O preço calamitoso dos remédios de farmácia, tanto alopatias quanto homeopatias, está longe do alcance do povo brasileiro. Por isso, que Deus nos acuda, e vamos aos paliativos domésticos.

CURANDO MALES DOS OLHOS

I - Terçol (Hordéolo, Viúva, Viuvinha)

1 - Aquecer os dedos, friccionando uma mão na outra, aplicá-los sobre o terçol, repetindo diversas vezes.

2 - Colocar uma faca sobre o caroço, diversas vezes, Retira-se logo que a lâmina fique quente.

3 - Colocar sobre o terçol barro que se pega perto de batedouro de roupas. Retirar quando secar.

4 - Lavar as vistas com seiva de bananeira, diluída em água, todas as manhãs.

5 - Esfregar a aliança na mão até esquentar e colocar no **olho** três vezes seguidas.

6 - Pegar três grãos de feijão japonês, jogar num poço bem fundo e dizer: "Um terçol caiu", sem olhar onde os grãos caíram.

7 - Encher uma colher de sopa de vinagre e esquentar no fogo. Depois passar o vinagre no terçol com o dedo (fura-bolo), 7 vezes seguidas, e colocar um lenço branco em cima dos olhos por 5 minutos.

8 - Passar o dedo indicador na palma da outra mão até esquentar. Quando o dedo estiver bem quente, coloque-o no olho, em cima do terçol que está nascendo. Faça isso três vezes. (Pode fazer várias vezes ao dia).

9 - Colocar um pouco de vinagre na colher de sopa e levar ao fogo por três minutos. Esperar alguns segundos e depois molhar o dedo, passar lentamente a ponta do dedo indicador no terçol, com cuidado para não cair no olho. Em seguida, pegar um pano branco virgem e colocar em cima do lugar afetado, por cinco minutos. Fazer isto durante três dias.

10 - Para tirar o terçol, aquecer uma aliança de ouro, friccionando-a contra um pano de lã e passando-a depois sobre o terçol.

Mas muitas vezes o terçol resiste, e então para curar esse mal desagradável lava-se o olho e as mãos e depois se esfrega o terçol três vezes, repetindo: Terçol, terçol, vai para o olho da viúva mais próxima. Porém, se ainda assim o terçol teimar em ficar no seu olho, você deve aceitar o fato sem lamúria. Trata-se de um aviso de que alguma coisa boa irá acontecer nos três dias seguintes ao aparecimento dele.

11 - À hora de pôr-do-sol passar a mão sobre a cabeça para tocar o olho atacado do terçol. Se for no olho esquerdo, passa-se o braço direito sobre a cabeça e, com as pontas dos dedos sobre o terçol, diz, três vezes, enquanto acena com elas a fuga do mal: terçol, vai com o sol. Se for no olho direito, passa-se o braço esquerdo sobre a cabeça.

12 - Passa-se, antes do nascer do sol, a ponta do rabo de uma gata, em forma de cruz, três vezes, sobre o terçol. Se o terçol for em mulher, esta se servirá de um gato.

13 - Esfrega-se o dedo indicador da mão direita na palma da mão esquerda até esquentar e coloque-o sobre o terçol, diversas vezes.

14 - O homem, se casado, antes do sol raiar, esfregará a ponta do lençol, do lado em que dormiu a mulher, três vezes, sobre o terçol. A mulher, a ponta do lençol do lado que dormiu o marido. Se a pessoa for solteira, a ponta do lençol poderá ser de qualquer lado da cama.

15 - Antes do nascimento do sol, passar uma garrafa verde, em forma de cruz, três vezes sobre o terçol.

16 - Apanhar uma aliança de ouro, esfregá-la no peito, e passá-la sobre o terçol, três vezes.

17 - Pingar, sobre o terçol, umas gotas de leite de mulher que está amamentando.

18 - Matar um mosquito e colocá-lo sobre o terçol.

19 - Passar a própria saliva sobre o terçol.

Para o principiante, em clínica, como em cirurgia, o melhor professor é o próprio doente. Já o velho axioma ensina que na observação está toda a arte da medicina: só o próprio indivíduo, porém, pode ensinar seus olhos a ver ...

II - Pterígio

Coloca-se suco de batatinha com açúcar, assim : corta-se a batata ao meio, faz-se um buraco ao centro, enche-se de açúcar, tampa com a outra parte por toda uma noite. De manhã, pinga-se o líquido que se formou direto no olho, duas gotas. Repetir enquanto for preciso.

III - Conjuntivite

1 - Cataplasma de barro em cima do olho fechado, cerca de um a dois centímetros. Deixar por 1 hora. Lavar. Repetir 2 vezes ao dia. Para retirar o barro, é bom usar chá de tansagem ou confrei. Não há contra-indicação quanto a se deixar a cataplasma por toda a noite, colocando gaze, se quiser, para proteger o olho. No lugar do barro, serve batata ralada ou coalhada.

2 - Deixe ferver, durante três minutos, duas colheres das de chá de flores de chicória em uma xícara d'água. Banhar os olhos várias vezes ao dia.

3 - Banhar o globo ocular com água ferventada com saúvas. Coar e esperar esfriar.

IV - Estrabismo

1 - O mesmo cataplasma de barro aplicado contra a conjuntivite.

2 - Se estiver se manifestando estrabismo nos olhos do bebê, mudar de posição a luz do seu quarto, de modo que tudo o que está atrás dele, ou muito para o lado, fique na penumbra.

3 - Acender uma vela dentro de um pilão e olhá-la através de uma peneira, até que a vela acabe.

V - Inflamações

1 - Ferve-se boa quantidade de sementes de laranja juntamente com uma casinha de mariquinha (minguita). Coa, esfria e aplica-se sobre a inflamação.

2 - Ao levantar-se e ao deitar-se colocar, no olho, 3 gotas de mel diluídas em água filtrada.

3 - Diversas vezes ao dia lavar os olhos inflamados com uma solução feita, em partes iguais, de mel e água quente. Colocar morninho.

4 - Comer bastante içá (tanajura, saúva alada que põe ovos no formigueiro. Pode ser assada ou frita). O dia ideal é o de Santa Luzia - 13 de dezembro.

VI - Catarata

1 - Uma colher de sal grosso e um copo duplo de água. Coloca-se em panela de ágate, ferve, dilui-se. Esfriar e coar. Guardar em um vidro. Pingar uma gota ao dia.

2 - Pegue um copo com água e coloque numa panela esmaltada. Acrescente uma colher de sal grosso e ponha a ferver. Quando o sal estiver dissolvido completamente, deixe esfriar e coloque a água num vidro com conta-gotas. Depois pingue uma gota nos olhos, uma vez por dia, até a catarata desaparecer.

VII - Dor d'Olhos

1 - Uma gota de limão direta no olho, limpa, clareia, descongestiona.

2 - Colocar punhados de flor de gramão para curtir juntamente com olho-de-peixe, em água pura, por uns dias. Coar, pingar diariamente no olho.

3 - Ferver 1 copo de água filtrada,

juntar pétalas de rosas brancas. Tampar a vasilha até esfriar. Umedecer um pano limpo, colocar sobre o olho até curá-lo ou tirar a dor violenta. Repetir.

4 - Deixar dentro de 1 copo, no sereno, 3 folhas de arruda. De manhã, lavar os olhos. repetir várias noites.

VIII - **Não Sofrer Dor d'Olhos**

Ao ouvir o 1.º espoucar de rojões no sábado de Aleluia, lavar os olhos, demoradamente.

IX - **Curar Vista Turva**

Ingerir cebola crua, pelo menos 3 vezes ao dia, por tempo indeterminado.

X - **Hematomas ao Redor do Olho**

Mastigar um pouco de sal, pegar a saliva com o indicador e colocá-lo sobre o machucado, até aliviar a dor e diminuir a luxação.

XI - **Tirar Argueiro do Olho**

A benzedeira esfrega o olho da pessoa com um lenço branco e limpo, dizendo:

Passa, passa cavalero,
Pela estrada de São Pedro,
Avisá Santa Luzia
Que venha em seu cavalinho
Pra retira este arguero
Co'a ponta do seu lencinho.

XII - **Curar Astigmatismo e Blefarite**

Aplicar o mesmo cataplasma de barro, aconselhado na cura de conjuntivite.

XIII - **Infecções nos olhos**

Ferver um pouco de água, deixar esfriar e acrescentar suco de limão. Misturar bem o suco de limão com a água fervida e depois lavar os olhos com a água.

OBS: É bom para curar conjuntivite, irritação e até pequenas contusões externas nos olhos.

XIV - **Acabar com Olheiras**

Coloque duas batatas na geladeira, tire a casca e rale-as. Faça uma papa e passe ao redor dos olhos, deixando por quinze minutos.

XV - **Curar Cegueira Noturna**

Comer um pedaço de fígado de boi, pedindo a cura pelo amor de Deus.

XVI - **Aumentar a Visão**

Encha uma vasilha virgem com água pura e colocando uma toalha como se fosse a estola de um padre, benza a água em nome de Santa Genoveva, proterora e curadora de cego. Lave os olhos da pessoa que deseja melhorar a visão, enxugando simbolicamente com a toalha.

XVII - **Tracoma (pela oração)**

Santa Luzia que dos olhos dos homens é padroeira, não nos abandoneis um só momento.

A vós, Santa Luzia, solicitamos que nos ampareis sempre que nossa vista estiver em perigo.

E é também a vós, Santa Luzia, que rogamos nos livres de qualquer mal da vista, principalmente do tracoma, que tanto aflige esta pobre e pecadora criatura que neste mundo responde pelo nome de (**fulano**).

Certos estamos, oh sublime Santa Luzia, de que vossos ouvidos receberão esta súplica e que vós sabereis amparar este pobre filho de Deus, cujos padecimentos se agravam dia-a-dia.

Fazei, pois, oh Santa Luzia, que (fulano) se cure o mais breve possível e que dentro em pouco possa, livre de seus males, abençoar e venerar o Vosso Santo Nome.

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

- Os que disserem esta oração, deverão fazer o sinal da cruz nos olhos do paciente antes e depois da oração. Antes e depois da oração deverão rezar 3 Avemarias e 3 Pai-nossos e 1 Glória ao Pai, em homenagem a Santa Luzia.

Agora, já enumeramos as doenças da vista, mostramos que sofre delas quem quer. Demos o receituário de infusões, chás, tisanas, gotas que curam tudo. É só usar e **ver** no que dá. Se não **enxergar** a cura que vem a galope, o jeito é recorrer ao doutor e, sabidamente, não contar que usou aquilo que ensinamos. Não há olho que agüente.

OPHTHALMOS

Radical grego, deu-nos oftalmos, olho, de onde muitas palavras vieram enriquecer a língua portuguesa, especialmente a linguagem médica. Assim, do grego ophthalmos temos:

- **Oftalgia,** que é dor ocular, nevralgia nos olhos.
- **Oftálgico,** que diz respeito à oftalgia.
- **Oftalmagra,** dor repentina no globo ocular.
- **Oftalmágrico,** referente a oftalmagra.
- **Oftalmagia,** o mesmo que oftalgia.
- **Oftalmálgico,** referente a oftalmagia.
- **Oftalmatrofia,** enfraquecimento do globo dos olhos.
- **Oftalmatrófico,** referente a oftalmatrofia.
- **Oftalmedomia,** extração do olho com cirurgia.
- **Oftalmedômico,** referindo-se a oftalmedomia.
- **Oftalmia,** conjuntivite, inflamação e calor dos olhos.
- **Oftalmiatria,** o mesmo que oftalmologia.
- **Oftalmiátrico,** referente a oftalmiatria.
- **Oftalmiatro,** médico especialista em doença dos olhos.
- **Oftálmico,** referente a oftalmia.
- **Oftálmio,** crença de que pedra fabulosa deixava invisível quem a possuísse.
- **Oftalmita,** nome que os antigos gregos davam a certas pedras com desenhos semelhantes a olhos.
- **Oftalmite,** inflamação do tecido celular dos olhos.
- **Oftalmo,** expressa idéia de olho.
- **Oftalmobiótica,** higiene dos olhos.
- **Oftalmoblenorréia,** umidade purulenta na conjuntiva.
- **Oftalmoblenorréico,** diz respeito a oftalmoblenorréia.
- **Oftalmocele,** quando os globos oculares estão para a frente, saltados anormalmente posicionados.
- **Oftalmocélico,** referente à oftalmocele.
- **Oftalmocopia,** astenopia, isto é, cansaço ou enfraquecimento da vista.
- **Oftalmocópico,** referente à oftalmocopia.
- **Oftalmodesmite,** inflamação dos tendões musculares dos olhos.
- **Oftalmodesmítico,** referente à oftalmodesmite.
- **Oftalmodiafanoscopia,** exame de fundo de olho com oftalmodiafanoscópio.
- **Oftalmodiagnose,** diagnóstico por meio da reação **oftálmica.**
- **Oftalmodiastasímetro,** instrumento medidor da distância, para saber o afastamento necessário à colocação das lentes para os olhos.
- **Oftalmodinia,** o mesmo que oftalgia.
- **Oftalmodonese,** movimento tremular do olho.
- **Oftalmofacômetro,** instrumento que mede as faces do cristalino e córnea.
- **Oftalmofantasma,** aparelho com reprodução das várias partes do olho, utilizado para estudos demonstrativos do globo ocular.
- **Oftalmoflebotornia,** sangria no globo ocular para diminuir a super abundância de sangue das conjuntivas.
- **Oftalmografia,** estudo e descrição do olho, sua estrutura e composição.
- **Oftalmógrafo,** pessoa versada em oftalmografia.
- **Oftalmólito,** solidificação ou cálculo das vias lacrimais.
- **Oftalmologia,** parte da medicina que

O FOLCLORE DOS OLHOS...

estuda os olhos e suas doenças.

- **Oftalmológico,** referente à oftalmologia.
- **Oftalmologista,** médico que se especializa em doenças dos olhos.
- **Oftalmólogo,** o mesmo que oftalmologista.
- **Oftalmomalacia,** amolecimento e enrugamento com redução de tensão do globo dos olhos.
- **Oftalmomelanose,** enegrecimento dos olhos por acúmulo de pigmento que contém melanina.
- **Oftalmometria,** emprego do oftalmômetro.
- **Oftalmômetro,** aparelho que mede a curvatura da superfície refractiva ocular.
- **Otalmomicroscópio,** aparelho que examina a inversão de imagens no fundo do globo ocular.
- **Oftalmomiosite,** irritação inflamatória dos músculos oculares.
- **Oftalmoncose,** inchaço do globo ocular.
- **Oftalmopatia,** nome generalizado das doenças oculares.
- **Oftalmopiorréia,** inflamação purulenta do olho.
- **Oftalmoplastia,** prótese ocular, com substituição de parte ou da totalidade do olho.
- **Oftalmoplegia,** paralização dos músculos oculares.
- **Oftalmoponia,** fadiga do olho.
- **Oftalmoptose,** saída do globo ocular para fora da órbita.
- **Oftalmorragia,** hemorragia oftálmica.
- **Oftalmorreação,** reação oftálmica devido à introdução de toxinas.
- **Oftalmorréia,** secreção de mucosidades oculares.
- **Oftalmoscopia,** enfraquecimento ou fadiga da visão.
- **Oftalmoscópio,** aparelho para exame interno do globo ocular.
- **Oftalmóstase,** paralização cirúrgica do globo ocular.
- **Oftalmostato,** instrumento utilizado em cirurgia para conservação das pálpebras abertas.
- **Oftalmoteca,** parte do olho do casulo que protege os olhos do inseto.
- **Oftalmoterapêutica,** tratamento das doenças oculares.
- **Oftalmômetro,** termômetro que mede a temperatura do olho.
- **Oftalmotomia,** extirpação do globo ocular.
- **Oftalmonometria,** medida da tensão do globo ocular.
- **Oftalmotorrinolaringologista,** médico especialista em olhos, ouvidos, nariz e garganta.
- **Oftalmótropo,** olho artificial, capaz de acompanhar os movimentos do olho natural.
- **Oftalmozoário,** parasita que utiliza o olho para se desenvolver.

Aí está, da Grécia para Olímpia, ophthalmos e (oftalmos) a granel, grandeza da língua, dificuldades para a língua dos meros mortais brasileiros que, dificilmente pronunciarão a pequenina oftalmotorrinolaringologista... Haja fôlego ! Mas sabemos, agora, um pouco mais sobre olhos. Repito: é bom saber.

A BRASILEIRA ÓTICA

Ótica, de **óptica** latina, apela **optuké** grega é, nada mais, nada menos que visão, vocábulo que faz referência direta a tudo que diz respeito a olhos. Pode, por vezes, indicar o estabelecimento onde são vendidos e ou fabricados instrumentos ópticos, principalmente óculos e lunetas.

Óptica é, também, a maneira peculiar de ver, de julgar, de sentir. Ramifica-se a óptica: eletrônica, física, geométrica. É o estudo da luz e da visão.

Opticidade é propriedade do óptico e **opticista** é aquele que se ocupa ou que se especializa em óptica.

Óptico é o mesmo que opticista e **optigrafia** é o estudo da óptica. **Óptigráfico** refere-se à optigrafia e **opticógrafo** ocupa-se da opticografia.

Opticometria é a utilização do opticômetro, instrumento usado para determinar o limite da visão e o grau de astigmatismo dos olhos recebendo, também, o nome de **optômetro**.

Opticopupilar diz respeito à pupila e ao nervo óptico e ótica popular, não pupilar, é a minha maneira de ver tantos **pês** greco-latinos nos olhos de brasileiros tão fartos da óptica governista atual.

Estejamos felizes, acrescentamos mais alguns vocábulos ao nosso vocabulário particular. Estamos mais sábios, o que é "óptimo". Cuidado com o olho gordo !

COISAS GREGAS PARA SEREM VISTAS

Do grego, **skopé**, **scopeo**, que significa **"ver"**, **"vejo"**, muitas palavras foram criadas para gáudio e riqueza da língua portuguesa. Assim podemos falar de **horóscopo** ou horoscópio que, de acordo com a hora do nascimento - veja a sua, permite prognósticos de vida futura. Além do horóscopo, mania bem brasileira de pautar ações do dia-a-dia de acordo com tais previsões ou prognósticos, de **skopé** vieram vocábulos como **microscópio** (diminuir o que se vê), **calidoscópio** (ver muitas facetas das cores sob a luz), **telescópio** (ver a distâncias celestiais), **anemóscopo** (para ver a direção dos ventos), ...

Do radical grego **ops**, **opse**, **opos**, que dá origem a **olho**, **vista**, **visão**, muitos outros vocábulos portugueses se forjaram: **ótica**, **diplopia** (visão dupla de um objeto, o mesmo que ambliopia), **ciclope** (gigante mitológico com um só olho no meio da testa), **nictálope** (aquele que só enxerga bem à noite), **nictalopia** (doença na qual a visão se mostra muito fraca à luz do dia, aumentando só a noite), **hemeralopia** (diminuição da vista ao anoitecer ou sob claridade fraca), ...

Portanto radicais gregos, vocábulos portugueses, nossos olhos podem alçar vôos mais prolongados, mais abrangentes. Vemos cada vez mais, cada vez mais longe. Isso é o que interessa.

OLHOS QUE NÃO SÃO OLHOS

Perder um olho em acidente é algo desastroso, porém acontece com grande freqüência. E o problema da aparência física daquele que perdeu esse órgão da visão é sério. Por isso, à época das Grandes Navegações, época da pirataria oficializada, o olho de vidro passou a ser uma necessidade para os mutilados em lutas, em rapinagem. Ou venda negra sobre o órgão perdido.

Confeccionar um olho artificial, objetivando substituir o órgão original é tarefa de muitos especialistas: médicos, esteticistas, artistas em geral.

Dizem que os faraós egípcios, das antigas dinastias, recebiam olhos artificiais, a fim de que as múmias ficassem com aspecto de seres vivos. Nas órbitas, pedras preciosas sobre gesso. Algumas múmias tinham a córnea de vidro azul ou verde. Entre os gregos e os romanos, encontram-se olhos artificiais nas estátuas. Somente na Idade Média vamos encontrar, lendo Ambroise Paré, olhos artificiais fabricados por ourives, rústicos em demasia, porém usados por alguns mutilados em desespero. Assim, em escritos médicos dos séculos XVII, XVIII, vemos a luta pelo aperfeiçoamento dos olhos artificiais. Olhos de vidro, de pedra, de ouro, de prata. E a partir do século XIX, quase perfeitos, chegaram até nós, enganando os menos observadores, trazendo aos que um olho perderam a satisfação de, pelo menos na aparência, mostrarem que podem "ver" com olhos fabricados com carinho. Hoje, com tecnologia avançada, quase que se pode ver, de fato. E olhos verdes, azuis, íris e esclerótica com belas gradações coloridas, pupilas brilhantes e das cores mais ousadas, são o sonho realizado de artistas, de gente pública em geral e, com um pouco de

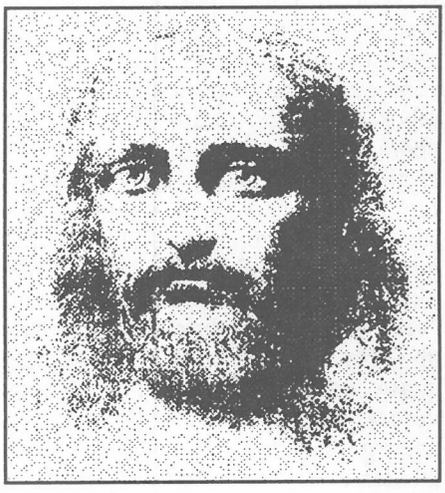
O FOLCLORE DOS OLHOS...

paciência, até de gente pouco conhecida. Sofrem as mulheres com lentes gelatinosas e outras congêneres, mas olham o mundo com olhos de cores várias.

É grande a procura de olhos artificiais. Muito artesão ganhou fama. E dinheiro. E olhos "modernos". Deve ser bom ver o mundo com olhos escolhidos, desde que não sejam de vidro ou pedras, por mais preciosas que sejam. Olhos que Deus nos deu!...

OLHOS QUE NOS PERSEGUEM

Um fenômeno que se torna corriqueiro a cada dia que passa. Os meios atuais de comunicação - jornais, revistas e televisão, descobriram que olhos que acompanham o leitor ou o que assiste a qualquer programa de TV têm mais aceitação, de certo modo envolvem mistério, misticismo e isso é o que a mídia quer. Olhamos para uma foto, os olhos do fotografado nos seguem. Um quadro. Um noticiarista da televisão. Estranho ... Por que nem sempre ocorre o mesmo fato? Terá sido por acaso que pintores do passado nos legaram quadros que, muitas vezes nos assustam pela insistência e fixidez com que nos acompanham os olhos de alguém, homem ou mulher? Talvez. Em salas de casas antigas, entre dúzias de retratos de familiares que há muito se foram, há sempre algum de senhor distinto, roupas pretas, longas barbas brancas, um olhar fixo de quem nos censura. E claros olhos de damas belas a nos seguirem. Olhos escuros de humildes mulheres curiosas a nos acompanharem. Olhos infantis que se descoram mas não deixam de nos seguir. Mistério? Fato paranormal? Magia? Não, há uma singela explicação.



É preciso que a pessoa a ser retratada, no quadro ou na máquina fotográfica, fique bem de frente para a lente da câmara ou para os olhos do pintor. Esse olhar direto, franco, permanecerá indelével, dando-nos a impressão de sermos perseguidos. Um velho truque que rendeu bons sustos, que rende bons lucros no mercado da imagem moderna. Olhos perseguidores! ...

Cantos de criações poéticas

OLHAR POR DENTRO

Tanto se fala em olho, olhada, olhar, mau-olhado, olhar gélido, calor dos olhos, não sei mais que olhadelas, que acabamos por descobrir "**Beiradas de um olhar por dentro**", livro de poemas, poesias rítmicas em prosa e verso, de José Carlos dos Santos Ignácio, olimpiense nato, nosso aluno no antigo "Narciso Bertolino", bancário, livro patrocinado pelo Banespa. O poeta envereda, desprendidamente, pelo terreno das lides folclóricas, bulindo com as graças que o povo admira, ferrando suas miradas no precário equilíbrio do olhar que teme o futuro. Divertido "quando a parte nua do faz-de-conta descobre e deixa pelo menos curiosa a mente, de um olhar ainda mais pra lá dos FINALMENTE."

Sintam comigo, o seu "**Pra olhar de viés**"

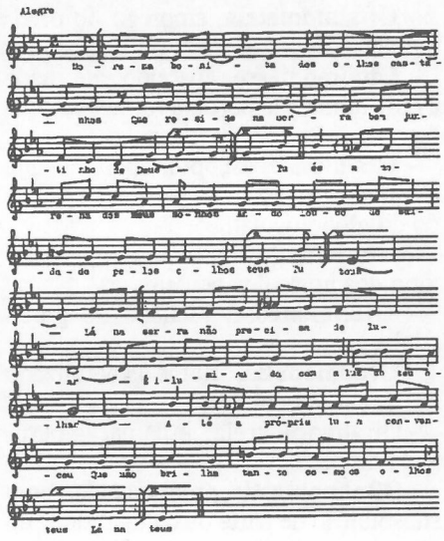
"Este olhar de viés
é pra ver de que parte o olhar atua:
se depois,
pois que a vida diz bem e vai,
sabe o que bom dela e atrai?
É ter como se virar pra sentir:
seja através
da costa que vai na frente;
seja ao invés
da frente que vem detrás,
tudo como manda o viés."

Gostoso o "olhar de um astro lógico" que, por ínvias trilhas nos leva "para sempre, no mundo da lua".

O nosso jovem poeta foi buscar olhos diferentes, descobriu que "o olhar que passa tá lento", começou "vendo de fora", acabou refletindo que "nessa hora o olhar que passa tá claro demais pra ser noturno". E o José Carlos diz "quero olhar de peixe morto", e esse um olhar que anda solto na carestia atual. Manda tudo para "o olho da rua" a fim de se poder apreciar a humanidade passar com sua carga de podridão, de arbitrariedades conseguindo, enfim, descobrir que os bem-te-vis da vida poderão nos despertar para dias melhores. Olhar d'esguelha, tão do jeito de tantos de nós agora; olho nu, aquele que põe a nu velhos tabus; tem, para ele, olhar de cambalacho, que diacho. Bem, são tantos diferentes olhos por este mundão sem fim, tantas olhadelas belas ou com ramelas, tantos olhares sem vagares que a veia poética do bom brasileiro estremece e lança-se à nova ótica escrita ou falada. Feliz bancário do Banespa que, por ver mais longe do que eu, contribuiu para enriquecer um pouco mais o nosso olhar de peixe-frito corriqueiro. Viva o olho do poeta

Músicas Sobre os Olhos

I - Morena Bonita



Estribilho

Morena bonita, dos **olhos** castanhos,
Que reside na serra, bem juntinho de Deus. (bis
Tu és a morena do meu sonho
Ando louco de saudade pelos **olhos** teus. (bis

1 - Lá na serra não precisa de luar
É iluminada com a luz do teu **olhar**.
Até a própria lua convenceu
Que não brilha tanto como os **olhos** teus. (bis

2 - Teus **olhos** abusaram do clarão,
Parecem luz que ilumina a imensidão.
Teus **olhos** que iluminam meu caminho
É a maior grandeza deste meu Brasil. (bis

Coletada por José Sant'anna, 1960, Olímpia.
Informante: José Celestrini (Bepinho)

II - Cuitelinho

Uma estrofe da música folclórica recolhida por Paulo Vanzolini, gravada no LP "Cio da Terra", Discos Continental, LP1-71-405-648, 1987, pela dupla Pena Branca e Xavantinho.

A tua saudade corta
Como aço de navaia,
O coração fica afrito
Bate uma, a otra faia

O FOLCLORE DOS OLHOS...

E os **óio** se enche d'água
Que até a **vista** se atrapaia, ai, ai.

II - **Cateretê Paulista**

A 2ª estrofe da moda Azul Cor de Anil (ou Cateretê Paulista), recolhida por Arlindo Santana; gravada no LP "Jóia Musical Sertaneja", Discos Copacabana, 50LP 40-831-A, p. 1978, por Inezita Barroso.

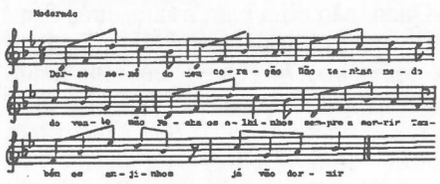
Eu entrei no salão de dentro
A feição mais bonita que eu vi
Foi de uma morena trigueira,
Mas não era família daqui.
Eu cantei uns versinhos pra ela,
Ela fez um arzinho de rir
E me acompanhou até na sala
Com os **olhos** ligeiros que nem lambari.

IV - **Alecrim Dourado**

A 2ª estrofe da conhecidíssima música folclórica **Alecrim Dourado**.

Alecrim, alecrim aos molhos
Por amor de ti, choram os meus **olhos**.
Estribilho.

V - **Cantiga de Ninar**

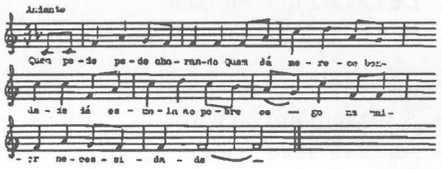


Dorme nenê do meu coração,
Não tenhas medo do vento, não.
Fecha os **olhinhos** sempre a sorrir
Também os anjinhos já vão dormir.

A melodia é de origem norte-americana, folclorizada no Brasil.

VI - **Canto de Cego**

NOTA: De 1950 a 1960, um cego olimpiense estacionava no ponto de ônibus (Rua Coronel Francisco Nogueira), sentado no chão, junto de uma caixa de madeira, local onde pedia esmola e guardava o adjutório. Cantava e tocava um pandeiro envelhecido, durante todo o **dia**: a melodia de pedido e de agradecimento era entremeada com músicas jocosas do nosso folclore, muitas delas alusivas à falta de visão. Cantava assim:



Pedindo

Quem pede, pede chorando,
Quem dá, merece bondade,
Dá esmola ao pobre cego
Na maior necessidade.

Agradecendo

Deus lhe pague, Deus lhe ajude,
Deus lhe dê vida e saúde.
A saúde é caridade,
Caridade é virtude.

Coletado por José Sant'anna, em 1957, Olímpia.

OLHOS NA CULINÁRIA

Embora sejam os olhos os grandes responsáveis pela perfeição e estética de certos pratos da excelente cozinha brasileira, são pouquíssimos os que são feitos com quaisquer olhos ou que a olhos façam menção. O mais antigo, o tradicional, aquele que não pode faltar em qualquer festa de aniversário é o **Olho de Sogra**. Docinho, quase sempre. Desta feita um salgadinho. Até o sogro vai entrar na dança. Há uma jovem senhora nordestina, hoje olimpiense por enlace matrimonial e maternidade, que briga pelos olhos de peixe assado. Se dez peixes houver, vinte olhos serão degustados por ela e, segundo a mãe, um velho costume da sua terra ou melhor, das suas terras, pois o Nordeste é o seu lar. Olhos de peixe assado são acepipes, muito bem recebidos por quem entende do riscado. Como "olhar de peixe frito" ou "olhar de peixe morto" são expressões pejorativas no nosso vocabulário, olhos assados não ficam atrás. Fiquemos com as tradicionais receitas das nossas festinhas, sem esquecer que se comemora o Dia da Sogra a 28 de abril. E viva ela!

I - **Olho-de-sogra**

Ingredientes: 1/2 (meio) Kg de açúcar/ canela em pau/ 1/2 (meio) coco ralado/ 10 (dez) gemas/ ameixas sem o caroço.

Modo de fazer: Levar ao fogo o açúcar com um pouco de água e pedaços de canela. Quando a calda estiver em ponto de fio grosso, tire do fogo e deixe mornar. Misture o coco com as gemas. Junte essa massa à calda e volte ao fogo. Mexa com uma colher de pau até despregar do fundo da panela. Deixe esfriar. Rechear as ameixas, passando-as no açúcar cristal.

Nota: Se preferir, passe as ameixas recheadas numa calda de açúcar e água em ponto de quebrar.

II - **Olhos-de-sogra**

Ingredientes: 1/2 (meio) Kg de ameixas pretas/ 1/2 (meio) Kg de coco ralado/ 1/2 (meio) Kg de açúcar/ 5 (cinco) gemas/ 1/2 (meio) copo de leite/ 1 (uma) colherinha (café) de essência de baunilha.

Preparo: Retirar o caroço das ameixas, com cuidado, para que fiquem inteiras. Se estiverem duras, deixá-las de molho, em água quente, para amolecer. Misturar os ingredientes e levar ao fogo, até o ponto de bala, para rechear as ameixas. Retirar do fogo e deixar esfriar bem; Rechear as ameixas e passá-las no açucar cristal.

III - **Olhos-de-sogra**

Ingredientes: 50 (cinqüenta) ameixas sem o caroço/ 200 (duzentos) gramas de açúcar cristal/ 1 (uma) xícara de água/ 1 (um) coco pequeno ralado/ 4 (quatro) gemas/ 1 (uma) colher (sopa) de manteiga/ 1 (uma) colher (sopa) de farinha de trigo.

Modo de fazer: Fazer uma calda rala com o açúcar e a água. Acrescentar o coco e mexer até ficar quase seco. Retirar do fogo e deixar esfriar. Adicionar as gemas, a manteiga e a farinha de trigo. Voltar ao fogo forte e mexer fortemente até se desprender do fundo da penela. Retirar do fogo, despejar num prato, deixar esfriar e fazer pequenas bolas. Passar no açúcar cristal e encher cada ameixa.

IV - **Olhos-de-sogra**

Ingredientes: 50 (cinqüenta) ameixas sem o caroço/ 1 (um) coco ralado/ 1 (um) prato (sopa) de açúcar/ 1 (um) copo de leite / 6 (seis) gemas/ 1 (um) pires (chá) de queijo ralado.

Modo de fazer: Misturar todos os ingredientes e levar ao fogo numa panela. Mexer bem, com uma colher de pau, até aparecer o fundo da panela.

Fazer pequenas bolas, passar no açúcar cristal, e pô-las em ameixa sem caroço.

V - **Olhos-de-sogra**

(com recheio de amêndoas)

Ingredientes: 50 (cinqüenta) ameixas sem o caroço/ 200 (duzentos) gramas de amêndoas moídas/ 250 (duzentos e cinqüenta) gramas de açúcar em calda/ 6 (seis) claras em neve.

Modo de fazer: Fazer uma calda com o açúcar e pôr as amêndoas e as claras em neve.

Levar ao fogo, mexendo sempre, até aparecer o fundo da panela. Fazer bolas, passar no açúcar refinado e pô-las nas ameixas. Se quiser, pode espelhá-las.

Nota: Para espelhar, fazer uma calda com 1 (um) Kg de açúcar cristal e 1 (uma) clara. Deixar a calda ficar em ponto de quebrar. Logo que chegar a este ponto, retirar a panela do fogo e colocá-la dentro de uma vasilha com água fervente, para não endurecer. Com dois garfos untados com manteiga, pas-

sar as ameixas pela calda, escorrer um pouco e pôr na pedra mármore para esfriar.

VI - **Olhos-de-sogra**
(salgadinho)

Ingredientes: 12 (doze) colheres (sopa) de queijo parmesão ralado/ 8 (oito) colheres (sopa) de gordura talhada/ 10 (dez) colheres (sopa) de leite/ 2 (duas) colheres (sopa) de manteiga/ 2 (duas) colheres (chá) rasas de sal/ farinha de trigo o suficiente/ gemas para pincelar/ 50 (cinqüenta) azeitonas pretas.

Modo de fazer: Misturar todos os ingredientes, sovando bem a massa. Fazer bolinhas alongadas, colocando, em cada uma, uma azeitona preta. Pincelar com gema e assar em forma untada.

VII - **Olhos-de-sogro**

Ingredientes: 2 (duas) xícaras (chá) de açúcar refinado/ 1 (uma) xícara (chá) de água/ 1/2 (meio) coco ralado/ 2 (duas) gemas/ 1 (uma) colher (chá) de manteiga/ 100 (cem) gramas de castanha de caju torrada e moída/ 1/2 (meio) quilo de passas soltas e sem sementes.

Modo de fazer: Fazer uma calda com o açúcar e a água, em ponto grosso. Acrescentar o coco, as gemas, a manteiga e a castanha de caju. Mexer até soltar do fundo da panela. Retirar do fogo, fazer pequenas bolinhas. Passar no açúcar refinado. As uvas-passas devem ficar de molho para amolecerem um pouco. Fazer uma abertura em cada uma, até o meio, com uma tesourinha, para colocar o recheio. Dar o formato de compridinhas.

DE OLHO NOS PROVÉRBIOS

Ao pensar ter esgotado o assunto referente a provérbios, ditos, ditados, anexins, etcétera, etcétera, descobrimos que o mesmo assunto não terá um fim jamais. O povo ama falar através de certas formas de linguagem adotadas por aqueles que, por motivos diversificados pretendem impor determinados valores. Os provérbios, sabemos, prestam-se bem para isso. São quase proféticos. Às vezes até parece-nos ouvir, no silêncio de um solene pronunciamento, a eterna frase: Eu não disse? São regras que tentam transmitir uma lição, de forma amena, menos catedrática que uma aula. É tão bom apreciar uma verdade dura de enfrentar, através de um dito popular. Ela se adoça, fluidifica, fica leve, leve. Não deixaremos, pois, de apresentar aos nossos folcloristas, aos nossos amigos que vivem o folclore nacional, algumas jóias que a sabedoria popular reservou para os **olhos,** para os **olhares,** para a **vista** de alguém. Aqui vão eles:

1 - Abra um **olho** para vender e dois para comprar. /2 - A cavalo dado não se **olha** a idade. /3 - A amigo que não é certo, com um **olho** fechado, com outro aberto./ 4 - A galinha tem os **olhos** onde tem os ovos./ 5 - A gente **olha** e o outro é que vê./ 6 - A mão na dor, o **olho** no amor./ 7 - A mulher é como cobra que amarra sapo com os **olhos.** / 8 - Antes que cases, **olha** o que fazes./ 9 - Ao invejoso emagrece-lhe o rosto e inchalhe o **olho**. / 10 - Besta é coco que tem quatro **olhos** e faz das filhas prostitutas./ 11 - Cabra só tem de gente os **olhos** e o jeito de andar./ 12 - Cachorro, de apressado, nasce com o **olho** fechado. / 13 - Cachorro por se avexar, nasceu com os **olhos** tapados./ 14 - Cada um vê o mal ou o bem conforme os **olhos** que tem. / 15 - Cara velha não tem o que **olhar,** cabeça de bagre não tem o que chupar./ 16 - Cavalo dado não se **olha** a marcha./ 17 - Cavalo dado não se **olha** os dentes./ 18 - Cavalo de **olho** de porco, cachorro calado e homem de fala fina, sempre de relancina./ 19 - Com quem é estrangeiro, **olho** vivo e pé ligeiro./ 20 - Devemos procurar a mulher antes com os ouvidos que com os **olhos./** 21 - Em comprar cavalo e escolher mulher, fecha os **olhos** e encomenda-te a Deus./ 22 - Em terra de cego quem tem um **olho** é rei./ 23 - Estar com o **olho** no tição e o rancho ardendo./ 24 - Estar sempre com o **olho** no prato e outro no mato./ 25 - Falta só arrancar os **olhos** e lamber os buracos (= ladrão)./ 26 - Fazer o bem e não **olhar** a quem./ 27 - Ficar com um **olho** fechado e outro aberto./ 28 - Gado se engorda com o **olho** do dono./ 29 - Galinha de **olho** torto procura o poleiro cedo./ 30 - Galo de sangue no **olho** e na crista não dá com o bico no chão./ 31 - Galo fecha os **olhos** quando canta porque sabe a música de cor./ 32 - Gente baixa só tem **olho** no interesse./ 33 - Lágrimas nos **olhos,** risos no coração./ 34 - Longe dos **olhos**, longe do coração./ 35 - Macaco não **olha** para o seu rabo./ 36 - Macaco, **olha** o teu rabo./ 37 - Macaco, **olha** o teu rabo, deixa o rabo do vizinho./ 38 - Macaco quando anda, nunca **olha** o rabo./ 39 - Macaco só **olha** o rabo dos outros./ 40 - Macaco ri do rabo da cutia e não **olha** o seu./ 41 - Mantenha um **olho** no prato e outro no gato. (concorrência)./ 42 - Mato tem **olhos**, parede tem ouvidos/ 43 - Na topada não se mira o brado da rês, só se **olha** a ponta da vara./ 44 - Não há coisas encobertas senão aos **olhos** da toupeira./ 45 - Não me **olhe** de banda, que eu não sou quitanda./ 46 - Não me **olhe** enfezado que eu não sou casado./ 47 - Não me **olhe** de lado que eu não sou melado./ 48 - Negro só tem de gente os **olhos./** 49 - O desengano da vista é furar os **olhos./** 50 - **Olho** azul em portuguesa é erro da natureza./ 51 - O **olho** do cego está na mão./ 52 - O **olho** do dono enxerga longe./ 53 - O **olho** do dono é que engorda o capado./ 54 - O **olho** do dono engorda o porco./ 55 - O **olho** do dono é que engorda o cavalo./ 56 - **Olho** na missa e sentido no padre./ 57 - **Olho** viu, a **mão** boliu./ 58 - **Olho** viu, a boca piu./ 59 - **Olho** vivo e paciência com os donos da decência./ 60 - Os **olhos** são o espelho da alma./ 61 - Onde a galinha tem ovos lá estão os **olhos./** 62 - Onde estão os pintinhos tem a galinha os **olhos./** 63 - O que os **olhos** não vêem, o coração não sente./ 64 - Para quem olha com bons **olhos,** o corvo é branco, para quem **olha** com maus **olhos**, o corvo é preto./ 65 - Pelos **olhos** se conhece quem tem lombrigas./ 66 - Pernas são canelas, merda para quem **olha** nelas./ 67 - Pimenta no **olho** dos outros é refresco./ 68 - Pimenta nos **olhos** do vizinho é colírio para os meus **olhos./** 69 - Praga de urubu só pega no **olho** do cu. (oculta-se, não se percebe). 70 - Quando a companhia não é certa, uma **vista** fechada e outra aberta./ 71 - Quem muito **olha**, pouco vê./ 72 -Quem não **olha** para frente, atrás fica./ 73 - Quem tem amor proibido, **olho** vivo e pé ligeiro./ 74 - Quem tem **olho** fundo chora mais cedo./ 75 - Quem tem **olho** grande chora cedo. / 76 - Quem tem razão não deve **olhar** para a carne verde./ 77 - Quem tem um **olho** só não brinca na areia./ 78 - Tempo composto à noite e mulher que foi de outro, **olho** nele, **olho** nela./ 79 - Ter mais **olhos** que barriga./ 80 - Ter os **olhos** maiores que a barriga./ 81 - Todo galo de briga acaba cego de um **olho./** 82 - Uns gostam do **olho**, outros da ramela./ 83 - Ver com os **olhos** e lamber com a testa./ 84 - Viúva rica com um **olho** chora e com o outro se explica. (ou: com o outro repica). / 85 - Paciência é bom para a **vista**. 86 - Deus podia ter botado os cegos no mundo, para vigiar os que **enxergam./** 87 - O desengano da **vista** é **ver**. 88 - O pior cego é aquele que não quer **ver./** 89 - O amor é **cego.**

HÁ ALGUNS TROVADOS

90 - Afirma sábio ditado
Que é dos mais inteligentes,
De cavalo que for dado
Não se deve **olhar** os dentes.

91 - A minha porta tem lama,
A tua tem um lameiro,
Antes de falar dos outros,
Olhe pra você primeiro.

92 - Em terra de gente cega

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Quem tem um **olho** é rei,
Por causa deste mal dito,
Muito esperto burla a lei.

93 - Os **olhos** e o coração
Juntos vão constantemente,
O que os **olhos** não vêem,
Nosso coração não sente.

NOTA: Alguns provérbios são encontrados em diversos idiomas, como **"longe dos olhos, longe do coração"**, que veio do latim **"procul ex oculis, procul ex mente"**. Dizeres semelhantes são encontrados em inglês **"out sighte, of mind"**, num sentido mais racional, próprio dos povos de origem anglicana, que preferem utilizar a palavra **mente** em vez de **coração.**

Os latinos, considerados mais sensíveis e românticos, associam o sentimento ao órgão do peito, como em francês: **"Loin des yeux, loin du coeur"**, ou italiano: **"lontano dagli occhi lontano dal cuore"**.

EM DIZERES DE PÁRA-CHOQUES DE CAMINHÃO

- De um **olhar** nasce o amor./ Tu sempre me **olhas** sorrindo./ O beijo começa nos **olhos** e termina na boca./ Se não me quer, não me **olhe**./ Teus **olhos** provam o que teus lábios negam./ Os bons **olhos** que te vejam. / Os lábios anunciam com sorriso quando os **olhos** encontram o que o coração procura./ Eu sabia que você **olhava**./ A luz dos teus **olhos** ilumina o meu caminho./ A luz dos teus **olhos** brilham no meu coração./ Longe dos **olhos**, perto do coração./ **Olhe** na frente (escrito atrás). **Olhe** atrás (escrito na frente). / Horóscopo é como mulher do vizinho, nunca dá certo, mas a tentação é dar uma **olhada**. (YP-9137).

ADIVINHAS

No decorrer dos últimos vinte anos, sob a direção do Prof. Sant'anna, os Anuários do Folclore foram pródigos em apresentar um sem-número de adivinhas. É uma das manifestações mais queridas da criançada das escolas, há sempre uma turminha pronta para responder às perguntas relativas às adivinhações. Mesmo dizendo que é inútil perguntar pois não adivinha nada, a pessoa, automaticamente, tenta solucionar a questão, pensando, "chutando" respostas. As adivinhas são muito do gosto do brasileiro, preenchem um certo vazio cultural que nos é peculiar atualmente.

Nossas adivinhas de agora referem-se a **olhos**, já que é deles que falo, é sobre eles que escrevo. E a palavra **olho** ou seus derivados ou congêneres aparecerão tanto na pergunta quanto na resposta. Ou em ambas, mais raramente. Eis algumas delas:

1 - A cabeça é redonda, não tem **olhos** nem nariz, e o corpo é feito só de dentes.
- Alho.

2 - Duas janelas juntas que se abrem e se fecham sem ninguém tocar nelas.
- Os olhos.

3 - O que é que morre de **olhos** abertos?
- Peixe.

4 - Qual o **olho** que não pisca?
- Olho d'água.

5 - Qual o **olho** que mais chora?
- Olho d'água.

6 - O que é que tem **olhos**, mas não tem pestanas?
- Olhos d'água.

7 - O que é que tem **olho**, mas não vê e só nos dá prazer.
- Olho d'água.

8 - Redondinho, redondão, abre e fecha sem cordão.
- Olho.

9 - Altas torres, lindas janelas, abrem e fecham sem ninguém tocar nelas.
- Olhos.

10 - O que é que segura a sopa no prato?
- Os olhos.

11 - Tem pé e não anda, tem **olho** e não vê, tem junta e não ajoelha, tem cabelo e não penteia.
- Cana-de-açúcar.

12 - Qual a menina que nunca vai à escola?
- A menina dos olhos.

13 - São duas gêmeas que moram perto mas não se conhecem.
- As meninas dos olhos.

14 - Qual o **olho** de um bicho, mas só que não enxerga?
- Olho-de-peixe (calosidade)

15 - Qual o **olho** maior que existe?
- O olho da cobiça.

16 - O que é que você coloca no nariz, mas é bom para os **olhos?**
- Óculos.

17 - Janelinha preta e branca, abre e fecha sem retranca.
- O olho.

18 - Duas caixinhas de bom parecer, abrem-se e se fecham sem ninguém nelas mexer.
- Os olhos.

19 - Qual a primeira coisa que a pessoa faz quando acorda?
- Abre os olhos.

20 - São dois irmãos, mas por causa de uma montanha não se podem ver.
- Os olhos.

21 - Ele queima e ela irrita os **olhos.** Ele morre em terra e ela se desfaz no ar.
- O fogo e a fumaça.

22 - Uma caixinha do bem-querer, abrindo-se e fechando-se sem ranger.
- O olho.

23 - É o maior de todos. Nossos **olhos** não o podem ver inteiro. É forte e violento e tem um nome calmo que inspira paz. Quem é?
- Oceano Pacífico.

24 - Qual o animal que sem a primeira sílaba passa a ser um órgão da visão?
- Piolho (olho).

25 - O que é que não tem rosto, mas tem três **olhos?**
- O coco.

26 - Dois viram, dez tiraram, trinta e dois dividiram e um só comeu.
- Dois olhos viram, dez dedos tiraram, trinta e dois dentes dividiram e uma só boca comeu.

27 - Por que o galo quando canta fecha os **olhos**?
- Porque sabe a música de cor.

28 - Se tem cabeça, não tem **olho**, se tem **olho** não tem cabeça.
- Alfinete e agulha.

29 - Por que **olhamos** por cima do muro?
- Porque nada podemos enxergar através dele.

30 - O que é que eu faço com os **olhos** fechados e você não faz com os olhos abertos?
- Esfregá-los.

31 - O que é: Pêlo com pêlo, pelado no meio?
- Pestanas e olhos.

32 - O que é: Uma bela janela que se

O FOLCLORE DOS OLHOS...

abre e fecha sem que coloque a mão nela?
- **O olho.**

33 - **Olho** para frente para ver o que está atrás?
- **O espelho retrovisor.**

34 - O que todos **vêem,** mas nunca se alcança?
- **O horizonte.**

35 - Seguem cinco burros numa estrada. O da frente **olha** para trás e conta a quantidade de orelhas. Quantas orelhas há?
- **Nenhuma, pois burro não sabe contar.**

36 - O que tem pés mas não anda, **olhos** mas não vê, mão e não trabalha; orelhas e não ouve, e tem boca, mas não fala?
- **Uma estátua.**

37 - O que tem pés, mas não anda; tem **olho,** mas não vê; tem cabelos, mas não penteia?
- **O pé de milho.**

38 - O que é que está de **olho** aberto, mas não enxerga nada?
- **A agulha.**

39 - Por que os gatos **vêem** no escuro?
- **Porque têm olhos de gato.**

40 - O que é que se planta com as mãos e se colhe com os **olhos?**
- **A carta.**

41 - Qual o objeto com o qual se trabalha com o dedo no **olho?**
- **A tesoura.**

42 - O que é que tem **olho** que não enxerga e nó que não se destrói?
- **Cana.**

43 - O que é que tem pés, mas não anda, tem **olhos** mas não enxerga?
- **Cana.**

44 - O que é que voa, mas não tem asas; chora, mas não tem **olhos?**
- **Nuvem.**

45 - O que é que não tem **olhos,** mas pisca; não tem boca, mas comanda?
- **Sinaleiro.**

46 - O que é que tem **olhos,** mas não enxerga; tem orelhas, mas não ouve; tem nariz mas não cheira?
- **Um retrato.**

47 - Quem é que nos guia sem ter **olhos?**
- **Nosso anjo da guarda.**

48 - Porque as batatas são mais espertas que os outros legumes?
- **Porque têm olhos para ver onde andam.**

49 - Quem anda em três pernas e tem quatro **olhos?**
- **Um velho de óculos e bengala.**

50 - O que há entre o **olho** direito e o esquerdo?
- **Um caso de interesses paralelos.**

51 - Quem tem **olhos** maiores que o cérebro?
- **O invejoso.**

52 - Um gato preto e um gato branco; um com pêlos longos e um com pêlos curtos; um com **olhos** verdes e um com cinzentos. Quantos gatos são?
- **Dois gatos.**

53 - Por que é que as pessoas colocam a mão em forma de pala, acima dos **olhos,** quando descortinam o horizonte?
- **Porque se puserem a mão sobre os olhos, não vêem nada.**

54 - Quem enxerga e não tem **olhos,** fala e não tem boca, anda e não tem pés?
- **Carta.**

55 - Diz bem rápido o que é:
Tem pé, mas nunca andou,
Tem **olhos,** mas nunca viu,
Tem barba e nunca cortou.
- **Cana.**

56 - Tem **olhos** e não tem pernas,
Mata gente, não tem mãos;
Bota ovo, não tem pernas,
Tem roupa sem confecção.
- **Cobra.**

57 - Faço-lhe esta pergunta
Peço que não se embarace.
Planta-se de **olho** pra cima,
Mas nunca, nunca ele nasce.
- **Defunto.**

58 - Tem pés, tem mãos e tem **olhos,**
Orelhas, boca também;
Não anda, não vê, não ouve
E nem fala com ninguém.
- **Estátua.**

59 - Menina, minha menina,
Vô fazê o que Deus mandô:
Encostá pêlo com pêlo
Debaxo do cobertô.
- **Menina dos olhos.**

60 - São duas lindas portinhas,
Duas bonitas janelas,
Elas abrem e se fecham
Sem que ninguém toque nelas.
- **Os olhos.**

61 - Duas gaiolas de arame
Sobre um espelho sombrio
Com duas meninas dentro,
Tremendo sempre de frio.
- **Os olhos.**

62 - São duas moças faceiras,
Nunca saem da janela,
Arreparam todo mundo
O mundo não fala delas.
- **Os olhos.**

63 - Duas caixinhas iguais,
Caixas de bom parecer,
Elas se abrem e se fecham
Sem ninguém nelas mexer.
- **Os olhos.**

64 - Juntos vivemos e andamos,
Vestindo trajes iguais,
E sendo amigos, jamais,
Ver um ao outro estimamos
Inda que muito longe vamos
Por solitário caminho,
Nenhum sai do pátrio ninho,
Por úteis ambos nos temos,
Mas o que junto fazemos,
Faz qualquer de nós sozinho.
Quem somos?
- **Os olhos.**

QUADRAS PARA OS OLHOS

Ao longo da estrada da sua vida, o Prof. José Sant'anna foi registrando e guardando, com infinita paciência, quadras anônimas referentes a um sem-número de assuntos. Os **olhos** estavam entre elas. E são muitas, quase trezentas, sem contar as variantes. E ele faz questão de que, contrariando a minha maneira ligeira de expor um assunto, de passagem, todas, todas mesmo sejam registradas. O Sant'anna é colecionador nato de quadrinhas e, como muitos que se interessam pelo folclore brasileiro, ele crê que sejam as mesmas, portadoras de agradáveis e rítmicas mensagens que se perpetuam. São dele estes dizeres:

Os olhos são a luz do corpo. Através deles o homem se orienta e se guia em seus passos como no juízo reto. Se os olhos são maus, os passos são duvidosos e o juízo falho. A maneira de os homens verem e enxergarem as coisas sempre se relaciona com sua moral. Olhos há que vêem o lado mau dos homens e das coisas. São os olhos dos pessimistas. Olhos existem e que vêem sempre a parte sadia dos homens e das coisas. São os olhos dos otimistas.

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Há olhos azuis, castanhos, pretos e verdes; alguns um pouco mais carregados na coloração. Há olhares agressivos, alegres, amorosos, hipócritas, meigos, profundos, sinceros, tímidos, tristes e vivos.

Os namorados classificam-nos lá nos recônditos do coração, algo de belo e puro.

A Literatura Popular, em suas Quadras, enfoca os olhos, os olhares e ainda o verbo olhar (flexionado ou não), como podemos verificar:

1 - Pra que serve **olho** grande
A não ser para chorar?
Olho pequeno, bem feito,
Faz o coração penar.

2 - Quem tem amor escondido
Precisa tomar cuidado,
Não deve confiar nos outros
Nem dormir de **olho** fechado.

3 - **Olhos** pretos, olhos verdes
Olhos azuis traiçoeiros,
Mas os seus olhos castanhos
Foram pra mim feiticeiros.

4 - **Olhos** castanhos são leais
Olhos pretos são queixumes,
Olhos verdes, traiçoeiros;
Olhos azuis são ciúmes.

5 - **Olhos** belos e garridos
Iguais aos teus, nunca vi;
Parecem dois vaga-lumes
A buscar o que perdi.

6 - **Olhos** verdes bem pequenos,
Olhos de estranha emoção;
São dois punhais pequeninos
Que ferem meu coração.

7 - **Olhos** lindos os teus olhos,
Cor da noite sem luar,
Boca linda a tua boca,
Dá vontade de beijar.

8 - Os **olhos** que tem no rosto
Se parecem com ladrões,
Iguais a guardas na estrada,
Roubando os corações.

9 - Os **olhos** desta menina,
Às vezes gravo na areia;
Parecem faróis acesos
Em noite de Lua Cheia!

10 - Os **olhos** desta morena
São dois faróis prateados,
De dia estão acesos
E de noite apagados.

11 - Os **olhos** de todos os velhos
Parecem duas tramelas,
Enrugados, adoentados,
Todos cheios de ramela.

12 - Os **olhos** do meu amor
Parecem botões de prata,
De longe me atingem a vista,
De perto quase me mata.

13 - Os **olhos** azuis são dóceis
Os negros são feiticeiros,
Os verdes, meigos e tristes
Os castanhos, traiçoeiros.

14 - Vendo olhos traiçoeiros
Bate então meu coração,
Não vendo, ele suspira,
Não entendo ele não.

15 - Nos **olhos** azuis não creia
Por serem da cor do céu,
Uma vez o céu é puro;
Outra vez, de negro véu.

16 - Esses **olhos** que eu vi
Eu sempre hei de lembrar,
Pois jamais posso esquecer
O jeito do seu olhar.

17 - Com os **olhos** eu te enxergo,
Com a boca eu te chamo,
Com os lábios eu te beijo,
Com o coração te amo.

18 - Meus **olhos,** meu coração
São dois amigos leais,
O que meu coração sente
Os meus olhos dão sinais.

19 - Meus **olhos** estão cansados,
Porque só vivo a chorar;
Chorando só por alguém
Que tanto me faz penar.

20 - Meus **olhos** viraram preces,
Quando a saudade chegou;
Mas o que valeu chorar,
Se você não mais voltou?

21 - Teus **olhos** olham os meus
E os meus cheinhos de mágoa
São como estrelas brilhantes
Olhando uma poça d'água.

22 - Teus **olhos** são negros, negros
Como as noites sem luar,
São ardentes, são profundos
Como o negrume do mar.

23 - Teus **olhos** são um castelo
Castelo dos meus desejos;
Pois eu quero combatê-los
Numa batalha de beijos.

24 - Teus **olhos** dizem que sim
Tua boca diz que não,
Eu queria ter certeza
O que diz teu coração.

25 - Seus **olhos** estão alegres
Seu coração está triste,
Se não ama esta garota
Então por que não desiste?

26 - Seus **olhos** me dizem tudo
O que está em sua mente:
Seu amor é tanto falso
Como bote de serpente.

27 - Os meus **olhos** mais os teus
Grande culpa eles tiveram:
Os teus, porque me agradaram;
Os meus, porque te quiseram.

28 - Os meus **olhos** são de vidro,
Seus lábios são de mel,
Por você carregaria
Os móveis de um hotel.

29 - Os meus **olhos** mais os teus
São quatro a quererem bem:
Os meus adoram os teus,
Mas os teus não sei a quem.

30 - Os meus **olhos** lagrimados
Não olharam para ti,
Já que perdeste a graça
O olhar também perdi.

31 - Os meus **olhos** vertem lágrimas,
Meu coração arde em chama;
Ai, como é delicioso
O sorriso de quem ama.

32 - Quando meus **olhos** te viram,
Meu coração te adorou,
Na corrente dos teus braços
Minha alma presa ficou.

33 - Os teus **olhos** são castanhos
O meu peito canjirão,
Eu quisera ser o vinho
Pra encher-te o coração.

34 - Os teus **olhos** negros, negros
Foram minha perdição,
Porque tão negros puseram
Luto no meu coração.

35 - Os teus **olhos** são tão pretos,
Os mais lindos que já vi,
Eu seria bem feliz,
Se fosse amado por ti.

36 - Os teus **olhos** belos brilham
Toda hora, todo dia,
Felizes estes teus olhos
Que me matam de alegria.

37 - Os teus **olhos** são faceiros
E sua fala elegante,
Antes eu morrer agora
Que viver de ti distante.

O FOLCLORE DOS OLHOS...

38 - Os teus **olhos** de veludo
Brilham com grande esplendor,
Fitam-me e, traiçoeiramente,
Conquistam o meu amor.

39 - Os teus **olhos** são azuis
Cor do mar quando está manso;
No dia que não te vejo,
Meu coração dá balanço.

40 - Os teus **olhos** para mim
São jóias de bom valor,
Teu sorriso provocante
Conquistou o meu amor.

41 - Os seus **olhos** são estrelas,
Sua boca um jasmim,
Eu quero saber apenas
Se você gosta de mim.

42 - Os seus **olhos** são brilhantes,
São dois raios de luar;
São como dois assassinos
Que me matam devagar.

43 - Os meus **olhos** são tão lindos
Como a noite de luar;
Meu coração é tão puro,
Somente para te amar.

44 - Os seus **olhos** são tão lindos,
Sua cara é de malandro,
O que eu posso fazer
É ficar te paquerando.

45 - Os seus **olhos** são de vidro,
Sua boca de porcelana,
Cada beijo que te dou
Dura quase uma semana.

46 - Os seus belos **olhos** verdes,
Faróis de uma perdição,
Que de tão verdes puseram
Muita fé no coração.

47 - Se meus **olhos** te atrapalham,
Quando estou na sua frente,
Eu prometo arrancá-los
Para te amar cegamente.

48 - Se meus **olhos** declarassem
Tudo, tudo o que sentisse,
Talvez eles te dissessem
Coisas que nunca te disse.

49 - Se os **olhos** fossem alfinetes
Para dar alfinetada,
Tu estarias, meu bem,
Como renda de almofada.

50 - Em teus **olhos** vi uma fé
Que jamais encontraria,
Em teu coração vi amor
Que jamais alcançaria.

51 - Seus dois **olhos** são tão tristes,
É chuva que vai passar,
É por isso que não gosto
De ver triste o seu olhar.

52 - Com os **olhos** eu te vejo,
Com a boca eu te chamo,
Com os lábios eu te beijo,
Com o coração te amo.

53 - Pelos teus **olhos** bonitos
E teu cabelo comprido,
Eu passo por este mundo
Vivendo sem ter vivido.

54 - Loiro dos **olhos** tão lindos,
Por ti estou fascinada,
Tu só me olhas contente
E eu te olho apaixonada.

55 - Gosto dos **olhos** castanhos,
Cor de canela ralada;
Quem não ama a cor morena,
Morre cego, não vê nada.

56 - Loirinha dos **olhos** azuis,
De cabelo ondeado,
Meu amor é só por ti,
Que às vezes sonho acordado.

57 - Morena dos **olhos** pretos,
Dentadura de marfim,
Estes olhos tão bonitos
Judiam muito de mim.

58 - Menino de **olhos** lindos,
Lindos como uma flor,
Daria tudo na vida
Para ser seu novo amor.

59 - Menino de **olhos** pretos
Que estuda pra valer;
Não é estudo, não é nada,
Venho aqui só pra te ver.

60 - Menino dos **olhos** pretos
Que tem o rosto corado,
É o meu maior prazer
Ter você sempre a meu lado.

61 - Menino dos **olhos** pretos,
Do coração pequenino,
Tenho seu nome gravado
Num lado do meu destino.

62 - Menino dos **olhos** verdes,
Da camisa de veludo,
Se você não tem dinheiro
O seu amor vale tudo.

63 - Menino dos **olhos** verdes,
Camisa cor de capim,
Deus ajude a sua mãe
Que criou você pra mim.

64 - Menino dos **olhos** verdes,
De sobrancelha escura,
Só deixarei de você
Debaixo da sepultura.

65 - Menina dos **olhos** tão lindos
Que alegram meu coração,
Se não olhares pra mim
Seus olhos caem no chão.

66 - Menina de **olhos** bonitos,
Seus dentes são de marfim,
Seu desprezo é para os outros,
Seus carinhos para mim.

67 - Menina de **olhos** pretos,
Pretos que até relampeiam,
Será que estes meus olhos
O brilho dos teus brandeiam?

68 - Menina dos **olhos** verdes
Bem verdes da cor do mar,
Quando penso nos teus olhos
Dá vontade de chorar.

69 - Menina dos **olhos** grandes
Com o vestido godê,
Queira Deus que um dia possa
Ser amado por você.

70 - Menina dos **olhos** grandes
Não olhe pra mim chorando,
Que os teus olhos são a causa
De eu andar assim chorando.

71 - Menina dos **olhos** grandes,
Olhos de jabuticaba,
Nos galhos destes teus olhos,
Construí minha morada.

72 - Menina dos **olhos** pretos
Não me olhe atravessado,
Porque estes teus dois olhos
Me deixam apaixonado.

73 - Menina dos **olhos** pretos
Do coração pequenino,
No cacho dos seus cabelos
Eu amarrei meu destino.

74 - Menina dos **olhos** pretos,
Sobrancelha de retrós,
Entra logo lá pra dentro
Vai buscar café pra nós.

75 - Menina dos **olhos** pretos,
De olhos enfeitiçados,
Por esses teus lindos olhos,
Morro triste a apaixonado.

76 - Menina dos **olhos** pretos,
De sombrancelhas fechadas;
Quem te mandou ser bonita
Para ser tão procurada?

77 - Menina dos **olhos** pretos,
Sobrancelhas de veludo,
Tu pensas que não te quero

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Por eu ser tão carrancudo?

78 - Menina dos **olhos** pretos,
Olhos pretos matador;
Não me mate de feitiço,
Aqui não tem curador.

79 - Menina dos óio preto,
Sobranceia de anil,
Se eu num casá cum você,
Faço guerra no Brasil.

80 - Menina dos óio preto,
Dos cabelos cacheado,
Passo a mão numa tesora
E corto já este marvado.

81 - Menina dos **olhos** pretos
Que ainda ontem reparei,
Com um jeito no corpinho
Só por morte a deixarei.

82 - Menina dos **olhos** pretos,
Da cor de jabuticaba,
Não sei se você se lembra
De quando nós namorava.

83 - Se os meus **olhos** falassem
Eles diriam assim:
Não olhe outros amantes,
Mas olhe só para mim.

84 - Pelos teus **olhos** brilhantes
Que brilham como o luar,
Eu vivo desesperado
Em busca deste olhar.

85 - Amo os teus **olhos** verdes
Por eles tenho paixão,
Pois foi aos teus olhos verdes
Que entreguei meu coração.

86 - Amo os teus **olhos** de fada,
Amo tua vida de santa;
Amo-te muito, mais nada,
Amo tua boca que canta.

87 - Dizem que os **olhos** são mudos
Mas os seus sabem falar;
Todas as bocas se calam
Quando fala o seu olhar.

88 - Não creia nos **olhos** pretos,
Cor da noite sem luar,
Olhos pretos são queixumes
Só servem para chorar.

89 - Não creia nos **olhos** verdes
Por serem da cor do mar,
Por estarem como as ondas
A todo instante a mudar.

90 - Moça dos **olhos** brilhantes,
De tão bela dentadura,
Com o rosto muito lindo
E as pernas de saracura.

91 - Morena dos **olhos** verdes,
Do cabelo ondulado,
Desde o dia que te vi
Fiquei triste e apaixonado.

92 - O amor entra nos **olhos**
Vai ao peito direitinho,
Amor embebeda a gente
Tal qual a cachaça e o vinho.

93 - Não entendo os meus **olhos**
E não sei por que razão
Meu coração sempre escolhe:
Quer amor, mas ódio não.

94 - A lágrima nasce nos **olhos,**
O amor no coração,
A saudade de nós dois
É de uma grande paixão.

95 - Tenho ensinado a meus **olhos**
Dos segredos a lição,
Pois eu direi em segredo
A dor do meu coração.

96 - Olhando os teus belos **olhos,**
Inventei uma canção,
Gostaria de saber
De quem é teu coração.

97 - O amor nasce nos **olhos,**
Habita no coração,
Cresce na esperança,
Morre na ingratidão.

98 - Quando olho nos teus **olhos,**
Sinto minh'alma mudar,
Fico alegre, muito alegre,
Com desejo de te amar.

99 - Quando vejo os teus **olhos,**
Quando vejo teu sorriso,
Vejo como é tão fácil,
Alguém perder o juízo.

100 - Como a luz dos seus **olhos**
Refletem em meu coração,
Se eu viver sem você,
Eu morrerei de paixão.

101 - Menino, estes teus **olhos**
São navios naufragantes:
De dia eles são de prata;
E de noite, diamantes.

102 - Menina, esses teus **olhos**
São bonitos, benza Deus;
Ninguém lhe bote quebranto,
Porque eles serão meus.

103 - Menina, estes teus **olhos,**
Diga a mim se quer vender;
Quero fazer uma jóia
Para em meu bolso trazer.

104 - São formosos os seus **olhos**
Como um verde limão,
São os teus olhos tão verdes
Que me matam de paixão.

105 - Não sei o que tem meus **olhos**
Quando olham para ti,
Acham nos teus um jeitinho
Que nos outros nunca vi.

106 - Pegue os seus belos **olhos**
Bote em um poço profundo
Olhos que vêem e não logram
Não podem viver no mundo.

107 - Por que lágrimas nos **olhos**
Se você me prometeu
Que um dia seu coração
Seria somente meu?

108 - A alegria dos seus **olhos**
O meu coração conhece;
Menina, tem dó de mim,
Tenha dó de quem padece.

109 - São azuis aqueles **olhos,**
Olhos errados aqueles,
Deviam viver de luto
Pelos que morrem por eles.

110 - O céu te deu os dois **olhos**
Olhos de tanto fulgor,
O mundo te deu riqueza
E eu só te dei amor.

111 - Tenho-te dentro dos **olhos**
Do momento em que te vi;
Por isso, em tudo que vejo,
Vejo um pouquinho de ti.

112 - Menina, minha menina,
Olhos de pedras redondas,
Daquelas pedras mais finas
Onde o mar combate as ondas.

113 - A lua brilha em seu rosto,
Seus **olhos** meu coração;
Se não viver com você,
Eu morrerei de paixão.

114 - Não só os lábios beijam,
Os **olhos** beijam também
Os lábios dizem: te amo,
Os olhos: te quero bem.

115 - Um lenço branco abanando
Meus **olhos** nos olhos teus,
Ao longe um rádio tocando
A triste valsa do adeus.

116 - Tua boca é uma rosa,
Teus **olhos** tão belo botão;
Teus cabelos a corrente
Que prendeu meu coração.

117 - Eu não sei a cor que tem
Os lindos **olhos** que vi,

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Só sei que eles são belos
Por eles quase morri.

118 - Você, menina tão linda,
Com estes **olhos** de prata
Tanto gosto de você,
Você que quase me mata.

119 - Eu vejo uma moreninha
Com seus **olhos** requebrados,
Vejo outra muito idosa
Com seus cabelos pintados.

120 - O café de novo é verde,
A cor dos teus **olhos** tem,
Quando maduro é vermelho,
Cor da tua boca, meu bem.

121 - Queria ser uma lente
E presa em seus **olhos** ficar,
Servindo sempre de cerca
Pra você não me enganar.

122 - Joguei o cravo na água,
De pesado foi ao fundo,
Os **olhos** do meu amor
São os mais lindos do mundo.

123 - Você moreno bonito,
Quando olha não me vê,
Meus **olhos** vivem aflitos
Só por causa de você.

124 - As aves buscam o céu,
Os rios buscam o mar,
Meus **olhos** cheios de amor,
Buscam sempre o seu olhar.

125 - Estava sentado na praia,
Quando o navio apitou;
Meus **olhos** encheram d'água
Quando meu bem embarcou.

126 - O vento bateu na fita,
A fita caiu no chão;
Teus **olhos** também caíram
Direto em meu coração.

127 - O teu rosto é tão perfeito,
Perfeito e enfeitiçado;
Teus **olhos** são dois faróis,
Me deixam embaraçados.

128 - O limão é fruta azeda
Basta o nome de limão,
Pelos **olhos** se conhece
Quem ama de coração.

129 - Adeus, cabelinhos pretos;
Adeus, boca de rubim;
Adeus, **olhos** matadores;
Adeus, cheiro de alecrim.

130 - Fui infeliz no amor,
Num sorriso, te abrandei,
Os olhos se orvalharam
E, sorrindo, eu chorei.

131 - Corre, corre, cobra verde,
No campo desaparece,
Os meus **olhos** também correm
No rosto de quem merece.

132 - Quando nós nos encontramos
O mundo pensa em parar,
Os seus **olhos** e os meus
Misturam num só olhar.

133 - Se às vezes nossos lábios
Não se conseguem beijar,
Então os **olhos** se beijam
Na troca de um meigo olhar.

134 - Foi na prata que nasci,
No ouro me batizei,
Nos teus **olhos** fui perdido,
Nos teus braços me achei.

135 - Todo verso que eu sabia
Veio o vento e carregou,
Só os **olhos** do meu bem
Na memória me ficou.

136 - Aqui nas terras de Olímpia,
Não precisa mais chover,
Só os **olhos** do meu bem
Fazem tudo enverdecer.

137 - Quando os lábios não se beijam
Na horinha da partida,
Então são os **olhos** que trocam
O beijo da despedida.

138 - Quando eu morrer me enterre
Na cova de seu jardim,
Deixe os meus **olhos** de fora
Que eu quero ver o seu fim.

139 - O moço pra ser bonito
Não precisa se enfeitar,
Basta ter os **olhos** verdes
Pra poder me conquistar.

140 - Quando de ti me apartei
No riacho da alegria,
Tanto os meus **olhos** choravam
Quanto o riacho corria.

141 - Borboleta, borboleta,
Não me faça atormentar
Eu já tenho os **olhos** rasos
Que é de tanto eu chorar.

142 - Sete e sete são catorze,
Cada junta tem dois bois,
Quem me dera uns **olhos** negros
Como são aqueles dois.

143 - Os campos verdes se alegram
Quando vêem o sol nascer;
Assim se alegram meus **olhos,**
Quando chego a te ver.

144 - No jardim de minha casa
Há muita flor pra brotar,
Assim também são teus **olhos**
Quando põem-me a namorar.

145 - O coqueiro lá de casa
Tem a folha verde-escura;
Moreninha, esses teus **olhos**
São a minha sepultura.

146 - Fui na fonte beber água
Debaixo da flor de murta,
Fui só pra ver os teus **olhos**
Que a sede não era muita.

147 - Rosto que vi de relance
Doce e celeste ilusão;
Passaste pelo meus **olhos**
Ficaste em meu coração.

148 - Só ao ver-te, apaixonei-me,
Não ponhas culpa em mim;
Culpado é quem me deu **olhos**
E quem te fez lindo assim.

149 - Há no céu uma estrela
Que acompanha sempre a lua;
Assim são os meus dois **olhos**
Seguindo a imagem sua.

150 - Sei ler e sei escrever,
Sei somar e dividir,
Só o segredo dos teus **olhos**
Não consigo repartir.

151 - Se fores domingo à missa
Põe-te em parte que eu te veja,
Não faça andar meus **olhos**
Em leilão pela igreja.

152 - O fogo nasce da pedra,
A pedra nasce do chão,
O amor nasce dos **olhos**
E cresce no coração.

153 - Minha viola de pinho
Tem boca para falar,
Se ela tivesse os **olhos**
Me ajudaria a chorar.

154 - Vocês desejam saber
O que sinto na verdade,
Procure ver nos meus **olhos:**
É a palavra saudade.

155 - Vem, amor, dizer baixinho,
Podes crer com devoção;
Crer olhando nos seus **olhos,**
Que é só seu coração.

156 - Se o sol se tornasse preto,
Nunca mais o céu se via;
Valem mais que o sol teus **olhos**
Que são preto e alumia.

157 - Ó minha linda menina,

O FOLCLORE DOS OLHOS...

O que tenho te darei;
Te darei os meus dois **olhos,**
Cego por ti andarei.

158 - No céu há duas estrelas
Que brilham com esplendor,
Nesta casa há dois **olhos**
Que me matam de amor.

159 - No fundo do meu quintal
Corre água sem cessar:
São as águas dos meus **olhos**
Que choram por te amar.

160 - Amar é saber amar,
Amar é saber a quem,
Amar os seus lindos **olhos**
E não amar mais ninguém.

161 - Quando estamos namorando,
Ouvindo o rádio no carro,
É na luz dos teus dois **olhos**
Que eu acendo o meu cigarro.

162 - Na porta da minha casa
Corre água sem chover,
São lágrimas dos meus **olhos**
Que correm por não te ver.

163 - Meu amor é pequenino,
Do tamanho de um botão;
De dia trago nos **olhos,**
De noite, no coração.

164 - Eu olhei para o infinito
E comecei a admirar;
Eu olhei para os teus **olhos**
E comecei a te amar.

165 - Eu já fiz um juramento
Com as mãos sobre um livro:
Não hei de amar outros **olhos**
Enquanto os seus forem vivos.

166 - Querendo saber, querida,
O que tem meu coração,
Olhe bem para os meus **olhos**
E eles mesmos te dirão.

167 - O arco-íris só brilha
Depois que passa a chuva,
É quando brilham os **olhos**
De qualquer mulher viúva.

168 - Mandei fazer um barquinho
Todo cercado de rosas,
Para esconder o meu bem
Dos **olhos** das invejosas.

169 - Vai cartinha abençoada
No bico do beija-flor,
Vai levar o meu recado
Aos **olhos** do meu amor.

170 - Neste longo mar da vida
A gente perde a esperança,
Mas encontra o alívio
Nos **olhos** de uma criança.

171 - Lá vai a lua saindo
Ó que lume que ela tem:
Não é lua, não é nada,
São os **olhos** do meu bem.

172 - És uma morena linda
Das mais lindas que já vi;
Por seus encantos tão raros,
Meus **olhos** choram por ti.

173 - Todos amam e esquecem,
Amei e não esqueci;
Pois onde quer que eu esteja,
Meus **olhos** buscam por ti.

174 - Dizem que as balas ferem,
Balas não ferem ninguém;
As balas que mais me ferem
São os **olhos** do meu bem.

175 - Menino de calça preta,
Sobrancelha de veludo,
Você diz que não me ama,
Mas teus **olhos** valem tudo.

176 - Eu joguei um copo d'água
Dentro de um rio corrente,
De que vale um amor firme
Longe dos **olhos** da gente.

177 - **Olhos** negros matadores
Que revelam alegria,
Um beijo da tua boca
Me sustenta todo o dia.

Variante:
Olhos pretos matadores,
Casa cheia de alegria,
O beijo de tua boca
Me sustenta todo o dia.

178 - Os **olhos** se vestem de lágrimas
Os passarinhos reclamam,
Por não viverem juntinhos
Dois corações que se amam.

Variante:
Os meus **olhos** vertem lágrimas,
Elas rolam e reclamam,
Por não poder se juntarem
Dois corações que se amam.

179 - Os teus **olhos** têm meninas,
Teus olhos meninas têm.
As meninas dos teus olhos
É que as minhas querem bem.

Variante:
Os meus **olhos** têm meninas,
Essas meninas têm olhos
Os olhos dessas meninas
São meninas dos meus olhos.

180 - Os teus **olhos** são lanternas,
Tua boca uma buzina,
Tua barriga mais parece
Um tambor de gasolina.

Variante:
Seus **olhos** são dois faróis,
Sua boca uma buzina,
Sua barriga é tão grande
Cabe muita gasolina.

181 - Os seus **olhos** são tão verdes,
Seu corpo tão elegante;
Seus olhos são para mim
Duas pedras de brilhante.

Variante:
Os teus **olhos** são tão verdes,
Teu corpo é muito elegante;
Teus olhos são para mim
Como pedras de brilhante.

182 - Teus olhos são duas pétalas,
Tua boca, um jasmim;
Diga-me sinceramente,
Se gostas ou não de mim.

Variante:
Seus olhos são duas pétalas,
Sua boca é de jasmim;
Eu quero apenas saber,
Se você gosta de mim.

183 - Os meus **olhos** e os teus
Os dois amam a alguém;
Os meus amam os teus,
Os teus não sei a quem.

Variante:
Os meus **olhos** mais os seus
Foram quatro a querer bem;
Os meus adoram os seus
E os seus não sei a quem.

184 - Quando meus **olhos** te viram
Meu coração te adorou,
Na corrente dos teus braços
Minh'alma presa ficou.

Variante:
Desde o dia em que te vi
Meu coração se alegrou,
Na corrente de teus **olhos**
Minha alma presa ficou.

185 - Menino de **olhos** pretos,
Olhos pretos, matador,
Se eu morrer esta noite
Foi seus olhos causador.

Variante:
Menino dos **olhos** castanhos
Castanhos e matador,
Se algum dia eu morrer
São seus olhos causador.

186 - Menina dos **olhos** grandes
Não olhe pra mim chorando
Que os teus olhos são a causa

O FOLCLORE DOS OLHOS...

De eu andar assim chorando.

Variante:
Menina de **olhos** grandes
Não olhes pra mim chorando
Por causa desses teus olhos
Ando no mundo penando.

187 - Menina dos **olhos** grandes,
Olhos grandes como o mar,
Não me olhes com teus olhos
Para eu não me afogar.

Variante:
Menina dos **olhos** grandes,
Dos olhos da cor do mar,
Não me olhe co'estes olhos
Que não me quero afogar.

188 - Gosto tanto dos seus olhos
A olharem para os meus
Que cheguei a confundi-los,
Já não sei quais são os seus.

Variante:
Costumei tanto os meus **olhos**
A contemplarem os teus
E de tanto confundi-los,
Já não sei quais são os meus.

189 - Cabelo preto, anelado,
Olhos azul, delicado,
Quem não ama a cor morena,
Morre triste, isolado.

Variante:
Cabelo preto, anelado;
Olhos azuis, cor do mar,
Quem não ama a cor morena,
Morre triste e vai penar.

190 - Menino, tu és bacana,
Os teus **olhos** infernais,
Mas o seu convencimento
Acaba com teu cartaz.

Variante:
Menina, você é linda,
Os seus **olhos** inda mais,
Mas o seu convencimento
Acaba com seu cartaz.

191 - Permita-me ora dizer-lhe
Que os seus **olhos** traidores
Fizeram nascer em mim
O mais puro dos amores.

Variante:
Permita-me lhe dizer
Que seus **olhos** matadores
Me fizeram despertar
O mais puro dos amores.

192 - Da terra brota a semente,
Da semente nasce a flor;
Dos **olhos,** o pranto ardente,
Do coração nasce o amor.

Variante:
Da terra nasce a semente,
Da semente nasce a flor;
Dos **olhos** pranto profundo,
Do coração nasce o amor.

193 - Se a uva não fosse azeda,
O vinho não azedava;
Se meus **olhos** não te vissem,
Meu coração não te amava.

Variante:
Se a uva não fosse verde,
O vinho não amargava;
Se meus **olhos** não te vissem,
Meu coração não te amava.

194 - Namorados são da vida
As mágoas do coração.
Os meus **olhos** já são teus
E os teus de quem serão?

Variante:
Os abrolhos são da vida
As mágoas do coração
Meus **olhos** são dos teus olhos,
Teus olhos de quem serão?

195 - O correio que te escrevo
Tirei da palma da mão,
A tinta tirei dos **olhos**
A pena do coração.

Variante:
O bilhete que eu mandei
Tirei da palma da mão,
Com a tinta dos meus **olhos**
E a pena do coração.

196 - Da boca tiro o tinteiro;
Da língua, a pena dourada,
Dos dentes, letra miúda;
Dos **olhos,** carta fechada.

Variante:
Da boca faço tinteiro;
Da língua, pena molhada,
Dos dentes, letra miúda;
Dos **olhos,** carta lacrada.

197 - Lá em cima daquele morro
Pinga ouro e pinga prata,
Na cidade de Olímpia
Tem dois **olhos** que me mata.

Variante:
No alto daquele morro
Chove ouro, chove prata,
Mas na cidade de Olímpia
Tem dois **olhos** que me mata.

198 - Eu, pecador, me confesso
Que se amar fosse pecado,
Foi o maior dos meus erros
Em teus **olhos** ter olhado.

Variante:
Eu , pecador, me confesso
Que se o amor for pecado,
Eu pediria o perdão
Por ter teus **olhos** olhado.

199 - Meu cajueiro, abaixe
Para o lado dos pauis,
Dê caju a meu benzinho
Que tem os **olhos** azuis.

Variante:
Abaixa, meu cajueiro,
Eu quero apanhar caju
Pra fazer doce de calda
P'ro meu bem de **olho** azul.

200 - Os teus **olhos** cor de luto
Que brilham com tanto ardor
São os meus livros de estudos
Na faculdade do amor.

Variantes:
Seus **olhos** cor de veludo,
Seu sorriso encantador
São os meus livros de estudos
Na faculdade do amor.

Menino dos **olhos** tristes,
Do riso provocador,
És o meu livro de estudo
Na faculdade do amor.

201 - Menino dos **olhos** preto,
Olhos preto matadô,
Vô dá parte na polícia
Que os teus olhos me matô.

Variantes:
Menino dos **olhos** pretos,
Olhos preto matadô,
Se eu morrê por esta noite
Foi teus olhos que matô.

Menino dos **óio** preto,
Zóio preto matadô,
Vô falá pr'o delegado
Que teus óio me matô.

202 - Se eu governasse teus **olhos**
Haveria de ser assim:
Fechados a todo mundo,
Abertos só para mim.

Variantes:
Se governasse seus **olhos**
Teria que ser assim:
Pra todo mundo, fechados;
Só abertos para mim.

Queria que os seus **olhos**
Fossem somente assim:
Fechados a todo mundo,
Abertos somente a mim.

203 - Gosto muito de seus **olhos**
Mas eu prefiro os meus,
Pois se não fossem meus olhos,
Eu não veria os teus.

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Variantes:
Gosto tanto dos teus **olhos,**
Mas eu gosto mais dos meus,
Porque sem estes meus olhos,
Não podia ver os teus.

Gosto, gosto dos seus **olhos**
E mais ainda dos meus,
Se não tivesse meus olhos
Não enxergaria os seus.

204 - Assim como a grande lua
Ilumina a escuridão,
Saiba que seus lindos **olhos,**
Iluminam meu coração.

Variantes:
Assim como a clara lua
Clareia a escuridão,
Seus lindos **olhos,** menino,
Clareiam meu coração.

Assim como a Lua Cheia
Domina a escuridão,
Teus belos **olhos,** menino,
Dominam meu coração.

205 - Os **olhos** azuis são dóceis,
O negros são feiticeiros,
Os verdes meigos e tristes
E os castanhos traiçoeiros.

Variantes:
Os **olhos** pretos são falsos;
Olhos azuis, feiticeiros;
Olhos verdes inconstantes;
Os castanhos, verdadeiros.

Olhos azuis são doces
E os verdes traiçoeiros;
Os negros, meigos e tristes
Os castanhos, verdadeiros.

Olhos castanhos são doces,
Os azuis são traiçoeiros;
Os verdes tristes e meigos,
Os negros são verdadeiros.

206 - Amei e fui infeliz
Jurei nunca mais amar;
Mas pelo seus lindos **olhos,**
Fiz minha jura quebrar.

Variantes:
Uma vez fiz uma jura
Para nunca mais amar,
Mas seu **olhar** atraente
Fez esta jura quebrar.

Amar foi minha ruína,
Jurei nunca mais amar;
Porém, a luz dos teus **olhos**
Fez minha jura quebrar.

Amei e não fui feliz,
Não quis nunca mais amar;
Porém, seus **olhos** fizeram
Meu juramento quebrar.

207 - Teus belos **olhos** são pretos,
Sobrancelhas de veludo,
Sei que os seus pais são pobres,
Mas teu amor vale tudo.

Variantes:
Menina de **olhos** pretos,
Sobrancelhas de veludo,
O seu pai não tem dinheiro,
Mas posso lhe dar de tudo.

Menina de **olhos** castanhos,
Sobrancelhas de veludo,
O seu pai é sem dinheiro,
Mas só você vale tudo.

Menina dos **olhos** verdes,
Sobrancelhas de veludo,
Só porque você é simples
O seu amor vale tudo.

Morena de **olhos** azuis,
Sobrancelhas de veludo,
Se você não tem dinheiro
Só seus olhos valem tudo.

208 - Quisera ser uma lágrima
Para em seus **olhos** nascer,
Correr pela sua face
E em seus lábios morrer.

Variantes:
Eu quisera ser a lágrima
Para em seus **olhos** nascer,
Para em sua face rolar
E em sua boca morrer.

Queria ser uma lágrima
Para em teus **olhos** rolar,
Descer pelo teu rostinho
E nos seus lábios pousar.

Se eu fosse uma lágrima
Em teus **olhos** nasceria,
Cairia em tuas faces,
Na tua boca morreria.

Gostaria de ser lágrima
Para em teus **olhos** nascer,
Para rolar em tua face
E em teus lábios morrer.

Um dia eu serei lágrima
Dos seus **olhos** vou pingar,
Rolar pela sua face
E em sua boca ficar.

209 - Se vires a tarde linda
E prestes para chover,
São os meus **olhos** que choram
Apenas para te ver.

Variantes:
Na rua onde eu moro,
Corre água sem chover:
São os prantos dos meus **olhos**
Que choram por não te ver.

Quando o céu estiver frio
Com vontade de chover,
Lembre-se que são meus **olhos**
Que choram por não te ver.

Debaixo da minha janela,
Corre água sem chover:
Eu acho que são meus **olhos,**
Que choram por não te ver.

Se vires a tarde triste
Com ar de querer chover,
Lembre que são os meus **olhos**
Que choram por não te ver.

Na porta de minha casa
Chove chuva sem chover;
Não sei se são os meus **olhos**
Chorando por não te ver.

No quarto onde eu durmo
Mina água sem chover,
São lágrimas dos meus **olhos**
Que choram por não te ver.

210 - Teus **olhinhos** são castanhos,
Teus lábios cor de carmim,
Todos te chamam de feio,
Mas és lindo para mim.

211 - Os teus **olhinhos** tão pretos,
O teu andar fascineiro,
Me maltratam e castigam,
Pois sinto num cativeiro.

212 - Se eu pudesse eu tiraria
Os **olhinhos** do meu bem,
Pois assim só ficariam
Para mim e mais ninguém.

213 - Cai uma chuva mansinha
Para o seu amante mar,
Para mim são seus **olhinhos**
Quando se põem a chorar.

214 - Por todo lado que ando
Eu carrego um canivete
Para furar os **olhinhos**
De quem não cumpre e promete.

215 - O que me ficou na mente
E brilha nos meus caminhos
É o brilho muito forte
Dos seus queridos **olhinhos.**

216 - Menina, amarre os cabelos,
Bota um lenço no pescoço
Pra livrar dalgum quebranto,
Mau-**olhado** dalgum moço.

217 - Um **olhar** puro e sereno
Não pode ser esquecido,

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Digo isso e sustento,
Por ele tenho sofrido.

218 - Com um **olhar** te encontrei,
Com um sorriso te amei,
Com lágrimas te deixei
Mas nunca te esquecerei.

219 - Seu **olhar** é de sincero
Sua cara é de malandro,
O que eu posso fazer
É continuar te amando.

220 - O teu **olhar** é tão meigo
O teu andar me fascina,
O teu falar é tão raro
Que meu coração arruína.

221 - Houve um primeiro **olhar,**
Depois a grande amizade;
Se um dia houver adeus,
Por certo haverá saudade.

222 - Neste teu lindo **olhar**
Sinto brilhar um desejo,
Parece uma flor se abrindo
À espera de um beijo.

223 - Do amor nasce o **olhar,**
Do olhar, uma paixão,
Do sorriso, uma saudade
Que não sai do coração.

224 - Não gosto de seu **olhar**
Por ser muito rancoroso,
Pelo modo de me ver,
Me deixa muito nervoso.

225 - Pode ser que meu **olhar,**
Passe, às vezes, por alguém;
Mas eu te juro, querida,
Só você eu quero bem.

226 - Um dia nos encontramos
Um longo **olhar** trocamos,
Depois um simples sorriso,
Agora já nos amamos.

227 - Por que assim me desprezas
Com este **olhar** tão morteiro:
Se amas outro no mundo,
Deixa eu morrer primeiro.

228 - O amor de uma mulher
Vem do **olhar**, cresce no beijo,
Sofre com uma saudade
E morre cheirando a queijo.

229 - Tenho-te em meu pensamento,
Tenho-te em meu **olhar,**
Minha única esperança
É dizer: quero te amar.

230 - Admiro o seu sorriso
E também o seu **olhar,**
Quero que tu me respondas
Se queres me namorar.

231 - Eu sei que você me ama,
Pois eu li no seu **olhar,**
Mas por causa do ciúme
Você vai é me deixar.

232 - Menina, moça bonita,
De dentinho cor de prata,
O teu **olhar** é tão puro,
Tão puro que me maltrata.

233 - Ao ver o azul do céu
Me traz a recordação
De um **olhar** puro e meigo
Que roubou meu coração.

234 - Na roseira nasce o espinho,
Mas nasce também a flor;
Deste teu **olhar** tão lindo,
Pode nascer nosso amor.

235 - Ó tu que talvez me ame,
Como desvendar segredo?
Noto bem o teu **olhar**
Fugindo do meu por medo.

236 - Duas coisas neste mundo
Eu desejo possuir:
Esse seu lindo **olhar**
E seu jeito de sorrir.

237 - Quem quiser pegar rapaz
Arme um laço no banheiro,
Ontem mesmo eu peguei um
Com um **olhar** lisonjeiro.

238 - Quando o sol lá vem surgindo
Parece carro de prata,
Sua palavra consola,
Seu **olhar** é que me mata.

239 - Meu amor é tão bonito,
Bonito e inteligente,
Tem uma boca tão linda
E um **olhar** que mata a gente.

240 - O amor nasce sozinho,
Não é preciso plantar;
A paixão nasce no peito,
A falsidade no **olhar.**

241 - Tua pele é tão fina,
Tão fácil de se queimar,
Que até receio magoá-la
Com a luz do meu olhar.

242 - Aquele que diz: eu te amo
Não sabendo o amor calar;
Jamais amou, pois quem ama,
Devora tudo no **olhar.**

243 - Eu sempre fui infeliz,
Passei a vida a chorar,
Mas sou feliz desde o dia
Em que olhei o seu **olhar.**

244 - Queria ser marinheiro
Para poder navegar,
Na barca da tua boca,
Nas ondas do teu **olhar.**

245 - Gostaria de ser cego
Para nunca enxergar
A falsidade que tens,
Retratada em teu **olhar.**

246 - Onda escura em noite clara
Tudo fez pra clarear,
Eu sou também como as ondas:
Minha luz é teu **olhar.**

247 - Menina, minha menina,
Menina do meu **olhar;**
As meninas dos teus olhos
Já querem me namorar.

Variante:
Quando olho nos teus **olhos**
Eu olho só por olhar,
Que a menina dos teus olhos
Estão a me namorar.

248 - O seu **olhar** me maltrata
Esse olhar feiticeiro,
Por ele eu vivo preso,
Vivendo num cativeiro.

Variantes:
Por tua alma querida,
Por seu **olhar** traiçoeiro,
Minha alma vive ajoelhada
Num eterno cativeiro.

Por tua boca, amada,
Por teu **olhar** feiticeiro,
Minha alma está ajoelhada
Num estranho cativeiro.

249 - **Olho** no mar, vejo água,
Mas não vejo mais ninguém,
Me vejo perto da morte,
Longe de quem me quer bem.

250 - Eu te **olho** com ardor,
Eu te amo com carinho,
Mas nunca eu te darei
Uma rosa com espinho.

251 - Vejo flores bem bonitas
Quando **olho** para ti
Por ver coberto de flores
O lábio que me sorri.

252 - Lá de atrás daquele morro
Tem um pé de manacá,
Eu **olho** pr'o meu amor
Com vontade de chorá.

253 - O sol nasce para todos
Só não nasce para mim,
Eu **olho** para você
E você não me diz sim.

254 - Em cima daquela serra

O FOLCLORE DOS OLHOS...

Tem um pé de buriti,
Quando **olho** pr'a tua cara
Me dá vontade de ri.

255 - Em cima daquela serra
Tem um pé de abobrinha,
Eu não **olho** pr'as pessoa
Que vive de intriguinha.

256 - Você me **olha** contente,
Você está sempre sorrindo;
Sua boca é que ri,
Seus olhos estão fingindo.

257 - O amor vem por acaso
Sem a gente esperar,
Nasce sempre de um sorriso
Ou na troca de um **olhar.**

258 - Triste o dia sem sol,
Triste a noite sem luar,
Triste de mim que te amo
Sem a luz do teu **olhar.**

259- Triste é a noite escura
Sem a luz pra iluminar,
Triste é a minha vida
Sem a luz do teu **olhar.**

260 - Eu acho o céu tão lindo,
Acho lindo o luar,
Muito mais lindo eu acho
O brilho do seu **olhar.**

261 - Para dizer que te amo
Nem preciso confessar,
Olhe bem para o meu rosto,
Bem firme no meu **olhar.**

262 - Os peixes nadam nas águas,
As aves voam no ar,
Meu coração está preso
Nos laços do seu **olhar.**

263 - Para o amor exprimir
Não é preciso falar,
Basta ter um coração
E condensá-lo no **olhar.**

264 - Sentado numa cadeira
De tão perto te avistei,
O teu **olhar** é tão meigo
E eu por ti me apaixonei.

Variante:
Sentada numa cadeira
De tão longe eu te avistei,
Quando **olhaste** para mim,
Eu, então, me apaixonei.

265 - Nos azuis, o céu encontro;
Nos negros, vale do amor;
A minha alma nos verdes,
Nos castanhos, mágoa e dor.

266 - Pelo céu vai uma nuvem;
Todos dizem: bem a vi.
Todos falam e murmuram,
Ninguém **olha** para si.

267 - Se tu soubesses, benzinho,
Quanto eu te quero bem,
Não **olhavas** para outra
Nem sorrias pra ninguém.

268 - Eu te **olhei**, você me olhou,
Nossa história começou;
Eu parti, você ficou,
Nossa história se acabou.

269 - Ao passar eu te **olhei**
Tu me olhaste também;
Como pode de um olhar,
Nascer tanto querer bem?

270 - Quando cheguei nesta casa,
Eu **olhei** pra cumeeira;
Meu coração me contou:
Aqui tem moça solteira.

271 - Sete vezes eu te vi
Serte vezes eu te **olhei,**
Sete vezes eu sofri,
Sete vezes eu chorei.

272 -Eu agora sou feliz,
Pois um lindo céu ganhei;
Quando **olhaste** para mim,
Eu então me apaixonei.

273 - Deus **olhou** o que fizera
Bem no fim da criação,
Descansou do seu trabalho
Porque tudo estava bom.

274 - **Olha** a laranja pêra
Como esta não há outra não
É igual a uma mocinha
Uma flor inda em botão.

275 - A minha porta tem lama,
A tua tem um lameiro,
Antes de falar dos outros
Olhe pra você primeiro.

276 - Quem luta **olhando** pra Deus,
O mesmo Deus o defende;
A vida é como uma escola:
Quem mais vive, mais aprende.

277 - Sei que há roseiras lindas,
Porque **olhando** em ti,
Vejo cobrir-me de rosas.
O lábio que me sorri.

278 - Quando entro na igreja
Começo logo a pecar,
Fico **olhando** no seu rosto
E me esqueço de rezar.

279 - Queira bem a todo mundo
Sem **olhar** raça ou cor,
Pois todos os corações
São feitos do mesmo amor.

280 - Quando te vejo sorrir
E que fico a te **olhar**
Os teus olhos me confessam
Que tu queres me amar.

281 - Quem tiver um amorzinho
Pra ninguém desconfiar,
Quando **olhar** não deve rir,
Quando rir não deve olhar.

282 - Eu te amo e tu me amas,
Mas qual será o mais firme?
Eu como a luz a **olhar**-te,
Tu como a treva a fugir-me?

Para a realização deste trabalho foram consultados:

1 - Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa - 1986.

2 - Sessão de História e de Folclore do Museu de História de Folclore "Maria Olímpia", de Olímpia.

3 - Anuários do Festival do Folclore de Olímpia (1970 - 1992).

4 - **Informantes:** 1 - Afrânio Santana de Oliveira/ 2 - Alceu Clemêncio da Silva/ 3 - Alzira Sant'Ana de Oliveira/ 4 - André Luiz Nakamura/ 5 - Antônio Clemêncio da Silva/ 6 - Aparecida Custódio Melo/ 7 - Célio José Franzin/ 8 - Clarismundo Sant'Ana/ 9 - Éden Eduardo Pereira/ 10 - Elias Simões Junqueira/ 11 - Ernestina dos Santos Romano/ 12 - Eurides Santana /13 - Fátima Aparecida Provásio/ 14 - Irene Teresinha de Oliveira (Nininha)/ 15 - João Carlos Oliveira da Rocha/ 16 - Joaquim Nogueira/ 17 - José de Souza / 18 - José Sant'anna/ 19 - Júlio César Iráni/ 20 - Luzia Balieiro Junqueira/ 21 - Marcelo Aguil Santana/ 22 - Maria da Conceição Basso/ 23 - Maria Jesus de Miranda/ 24 - Maria Santana Iráni/ 25 - Maria Scatolin de Oliveira/ 26 - Meire Iráni/ 27 - Merce Teodora Aguil Santana/ 28 - Narciza Batista Franzin / 29 - Natalino Ribeiro dos Santos/ 30 - Neusa Aparecida Pereira dos Santos/ 31 - Raie Aguil Santana/ 32 - Riolando Iráni/ 33 - Rosemeire Aparecida Martins/ 34 - Rothschild Mathias Netto/ 35 -Sebastião Jesus de Oliveira/ 36 - Sebastião Vidóti/ 37 - Valdemar Balbo/ 38 - Virgínia Guimarães Sant'Ana/ 39 - Walter Franzin e 40 - Zélia Faria Siqueira.

Noticiário da Iseh

ISEH BUENO DE CAMARGO
DEPARTAMENTO DE FOLCLORE - OLÍMPIA

BANDEIRAS DO 29.º FEFOL

Como é de praxe, uma das mais tocantes manifestações cívicas que acontecem durante a abertura dos Festivais do Folclore de Olímpia é, sem dúvida, o hasteamento solene das bandeiras. Olímpia, nas primeiras horas da manhã, no mês de agosto, é quase sempre bonita, fria, com ligeira brisa a agitar cada pavilhão que é hasteado, formando, no final, rica coreografia de cores e tecidos que se entrelaçam e se agitam. Cada cidadão presente se emociona, simples amor pátrio, saudade das terras distantes, crença no alto, valorização dos bens próximos. É o que as Bandeiras traduzem. Assim, eis como foi realizada a cerimônia do hasteamento em 1993, 29.º FEFOL, começando pela leitura do texto abaixo:

HASTEAMENTO
DAS BANDEIRAS

Cada bandeira traz, nas cores que a identificam e personalizam a imagem do país, do Estado, do Município, do Clube, da organização que a escolheu. Por isso, nós nos descobrimos ao reverenciá-la hasteada, nós nos orgulhamos ao vê-la tremulando nos altos mastros por reconhecê-la como um símbolo incorruptível. Este é um momento solene do 29.º Festival do Folclore de Olímpia e, como todo o amor que dedicamos ao Brasil e ao seu povo, participaremos, juntos, do hasteamento das bandeiras que representam nossa Pátria. A solenidade terá acompanhamento musical a cargo da talentosa organista, Denise Batista dos Santos.

Acompanhemos, com respeito, a gravação oficial do Hino Nacional Brasileiro. Letra: Joaquim Osório Duque Estrada. Música: Francisco Manuel da Silva.

1 - Bela **Bandeira do Brasil,** com carinho queremos vê-la tremular à brisa amena do 29.º FEFOL. Para hasteá-la, convidamos o Senhor **José Carlos Moreira,** digníssimo Prefeito Municipal de Olímpia.

2 - Nossa mui digna **Bandeira de São Paulo,** retrato fiel dessa amálgama humana que constitui o aguerrido povo paulista, terá a honra de ser hasteada pelo Prof. **Ademir Antônio de Freitas**, digníssimo Delegado de Ensino de Olímpia.

3 - Esta rica bandeira de cores vibrantes, **Bandeira de Olímpia,** será, com carinho, hasteada pela Prof.ª **Anita Ferreira Moreira,** digníssima 1.ª dama do Município.

4 - **Acre,** verdejante pedaço verde do gigantesco mapa brasileiro, terá sua bandeira hasteada por **Rafael Pereira.**

5 - **Alagoas,** aguerrida e mui amada terra dos marajás, verá sua bandeira ser hasteada por **Danielle Carla Catâneo.**

6 - **Amazonas,** o grande celeiro ecológico da humanidade, com toda a reverência necessária, verá seu pavilhão ser hasteado por **Luciana Quiles Feitosa.**

7 - **Bahia**, Bahia muito baiana, culta e faceira, nossa 1.ª capital federal, vai ter sua bandeira hasteada por **Antônio Carlos da Silva.**

8 - **Brasília,** atual sede do governo federal, escrínio da mais avançada tecnologia arquitetônica do mundo moderno, terá seu pavilhão hasteado por **Marco Aurélio Pereira Storto.**

9 - **Ceará,** eterno recanto da cultura nacional, berço de imortais brasileiros, terá sua bandeira hasteada por **Daniela Calvo.**

10 - **Espírito Santo,** cantinho brasileiro que Deus abençoou, vai ter sua bandeira hasteada por **Fernando Augusto Eduardo Pereira.**

11 - **Goiás** que do Brasil é o coração que pulsa no centro, o mais pujante da nação, terá seu pavilhão hasteado por **Tiago Madureira Squiapatti.**

12 - **Maranhão,** sempiterno guardião litorâneo do Norte brasileiro, terá seu pavilhão hasteado por **Murilo Pereira Kuhne de Souza.**

13 - **Mato Grosso,** imenso reduto ecológico do Brasil, verá sua bandeira ser hasteada por **Maicon Everaldo da Silveira.**

14 - **Mato Grosso do Sul,** generoso manancial de riquezas pátrias, terá seu pavilhão hasteado por **Alexandre Laraia Gama.**

15 - **Minas Gerais,** eldorado dos felizes caçadores de preciosidades naturais, verá sua bandeira ser hasteada por **Alessandro dos Santos.**

16 - **Pará,** que no Norte dá ao mundo seu recado de paz e grandeza, terá sua bandeira hasteada por **Flávio Eduardo Pereira.**

17 - **Paraíba,** dos antigos e perenes menestréis do saber popular, terá seu pavilhão hasteado por **Thamara Ramalho Mendes.**

18 - **Paraná,** reduto do pujante verde nativo que clama sua riqueza vegetal, terá sua bandeira hasteada por **Alessandra Cristina Recco.**

19 - **Pernambuco,** paradisíaco refúgio do autêntico brasileiro que vence pela tenacidade, verá seu pavilhão ser hasteado por **Ana Paula Trindade.**

20 - **Piauí,** encravado no coração do mapa brasileiro, terá sua bandeira hasteada por **Renata Bergamasco.**

21 - **Rio de Janeiro,** a jóia iridescente do Leste brasileiro, terá seu pavilhão hasteado por **Janaína dos Santos Lônghi.**

22 - **Rio Grande do Norte,** miraculoso manancial de riquezas pátrias, verá sua bandeira ser hasteada por **Rachel Laraia Gama.**

23 - **Rio Grande do Sul,** deslumbrante página do fervor patriótico brasileiro, terá sua bandeira hasteada por **Ana Carina Monzani.**

24 - **Rondônia** que, rica e singela, dita leis sobre riquezas ecológicas, terá sua bandeira hasteada por **Maria Aparecida de Araújo Manzolli.**

25 - **Santa Catarina,** que prima por ser a viridente estrela do Sul, verá seu pavilhão ser hasteado por **Flávia Roberta Galvão.**

26 - **Sergipe**, grandioso nas lides que desenvolve em busca do progresso pátrio, terá seu pavilhão hasteado por **Fabrícia Calvo.**

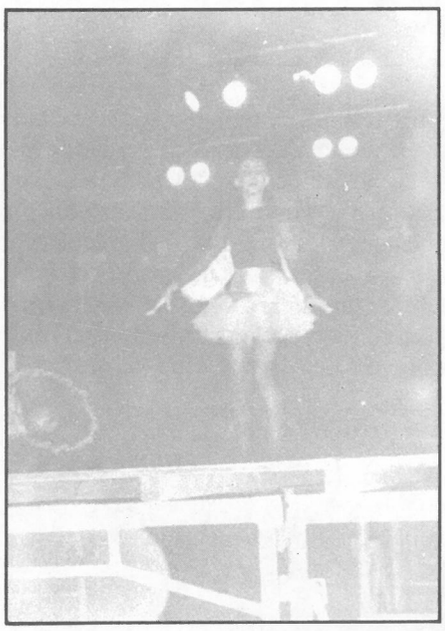
27 - **Tocantins** imenso, gigante verde que engatinha para a glória futura, verá sua bandeira ser hasteada por **Gustavo Henrique Alonso.**

28 - **Bandeira do Folclore de Olímpia,** que nas suas dobras, esconde o imenso amor desta terra à cultura nacional, será hasteada pela Prof.ª **Iseh Bueno de Camargo,** em nome da Comissão de Folclore de Olímpia, criada em 1965.

Honremos nossos pavilhões. Respeitemos nossas bandeiras. O Brasil merece. Com amor, ouviremos o Hino da Proclamação da Independência. E após, está encerrada esta cerimônia.

Abertura do 29.º Festival do Folclore

Dentre as várias atividades de Abertura do Festival do Folclore que marcaram o 29.º encontro de Grupos Folclóricos e Parafolclóricos em 1993, Olímpia, destacamos a presença marcante de alunos e professores da E.E.P.S.G. **"Dona Anita Costa"**. Muito bem dirigida, as crianças, em belas e coloridas roupas, proporcionaram ao imenso público presente um espetáculo de brasilidade e civismo como raramente se assiste. A coordenação dos trabalhos esteve sob a responsabilidade da professora Antonieta Vicente Nadruz que contou com o apoio e incentivo da direção e demais professores. Assim desenrolou-se o colorido espetáculo do Anita Costa:



"Chegamos ao 29.º Festival do Folclore de Olímpia. Como todos os demais, é resultado de uma obra de amor.

Esperamos proporcionar as alegrias do folclore brasileiro, porque alegria é o sol da alma.

Contamos com a participação da família olimpiense e seu entusiasmo contagiante ao aplaudir as manifestações folclóricas.

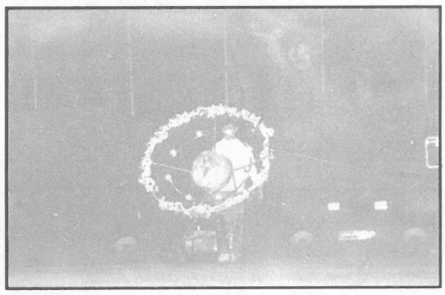
Em nosso Festival, o folclore se dispersa em todo o meio ambiente. Vibra em todos as matizes, ergue-se às frondes mais altas, para acordar a música de todos os ninhos. Agita todas as flores para que as corolas espalhem sobre a cidade a fragância deliciosa dos aromas que guardam. E passa por toda parte. No céu, nas águas, nas serras, nos campos, na vaga que espuma a rolar. E tonto de música e aroma entra em todos os lares para espargir a Paz e o Amor.

Neste clima esperamos que ocorram nossas atividades.

A aluna Natália Greici Andreo Estabio representa um pássaro a acordar a música de todos os ninhos.

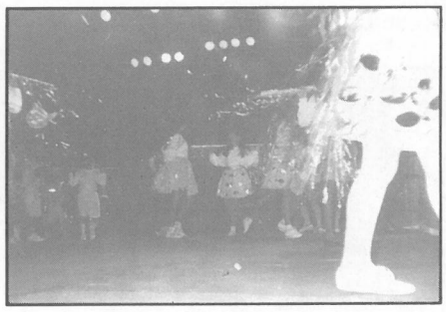
A escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus "Dona Anita Costa" presta sua homenagem a este Festival, nesta cerimônia de abertura, apresentando a fauna e a flora, desde sua criação até os dias atuais.

O texto apresenta trechos extraídos de artigos publicados nos Anuários, pelo eminente folclorista e criador do Festival, o Professor José Sant'anna.

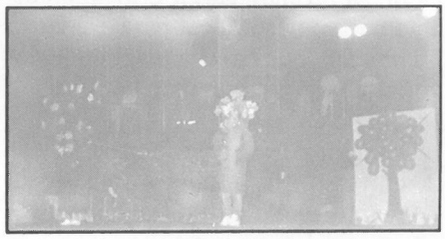


Em Gênesis está: "No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra, porém, estava vazia e nua e as trevas cobriam a face do abismo e o espírito de Deus era levado por cima das águas.

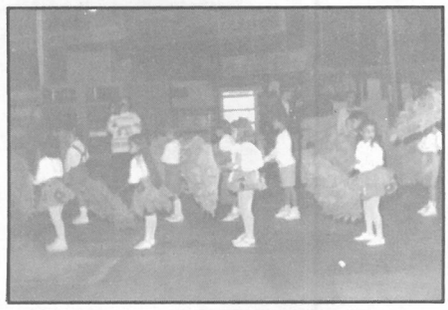
Disse Deus: - Faça-se a luz. E fez-se a luz. E viu Deus que a luz era boa e dividiu a luz das trevas".



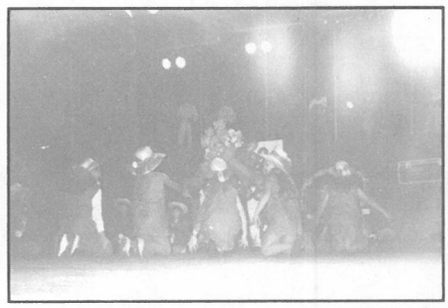
Houve necessidade de separar a parte sólida que foi chamada terra e ao conjunto das águas denominou-se mar. As águas foram povoadas de seres vivos.



Coube à terra produzir verdura, erva com sementes e árvores frutíferas. Destinaram-se as árvores a purificar o ar e oferecer ao homem um ambiente saudável, assegurando-lhe vida plena.



Perambulando entre as árvores, morando nos troncos ocos, alimentando-se de folhas e raízes, vive o **Curupira**.



O verde das plantas se coloriu, o mundo se enfeitou, e a beleza e a magia das flores tomou conta da terra e transformou-a num imenso jardim.

Esse jardim expressa a harmonia do Universo num entrosamento perfeito entre os elementos da natureza.

Isso se torna visível aos nossos olhos se verificarmos o movimento do girassol, seguindo o astro-rei.

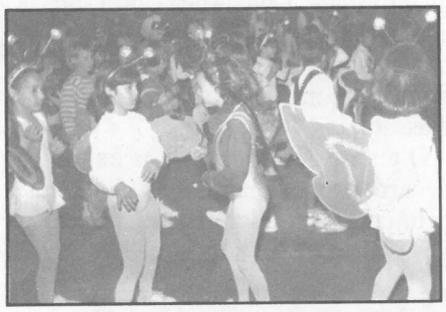
REGISTROS

A variedade das flores gerou as diversas espécies de frutos. Estava a natureza preparando-se para assegurar vida a todos os seres que povoariam a terra e para estabelecer a Harmonia do Universo.

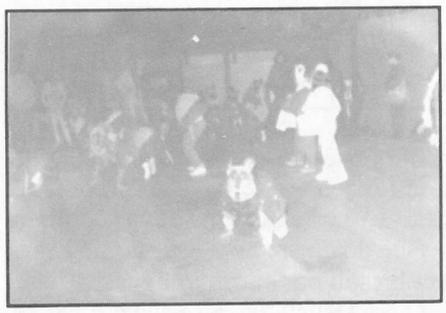
Os frutos para garantir sua espécie produziram as sementes. E estas, varridas pelo vento, agarraram-se às frinchas dos rochedos.

Mergulharam suas raízes e atiraram aos ares as ramadas verdes, florescendo e frutificando.

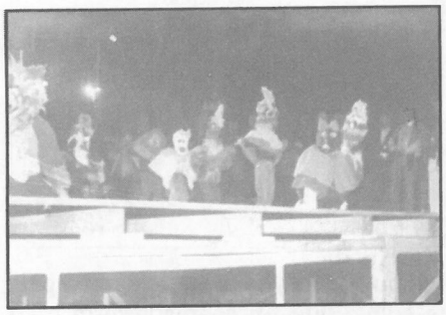
Não só o vento varre as sementes, também as aves em seu esvoaçar, sob o firmamento, encarregam-se de espalhar as diversas espécies para que se reproduzam por toda a parte. Devem essas mesmas aves povoar e colorir o universo com seus trinados, saudando com reconhecimento as promessas benignas dos dias de festa. Tudo sorri.



Olimpienses e visitantes acompanham instintivamente este concerto de felicitação nacional, repetindo em coro as toadas de nossa terra.

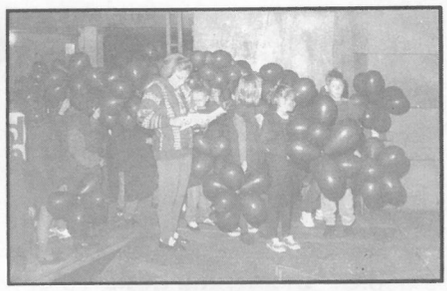


Cumprindo o preceito divino, a terra produziu animais domésticos, répteis e animais ferozes segundo as suas espécies.

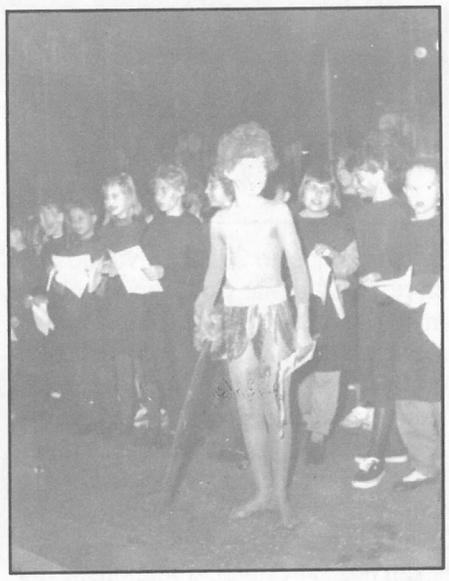


E estes, povoando a terra e o mar, garantiram o equilíbrio das forças da natureza fazendo surgir o meio ambiente harmonioso, ideal para a criação do homem, que em sua magnitude deveria preservar, ampliar e conservar a ordem do Criador.

Contrapondo-se à perfeição e beleza do universo criado, surge a ambição do homem. Aquilo que fora concebido como paraíso terrestre, foi vitimado pela insensatez humana que o profanou, ao deixar de cumprir o desígnio divino de dominação consciente, capaz de manter a harmonia.



Na verdade, a ambição humana é tão somente um contraponto. Nada representa perante a sabedoria divina. Todos aqueles que crêem nisso, sabem que jamais as forças do mal prevalecerão. Haverá sempre defensores da natureza. Um deles, o nosso **Curupira**, protetor do vegetal e do animal, contra as investidas do homem e do tempo.



(Diálogo)

C = Curupira P = Prefeito

C = Afastem-se! Vocês não dominarão o mundo. Estou aqui para proteger as forças da natureza. Voltem, voltem, acreditem em mim. Venham! Aproximem-se!

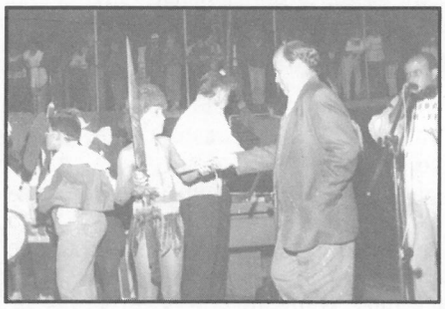
P = Ei, quem é você? Como se atreve a dar ordens na cidade que administro?

REGISTROS

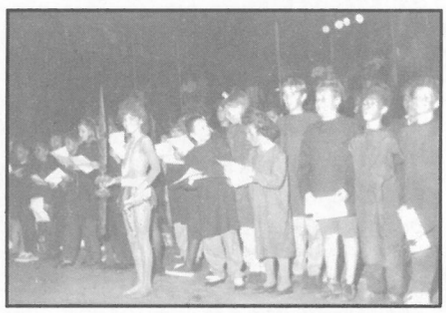
C = Sou Curupira. Só quero preservar a natureza.

P = E como fará isso?

C = Confie em mim. Quero administrar esta cidade apenas durante o festival do folclore, para que haja muita paz e alegria.



P = Entrego-lhe então a chave da cidade, faça dela um reino onde predominem as cores e os ritmos do povo brasileiro, a alegria e o orgulho da gente olimpiense tão bem expressos em seu hino. Convido todos a cantarem comigo o Hino a Olímpia.



Os alunos cantam o Hino a Olímpia.

Uma semana depois, dia 22 de agosto, término do 29.º FEFOL, o Curupira, em cerimônia bem preparada ressurge no palanque, devolvendo ao Sr. Prefeito a chave da cidade. Afirmou ter sido muito difícil governar Olímpia nesse período, achando bem mais saudável e suave cuidar da fauna e da flora brasileira, numa singela lição ecológica. Deu o seu adeus ao público e desapareceu mata a dentro.

Exposição de Pintura da Zeca

Um pouco de ritmo em poesia pobre para falar de riqueza que foi a exposição de Pintura **"Óleo sobre Tela"**, coordenada e idealizada por Maria Giuseppe Scura, Zeca, na Praça do 29.º FEFOL. Mais de mil pessoas se encantaram com o que foi exposto, principalmente quadros, telas. Na sua 4.ª Exposição, Zeca mostrou ao público a pintura dos competidores e, é claro, a dos vencedores. João Carlos Oliveira da Rocha, 1.º colocado com **"Ama de Leite"**, categoria Moderna; Romeu Ângelo Tameline, 1.º colocado com **"As horas vagas de uma cozinha caipira"**; Odete Coradine, Décio Trosdorf Filho, Maria Alice Foganholi dos Santos, premiados em ambas as categorias. Até exmoradora de Olímpia entrou no rol dos prêmios - Thaís Maria Dias, filha de dinâmica mestra da E.E.P.S.G." Cap. Narciso Bertolino" em dias idos. Como não podia

deixar de ser, a artista olimpiense, Maria de Lourdes Alessi foi agraciada com o dignificante prêmio reservado à Categoria Especial. O exaustivo trabalho da Zeca foi, mais uma vez, digno de todos os elogios que lhe foram dedicados. Excelente trabalho, Zeca. Parabéns! Não esmoreça. Para a frente, Deus a cubra de bênçãos!

Dançando no 29.º Fefol

Seleto e feliz grupo de estudantes olimpienses conseguira, durante a semana da realização do 29.º Festival do Folclore, sob coordenação da Prof.ª Edva M.G. Barreto, no **11.º Ciclo de Palestras Sobre Folclorística,** dançar e aprender belas coisas sobre o folclore brasileiro. As aulas de danças ministradas pela alegre baiana Edva, tiveram a participação de jovens dispostos a, brincando, aprender um pouco, pelo menos, do rico folclore nordestino. Foram aulas animadas, vibrante participação, aprendizagem rápida e, algo que reputamos importante, apresentação pública do aprendido. Os alunos pediram bis, queriam mais, muito mais, e a mestra, já apaixonada pelo Festival do Folclore em Olímpia e encantada com o trabalho do Sant'anna, prendeu-se mais e mais à nossa terra e à nossa gente. Os objetivos propostos pelo Departamento ao qual Edva pertence foram alcançados, ultrapassados, direi. Por isso, pela alegria que proporcionou a insipientes bailarinos olimpienses, pelos altos ideais atingidos, nossos agradecimentos perenes e votos de que, haja o que houver, a mestra aqui esteja por anos sem conta. Que Deus a ampare sempre.

Peregrinação Folclórica

Para aqueles que, dentro do horário comercial, trabalham no centro da cidade, a visita esfuziante dos Grupos Folclóricos e Parafolclóricos, durante a semana do Festival, é uma autêntica dádiva dos céus. Só assim, bancários, balconistas, pessoas que trabalham em casas comerciais, que labutam atrás de balcões nos Correios, na Prefeitura, nas livrarias, todos têm oportunidade de apreciar demonstrações de danças e músicas folclóricas. Em 1993, 29.º FEFOL, a Peregrinação agitou as ruas centrais. Deram o seu belo recado os Grupos Parafolclóricos de várias regiões brasileiras. Apresentaram-se no **Bradesco,** no Banespa, na Nossa Caixa, na Prefeitura, na Casa Vitória, dançaram pelas ruas e, num término triunfal, reuniram-se defronte da Igreja de São João Batista, na Praça da Matriz e foi um encontro vibrante. O Grupo "Cidade Menina-Moça", de Olímpia, ricamente trajado, brilhou juntamente com o Grupo de Tradição e Cultura "Vinte de Setembro", de Xangrilá-RS; Grupo de Cultura Nativa "Tropeiros da Borborema", de Campina Grande - PB; Grupo de Tradições Nordestinas "Terra da Luz", de Fortaleza - CE; Companhia de Danças Folclóricas "Aruanda", de Belo Horizonte - MG e Grupo Universitário Parafolclórico "Fogança", de Maringá - PR. Lindo demais. Parabéns aos diligentes dirigentes que animaram a todos! Vivam!

"RE-TRUCO"

Em mau português queremos reafirmar nosso prazer ao saber que tradição secular brilha nos nossos festivais do Folclore - o **truco** (truque). No 29.º FEFOL, sob direção e organização de Valdemar Aparecido Domingos, realizou-se o **22.º Campeonato do Truco**. É preciso dizer que foi ruidoso, alegre, barulhento? Truco sem algazarra não é próprio de competidores leais. Portanto, o concorrido campeonato justificadamente distribuiu os prêmios: **1.º lugar**:Ângelo Aparecido Spadari e Adevanir Martins dos Santos; **2.º lugar:** Armando Crepaldi Filho e Ademar Firmino Garcia; **3.º lugar**: Sebastião Benedito e Antônio Vicente e, em **4.º lugar**: Devanir Aparecido Pedro e Gilberto de Souza. Nossos cumprimentos ao Valdemar Aparecido e a todos os competidores, vencedores e perdedores. Parabéns.

REGISTROS

Grupos folclóricos na avenida

Avenida Aurora Fórti Neves, aquela que cerca o riacho Olhos d'Água, tem sido, nos últimos anos, palco da maioria dos eventos sócio-culturais e políticos de Olímpia. Mais belo do que dúzias de outros eventos, o desfile de Grupos Folclóricos, na manhã de 22 de agosto de 1993, dirigido pelo Prof. José Sant'anna e auxiliares constantes, foi o ponto alto das atividades do último dia do FEFOL. Um encontro memorável de todos que demandam estas plagas, gente humilde, gente que ama o que faz, que crê no que apresenta, encanta o turista, agrada a todos. Desfilaram Congos e Congadas, Moçambique, Samba-Lenço, Catiras, Folias de Reis, Fandango de Tamancos e de Chilenas, Caiapós, Bichos de Tatuí, grupos de Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Paraná, Ceará, Paraíba e mais e muito mais. Para mais de 60 grupos. Instrumentos de percussão marcando o ritmo, um colorido álacre e vibrante de pés e mãos praticamente voando, escreveram, assim, mais uma vitória que emocionou o Sant'anna, que é o "pai" desses grupos, que emocionou a todos que lotaram as calçadas na Avenida. Beleza, beleza desmedida, esse o saldo positivo do desfile dos Grupos Folclóricos no 29.º FEFOL. O Prefeito Moreira ficou diante de tanta beleza emocionado. Parabéns a todos em geral, a cada grupo em particular. Parabéns!

Organizadores do Desfile ao lado do Prefeito Moreira

Gente da Cidinha Manzolli

Embora pareça um tanto exagerado, podemos afirmar que o Grupo Parafolclórico **"Cidade Menina-Moça"**, de Olímpia, criado e dirigido pela Prof.ª **Maria Aparecida de Araújo Manzolli,** durante o 29.º FEFOL apresentou-se todos os dias. Diversas vezes no palanque desde a abertura do festival, por vários locais da Praça, em barracas, pelas ruas. Apresentou-se em casas bancárias do centro, na Prefeitura . Em todos os locais onde estávamos lá estava essa verdadeira maravilha dançante de Olímpia, rica "Noiva Sertaneja" que a Cidinha Manzolli comanda com mão de fada. Os trajes, em 1993, superaram a tudo que se possa imaginar, um guarda-roupa digno de um grande palco, a coreografia das danças, autênticas, obras de mestre, um total equilíbrio entre o folclore e o seu aproveitamento valioso. Danças regionais, danças do Norte, do Nordeste, do Sul, de países vizinhos, um absoluto sucesso durante o FEFOL. Jovens garbosos, meninas encantadoras, músicos entusiastas, cantores de garra. Cidinha apresentou um grupo de danças digno de ser conhecido e visto pelo mundo todo. Parabéns, turma que abrilhanta nossos festivais; parabéns, Cidinha Manzolli que, a duras penas, mantém esse belo grupo. Parabéns, Sant'anna, por incentivar a permanência desses grupos nos festivais. Parabéns, Olímpia, por possuí-los.

Desfile de alegorias

Prestando homenagem aos Grupos Folclóricos que estiveram em Olímpia durante o 29.º FEFOL, no período da tarde do dia 22 de agosto, aconteceu o esperado **Desfile de Alegorias. Zeca Scura** à frente da organização do mesmo, encarregada da apresentação pelas avenidas que ladeiam os "Olhos d'Água", mais uma vez encantou a todos que assistiam a ele e que aplaudiam. Belas jovens e meninas em ricos trajes alegóricos lembravam personagens do nosso folclore. Carros engalanados homenageavam cenas comuns do dia-a-dia do brasileiro, cenas ou figuras das páginas do nosso folclore. A ecologia entrou no desfile. Mitos, lendas, superstições, fatos religiosos, a lúdica infantil, jogos infanto-juvenis, tudo congraçando-se, pintalgando de garridas cores a Aurora Fórti Neves e ruas adjacentes, desfilaram até o surgimento das primeiras estrelas no firmamento. Foi um belo desfile. A Zeca está de parabéns, bem como os jovens olimpienses que atendem aos seus apelos e prestam homenagem aos visitantes, aos Grupos, aos folcloristas. Olímpia está de parabéns.

Notável Pesquisador em Olímpia

O 29.º Festival do Folclore de Olímpia contou com inusitados visitantes. Entre grande número daqueles que vieram prestigiar nosso Festival, contamos com a presença do estudioso norte-americano, etnomusicólogo Professor **Dale Olsen,** da Universidade Estadual da Flórida. Com seu ex-aluno, o olimpiense **Élcio Alves Tremura,** desenvolve projeto musical ligado à cultura brasileira. Aproveitou o ensejo para pesquisar a música dentro do contexto folclórico do Brasil. Além de pesquisador, Dale Olsen é exímio tocador de instrumentos de sopro, especialmente flauta, o que enriquece todas as pesquisas a que se dedica. Oxalá tenha conseguido, no 29.º FEFOL, angariar informações que complementem suas pesquisas culturais, musicais e folclóricas. Parabéns, professor que de longe veio e tanto nos prestigiou. Muitas graças, companheiro!

Do Rio Grande do Sul, um tributo a Olímpia

Tarcísio Freitas Espíndola, integrante do Grupo de Tradições e Cultura "Vinte de Setembro", de Xangrilá, RS, poeta nato, não resiste à tentação e, quando dos festivais do folclore, entusiasmado, canta loas a olimpienses, ao Sant'anna e alguns dos que o ajudam, bem como aos demais Grupos que aqui se apresentam. Declamando ou cantando, versos, trovas, quadras, seja lá o que for, são sempre bem-vindos, são guardados com todo carinho. Nossos perenes agradecimentos ao gaúcho amigo. Parabéns pelo trabalho artístico e, para que muitos conheçam sua veia poética, eis o que deixou durante o 29.º FEFOL.

TRIBUTO A OLÍMPIA

Vimos do sul da Pátria
onde sopra o minuano,
e já faz oito anos
que aqui estamos presentes,
a esta festa imponente
que outra não tem igual,
pois Olímpia é a capital
das coisas da nossa gente.

Somos gaúchos riograndenses,
raça de heróis e vitórias,
somos a própria história
da nossa querida terra,
somos a lança de guerra
empunhada com bravor,

somos o pavilhão tricolor
que tantas glórias encerra.

Parabéns, José Moreira
desta cidade patrão,
hoje grande anfitrião
de uma festa tão bonita,
que todo ano edita
esse grandioso FEFOL,
que mandatário de escol
tem esta terra bendita.

Mas o prefeito sozinho
não faria nem a metade,
Se não fosse a capacidade
dos que trabalham com gana,
ficando sempre em campanha
pra festa ter esplendor,
e, entre todos um professor,
o querido José Sant'anna.

Tanta gente pra lembrar
e que nos doaram carinho,
professor Nélson, Toninho,
Midori e outros amigos
e lhes digo sem perigo,
de injustiça fazer,
só nos resta agradecer
por nos terem dado abrigo.

A todos que apresentaram
o folclore brasileiro,
dançarinos sanfoneiros
os daqui e os de acolá,
mas de uns eu vou lembrar
e o que é bom ninguém esquece,
o nosso respeito merecem
os irmãos de Maringá.

Nós levaremos saudades
e saudades deixaremos,
mas pr'o ano voltaremos
sem que ninguém nos implore,
tomara que as coisas melhorem
e melhorem nossas vidas,
SALVE! Olímpia querida
a capital do folclore.

Visitantes ilustres em Olímpia

Durante o 29º FEFOL, agosto de 1993, nossa cidade foi agraciada com a visita de ilustres personalidades, visando apreciar eventos que se processavam na Praça das Atividades Folclóricas. Aqui estiveram, entre outros:

Dr. **Edson Coelho Araújo,** Deputado Estadual de São Paulo, no dia 15 de agosto, presente às solenidades de Abertura do 29º Festival.

Dr. **Ricardo Ohtake,** Secretário de Estado da Cultura do Governo de São Paulo, presente a diversos eventos dos dias 20, 21 e 22 de agosto. Prometeu o ilustre visitante, vibrando com tudo que via e assistia, conseguir para o 30.º FEFOL vultosa verba, promessa pública ao nosso prefeito, José Carlos Moreira.

Dr. **Fernando Augusto Cunha,** Secretário Adjunto dos Transportes Metropolitanos do Governo de São Paulo, também olimpiense por nascimento. Esse fato não impediu que o mesmo se encantasse com o Festival e não poupou elogios ante o Sr. Vice-Governador do Estado e ao Sr. Secretário da Cultura. Alto e bom som, a todos fez saber que: "Fui aluno do Prof. Sant'anna, durante alguns anos, na EEPSG "Capitão Narciso Bertolino", desta cidade, ajudei o professor em trabalhos para maior brilhantismo da Festa de Olímpia. O sucesso do Folclore está comprovado. E eu quero ajudar em tudo o que puder".

Dr. **José Antônio de Barros Munhoz,** Ministro da Agricultura, presente às solenidades do penúltimo dia do Festival, 21 de agosto.

Dr. **Aires da Cunha,** Deputado Federal por São Paulo que, no palanque, assistiu a muitas apresentações de Grupos Folclóricos, na noite de 21 de agosto.

Dr. **Aloísio Nunes Ferreira Filho,** vice-governador do Estado de São Paulo, cidadão olimpiense, presente nos dias 21 e 22 de agosto, entusiasta admirador do folclore pátrio, registrando: "Acho o Festival do Folclore a manifestação mais pura e mais vibrante da cultura brasileira. Em Olímpia já são 29 anos de FEFOL e, quando aqui venho, recarrego as pilhas da alma".

Dr. **Uebe Rezeck,** Deputado Estadual de São Paulo, em 22 de agosto, cidadão olimpiense, já conhecido amigo do festival do folclore, admirador perene das manifestações que aqui assiste.

Dr. **José Mantelli Neto,** Deputado Estadual de São Paulo, com sua família, apreciou o que viu, a 21 de agosto, nos palanques do 29.º FEFOL.

Tememos, outrossim, que muitos outros ilustres visitantes não estejam aqui mencionados. A multidão que participa das solenidades é imensa e muitos, por timidez ou desejo de anonimato, não se registram. Muita gente nos aplaude, são ilustres e dignos visitantes, merecem nosso respeito e agradecimentos pela participação. Se deles não falamos, nossos corações que a todos abrange lhes agradece e nós a todos convidamos para outros festivais. Bem-vindos, ilustres visitantes.

Bradesco oferece almoço no 29.º Fefol

Com o intuito de confraternizar funcionários, diretores e familiares de todos que militam no Banco, o Bradesco aproveitou o 29.º FEFOL e ofereceu a todos um lauto almoço em barraca da Praça das Atividades Folclóricas. Muitos funcionários presentes, alguns clientes e convidados, tais como o Sr. Prefeito José Carlos Moreira, o Coordenador do Festival Prof. José Sant'anna e outros. Sant'anna mandou confeccionar miniaturas do Curupira, patrono do festival, a fim de distribuir para os presentes. Em nome de Olímpia, em nome do Sant'anna, ausente por força maior - 22 de agosto, encerramento das festividades do 29.º FEFOL, falou a Prof.ª Ineh Bueno de Camargo, saudando a grande família bradesquina., fazendo-se acompanhar da Prof.ª Muriel Nóbrega da Cunha. Apresentando cartazes do **Bradesco**, foi assim que agradeceu:

Faça Fácil Bradesco/ R.D.B. Bradesco/ C.D.B. Bradesco... / Seguro Saúde Bradesco... / Poupança Bradesco... / Bradesco Visa.../Etc.

Tudo isso chama nossa atenção ao adentrarmos qualquer Agência Bradesco deste nosso imenso Brasil, quer seja no Formoso Araguaia, em Pirangi, em Gurupi, TO, em São Luís do Maranhão, em Fortaleza, em Belém do Pará, em Curitiba, em São José dos Pinhais, em Capão da Canoa, RS, em Belo Horizonte, na Paraíba, em São Paulo, enfim, em qualquer região que dele precisemos, pois ele está, em qualquer lugar, à nossa espera, para gentil e eficazmente nos atender. Porém, existe um lugarzinho que parece que foi por ele escolhido, com a bênção do Senhor, para com amor e carinho adotar. Não adotar no que de mais alto se possa falar... adotar, ajudar, fazer caminhar para frente, para um sucesso que rompe fronteiras, no sentido mais amplo que poderá levar o Brasil a encontrar seus verdadeiros caminhos: "a cultura", essa mesma cultura que abrange muito mais a palavra ou significado de saber, de conhecer. Esse lugarzinho é a cidade, é a Capital do Folclore: a pequena e grande "**Olímpia**", que completa neste ano de "93", os seus 29 anos de Festival do Folclore e que tem um orgulho que a tudo transcende, por poder contar, já há doze longos anos com o Bradesco, sempre a seu lado, ajudando, patrocinando, incentivando o trabalho único, inigualável, insubstituível do Prof. José Sant'anna, idealizador, organizador e coordenador do festival folclórico, que leva pelo Brasil afora, e mesmo, para outros países, o nome de Olímpia, o nome do Bradesco, juntos, irmanados, como sinônimos de cultura e arte popular, como sinônimos de esforço, de trabalho, de vontade de servir ao Brasil e o povo em geral. Por todo esse bem que o Bradesco nos presta, nos presenteia, nos honra, só podemos, em voz uníssona dizer:

Nós amamos o Bradesco.

E Olímpia espera que a sua estrela brilhe cada vez mais por todos os rincões deste nosso querido Brasil, sempre nos dando este apoio pelo qual nos reverenciamos e pelo qual seremos, eternamente, gratos...

INEH BUENO DE CAMARGO

Mais uma vez, viva o **Bradesco**! Parabéns, **Bradesco!**

REGISTROS

MOÇÃO DE APLAUSO AO PROF. JOSÉ SANT'ANNA

Da Câmara Municipal de Ribeirão Grande, SP, o vereador Pedro Vaz de Andrade apresentou, em 31/8/1993, a Moção n.º 003/09, congratulando-se e aplaudindo o idealizador e coordenador do Festival do Folclore de Olímpia, Prof. Sant'anna. Cópia da Moção foi enviada ao mestre em 9/9/1993, pelo presidente da Câmara, Sr. Joaquim Brisola Ferreira.

Ofício CMRG/133/93

Ribeirão Grande, 09 de setembro de 1993

Prezado Senhor:

Vimos por meio deste, encaminhar a V.S.ª para seu conhecimento, cópia da MOÇÃO n.º 003/93, oriunda do nobre Vereador Pedro Vaz de Andrade, unanimemente aprovada por este Legislativo Municipal em Sessão Ordinária realizada no dia 31 de agosto último.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos apresentando a V.S.ª os nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

JOAQUIM BRISOLA FERREIRA
Presidente

MOÇÃO N.º 003/93

Senhor Presidente:

Pela presente, apresento à Douta Mesa, consultado o Plenário desta Edilidade e dispensado as formalidades legais, MOÇÃO DE CONGRATULAÇÕES E APLAUSOS ao Ilmo. Prof. José Sant'anna, Coordenador do 29.º Festival do Folclore na cidade de Olímpia, de onde é o idealizador desse Festival, pelo muito que já fez e vem fazendo há 29 anos em prol do nosso folclore, sendo o nosso País um dos mais ricos do mundo.

Senhor Presidente:

Aprovada a presente propositura, solicito a remessa de cópia da mesma a essa simpática pessoa a qual tive a honra de conhecê-la, ocasião da participação dos nossos grupos folclóricos de 15 a 22 de agosto fluente, naquela cidade em caravana chefiada pelo nosso amigo João Cláudio Ferreira, Chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal local, Coordenador do Grupo Cuitelo "Fandango de Tamancos".

Ribeirão Grande - Câmara Municipal, aos 31 de agosto de 1993.

PEDRO VAZ DE ANDRADE
Vereador

A nós só resta agradecer ao povo de Ribeirão Grande, ao Sr. Pedro Vaz de Andrade, à Câmara Municipal daquele Município, esperando vê-los entre nós nos próximos festivais. Muito agradecidos.

Vereador olimpiense elogia o coordenador do Festival do Folclore

Atendendo a requerimento do edil da Câmara Municipal de Olímpia, Dr. Luiz Fernando Rímoli, inserindo na ata de 6/9/93 votos de congratulações ao Anuário do 29.º FEFOL e ao seu editor, Prof. José Sant'anna, o Presidente da Mesa, Eng.º Luiz Antônio Moreira Salata notificou o homenageado através do Ofício 824/93-GP, em 17/9/1993. Eis o requerimento:

REQUERIMENTO
N.º 607/93

Senhor Presidente:

Considerando que durante o 29.º Festival do Folclore foi promovido o lançamento do 23.º Anuário do Folclore;

Considerando que o Anuário do Folclore é atualmente uma publicação cultural das mais importantes e conceituadas da bibliografia científica brasileira, respeitada e prestigiada no campo da sociologia e do folclore nacional;

Considerando que o "Anuário do Folclore" é dirigido pelo Professor José Sant'anna, contando com um corpo redatorial e de colaboradores dos mais competentes e cultos, o que contribui elevar e projetar o nome de Olímpia em todo o território nacional;

REQUEIRO, ouvido o Plenário, que seja inserido na ata dos trabalhos, o voto de congratulações da Edilidade olimpiense pela edição do 23.º Anuário do Folclore, extensivo ao seu dinâmico diretor, Professor José Sant'anna, e a todos aqueles que com ele trabalham na feitura dessa brilhante revista.

Sala das Sessões "Prof.ª Oscarlina de Toledo Bonilha", 06 de setembro de 1993.

DR. LUIZ FERNANDO RIMOLI
Vereador
Líder da Bancada do P.F.L.

Assim, só nos resta agradecer ao Dr. Luiz F. Rímoli, pelos merecidos elogios ao mestre, idealizador e coordenador do festival do folclore de Olímpia. Que Deus o abençoe, a fim de que continue prestigiando nossa festa maior. Muito grata mesmo.

Contribuições para o 29.º Fefol

O 29.º Festival do Folclore de Olímpia, relizado em 1993 foi, com os vinte e oito que o antecederam, uma maratona dos coordenadores e auxiliares, especialmente o Prof. Sant'anna, atrás de verbas suficientes para cobrir astronômicos gastos previstos e imprevistos. Um evento de tal monta exige somas que, pouco versados como somos em economia, nem chegamos às orlas do montante.

É por esse motivo que o Sant'anna e demais envolvidos na parte administrativa do Festival agradecem aos que colaboram. O BRADESCO, como não nos cansamos de alardear, é o grande patrocinador do evento. Que os céus abençoem seus dirigentes, que Deus permita essa bela ajuda por longos anos. Nossos imensos agradecimentos a tudo que o BRADESCO nos oferta, não esquecendo, no entanto, de muitos outros recursos bem-vindos. Ajuda feliz da Nossa Caixa - Nosso Banco, ajuda do Deputado Federal Dr. Aires da Cunha, da Eletro Metalúrgica Ciafundi Ltda, do Clube Dr. Antônio Augusto Reis Neves, do Laticínios Flor da Nata Ltda., da Usina Cruz Alta, da Secretaria de Esportes e Turismo do Governo de São Paulo e, em menor escala, de muitas outras pessoas. Ajuda pecuniária, ajuda moral, meras palavras amigas, palmas e sorrisos, contribuições que se fazem preciosas nas horas de agruras. A todos, nosso abraço carinhoso e o maior "Deus lhes pague" já pronunciado. Graças, graças!

Do Japão escreve Sérgio Abe

Nosso amigo e grande colaborador dos últimos festivais do folclore olimpiense, **Sérgio Abe**, de Minakuchi, Japão, enviou ao vereador Oswaldo da Silva Melo, carta-ofício, acusando recebimento de Requerimento ao mesmo enviado pela Câmara. Fala de sua alegria em saber que pessoas gratas como o Nego de Melo ainda existem e, aproveitando a ocasião, diz da sua amizade e admiração ao Prof. José Sant'anna. Sabemos que Sérgio Abe é excelente coadjuvante daqueles que trabalham duro durante os festivais. Sua participação nas **Gincanas de Brinquedos Infantis** é valiosa e, por ocasião da 28.ª, realizada no ano passado, durante o **29.º FEFOL**, foram ingentes os esforços desse dinâmico jovem para que crianças e adolescentes participassem das realizações folclóricas. Ao nosso Sérgio Eiji Abe, eternos cumprimentos da Comissão do Folclore, desejando-lhe brilhantes viagens, não só à terra dos seus ancestrais, mas pelo mundo todo. Parabéns, Sérgio Abe.

REGISTROS

Convite, capas do anuário e cartaz

O 29.º Festival do Folclore de Olímpia, por escolha do coordenador e idealizador dos eventos, Prof. Sant'anna, prestou homenagens várias, enfocando o Museu de História e Folclore "Maria Olímpia".

A primeira Capa do Anuário apresenta, em feliz composição, seis Bandeiras, bandeiras que identificam Grupos Folclóricos, que cultuam entidades religiosas, folclóricas: São João Batista, Espírito Santo, Os Reis Magos, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, São Sebastião. Todas elas do acervo do Museu olimpiense.

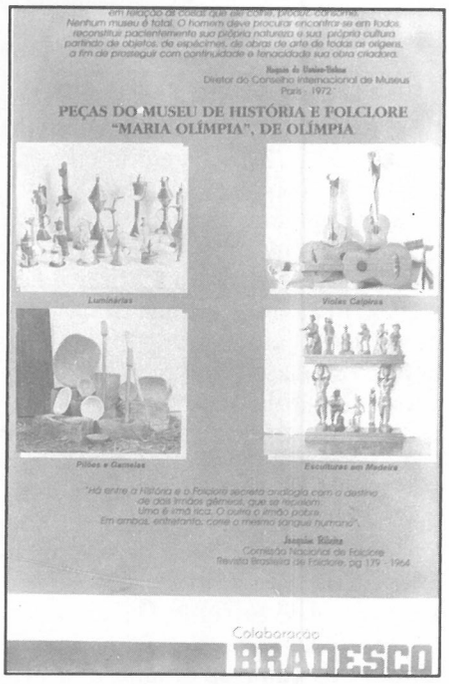
A segunda Capa, com o histórico do Museu, traz, além de foto do prédio onde o acervo se encontra atualmente, algumas valiosas peças artesanais em barro e palha e um velho e bem conservado tear.

A terceira é dedicada ao BRADESCO, pelos doze anos de efetivo patrocínio aos festivais do folclore olimpiense, palavras do Prof. Sant'anna.

A quarta e última Capa do Anuário apresenta mais peças do Museu, belas peças, um arranjo muito agradável, cores vibrantes. Assim a 1.ª e a 4.ª capas do Convite, repetem as do Anuário e os Cartazes distribuídos ao país todo e tiveram, como tema, as Bandeiras de Folias olimpienses.

Eis, em síntese, um trabalho de fôlego do Sant'anna, coordenando, orientando, exigindo a perfeição. Parabéns.

A primeira capa



A quarta capa

DA COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

Do Rio de Janeiro tem sido enviados, regularmente, ao Prof. Sant'anna os Boletins sobre atividades folclóricas, do nosso país. Ambos repletos de informações sobre um grande rol de atividades realizadas em diversas regiões do país, entre tantas: XVIII Encontro Cultural de Laranjeiras, SE, notícias de Paraíba, Pernambuco, Goiás, Minas Gerais, **Olímpia,** SP e, com destaque, "Recomendação da UNESCO" para a salvaguarda do folclore. Graças ao esforço e às lutas enfrentadas por essa eficiente comissão, ficamos em dia com acontecimentos que envolvem o folclore brasileiro. Agradecemos o recebimento dos Boletins e esperamos que cheguem sempre com essa regularidade. Eis, em síntese, os responsáveis por esse importante trabalho:

IBECC:

José Pelúcio Ferreira: Presidente. Joaquim Caetano Gentil Neto: Diretor Executivo

Comissão Nacional de Folclore

Ático Vilas-Boas da Mota: Presidente/ Bráulio do Nascimento: Vice-Presidente / Paulo de Carvalho-Neto: Assessor do IBECC e Secretário-Geral / Cáscia Frade: Tesoureira / Maria Luiza Figueira de Mello: Coordenadora para Assuntos de Intercâmbio / Delzimar Coutinho: Secretária - Adjunta.

Da Associação Brasileira de Folclore

Temos recebido regularmente os boletins da A.B.F. - "Museu de Folclore "Rossini Tavares de Lima". Sob o número 17, recebemos o Boletim Informativo da Associação Brasileira de Folclore, do mês de novembro de 1993. O mesmo traz, à página 7, Ofício de Luiz Antônio Moreira Salata, Presidente da Câmara Municipal de Olímpia, congratulando-se com a publicação do Boletim n.º 11 por tratar-se de obra cultural de grande importância. A proposição desses votos partiu do Vereador Jesus Ferezin. E o Boletim n.º 11, de agosto de 93 traz muito sobre Mário de Andrade, o que levou Ferezin a pedir aplausos. Através do Diretor responsável, José Sérgio Rocha de Castro Gonçalves, enviamos a todos que se empenham em preservar fatos e transmitir informações sobre cultura popular, nossos agradecimentos e votos de longa e suave caminhada. Parabéns a todos que assim labutam.

Da Universidade Federal da Bahia

Tendo como coordenadora Edva M.G. Barreto, o Projeto Raízes Brasileiras contou, ainda, com forte equipe técnica chegando, assim, à montagem de espetáculos folclóricos em Salvador, BA, tais como **"A dança dos Orixás", "Villa-Lobos e o Folclore Brasileiro", "As Pastorinhas"** e muitos outros.

Também de Edva, responsável pela elaboração e pesquisa, recebeu o Prof. Sant'anna o livro **"Estudo e Aplicação Pedagógica de Músicas, Danças e Folguedos no Ensino-Aprendizagem da Leitura e Escrita"**, um excelente plano de trabalho. Nós nos deliciamos com **"Árvore da Montanha"**, já conhecida, aprendemos muito com **"Bata de Feijão"**, dança baiana do plantio dessa rica semente; Maculelê, Bumba-meu-boi, etc.

E do mesmo Departamento baiano, o projeto **"Mani, a lenda da mandioca"**. É um bonito trabalho dessa esforçada equipe baiana, é uma feliz lembrança dessa encantadora baiana enviar, com tanto carinho e freqüência, publicações sobre o folclore de sua gente. O Prof. Sant'anna, por meio de o Anuário do Folclore agradece a Edva de todos nós, que pelo que é nosso lutamos, cumprimentamos a todos vocês, baianos de Salvador, soteropolitanos, não é mesmo? Gratos.

Calendário mineiro ao Sant'anna

Do Serviço Social do Comércio de Minas Gerais, SESC, gentilmente enviado por Robínson Correa Contijo, Diretor Regional, recebeu o Prof. José Sant'anna um belo Calendário de Mesa para 1994. Embora preste homenagem às Ferrovias de Minas Gerais, há, em cada figura ou foto, lembranças nítidas da cultura popular brasileira, do folclore mineiro. Como escrevemos muito sobre **olhos** e Santa Luzia neste Anuário, destacamos, do mês de dezembro, a foto da "velha estação de Santa Luzia do Rio das Velhas, MG, hoje Centro Cultural". Belo Calendário com trechos de Drummond de Andrade, Dantas Motta (... "As violas costuravam tristezas em trânsito, as cantigas arranhavam distâncias"), Guimarães Rosa e outros grandes da literatura nacional. Bem pensado, mineiros do SESC! Encantados, nós lhes agradecemos o brinde, o Sant'anna envia ao Sr. Robínson seu abraço fraterno. Obrigadíssima.

Revista bradesco no 29.º fefol

As páginas 34 e 35 da Revista Bradesco - "São Paulo, a força do capital e do trabalho" (edição de outubro-novembro-dezembro 1993) - tiragem de 100 mil exemplares, trazem bem elaborada reportagem sobre a participação atuante desse conceituado Banco nas atividades relacionadas ao festival do folclore olimpiense. São doze anos - Jubileu de Seda, de ajuda firme e constante, proporcionando ao coordenador e idealizador do Festival, Professor José Sant'anna, o apoio necessário para publicação dos Anuários e mais tópicos relacionados ao grande evento. Ali estão, nas referidas páginas, fotos dos Diretores e amigos do Bradesco, fotos de grupos folclóricos: Congada, Caiapó e Samba-Lenço bem como peças do Museu, enaltecendo, assim, não só o folclore brasileiro como os Festivais do Folclore de Olímpia perpetuando, de forma indelével, o nome de Sant'anna e sua luta pela divulgação da cultura pátria. Parabéns, **Bradesco**. Esteja sempre ao nosso lado, divulgando o que é nosso, perpetuando o que é nosso. Graças, amigos!

Um pernambucano em ação

Advogado de Bom Jardim, PE, **Mário Souto Maior** é, além de doutor em leis, emérito folclorista, etnógrafo e antropólogo. E escritor. Desta feita, duas de suas obras foram enviadas ao Sant'anna que, ao pesquisá-las, ficou eufórico por descobrir que no livro **"Riqueza, alimentação e folclore do coco"**, página 60, uma receita menciona um dos seus familiares, "Biscoitos Língua-de-Sogra". Pelos dois livros, **"Geografia vocabular do Pau"** e "Folclore do Coco", obras que enaltecem costumes nordestinos, que perpetuam o linguajar popular, que divulgam o Brasil singelo, todo o agradecimento do mestre Sant'anna e nossos parabéns pelas obras. Dois livros que devem ser lidos por todos aqueles que desejam conhecer o seu país, seus costumes, sua riqueza. Gratíssimos pelos livros.

ANTIGAMENTE ERA ASSIM

Esse o título da obra da mestra **Hildegardes Vianna,** da Editora Record, Rio de Janeiro, recentíssimo - 1994 mesmo, enviado há pouco tempo ao Prof. Sant'anna. Antigamente era assim... na Bahia, em Salvador, com a "Gente daquele tempo", "no tempo do guarda-comida", na "véspera de festa". "Somente os que odeiam, ou não aceitam a vida como ela é, não têm um antigamente com fatos e pessoas que encheram os tempos idos", diz a folclorista, autora da obra. E todo o livro é um hino de louvor aos costumes que marcaram o ontem de muitos de nós, direcionando uma geração que sabia o que fazer. Parabéns, grande Hildegardes Vianna. O mestre olimpiense só pode dizer-lhe o quanto agradece o envio do livro e a publicação da obra. Divulgue o Brasil, sua missão é bela. Parabéns!

ERA UMA VEZ...

Com a dedicatória, "Ao grande mestre, Prof. Sant'anna, com profunda admiração", Maria Izabel Figueiredo Pontes envia ao mestre olimpiense a sua obra: **"Era uma vez... Lendas de Juazeiro e cidades ribeirinhas do vale de São Francisco"**. Lendas várias, como a dos **Paquetes** ou da **Noite do ti-ti-ti, ta-ta-tá e do corpo seco** enriquecem nossos conhecimentos sobre o nordestino e sua cultura. Todo esse acervo demonstra, mais uma vez, a grandeza da nossa terra. do nosso povo e, pelo amor que demonstra a **Bebela** (Izabel Figueiredo), mana do nosso amigo Dr. Francisco Figueiredo, ao folclore nacional, nossa admiração e os agradecimentos do Sant'anna. Continue divulgando o Brasil, professora, folclorista e emérita baiana que ama o que é seu. Parabéns.

CASCUDO

"Ao velho amigo Prof. José Sant'anna, afetuosamente", assinado Veríssimo de Melo, chega às mãos do coordenador do Festival do Folclore o Caderno n.º 5, da Thesaurus Editora, Brasília, DF, Brasil com o título: **"Cascudo - Escritor de Cartas"**. Com a característica verve que marca os escritos de Veríssimo, ele fala sobre Luís da Câmara Cascudo e sua mania de manter correspondência com intelectuais do país. Demonstra, rapidamente, que cartas são importantes veículos de conhecimentos e, por vezes, instrumentos de suplício para maus escritores. Um caderno assaz dinâmico, mestre Veríssimo. Gratos.

JUNINHO DESCOBRE A ESPERANÇA

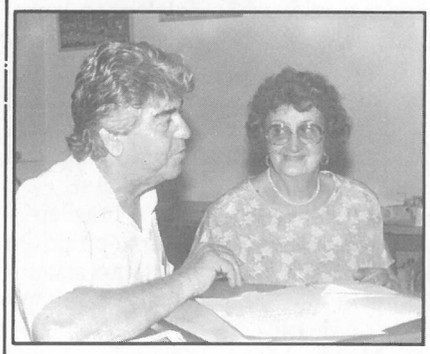
Com o título acima, a Professora e Folclorista Edméia da Conceição de Faria Oliveira dá mais um passo no amplo território dos contos infantis, entusiasmando o Prof. Sant'anna que, ao receber o livro, tratou logo de cumprimentar a autora. Educar é a temática da mestra, educar divertindo seu grande segredo. Mais uma obra editada em Minas Gerais, pela Imprensa Oficial daquele Estado, demonstrando a grande preocupação dos mineiros pela educação infantil. Parabéns Edméia, que todos os **juninhos** do Brasil se eduquem brincando e sonhando. Gratos pela verde esperança que nos ofertou.

FOLCLORE SERGIPANO DE CARVALHO-NETO

Excelente obra de **Paulo de Carvalho - Neto** , livro editado em Portugal, 1970, agora atualizado, chega-nos às mãos como autêntica dádiva folclórica. Carvalho-Neto, esse grande divulgador do folclore brasileiro, pesquisador nato, dinâmico estudioso, após obras consagradas, consegue cantar seu canto nativo, sua terra, sua gente. Diz ele: "Saudades da minha gente, do meu pequenino Estado". Maravilhoso, Carvalho-Neto! Parabéns. Gratíssimos pela obra folclórica: Folclore Sergipano.

Paulo de Carvalho - Neto é ex-professor do nosso folclorista Sant'anna.

LAURA DELLA MÔNICA, A ESCRITORA



Mais uma vez, em dezembro de 1993, a Prof.ª Laura Della Mônica, cidadã olimpiense esteve em nossa cidade, à procura do Sant'anna e, ao mesmo tempo, matando saudades e angariando subsídios folclóricos para novo livro a ser editado em breve. Há 30 anos Laura vem a Olímpia, colabora com o Professor Sant'anna desde o nascer do festival do folclore, conhece nossa história, nossa luta, nossas glórias e decepções.

Como sua nova obra fala sobre "**Os Três Santos do Mês de Junho**" - Santo Antônio, São João e São Pedro e sobre eles o folclorista Sant'anna já pesquisou exaustivamente e escreveu e publicou muita coisa nos Anuários. É ali que a folclorista paulistana irá encontrar muitos elementos necessários ao término do seu trabalho. Para tal fim, diz Laura:... "não existe em lugar nenhum, e eu conheço o Brasil todo, inúmeras cidades, mais de 400 Municípios, conheço o exterior e posso garantir que Olímpia é cidade ímpar, é aqui que quero ficar. O meu novo livro, "Os três santos do mês de junho", quase pronto, com estudos comparados vários, dá total enfoque a Olímpia onde, graças a pesquisas do Prof. José Sant'anna, descobrimos manifestações folclóricas não deturpadas. E no meu trabalho para a UNESCO, Olímpia, cidade que luta para integrar o 1.º mundo, terá amplo destaque". Pois é, os dia 15, 16, 17, 18 e 19 de dezembro de 93 foram pródigos para Della Mônica e agradáveis para os olimpienses. Parabéns, Laura, continue amiga desta gente que é sua família e seja, para todo o sempre, iluminada por Deus. Gratíssimos a você, amiga.

História e consciência do Brasil

Da Editora Saraiva, livro educativo do Prof. Gilberto Cotrim para o 1.º grau, História e Consciência do Brasil pretende levar o aluno a aprender sem decorar, a estudar sem enfadar-se, a descobrir as verdades sem mistificações. O Sant'anna, ante exemplar que recebeu, logo descobriu que, referindo-se a São Paulo, página 84, nada menos que um olimpiense, mestre Sebastião Donisete da Silva, o Mocó, ilustrava o tema Festa Popular: **Folia de Reis,** na cidade de Olímpia, SP. Se a idéia do livro já era excelente, melhor ficou com tal menção e, é claro, agradecidos aqui estamos, à espera de que os resultados sejam imensos e frutificantes. Parabéns a Gilberto Cotrim e à Editora Saraiva. Viva!

Novos núcleos de turismo

O governo de São Paulo, atendendo a antigos anelos de cidadãos preocupados com o interior do Estado, contribui, com projetos e verbas necessárias, para a formação de núcleos turísticos. São 250 Município paulistas que darão início ao projeto e, entre eles, Olímpia, devido ao Festival do Folclore, se inclui. É uma forma de tornarem conhecidas cidades de certa infra-estrutura, beneficiando populações que sairão do anonimato para um futuro promissor. A Secretaria de Esportes e Turismo do Estado de São Paulo denominou o projeto de "Núcleo Country de Turismo", tudo bem, apesar do country, desde que eventos importantes de cidades laboriosas se tornem públicos. Assim, entre Bebedouro, Barretos, Ibirá, Rio Preto e outras cidades já bem conhecidas, insere-se Olímpia e seu festival, uma bela foto panorâmica do "centrão" e trecho do "Termas dos Laranjais". Que seja abrangente essa realização, fazemos votos. E viva!

MUNDO ENCAIXADO

Núbia Pereira de Magalhães Gomes e Edimílson de Almeida Pereira, autores do livro **Mundo Encaixado** editado em Minas Gerais, enviam exemplar ao Prof. José Sant'anna, "com os votos de que o amor e o trabalho estejam encaixados em prol da cultura de nosso povo". Obra bem encaixada, livro encantado em "histórias que o mineiro conta", encantador em "**Mato do Tição: Festas**", profundo no estudo da cultura negra. Que feliz idéia a do "**Imaginário popular em Minas Gerais**"! Pela gentileza, o Sant'anna agradece. Pela sabedoria comprovada, o Folclore brasileiro agradece e parabeniza os autores. Deus os ilumine sempre. Desses dois cultos autores são também: **Negras Raízes Mineiras**: Os Arturos, **Arturos**: Olhos do Rosário e **Assim se Benze em Minas Gerais**.

Rocha em Exposição

João Carlos Oliveira da Rocha, o nosso Rochinha, mais uma vez se destaca nas páginas do Anuário do Folclore, por motivos diversos. É, como sabemos, olimpiense muito esforçado, um autêntico artista na difícil caminhada das telas e tintas, foi um excelente dançarino do Grupo da Cidinha Manzolli, premiado com seus quadros expostos no salão da Zeca Scura, durante os festivais do folclore. E, em sua "1ª Vernissagem", com todo o carinho que o caracteriza, além das belas obras expostas, dentre as quais se destacam **"Santos Reis na Casa de Pobre"**, **"Banda de Pífano Mirim"** e **"Lavadeiras do Rio São Francisco"**, temos a presença marcante do iluminado artista recebendo os cumprimentos de amigos e admiradores. Parabéns, Rochinha, que seja florida e sempre bela a estrada que você vai percorrer em busca da glória de que é merecedor. Deus esteja ao seu lado, valoroso jovem olimpiense.

"O CAIÇARA" DA BARONESA

O **Caiçara**, título do novo livro que a **Baronesa Esther Sant'Anna de Almeida Karwinsky** acaba de enviar ao Prof. José Sant'anna, "com os cumprimentos e admiração da autora". Obra de grande valor folclórico, leitura amena, é dedicada aos "amigos caiçaras, autênticos portadores do folclore brasileiro", segundo a baronesa. O Município do Guarujá está soberbamente representado no livro, destacando-se a Praia do Tombo, local das pesquisas sobre o caiçara, muitos imortalizados nas páginas felizes de Esther Sant'Anna: Andrelino Ramos, o Edegar, o Maneco... Receitas praianas... Usos e costumes. Muito bem, mestra, continue enriquecendo nossa literatura folclórica. Nós a cumprimentamos com orgulho pelas lutas enfrentadas e vencidas e pedimos que, pela vida afora, outros brasileiros mereçam tal estudo aprofundado. Gratos pela obra. Parabéns pelo livro. O caiçara há de ser eternamente grato ao se ver retratado e pesquisado. De novo, parabéns, baronesa!

GENTE IMPORTANTE ESCREVE AO SANT'ANNA

Não há espaço para publicar todas as cartas, ofícios e telegramas que o Sant'anna, idealizador e coordenador dos Festivais do Folclore de Olímpia recebe de todos os rincões do país, recebe de fora, de perto, de longe. Só se arquiva e se agradece e se reserva cantinho especial entre as horas felizes que marcam a trajetória do mestre olimpiense nos caminhos do folclore pátrio.

Do Prof. Alcides Vítor de Carvalho, Londrina, PR: "Privilegiada a cidade que possui pessoas tão entusiasmadas com cultura". Do folclorista e escritor Prof. Hitoshi Nomura, de Campinas, SP: "Gostaria que o amigo me enviasse um exemplar do Anuário do Folclore deste ano". De Roseneide Aparecida C. Montera, da Delegacia de Ensino de Itápolis: "Solicitamos nos forneça exemplares do Anuário do Folclore, de grande valia para o conhecimento de nossas raízes..." De Gérson de Oliveira Brito, de Campina Grande, PB: "Quero cumprimentar Vossa Senhoria, bem como os folcloristas, a laboriosa e hospitaleira gente de Olímpia pelo magnífico trabalho que, há muitos anos, vem sendo realizado na defesa e preservação da cultura folclórica brasileira". A todos eles, o abraço carinhoso do Prefeito José Carlos Moreira, do Prof. José Sant'anna e os agradecimentos de quem trabalha em prol do Festival do Folclore de Olímpia.

IDEALISMO DEFINIDO

Com esse título, a emérita floclorista, Profª. Laura Della Mônica, torna-se responsável pelos dizeres dos envelopes que levaram os convites do 30º. FEFOL às mais variadas regiões do país. Sem dúvida alguma, um encanto de escrito, pequena e rica obra literária, digna de ser lida e relida e, carinhosamente, perpetuada no Anuário do Folclore. Cumprimentamos a mestra, esperando vê-la mais vezes entre nós e gratos pelas belas frases redigidas, especialmente pelo seu especial carinho a Olímpia e ao Sant'anna. Com votos de longa e profícua existência, aqui transcrevemos seu **Idealismo Definido**:

"Há trinta anos conheci Menina-Moça, ainda ingênua, tímida, mas ansiosa para conhecer o Brasil.

Encontrei-a na praça da Matriz, debaixo das acácias amarelas, todas tão belas, movimentadas pela brisa das manhãs de abril.

A Menina-Moça esperava pelo Curupira que lhe prometera uma vida feliz de amizade, cheia de riqueza, e de amor sem-fim.

E todos os anos ela assistia aos desfiles e apresentações dos grupos folclóricos vindos de quase todos os estados brasileiros: congadas, moçambiques, caiapós, fandangos, catira, samba-lenço, bacamarteiros, cordão de bichos, cavalhadas, nau catarineta, bumba-meu-boi, boi-de-mamão, reisado, guerreiro, quilombo, pastoris, parafusos, batuque, cangaceiros, catupés, folias de reis...

E o Curupira vinha, recebia as chaves das mãos do Prefeito, divertia-se a valer levando a Menina-Moça sempre cheia de sonhos.

O tempo foi passando: outros desfiles, outras realizações, das mais diversificadas manifestações folclóricas, lítero-musicais, jogos, brincadeiras. A criançada que brincava de biroca, soltar-papagaios, lenço-atrás, amarelinha, foi crescendo e, com ela, a Menina-Moça. Quantos pretendentes? A Prefeitura e a Câmara de Olímpia que o digam.

Ao movimento se aliou o brasileiríssimo **BRADESCO**, no firme propósito de auxiliar e difundir o tesouro acumulado pelo trabalho paciente dos olimpienses de boa fé.

A Menina-Moça - Olímpia, Capital do Folclore hoje, é digna de respeito no mundo inteiro.

Quem pode esquecer da pequena praça, sempre florida, e da Menina-Moça, hoje Senhora, dona de si, que sabe o que faz e dá exemplos a todos quantos desejam progredir e vencer na vida?

Olímpia é o verdadeiro exemplo de cidadania.

Ah! Menina-Moça dos anos 60! Você ainda espera pelo Curupira todos os anos, eu sei!

(Ao Sant'anna, meu amigo e irmão)

LAURA DELLA MÔNICA
Comissão Paulista de Folclore

LÁ VEM TIROTEIO!

Ainda bem que festivo, que álacre, que entre amigos para amigos. Refiro-me ao vibrante Grupo Folclórico, "**Batalhão de Bacamarteiros**", de Carmópolis, SE. Um grupo extraordinariamente bem constituído, bem organizado, bem dirigido, capaz de dar um recado muito feliz a todos que sonham em preservar usos e costumes pátrios. Aqui eles têm vindo, aqui eles encantaram e, para nossa grande alegria, presentes estarão no 30º. FEFOL. Trarão sua vibrante música, marcada por 14 pandeiros, 4 ganzás, 2 reco-recos e 2 onças ou ronqueiras. Os homens dançam e lutam, as mulheres dançam e cantam o Samba de Coco, enquanto versos tradicionais ou improvisos dirigem as evoluções. A pólvora estoura, os bacamartes estremecem, os cabras sergipanos rememoram lides e lutas passadas. A platéia olimpiense vibra, os festivais ficam mais ricos, mais belos. Salve, pois, Bacamarteiros de Carmópolis. Olímpia lhes abre as portas do 30º. FEFOL e os cumprimenta, com amor, pelos esforços em prol dos nossos festivais. Parabéns.

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Por intermédio do editor e diretor da Comissão, Doralécio Soares, de Florianópolis, SC, para o Museu de Olímpia, pelas mãos do Sant'anna, mais um Boletim recheado de notas importantes sobre o folclore catarinense veio enriquecer o acervo de obras que constituem o nosso arquivo para estudos e pesquisas. Artigos sobre a Mandioca, sobre o Simpósio de São José dos Campos, Parlendas, Brinquedos e Jogos, Festilha, Licores, Mitos, Religião e Folclore, e muito mais, tornam a leitura do Boletim amena e elucidativa. A página 117, em Noticiário, elogiosa menção a Olímpia, ao 28º. FEFOL, ao Anuário que o Bradesco patrocina, aos eventos do festival e congratulações ao Prof. Sant'anna pelo dinâmico trabalho realizado em prol do Folclore Brasileiro. Um grande e importante trabalho que Santa Catarina empreende, com apoio da Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desporto, incentivando estudos e pesquisas sobre o folclore brasileiro. Agradecidos pelo envio do Boletim. Parabéns pelo bom trabalho.

REGISTROS

Novamente Acedilo Novaes no anuário

O olimpiense Acedilo Novaes, querido poeta de cordel, sempre elogiado por quem desse tipo de literatura entende, mais uma vez é destaque dos Anuários do Folclore. Desta feita, queremos relembrar os versos que marcaram a 3ª. Capa do Programa do 29º. FEFOL, versos que mereceram elogios e aplausos sem conta. Eis o que disse ele:

1 - Olímpia, solo bendito,
Horta de bons laranjais,
Terra de rico folclore
E dos vastos cafezais,
Nela se cria bons gados
E planta canaviais.

2 - Menina-Moça, tão bela,
Com muitos mil habitantes
É Capital do Folclore
Neste país tão gigante,
Fez do Prof. Sant'anna
Uma figura importante.

3 - Nasceu em sessenta e cinco
Uma festa empolgante
Conquistando muita fama
No Estado Bandeirante,
Unindo o nosso povo
Ao povo que está distante.

4 - Trazendo grupos do Norte,
Do Nordeste e do Sul,
O Brasil do Centro-Oeste,
Cordão encarnado e azul
É a festa do Presépio
Norte, Oeste, Leste e Sul.

5 - Esta festa do folclore
Aumenta nossa cultura
Com os folguedos e danças
E gente de toda altura
Artistas muito famosos,
Exposição de pintura.

6 - Professor José Sant'anna
Sente-se muito honrado
Em trazer numa semana
Folclore de todo lado,
Nosso povo se irmana
E se diverte dobrado.

7 - Se você nunca assistiu
Um dos nosso festivais
Você não tem a noção
Das belezas sem iguais
Que o Folclore Brasileiro
Nunca conheceu rivais.

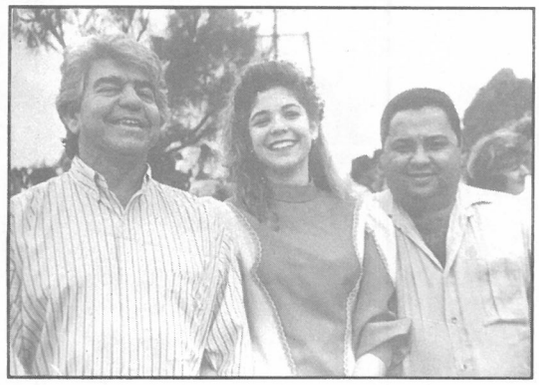
8 - No local da boa festa
Tudo está muito bem feito
O ambiente adequado
E o cenário perfeito,
Viva toda a Comissão,
Viva o nosso bom Prefeito!

9 - Saudamos o visitante
Em Olímpia reunido
Para aplaudir o folclore
Que nunca foi esquecido,
Refletindo no presente
O passado adquirido.

10 - Amemos a nossa terra,
Amemos a nossa gente,
Que o Folclore Brasileiro
Esteja sempre presente,
Mostrando sermos um povo
Muito ordeiro e competente.

Parabéns, Acedilo Novaes. Continue a prestigiar nosso festival, nossos momentos de glória, nossos homens de valor. Parabéns.

Sant'anna recepcionado no Rio Grande do Sul



O Professor José Sant'anna, folclorista, e o olimpiense Antônio Clemêncio da Silva participaram, de 13 a 20 de setembro de 1993, em Xangrilá, RS, da Semana Farroupilha, aproveitando a ocasião para fazer pesquisas sobre a dança **Anu**. Em Xangrilá, no Clube do G.T.C. "Vinte de Setembro", foram recepcionados pelo Sr. Valter Rost (Patrão) e Srª. Geneci Pereira Rost e demais membros da Diretoria: Deroci Anflor Ferreira, Manoel Jacques e Felix Santos da Silva, Ricardo Philipp, Sérgio Barbosa; pelo Prefeito Municipal, Sr. César Bassani; pelo Secretário de Turismo, Desporto e Lazer, Sr. Satiro Rocha.

Além das solenes recepções, muitos festejos aos visitantes na Fazenda do Sr. Teobaldo Deves e na do Sr. Pedro Barbosa, ambos ex-patrões do GTC; mais festas na residência do Sr. Sérgio Barbosa, na do Sr. Deroci Anflor Ferreira e na do Sr. Valter Rost.

Culminaram os festejos da Semana Farroupilha com duas grandes comemorações, às quais os olimpienses compareceram: de manhã, em Xangrilá e à tarde em Capão da Canoa, Municípios vizinhos. Portanto, uma semana plena de festas, congraçando-se brasileiros de distantes rincões. Pela gentileza das recepções, pela hospitalidade gaúcha, os perenes agradecimentos dos olimpienses convidados.

O Nordeste brasileiro recebe Sant'anna

Com Antônio Clemêncio da Silva, Guiomar Midori Sato e Maria de Fátima Souza Clemêncio da Silva, o Prof. José Sant'anna, no mês de janeiro de 1994 visitou cidades do Nordeste, pesquisando o nosso Folclore. Foi, mais ou menos, este o roteiro seguido pelo professor:

Dias 13 e 14:

Carmópolis - SE. Pesquisas sobre os **Bacamarteiros** (do Povoado de Aguada). Foram recepcionados pelo digníssimo folclorista e Secretário da Administração, Sr. Idelfonso Cruz Oliveira.

No dia 13, às 10 horas, o Prof. Sant'anna foi entrevistado pela Rádio Ouro de Carmópolis, discorrendo sobre o Festival do Folclore de Olímpia e a participação do Grupo Folclórico Bacamarteiros.

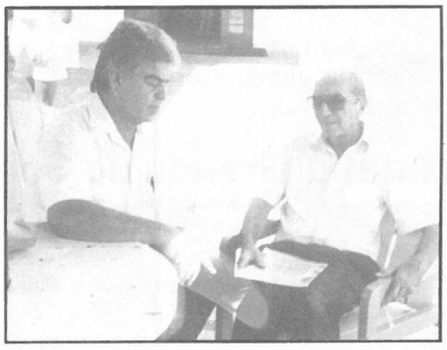
De 15 a 23:

Maceió, Chã Preta e Capela - AL. Pesquisas sobre danças e folguedos folclóricos: Reisado, Cavalhada, Guerreiro, Baianá, Caboclinhas, Coco de roda, Pastoril, Quilombo e Taieira, nas cidades de Maceió, Chã Preta e Capela, orientados pelo folclorista, Pedro Teixeira de Vasconcelos. Em Maceió, o Prof. Sant'anna foi entrevistado (dia 17), na Secretaria da Cultura pela Tevê Gazeta - Canal 7 - da Fundação Globo, discorrendo sobre o Festival do Folclore de Olímpia e a participação dos Grupos Folclóricos alagoanos. Foram recepcionados em Maceió pelo casal Pedro Teixeira de Vasconcelos (Profª. Edite) e sua filha Drª. M. Helena. Em Capela, pela Secretária da Saúde, Drª. Josefa Petrúcia de Melo Morais e pelo Prefeito Municipal, Sr. Adelmo de Novais Calheiros. Em Chã Preta, pelo Sr. Audálio de Vasconcelos Holanda e sua esposa Profª. Margarida Maria de Vasconcelos Holanda.

Dias 24, 25 e 26:

Natal - RN. Pesquisa sobre **Nau**

Catarineta, recebendo grande orientação do folclorista Deífilo Gurgel. Visita ao velho amigo Veríssimo de Melo. Visita ao Museu Luís da Câmara Cascudo, trazendo farto material literário, cedido por Veríssimo e Deífilo.



Sant'anna e Veríssimo

Dias 27, 28 e 29:

Campina Grande - PB. Pesquisas sobre danças: coco-de-roda, coco-do-sertão, coco-paparu, coco-de-umbigada, coco-de-três-tempos e coco-do-tibiro, acompanhados pelo estudioso da cultura folclórica, Gérson de Oliveira Brito.

Dentre o material gráfico-sonoro ofertado pelo Grupo Tropeiros da Borborema, figuravam também o livro "A Palavra do Nordestino Amazan" e uma fita minicassete de seus cantos e versos de cordel. Foram recepcionados na Câmara Municipal e na residência do Sr. Gérson.

João Pessoa - PB. Recebidos pela folclorista Profª. Francisca Neuma Fechine Borges, que ofereceu farto material escrito para o Departamento de Folclore de Olímpia, não tendo se encontrado com os ilustres amigos folcloristas Altimar de Alencar Pimentel e José Nilton do Nascimento.

Dias 30 e 31:

Recife - PE. Pesquisa sobre o **Maracatu** da nação-africana. No dia 30/1, em **Igaraçu**, assistiram à coroação dos Reis Negros do Maracatu "Estrela Brilhante", nas ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, pelo padre Luís Theus. Acompanharam o desfile deste grupo folclórico pelas ruas. Visitaram a Igreja de São Cosme e São Damião, o mais antigo templo católico do país. Os olimpienses estavam em companhia do digníssimo folclorista e promotor de Justiça do Recife, Dr. Roberto Émerson Câmara Benjamim e do senhor Dr. José Fernando Souza. Visitaram ainda a cidade de **Olinda**.

Que outras viagens como essas se realizem sempre, fazemos votos. Que o folclore brasileiro seja cada vez mais conhecido, admirado, aplaudido. Viajar é bom. Felicidades.

REGISTROS

Obras de Deífilo Gurgel

Quatro obras de Deífilo Gurgel, brasileiro do Rio Grande do Norte, Areia Branca sua cidade natal, obras que chegaram às mãos do Prof. Sant'anna e que, diga-se de passagem, agradaram a todos folcloristas que tiveram a sorte de possuí-las. São elas: "Manual do Boi Calemba", com explicações claras sobre o rico folguedo folclórico Bumba-meu-boi; "7 Sonetos do Rio"; "João Redondo", sobre o popular teatro de bonecos do nordeste e "Romanceiro de Alcaçus" que, entre outras belas informações, fala sobre Pirangi, não o daqui, o de lá, aquele que o autor conheceu e amou, o Pirangi nordestino, o do famoso cajueiro. Que bom ler o que escreve Deífilo Gurgel! Quanta coisa importante sobre costumes nordestinos, particularmente sobre a vivência potiguar. Obras que precisam viajar e serem lidas em todas as bibliotecas do país. Parabéns, Rio Grande do Norte por abrigar gente esforçada e íntegra quanto Deífilo. Nossos agradecimentos pelas obras.

Considerações da Comissão Paraibana de Folclore

Que o **Bradesco** é o grande paladino do Festival do Folclore de Olímpia é por todos sabido. Que o **Bradesco** incentiva a cultura popular financiando a impressão dos nossos Anuários, não é mistério. Que o **Bradesco** é o elo forte que une Olímpia à história do Folclore Brasileiro é um fato. Que o Bradesco nos estende, generosamente, as mãos, ninguém contesta. Assim, apreciando tudo isso, e vendo as portas abertas para as atividades folclóricas de Olímpia, foi que a Comissão Paraibana de Folclore, através do seu presidente, Prof. Altimar de Alencar Pimentel, escreveu ao Prof. Sant'anna, cumprimentando-o pelas graças recebidas, cumprimentando o **Bradesco** pelo que faz em prol da cultura popular, ensejando que outros Bancos imitassem esse nosso "cofre-forte" e acusando o recebimento dos Anuários do 28.º e 29.º Festivais do Folclore.

Eis o que ele escreve e, por isso, nossos agradecimentos e votos de que, um dia, alguém faça pela Paraíba o que por Olímpia o Bradesco faz. Amém!

João Pessoa, 12 de maio de 1994

Ilmo. Sr.
Prof. José Sant'anna
Olímpia - São Paulo

Prezado Professor

Vimos acusar o recebimento dos n.ºs 28 e 29 da revista do Festival do Folclore de Olímpia e agradecer-lhe a gentileza da oferta, uma vez que se trata de uma publicação no melhor nível e que já se constitui leitura indispensável para os estudiosos da cultura popular no Brasil.

Por oportuno, louvamos a colaboração que o **Bradesco** presta à cultura nacional, proporcionando os meios para sua divulgação através do Festival do Folclore de Olímpia em exemplo sublimador de que é uma instituição bancária que não visa apenas o lucro, mas está preocupada também com a preservação e o registro dos bens do espírito.

Este exemplo, meu caro mestre, deveria ser imitado, seguido por outras instituições do ramo que, infelizmente, não revela a mesma sensibilidade para investimento em atividades que não representem um retorno pecuniário imediato.

Iniciativas como esta do **Bradesco**, propiciando o desenvolvimento cultural do País, é que distinguem um estabelecimento bancário do seu porte dos demais similares, colocando-o não só numa posição digna de respeito e admiração de todos nós como em relação à cultura brasileira. Reiteramos-lhe os protesto de admiração pelo seu valioso trabalho e grande estima.

Altimar de Alencar Pimentel
- Presidente -

REGISTROS

Mais uma despedida a um folclorista

São tantos os que partiram, são tantos os que, nos últimos anos, deixaram autênticas crateras nos meios folclóricos, são tantos adeuses que, de certa forma, até nos assustamos. Agora, há pouco mais de um ano, partiu **Sebastião Almeida Oliveira,** brasileiro que nasceu em Monte Azul Paulista - SP, andou por diversos rincões: Tanabi, Cosmorama, Votuporanga, no Estado de São Paulo, Poços de Caldas, MG. Escreveu "Expressões do Populário Sertanejo", "Folclore e Outros Temas", "Garcia Redondo", "Subsídios para a História de Tanabi" e outros, colaborou com artigos para jornais e revistas, foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de várias partes do país e do exterior. Esteve diversas vezes em Olímpia, por época do festival do folclore, amigo do Sant'anna, admirador inconteste do nosso Anuário, um profundo estudioso da cultura popular brasileira. Uma grande perda para o folclore pátrio, uma grande perda para o Brasil. Saudades, folclorista que admiramos. Esteja presente, espiritualmente, no nosso 30.º FEFOL. Deus esteja ao seu lado e ampare os amigos que sempre o admiraram. Gratos por tanto amar a sua terra, a sua gente. Adeus!

Deixaremos registrada, em nosso Anuário, a biografia desse imortal folclorista - **Sebastião Almeida Oliveira** - escrita por **José Carlos Rossato**, do Departamento de Folclore de Olímpia.

"A História registra para a posteridade os feitos daqueles que dedicaram sua vida dando o melhor de si, em sua passagem terrena, defendendo o Civismo e o Nacionalismo, como ideal, acreditando piamente que seus ensinamentos alicerçados no amor ao próximo são a semente que, com o decorrer dos tempos, frutificará em benefício das gerações vindouras. Assim viveu sonhando o autodidata Sebastião Almeida Oliveira. Poeta, contista, historiador, escritor, folclorista e, acima de tudo, extraordinária figura humana.

Com o passamento dele, na cidade de Tanabi (SP), a cento e poucos quilômetros daqui, perde a Folclorística brasileira uma das suas consideráveis expressões. Foi um talentoso pesquisador que marcou época.

Nascido em oito de março de 1904, na vizinha Monte Azul Paulista. Mudou-se, aos oito anos, com os pais, para Ribeirão Claro, atual Guapiaçu, também próximo de Olímpia. Da antiga "Sapato Queimado" foi, em 1927, residir em Tanabi, também conhecida na época por Jataí (apesar de ter, oficialmente em 1.º/8/1906, deixado de ser Distrito de Paz e ganhou a atual denominação). Lá, foi Oficial do Registro Civil e Tabelião, por concurso público. Desempenhou várias atividades comunitárias. Participou da fundação de diversas instituições culturais, esportivas e beneficentes. Fundou, em 1942, o semanário "O Município", que até os dias atuais, é o porta-voz do povo tanabiense.

Como membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, criou os topônimos Cosmorama e Votuporanga. Inspirou o hino oficial da Cidade Evangelho e foi o autor do brasão de armas da Cidade das Brisas Suaves.

Não demorou para ocupar posição de vanguarda nas pesquisas da Folclorística. Escreveu para diversos jornais, alguns extintos no final do século XX: O Estado de São Paulo, Diário de São Paulo, Correio Paulistano, além do local, dos regionais, e outros mineiros. Seus artigos na imprensa estiveram ao redor de meio milhar. Seus livros: **Expressões do Populário Sertanejo** (1940); **Folclore e Outros Temas** (1948); **Garcia Redondo** (1942) e **Subsídios para a História de Tanabi** (1977) marcaram época. Muitos dos seus preciosos trabalhos foram publicados em periódicos especializados. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo editou **Vestígios de Hábitos Aborígines nos Usos e Costumes Sertanejos.** Na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, vários ensaios tornaram-se apreciados, notadamente, pela então atualidade dos temas e riqueza de informações. Destacamos: **Provérbios e Hábitos nos Domínios do Folclore; Armadilhas Usuais do Índio e do Sertanejo; Provérbios de Um Rei Sábio; e Adágios nos Domínios da Fauna.** Tem sido citado, nas últimas décadas, em trabalhos editados aquém e além-mar.

Amigo de Antenor Nascentes, Basílio de Magalhães, Câmara Cascudo, Caio Prado Júnior, Djacir Menezes, Ernâni Donato, Gilberto Freire, Jorge Amado, Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Sérgio Milliet, Silveira Bueno, além de outros renomados vultos das letras nacionais.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Minas e Goiás, integrou a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Buenos Aires e Washington. Pertenceu à União Brasileira de Escritores, tendo participado ativamente do 1.º Congresso, em 1945. Integrou a Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo. Fez parte da Liga Brasileira de Esperanto, do Rio de Janeiro. Participou da Academia de Letras de Uruguaiana e de várias outras organizações análogas.

Fiel à terra e sua gente, seu grande sonho era divulgar as produções espontâneas do povo, no cotidiano. Sua grande angústia era não conseguir inventariar tudo que via, ouvia e sentia. Foi antes de tudo um batalhador, um folclorista ávido de registros e de viagens. Era um sonhador, com os pés no chão e sempre fiel às suas origens. Sua vida foi direcionada para preservar, documentar, catalogar e proteger, dentro dos limites cabíveis, este patrimônio de incalculável valor. Foi um incansável e dedicadíssimo lutador, com tenacidade de herói e vontade férrea de eternizar-se. Atingiu plenamente os objetivos traçados.

Na obra deste imortal é possível visualizar uma panorâmica do folclore nacional. Encontramos nela o amor, o carinho e a dedicação toda especial por tudo que é equilibrado. Era xenófobo, não obstante não escondesse a vontade de conhecer a terra de seus ancestrais: Leiria, em Portugal.

Não escondia, mesmo octogenário, o desejo de ser útil ao semelhante.

Espiritualista, tinha na Bíblia uma de suas predileções e fonte permanente de inspirações para sua ação comunitária. Poliglota, comunicava-se fluentemente através do Francês, Espanhol, Esperanto, Inglês e Italiano.

Soube, como poucos, traduzir o conhecimento espontâneo do povo. Insubmisso procurava dar especial carinho às informações transmitidas pela nossa gente.

Motivado por saúde abalada, nos anos oitenta, retirou-se de Tanabi, durante certo tempo, quando abraçou Poços de Caldas (MG), como residência. Naquela oportunidade ele doou cerca de dois mil exemplares para a biblioteca do Município. A Municipalidade homenageou o doador batizando aquele acervo público com o nome do insigne folclorista, passando a denominar Biblioteca Sebastião Almeida Oliveira.

Amigo de Olímpia, esteve algumas vezes marcando presença no FEFOL (sigla do Festival do Folclore). E quando não teve mais forças para vir, em pensamento, estava presente. Acompanhava através da imprensa, do rádio e da televisão a divulgação da sabedoria do povo, no maior centro brasileiro de propagação das nossas raízes. Fazia-nos inúmeras indagações, emitindo reflexões dialéticas a respeito do maior Evento no gênero. Gostava de receber o **Anuário** e outras publicações ocorridas no desenrolar do Festival. Quando havia atraso, se encorajava e solicitava-as enfaticamente.

Foi nosso amigo e prefaciou dois de nosso trabalhos: **Folias de Reis e Votuporanga em Três Dimensões**, na segunda metade da década de oitenta. Além das freqüentes visitas, mantínhamos regular correspondência. Pouco ocupávamos o telefone, porque ele pertenceu a um período em que as pessoas apreciavam escrever. Lia muito. Sempre que o visitávamos, estava com livro ou jornal nas mãos. Com as vistas cansadas, não dispensava além dos óculos, uma lupa. Exercitava-se diariamente, mantendo-se receptivo às idéias das gerações mais jovens, mas sempre, com carinho, não deixava de transmitir a experiência de muitas décadas de vivência.

Viúvo de dona Carmem Vargas, com quem conviveu seis décadas, deixou duas filhas: Luzia, residente em Tanabi e Sônia, paulistana.

Jamais um estudo macrorregional da Alta Araraquarense, em se tratando de Ciências Humanas, poderá olvidar o nome de Sebastião Almeida Oliveira. Na pesquisa do folclore paulista e nacional, o nome dele também não deve ser omitido. Aliás, ele sobrevive após a morte da matéria, conduzido pelas obras que realizou na vida terrena. Dignificou o ser humano, a Folclorística, as comunidades envolvidas e valorizou as amizades sinceras. Como um constante enamorado do folclore, amou-o em todos os ângulos, com sacerdócio.

Ao falecer, em nove de abril de 1993, na noite de sexta-feira da Paixão, como um santo, não levou, provavelmente, nenhum ressentimento negativo da vida. Ela não lhe foi adversa, embora lhe tenha exigido consideráveis sacrifícios.

A bem da verdade não foi devidamente reconhecido por Tanabi, nem por Cosmorama e nem por Votuporanga. Pelo muito que fez para essas comunas, não recebeu sequer, um título de cidadania. E como mereceu! No entanto, o Centro de Folclore e Cultura de Votuporanga, concedeu-lhe uma singela mas significativa homenagem. Acrescentou o nome de Sebastião Almeida Oliveira à biblioteca daquela exemplar Instituição.

Normalmente não é comum distinguir a vida de uma pessoa e sua obra intelectual. Com Sebastião Almeida Oliveira também foi assim. Ambas são indissociáveis. São orgânicas formando um todo indivisível, inseparável. Modéstia à parte, somos considerados pela crítica, há anos, o biógrafo de Sebastião Almeida Oliveira, dada a nossa proximidade e o interesse pela vida e trabalho deste patrimônio cultural.

Finalmente, perdemos mais um amigo terreno. Ganhamos mais um amigo no além".

REGISTROS

COLABORANDO PARA O ANUÁRIO

Incontáveis são os colaboradores para que o Anuário do 30.º FEFOL seja distribuído a quem por folclore se interessa. Alguns anônimos serão, aqui, homenageados: Maestro Antônio Possato, na organografia musical, difícil e bela tarefa; Prof.ª Cidinha Manzolli, desenhando a pentagramatização, árduo trabalho; Willian Antônio Zanolli e João Carlos Oliveira da Rocha, dois especialistas em desenho e pintura, responsáveis pelas ilustrações do Anuário de 1994. E muitos outros que anônimos cooperam, que se esforçam, que ajudam. A todos colaboradores, que Deus lhes pague, que os abençoe e dê longa, longa vida, prontos para a labuta, para engrandecer nossas lutas pelos festivais do folclore. Gratos somos.

ATUAL PREFEITO DE OLÍMPIA

O excelentíssimo senhor **José Carlos Moreira**, Prefeito Municipal de Olímpia na vigência do 29.º FEFOL foi, como os últimos dirigentes da cidade, um incansável batalhador em prol do sucesso dos eventos folclóricos. Moreira esteve presente a todas as atividades, desdobrava-se assistindo a cerimônias do palanque, recebendo autoridades visitantes, cumprindo tarefas rotineiras da Prefeitura. Sua contribuição foi representativa e, esperamos assim continue enquanto durar seu comando. Nossos agradecimentos pela ajuda, Sr. prefeito. Parabéns pela gestão!

PRIMEIRA DAMA OLIMPIENSE

Esposa do senhor Prefeito de Olímpia, José Carlos Moreira, a **Prof.ª Anita Ferreira Moreira** é figura de destaque nos festivais do folclore. Seu trabalho exaustivo junto à Barraca da FOSAC, aquela que vende, durante o festival, artesanato das creches locais e deliciosa comida típica recebendo, também, todas as autoridades que nos visitam, é digno de nota. A primeira dama e sua equipe se desdobraram em 1993, correndo para participações no palanque e muito trabalho na barraca. Sua atividade marcante não passa despercebida e, por isso, aqui registramos nossos parabéns e agradecimentos, com votos de que saudável seja um baluarte das atividades folclóricas.

NÉDER NADRUZ FILHO

Secretário de Educação e Cultura do Município, o emérito **Prof. Néder Nadruz** colabora, com denodo, para que o festival do folclore conte com a presença maciça de alunos e mestres, instando, junto à Delegacia de Ensino, para que a pesquisa escolar se efetive no período das atividades.

Esperando contar sempre com a sua preciosa participação, aqui ficam nossos agradecimentos pelo muito que tem feito, pelo muito que fará.

MUSEU DE HISTÓRIA E FOLCLORE

Nosso encantador e bem equipado Museu de História e Folclore "Maria Olímpia" está, oficialmente, sob a coordenação geral no que diz respeito ao setor de Folclore, do **Prof. José Sant'anna**. Conta o mestre com a habilidade e dedicação da chefe-adjunta **Maria Jesus de Miranda** que, durante o 29.º FEFOL, recepcionou com muito charme a centenas de visitantes, estudiosos ou simples curiosos. O Museu é muito bem organizado, dirigido e coordenado, merece ser visitado, faz parte da cultura olimpiense, da educação nacional. Parabéns a todos que por ele se desvelam.

COMISSÃO EXECUTIVA DO 30.º FEFOL

Salvo alguma modificação de última hora, esta será a Comissão Executiva do Festival de 1994 - Dec. 2625, de 1.º/06/94:

Coordenação Geral: José Sant'anna / **Diretor Executivo:** Carlos Severino Paschoaletti/ **Vice-Diretor:** Fernando Storto/ **Departamento de Tesouraria:** Odonel Serrano, Walter José Cavanha e Clarice Aparecida de Queiroz Guariente / **Departamento de Secretaria:** Lupércio Bonin, Néder Nadruz Filho e Maria Aparecida de Araújo Manzolli/ **Departamento de Locação de Terrenos e Barracas:** Mauro Pimenta, Sidney Carlos Schalch e José Vilela Crispim / **Departamento de Hospedagem e Alimentação:** Egidio Caputo, Eurides Zangirolami e Felipe Antônio Zacharias / **Departamento de Recepção:** Ivan Aparecido Cáceres, Vicente Augusto Batista Paschoal e Oswaldo da Silva Melo / **Departamento de Divulgação:** Gesualdo Pinto Gomes, Fernando Storto e Orlando Rodrigues da Costa / **Departamento de Material e Equipamento:** Wayne Bergamasco, Francisco de Assis Madalena e Jesus Ferezin / **Departamento de Trânsito e Assistência:** Capitão Sílvio Carlos Silva Mendonça, Tenente Afonso de Jesus Borges e Sargento Valdeci Henrique Durans / **Departamento de Transporte de Grupos Folclóricos Locais:** Aldo de Jesus Ramos da Silva/ **Departamento de Apresentação do Evento:** Sílvio Roberto Bibi Mathias Netto/ **Departamento de Apoio:** Alcides Daroz, Ademir Antônio de Freitas, Aguimar Alves de Melo, Anadir Gonçalves Lima, André L. Nakamura, Antônio Clemêncio da Silva, Antônio Possato, Carlos Aparecido Porto, Célio José Franzin, Clarice Aparecida Queiroz Guariente, Clarismundo Sant'Ana, Dagmar Caversan Antunes, Débora Aparecida Vicente, Eliana Antônio D. Bertoncelo Monteiro, Elso José Martins Filho, Fausto Vieira Marcondes Filho, Gilberto Schalch, Guiomar Midori Sato, Ineh Bueno de Camargo, Iseh Bueno de Camargo, João José Abra, João Baptista Baraldi, João Carlos Amaro de Souza, João Norberto Gianotto, João da Costa Lima, Laerte Alcebíades Guariente, Luiz Alberto Tófoli, Maria Jesus de Miranda, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Maria Guiseppe Scura, Maria de Fátima Souza Clemêncio da Silva, Manoel dos Santos, Nelson Carlos Antunes, Neusa Aparecida Pereira dos Santos, Osterno de Oliveira Braz, Omar Miguel Longhi, Orlando Jacaré Moço, Valdemar Balbo, Valdemar Antônio Magro, Valdemar Aparecido Domingos, Wayne Bergamasco, Willian Antônio Zanolli e Wilson Donizetti Canevarolo.

Que possam, com as bênçãos do Senhor, cumprir com as obrigações competentes. Recebam os nossos cumprimentos sinceros, nossos perenes agradecimentos.

CORRESPONDÊNCIA

Manifestações recebidas

ARQUIVADAS POR
DÉBORA APARECIDA VICENTE

Belo Horizonte - MG, 04 de agosto de 1993.

Caro colega e amigo Prof. José Sant'anna,

Acabo de receber o programa do 29.º Festival do Folclore. Está lindíssimo e muito informativo, rico.

Adorei os versos de Acedilo Novaes.

Por favor, peço-lhe que me envie dez envelopes vazios: guardarei três deles e oferecerei os sete a colegas e amigos.

Afetuosamente,

Saul Martins

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 04 de agosto de 1993 (Sto. Cura D'Ars - Dia do Padre)

Caro Prof. José Sant'anna

Estou recebendo o programa do 29.º Festival e passo a consultá-lo sobre o seguinte:

Há anos venho anotando o Dicionário do Cascudo, já tendo feito umas duzentas emendas. Sei que poderá parecer uma heresia, principalmente para os nossos amigos do Nordeste. Mas não se trata da Bíblia Sagrada e essa tarefa foi recomendada pelo Antônio Houais quando crítico literário.

Desejo fazer a esse respeito, uma palestra de 15/20 min. em lugar adequado. Creio que o ideal seria o Festival de Olímpia num dos horários reservados a esse tipo de intervenção. Acontece, porém, que estou um tanto trôpego, necessitando de certas mordomias, como um hotel com porteiro e elevador. É claro que pagaria as despesas, aceitando porém uma ajuda financeira para as refeições e o ônibus.

Seriam no máximo duas noites, antes do aperto final.

O tema seria **Anotações Tempestivas ao Dicionário de Mestre Cascudo...** Caberia, penso, numa data de meio de semana. Creio que seria uma boa pedida, obrigando-me a sistematizar um pouco minhas anotações.

Aguardo sua resposta, sabendo V. que não fecho a questão.

Abraços do velho companheiro e amigo,

Hélio Damante

✿✱✱✿✱✱

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
MUSEU DE FOLCLORE

Juiz de Fora (MG), 05 de agosto de 1993.

Exm.º Senhor
JOSÉ CARLOS MOREIRA
Prefeito Municipal de Olímpia-SP

Cordiais Saudações:

Vimos por meio desta agradecer o convite para a realização do 29.º Festival do Folclore de Olímpia. Sentimo-nos orgulhosos aqui nas Minas Gerais por saber o trabalho valioso desenvolvido nesta cidade co-irmã em prol da preservação da cultura de nosso povo.

Louvamos e saudamos as iniciativas do poder público que, atento à vida do homem, sabe auxiliar e divulgar as manifestações da cultura popular. Sucessos para o evento.

Sem mais para o momento, subscrevemo-nos,

Atenciosamente,

Prof. Edimilson de Almeida Pereira

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 9 de agosto de 1993.

Ilmo.º Senhor
JOSÉ SANT'ANNA
Coordenador do 29.º FEFOL - Olímpia

Recebi sua carta de julho passado, convidando-me para o 29.º Festival do Folclore, a realizar-se no período de 15 a 22 do corrente.

Agradeço a atenção e lamento não poder aquiescer o gentil convite, em razão de minha agenda estar toda comprometida para a mesma época.

Auguro êxito ao acontecimento.

Cordialmente,

ALCIDES LOPES TAPIAS
Vice-presidente do Conselho Superior de Administração
BANCO BRADESCO S.A.

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 10 e agosto de 1993.

Ilmo.º Senhor
JOSÉ SANT'ANNA
Coordenador do 29.º FEFOL - Olímpia

Recebi sua carta de 22 de julho passado, convidando-me para o 29.º Festival do Folclore, a realizar-se no período de 15 a 22 do corrente.

Agradecendo a atenção com que me distinguiu, lamento não poder comparecer em razão de compromissos assumidos anteriormente para a mesma época.

Formulo votos de êxito ao evento.

Cordialmente,

ARMANDO FERNANDES JUNIOR
Vice-presidente
BANCO DO BRADESCO S.A.

✿✱✱✿✱✱

Vitória - ES, 13 de agosto de 1993.

Professor e amigo, folclorista José Sant'anna

Ainda não será desta feita que irei a Olímpia, a capital nacional do folclore. Compromissos locais impedem-me de fazer a viagem, para mim atualmente longa.

Isto não me impede, todavia, de estar aí presente espiritualmente, aplaudindo **Sua** grande invenção.

O abraço fraternal de

RENATO JOSÉ COSTA PACHECO

✿✱✱✿✱✱

Natal - RN, 18 de agosto de 1993

Ilustres Senhores:

Tive o prazer de receber a programação do excelente festival folclórico e parabenizo pela organização do mesmo e qualidade da programação.

Infelizmente, vários compromissos e a larga distância que me separa de Olímpia não me permitirão acompanhar o festival. Mas, apaixonado por folclore que sou, gostaria de receber, se possível, o anuário do respectivo festival quando o mesmo estiver concluído. Tenho que preencher alguma ficha ou pagar taxa? Como o recebo?

Certo de sua atenção, agradeço desde já e volto a parabenizar e desejar sucesso no festival do folclore.

ULISSES PASSARELLI

✿✱✱✿✱✱

Penápolis - SP, 24 de agosto de 1993

Prezado Senhor, folclorista José Sant'anna

Tendo conhecimento sobre a realização do Festival do Folclore dessa con-

CORRESPONDÊNCIA

ceituada cidade e conversando com algumas pessoas que o visitaram este ano, pudemos conhecer o livro (cartilha) editado em 1993, sobre o folclore de Olímpia.

Como também temos um Museu do Folclore, um rico acervo e estamos desenvolvendo um projeto com as professoras e as crianças das Escolas Municipais de Educação Infantil (65 professoras e 1500 crianças), que culminará com uma exposição no final do ano, necessitamos de material para as nossas pesquisas.

Em vista disso, solicitamos a Vossa Senhoria, a doação de alguns exemplares da referida cartilha que poderá ser enviada ao Departamento Municipal de Educação e Cultura de Penápolis (Rua Anchieta, 344 - CEP 16300-000).

Certos de Vossa colaboração, desde já agradecemos, enviando nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

MÍRIAN LEILA MANZATTI MENDES
Diretora Municipal de Educação e Cultura

LUZIA AMBROZINI AUGUSTI
Chefe do Serviço de Pré-escolas

✿✱✱✿✱✱

Passos - MG, 26 de agosto de 1993.
Prezado Senhor José Sant'anna

Por intermédio do amigo Sr. Jerônimo dos Santos, capitão do Terno de Congada do Menino Jesus desta cidade, tomei conhecimento desta brilhante festa do folclore realizada anualmente em Olímpia e muito me encantei com o exemplar da Revista do 28.º Festival do Folclore a qual me foi emprestada pelo Sr. Jerônimo.

Naquela oportunidade redigi uma carta ao Departamento de Cultura de Olímpia, solicitando um exemplar da revista, entretanto, não fui atendido.

Assim sendo, tomo a liberdade de novamente solicitar um exemplar do Anuário do 29.º Festival do Folclore, o que me deixaria muito contente, pois, gosto muito de adquirir conhecimentos sobre nossas raízes e todos os assuntos abordados nesta revista.

Caso seja possível, gostaria de recebê-lo via correio no endereço abaixo e desde já fico muito agradecido.

Não o conheço pessoalmente, mas sabe-se que é uma pessoa muito bem relacionada e muito querida de todos.

Meus sinceros agradecimentos.

ATAÍDE NATALINO DE REZENDE

✿✱✱✿✱✱

Juazeiro - BA, 26 de agosto de 1993.
Telegrama
Professor José Sant'anna:

Agradecemos honroso convite participação Festival Folclore.

Lamentavelmente não pudemos participar, o que faremos no próximo ano. Parabenizamos o ilustre coordenador, o qual consideramos a maior expressão de conhecimentos de folclore brasileiro. Estenda nossos cumprimentos ao Sr. Prefeito José Carlos Moreira e ao Presidente, Sidney Furlan. Abraços.

MARIA IZABEL MUNIZ FIGUEIREDO

✿✱✱✿✱✱

Guarujá - SP, 28 de agosto de 1993.
Associação de Folclore e Artesanato
Prezado e querido amigo José Sant'anna

Acuso recebimento do convite para o 29.º Festival do Folclore de Olímpia. Muito agradeço - **Jubileu de Veludo!** Parabéns!

Espero que no 30.º Festival de Olímpia eu possa estar aí com vocês para abraçá-lo e a todos os amigos folcloristas. Gostaria de saber a data do seu Festival - 1994, para que não venha a conflitar com o nosso e eu possa participar. Com muitas saudades o abraço amigo de

BARONESA ESTER S. A. DE ALMEIDA KARWINSKY

✿✱✱✿✱✱

Olímpia, 10 de setembro de 1993.
Ilmo. Senhor
JOSÉ SANT'ANNA
ASSUNTO: Faz agradecimento
Prezado Senhor:

Servimo-nos do presente para apresentar-lhe nossos sinceros agradecimentos por sua valiosa colaboração com a E.E.P.G. "Prof.ª Alzira Tonelli Zaccarelli" - Jardim Hélio Casarini, nas solenidades comemorativas do 29.º Festival do Folclore de Olímpia.

Aproveitamos a oportunidade para também colocar a Escola ao seu dispor e para reiterar nosso reconhecimento e consideração.

Cordialmente,

JORGE SALOMÃO - Diretor

✿✱✱✿✱✱

Belo Horizonte - MG, 15 de setembro de 1993
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
S E S C - MG
Ilm.º Senhor
JOSÉ SANT'ANNA
Prezado Senhor:

Temos a honra de remeter a V.Sa. um exemplar do Boletim da Comissão Mineira de Folclore, n.º 15 - dezembro/92, que contém artigos de folcloristas e de outros estudiosos da cultura popular, com vistas ao estímulo do debate de idéias e preservação das nossas autênticas tradições culturais e folclóricas.

O SESC/MG ao publicar a presente obra, dá a sua parcela de contribuição à divulgação do trabalho de pesquisa e desenvolvimento pela Comissão Mineira de Folclore, sendo que o conteúdo das matérias constantes do Boletim reflete, exclusivamente, o pensamento de seus autores.

Com nossa estima e apreço, somos,
Cordialmente,

ROBÍNSON CORREA GONTIJO
Diretor Regional

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 30 de setembro de 1993.
Excelentíssimo Senhor
JOSÉ CARLOS MOREIRA
DD. Prefeito Municipal de Olímpia

Há 30 anos estive, pela primeira vez, em Olímpia e posso afirmar a Vossa Excelência que ela é a única cidade brasileira que realizou seu 29.º Festival do Folclore ininterruptamente, sempre sob a direção do inegável batalhador, o Prof. José Sant'anna. Trabalho árduo, sério e complexo, exigindo a participação de todos, sem ideologia política, sem isenção de ânimo ou mesmo de credo religioso.

Na qualidade de cidadã olimpiense e integrante do movimento da cultura folclórica desde o início, nessa tão querida cidade, hoje Capital do Folclore - desejo cumprimentar Vossa Excelência que apenas em um ano de trabalho aceitou o 29.º Festival do Folclore como tarefa da cultura, da educação e em favor de um turismo nascente.

Parabéns mais uma vez pela difícil incumbência de governar um município que deseja atingir o lugar digno das cidades do Primeiro Mundo.

Obrigada, senhor Prefeito, pela honra, pela amizade.

LAURA DELLA MÔNICA

✿✱✱✿✱✱

Americana - SP, 2 de outubro de 1993
Caríssimo, Senhor Sant'anna:

Espero que sua vida esteja na santa paz. É com muita satisfação que lhe escrevo estas poucas linhas.

Quero lhe agradecer imensamente por ter me mandado a Revista. O Senhor não sabe quanto estou contente por isso. Não sei nem como lhe agradecer.

E quero lhe colocar que eu e minhas colegas de trabalho, estamos aproveitando bem o material que temos e agora melhor ainda. E prometo que um dia irei prestigiar esse trabalho, esta festa bem de perto. Para mim não haverá prazer maior.

Não sei nem como lhe agradecer, pois o muito que eu colocar será pouco pelo que vale tudo isso.

CORRESPONDÊNCIA

Mais uma vez, muito obrigada. Um grande abraço e felicidade para o senhor e sua equipe, colaboradores deste trabalho. Tchau.

MEIRE GALDINO

✿✱✿✱✿✱

Olinda - PE, 5 de outubro de 1993

Meu caro José Sant'anna

Em mãos, sua carta de 28 de setembro pp., com receita dos biscoitos língua-de-sogra e a notícia da próxima publicação do Anuário de Folclore - 1994. Agradeço a gentileza de sua carta e fico à espera do mesmo. E, por falar em Anuário, ainda não recebi o de 1993, que também aguardo com ansiedade.

Com referência a receita dos biscoitos, tomei a liberdade, respeitando a fonte, inseri-la no meu novo trabalho a sair no começo do próximo ano: **O Coco: Riqueza, Folclore, Alimentação.**

Aqui, meu caro José Sant'anna, continuo a minha luta, tratando de aproveitar, da melhor maneira possível, o tempo que ainda me resta. É uma verdadeira roda viva.

Aqui vou deixando um abraço bem grande, com os meus votos de muita saúde e paz para o amigo e todos de sua família.

MÁRIO SOUTO MAIOR

✿✱✿✱✿✱

Salvador - BA, 12 de outubro de 1993.

(Dia das crianças e de Nossa Senhora Aparecida)

Querido Prof. Sant'anna.

Tudo bem?

Em breve escrevo-lhe uma carta mais elaborada e enviarei o Relatório que fiz sobre a minha estadia com vocês, no 29.º Festival do Folclore de Olímpia.

Ando viajando e trabalhando muito por aqui. Fiz um seminário, logo que cheguei, sobre o Festival do Folclore de Olímpia aberto ao público.

Sabe?! Ainda me parece um sonho. Sua figura entre as figuras do Folclore Brasileiro!!! E naquela noite que eu estava na casa da Prof.ª Cidinha, meio jururu, e o senhor chegou todo iluminado e jovial, me ofertou os Anuários do Festival do Folclore de Olímpia e me disse que já estava indo à Praça do Folclore. Uma **Lição de Coragem e Amor** - (ao que só poucos fazem de verdade) **à sua Pátria.**

Favor entregar esta carta em anexo a Maria Miranda, nossa querida e dedicada Maria.

Um beijo e abraços para nossa equipe do Festival do Folclore de Olímpia e muito obrigada por tudo,

EDVA MARIA GOMES BARRETO

✿✱✿✱✿✱

Sorocaba - SP, 16 de outubro de 1993

Ao ilustre folclorista

JOSÉ SANT'ANNA

Caro amigo:

Mais uma vez estou lhe enviando os meus efusivos agradecimentos pela sua gentileza em remeter-me o Anuário de Folclore.

Logo começarei a devorar a abundante e erudita matéria nele contida. Principalmente a parte referente aos contos folclóricos, minha preferência e especialidade.

Falando nisso, tenho já, pronta, nova coleção de estórias, desta vez colhidas em Piracicaba, Sorocaba e Botucatu. Sempre seguindo à risca o "método Câmara Cascudo" e a exata trilha de como proceder para realizar uma coleta científica. Tudo o que me foi ensinado pelo saudoso Prof. Rossini Tavares de Lima.

Logo que arranjar editor e o livro vier à luz, não me esquecerei do amigo José Sant'anna e de sua gloriosa Olímpia.

Grato pela dedicatória gentilíssima,

Um abraço de amigo e muito admirador

WALDEMAR IGLÉSIAS FERNANDES

✿✱✿✱✿✱

São Paulo, 19 de outubro de 1993

Prezado Prof. Sant'anna

Tenho a satisfação de agradecer-lhe a remessa da publicação **"29.º Festival do Folclore"**.

Na oportunidade, cumprimento-o pelo trabalho realizado e desejo-lhes as mais profícuas realizações.

Atenciosamente,

MARIA DO ROSÁRIO DE SOUZA TAVARES DE LIMA

✿✱✿✱✿✱

São Paulo, 19 de outubro de 1993.

Prezado Senhor Sant'anna

Acusamos o recebimento do Anuário do Folclore (29.º Festival do Folclore de Olímpia). O mesmo foi encaminhado à Sala de Artes.

Atenciosamente,

LUCIA NEIZA P. DA SILVA

Diretora

Biblioteca Mário de Andrade

✿✱✿✱✿✱

Jundiaí - SP, 19 de outubro de 1993

Caro amigo e colega, Prof. José Sant'anna

Acabo de receber a Revista do Folclore, relativa ao 29.º Festival do Folclore de Olímpia - 93, cuja notoriedade dispensa comentários. Muito obrigado.

Você continua, como vejo, o velho idealista e lutador em prol da cultura popular brasileira. De resto, toda a equipe da Comissão de Folclore de sua cidade está de parabéns. Vejo que você publicou a minha carta. Obrigado. A verdade que ela pretende expressar — se estende também ao presente festival.

Com um grande abraço e votos de saúde, envio minhas saudações aos amigos, colaboradores da revista, para o qual lhe remeto uma pequena colaboração, aproveitando o Centenário de Mário de Andrade, festejado agora, inclusive em Jundiaí, conforme noticiário anexo.

Até breve. Felicidades. Sempre o companheiro e admirador,

ADELINO BRANDÃO

✿✱✿✱✿✱

Vitória - ES, 20 de outubro de 1993.

Prof. José Sant'anna:

Acabo de receber o **Anuário - 29 anos.** Tenho desde o n.º 25, há um quinqüênio, e acompanho, com carinho e admiração, seu ingente trabalho.

Ninguém mais poderá escrever sobre folclore, no Brasil, sem citar o seu Anuário, que mais que um Relatório, é um repositório de pesquisas e estudos de alta valia.

Muito obrigado e meu parabéns.

Cordialmente,

RENATO JOSÉ COSTA PACHECO

✿✱✿✱✿✱

Natal - RN, 20 de outubro de 1993.

Ilustre e velho amigo

Prof. Sant'anna: meu abraço.

Mais uma vez, tenho a grata satisfação de acusar o recebimento da revista correspondente ao 29.º Festival de Folclore de Olímpia. Um belo repositório de ensaios e artigos sobre a ciência do Folclore, destacando-se, como sempre, seus trabalhos ali publicados.

Você precisa reunir em livro esses ensaios que tem publicado ao longo desses 29 anos de frutuosas atividades. Há muita matéria importante que você tem colhido e serve abundantemente para cotejo com manifestações da mesma espécie noutras regiões do país.

Por hoje, só os meus afetuosos agradecimentos pela remessa da Revista e meus parabéns pelo êxito de mais um Festival do Folclore de Olímpia. Seu sempre admirador a amigo,

VERÍSSIMO DE MELO

✿✱✿✱✿✱

SERVIÇO PÚBLICO ESTADUAL

Secretaria de Estado da Cultura

INEPAC - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural

Divisão de Folclore

Rio de Janeiro - RJ, 20 de outubro de 1993.

PROF. JOSÉ SANT'ANNA

CORRESPONDÊNCIA

Prezado Senhor:

Com prazer informo o recebimento da revista do 29.º Festival do Folclore de Olímpia - SP e quero parabenizá-lo e à sua equipe - pela excelência da publicação.

Informo também que o exemplar recebido irá para o acervo bibliográfico da Divisão de Folclore, órgão da SEC-RJ que atualmente dirijo, onde ficará à disposição dos estudantes, professores e pesquisadores que, freqüentemente, nos procuram para consultas.

Com meus sinceros agradecimentos,

Cordiais saudações

DELZIMAR COUTINHO

Div. de Folclore

✿✱✿✱✱

Belo Horizonte - MG, 20 de outubro de 1993.

JOSÉ SANT'ANNA

DD. Diretor do Anuário do Folclore

OLÍMPIA

Prezadíssimo Diretor:

Muito nos apraz comunicar-lhe o recebimento da bela revista do 29.º Festival de Folclore de Olímpia.

Vamos ler com a acuidade de sempre. Por uma rápida vista d'olhos percebe-se conter material de primeira. Aliás, uma característica dessa publicação: poucos assuntos, mas bem aprofundados os estudos.

Claro, que os assuntos não se esgotam. Isto é quase impossível. Precisaria de uma enciclopédia.

Olímpia, mais uma vez, dá exemplo principalmente às Capitais estaduais.

O Festival do Folclore de Olímpia já se tornou um evento de âmbito nacional. Incorporou-se muito justamente, ao calendário cultural do País.

Parabéns, parabéns.

Colocando-nos à disposição de V.S.ª, subscrevemo-nos atenciosamente.

DOMINGOS DINIZ

Presidente da Com. Mineira de Folclore

✿✱✿✱✱

Câmara Municipal de Ponta de Pedras

Ponta de Pedras - PA, 21 de outubro de 1993

Sr. José Sant'anna

Senhor coordenador, em primeiro, cabe-me cumprimentá-lo, pela brilhante atuação, com que Vossa Senhoria vem desempenhando a difícil tarefa de divulgar a cultura e origem do povo de nossa terra: Brasil.

É com muito prazer que venho através desta, apresentar-lhe o grupo de artes e tradições folclóricas do povo Paraense, e à cultura Marajoara, manifestada através da música e dança.

O grupo ITAQUARI pertence ao Município de Ponta de Pedras, situado na Ilha do Marajó, a três horas de Belém, cuja principal atividade econômica é a pesca e a cultura do Açaí.

Pois bem, tomando conhecimento do festival folclórico de Olímpia, cuja importância cultural está sendo muito divulgada, aqui no Pará, gostaríamos de manter contato, para viabilizar uma futura apresentação no festival de sua cidade.

É mister salientar que o grupo formado por jovens, que não possui recursos financeiros, são financiados e mantidos através da ajuda do povo Marajoara.

Segue a esta, uma fita de vídeo que mostra um pouco do trabalho do grupo (espero que vossa Excelência aprecie). Contamos com sua especial atenção, e certos que obteremos uma resposta, apresento minhas congratulações.

Atenciosamente,

JOSAFÁ DO NASCIMENTO FERREIRA

Vereador

✿✱✿✱✱

Porto Alegre - RS, 21 de outubro de 1993.

Prezado Folclorista:

Vimos cumprimentá-lo e, à ocasião, acusar o recebimento do Anuário do 29.º Festival do Folclore, Olímpia/SP.

Ficamos extremamente agradecidos com tal lembrança, pois que a qualidade dos artigos, fotos, montagem dizem do carinho e dedicação que o ilustre folclorista, bem como os demais colaboradores passaram aos leitores. Tal potencial motiva-nos a continuarmos em nossa trajetória de pesquisas e estudos sobre o Folclore na firme convicção de que não estamos sós e na certeza de que um povo só é identificado como tal pelo seu folclore.

Colocamo-nos à disposição de Vossa Senhoria, firmamo-nos cordialmente,

LILIAN ARGENTINA BRAGA MARQUES

Presidente da Comissão Gaúcha de Folclore

✿✱✿✱✱

Rio de Janeiro - RJ, 22 de outubro de 1993

Prezado Sant'anna:

Recebi o Anuário do Folclore - 1993. Permita-me felicitá-lo e a sua extraordinária equipe pela bela apresentação. Sempre achei que a mensagem de vocês desde início chega a um numeroso grupo de leitores, despertando o interesse pela nossa matéria. Faço votos que a sua preocupação pela ciência imprima ao Anuário uma crescente seriedade nas pesquisas de campo.

Parabéns pelo extraordinário esforço. Se você tiver um portador de confiança para Olímpia eu teria sumo prazer em remeter para o Departamento de Folclore algumas de minhas obras.

Obrigado pela homenagem prestada ao nosso inesquecível Krebs.

Abraços saudosos do seu velho professor e amigo

PROF. DR. PAULO DE CARVALHO-NETO

✿✱✿✱✱

Maceió - AL, 23 de outubro de 1993

Ilustre folclorista José Sant'anna

Vinte e nove anos de Festival, já constitui um marco inapagável, marco de consolidação do saber preservar, respeitar as maravilhas da criação artístico-popular. Como se não bastasse o festival existir, o anuário é a prova concreta do "savoir faire", que ano a ano se apresenta mais maduro, mais respeitável, mais digno de elogios e de confiança de todos aqueles que esperam um evoluir constante das análises dos fatos folclóricos.

Uma novidade para o amigo: fui aprovado no Doutorado em História Social da USP; a partir de março, se Deus quiser, estaremos muito próximos. Esperemos

Abraços,

JOSÉ MARIA TENÓRIO ROCHA

✿✱✿✱✱

Olinda - PE, 26 de outubro de 1993

Meu caro José Sant'anna

Recebi FOLCLORE/1993. Uma beleza de publicação, que a gente começa a ler logo que ela chega às nossas mãos. Meus parabéns, mais uma vez, pelo êxito do 29.º Festival do Folclore que você organiza e faz acontecer com tanto brilho, mantendo sempre acesa a chama do nosso sonho.

Agora, faço uma indagação: por que você não junta o que escreve e publica um livro?

Aqui, na minha sala de trabalho, tenho já um monte de Folclore desde 1984, somente. Será que você dispõe de alguns dos números anteriores? Gostaria de ter mais alguns que não recebi.

Estou terminando o **COCO: Riqueza, Folclore**, Alimentação.

Já mandei fazer o orçamento para raspar as economias, raspar o tacho e ver se posso editar o livrinho. Vamos ver o que acontece.

Um abraço do amigo e admirador,

MÁRIO SOUTO MAIOR

✿✱✿✱✱

CORRESPONDÊNCIA

Belém - PA, 28 de outubro de 1993
Estimado amigo José Sant'anna
Com um abraço agradeço o exemplar da revista do vigésimo nono Festival do Folclore, realizado nessa progressiva cidade.

Estive gravemente enferma em fevereiro e até hoje ainda continuo em tratamento médico, mas, graças a Deus, estou me recuperando.

Com saudades do amigo de São Paulo, desejo-lhe saúde e alegria ao lado de sua família.

Com os meus votos de plenas atividades intelectuais, e um abraço,
MARIA BRIGIDO

✿✱✱✿✱✱

Descalvado - SP, 31 de outubro de 1993.

Prezado colega e amigo José Sant'anna

Cordiais saudações:

Atendendo ao seu pedido, confirmo o recebimento da sua maravilhosa revista alusiva ao 29.º Festival do Folclore. No ensejo, agradeço a homenagem contida na dedicatória do mesmo anuário ou revista. Sem falsa modéstia, penso que não valho tanto, a não ser, naturalmente, na prodigalidade ou complacência dos olhos e do sentir dos verdadeiros amigos.

Não temos nos encontrado para conversar e reviver um pouco do nosso passado, mas tenho sabido que você nos procurara em casa de nossos parentes, durante a nossa última estada em Olímpia, eu e a Cidinha. Então é possível que não saiba da mudança do meu genro para Itatiba (SP). Motivou-a proposta de melhores vencimentos e condições de trabalho por parte de importante empresa daquela cidade. Penso que agiu certo, não perdendo o ensejo de se expandir econômica e profissionalmente. Mas nós, os avós, que para aqui nos mudamos para curtir os netos, ficamos a ver navios. É certo que ainda contamos com a boa companhia da filha Estelinha, que trabalha numa grande cooperativa, como veterinária, na área avícola. Todavia, como avós, nosso dodói do dia-a-dia eram os netos, com os quais convivíamos na maior parte do tempo.

Com isso, andamos pensando em voltar para Olímpia, nossa terra, ou terra das nossas raízes, amigos e tradições, antes que eles se vão, como o Dimas e outros, ou que nós também partamos... E essa pretensão é motivada tão somente por uma verdadeira desinquietude de avô que queria os netos a seu redor, nada havendo, portanto, contra a cidade de Descalvado. O povo daqui é bom e a cidade é boa de se morar nela, já a partir do seu clima, da água, etc. Acontece que depois de uma certa idade, nós passamos a depender muito mais do passado do que do futuro. Os netos e os filhos juntos de nós, como que consubstanciam esse passado; a distância espacial deles nos insinua a busca daquele espaço geográfico, onde encontramos colegas, amigos e lembranças; boas ou más, mas sempre lembranças! E esse espaço, sem dúvida, é a nossa Olímpia, a Capital do Folclore, a terra da laranja, do calor e das moças bonitas. Ali, como você, crescemos, estudamos, trabalhamos e buscamos nossos ideais; nem de todo alcançados, é certo, mas sempre perseguidos. Tanto assim que as nossas lides, associadas às dos nossos colegas e amigos, dariam uma história de certa graça e coragem, se já não de grandeza, que serviria, penso agora, para vitaminar ou reanimar muitos desiludidos mais jovens e de mais recursos do que nós.

Você, Sant'anna, mais do que eu, deve orgulhar-se do rol das suas ações já passadas e presentes, pois que além de sua relevante contribuição ao magistério, nosso ideal comum, gravara na nossa cidade as lindas e coloridas páginas do folclore brasileiro.

Eu não me prolongando mais, e antes que eu volte para Olímpia, deixo-lhe nestas linhas amigas, pois que o merece e já o pratica, um belo pensamento normativo do escritor e filósofo Marco Aurélio, imperador de Roma, extraído de sua obra meditações, Livro IV, parágrafo 31:

"Ama a arte que aprendeste e contenta-te com ela; e passa pela vida que te resta como que confiou aos deuses, com toda sua alma, tudo o que tem, sem se tornar nem tirano nem escravo de homem algum".

Sem mais, subscrevo-me com cordial estima e apreço.
JOSÉ CONSTANTINO FERRATTO

✿✱✱✿✱✱

São José dos Campos - SP, 1.º de novembro de 1993

Prezado Prof. José Sant'anna

Há 2 dias, sábado passado, recebi o anuário do 29.º Festival do Folclore, realizado de 15 a 22 de agosto de 1993. Passei o domingo inteiro deliciando-me com seu conteúdo. Não só eu mas também meus netos que me fizeram ler repetidamente, escritos, contos e adivinhações que os encantaram. Certamente você, como consta em sua correspondência recebida, sente o valor do seu trabalho reconhecido por todos aqueles que labutam nessa mesma área e eu quero me juntar a eles e também parabenizá-lo por esse seu importante desempenho. Também quero agradecer pela gentil dedicatória. Saiba que tudo começou em 1979 quando conheci um homem e uma mulher, dois mestres na minha vida: Rossini Tavares de Lima e Julieta de Andrade, e depois, ouvindo, lendo, contactando com pessoas muito especiais dentro do folclore, vendo aos poucos aprendendo a amar e respeitar a minha cultura.

Entre essas pessoas especiais está você.

Muito obrigada,
ANGELA SAVASTANO

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 1.º de novembro de 1993.

Caro José Sant'anna:

Mais uma vez tenho o privilégio de receber o Anuário do Folclore - agora o n.º 23/93, a demonstrar que você e sua equipe, a despeito de quaisquer adversidades, continuam promovendo a cultura popular brasileira, através de múltiplas iniciativas.

Cumprimentos a você e a todos os que, com patente dinamismo e esforço, dedicam-se a tão importante trabalho.

O abraço e a admiração de
MARIA DO CARMO VENDRAMINI

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 1.º de novembro de 1993.

José Sant'anna:

Quero agradecer-lhe por enviar-me o Anuário do 29.º Festival do Folclore de Olímpia. Sinto-me profundamente agradecida pela atenção, e desde já lhe informo da grande contribuição que publicações desta qualidade trazem ao desenvolvimento da minha pesquisa.

Espero que possamos nos encontrar no 30.º Festival.

Um grande abraço.
TELMA CÉSAR

✿✱✱✿✱✱

Recife - PE, 3 de novembro de 1993.

Prezado José Sant'anna:

Recebi o Anuário do 29.º Festival do Folclore, de Olímpia. Muito grato pela gentileza da remessa. Parabéns pelo material e pela persistência, tão rara neste país.

Atenciosamente,
ROBERTO EMERSON CÂMARA BENJAMIM

✿✱✱✿✱✱

Juiz de Fora - MG, 4 de novembro de 1993

Prezado Prof. Sant'anna:

Vimos por meio desta agradecer o envio da belíssima publicação sobre o 29.º Festival do Folclore de Olímpia. Apro-

CORRESPONDÊNCIA

veitamos a oportunidade para parabenizar a comunidade de Olímpia e as pessoas particularmente envolvidas na organização deste tradicional evento. Por fim, estendemos nossos louvores às guardas, ternos e grupos populares que mantêm vivas as raízes de nossa cultura.

Particularmente, saudamos o caro Prof. José Sant'anna, pelo árduo e bem sucedido trabalho de organização da revista que registra os principais momentos do festival do folclore. A publicação dos estudos sobre os vários aspectos folclóricos mostra a diversidade e significação de nossos saberes tradicionais. Aí o povo brasileiro se resgata de tanta miséria e humilhação: um povo **que sabe** e preserva seus conhecimentos possui maiores recursos para superar as intempéries da ordem (ou da desordem) social dominante.

Estamos enviando ao estimado professor nossa obra "**Mundo Encaixado**": significação da cultura popular, que faz parte de nosso projeto Minas & Mineiros para levantamento e análise dos aspectos da cultura popular. Oxalá a obra possa merecer sua atenção.

Caso não seja incômodo, solicitaríamos ao professor o envio da revista do festival do folclore a alguns amigos nossos de Minas também empenhados no resgate e preservação da cultura popular. Um dos nomes é o Prof. Antônio Henrique Weitzel, autor do ensaio sobre trava-línguas, que envio nesta correspondência. O outro nome é o Frei Francisco Van Der Poel, e, por fim, o do Sr. Geraldo Inocêncio de Souza. Os dois primeiros pertencem à Comissão Mineira de Folclore e o terceiro tem realizado importantíssimo trabalho de resgate do folclore na vasta região de Jequitibá, em Minas Gerais. São pessoas interessadas que saberão ler com a devida atenção a publicação exemplar desta comunidade de Olímpia.

Sobre o Prof. Tancredo temos a dizer de seu grande empenho pela divulgação das tradições da cultura popular brasileira entre seus alunos de 1.º e 2.º graus. Trata-se de pessoas que vêem no folclore um importante agente de educação.

Desde já, somos muito gratos pela remessa da publicação bem como pela gentileza do contato. Esperamos poder sustentá-lo de modo a enriquecermo-nos com a troca de informações.

Despedimo-nos com a saudação fraterna nascida aqui no coração das Gerais.

Com estima e apreço,
EDMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

NÚBIA PEREIRA DE MAGALHÃES GOMES

✿✱✱✿✱✱

Penápolis - SP, 4 de novembro de 1993.

Prof. José Sant'anna

Prezado Senhor:

Vimos através deste, acusar o recebimento da Cartilha sobre o 29.º Festival do Folclore de Olímpia, solicitado por este Departamento de Educação e Cultura.

Não temos a tradição de Olímpia e o nosso Museu é mais modesto, mas nos interessamos muito pela cultura de nosso país e mesmo trabalhando só com a Pré-Escola, desenvolvemos, desde agosto, um projeto de resgate do nosso folclore, envolvendo as crianças de nossas EMEIs e suas famílias. Coordenadas pelo Serviço de Pré-escolas, as professoras fizeram um levantamento do material existente, junto às famílias, sempre com a intermediação das crianças, que culminará com uma exposição na segunda quinzena de novembro.

Por isso, a contribuição de Vossa Senhoria nos foi de grande valia, pois, a pesquisa está muito bem elaborada, dando-nos subsídios para montarmos a nossa modesta "Cartilha" com o material coletado em nossa cidade.

Agradecendo a Vossa preciosa colaboração, despedimo-nos com elevado apreço e consideração.

Atenciosamente,
MIRIAM LEILA MANZATTI MENDES
Dir. Munic. de Educação e Cultura

LUZIA AMBROZINI AUGUSTI
Chefe de Pré-Escolas

✿✱✱✿✱✱

SECRETARIA DE ESPORTES E TURISMO DE SÃO PAULO

São Paulo, 04 de novembro de 1993

Caro Professor Sant'anna:

Recebi ontem o 29.º Anuário, FEFOL, devorei-o de uma só vez. É um trabalho belíssimo e uma das melhores publicações que tenho visto nos últimos anos.

Acho que deveria estar em todas as Escolas e Faculdades, pois publicações como essa só elevam a nossa cultura, e nos fazem sentir orgulho de ser brasileiro.

Todos os artigos estão perfeitos, o seu "Contos Folclóricos"... é emocionante, o artigo sobre a Banana - divino (tenho uma aluna que também está pesquisando a banana), o artigo sobre a Cachaça, dos Mitos e Lendas, enfim todos... perfeitos.

Quero também parabenizar o Sr. Prefeito, que sempre tem dado apoio, e ao BRADESCO, que tem acreditado na Cultura Brasileira.

Professor, realmente o Anuário coloca Olímpia não só como Capital do Folclore, mas o mais importante Centro de Estudos de folclore do Brasil.

Na qualidade de Presidente do Instituto de Estudos de Folclore, em nossa próxima Assembléia solicitarei um Voto de Louvor para esse magnífico trabalho.

Deus o ilumine sempre, para que possamos ter nos próximos anos material de igual qualidade.

Um abraço carinhoso.
NEIDE RODRIGUES GOMES
Superintendente de eventos da COTUR

✿✱✱✿✱✱

Ribeirão Preto - SP, 05 de novembro de 1993.

Prof. José Sant'anna

Vimos por meio desta, acusar o recebimento do Anuário do 29.º Festival do Folclore, que será encaminhado para nossa Biblioteca, onde será de grande importância para nossa matéria de folclore brasileiro. Nessa belíssima festa estivemos presentes com uma caravana composta por alunos e professores da Escola de Artes "Heitor Villa Lobos", de Ribeirão Preto. Todos voltaram deslumbrados e com ânimo de comparecerem nos próximos anos.

Aproveitando, seguem os nossos cumprimentos por esse relevante evento, pois o mesmo é muito importante para a cultura brasileira.

Agradecemos pela atenção dispensada.

Cordialmente,
YEDA GINATTO SUZIGAN
Diretora

✿✱✱✿✱✱

SECRETARIA DE ESPORTES E TURISMO

São Paulo, 05 de novembro de 1993

Prefeito Sr. José Carlos Moreira

Sou professora de Cultura Brasileira, Mestre em Ciências da Comunicação pela USP, pesquisadora de Folclore e ocupo atualmente na administração pública do Estado de São Paulo o cargo de Superintendente de Eventos da Secretaria de Esportes e Turismo.

Recebi por intermédio do Professor José Sant'anna o 29.º Anuário FEFOL, publicação que me deixou perplexa pela qualidade dos artigos apresentados como também pela apresentação.

Os artigos são magníficos e considero uma das melhores publicações vindas a público nestes últimos anos. Considero que deveria estar em todas as Escolas e Faculdades, pois publicações como essa elevam a Cultura Brasileira e nos fazem orgulhosos do Brasil.

Parabenizo Vossa Excelência e seus assessores, lembrando que Olímpia não é só a Capital do Folclore, mas o mais importante Centro de Estudos do Folclore, solicitarei em nossa próxima Assembléia um Voto de Louvor para sua

CORRESPONDÊNCIA

cidade, como também para o Professor Sant'anna, que durante toda a sua vida, vem contribuindo para a preservação de nossa Cultura.

Sem mais, reiteramos os mais altos protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,

NEIDE RODRIGUES GOMES

✿✱✱✿✱✱

Recife - PE, 08 de novembro de 1993.

Meu caro José Sant'anna:

Recebi a revista do 29.º Festival do Folclore. À semelhança das anteriores, magnífica nos textos, nas informações do que faz e oferece Olímpia e na qualidade gráfica.

Você e sua equipe continuam fazendo milagres num campo quase estéril porque atacado pela indiferença e comodismo dos que falam em Cultura Popular e nada realizam de prático e significativo.

O seu afeto às pesquisas e delas fazendo legítimas aulas de pedagogia folclórica, é um conforto aos outros que sabem entendê-las para, depois, divulgá-las.

Um abração de louvor ao seu trabalho. Do seu amigo e confrade.

ALCIDES NICÉAS

✿✱✱✿✱✱

PREFEITURA MUNICIPAL DE LONDRINA

Londrina-PR, 08 de novembro de 1993

Prezado professor:

Agradeço profundamente o envio constante da revista do Festival do Folclore.

Transmito-lhe meu sincero e admirado parabéns pela persistência, qualidade e valor de sua contribuição do folclore nacional.

Desde aquele nosso encontro em Campinas, continuo tendo-o como um dos maiores folcloristas do país.

Um abraço esperando um dia revê-lo aqui ou aí, no meio desta sua maravilhosa festa do folclore.

Atenciosamente,

PROF. ALCIDES VITOR DE CARVALHO

Secretário Municipal da Cultura

✿✱✱✿✱✱

Rancharia - SP, 10 de novembro de 1993

Prof. José Sant'anna

DD. Diretor do Anuário do Folclore

Olímpia - SP - (A Capital do Folclore)

Caríssimo Professor:

Apraz-me fazer chegar as mãos do ilustre Mestre, dois modestos inéditos trabalhos de minha lavra poética, como íntima contribuição a seu gigantesco acervo e valioso trabalho em prol da memória cultural desse nosso país, tão rico em cultura e tão carente de autoridade que a preserve, como deve e sobretudo como merece.

Permita que me apresente: sou um paraibano, filho de Campina Grande - PB, residente em Rancharia - SP, desde 1975, quando de "mala e cuia", peguei um ita no nordeste e vim pr'o "sertão" desse nosso "Sum Paulo" querido, morar, e exercer minha primeira profissão de médico, nos idos de 1973, na então Usina Capivara da CESP, naquela época ainda em construção no Município de Iaciba - SP: isto, logo após minha formatura na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, em dezembro de 1972.

Ali chegando, trabalhei dois anos, mudando-me após para Rancharia em 1975, local onde fixei residência, e até hoje, "carrego a minha cruz", como pediatra e Cirurgião Infantil do Hospital e Maternidade de Rancharia e com consultório e residência a Av. D. Pedro II, 1289 - Centro - Fone (0182) 51-1347.

Em 1982, dez anos após a formatura de medicina, formei-me em Direito, e agora, desdobro-me nas duas profissões, nesta comarca e no vizinho município de Bastos - SP, tendo feito especializações em Medicina do Trabalho, Medicina do Tráfego, Saúde Pública, e, atuando no Direito nas áreas Cível, Trabalhista e Criminal, juntamente com meu filho Allison Rodrigues de Assiz. Em minhas horas vagas, que são pouquíssimas, e a par das múltiplas atividades sociais, enredo-me afoitamente deixando vazar meus pensamentos, pelos sublimes caminhos das letras, buscando ora na prosa, poesia, em textos para teatro, jornais ou revistas, ou em minhas pesquisas pessoais, preencher terapeuticamente algum vazio do meu próprio ego, talvez um tanto vaidoso. (ele é vaidoso, eu não!).

Mas por que será que me atrevi tomar todo o teu precioso tempo só falando de mim?

Porque talvez nos teus textos lidos tenha eu detectado alguma forma de identidade cultural.

Se me engano, vamos ao que realmente interessa. E o que principalmente a mim me interessa é:

a) em primeiro lugar, agradecer, apoiar, incentivar, e parabenizar o teu esforçado trabalho em prol de nossa cultura de hoje e para o futuro;

b) em segundo, me dar um pouco a conhecer através dessas breves linhas e das duas poesias que te envio, juntamente com o número mais recente da Revista Bit na qual colaboro na Seção de Segurança do Trabalho, (vide conto-pedagógico: "A Inspeção" - pág. 49, nesta edição):

c) em terceiro, para igualmente parabenizar toda sua excelente equipe do **Anuário do Folclore**, que gostaria de passar a receber regularmente desde alguns números anteriores se possível, pois o exemplar Anuário do Folclore de 1993 (recheado de excelentes matérias no todo!) que consegui emprestado por alguns dias apenas, é da nossa prezada Prof.ª Isolina, de Iacri-SP.

d) e finalmente, agradecer ao apoio, o incentivo e a hospitalidade, por todos aí dispensadas a meus conterrâneos de Campina Grande - PB por ocasião do 29.º Festival do Folclore, nessa linda e aconchegante Olímpia, sob a competente administração de **José Carlos Moreira e Manoel Arantes**, a quem te peço abrace e me recomende estendendo os agradecimentos formulados.

Aqui na imensidão deste oeste paulista, fico antecipadamente grato pela colhida cavalheiresca e costumeira que sei costumas dar a toda tua correspondência, colocando-me prostado às tuas ordens para um futuro e espero breve contato.

Eis as poesias:

Pregão I - (O LARANJEIRO)
Luis E. de Assis

"Óia lá vem o home da laranja
Quem quer prová?
É docinha sim sinhô,
Quem quisé, é só falar!
Qui eu discasco e tiro o tampo.
Num dá trabaio chupá!"

"Óia a laranja, seu moço,
Treis e déis, quem é qui qué,
Eia laranja, eia
Num dá trabaio chupá!"

"Óia a laranja menino,
Quem quisé, basta avisá!"

Pregão II - (O PITOMBEIRO)
Luis E. de Assiz

Calão no ombro
Pela minha rua,
Passo ligeiro,
Lá vem o pitombeiro.

Vem se aproximando
Com sua cantoria,
A fruta gostosa
Uva do sertão.

"Óia seu moço a pitomba,
É docinha como o quê,
Faz a menina bonita,
Para o menino querê".

"CORDEL"
Luis E. de Assiz

CORRESPONDÊNCIA

Na estrada da poesia,
Notícia corre o sertão.
Andando de mão em mão,
Com a rapidez da folha,
Que o vento leva ao léu.

Notícia, estória, repente,
Ânima d'alma da gente,
Poesia de cordel.

Retrato de uma visão,
Falada em narração,
Pictórica de poeta,
Gazeta de boateiro
Cordel agente ligeiro,
Das notícias do sertão.

Fraternal saudações
Luís Emanuel de Assiz

✿✱✱✿✱✱

Maceió - AL, 10 de novembro de 1993.
Prof. José Sant'anna
Prezado Senhor:
Acusamos o recebimento do anuário do Folclore editado por ocasião do Festival do Folclore da cidade de Olímpia.
Ao tempo que nos sentimos orgulhosos pela intransigência de V.S.ª na defesa de nossas tradições populares, colocamos a Associação dos Folguedos Populares de Alagoas - ASFOPAL, à disposição dos que fazem o já tão famoso Festival, para futuras realizações.
Certos do real conhecimento do nosso trabalho.
Atenciosamente,
RANÍLSON FRANÇA DE SOUZA
Presidente

✿✱✱✿✱✱

Camboinha - PB, 10 de novembro de 1993.
Meu caro José Sant'anna:
Agradeço-lhe a gentileza da remessa do n.º 29 da revista do Festival do Folclore de Olímpia.
Valioso sobre todos os aspectos, o documentário tem particular interesse para mim, principalmente o seu trabalho de coleta de contos populares - minha preocupação atual. Encontro, entre as narrativas por você recolhidas, dois contos de Pedro Malazarte, que estou estudando. O seu trabalho será muito útil e desde já peço-lhe autorização para usá-lo na pesquisa que estou realizando sobre o pícaro ibérico, não só em seu berço natal, mas em toda a América Latina.
Gostaria, se possível, que me ajudasse nesse trabalho, enviando-me as informações - versões, contos novos, bibliografia, etc.
- sobre Malazarte em sua região.
Com um forte abraço e a sempre estima e admiração do
ALTIMAR DE ALENCAR PIMENTEL
Com. Paraibana de Folclore

✿✱✱✿✱✱

Aracaju - SE, 12 de novembro de 1993.
José Sant'anna
DD. Diretor da Comissão de Folclore Olímpia
Senhor Diretor:
Através do presente vimos agradecer o envio da **Revista de Folclore** elaborada pela Comissão de Folclore.
Na oportunidade gostaríamos de ressaltar que devido a importância do periódico para os estudiosos do assunto, nós o manteremos em nosso acervo para consultas futuras.
Salientamos ainda que será motivo de imenso prazer recebermos outros números da referida Revista.
Aproveitamos o ensejo para reiterarmos nossos votos de estima e apreço.
Atenciosamente,
JANICE DE OLIVEIRA SALES
Sec. Especial da Cultura em Exercício

✿✱✱✿✱✱

João Pessoa - PB, 16 de novembro de 1993.
Prof. José Sant'anna.
Agradeço a remessa do 29.º Festival do Folclore de Olímpia. Parabéns pelo trabalho realizado e coragem para continuar.
Melhores votos de sucesso.
Comunico meu novo endereço, na França, onde estarei residindo a partir de 1.º de janeiro de 1994 e atuando como Professora Visitante:
IDELETTE MUZART - Fonseca dos Santos
chez Madame A. Muzart
Les Terrasses
13540 PUYRICARD - França
Solicito toda correspondência seja encaminhada a este novo endereço a partir da data indicada.
Atenciosamente.
Idelette

✿✱✱✿✱✱

Aracaju - SE, 16 de novembro de 193
Prof. José Sant'anna
Ilustre Folclorista,
Cumpre-nos agradecer o envio da Revista do 29.º Festival do Folclore na qual avulta sua colaboração de alto nível.
Com os cumprimentos da amiga e colaboradora.
Atenciosamente,
NÚBIA DO NASCIMENTO MARQUES
Diretora-Presidente da FUNDESC

✿✱✱✿✱✱

Serviço Público Federal
Universidade Federal da Bahia
Escola de Dança
Salvador- BA, 17 de novembro de 1993.
Exmº Senhor
JOSÉ CARLOS MOREIRA
Prefeito da Cidade de Olímpia - SP
Prezado Senhor:
Faz dois meses que estive nessa cidade e fiquei deslumbrada com tudo o que vi e participei no 29.º Festival do Folclore de Olímpia - "Cidade Nacional do Folclore", título merecido devido à filosofia do tão grandioso evento.
Durante vinte anos de pesquisa em projetos sobre cultura popular e folclore, participei de festivais como o "FESTAC", em Lagos - Nigéria e "ORIXÁ CONGRESS", em New York, festivais de folclore em cidades brasileiras, mas realmente, tive uma grande surpresa e fiquei encantada pela proposta e realização que o Festival de Olímpia promove. Confesso que outras baianas como a historiadora e folclorista, Hildegardes Viana, e a pesquisadora musicóloga Emília Biancard, que já estiveram presentes a este evento e comentaram com entusiasmo que aguçou minha curiosidade e realmente vi que elas tinham razão.
Sendo diretora e coordenadora do Projeto de Pesquisa - Raízes Brasileiras da U.F.Ba (Universidade Federal da Bahia) e docente das Disciplinas Danças Folclóricas I e II, estou preparando os jovens pesquisadores,alunos de prós-graduação das áreas de Arte, Educação, Comunicação e Ciências Humanas, para que no próximo ano possa conseguir o referido grupo a este grandioso reduto, portador de um manancial rico e de grande respaldo sobre a Culura Brasileira.
Pessoas como o senhor, D. Anita, e ao lado do Prof. José Sant'anna, Prof.ª Aparecida Manzolli e sua equipe, merecem meus parabéns e apelo. Continuem.
Pequena crítica. Uma semana é pouco para o grande número de grupos folclóricos existentes em nosso país, portanto aproveitem os sete dias da semana para promover apenas Folclore e Cultura e dar melhores condições ao desenvolvimento de cursos, oficinas e palestras.
Aproveito agora para também parabenizar as alunas que participaram do curso **"Estudo e Aplicação Pedagógica de Músicas, Danças e Folguedos na Alfabetização"** e desejar a todos um alegre Natal e um Novo Ano rico em realizações com harmonia e prosperidade.
Cordiais saudações.
EDVA MARIA GOMES BARRETTO
Coordenadora

CORRESPONDÊNCIA

✿✱✿✱✿

Lobato - PR, 18 de novembro de 1993
Estimado Prof. José:

É com muita estima que venho, através desta, solicitar alguns Anuários do Folclore de sua autoria.

Gostaria de ficar com 2, isto é, se o preço de cada livro for acessível. Tomando conhecimento de alguns deles fiquei encantada com os mesmos e feliz por ter conhecimento de autores como você.

Simplesmente, são maravilhosos.

Se possível me envie o preço dos livros e logo em seguida farei o pedido.

Desde já agradeço imensamente sua atenção.

Obs. Sou uma simples professora, que anseia por uma educação com um nível mais elevado e... visando o bem conhecer do aluno.

AURA DE MORAES

✿✱✿✱✿

Natal - RN, 18 de novembro de 1993
Ao Senhor José Sant'anna

Com muito atraso, venho por meio desta agradecer sinceramente pela atenção que me foi dispensada, enviando-me um maravilhoso exemplar do anuário folclórico de Olímpia. Mil desculpas pela indelicadeza de meu atraso.

Li o volume com satisfação e não posso deixar de admirar a ação e qualidade de seus autores, bem como a do festival. É lamentável que fatos como estes, sejam tão raros num país tão rico em folclore.

Como só possuo o anuário do 29.º Festival, gostaria de receber um outro qualquer, preferencialmente e se for possível, algum que tivesse informação sobre as danças folclóricas, meu assunto predileto em folclore. Certo de vossa atenção, agradeço desde já.

"São Benedito, ele é um cravo!
Seu Menino, é um botão!
Seus devoto é um cravinho
E a rosa é a Virgem da Conceição."
(Ticumbi, Conceição da Barra, ES)

ULISSES PASSARELLI

✿✱✿✱✿

Rio de Janeiro - RJ, 20 de novembro de 1993.
Prezado Prof. Dr. José Sant'anna

O recebimento do Anuário do Folclore de 1993 me trouxe estímulo e reforçou minhas convicções sobre a reforma da educação, tendo o campo do folclore com o ponto de referência de sua estrutura e os campos da tecnologia e da ciência como os poderosos recursos para sua projeção. Este procedimento está de acordo com o próprio processo educacional que objetiva o ideal de eterna reformulação numa permanente atualização de comportamento. Isto significa a abertura de novos caminhos, respeitando e aproveitando toda experiência que o passado fixa na memória e que, por sua natureza, é irreversível.

No anuário de folclore de 1993 encontrei a chave, a frase essencial, apresentada por uma das mais expressivas figuras da nossa cultura. Nas páginas 93 e 94, no artigo: "Que é Folclore?" de Maria de Lourdes Borges Ribeiro, estão o fundamento e a justificativa mais convincente do projeto da tão almejada reforma da educação. Acima de tudo, este ponto de apoio está na própria personalidade da Prof.ª Maria de Lourdes. Não é preciso fazer qualquer referência sobre ela. Sua presença entre todos que se dedicam ao folclore, especialmente, foi extremamente marcante por sua dignidade e sabedoria.

Destaco do seu artigo a frase que pode dar o impulso necessário para concretizar nosso ideal, com a responsabilidade exigida.

"Se não conhecermos a mentalidade do povo, toda reforma ou regulamentação em qualquer setor da vida humana será vazia e sem possibilidade de êxito".

Creio que a **Capital do Folclore - Olímpia,** pode se tornar o centro mais próprio para acampar tal iniciativa. Suas atividades devidamente projetadas e justamente reconhecidas como da mais alta significação, possibilitam viabilizar um movimento para solucionar o nosso problema mais profundo e de maior alcance: a **educação**. Olímpia se tornaria: **Capital do Folclore/Centro da Educação.**

Estou realizando um Curso de Extensão Universitária na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro sobre a Educação Musical, baseado nesta proposta (anexo o projeto do curso). A aceitação é imediata. A dificuldade está na complexidade do problema que envolve todos os campos de atividade. Mudar de atitude, apesar de ser o próprio processo educacional, é extremamente difícil. Creio que este fato comprova a crise de sentido da educação, provocada pela falta de percepção do sentido total do que se realiza. Perdendo a realidade, a integridade humana, os problemas se ampliam descontroladamente.

O essencial, neste caso, é a busca da simplicidade, o que exige a participação de especialistas capazes de evidenciar com clareza e precisão, temas como "o que é folclore", por exemplo.

Mais uma vez tenho o prazer de cumprimentá-lo pela Direção do Anuário do Folclore, extensivo a todos eminentes colaboradores. Uma equipe de tal valor poderia ser a mais indicada para coordenar um seminário para refletir sobre a Educação no Brasil.

Contando com o apoio de sempre da Prefeitura Municipal de Olímpia e do BRADESCO S.A., o sucesso do empreendimento será garantido.

Considerando que neste ano prestamos nossas homenagens a dois grandes folcloristas: Mário de Andrade e Luciano Gallet, pelo centenário de ambos, a proposta apresentada é dedicada aos mestres.

O meu abraço e a admiração pelo seu empenho permanente nesse campo tão expressivo e profundamente humano do folclore.

IRANY LEME

✿✱✿✱✿

Olinda - PE, 20 de novembro de 1993.
Meu caro Prof. Sant'anna:

De logo, quero, com maior alegria, registrar o recebimento do novo número da excelente revista do Folclore de Olímpia - 29.º Festival, sem qualquer dúvida a **Capital do Folclore Brasileiro**. Sua revista é a mais atuante, informativa e linda do Brasil, que ainda linda e cuida da culutra do nosso povo. **Parabéns,** extensivos a toda a equipe, aos administradores de Olímpia e ao generoso e benemérito patrocinador.

Como sabe, estamos agora à frente da União Brasileira de Escritores-Secção de PE, e uma das primeiras ações, junto com o Prof. Roberto Benjamim foi reativarmos a Comissão Pernambucana de Folclore, que agora tem nova diretoria, como o mestre Roberto Benjamim à frente e mais Evandro Rabelo, (pesquisador do carnaval pernambucano), Leny Amorim, e muitos outros estudiosos das coisas e da culutra mais autêntica dos nordestinos.

Estamos nos reunindo na sede provisória da UBE, na Rua da União, Casa Manoel Bandeira, no Recife, todas as quintas-feiras.

Outra notícia que lhe dou é que fui com uma pequena equipe até a cidade de Santa Fé, nos Estados Unidos, Estado do Novo México, para falar no Museu de Antropologia e Artes Populares sobre os **Bonecos Gigantes do Carnaval de Pernambuco.** Um convite da pesquisadora norte-americana Catarina Real, como você sabe, estudiosa da culura e do Carnaval de **La Fiesta**, em setembro, e o artesão Sílvio Botelho ensinou, numa palestra concorrida por crianças e adultos, a fazer Gigantes de papel machê. Mando-lhe recortes do feito para mostrar que por nossa conta e risco, sem a ajuda oficial, podemos divulgar nossa cultura no exterior.

Caro amigo, que Deus permita possa você, por muitos anos continuar a fazer seu belo trabalho aí, em Olímpia, a qual

CORRESPONDÊNCIA

ainda não tive a satisfação de conhecer.
Abraços do admirador,
OLÍMPIO BONALD NETO

✿✱✱✿✱✱

Passos - MG, 21 de novembro de 1993.
Prezado Sr. José Sant'anna:
Fiquei muito feliz em receber pela primeira vez a revista do Folclore, tendo ilustrado na capa a figura da excelente pessoa e que é meu amigo: Sr. Jerônimo dos Santos, referente ao 28.º Festival do Folclore de Olímpia. Meus sinceros agradecimentos.
Desejoso colaborar com alguma coisa para a próxima edição dessa interessante revista. Relaciono abaixo algumas anedotas:
- "Um andarilho faminto e sem dinheiro chega a uma cidade e pára diante de um restaurante com a fachada transparente em vidro e fica a observar um senhor que, tranqüilamente, toma uma refeição. Este está a comer do bom e do melhor e logo após pede uma excelente sobremesa e, em seguida, um cafezinho. Olhando para o alto, vê uma gaiola e um macaquinho atrelado numa pequena corrente. Chama, então, o garção e diz que gosta muito de animais e se poderia ver o macaquinho de perto. O garção diz que sim, e traz o macaquinho até a sua mesa, e vai atender a outros frequeses. Pouco tempo depois, ouve-se gritos de raiva e muito barulho. O citado freguês atira o macaquinho no chão, pisa-lhe em cima, torce-lhe o pescoço. O garção apavorado chega ao freguês e pergunta qual o motivo daquela desordem. O freguês nervosamente responde:
- É o seguinte, seu garção: a única nota que eu tinha para pagar as despesas, este miserável macaquinho engoliu, tirando-a do meu bolso.
O garção disse ser impossível e que isto nunca havia acontecido antes, mas dirigiu-se ao gerente do restaurante, que também presenciara a cena. Após uns minutos de conversa, resolveu liberar o freguês, sem pagar a conta, para não criar maiores confusões.
O andarilho que de fora do restaurante a tudo assitira com muita atenção, teve um raciocínio. Entrou no restaurante, instalou-se cofortavelmente em uma das mesas, pegou o cardápio, pediu o prato mais saboroso e, para terminar, um cafezinho. Como já havia observado de fora do restaurante, olhou para o alto, apontou para uma gaiola com um pássaro e chamou o garção e disse gostar muito de pássaros e se ele poderia ver aquele pássaro, de perto. O garção respondeu que sim e colocou a gaiola em cima da mesa do freguês. Logo depois, houve novo tumulto. O freguês jogou a gaiola no chão, pegou o pássaro, arrancou-lhe as asas, quebrou-lhe o pescoço e xingava muito exaltado. O garção correu até a sua mesa e perguntou o motivo de tamanha algazarra. O freguês, aparentando muito nervosismo, disse que a única nota que ele tinha para pagar as despesas, aquele pássaro havia tirado do seu bolso e engolido.
O garção, muito surpreso, respondeu ao freguês:
- Impossível senhor, este pássaro é embalsamado."

- "Um senhor chega a uma farmácia e pergunta:
- Tem naftalinas para matar baratas?
Tem sim, responde o atendente.
- Me dá logo 1 quilo.
Para que tanto?, pergunta o atendente.
- É que sou muito ruim de pontaria!"

Meus agradecimentos, um abraço
ATAÍDE NATALINO REZENDE

✿✱✱✿✱✱

Piracicaba - SP, 23 de novembro de 1993
Ao folclorista José Sant'anna
Prezado amigo:
Eis aí uma das virtudes do Folclore: tornar amigas pessoas que não se conhecem pessoalmente. Digo isso porque o "amigo" do vocativo saiu espontâneo, como se já fôssemos velhos conhecidos.
Quero dizer ao amigo que recebi há muitos dias o Anuário desse ano. O do ano passado foi lido aos poucos, devido às dificulddes de meus olhos que pouco enxergam. A leitura foi lenta e, portanto, saborosa. O Anuário deste ano chegou depois de ter eu saído do hospital e de uma longa enfermagem caseira até que chegasse a andar com certo desembaraço, após uma fractura da cabeça do fêmur. Isso fez que a leitura e a releitura fossem calmas, pois, mesmo tendo vencido, os meus 87 anos me fizeram menos andejo. O prazer que isso me proporcionou só mesmo eu consigo avaliar.
Aqui ficam os meus agradecimentos pelas duas gentilezas: uma, da remessa e outra da dedicatória tão honrosa e tão amiga. Um grande abraço e muitos votos de felicidade constante, não só para o amigo, para os seus e para a própria Olímpia, que com tanto carinho cultiva o Folclore.
Do admirador muito grato
FLÁVIO MORAES DE TOLEDO PIZA

✿✱✱✿✱✱

Ilhabela - SP, 23 de novembro de 1993
Ao professor Sant'anna:
Os melhores agradecimentos pelo anuário do 29.º FEFOL que, como os outros tem sido de muita valia como documentário e para pesquisas. A delicadeza de sua dedicatória me comoveu.
Parabéns ao Departamento de Folclore de Olímpia pelo estudo sobre "Banana e Folclorística" e "Botânica e Folclore". Estão completos. Aliás todos os artigos são interessantes e instrutivos.
É motivo de muito orgulho ter acompanhado, desde o 1.º Festival, a trajetória ascendente de seu incansável trabalho. Tentei imitá-lo, fazendo dois festivais em Ilhabela com muito sucesso, mas não houve continuidade por falta de verba e patrocinador (ou seria falta da sua coragem?).
Um grande abraço da admiradora,
IRACEMA F. LOPES CORRÊA

✿✱✱✿✱✱

Universidade Federal
Rio de Janeiro - RJ, 24 de novembro de 1993
Prezado Prof. José Sant'anna:
Acusamos o recebimento do Anuário referente ao 29.º Festival do Folclore realizado em Olímpia.
Parabenizo a todos pelo empreendimento e informo que os artigos publicados no Anuário são de grande utilidade para os pesquisadores da nossa cultura popular.
Receba os nossos cumprimentos por todas essas relaizações.
Atenciosamente,
ROSA MARIA ZAMITH
Centro de Pesquisas Folclóricas-UFRJ

✿✱✱✿✱✱

Secretaria da Cultura da Presidência da República
Instituto Brasileiro de Arte e Cultura - IBAC
Rio de Janeiro - RJ, 26 de novembro de 1993
Prof. José Sant'anna:
Acuso a remessa da publicação relativa ao 29.º Festival do Folclore de Olímpia, parabenizando toda a cidade pela luta em prol das manifestações folclóricas em nosso país.
RICARDO GOMES LIMA

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 27 de novembro de 1993.
Caro amigo Sant'anna, pesquisador, realizador e dirigente, os meus agradecimentos tardios, por motivo de força maior, pelo anuário do 29.º Festival do Folclore.
Agradecimentos emocionados pela dedicatória.
Artigos interessantes, oportunos e bem fundamentados, enriquecem o exemplar, acompanhado de noticiário. Meus cumprimentos aos colaboradores, cuja parti-

CORRESPONDÊNCIA

cipação permite conteúdo variado e aspectos inéditos, oferecendo aproveitamento aos leitores, pelo valor dos registros.

Você, que faz milagres pla onipresença, marca lugar com expressivas pesquisas sobre: Travalínguas, Mulher nas Trovas, Contos Folclóricos e Linguagem Criptológica.

O anuário de 1993, encaminhado a especialistas, bilibotecas nacionais e internacionais, enriquecerá os respectivos acervos.

Desejo que a sua presença à frente dos inesquecíveis Festivais do Folclore de Olímpia se prolongue pelo tempo afora, para deleite dos que a ele assistem e daqueles que não têm oportunidade de apreciá-los "in loco".

A admiração e a amizade de sempre,
MARIA AMÁLIA CORRÊA GIFFONI
Pesquisadora e Escritora

✿✱✿✱✱

Florianópolis - SC, 29 de novembro de 1993

Prezado Prof. José Sant'anna

Como vê, as nossas orquídeas continuam florindo na sua época cíclica, enriquecendo o nosso ambiente. Carinhosamente as envio a você e aos seus colaboradores, responsáveis pela grandeza do Festival Brasileiro do Folclore que anualmente aí se realiza. Acusando o recebimento da Revista n.º 27 do evento, o faço registrado à pág. 117 do presente boletim 91-92, todo nosso entusiasmo pela beleza do espetáculo, o qual vem se destacando além fronteira do território brasileiro.

Receba pois, o nosso abraço fraternal com toda a admiração.
DORALÉCIO SOARES
folclorista

✿✱✿✱✱

Pompéu - MG, 1 de dezembro de 1993.

Caro Prof. José Sant'anna:

Prazer em conhecê-lo. Sou Edméia Faria, mineira de Pompéu, em busca das nossas raízes culturais. Iniciada, há pouco, por Saul Martins, amigo e mestre, que me sugeriu esse contato para o meu crescimento.

Comecei a me interessar por folclore em 1990, quando da minha participação no Especial do Alto São Francisco. Incentivada pelo poetamigo, Pascoal Mota, então secretário e editor do Suplemento Literário de Minas Gerais, apaixonei-me perdidamente pelo assunto. E venho tentando resgatar a memória da minha região. Paralelo à pesquisa de campo, os estudos teóricos, agora, sob a orientação segura de Mestre Saul. A biblioteca pública de minha cidade não oferece recursos. Começo a formar a minha própria.

Aproveito a oportunidade para oferecer-lhe um exemplar de **Juninho Descobre a Esperança**, de nossa autoria. E desejar-lhe um Feliz Natal, muita luz e esperança para o Ano Novo, que não tarda a chegar.

O meu abraço e fraternal ternura,
EDMÉIA FARIA

P.S.: Em anexo, duas páginas do Especial, Alto São Francisco, para se ter uma idéia do nosso trabalho e do artesanato na região.

✿✱✿✱✱

Belo Horizonte - MG, 3 de dezembro de 1993

Prezadíssimo Sant'anna:

Recebi a comunicação da Câmara Municipal dessa cidade sobre a moção de louvor consignado em ata à Comissão Mineira de Folclore.

Esse gesto espontâneo do legislativo municipal de Olímpia deixa todos os folcloristas mineiros com uma ponta de orgulho e, ao mesmo tempo, com mais responsabilidade em continuarem nas tarefas de pesquisar, analisar e divulgar os fatos folclóricos em Minas Gerais, o país das gerais.

Estou certíssimo de que no ato carinhoso da Câmara há o dedo, um soprinho do nosso prezadíssimo folclorista José Sant'anna. Você é um companheiro de todas as horas. Embora separados por quilômetros e quilômetros de terra, somos ligados pelo mesmo ideal: a divulgação e a preservação da nossa mais autêntica cultura, nossa tradição.

Receba os agradecimentos da Comissão Mineira de Folclore e de todos os seus membros.

Tenho muita vontade de participar do Festival do Folclore aí na Capital Nacional do Folclore. Infelizmente não me é possível, pois as datas coincidem. Quando você fazem o Festival aí, cá nós estamos às voltas com a Semana de Folclore de B.H. Para 94, vou ver se fazemos a Semana no período de 22 a 28 de agosto. Se o Festival aí for na 1.ª quinzena, creio, que dará para eu ir aí. Aguardemos os fatos.

Aqui sempre às ordens do irmão em Nossa Senhora do Rosário.

Um abração.
DOMINGOS DINIZ
Presidente da C.M.F.L.

✿✱✿✱✱

Betim - MG, 6 de dezembro de 1993.

Caro Prof. Sant'anna e equipe,

PAZ E BEM,

Em tempos de crise social não costuma ser investido muito dinheiro e energia em cultura. Mesmo assim, vocês continuam prestando importante serviço na divulgação da cultura popular. Parabéns, e que possam fazer isso por muito tempo, é a minha prece.

As folhas da bananeira
Não se bana sem o vento
Toda moça sossegada
Não se perca o casamento.

Alegria do sanhaço
É ver banana madura
Alegria dos meus olhos
De eu ver certas criaturas.

A folha da bananeira
De tão comprida rastou ao chão
Quem tiver sua língua grande
Faça dela um "currião".

São versos do Vale do Jequitinhonha (MG).

Abraço esperançoso para 1994.
FREI FRANCISCO VAN DER POEL OFM.

✿✱✿✱✱

Camaquã - RS, 9 de dezembro de 1993.

Ilm.º Senhor Prof. José Sant'anna:

Por trás do voto de aplausos proposto pelo Vereador Osvaldo da Silva Melo, eu senti um "cheiro" de José Sant'anna... ou estarei enganado?

Agradeço ao amigo o extraordinário estímulo que me foi prestado pela unanimidade dos representantes da grande Olímpia - Capital do Folclore e da Cordialidade.

BARBOSA LESSA
Tradicionalista e escritor

✿✱✿✱✱

Olinda - PE, 10 de dezembro de 1993.

Meu caro Professor José Sant'anna:

Estou acusando o recebimento dos volumes 18 e 19 dos festivais de Folclore correspondentes aos anos de 1982 e 1983, respectivamente, que o amigo teve a bondade de me enviar. Muito obrigado pelo presente muito importante para mim e que me proporciona a oportunidade de conhecer o nosso folclore sulista.

Caso encontre outros volumes não se esqueça de mim.

O calor aqui também anda muito forte. Mais forte ainda do que costuma ser. Moro aqui, em Olinda, seis quilômetros do Recife e nunca vi a seca atingir o litoral como agora. Calcule você que tem lugares no nordeste que não chove há quatro anos... Eu, de minha parte, nunca sofri as conseqüências da seca como agora. Temos água nas torneiras

um dia sim e três não. Uma coisa séria. Enquanto o Nordeste não for irrigado o problema da seca nunca vai acabar...

No começo do ano espero lhe enviar o meu novo livro que já se encontra na gráfica, sobre o **Coco.**

Estou aproveitando a oportunidade para lhe desejar e a todos de sua família, um Feliz natal e um Ano Novo com muita saúde, muita paz e muitas realizações.

Quando é que vai publicar seu livro, reunindo tantos trabalhos interessantes que você já escreveu?

Um abraço do amigo e admirador.

MÁRIO SOUTO MAIOR

✿✱✱✿✱✱

Manaus - AM, 15 de dezembro de 1993.

Amigo Sant'anna:

Tenho recebido as publicações sobre o movimentado folclore de Olímpia e gostado imensamente. A demora desta acusação é porque sofri quatro intervenções oftálmicas, com resultado ótimo. Todos os anos tenho vontade de ir a Olímpia, mas nem sempre calha de estar no Rio ou em São Paulo por ocasião das festas.

Meus cumprimentos pelos belos trabalhos publicados, cuja resenha modesta lhe mando com meu abraço amigo de admirador.

Mário Ypiranga Monteiro

Eis minha manifestação no **Jornal do Comércio, Manaus, de 21 de novembro de 1993:**

Livros Recebidos:

José Sant'anna é um dos grandes operários do folclore brasileiro. Sua incansável diligência em promover o folclore paulistano chega a ser comovente pela pertinácia e erudição com que trata os temas populares objetivados. É ele o responsável direto pela programação dos bonitos festivais de folclore da cidade de Olímpia (São Paulo), anualmente recebidos com o máximo de entusiasmo pelos folcloristas, nacionais e estrangeiros e pelo povo em geral. Seu último trabalho versa o 29.º Festival Folclórico de Olímpia, uma publicação graficamente simpática de 136 páginas contendo trabalhos dos nossos reputados folcloristas: "Prelúdio ao Folclore da Banana", do professor José Carlos Rossato; "Folclore Verbal - Travalínguas", do professor José Sant'anna", "Botânica e Folclore - Maravilhas do Reino Vegetal", da professora Iseh Bueno de Camargo; "Folclore Verbal - A Mulher nas Trovas", do professor José Sant'anna; "Cachaça e Folclore - A Danada da Cachaça", de André Luiz Nakamura; "Literatura Oral - Procure Adivinhar as Respostas", de Anali de Oliveira; Contos Folclóricos - Era uma vez...", do professor José Sant'anna; "Folclore - Carlos Galvão Krebs e o Ensino do Folclore", pelo professor Paulo de Carvalho-Neto; "A Ciência Folclórica - Que é Folclore", da professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro; "Folclore Verbal - Linguagem Criptológica", do professor José Sant'anna; "Mitos e Lendas: Implicações Filosóficas, da professora Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues: "O Folclore da Criança - Fórmulas de Escolha", do professor Sant'anna; "Registro-Noticiário da Iseh", da professora Iseh Bueno da Camargo.

Segundo vimos acima o volume n.º 23 contém copiosa documentação de fatos folclóricos nacionais acompanhados de fotografias e músicas que lhe dão maior autenticidade. Isto é fazer cultura, isto é cultivar a ciência folclórica e convidar o povo a restituir ao presente o que lhe foi transmitido oralmente no passado. Fazer FOLCLORE não é só, e exclusivamente, monumentalizar e tornar ridículo pelo luxo ostensivo, festivais que nada possuem de folclóricos, como se faz no Amazonas, pois o folclore é anônimo e plebeu, daí a sua maior importância na estrutura básica da cultura geral. As Secretarias de Educação e Cultura de São Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo possuem orientação diversa, promovendo seus festivais através da competência de órgão de administração. No Estado do Amazonas a proteção a certas promoções populares se faz com a mão direita para que a esquerda veja e faça demagógica propaganda oficial. O governo não se preocupa com publicar trabalhos que ensinem e propaguem o fato folclórico.

Estamos nós, da Comissão Amazonense de Folclore, entusiasmados com a publicação recente do 23.º número do Anuário do Festival de Olímpia sob a imediata direção erudita do professor Sant'anna, pesquisador em que pomos confiança ilimitada e admiração permanente pelo seu trabalho de cavouqueiro das tradições populares brasileiras, trazendo para esse depoimento os nossos mais ardorosos prolfaças.

✿✱✱✿✱✱

Salvador - BA, 20 de dezembro de 1993.

Amigo Sant'anna:

Estou chegando a Salvador depois de uma proveitosa viagem e encontro o seu sempre esplêndido Anuário. Deus lhe dê animo para continuar a trabalhar por sua Olímpia e pelo Folclore.

Constatei, com surpresa, que os meus agradecimentos e aplausos pelo recebimento do Anuário de 1992 não figuram na lista que você cuidadosamente publica. Os correios devem ter trabalho de bandido, extraviando a correspondência. Fica aí a minha única e possível justificativa.

Que o Menino Jesus conserve a sua equipe sempre coesa e que tudo vá bem.

Atenciosamente,

HILDEGARDES VIANNA

✿✱✱✿✱✱

Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá

Guarujá-SP, 21 de dezembro de 1993

Mui caro amigo José Sant'anna,

Precisamente em 21 de outubro de 1993, recebi em São Paulo o Anuário do 29.º Fefol. Estava de partida para um Congresso da American Folklore Society, onde apresentei comunicação. Eis o motivo de não lhe ter cumprimentado e agradecido imediatamente, o que o faço no momento.

Vivo praticamente em Guarujá, onde trabalho e realizo pesquisas do folclore local. Para aqui peço o obséquio que me envie sua correspondência.

José Sant'anna, desde o ano em que fizemos juntos o Curso de Folclore, realizado pelo Prof. Rossini, em 1968, passei a admirar você e a respeitá-lo como estudioso e conhecedor do folclore nacional.

Lembro-me bem da projeção de "slides" de festas folclóricas que você já realizava em Olímpia. Você não era um aluno como nós outros, mas já era um professor da matéria. Eu, neófita em folclore, achei muito importante o que estava você fazendo. Considerei-o como um exemplo a ser seguido. Desde aquela epoca venho seguindo com muito interesse, ano após ano, sua brilhante trajetória e, sinceramente, digo que a admiração pelo seu trabalho mais me empolga e anima na espinhosa tarefa a que nos propusemos: lutar para preservar e divulgar nosso folclore nacional.

Sant'anna, meu irmão de coração e de trabalho, seu Anuário, como os anteriores, são lições perfeitas e o n.º 29, 1993, de 136 páginas, constitui matéria completa para um curso de Folclore. O Sumário, publicado na pág. 2, resumo informativo do Anuário, é muito importante e peço sua autorização para transcrevê-lo no próximo número de Folclore.

Terminando, desejo agradecer sua generosa menção relativa ao trabalho que estamos realizando em nossas bandas litorâneas; é o enorme esforço da formiga, em comparação com a gigantesca obra que você, Sant'anna, vem realizando em Olímpia, Capital do Folclore.

Um abraço e sinceros votos de conti-

nuidade e sucesso em seu labor.

BARONESA ESTHER SANT'ANNA DE ALMEIDA KARWINSKY
Folclorista e escritora

✿✱✱✿✱✱

Rio de Janeiro - RJ, 21 de dezembro de 1993.

Telegrama Urgente:

Prof. José Sant'anna:

Ao eminente folclorista professor José Sant'anna, agradeço remessa anuário/ 29.° Festival Folclore. Lendo com interesse e proveito.

Parabéns

RUBENS FALCÃO

✿✱✱✿✱✱

Rio de Janeiro - RJ, 21 de dezembro de 1993

Ao admirável José Sant'anna, homem de luta e saber, desejo um Natal Feliz e um Ano Novo repleto de saúde, paz, alegrias.

Recebi o Anuário do 29.° Festival do Folclore. Como sempre uma beleza. A pesquisa sobre a Banana está esplêndida. Parabéns.

O carinho de

CÁSCIA FRADE

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 22 de dezembro de 1993.

Prezado amigo Sant'anna:

Recebi o Anuário do 29.° Fefol. Quanta beleza. Agradeço, de coração, o envio da revista. Você e a sua equipe são exemplos de luta, de persistência e de muito amor à cultura do povo. Trabalhos importantes e agradáveis de serem lidos: os seus, da Iseh, do Rossato e do André.

Aliás, a revista toda prende a atenção do leitor. Talvez eu vá assitir ao 30.° Festival. Quero matar a saudade do tempo em que eu trabalhava para o sucesso da festa.

Desejo a você Boas Festas e que o Ano Novo seja repleto de paz e prosperidade.

Um abraço de

C. BEATRIZ PITTIGLIANI

✿✱✱✿✱✱

Juazeiro - BA, 22 de dezembro de 1993.

Caro Prof. Sant'anna:

Recebi a revista, súmula do 29.° Festival do Folclore - ano 1993.

Parabenizo-o pelo inteligente trabalho e peço estender os meus parabéns a todos que participaram de tão profícuo trabalho. Todo o conteúdo do Anuário é de expressivo valor para a cultura brasileira, um documentário para a posteridade e um manancial para estudos hoje, amanhã e sempre.

Travalínguas - um trabalho rico, diverte, ensina, e nos oferece um material por excelência para exercícios de dicção. E, Era uma vez... me emocionou muito. Um trabalho que coloca, que expõe a alma, os sentimentos, as crenças e filosofia de vida da nossa gente. Uma fonte inesgotável para diversos estudos, cultura de resistência, preservação dos nossos valores.

Parabéns! Extensivos parabéns a toda equipe do Anuário do 29.° Fefol. Parabéns ao Senhor Prefeito de Olímpia pelo apoio à causa tão nobre e tão brasileira e tão sócio-cultural-educativa.

Parabéns, Prof. Sant'anna.

Atenciosamente,

MARIA IZABEL MUNIZ FIGUEIREDO

✿✱✱✿✱✱

Maceió - AL, 22 de dezembro de 1993.

Meu caro Prof. Sant'anna.

Paz em Cristo !

Recebi hoje o Anuário do 29.° Festival do Folclore.

Como desejei estar presente ao mesmo!

O Festival do Folclore de Olímpia não é um caso isolado no universo nacional e sim um evento que congrega todas as forças vivas do país num esforço imenso para preservar as nossas tradições, a nossa cultura popular.

Sua dedicatória foi muito benevolente! Mais uma prova do grande coração que você possui.

Muito importante o conteúdo deste Anuário.

E haja banana. E haja botânica! E haja cachaça!

O Carlos Rossato é um autêntico conhecedor do assunto "bananesco". É pena que eu esteja diabético e não possa saborear os apetitosos quitutes preparados à base da nutritiva pacova, planta da "nobre" família das musáceas. Fica somente na vontade!

Se eu aí estivesse iria travar língua com o ilustre Professor José Sant'anna e dizer a ele que meu nome é Pedro Paulo Peixoto Passos Pereira Pinto, pobre pintor português, professor popular, pinta perfeitamente portas, portais, panoramas, painéis por pouco preço porém possuo patacas.

Pois quem a paca cara compra, paca cara pagará.

Ótimo trabalho !

Como se fica maravilhado com as "maravilhas" da querida Iseh Bueno! Só queria que ela mandasse uma "garrafada" para curar o diabetes que vem me atacando com "unhas e dentes'.

"DISCERE ET NON PROBARE, EST NON DISCERE"

Fico aguardando o raminho da arruda para bursite. Cuidado para não colocar açúcar nos xaropes, pois sou diabético! Meu grande abraço para ela com os cumprimentos pelo belo trabalho. E que mande um cravo branco para "simpatizar" com as minhas dores nas pernas.

Não esqueçam de me mandar também uma folhinha de pata-de-vaca!

E porque não vem igualmente uma latinha com um pouco de arroz com batata doce ou "peidona", como é conhecida por aqui?!

"Lá vem a garça voando
Com uma corrente no pé
Diabo leve todo homem
Que não gosta de mulhé".

Que grande contribuição do Prof. Sant'anna ao folclore verbal com sua "mulher nas trovas"!

As três coiasas mais belas do universo são: as crianças, as flores e... mulher.

A quadra n.° 12, na página 48 é a mais expressiva verdade, principalmente aqui no nordeste.

Brincou, morreu!

O André Nakamura é bem "versado" na pinga !

Se ele aparecesse por estas bandas iria beber uns belos tragos de "cachaça de cabeça" e quando tivesse bem "grogue" usaria uma simpatia da Iseh e ficaria bom da "carraspana" para saborear um pato com molho de manga.

O André não ficaria somente com a "Oncinha", pois a nossa "Chora na Rampa" daria mais coragem do que todas as "Katiras" juntas. Na página 61, a estrofe n.° 29, dá um ótimo remédio para o Toinho apressar o casamento, terminando assim o seu quase eterno noivado.

Que Santo Onofre dê umas voltinhas por aqui, pois a nossa turma não está mais bebendo porque está "embebendo".

Enquanto isso não acontece vamos ficando com uma saborosa batida de Uvaia ou uma de Banana.

Se a Anali de Oliveira adivinhar com quantos paus se fazem uma cangalha vai esta outra para ela dar a resposta: "Eu vim da minha terra para ser teu criado, todo enfeitado de flores, para ser teu namorado, a todos dei de comer, para mim não deixei nada, caí no teu desagrado, não sirvo para mais nada!"

Como seria agradável ficar num grande terreiro, sem ser de macumba, num plenilúnio bem nordestino a ouvir os contos folclóricos ou estórias de Trancoso que o Prof. Sant'anna nos apresenta no seu "Era uma vez..."

Pena é que sejam tão poucos!

Podiam estar aí "O bicho Manjaléu", "Dona Labismina", "O tubi da véia" e "O pinto pelado".

CORRESPONDÊNCIA

E assim eu juntaria com o Ditinho, o Joce, a Conceição Basso, a Nair Lima, a Rosinha e a Bastiana Matos, os contadores de estórias da Chã Preta, Pedro Timbé, Augusta Holanda, Maria Lô, Zafa Macambira e Mané Paisinho e com eles todos formavam uma "trinca' que seria invencível.

Nem os irmãos Grimm, o Andersen, o Alberto de Oliveira, o Charles Perrault e o próprio Trancoso os suplantariam.

Quanto à Lourdes Borges Ribeiro está a mesma em posição de igualdade com o mestre Câmara Cascudo, expoente máximo do Folclore Brasileiro.

Mas o Zé Santana é o tocador dos sete instrumentos e lá vem ele com a sua criptologia.

É o São João, o Santo Antônio, o Travalíngua, o "Mulherengo", o Pedagogo, o Estoriador e agora surge como o criptólogo, profundo conhecedor das ciências ocultas.

Valioso Folclore Verbal!

Gostei das implicações filosóficas da Palmira.

Seria tão bom que o Curupira, a Cobra Grande, o Capelobo e o Negrinho do Pastoreio, aí do sul, dessem uma voltinha pelo nordeste para uma confraternização com a nossa Caipora, com o nosso Lobisomem, com a nossa Mula de Padre e a nossa Porca sem-Cabeça, para uma festa sem igual!

Que beleza!

Depois teríamos uma forma de escolha que o José Sant'anna nos aponta.

E os menininhos da Chã-Preta juntar-se-iam com os de Olímpia para brincar, cantando:

"Lá em cima do piano
Tem um copo de veneno
Quem bebeu morreu
Quem saiu fui... eu!

Hoje é domingo
Pede cachimbo
Areia fina
Deu no sino
O sino é valente
Deu no Tenente
O Tenente é de prata
Deu na barata
A barata é de ouro
Deu no besouro
O besouro é de latão
Deu no cão!

Um e um gerimum
Dois e dois papa-arroz
Três e três ovo pedrêz
Quatro e quatro pé de pato
Cinco e cinco pé de pinto
Seis e seis pinto in dez
Sete e sete esparamassete
Oito e oito pé de porco
Nove e nove dinheiro de cobre
Dez e dez vinte réis.

Como é agradável o folclore da criança!

A simpatia da Iseh estampada neste retrato tirado nos idos de 19..? e tanto extravasa no seu Noticiário, dando-nos um conteúdo precioso sobre todos os acontecimentos.

Os grupos folclóricos alagoanos mandam um abraço bem grande e um gostoso "chero" para a Fabiana Carla da Silva que hasteou o querido pavilhão das Alagoas. Diga a ela que venha conhecer as praias do nosso Estado e tomar um tépido banho bem gostoso nas águas da Jatiúca.

Recebê-la-emos de braços abertos.

Como desejei assitir ao grande espetáculo pirotécnico!

Sou um eterno apaixonado por queima de fogos de artifício.

Posso pedir uma coisa?

- Mande umas gatinhas do 29.º Fefol para casarem com os gatões de Chã-Preta e Capela, surgindo alguns "bichanos" que apertarão cada vez mais os laços entre as nossas cidades.

Desejei dar um abraço de "quebrar os ossos" na querida Inezita Barroso e acompanhar "Poeira", cantando também com ela. Ficou apenas na vontade.

Entretanto, estive presente ao belo desfile, embora em espírito. Passei pelo Samba-Lenço, de Mauá; pela Congada, de Pratápolis; pelos Caboclinhos, de Guarujá; pela bem ensaiada Congada, de São Sebastião do Paraíso; pelo Moçambique, de Taubaté; pelo Caiapó, de São José do Rio Pardo e da Congada, de Uberlândia. Subi nos carros alegóricos e bati palmas à principesca apoteose do encerramento.

Não precisava este registro da minha "meteórica" passagem por Olímpia em maio último. Foi um gasto de vela com "defunto" ruim.

Fiquei, todavia, lisonjeado assim como Edite e Bárbara Maria também o ficaram.

Será que ainda voltarei por aí?

Deus é quem sabe!

Um abraço de agradecimento ao casal Alceu e Isaura Clemêncio extensivo ao caro Toinho, à Fátima e a todo pessoal do aconchegante lar.

Só passei por cima das páginas 128, 129 e 130. São páginas de tristeza e de saudades! Quanta gente boa que já se foi!

A memória de todos eles ficará conosco.

Nessas manifestações de apoio coloque o meu também: não posso ficar por fora como "cinturão" de soldado, pois sou um grande entusiasta dos festivais do Folclore de Olímpia.

Cheguei ao final do Anuário do 29.º Festival do Folclore de Olímpia. Cada ano sai melhor.

Diga ao **BRADESCO** que ele foi um grande herói, foi não, será sempre.

Como seria proveitoso que toda a rede bancária do país procedesse desta forma!

A culutra não sucumbiria.

Mas "vamos para frente que atrás vem gente"!

Sim, quanto às metonímias das quais falei ao amigo, estou concluindo a primeira coleção e posteriormente enviarei. Já tenho umas 700 catalogadas.

Vou terminar. Já abusei bastante de sua paciência. Restam apenas as recomendações.

Um abraço "precavido" para o Toinho e outros mais suaves para a Iseh, a Ineh a Iceh, seu Alceu, D. Isaura e todos os demais amigos incluindo Seu Gilberto, o competente Mestre-Cuca.

Os meus enviam tanto abraço e tanta lembrança que este envelope não comporta e pode derrubar o avião.

Diga ao CURUPIRA que dê um saltinho por aqui para arranjar um jeito e resolver nossa situação.

Estão abatendo as árvores, estão matando as derradeiras pacas e os úlitmos veados, estão poluindo nossos rios, nossos riachos e os nossos córregos, estão jogando lixo das fábricas e esgotos nojentos nas nossas fontes e os peixinhos estão morrendo.

Os deuses da floresta também estão fugindo.

Mande logo o CURUPIRA, Prof. Sant'anna, entretanto providencie um mandado de segurança bem autêntico, assinado pelo Exm.º Prefeito **José Carlos Moreira**, reverendado pelo vice Manoel Arantes, pois a "vida" do pobre protetor da fauna e da flora brasileira corre grande perigo. A violência por aqui está um verdadeiro clamor!

Desculpe as divagações. E aqui fica o amigo e admirador

PEDRO TEIXEIRA
DE VASCONCELOS
Folclorista, escritor.

✿✱✱✿✱✱

Belo Horizonte - MG, 23 de dezembro de 1993

Estimado colega e querido amigo Prof. José Sant'anna.

O tempo não pára nunca. E nos transporta em suas asas de poder infinito.

Natal e Ano Novo se aproximam. Desejo-lhe Boas Festas e esperanças renovadas.

Com o abraço fraterno de
SAUL MARTINS

P.S.: Recebi o Anuário. Como sempre e como tudo o que faz - esplêndido.

✿✱✱✿✱✱

CORRESPONDÊNCIA

Minakuchi - Japão, 23 de dezembro de 1993.

Prof. José Sant'anna:

Professor, se "depois da tempestade vem a bonança", desejo toda a serenidade e saúde ao senhor no 30.º FEFOL.

Vejo "**Luz**" nos Consulados... poderia ser uma saída para a questão: Grana. Em anexo, matéria especial.

Feliz Natal - belíssimo Ano Novo

SERGIO EIJI ABE

✿✱✿✱✱

JUAZEIRO - BA, 29 de dezembro de 1993.

Caro Prof. Sant'anna:

Os meus cumprimentos.

Recebi a revista do folclore de 1991, que faltava em minha coleção. Achei-a simplesmente uma riqueza. Um importante documentário para a posteridade e material de estudo para o presente.

Em todas as páginas sentimos a sua presença, o seu ideal e amor imensurável às coisas mais brasileiras, mais e mais brasileiras que possam existir e existem neste vasto e belo país.

Parabenizo-o pela cultura vasta, profunda e plena, pelo ideal e espírito de luta. Vê-se no acontecer de cada Festival, a concretização dos seus esforços, a expressão maior da sua cultura, fruto de esmeradas pesquisas, em suma, a sua vitória, Prof. Sant'anna, que é por certo e legítimo, o seu amor por Olímpia, cidade feliz, e a sua gente.

Parabéns! Feliz Ano Novo!

Sua amiga,

MARIA IZABEL FIGUEIREDO

✿✱✿✱✱

Itapira - SP, 31 de dezembro de 1993

Amigo José Sant'anna:

Para o meu especial amigo e familiares, é o meu primeiro voto de um Feliz Ano Novo.

Sob os augúrios de continuidade nos ideais folclóricos e nas projeções políticas e sociais, conjuntamente com todos os amigos e o povo maravilhoso de Olímpia.

Posso dizer-lhe que o ano 1993, para mim, fez o milagre de desfazer as divergências antigas; deu-me promoções, sucessos, e intensivas atividades literárias.

Gratíssima pelas congratulações e pela maravilhosa Revista-Anuário do Folclore. Voltarei ao assunto.

Que 1994 revigore todos os seus objetivos, com todo amor e união, dos demais familiares e amigos, dentre estes conto-me com muito orgulho.

Cordialmente

ODETTE COPPOS

Poetisa

✿✱✿✱✱

Pompéu - MG, 2 de janeiro de 1994

Caro Prof. Sant'anna

Em mãos sua carta de 21 de dezembro. A carinhosa acolhida no meio folclorístico, por nomes representativos como Saul Martins, amigo e mestre, Prof. Domingos Diniz e, agora, o Ilustre folclorista de Olímpia, Capital do Folclore, me emociona e cativa, ao mesmo tempo que lança sobre meus ombros a grande responsabilidade de corresponder à confiança que depositam em mim e no meu trabalho, recentemente iniciado.

Suas palavras, bem como o "Anuário do Folclore" de 1993 de Olímpia chegam-me pelo Natal, como presente divino. Ainda existem homens sobre a terra. Bendito louvado seja.

Apesar da predominante cultura de massa nesses tempos de fascínio tecnológico, apesar dos desgovernos, desmandos e descasos das autoridades, nossas raízes não se perderão.

Li a Revista com avidez. Agora, estou estudando. A riqueza e variedade de temas apresentados , assim como a abordagem de cada um divertem e elucidam o leitor. Leitura útil e agradável a iniciados e não-iniciados, pela profundidade a que descem os colaboradores e pelo delicioso sabor da cultura popular. Parabéns por um trabalho de tão alto nível e importância para a preservação do nosso folclore.

Agradeço-lhe e retribuo votos de sucesso em 1994.

Que o Senhor abençoe sua vida e seu trabalho de amor e perseverança tão importantes para Olímpia, para o Brasil e para o mundo.

Com profunda admiração e respeito, o meu abraço e fraternal ternura,

EDMÉIA FARIA

P.S.: Pelo interesse demonstrado, anexo um caderninho improvisado contendo toda a matéria que tenho em mãos do que salvou do Especial do Alto São Francisco, encartado no Minas. O projeto visava a um caderno de 40 a 50 páginas, com uma bela capa colorida, como foi feito o do Norte de Minas. Tudo pronto. Muda Governo. Entra Diretor, sai Diretor... O resto da história o senhor conhece. História que se repete indefinidamente em todo o País.

✿✱✿✱✱

Americana - SP, 16 de janeiro de 1994.

Prezado senhor Sant'anna, é com muita satisfação e alegria que venho novamente lhe escrever, desejando muitas felicidades e bastante saúde neste ano que se iniciou, para fazer um comentário sobre a revista e para lhe pedir algo.

Esta revista para mim é o máximo, pois a cada leitura que fiz, foram momentos de recordações, alegrias e saudades que vivi. Não sou tão velha, tenho apenas 24 anos (estou na flor da idade), mas muitas vezes me pego vivendo muito mais o meu passado, dentro de grandes recordações ao meu presente.

Lidos os textos, cada linha, cada parágrafo são muito interessantes, mas quando eu li o texto que falava da Cachaça, do Folclore Verbal e o Folclore da Criança, revivi momentos de profunda saudades da minha infância e de entes queridos.

Quando criança, eu sempre fui curiosa e gostava de ficar no meio dos mais velhos para ouvir o que eles falavam; meu avô e um primo quando se ajuntavam gostavam de contar sobre as assombrações que haviam visto. E cada um queria contar, um mais que o outro e eu, para poder ouvir, ficava sempre por perto fingindo que estava brincando. Quando chegava a noite, eu não deixava meus pais dormirem, pois apesar de ser curiosa, também fui muito medrosa.

A vida da gente naquela época parecia ser mais tranqüila. Meus familiares eram mais unidos e eu ficava a contar os dias para chegarem as festas de Natal, Páscoa, Junina, pois nessa época é que eu revia todos os parentes. Era aquela alegria e, muitas vezes, eu ouvi a tia de minha mãe conversando em linguagem criptológica. Elas falavam na linguagem do pê, onde em uma rodinha de mulheres elas ficavam horas a conversar e a rir. Aquilo era para mim fantástico e um enigma que raras vezes eu entendia e decifrava. E é triste saber que poucas crianças ou até jovens desconhecem esse folclore verbal.

No entanto, as coisas foram ficando mais difíceis,. e hoje no Natal, na Páscoa, nas Festas Juninas, nós ainda nos reunimos, mas há parentes que há muito tempo não os vejo e infelizmente quando isso acontece (de encontrar todos os parentes) é em momento de falecimento de alguém da família.

Eu gosto muito das coisas folclóricas, mas pouco sei sobre elas. Sempre fui vidrada em lendas, contos, adivinhações, cantigas de rodas, etc.

Há pouco tempo descobri que aqui no bairro há um Grupo de Folia de

CORRESPONDÊNCIA

Reis. Fiquei muito contente quando eles estiveram em minha casa pedindo prendas para a festa que eles iriam fazer e fizeram toda uma apresentação. E pude constatar que realmente tudo é a sabedoria de um povo, que é religioso, unido e quase sempre feliz.

Agora quero fazer-lhe um pedido. Eu tenho uma apostila que contém muitas cantigas de roda, mas há muitas que eu não sei a melodia e então estive pensando se o senhor não teria gravações de cantiga de rodas, cantigas de ninar e brincadeiras, ou me indicar como eu poderia conseguir esse material.

Se o senhor tiver esse material e puder arrumar-me, eu lhe agradeço de coração.

Mais uma coisa gostaria de saber: existem cursos ligados ao folclore? Quais são? Se o senhor souber, indique-os, por favor.

Quero pedir desculpas pela incomodação e mais uma vez agradecer. Tchau, muito obrigada, e espero ansiosa pela resposta do senhor.

MEIRE GALDINO
Professora.

✿✱✱✿✱✱

CÂMARA MUNICIPAL DE CARMÓPOLIS

Carmópolis - SE, 20 de janeiro de 1994

Excelentíssimo Senhor
JOSÉ CARLOS MOREIRA
DD. Prefeito Municipal de Olímpia
Prezado Senhor:

Recebemos para nossa Câmara Municipal o Anuário do 29º Festival do Folclore, realizado em agosto do ano de 1993. Permita-nos tecer alguns encômios à Prefeitura Municipal de Olímpia que tem servido de modelo nacional como mantenedora do mais importante festival folclórico do país.

Louvor também merece o BRADESCO pelo patrocínio da revista lançada no mês de agosto, órgão de imensurável importância para o estudo do folclore e que conta com a sábia direção do dedicado folclorista, Prof. José Sant'anna, e sua ativa equipe de colaboradores.

O Município de Carmópolis sagrou-se irmão do município de Olímpia, através do referido festival. Aqui está o Povoado de Aguada, querido distrito de Carmópolis, e nele reside Idelfonso Cruz Oliveira, homem que defende a qualquer hora do dia e da noite um dos mais belos grupos folclóricos do país, o mais importante do município: OS BACAMARTEIROS, que já participou de alguns festivais do mês do folclore em Olímpia. Em razão disto e por ser a gente olimpiense muito especial na arte de hospedar a todos, o nome de Olímpia é cantado por todo o nosso Município.

Parabéns, senhor Prefeito, parabéns Comissão do Festival, parabéns Olímpia, que esta festa seja o elo de amizade entre todos os cidadãos e que sua mantenedora nunca perca a sua posição de Capital Nacional do Folclore.

Nosso abraço, nossas saudações patrióticas.

JOSÉ LOURIVAL DOS SANTOS
Presidente da Câmara de Carmópolis

✿✱✱✿✱✱

Natal - RN, 29 de janeiro de 1994.

Grande José Sant'anna: meu abraço.

Uma beleza de passagem por Natal, com o Toninho e equipe! Pena que eu não pude homenageá-lo como você merece. Mas, fica para outra oportunidade. Porque aqui em Natal, como dizia mestre Cascudo, os visitantes, por pior que sejam - sempre são bem recebidos...

Noventa por cento das tarefas que recebi suas - já estão aqui providenciadas. Segue o atestado e aqui vai o endereço do escritor que lhe falei - P. Paulo Nunes, presidente da Academia Piauiense de Letras, que poderá ser o seu correspondente naquele estado ou indicar outra pessoa. O endereço dele é: Conselho Estadual de Cultura - Av. Miguel Rosa, 3300 - Sul - 64001-490 - Teresina - Piauí. Escreva a ele e diga que foi por sugestão minha. Também falarei a ele quando escrever. Fica faltando o livro do Gumercino para completar as tarefas de 1994...

Mande logo as de 1995...

Grato, muito grato pela dedicatória no seu belo **O que é: Quadras - Adivinhas.** Penso que por aí você está começando a fazer o que sugeri: publicar sua obra dispersa nos Boletins do Festival de Olímpia. Só a publicação das suas pesquisas já consagraria qualquer um. E você já é superconsagrado pela sua obra notável que realiza em Olímpia.

Se encontrar alguém pela rua aí, que me conhece dê meu abraço. Não encontrando, não precisa gastar sua voz...

Para você ir pensando, por falta de coisa melhor, eis o que diz Ortega Y Gesset sobre o ato de pensar: "Pensar é procurar três pernas no gato". "Vá pensando e procurando as pernas do gato. Se só encontrar uma gata - também serve..."

Abraço muito afetuoso. Fiquei muito feliz de vê-lo em Natal. O que achou da terrinha? Vale a pena viver aqui? Se vale, arrume a mala e venha correndo pra Natal!

Sempre seu fã incorrigível.
VERÍSSIMO DE MELO

✿✱✱✿✱✱

LIBRARY OF CONGRESS OFFICE

Rio de Janeiro - RJ, 03/02/1994

Ao Museu de História e Folclore "Maria Olímpia"

Recebemos e agradecemos - Anuário do folclore ano 20, n.º 23, 1993. Renovamos nosso interesse em continuar recebendo esse título.

Cordialmente,
JAMES C. ARMSTRONG
Field Director

✿✱✱✿✱✱

INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - IBECC

Rio de Janeiro - RJ, 1.º de março de 1994

Prezado Prof. Sant'anna:

Muito agradeço a gentileza da remessa do "Anuário do Folclore - 29º Festival do Folclore" e a muito amável e evidentemente bondosa dedicatória.

Não sei se um folclorista terá o mesmo prazer que tenho em ler o "Anuário". Para mim é um fascinante retorno a idéias e concepções que o tempo e a cidade grande foram fazendo esquecer. Se por acaso for sabido que morri envenenado, fique certo de que isso se deu por causa das sugestões contidas no estudo "Maravilhas do Reino Vegetal".

Cordialmente.
J.C. GENTIL NETTO

✿✱✱✿✱✱

São Paulo, 08 de março de 1994.

Meu distinto Prof. José Sant'anna:

Sinto muitíssimo ter retardado esta proposta à sua gentil dedicatória no Anuário/1993.

Tomei a liberdade de lhe mostrar mais uma vez o meu entusiasmo, colaborando com uma resposta mais significativa.

Se encontrá-la menos digna da **Revista-Enciclopédia, Anuário, Poliantéia**..., deixe-a dormir ao lado...

O seu Mulher nas Trovas e os demais temas do Folclore Verbal são mui dignos do "Grande Capitão"...

Nas entrelinhas desta, sentirá todo o afeto e a imensa admiração por tudo quanto realiza:

JOSÉ GERALDO DE SOUZA
Sociedade Brasileira de Musicologia

CORRESPONDÊNCIA

ANUÁRIO - ENCICLOPÉDIA DE FOLCLORE

Todo o saber na **Ciência do Folclore Brasileiro** vem sendo canalizado para as festejadas páginas dos Anuários dos Festivais de Olímpia, a "Capital..."!

Excursos penetrantes integram a essência dos verbetes de uma Enciclopédia; sob a direção do **Prof. Dr. José Sant'anna,** o "Grande Capitão", norteia-se a atividade de notáveis especialistas: são ensaios apreciadíssimos de uma Antologia; são entradas brilhantes de uma Poliantéia! Todos os colaboradores são daqueles

"...que sabem
O como, o quando, o onde as coisas cabem".

(**Os Lusíadas,** c.X.v.1175)

"Peixes podem-se pescar..."(por condescendência de Vieira); folcloristas não se podem pescar! Cleópatra - assim Camilo - "pescava Imperadores Romanos..." E a concentração do estudo, o esforço contínuo da pesquisa, a mobilidade do raciocínio e da comparação, a observação pertinaz; às vezes longos arrazoados surgidos na abnegação do silêncio interior,...que os fazem deparar com a misteriosa profundeza da alma popular e suas manifestações fatuais.

Para este último Anuário do 29.º Festival - nem como despretensioso fitólogo, ou ornitólogo amador, mas como estudioso - apanho estes comentários.

1 - **Prelúdio ao Folclore da Banana de José Carlos Rossato**

Não é prelúdio, mas Memória, Memorial!

Como nosso patriarca Cascudo que afirmou: "Há, realmente, um Folclore da Banana (Made In África, p. 3) - gostaria de saborear esse "Banana e Folclorística "do ilustre J. C. Rossato!

É Casemiro de Abreu que saudava assim um poeta português, recém-chegado ao Rio, em 1858:

"Bem-vindo, bem-vindo sejas
a estas praias brasileiras!
Na pátria das bananeiras..."

E tivemos, até, nesta Capital de São Paulo, um poeta, irônico e espirituoso, que se apelidava de "Juó Bananère".

De Manoel Botelho de Oliveira (Salvador, 1636 - 1711) temos o clássico:

"As bananas no mundo conhecidas
Por fruto e mantimento, apetecidas:
Que o céu para regalo e passatempo
Liberal as concede em todo o tempo,
Competem com maçãs...
Com pêras...
Também servem de pão...dá sustento...
É fruto, é como pão..."

Mas, se banana **é como pão** - ,lembra-nos aqui acima o último verso do citado Botelho - comem bananas as **onças?**

Esses felinos eram uma praga "desta banda sobre o Cabo frio", na comarca do Rio de Janeiro, aos tempos do nosso taumaturgo missionário José de Anchieta: "de diversas castas, mui cruéis, umas pela cinta grossas e ruivas ou pintadas, outra negras pelo meio, e delgadas que são tigres verdadeiros; também dizem que há leopardos; todos mui bravos e ferozes".

O cronista é Pero Roiz, 7.º Superior-Provincial do Brasil, e o 2.º depois de Anchieta, que o foi em 1578, data do início de seu governo.

Passando por ali (Cabo Frio), Anchieta, humilde e serviçal incansável, ajudou a preparar a choupana para os cansados companheiros, antes de a noite descer. Agasalhados todos, "se saiu de noite fora da casinha, e se deteve por grande espaço de tempo; tornando a entrar, tomou um cacho de bananas (certa fruta da terra), e partindo-o lançava fora, e dizia pela língua da terra: tomai vós outras, sem se ver com quem falava; perguntandolhe o companheiro a quem dava bananas, disse que àquelas suas companheiras e quando foi pela manhã e viu o rastro de duas onças, que estiveram com ele assentada no lugar em que ele estivera em oração, e depois de acabada, o acompanharam até a porta da cozinha".

Um pouco antes, ao concluir os episódios dos corvos marinhos e dos guarazes, escreveu Pero Roiz: "em ambos estes casos foi companheiro do padre José o padre Provincial Fernão Cardim e de outros padres dos quais eu era um (Fernão Cardim foi o 8.º a começar de Manoel da Nóbrega: **Anchieta**, Salvador, Livraria Editora Progresso, 1955, pp. 202/203).

A este curioso episódio das onças de Cabo Frio, a ponto este fecho sobre o Herói, "Poeta-Missionário", com dois fragmentos dos "Príncipes" Machado de Assis e Guilherme de Almeida:

"E esse que as vestes ásperas cingia,
Onde eterna se faz a humana fala;...
Onde nada se perde nem se esquece,
E no dorso dos séculos trazido,
O nome de Anchieta, resplandece
Ao vivo nome do Brasil unido"(M.A.)

"Santo, herói, mestre e poeta: pela glória
que destes a esta terra e à sua história,
pelo bem que quisestes a este povo,
ó novo Cristo deste mundo novo,
Padre José de Anchieta, orai por nós"(G.A.)

2 - BOTÂNICA E FOLCLORE - DE ISEH BUENO DE CAMARGO

É outro monumento de observação, cultura, análise e síntese!

Até a idade adulta, fui somente bebericando nos casos necessários, chás e infusões de ervas e plantas caseiras, sendo o quintal-horta-pomar da minha "madrinha" (alcunha preferida pela vovó) o herbário usual de toda a família.

Para a secção **"Plantas produtoras de alimento para Aves",** registro algumas pequenas notas.

Do parrreiral maduro, são freqüentadores noturnos os morcegos frugívoros; mas, como eles não são aves...Os coquinhos vermelhos de algumas palmeiras são do sabiá, que, além do mais, adora as ardidas pimenteiras malagueta; nos juazeiros, em variadíssismos "ficus", nos araçaeiros, saís e saíras; nos pinherais (araucárias brasileiras), a gralha-azul, ao lado dos serelepes e esquilos; nos alfeneiros, ou alfenas (Lingustrum), rolinhas, pombas e pardais; os sanhaços e sanhaçus, nos jambeiros, nas pitangueiras, goiabeiras, jabuticabeiras, mamoeiros, guabirobeiras, laranjais, uvaeiras, e, até, nas magnólias; nos milharais os tizius (serradores ou tisios); figueiras e amexeiras são de todos os frugívoros; e deixamos canários-do-campo e rolinhas nos arrozais e em todas as gramíneas...e, em centenas de outras plantas, as centenas de outros comensais...

Os migradores ovírios, Canadá- São Paulo, advertem nas praças públicas o fruto da guaçatonga (caseária); é observação do sábio J. Dalgas Frisch.

Nos jamelões, ou jambolões, os frugívoros, todos se deliciam; nas suinãs (Papilionácea Erithrina), as maritacas; nas paineiras (barriguda), os periquitos e "familiares" arrombam o fruto e saboreiam as sementes, como se fossem de apetitoso girassol; nos barrancos sobre os rios, onde os ingazeiros espalham a galhada, o martim-pescador arredonda o seu cardápio, como "papa-peixe" que é; pomares de carambolas têm sido, literalmente saqueados, especialmente por maritacas e afins; os bem-te-vis e outros insetívoros dizimam o mundo das vespas e abelhas que pululam durante as floradas; os beija-flores sugam o néctar adocicado onde o podem encontrar; e os papa-capins, ou coleirinhas, adoram as gramíneas; e os pássaros-pretos, ou chupins, enegrecem os arro-

CORRESPONDÊNCIA

zais, milharais e canaviais..;.

Não me escapa, neste inventário, uma mais extensa alusão à **amoreira**, de cujos frutos a passarada toda é gulosa e de cujas folhas o bicho-da-seda se alimenta para nos poder vestir...

Deriva "amora" de amor?

"As amoras, que o nome tem de amores"..

Quem o diz é Camões - Canto IX, v. 462 - ao reproduzir lenda trazida por Ovídio, o célebre poeta latino.

Bocage apanhou a deixa, e escreveu:

"Esta árvore que ali ao ar erguia,
Carregada de fructos...
Era a grata amoreira,..."

E, mais em baixo, o mesmo melodioso Manuel Maria Barbosa du Bocage:

"Da ramosa amoreira os alvos fructos,
Pela rubra corrente rociados,
Em triste, negra cor, a antiga mudam,
E do sangue a raiz humedecida,
Logo ás amoras pupureia o sumo".

Mas Camões - consultei a edição comentada por Otoniel Mota - continua lembrando como os pássaros "iníquos" bicavam as grandes pêras dos pererais fecundos, dons de Pomona, a ninfa dadivosa:

"E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras pyramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao damno que cos bicos
Em vós fazem os pássaros inicos".
(IX, est. 59, vv. 469/472)

E, para um ponto-final...provisório, a esta listagem despretensiosa, a estrofe do maravilhoso "Velhas Árvores" de Bilac:

"O homem, a fera, e o inseto, à sombra delas
Vivem, livres de fomes e fadigas;
E em seus galhos abrigam-se as cantigas
E os amores das aves tagarelas..."

Um fraternal abraço

JOSÉ GERALDO DE SOUZA

✿✱✱✿✱✱

FUNDAÇÃO CULTURAL PROFESSOR MOTA

Macaúbas - BA, 18 de março de 1994

Do: Presidente da Fundação Cultural Prof. Mota

Ao: Prof. José Sant'anna

Assunto: Convite para participar da **I Jornada Nacional de Reflexão sobre o Folclore.**

Ilustre confrade:

Em nome desta Fundação e da pessoa do seu presidente, apresento a Vossa Senhoria votos de saúde, paz e completo êxito em todas as suas lides científicas.

A finalidade principal deste ofício-circular é convidar Vossa Senhoria para participar na qualidade de integrante de honra da realização da **I Jornada Nacional de Reflexão sobre o Folclore** a realizar-se, em Macaúbas, no 1.º semestre do corrente ano.

Todas as despesas referentes à hospedagem e às visitas nas circunvizinhanças desta cidade correrão por conta dos organizadores do referido encontro.

Data: a ser fixada;

Duração: 3 (três) dias;

Patrocinadores: Fundação Cultural Prof. Mota e Prefeitura Municipal de Macaúbas.

Peço ao distinto colega a confirmação de que sua presença, acrescida dos informes sobre o título e a duração de sua conferência (ou comunicação).

Atenciosamente,

PROF. DR. ÁTICO
VILAS-BOAS DA MOTA
Presidente

Anexo:

Meu caríssimo José Sant'anna

Que tudo de bom esteja ocorrendo em volta de você, e de todos que integram o mundo familiar e social olimpiense.

Aguardo-o, sem falta, a fim de que possamos pensar juntos e conviver da melhor forma possível, isto é, fazendo com que a gostosíssima Olímpia fique cada vez mais próxima de sua Macaúbas.

Abraços do

ÁTICO VILLAS-BOAS

✿✱✱✿✱✱

João Pessoa - PB, 22 de março de 1994

Prof. José Sant'anna

Lamento só agora ter a oportunidade de agradecer a revista do 29º Festival do Folclore de Olímpia. Tenho conhecimento da importância deste evento, não só para São Paulo, mas para todo o Brasil. Lamento mais uma vez não conhecer o senhor pessoalmente e não ter participado do Festival até agora, mas quem sabe no próximo.

Cordiais saudações

OSVALDO MEIRA TRIGUEIRO
Da Universidade Federal da Paraíba

✿✱✱✿✱✱

Mogi Mirim - SP, 23 de março de 1994.

Prefeitura Municipal de Olímpia

Prezados Senhores:

Sou professora de História e Geografia (5.ª a 8ª séries) da E.E.P.S.G. "Prof. Valério Strang", de Mogi Mirim, e profunda admiradora do folclore brasileiro.

Sabedora de que Olímpia é a Capital do Folclore, o maior centro de eventos neste setor, gostaria de saber a data do festival deste ano, porque tenho a intenção de levar 40 alunos, no final do festival, para conhecer as belezas do folclore brasileiro.

Atenciosamente,

CONCÓRDIA J. SALVADOR VELO

✿✱✱✿✱✱

Laranjeiras - SE, 5 de abril de 1994.

Prezado Senhor Dr. José Sant'anna

Foi um cevar de conteúdo folclórico nacional, chegando até galhofar com o que traz a nossa tradicional revista do folclore. Fiquei tresloucado por não ter participado do último festival; tenho forte motivação de não deixar de participar do próximo certame, espero ser convidado mais uma vez, para o fórum de cultura popular, dessa portentosa cidade do Estado de São Paulo.

Cintilante mais uma organização do nosso amigo, benevolente folclorista, professor, mestre, Dr. José Sant'anna, com o nobel apoio e companheirismo do Prefeito, Vice-Prefeito e egrégia Casa Legislativa da Menina-Moça, nossa querida "Olímpia", que conheci e comecei a gostar e a amar.

Obrigado, companheiro, pela revista, que Deus lhe conceda muitos anos de vida...

Abraços

JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS

✿✱✱✿✱✱

Duque de Caixas - RJ, 27 de abril de 1994

Prof. José Sant'anna

MD. Coordenador do FEFOL de Olímpia

Prezado Senhor:

A FEDERAÇÃO DE REISADO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, desenvolvendo o PROJETO FOLIAS DE REIS com a finalidade de preservar e reativar os grupos folclóricos de Folias de Reis no Estado do Rio de Janeiro, deseja manter intercâmbio com a entidade que V. Sª tão bem administra, com clarividência, em prol das manifestações populares.

Nesse sentido, gostaríamos de receber regularmente, para o acervo de nossa entidade, cópias do anuário do festival do folclore de Olímpia, inclusive números anteriores, se possível.

Desde já, nos colocando à inteira disposição de V. Sª e levando ao conhecimento dos senhores que o nosso diretor de relações públicas, Prof. Afonso Furtado, far-lhe-á uma visita, dentro em breve, a fim de estudar a viabilidade de projetos de interesse comum.

Atenciosamente,

EDGAR DE SOUSA
Presidente da FRERJA

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA
ESTADO DE SÃO PAULO

TRIGÉSIMO FESTIVAL DO FOLCLORE
JUBILEU DE PÉROLA

É preciso, em primeiro lugar, que se tenha uma noção do que é o Brasil para bem amá-lo e melhor servi-lo. Conhecê-lo através do seu passado, no presente, conhecê-lo em todas as suas manifestações da terra e da sua gente. Este é o dever de cada cidadão.

Devemos amá-lo com um amor religioso que nos integre dentro de sua própria consciência. Amá-lo com fé e entusiasmo, para que sua imagem seja sempre presente em nosso coração e em nosso espírito. Esta é uma obrigação fundamental.

Através do Folclore, o patriotismo se firma espontaneamente em esperança e alegria.

O **BRADESCO** — colaborador-mor na difusão do folclore pátrio — é também responsável pelo progresso moral e material do Festival do Folclore de Olímpia. **Treze anos** de dedicação à nossa festa de fraternidade e de paz, estimulando-nos a continuar cumprindo nosso dever nas atividades a que nos devotamos.

JUBILEU DE JUNQUILHO
DE PARTICIPAÇÃO DO BRADESCO

na defesa da cultura folclórica em **Olímpia** — a Capital do Folclore.

Tu és forte, **BRADESCO**. Teu brado é lutar.

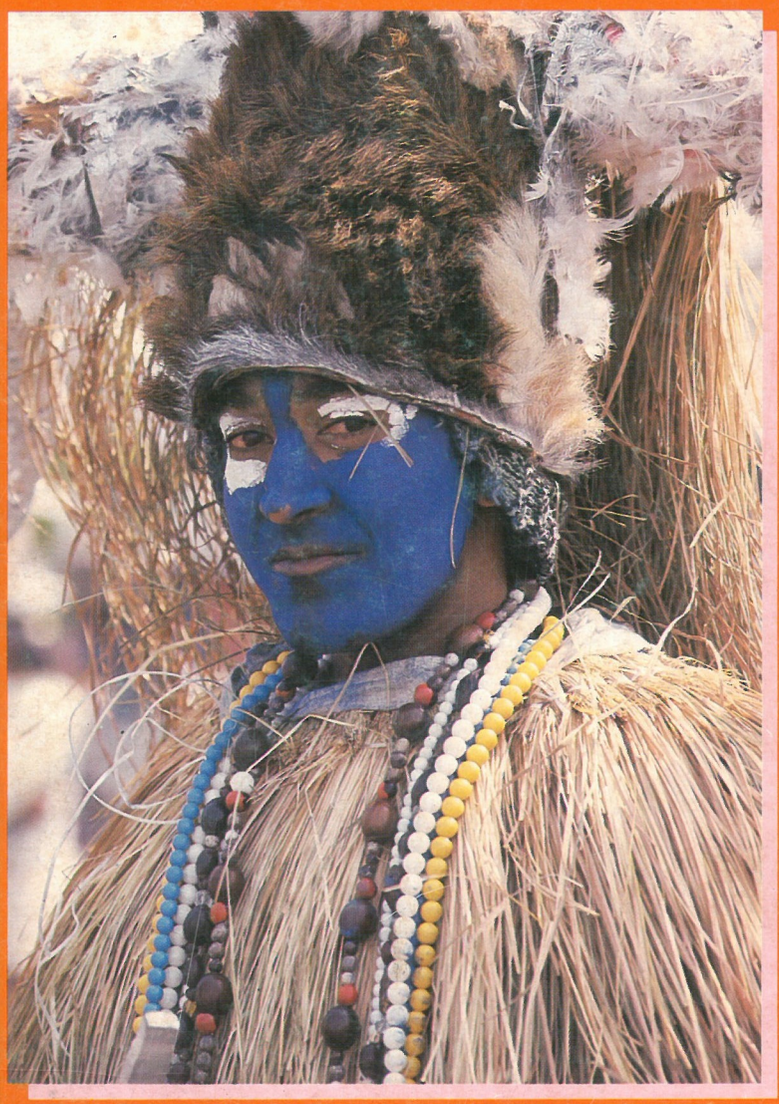
Que tu **brades co**nosco sempre assim.

Juntos veremos o Brasil, pelo folclore, no conceito das grandes nações do globo.

Olímpia, agosto de 1994.

José Sant'anna
Coordenador do Festival

Bradesco é cultura



Caiapó - Campestre - MG - 29° FEFOL

"O sentido profundo da cruzada pelo Folclore: cultivar a tradição brasileira, o patrimônio cultural do nosso povo, aquilo que caracteriza e define a alma da Nação. Não quer o governo promover apenas economicamente a massa anônima. Quer valorizá-la espiritualmente, conservando e honrando tudo quando ela produziu nas suas alegrias e nas suas dores".

Clóvis Salgado
Ministro da Educação e Cultura - 1959

Caiapó

Folguedo popular com 40 ou 50 pessoas, fantasiadas de índios, vestidos com roupa de capim barba-de-bode e muitos enfeites, inclusive penas de aves: peru ou galinha.

O rosto e o corpo são pintados de azul, extraído do anil para roupa ou da tinta xadrez. A figura do cacique ou a do pajé comanda as evoluções executadas ao som de cuícas, tambores, pandeiros, matracas, violas, violões, etc.

O grupo, ao ouvir estouro de fogos de artifício, cai, na hora, por terra.

Alguns grupos apresentam um enredo, sem cantoria, que se refere ao rapto de uma bugrinha, filha do cacique, que é escondida, às vezes, por um dos assistentes.

A procura, a busca e o encontro final da raptada constituem os pontos principais dos bailados, muito vivos e bastante apreciados. Há danças de regozijo. O grupo nada canta.

Existem grupos de Caiapó em São Paulo e Minas Gerais.

Colaboração
BRADESCO